



.....

CRÔNICA DA MISSÃO  
DOS PADRES DA  
COMPANHIA DE  
JESUS NO ESTADO  
DO MARANHÃO

*João Filipe  
Bettendorff*

EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL

*Volume 115*





Santo Inácio de Loiola, (\* 1491 – † 1556),  
criador da Companhia de Jesus, em imagem de autoria  
de Fábio Barbosa dos Santos.



.....

CRÔNICA DA MISSÃO DOS PADRES  
DA COMPANHIA DE JESUS NO  
ESTADO DO MARANHÃO



*Mesa Diretora*  
Biênio 2009/2010

Senador José Sarney  
*Presidente*

Senador Marconi Perillo  
*1º Vice-Presidente*

Senadora Serys Slhessarenko  
*2º Vice-Presidente*

Senador Heráclito Fortes  
*1º Secretário*

Senador João Vicente Claudino  
*2º Secretário*

Senador Mão Santa  
*3º Secretário*

Senadora Patrícia Saboya  
*4º Secretário*

*Suplentes de Secretário*

Senador César Borges  
Senador Cicero Lucena

Senador Adelmir Santana  
Senador Gerson Camata

*Conselho Editorial*

Senador José Sarney  
*Presidente*

Joaquim Campelo Marques  
*Vice-Presidente*

*Conselheiros*

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....  
*Edições do Senado Federal – Vol. 115*

CRÔNICA DA MISSÃO DOS  
PADRES DA COMPANHIA DE  
JESUS NO ESTADO DO  
MARANHÃO

*Padre João Filipe Bettendorff*



*Brasília – 2010*

EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL

Vol. 115

---

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2010

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – Brasília – DF

CEDIT@senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm](http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm)

Todos os direitos reservados

ISBN: 978-85-7018-267-8

.....  
Bettendorff, João Filipe.

Crônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no estado do Maranhão / João Filipe Bettendorff. -- 1ª ed. -- Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.

LXXVI+806 p. -- (Edições do Senado Federal ; v. 115 )

1. Companhia de Jesus, missões, Maranhão. 2. Jesuítas no Brasil. 3. Maranhão, história. I. Título. II. Série.

CDD 918.1  
.....

.....

*Sumário*

SUMÁRIA NOTÍCIA

*pág. XXXV*

DEDICATÓRIA

*pág. LXXIII*

AO LEITOR

*pág. LXXV*

**LIVRO I**

DA ORIGEM DO NOME, DESCOBRIMENTO,  
ESTADO E CAPITANIAS DO MARANHÃO

CAPÍTULO I

Da origem do nome Maranhão

*pág. 3*

CAPÍTULO II

Do descobrimento do Maranhão

*pág. 5*

CAPÍTULO III

Acometem os franceses ao poder português, e ficam vencidos  
por milagre da Virgem Senhora Nossa

*pág. 8*

CAPÍTULO IV

Descrição da ilha do Maranhão, das ilhotas e rios, com  
todas as mais conchegas que lhe pertencem

*pág. 10*

CAPÍTULO V

Da qualidade dos ares, e terras da ilha do Maranhão

*pág. 14*



#### CAPÍTULO VI

Dá-se breve notícia da capitania do Maranhão, e outras que se acham até a do Grão-Pará. Declaração breve dos termos últimos do Estado, do número de suas capitanias, e préstimos delas, e de suas missões que têm até a capitania do Pará

*pág. 17*

#### CAPÍTULO VII

Relatam-se as capitanias e missões do Pará até à capitania do Gurupá com os bens que nelas se acham

*pág. 23*

#### CAPÍTULO VIII

Da capitania de Joanes pertencente ao donatário

*pág. 26*

#### CAPÍTULO IX

Da capitania do Cametá

*pág. 28*

#### CAPÍTULO X

Da capitania do Gurupá e seus préstimos

*pág. 31*

#### CAPÍTULO XI

Da capitania do Norte ou de Bento Maciel

*pág. 34*

#### CAPÍTULO XII

Dá-se breve notícia das mais terras onde há residência da Companhia de Jesus até a última delas

*pág. 38*

#### CAPÍTULO XIII

Relata-se a primeira missão que, em ano de 1607, fizeram para as terras do Estado do Maranhão o padre Francisco Pinto e seu companheiro o padre Luís Figueira, com a gloriosa morte, que o padre Francisco Pinto achou nas serras de Ibiapaba

*pág. 43*

#### CAPÍTULO XIV

Dá-se notícia da chegada do padre Luís Figueira ao Maranhão, e do que se obrou naqueles primeiros princípios, do capitão-mor Alexandre de Moura na era de 1615 ou 1614

*pág. 47*

#### CAPÍTULO XV

Descoberto já o Grão-Pará vem governar aquela capitania Bento Maciel Parente como capitão-mor dela, pondo os índios em quietação com castigos que manda dar a seus principais

*pág. 50*

### LIVRO II

DO QUE OBRARAM OS PADRES MISSIONÁRIOS, EM TEMPO DO GOVERNO DO PRIMEIRO GOVERNADOR DO ESTADO, E DO SEGUNDO, EM QUE SE FEZ A VIAGEM PARA QUITO, E DO TERCEIRO, EM QUE OS HOLANDESES TOMARAM O MARANHÃO

#### CAPÍTULO I

Edifica o padre Luís Figueira o Colégio de Nossa Senhora da Luz

*pág. 55*

#### CAPÍTULO II

Relata-se a viagem dos portugueses para Quito e a volta de lá para o Pará com os padres da Companhia que tomaram cheia notícia do rio das Amazonas com suas terras, nações e costumes, conforme se refere neste capítulo tirado da relação do padre Cristóvão da Cunha

*pág. 58*

#### CAPÍTULO III

Como se houveram os padres em a chegada dos holandeses, em tempo deles no Maranhão

*pág. 68*

#### CAPÍTULO IV

A vinda do padre Luís Figueiredo do Reino com 16 sujeitos,  
em companhia do governador Pedro de Albuquerque  
e seu triste naufrágio na barra do Pará e morte nos Aruãs

*pág. 73*

#### CAPÍTULO V

Do que obraram os missionários em tempo do governo  
do governador Francisco Coelho Sardo,  
e de seus capitães-mores que deixou por seu  
falecimento, e da morte gloriosa dos  
padres em Itapicuru

*pág. 76*

#### CAPÍTULO VI

Da morte dos padres em Tapicuru em  
tempo de Luís de Magalhães, governador

*pág. 78*

#### CAPÍTULO VII

Persecussão e doença do padre João de Souto-Maior, e seu  
companheiro, com a continuação dos grandes trabalhos  
dos dous missionários, e com a umidade do sítio em que  
moravam, em umas limitadas casas de uma casta de palha  
que chamam pindoba, lhes originando uma muito grave doença,  
a qual ajudou muito assim para seus princípios como seus  
aumentos[...] com que o tratavam algumas pessoas de autoridade

*pág. 81*

#### CAPÍTULO VIII

Da chegada do padre Francisco Veloso com seus  
companheiros da província do Brasil à missão, com o que  
obraram naqueles princípios

*pág. 84*

#### CAPÍTULO IX

Da primeira chegada do padre Antônio  
Vieira com seus companheiros à missão do Maranhão  
e o que obraram em elas

*pág. 87*

CAPÍTULO X

Desce o padre Manuel Nunes à aldeia dos gojajaras

*pág. 91*

CAPÍTULO XI

Embarca-se o padre Antônio Vieira para o Reino com o padre Cardoso para tratar os negócios da missão com o Rei D. João o 4º

*pág. 95*

**LIVRO III**

DO QUE OS PADRES OBRARAM DESDE O ANO DE 1655  
ATÉ O ANO DE SUA PRIMEIRA EXPULSÃO EM 1661

CAPÍTULO I

Publicam-se as leis, põem-se os missionários de posse do governo temporal e espiritual dos índios, repartindo-se pelas aldeias

*pág. 101*

CAPÍTULO II

Vai o padre Souto-Maior para a terra dos ingaíbas com a tropa que mandou o governador André Vidal para castigar os aruãs, que tinham morto o padre Luís Figueira e os que iam com os naufragados

*pág. 104*

CAPÍTULO III

Relata-se o princípio da missão da Serra, dado em tempo do padre Antônio Vieira subprior, e de André Vidal de Negreiros governador do Estado

*pág. 109*

CAPÍTULO IV

Entrada do padre João de Souto-Maior pelas terras dos pacajás, por missionário da tropa que ia ao descobrimento do ouro por ordem de el-Rei D. João o 4º

*pág. 112*

#### CAPÍTULO V

Sumário da vida do padre João de Souto-Maior antes  
de vir à missão do Maranhão

*pág. 118*

#### CAPÍTULO VI

Referem-se as duas missões que fez o padre Francisco Veloso,  
uma pelo rio das Amazonas, outra pelo rio Tocantins,  
em outra ocasião

*pág. 124*

#### CAPÍTULO VII

A missão do padre Francisco Veloso entre os  
tupinambás pelo rio dos Tocantins

*pág. 126*

#### CAPÍTULO VIII

Entrada que fez em o mesmo ano de 1658 o padre Manuel  
Nunes pelo rio dos Tocantins, e o que ali se tem obrado

*pág. 130*

#### CAPÍTULO IX

Missão do padre Manuel de Sousa pelo rio dos jurunas

*pág. 133*

#### CAPÍTULO X

Vai o Padre Manuel de Sousa com seu companheiro  
por missionário da missão que se fez pelo rio das Amazonas  
à riba e morre em terras dos condurizes onde se enterrou

*pág. 136*

#### CAPÍTULO XI

Visita o padre subprior Antônio Vieira a missão de  
S. Francisco Xavier sita na serra ou montes de Ibiapaba

*pág. 140*

#### CAPÍTULO XII

Relata-se brevemente a missão do padre Salvador do Vale aos pauxis, com sua doença, e morte do padre Paulo Luís

*pág. 144*

#### CAPÍTULO XIII

Refere-se brevemente o que obrou o padre Francisco Gonçalves antes de vir a esta missão do Maranhão

*pág. 147*

#### CAPÍTULO XIV

Do que o padre Francisco Gonçalves obrou como visitador e particular em esta missão até a sua ditosa morte em Cameté

*pág. 151*

#### CAPÍTULO XV

Faz o padre subprior Antônio Vieira pazes com os ingaibas e mais nações daquela ilha

*pág. 156*

#### CAPÍTULO XVI

Manda o padre subprior Antônio Vieira uma carta para Roma a pedir missionários, faz o corregedor novo do Maranhão para a banda da matriz e chega o padre João Maria Gorsony com seus companheiros

*pág. 165*

#### CAPÍTULO XVII

Parte o padre João Filipe Bettendorff, com o irmão Jacó Coelho, teólogo da província galo-bélgica, para a missão do Maranhão

*pág. 168*

#### CAPÍTULO XVIII

Reparte o padre subprior da missão os novos missionários, pondo-os em as aldeias de Mortigura e Ingaibas

*pág. 176*

#### LIVRO IV

LEVANTAMENTO DO POVO DO MARANHÃO E PARÁ  
CONTRA OS PADRES DA COMPANHIA DE JESUS, ENQUANTO SE  
INSTITUI A MISSÃO DO RIO DAS AMAZONAS COM  
MISSIONÁRIOS E RESIDÊNCIA EM OS TAPAJÓS

##### CAPÍTULO I

Manda o padre subprior Antônio Vieira, por primeiro missionário do assento do rio das Amazonas com ordem de fazer residência em os Tapajós ao padre João Filipe

*pág. 181*

##### CAPÍTULO II

Levanta-se o povo da cidade de S. Luís do Maranhão contra os padres da Companhia de Jesus, e refere-se à origem deste levantamento

*pág. 187*

##### CAPÍTULO III

Breve relação do que obrei pelos Tapajós, antes do levantamento do Pará chegar até lá

*pág. 191*

##### CAPÍTULO IV

Declara-se mais particularmente as diligências que de lá se fizeram para levantar o Gurupi e efetivamente levantaram o capitão do Grão-Pará e prendeu-se o padre Antônio Vieira, subprior e visitador, com os mais padres

*pág. 198*

##### CAPÍTULO V

Continuação

*pág. 202*

##### CAPÍTULO VI

Vai-se o padre subprior Francisco Veloso ao sertão, deixando-me a mim por vice-subprior dos padres, e chega o povo do Pará a prender uns e outros para os embarcarem para o Reino

*pág. 209*

#### CAPÍTULO VII

Chega novo governador ao Estado com um novo capitão-mor para a capitania do Grão-Pará

*pág. 214*

#### CAPÍTULO VIII

Encomenda a Senhora Rainha ao novo governador Rui Vaz de Siqueira, muito, a restituição dos padres, e o mesmo fez ao padre Antônio Vieira, já posto em Lisboa, e relata-se o modo com que ele e seu capitão-mor se houveram em aquela restituição

*pág. 217*

#### CAPÍTULO IX

Manda o governador Rui Vaz de Siqueira uma tropa para a serra de Ibiapaba com que veio a levantar o gentio dela e acabar-se aquela missão, vindo os missionários com umas quatrocentas ou mais almas para o Maranhão

*pág. 224*

#### CAPÍTULO X

Chegam o padre Salvador do Vale e o padre João Maria do Reino para o Maranhão, e são recebidos...

*pág. 228*

#### CAPÍTULO XI

Manda o governador Rui Vaz de Siqueira tropa ao rio das Amazonas ao resgate dos escravos, cujo cabo era Antônio Arnau, morador do Maranhão, e leva um frade de Nossa Senhora das Mercês por missionário, mal sucedido

*pág. 231*

#### CAPÍTULO XII

Como se houveram os padres do Pará em tempo das bexigas daquela e mais capitanias circunvizinhas

*pág. 241*



### CAPÍTULO XIII

Vem o padre superior Manuel Nunes visitar o Pará, trazendo em sua companhia alguns padres, e consultou o governador a guerra contra os aruaquizes, sendo os padres de contrário parecer

*pág. 245*

### CAPÍTULO XIV

Vai o governador Rui Vaz de Siqueira ver as aldeias, acabadas as bexigas, levando consigo a mim e o Capitão-Mor Manuel Guedes Aranha, homem de maior autoridade

*pág. 249*

### CAPÍTULO XV

Chega o padre Francisco Veloso com seus companheiros ao Maranhão, e manda o padre superior, em meu lugar, Manuel Nunes superior do Pará, e chamando-me a mim para ser superior da casa do Maranhão

*pág. 251*

### CAPÍTULO XVI

Trata o governador Rui Vaz de Siqueira de interpretar as leis novas contra os padres missionários, mas el-Rei, informado, lhe improva e enjeita

*pág. 258*

### CAPÍTULO XVII

Dá-se notícia da guerra que o governador Rui Vaz de Siqueira mandou dar aos aruaquizes, das terras e gênio daquele gentio e sucesso da tropa, com a morte lastimosa de um religioso de Nossa Senhora do Carmo

*pág. 262*

### CAPÍTULO XVIII

Manda o governador uma tropa aos jurunas sem missionário e sucedeu-lhe muito mal

*pág. 267*

#### CAPÍTULO XIX

Relatam-se alguns castigos dos que causaram o levantamento do ano 1661

*pág. 269*

#### LIVRO V

DO QUE SE OBROU DO ANO 1667 ATÉ O ANO 1684

#### CAPÍTULO I

Chegam cartas do Brasil, em que o padre provincial nomeia o padre Salvador do Vale por superior da missão, e succedeu-me o Padre Pedro Luís em o governo do Colégio do Maranhão

*pág. 275*

#### CAPÍTULO II

Vem o padre Manuel Zuzarte do Brasil por visitador e traz consigo o padre Pero Francisco de Seans e nomeia o padre João Filipe por superior da missão

*pág. 280*

#### CAPÍTULO III

Muda-se o superior da casa, e se vai aperfeiçoando a igreja nova

*pág. 285*

#### CAPÍTULO IV

Chega o padre Gaspar Misseh com o cabo e sargento-mor, João de Almeida Freire, da tropa dos poquiz antes, da festa do Santo Xavier

*pág. 288*

#### CAPÍTULO V

O padre superior da missão visita as aldeias todas, levando em sua companhia o padre Pero Luís e o irmão Domingos da Costa

*pág. 291*

#### CAPÍTULO VI

O que o padre superior da missão obrou visitando a casa de  
Nossa Senhora da Luz de S. Luís do Maranhão

*pág. 296*

#### CAPÍTULO VII

Continua-se o mais que o padre superior obrou,  
estando de visita no Maranhão

*pág. 299*

#### CAPÍTULO VIII

Vai o padre João Maria Gorsoni com o irmão Manuel  
Rodrigues e desce uma boa parte dos guajajaras de seu sertão  
para a residência de Nossa Senhora da Conceição Imaculada,  
sobre o rio do Pinaré e aldeia de Cairitiba

*pág. 303*

#### CAPÍTULO IX

Parte o padre João Maria para o Pará e vai por  
missionário da tropa do Maranhão

*pág. 307*

#### CAPÍTULO X

Do que o padre Pero Luís obrou em Xingu, e a viagem  
que fez o padre Pedro Poderoso com o irmão  
Antônio Ribeiro para os taconhapés

*pág. 311*

#### CAPÍTULO XI

Várias cousas que se obraram pelo Pará antes que o  
padre superior partisse para o Maranhão com o governador,  
que levava os ossos do que tinha sido enterrado  
em a igreja do Cameté

*pág. 316*

#### CAPÍTULO XII

Fazem-se as pazes com a nação dos uruatis, e  
perde-se uma nau em os baixos do Cumá, cuja perda se  
imputou ao governador sem bastante razão

*pág. 321*

### CAPÍTULO XIII

Sucedê Pero César de Meneses ao governador  
Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, e manda  
tropa ao sertão, e relata-se o que aconteceu e obrou em o  
princípio de seu governo

*pág. 327*

### CAPÍTULO XIV

Passa o padre superior para o Pará a visitar as aldeias

*pág. 331*

## LIVRO VI

DAS COUSAS QUE SUCEDERAM À MISSÃO EM TEMPO DO  
GOVERNO DO PADRE PERO LUÍS GONSALVI, ROMANO.

### CAPÍTULO I

Vem de Roma patente de superior da missão ao padre  
Pero Luís Gonsalvi, e ao padre Francisco Veloso de reitor  
do Pará, e a mim do colégio do Maranhão, e principiam  
todos os seus governos

*pág. 339*

### CAPÍTULO II

Que tal achei o colégio do Maranhão, e o que obrei ali  
pelos princípios de meu reitorado

*pág. 343*

### CAPÍTULO III

Da vinda do padre Pero Luís Gonsalvi, superior da missão  
para o Maranhão, e morte do padre Manuel Nunes que ele  
trazia em sua companhia

*pág. 348*

### CAPÍTULO IV

Das tropas em que o padre superior da missão Pero Luís andou pelo  
Maranhão, e do mais que se obrou em tempo do  
governador Pero César de Meneses

*pág. 352*

CAPÍTULO V

Da guerra dada aos terembezes em que o padre superior Pero  
Luís foi por missionário  
*pág. 357*

CAPÍTULO VI

Trata-se do que se passou, sucedendo Inácio Coelho,  
governador novo, a Pero César de Meneses, e particularmente  
da chegada do padre Iodoco Peres, com seus  
companheiros, do Brasil  
*pág. 363*

CAPÍTULO VII

Chegada de D. Gregório dos Anjos, primeiro bispo do  
Maranhão e da lei do ano de 1680  
*pág. 368*

CAPÍTULO VIII

Chega o padre Pero Poderoso do Brasil com título de visitador,  
com alguns padres e noviços em sua companhia, em 1680  
*pág. 371*

CAPÍTULO IX

Começa o padre Pero Poderoso a tomar posse do  
cargo de visitador sem esperar resposta de Roma,  
e relata-se todo o sucesso de sua visita  
*pág. 376*

CAPÍTULO X

Sucesso da missão dos padres missionários para Jaguaguara e  
Gurupatiba, onde ultimamente fizeram sua residência  
*pág. 382*

CAPÍTULO XI

Entra-se em a relação do que se passou, acabando o  
padre Pero Poderoso a sua visita  
*pág. 387*

## CAPÍTULO XII

Parte o padre superior Pero Luís para visitar a missão  
com particular cuidado o Cabo do Norte, encomendado d'el-Rei  
*pág. 390*

## CAPÍTULO XIII

Sucede o padre Iodoco Peres ao padre Pero Luís, e  
como reitor do Colégio do Pará ao padre Francisco Ribeiro  
e falece o padre Pero Luís  
*pág. 394*

## CAPÍTULO XIV

Visita o padre Iodoco Peres a missão do rio das Amazonas,  
e chega ao rio da Madeira e logo depois vai visitar o Maranhão  
*pág. 399*

## LIVRO VII

DO LEVANTAMENTO DO POVO DO MARANHÃO, EXPULSÃO  
E RESTITUIÇÃO DOS PADRES MISSIONÁRIOS DA  
COMPANHIA DE JESUS

## CAPÍTULO I

Chega o padre Barnabé Soares, mandado da província do Brasil,  
por visitador do Maranhão. Levanta-se o povo e pouco  
depois lá mesmo chega o padre Iodoco Peres de visita,  
como superior da missão, vindo do Pará e é preso e  
expulsado com os demais  
*pág. 405*

## CAPÍTULO II

Do que se passou antes de se expulsarem os padres e  
quando foram embarcados e expulsados  
*pág. 414*

## CAPÍTULO III

Expulsam e embarcam os padres do Maranhão  
*pág. 417*

#### CAPÍTULO IV

Parte o padre visitador em o barco grande, e chega poucos dias depois o barco pequeno com o superior da missão e mais sujeitos que o acompanhavam ao Ceará

*pág. 425*

#### CAPÍTULO V

Sucesso da viagem do padre superior Iodoco Peres com o seus até o Ceará e do Ceará o fim que Deus foi servido lhes dar para maior seu merecimento

*pág. 430*

#### CAPÍTULO VI

Passam os padres para sua roça, e de lá são levados ao Maranhão pelos procuradores do povo, e de lá passaram a Tapuitapera e ao Pará

*pág. 434*

#### CAPÍTULO VII

Parti eu com o irmão Marcos Vieira, de Pernambuco, para o Reino a dar conta a Sua Majestade da expulsão dos padres do Maranhão

*pág. 440*

#### CAPÍTULO VIII

Tomo a ilha Terceira com o irmão Marcos, e de lá partimos com outros quatro para o Reino em uma nau francesa mais segura

*pág. 443*

#### CAPÍTULO IX

Vou beijar a mão a Sua Majestade, e dou-lhe conta do levantamento do povo do Maranhão contra os padres

*pág. 446*

#### CAPÍTULO X

Memorial dos pontos apresentados a Sua Majestade para se lhes deferir, sendo servido

*pág. 449*

#### CAPÍTULO XI

Dispõe o padre superior Iodoco Peres as cousas da missão e embarca-se para o Reino com alguns sujeitos, que levava para estudarem, e refere-se sua viagem com o que obrou estando em a Corte

*pág. 453*

#### CAPÍTULO XII

Faz-se menção de uma carta do padre Iodoco, superior da missão, feita com o consentimento dos padres do Pará, para se oferecer à Sua Majestade, com licença de nosso muito reverendo padre, a ordem de se desfazer a missão, quando se não acudisse com o remédio ao que ali se referia

*pág. 457*

#### CAPÍTULO XIII

O que obrou Gomes Freire de Andrade enquanto governou o Estado do Maranhão; como atalhou o motim do Maranhão

*pág. 460*

#### CAPÍTULO XIV

Parte o padre Iodoco Peres, superior da missão, com o governador Artur de Sá e Menezes para o Maranhão, em ocasião da frota

*pág. 464*

#### CAPÍTULO XV

Dispõe o padre superior da missão as cousas das residências, e manda ao padre João Maria Gorsoni a tropa de resgate ao sertão

*pág. 467*

#### CAPÍTULO XVI

Aplaudo da parte da missão do Maranhão à Senhora Princesa com o poema seguinte, por ter morto um javali em Salvaterra, indo à caça com o Rei, senhor seu pai

*pág. 473*



CAPÍTULO XVII

Dou os parabéns a Sua Majestade por seus esposórios e o  
acompanho com o padre Sebastião de Magalhães para a  
nau que trazia a Senhora Rainha

*pág. 476*

CAPÍTULO XVIII

Vai o padre Antônio Pereira com o padre Bernardo Gomes  
por missionário do Cabo do Norte, e põem residência em a  
ilha de Camunixari onde, dous meses depois, foram  
mortos ambos pelos tapuias

*pág. 481*

CAPÍTULO XIX

Castiga-se o matador com seus cúmplices, e vai-se em  
busca das relíquias, fazendo-se informações autênticas  
sobre a morte dos padres, assistindo a tudo o padre  
Alúcio Conrado Pheil, missionário de Tabarapixi

*pág. 488*

CAPÍTULO XX

Despacham-se ultimamente todos os papéis tocantes à missão  
do Maranhão em a Corte; despedem-se os missionários  
de Suas Majestades e se embarcam para sua missão, tendo  
uma navegação tão adversa que só chegam  
por milagre a ela

*pág. 492*

CAPÍTULO XXI

Mando, como comissário da Santa Inquisição, publicar  
em a Sé e igrejas das religiões, as ordens que trazia e as  
sessenta e oito proposições de Miguel de Molina,  
condenadas pela Santa Sé Apostólica, e que para memória  
aqui se assentam. Bula da santidade de Inocência XI,

condenando sessenta e oito proposições de Miguel de Molina. Em Lisboa, oficina de Miguel Menescal, impressor da Santa Inquisição. MDCLXXXVII. Com todas as licenças. (Tradução em espanhol)  
*pág. 500*

CAPÍTULO XXII

Chega o padre Manuel Nunes do Brasil com alguns 13 sujeitos que lá estavam e com outros novos, ao Maranhão, leva o padre superior da missão alguns consigo ao Pará, e dispõe que se mude a aldeia de Mareú para o Tapicuru  
*pág. 511*

CAPÍTULO XXIII

Adoece e morre Dom Gregório dos Anjos, senhor bispo do Estado do Maranhão, em 12 de março de 1689, assistindo-lhe o padre José Ferreira até expirar, e retirando-me eu para lhe fazer o sermão fúnebre de corpo presente  
*pág. 517*

CAPÍTULO XXIV

Vai o padre Aluísio Conrado Pheil com os portugueses em busca dos ossos dos padres mortos em ódio da fé em o Cabo do Norte pelos tapuias em 1688  
*pág. 520*

CAPÍTULO XXV

Manda o padre superior da missão Iodoco Peres ao padre João Ângelo com o padre José Barreiros à nova missão dos irurizes  
*pág. 522*

CAPÍTULO XXVI

Chega o padre João Maria, e parte o padre superior Iodoco Peres para o Maranhão, e repõe os guajajaras no Mareú no Pinaré  
*pág. 527*

**LIVRO VIII**  
PÕE-SE A MISSÃO EM ESTADO MAIOR E SUA  
ÚLTIMA CONSISTÊNCIA

CAPÍTULO I

Chega a gente de um navio que, perseguido dos piratas,  
deu à costa, e pouco depois a nau de João Franco,  
com P.P. e governo novo para nossa missão  
*pág. 533*

CAPÍTULO II

Começo como superior a visita do colégio e residência do  
Maranhão, e, acabada ela, parto para o Grão-Pará  
*pág. 539*

CAPÍTULO III

Continua o padre superior da missão sua visita para a banda  
do Pará, disposta as cousas da missão para a banda do Maranhão  
*pág. 543*

CAPÍTULO IV

Doutrina que se fazia aos índios, de que há  
catecismo impresso, é escusada aqui  
*pág. 547*

CAPÍTULO V

Convalescido o padre superior do desmancho de um pé,  
despacha uma tropa ao sertão para resgates  
*pág. 548*

CAPÍTULO VI

Vai o padre João Filipe, superior da missão, visitar  
as missões pertencentes ao colégio do Grão-Pará  
*pág. 552*

CAPÍTULO VII

Visito a residência de Nossa Senhora da Conceição sobre o  
rio Urubu, onde com licença do padre Iodoco Peres,

assistia frei Teodósio, mercenário, e dela volto para o  
Pará, visitando Cameté e Mortigura

*pág. 556*

#### CAPÍTULO VII

Dá-se conta do estado da missão do rio da Madeira  
e dos tupinambaranas

*pág. 561*

#### CAPÍTULO VIII

Torno para o Maranhão a dar fervor à igreja nova de  
Nossa Senhora da Luz, que tinha mandado principiar o  
padre vice-reitor Diogo da Costa

*pág. 566*

#### CAPÍTULO IX

Visito o colégio e as residências do Maranhão  
e refere-se o estado delas

*pág. 570*

#### CAPÍTULO X

Vai o padre Antão Gonçalves, por ordem minha,  
praticar os guanazes, índios do sertão do rio Tapicuru,  
a fim de os descer para o rio

*pág. 575*

#### CAPÍTULO XI

Da redução dos caicaízes e da causa que deram para se lhes  
fazer guerra, com que fugiram eles, e mais os guanazes e  
guaxinazes todos para os matos

*pág. 579*

#### CAPÍTULO XII

Relata-se o progresso e sucesso das obras da igreja nova

*pág. 585*

### CAPÍTULO XIII

À instância do governador e câmaras, deputam-se duas tropas para o sertão, uma do Pará e outra do Maranhão, e nomeio cabo para elas

*pág. 588*

### CAPÍTULO XIV

Relação da descida de uns maraguazes pelo padre Antônio da Cunha para Mamaiacu

*pág. 592*

### CAPÍTULO XV

Acudo à aldeia dos guajajaras em Mareú, e remedeio a um desgosto do capitão-mor de Tapicuru do Maranhão

*pág. 596*

### CAPÍTULO XVI

Dispus algumas cousas tocante ao colégio e igreja antes de minha partida para o Pará

*pág. 599*

### CAPÍTULO XVII

Instituo duas novas residências para dar cumprimento ao desejo de Sua Majestade, uma no rio Negro e outra no Matari, e vão para elas os missionários à instância do capitão-mor do Pará Hilário de Sousa, que parte com a tropa de guerra para as mesmas bandas

*pág. 605*

## LIVRO IX

RELATA-SE A REPARTIÇÃO DAS MISSÕES QUE SE FEZ POR ORDEM DE EL-REI ENTRE OS MISSIONÁRIOS DAS RELIGIÕES, E O QUE OBROU O SUPERIOR NOVO, BENTO DE OLIVEIRA, EM O TEMPO DE SEU GOVERNO

### CAPÍTULO I

Chega o padre superior novo Bento de Oliveira, do Reino, com o irmão Antão Afonso, seu companheiro, e os frades de

Santo Antônio e Piedosos, para serem  
missionários, em 1693

*pág. 611*

CAPÍTULO II

Do que obrou o padre Manuel Nunes em tempo de seu reitorado

*pág. 617*

CAPÍTULO III

Tira o capitão-mor de Caeté Amaro Cardoso, morto João Farto,  
os índios ao padre João Carlos, e manda o governador  
os missionários Piedosos para o Xingu em 1694

*pág. 620*

CAPÍTULO IV

Relata-se a visita que fez o padre superior Bento de Oliveira  
às residências por cima do Pará, com as causas da  
repartição das missões, em outubro de 1694

*pág. 624*

CAPÍTULO V

Como por estratagemas insigne se mataram quantidade de  
índios caicaízes, e outros, pelo rio Tapicuru, em o Maranhão,  
e se absolveram uns soldados excomungados pelo eclesiástico

*pág. 628*

CAPÍTULO VI

Do mais que se obrou da banda do Pará, estando o  
padre superior da missão, Bento de Oliveira,  
em sua visita do rio das Amazonas

*pág. 633*

CAPÍTULO VII

Parte o padre superior Bento de Oliveira para visitar,  
da banda do Maranhão

*pág. 638*

#### CAPÍTULO VIII

Do que obrou o padre superior Bento de Oliveira,  
estando no Maranhão e no Pará, e mais na volta para ele  
*pág. 642*

#### CAPÍTULO IX

Visita do padre superior às residências do Pará e  
morre o padre Francisco Ribeiro  
*pág. 646*

#### CAPÍTULO X

Chega navio do Reino ao Maranhão, estando o padre  
superior ali, e traz muitos missionários com o  
padre Manuel Galvão, em 1695  
*pág. 650*

#### CAPÍTULO XI

Parte o padre superior Bento de Oliveira para o Pará e,  
dispostas lá brevemente as cousas, torna para dispô-las em Caeté  
*pág. 653*

#### CAPÍTULO XII

Entram os missionários da Companhia na missão de Xingu;  
mandam-se padres para as mais missões e vai o padre  
vice-reitor visitar as aldeias  
*pág. 656*

#### CAPÍTULO XIII

Abre o padre superior Bento de Oliveira curso de  
filosofia no Pará, e por caridade se determina  
a lê-lo ele mesmo  
*pág. 660*

#### CAPÍTULO XIV

Começam as bexigas em S. Luís do Maranhão, passam para o  
Caeté e Joanes, e finalmente dão no Pará, acudindo os padres  
com sua caridade e novenas, feitas a S. Francisco Xavier,  
em agosto de 1695  
*pág. 662*

CAPÍTULO XV

Refere-se como deram as bexigas na capitania do Cameté e como se houveram os padres missionários da Companhia no tempo delas

*pág. 667*

CAPÍTULO XVI

Relata-se a morte do padre Manuel Nunes e do padre Manuel Galvão

*pág. 674*

**LIVRO X**

TRATA-SE DAS COUSAS DA MISSÃO ACONTECIDAS EM TEMPO DO SUPERIORADO DO PADRE JOSÉ FERREIRA

CAPÍTULO I

É feito o padre José Ferreira superior da missão e parte para o Grão-Pará, onde dispõe acerca da missão do Cameté, em 1696

*pág. 681*

CAPÍTULO II

Ajuntam-se os missionários pela festa de nosso santo patriarca, e, passada ela, tornam às suas missões

*pág. 686*

CAPÍTULO III

Principia o padre superior José Ferreira sua visita pelos tupinambazes; partem outros padres para outras partes; há mortes desastradas e chega o governador em o mês de agosto do ano 1696

*pág. 689*

CAPÍTULO IV

Prepara-se o padre superior da missão, José Ferreira, e logo depois visita as residências por cima do Grão-Pará

*pág. 693*

CAPÍTULO V

Do que se passou no colégio de Santo Alexandre, um pouco antes da partida do padre superior José Ferreira e durante sua visita por cima

*pág. 697*



#### CAPÍTULO VI

Vão o governador e o capitão-mor ver as fortalezas e aldeias das missões, para tirar delas os brancos e índios prejudiciais  
*pág. 702*

#### CAPÍTULO VII

Parte o capitão-mor do Pará, Hilário de Sousa, em seguimento do governador e morre, naquela viagem, em Gurupá  
*pág. 706*

#### CAPÍTULO VIII

Tomam os franceses as fortalezas de Macapá e Paru, e tendo disso notícia o governador Antônio de Albuquerque no Gurupá, manda a Francisco de Sousa Fundão, que as recupera com feliz sucesso, 1697  
*pág. 710*

#### CAPÍTULO IX

O que se passou desde o princípio do ano 1697 até a Páscoa da Ressurreição  
*pág. 716*

#### CAPÍTULO X

Parte o padre João Justo de sua missão de Inhuaba, da capitania do Cametá, para os tupinambaranas e dá-se conta dos sucessos daquela sua viagem  
*pág. 721*

#### CAPÍTULO XI

Vão-se continuando os acontecimentos que houve até 14 de abril  
*pág. 725*

#### CAPÍTULO XII

Relata-se a morte e enterro do padre Gaspar Misseh  
*pág. 729*

#### CAPÍTULO XIII

Chega navio do Reino ao Maranhão, traz bispo para o Estado e nele vem o padre superior ao Pará  
*pág. 734*

CAPÍTULO XIV

Relatam-se os vários sucessos dos meses de julho,  
agosto e setembro

*pág. 738*

CAPÍTULO XV

Relatam-se uns casos acontecidos para banda do Grão-Pará

*pág. 743*

CAPÍTULO XVI

Por ordem do padre reitor Bento de Oliveira examinei o cativo  
de muitos índios, os quais dei por forros, dando ele o santo  
batismo a muitos meninos e meninas de  
menos de sete anos de idade

*pág. 747*

CAPÍTULO XVII

Dá-se conta da diferença que houve com Antônio de  
Carvalho, capitão-mor da capitania do Cameté, sobre os  
vinte e cinco casais que el-Rei manda dar aos missionários das  
aldeias para seu manejo

*pág. 750*

CAPÍTULO XVIII

Do que se passou até o mês de março no Pará e Maranhão

*pág. 755*

CAPÍTULO XIX

Castigos de alguns amancebados sem emenda

*pág. 760*

CAPÍTULO XX

Do que se passou em março e abril deste ano 1698 com  
o padre Manuel de Amaral, com outras cousas de mais

*pág. 763*

CAPÍTULO XXI

Partem três missionários para as missões do rio das Amazonas

*pág. 767*

CAPÍTULO XXII

Induz o padre superior da missão o Senhor Bispo,  
preso pelo Juízo da Coroa, a levantar a excomunhão  
e o interdito que tinha posto

*pág. 770*

CAPÍTULO XXIII

Carta do Juízo da Coroa ao padre superior da missão  
José Ferreira, para se desterrar o padre Iodoco Peres,  
por se mostrar inconfidente, e resposta do mesmo ao dito  
Juízo, negando tal inconfidência, e dizendo daria conta de  
tudo a Sua Majestade, a quem pedia fizesse também  
presente a resposta que lhe mandava

*pág. 773*

CRONOLOGIA DO PADRE  
JOÃO FILIPE BETTENDORFF

*pág. 779*

ÍNDICE ONOMÁSTICO

*pág. 785*

.....

*Sumária notícia*

**V**ARNHAGEN cita a Crônica do padre Bettendorff entre as fontes de maior confiança a que recorreu para historiar os sucessos de que foi teatro o Maranhão em fins do século XVII. Repetidas vezes invoca o seu testemunho o escrupuloso J. F. Lisboa. Forneceu ela grande cópia de informações a quantos a consultaram para estudo analítico do período primitivo da vida colonial em nosso extremo norte. O eminente Sr. Barão do Rio Branco, em 1899, elaborando a 2.<sup>a</sup> memória justificativa dos títulos do Brasil à fronteira do Oiapoque, invocou a autoridade do trecho desse códice em que se faz a descrição geográfica do litoral equatoriano, já incontestavelmente português, e os críticos do monumental trabalho concordam em qualificar felicíssima a eficaz e oportuna citação.

É a Crônica impressa agora pela primeira vez em sua íntegra, aproveitada uma cópia que da existente na Torre do Tombo foi obtida por Gonçalves Dias. Ignora-se onde pára o original, se por acaso não se extraviou, eventualidade tanto mais lamentável quanto de inúmeras incorreções e lacunas ressen-te-se o manuscrito, muito embora, como uma simples leitura evidenciará, em muito pouco esse defeito comprometa o valor da obra.

*Facilmente poderia ser ele corrigido, se não se fizesse sentir, imperioso, guardadas as devidas proporções, o dever de transportar para as páginas que se vão ler o mesmo respeito com que se conservam, mutilados, os espécimes da arte antiga.*

*Tampouco o resumo desse longo e minucioso registro de fatos procura completá-lo, suprimindo omissões de ocorrências, aliás importantes.*

*Desde logo, por exemplo, o leitor notará o silêncio sobre a tentativa da primeira colonização, da qual resultou o naufrágio de Aires da Cunha e dos filhos de João de Barros, e sobre os trabalhos missionistas, quer do padre Luís Figueira em 1622, quer do capuchinho frei Cristóvão de Lisboa, em 1625. Isto, só para aludir às remotas épocas da história do Maranhão.*

---

*Nascido na cidade de Luxemburgo, onde entrou, em 1645, para a Companhia de Jesus, João Filipe Bettendorff ministra no capítulo 17 do livro 5º da Crônica interessantes pormenores da sua biografia. Veio servir no Maranhão, em 1661, a convite do Geral da Ordem, atendendo ao apelo que a Roma dirigira o padre Antônio Vieira. A data de seu nascimento, segundo uns, 1623, parece ter sido 1628, combinadas as indicações cronológicas da Dedicatória, da Advertência, e do texto, das quais consta que ele o escrevia aos 71 anos, 38 depois de ter vindo para o Brasil. Exerceu vários cargos, enquanto catequizou pela região amazônica, tendo sido duas vezes superior da Missão, uma de 1669 a 1674 e outra de 1690 a 1693. Era em muitas circunstâncias preferido para dirimir certas questões, por verem na sua origem estrangeira uma garantia de imparcialidade. Entretanto, a adaptação ao meio nele se operou de modo completo, a principiar pelo nome, que aporuguesou, chegando a pregar sermões em língua tupi. Envolvido, com seus colegas, na animadversão dos habitantes do Estado, motivada pelos cautelosos, mas constantes embaraços, que opunha a Companhia ao cativo dos indígenas, participou da dupla expulsão de que ela foi vítima, primeiramente no próprio ano de sua chegada ao Pará, em 1661, e depois, em 1684, na ci-*

*dade de S. Luís do Maranhão. De ambas as vezes regressou ao campo de sua atividade.*

*Em Lisboa, durante 4 anos, ocupou o cargo de procurador da Ordem; nesse período escreveu uma Informação ao Rei sobre os acontecimentos da última dessas revoltas.*

*O ano e o lugar de sua morte ainda hoje são ignorados, supondo-se que chegou a idade bastante avançada, porque no fim da Crônica faz referência à memória de D. Pedro II, falecido em 1706, e em uma nota manuscrita, encontrada à margem do capítulo 14 do livro 9º, lê-se que assistira aos terríveis efeitos de nova epidemia de varíola, no Pará, em 1724.*

*A Crônica de Bettendorff constitui, acerca do Norte do Brasil, o complemento natural da que foi escrita por Simão de Vasconcelos, limitada à catequese no Sul. Há entre as duas, porém, profundo contraste de método e de estilo. A do jesuíta belga-alemão, conquanto de real merecimento histórico, é, antes de tudo, uma série de episódios, na sua maioria comuns, quase triviais, que prendem a atenção pelo que apresentam de ingenuamente curioso, não sendo o menor desses atrativos a abundância dos vocábulos indígenas, já então incorporados à língua portuguesa. Deses despreziosos moldes conserva-se muito distante o trabalho do seu confrade, onde é visível a preocupação das pompas retóricas e as ampliações dos fatos, subsidiadas em larga escala pelos conceitos eruditos, que a ciência da época e a disciplina intelectual permitiam.*

*De idêntico em ambas as obras é o ponto de vista da moral relativa, característico de todo o trabalho dos inicianos, quer como catequistas quer como educadores, nos séculos XVI a XVIII, concepção incompatível com um dogma teológico, mas cuja necessidade social o gênio de Loiola pressentiu admiravelmente. Não fora a ambição industrial dos colonos, favorecida pela freqüência das relações comerciais com a metrópole, e nas margens do Amazonas se reproduziria a organização teocrática a que deve o Paraguai a sua fisionomia étnica.*

*Nessa, como em outras fases evolutivas do seu progresso, a Humanidade soube restaurar os princípios da ordem, depois de períodos mais ou menos longos de agitação. A Crônica de Bettendorff registra o*

*aspecto de um deles, narra como então se sentia e o que então se pensava. Tanto basta para o interesse de sua leitura.*

*Serve-lhe de preâmbulo uma fervorosa invocação à Virgem Mãe, o belo resumo do simbolismo católico, inspiradora das místicas alucinações de Santo Inácio de Loiola.*

*Em seguida, é o leitor advertido de que só em obediência a uma ordem superior foi a obra escrita, ficando nela, pela força das circunstâncias, confundidas as narrações dos fatos do domínio temporal com os do espiritual. Além disto, recomenda-se que não haja precipitação nas censuras.*

*Dividida em livros e estes em capítulos, a Crônica não os subordina à rigorosa sucessão cronológica; em vários episódios volta a épocas anteriores, apresentando-os ligados a outros ainda desconhecidos.*

*Desde o princípio, compreende-se que será observada até o fim a simplicidade própria de um trabalho sem intuito literário.*

*Dos 15 capítulos do livro 1º, onze são consagrados à parte descritiva e histórica do Estado.*

*Qual a origem do Maranhão? Ainda hoje objeto de dúvida, naquelas eras o envolviam as maiores incertezas, nem se sabendo ao certo a que acidente hidrográfico aplicá-lo. Bettendorff cita o rio Amazonas, o de Orellana, o Orinoco, e a reunião dos cursos d'água operada na baía de Tapuitapera, largo estuário, que passara seu nome à Ilha e depois à Capitania, generalizando-se em breve ao Estado.*

*Um navegante francês, Riffault, a convite de certo chefe indígena, equipou duas naus em 1554 e veio tentar fortuna nessa parte da América.*

*As tempestades e as discórdias fizeram-no abandonar a conquista, onde, porém, deixou ficar um compatriota, De Vaux, que soube captar as simpatias dos selvagens, ao ponto de ser instado por eles para ir buscar franceses que ali estabelecessem uma colônia. De Vaux voltou à França e Henrique IV, depois de ouvi-lo, o encarregou de, em companhia de La Ravardière, vir proceder a uma exploração mais completa da*

*nova terra. Executado esse trabalho preliminar, e, de regresso à pátria, onde já governava a regente Maria de Medicis, La Ravardière obteve o apoio necessário. Organizou a expedição, demandou a América do Sul e em 24 de julho de 1611 foram lançados por ela os fundamentos da cidade de S. Luís.*

*Só em 1614 veio Jerônimo de Albuquerque, de Pernambuco, expelir os franceses. La Ravardière atacou-o, apenas acampado na ilha de Santa Maria, mas, repellido, capitulou e deixou a América.*

*A descrição da ilha do Maranhão baseia-se na que escreveu Cláudio d'Abbeville, um dos missionários capuchinhos vindos na frota francesa.*

*Consta do capítulo respectivo a posição geográfica, a superfície, o nome das ilhotas que a cercam, dos rios que a atravessam e das 27 aldeias ou tabas indígenas, que a povoaram no princípio do século XVII. A climatologia da ilha, e, mais adiante, a de outras localidades do Estado, são objeto de demorados detalhes. Quanto às produções, vêm citadas as madeiras, o algodão, o anil, o urucu, a copaíba, o tabaco, a pimenta, o açúcar, o sal, os couros, o âmbar e o milho, só mais tarde aparecendo o cacau, o cravo, o ouro, a prata, as castanhas e a aguardente.*

*Com governo distinto do resto do Brasil, pela carta régia de 13 de junho de 1621 e de fato desde a posse do primeiro governador, Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho, em 3 de setembro de 1626, o Estado do Maranhão começava não longe dos baixos de S. Roque, aos 3°30' L. S., estendendo-se até o rio Vicente Pinson (Oiapoque); ficaram indicadas suas divisas para o ocidente; uma das missões jesuíticas, subindo o Tocantins, penetrou até o centro de Goiás, onde encontrou vestígio de um estabelecimento de bandeirantes paulistas; Pedro Teixeira, percorrendo o Solimões, fixou um marco no local chamado Aldeia do Ouro, além do Putumayo.*

*Duas capitânicas principais o compunham, a do Maranhão e a do Grão-Pará, subdivididas em outras secundárias, algumas da Coroa, muitas de donatários, situadas quase todas ao longo da costa do Atlântico,*



*poucas no interior, próximas à foz dos rios, mas já contando grande número de núcleos pelas margens do Amazonas até o Madeira e o Negro.*

*A Crônica enumera as 12 seguintes capitânias: S. Luís, Itapicuru, Icatu, Ucaru, Tapuitapera, Caeté (antes Gurupí), Vigia, Belém, Joannes, Cametá, Gurupá, Norte.*

*Em 1607, antes da ocupação francesa, os jesuítas de Pernambuco tentaram converter os selvagens que habitavam a zona setentrional do Brasil. Os padres Francisco Pinto e Luís Figueira desembarcaram no Jaguaribe e adiantaram-se até a serra de Ibiapaba; aí o primeiro perdeu a vida, vitimado pelos indígenas, o segundo retirou-se do Ceará e só 7 anos depois chegou ao Maranhão, começando mais tarde sua propagação religiosa.*

*Cumprindo uma ordem de Alexandre de Moura, fundou Francisco Caldeira de Castelo Branco a cidade do Pará, em fins de janeiro ou princípios de 1616, como provou o Dr. Manuel Barata, em recente e apreciado trabalho; e em 1618 Bento Maciel Parente, movendo guerra de extermínio às tribos até o Cabo Orange, tomou posse da capitania do Cabo do Norte.*

*A atividade doutrinária que tinha de desenvolver-se nesse vasto território, tornava-se comparativamente mais fácil do que no sul, onde o obstáculo das altas montanhas estreitava as viagens terrestres à orla do litoral. Os magníficos cursos d'água da bacia amazônica proporcionavam rápidas comunicações, aumentando asavas migratórias dos catecúmenos e a frequência da vigilância espiritual que eles exigiam. A passagem do estado fetichista rudimentar ao monoteísta, graças às concessões que a moral da Ordem ia oportunamente restringindo, foi-se operando com as inevitáveis alternativas. A mestiçagem ia transformando e absorvendo as raças de origem, e, como produto espontâneo do fenômeno sociológico, o espírito local, por não se poder ainda chamá-lo pátrio, teve ali manifestações mais cedo. Pernambuco precisou, para senti-las, de 119 anos, entre a fundação de Igarapé, em 1526, e a insurreição de Vidal de Negreiros, em 1645. Colonizado em 1614, o Maranhão 28 anos depois reagia pelo seu povo contra o domínio holandês, no auge do poderio.*

*Além da Companhia de Jesus, outras comunidades tinham representantes na ilha: os mercenários, os franciscanos, os capuchos, os piedosos. Convencionara-se a princípio que eles tomariam a seu cuidado a margem esquerda do Amazonas, o que foi depois regularizado por uma ordem do Rei, em 1693.*

*O livro 2º, com 11 capítulos, enceta a narração detalhada dos acontecimentos. Em 1626, primeiro do Estado, além da habitual distribuição de datas de terras e sesmarias, começam as diversas ordens a edificar seus conventos. O padre Luís Figueira, grande mestre da língua, inicia a construção do Colégio de Nossa Senhora da Luz, na capital, e abre a série das peregrinações catequizadoras, indo pelo Amazonas até o Xingu. Os holandeses tentam estabelecer-se em certos pontos da margem norte do grande rio, entre os quais no de Cumari ou Cumaú, depois Macapá, matadouro dos brancos e índios, mas são repelidos por Maciel Parente.*

*A divulgação da maravilhosa viagem de Orellana inspirou a Filipe II o pensamento de estabelecer pelo Amazonas comunicações mais rápidas e seguras entre a Espanha e as províncias do vice-reinado do Peru. Muito mais tarde, no governo de Jácome Raimundo de Carvalho, coube a Pedro Teixeira verificar a possibilidade desse melhoramento. Em 28 de outubro de 1637 partiu ele de Belém. As peripécias dessa exploração fluvial, no seu gênero a mais importante dos tempos coloniais, são descritas na Crônica minuciosamente.*

*O Vice-Rei, conde Chinchon, resolveu que Pedro Teixeira regressasse de Quito em companhia de dois jesuítas, Cristóvão Cunha e André Artieda, ao primeiro dos quais se deve a narrativa da volta. Nela se baseou Bettendorff para a longa enumeração que faz dos rios percorridos e avistados, das nações indígenas que os povoavam, dos acidentes notáveis dos terrenos e até das lendas, já então pouco aceitas, relativas aos ornatos de palhetas de ouro, às mulheres guerreiras, etc.*

*Pedro Teixeira regressou à capital do Pará, em 3 de dezembro de 1639, seguindo logo para a Europa com aqueles dois companheiros.*

*Pouco depois, Portugal separou-se da Espanha e não teve conseqüências práticas a arrojada empresa.*

*Por esse tempo, os holandeses, senhores do litoral desde o rio Real até o Potengi, ocuparam a ilha do Maranhão, sem resistência do governador, que foi aprisionado, reconhecendo, porém, os invasores a índole pouco submissa da população. Narra a este propósito a Crônica o seguinte episódio:*

*“Passou o comandante ordem que todos os portugueses vissem dar juramento de lealdade à república do Estado da Holanda; obedeceram e juraram todos; só Pedro Dasaes, biscainho, marido de D. Antônia de Meneses, recusou de jurar, dizendo jurara a el-Rei de Portugal e lhe não queria ser desleal. Ofendido o comandante desta resposta, mandou jurasse ou fosse enforcado logo, e, como elegeu antes ser enforcado que quebrar a fidelidade à coroa de Portugal, foi levado à forca, e estando já ao pé dela, com alva vestida, movido o comandante dos rogos dos padres da Companhia e lágrimas de D. Antônia, sua mulher, lhe perdoou a vida.”*

*Dois anos e três meses depois, em 28 de fevereiro de 1644, eram os holandeses compelidos a abandonar a ilha por uma sublevação popular, dirigida por Moniz Barreiros e Teixeira de Melo, grandemente auxiliados pelos jesuítas Benedito Amadeu e Lopo do Couto.*

*Antes de 1640, viera de Portugal, como governador do Estado, Pedro de Albuquerque, trazendo o padre Luís Figueira, que fora buscar missionários. Naufragando a expedição defronte da cidade de Belém, salvaram-se quase todos os que nela vinham, sendo, porém, aquele jesuíta e outros companheiros vítimas da ferocidade dos indígenas aruãs.*

*O aniquilamento das esperanças depositadas nesse valioso reforço foi como que o prenúncio da série de provações, que desde então acidentaram os trabalhos da Companhia.*

*Falecem os padres acima citados e três outros morrem às mãos dos uruatis, no Itapicuru. Ao mesmo tempo, dá-se a primeira explosão da antipatia que os missionários inspiravam a alguns habitantes. Um capitão-mor, um sargento-mor e o próprio vigário geral de S. Luís instigam assuadas e motejos que obrigam os desrespeitados a se refugiarem no convento de uma outra ordem religiosa. Durou pouco essa agitação; mas para justificativa dos atos que a tinham provocado, conseguiram os padres e guardaram no arquivo do colégio uma certidão atestando que perto de dois milhões de índios forros já tinham sucumbido em serviços violentos, descobertas cansadas e guerras injustas, por ordem dos capitães-generais e governadores. Não eram decorridos 40 anos do primeiro estabelecimento colonial naquelas paragens.*

*Pareceu aos jesuítas, tanto do Maranhão como do Pará, que sem reunir o governo temporal dos índios ao espiritual, seria infrutífera a missão.*

*Foi nessa conjuntura, tão adaptável às índoles combatentes, que ali surgiu e logo se impôs o célebre Antônio Vieira. Chegado a S. Luís em 1653, precedido pela glória de ser o mais afamado pregador do rei D. João IV, tomou a si o encargo de alcançar a realização daquele programa.*

*Depois de ter, com a maior atividade, tomado diversas providências, não só quanto ao serviço da catequese, como quanto aos interesses materiais da Ordem, regressou a Lisboa, onde, recebido no meio do maior alvoroço, foi logo despachado muito à sua vontade, conforme o que pedia.*

*O resultado de tão diligentes esforços concretizou-se nos dois textos legais conhecidos por provisão de 9 e regimento de 14 de abril de 1655. Para avaliar-se do seu valor político e econômico, basta citar-se a seguinte disposição:*

*“Que as aldeias e os índios de todo o Estado sejam governados e estejam sob a disciplina dos religiosos da Companhia de Jesus; e que o padre Antônio Vieira, como superior de*

*todos, determine as missões, ordene as entradas ao sertão e disponha os índios convertidos à fé pelos lugares que julgar mais convenientes.”*

O livro 3º ocupa-se com a narrativa dos efeitos imediatos dessa legislação. Veio assegurar-lhe o cumprimento, na qualidade de primeiro-capitão-general do Estado, tomando posse em 11 de maio de 1655, mais prestigioso filho do Brasil naquele tempo, André Vidal de Negreiros, a quem ficou pertencendo, na história do Maranhão, o cognome de grande amigo dos jesuítas.

Antônio Vieira, portador da nova lei, teve, em curto lapso, uma das fases mais laboriosas da sua existência. Ora de S. Luís, ora de Belém, expedia recomendações e ordens incessantes para todos os núcleos de povoação já organizados distribuindo-lhes os chefes religiosos, classificando-os, conforme sua importância, sob este ponto de vista especial, em casas, aldeias, residências e assistências. Para regularidade e coerência dos atos da catequese, escreveu uma visita, coleção de preceitos regulamentares, a que o Geral da Ordem enviou de Roma plena aprovação.

A Crônica menciona essas localidades, em número de 17, desde a de S. Francisco Xavier no Ceará até a do Xingu, ainda próxima à foz do Amazonas; e não perde ocasião de salientar a desconfiança e mesmo o terror que inspirava aos indígenas o trato com os brancos, temeroso obstáculo, que era preciso remover à custa da habilidade intelectual, que o teologismo inaciano permitia apropriar às circunstâncias.

De acordo com as recentes instruções, Vidal de Negreiros agregou a cada uma das expedições, que fez partir, missionários jesuítas, cujos poderes, compreende-se, deviam se aproximar muito dos que foram exercidos na tremenda crise de 1793 pelos delegados do comité du salut public junto aos generais da revolução francesa.

*Era Vieira quem os designava.*

Souto Maior acompanhou a tropa, que foi reduzir, ou melhor, conquistar as tribos da ilha de Joannes (Marajó), sendo então, pela primeira vez, conhecido o uso do curare, com que os anajás ertavam suas

*setas; em seguida, dirigiu-se com outra ao interior das terras na margem direita, chegando até os aldeamentos dos pacajás, em uma busca inútil de ouro.*

*Francisco Veloso percorreu o Amazonas até o rio Negro, regularizando os casos da servidão, a que estava sendo limitado o cativo; depois subiu o Tocantins, donde atraiu grande leva de tupinambás, e a veio localizar na ilha do Sol, que tomou o nome daquele gentio.*

*Manuel Nunes, que conseguira antes reunir em Itaquí os índios de Capitiba, próximo a S. Luís, para os fazer filhos de Deus e tê-los mais chegados ao povoado dos portugueses, a fim de lhes servirem por seu salário, quando assim lhes parecesse, renovou a expedição do Tocantins, no decurso da qual procedeu a observações astronômicas, verificando ter atingido o 6º grau de latitude sul, isto é, um ponto correspondente à foz do Potengi, mais ou menos, na costa do Atlântico, ultrapassando, vindo do norte, a confluência do Araguaia.*

*Manuel de Sousa seguiu até às cabeceiras do jurunas, afluente do Xingu, encontrando entre as belicosas tribos que o habitavam a tradição de porfiada luta contra uma bandeira de exploradores paulistas, que não se supunha tivessem ido tão longe no meado do século XVII; e, descrevendo as particularidades que notou, como indício de relativo adiantamento, referiu a destreza com que as mulheres adelgaçavam a fibra do algodão até reduzi-la à espessura de um fio de cabelo; com o padre Manuel Pires realizou outra viagem de penetração do Amazonas, desembarcando já no lado setentrional, para converter os aruaquis, os tupinambaranas e os condurizes.*

*Antônio da Fonseca executou a mesma empresa com os curiatos, os pataruanas e os andirzes. Estes últimos, diz a Crônica, têm em seus matos uma frutinha que chamam guaraná, a que estimam como os brancos a seu ouro, porque dá forças, é diurética, tira febres, dores de cabeça e câimbras.*

*Salvador do Vale, ajudado por Paulo Luís, ficou um pouco mais abaixo, fazendo idêntico trabalho quanto aos paucis, na zona onde depois se levantou a cidade de Óbidos.*



*Francisco Gonçalves, grande perito na língua brasílica e possuindo a ciência experimental de curar enfermidades, entrou pelo rio Negro e aí permaneceu dezessete meses.*

*O próprio Antônio Vieira foi ao Ceará, uma das mais perigosas missões, andando grande parte do caminho descalço, para imitar S. Francisco Xavier; providenciou sobre os interesses das aldeias, e deixando para dirigi-las Gonçalo de Veras, voltou a Belém, a fim de completar a empresa encetada pouco antes na ilha de Marajó; ficaram célebres os ajustes que aí realizou, conhecidos sob o nome de pazes com os ingáibas.*

*Todas essas excursões, levadas a efeito em prazo relativamente curto, 5 anos, eram por sua natureza exaustivas, malgrado as vantagens prodigalizadas pela rede hidrográfica. As estradas fluviais, que as canoas fendiam, margeavam-se inimigos francos ou traiçoeiros, ao mesmo tempo em que as condições climáticas, quase sempre hostis, epidemias e moléstias, afugentando os recém-convertidos, fazendo sucumbir soldados e paisanos, leigos e eclesiásticos, compunham fatores de desânimo, que só poderiam ser afrontados por almas e caracteres de não vulgar têmpera.*

*Muitos religiosos perderam a vida; quase todos tiveram a saúde arruinada para sempre.*

*São comovedoras as páginas que Bettendorff consagra à narração dos padecimentos e à memória dos seus piedosos confrades.*

*Entretanto, Vidal de Negreiros deixara o governo do Estado, em 1658, sendo substituído por Pero de Melo.*

*Dirigiu Antônio Vieira novo apelo aos colégios da Europa, reclamando cooperadores para a propaganda que assim se dilatava. O clamor encontrou eco: vários jesuítas partiram para o Maranhão. Um deles foi o autor da Crônica, que, nesse trecho, descreve longamente o início de sua carreira apostólica, as vicissitudes da demorada viagem que empreendeu e modo por que foi recebido no Maranhão e no Pará.*

*Entrou logo em ação, partindo para a aldeia de Mortigura, próxima de Belém. Eis como ele conta a sua estréia:*

*“Dei-me belamente com o padre Francisco da Veiga, tomando à minha conta a doutrina de cada dia e a classe dos meninos para ensiná-los a ler e a escrever, juntaram-se muitos discípulos e entre eles o capitão Jacaré; e são estes hoje os mais autorizados e velhos da aldeia; e porque, por falta de livros, tinta e papel, não deixassem de aprender, lhes mandei fazer tinta de carvão e sumo de algumas ervas e com ela escrevia nas folhas grandes de pacobeiras, e, para lhes facilitar tudo, lhes pus um pauzinho na mão por pena e lhes ensinei a formar e conhecer as letras, assim grandes como pequenas, no pó e areia das praias, com que gostaram tanto que enchiam a aldeia e as praias de letras, ficando alastradas todas; mas como os mistérios da nossa santa fé são os que se devem saber e ensinar antes de tudo o mais, neles também os exercitava, no fim da classe, e com isso ia também eu aprendendo a língua da terra, cuja gramática já tinha trasladado em latim, estando ainda em Portugal, e mudando-a para a minha província para que aprendessem por ela os que de lá quisessem vir para esta missão do Maranhão. Não faltava que fazer na aldeia, que constava de umas três mil almas, e compreendia muitas nações...”*

*Poucos meses se demorou Bettendorff em Mortigura. O Padre Antônio Vieira o chamou a Belém, e na sala da livraria do colégio, mostrando-lhe um mapa do Amazonas, o convidou para ser o primeiro missionário permanente de toda aquela província, cujos limites seriam a leste a aldeia de Gurupá, a oeste a do Ouro, no território dos cambebas, limítrofe com os domínios espanbóis, e cuja sede ficaria na embocadura dos Tapajós.*

*Aceita com fervor a incumbência, mal encetara Bettendorff seus primeiros trabalhos quando teve notícia do levantamento do povo do Maranhão contra a Companhia. Mas não os interrompeu; e o capítulo 3º do livro 4º da Crônica encerra curiosos pormenores acerca do método seguido pelos jesuítas na gradual adaptação do indígena à vida civilizada.*



*Um frade da Ordem do Carmo em viagem para Lisboa, conseguira apoderar-se de cartas que Antônio Vieira, escrevera a D. João IV, contendo referências pouco favoráveis ao governo e aos homens da capitania.*

*“Não se pode crer facilmente o que esse religioso causou de cizânia, ódio e iras no coração de muitos, assim eclesiásticos como seculares, os quais, fazendo desatinos, tomaram estas cartas por motivo da expulsão do padres missionários, que em aquele tempo tinham a administração temporal e espiritual dos índios das aldeias todas; não fez o governador D. Pero de Melo esforços em atalhar aquelas alterações do povo, indignado além do referido, porque os padres governavam os índios e não lhes concediam, conforme o seu gosto, para lhes servirem à sua vontade. Portanto, vendo-se sem haver quem lhe fosse à mão, elegeu suas cabeças e foi fazer à Câmara queixa dos padres, singularmente acerca do seu governo temporal dos índios, fora do Estado. Aceitou a Câmara a queixa do povo...”*

*Tendo o representante da Companhia recusado a ceder à intimação que lhe foi dirigida, a massa popular obrigou os padres, que se achavam na ilha e nas imediações, a abandonarem o colégio e a recolherem-se reclusos à casa de um particular. Isto se passou em 15 de maio de 1661.*

*O movimento alastrou-se para o norte, produziu-se em Gurupá e em Belém. Antônio Vieira e todos os seus companheiros foram presos e remetidos para o Maranhão e dali seguiram para Lisboa, em 8 de setembro de 1661.*

*Com poucos outros padres, manteve-se Bettendorff algum tempo, em Tarapá e Gurupá, livre; mas afinal, em princípio de 1662, foram todos detidos também, após várias peripécias, relatadas na Crônica, com interessantes detalhes. A nau que os devia transportar para o Reino fez tanta água, logo no primeiro dia de viagem, que teve de voltar*

*arribada a Belém; desembarcados os salvos de naufrágio certo, se continuassem no mar, permaneceram em terra, presos, enquanto se consertava o navio; mas, nesse ínterim, operou-se na sua situação súbita mudança.*

*Antônio Vieira, chegando a Lisboa, historiara à regente, Dona Luísa de Gusmão, as cenas tumultuárias ocorridas no Estado, produzindo no ânimo da Corte a mais dolorosa surpresa.*

*Nomeado capitão-general, Rui Vaz de Siqueira recebeu para seu governo um regimento, que lhe foi entregue pelo próprio Vieira. Quais os seus termos? A Crônica não os revela. Lamentando que a princípio Rui Vaz, empossado em 25 de março de 1662, houvesse empregado certa tergiversação em cumpri-lo, informa entretanto que ele mandou um emissário a Lisboa pedir a restituição dos padres ao duplo domínio antigo. Não resta dúvida que, embora tarde, ele deu publicidade às boas intenções da Corte, que só podiam aproveitar, desde logo, àqueles jesuítas, que se achavam constrangidos no Pará.*

*Com a atividade, porém, que lhes era própria e que as circunstâncias tornavam urgente, eles transportaram-se para o Maranhão e dentro em pouco tinham reorganizado o serviço, bruscamente interrompido.*

*Um ano depois da expulsão, dia por dia, efetuava-se, na matriz de São Luís, grande festa religiosa em honra da Companhia, dando o povo mostras de vivo arrependimento e assistindo os que voltaram do Reino. É possível que para esse movimento da opinião concorresse muito uma assoladora epidemia de varíola, supersticiosamente acreditada como castigo do Céu, ao qual também foi atribuída mais tarde a morte de quantos ostensivamente concorreram para a violência suportada. Das suas vítimas, faltava uma, a principal, Antônio Vieira, que nunca mais pisou terra maranhense.*

*Mas a vitória que conseguira, mantendo a legislação de 1655, obra sua, contra a revolta do interesse industrialista, foi efêmera. Subindo ao trono, Dom Afonso VI adotou política reatora. Uma provisão datada de 18 de outubro de 1663 (12 de setembro, segundo J. F. Lisboa), concedeu anistia plena aos sublevados das duas capitânicas, reconhecendo que os tumultos havidos, provinham das vexações que sofria o povo, em virtude da*

L João Filipe Bettendorff

*maneira por que os jesuítas entendiam a lei, e fez cessar toda a ingerência de quaisquer religiosos no governo temporal dos índios, associou aos jesuítas, na catequese, os membros de outras ordens e declarou terminantemente que desses trabalhos ficaria excluído o Padre Antônio Vieira, por não convir ao real serviço que a eles tornasse.*

*Contudo, mandando vigorar os quatro casos da legislação de 1655, que permitiam o cativo dos índios (quando tomados em justa guerra e ainda assim dadas certas circunstâncias, quando impedissem a pregação do Evangelho, quando presos à corda para serem vitimados pelos seus inimigos, quando vendidos por outros índios que os houvessem tomado em justa guerra), salvou aquela provisão o princípio dominante, que, na ocasião, representava o progresso; e antes de falecer, em 1697, na Bahia, pudera Antônio Vieira ter notícia da promulgação da lei de 1680, pela qual também muito se esforçou. Ela aboliu de modo completo a escravidão dos indígenas do Brasil, reatando os elos de uma cadeia histórica sugestiva porque tem em uma das extremidades o vulto precursor da Enciclopédia, Pombal.*

*No domínio do novo regime, Rui Vaz fez seguir para o interior do estado várias expedições desacompanhadas de jesuítas.*

*A primeira desceu ao Ceará com o intuito declarado de colher âmbar. Foi infeliz, ocasionando a dispersão do núcleo ali fundado; dele retirou-se o Padre Gonçalo de Veras, conduzindo para o Maranhão 300 tabajaras.*

*Outra subiu o Amazonas, levando como catequistas frades do Carmo e das Mercês e o vigário-geral do Estado, sofrendo também completo desastre.*

*Duas vezes tentou-se devassar pelas armas o território do rio Negro e em ambas nenhum resultado se colheu. Vem aqui a propósito um trecho da Crônica:*

*“Estavam os índios aruaques em um rio particular, que também desembocava no rio Amazonas, e por este sítio contaram os da tropa 96 aldeias só desta nação. É o rio de água*

*doce muito clara, e olhando para ela parece negra como o carvão, levando-a em alto tom a cor de cristal. O sítio é frio e muito saudável, e tanto, que se conta por maravilha não adoecer da tropa ninguém por este sertão, sustentando-se a gente mais de um mês de maniçoba, que se faz da folha da mandioca pisada e cozida, sem outro sustento, porque o rio pelo inverno é estéril de peixe, e como são tantos e os índios lhes fazem tantas redes estreitas e outras armadilhas em lugares estreitos, o peixe que entra pelo rio nunca mais sai destes laços; tem suas vazantes e enchentes, como o mar largo, por estar a mais de 400 léguas distante dele. O gentio aruaque é trabalhador e muito impaciente de cativo e sujeição; tanto, que se resolveram alguns, que tomaram em guerra os portugueses, a tomar peçonha para morrerem por mais conveniência, do que virem a ser escravos dos brancos.”*

*Ineficaz como as antecedentes, essa invasão forneceu matéria para interessantes descrições do capítulo 17 do livro 4<sup>o</sup>; entre outras, a das provas impostas ao guerreiro aruaque para ser considerado principal e exercer a honra de matar o inimigo aprisionado.*

*Uma ocorrência algum tanto dramática sucedeu igualmente ali.*

*Aquele frade do Carmo que interceptara as cartas de Antônio Vieira, em Lisboa, tinha voltado para São Luís e fora eleito prelado na sua Ordem. Para compensar-se de prejuízos que tivera, resolveu partir para o sertão a fim de reduzir escravos, com vinte soldados e duzentos índios, que lhe confiara o governador, devendo ser o lucro de ambos. Conseguiu cativar cerca de 500, entre homens e mulheres que, transportados para Belém, revoltaram-se, mataram os soldados e fugiram para os matos. Continua a Crônica:*

*“Este prelado se resolveu também a vir atrás com outra canoa de escravos que tinha tomado por assalto, pronunciando uma lei de que até os seculares zombavam, e vinham a ser que todos os índios do rio Amazonas eram escravos; e vindo-se ele muito contente e descuidado para baixo, eis que subitamente, em meio da jornada, uma índia velha, que também trazia por escrava, estando acordada, se foi chegando a ele com um tição de fogo na mão, e à vista de todos deu uma pancada com tanto ímpeto e força sobre a cabeça do religioso que parecia guiada por outra mão, e ele logo caiu morto, sem poder mais falar nem pronunciar uma só palavra. Com esta ação inopinada se animaram então os índios que vinham por escravos, e ferindo a um ajudante, que vinha do sertão, se voltaram pelo rio acima com a índia, que os capitaneava, lançando o corpo do defunto em uma praia deserta, onde ficou carecendo de sepultura eclesiástica; e é de notar que só ele dos que vinham em sua companhia morreu, porque os mais soldados e índios cristãos se puseram em fuga, indo sair em diferentes lugares, e a velha, com o tição de fogo na mão, que foi o instrumento da sua vitória, capitaneou os bárbaros, rio Amazonas acima, para suas aldeias.”*

*De uma tropa que foi invadir a região dos iurunas, depois de preparada secretamente, diz a Crônica que para assim ser o lucro maior, só escapou o cabo com poucos companheiros.*

*Menos infeliz não foi a que se aventurou pelas terras dos poquizes, no alto Tocantins, sítio de ricas jazidas de cristal. Contrastando com esses insucessos, a simplicidade persuasiva da palavra do Padre João Maria Gorsony conseguiu atrair os guajajaras das margens do Pindaré para a aldeia de Capitiba.*

*Despojada do poder temporal sobre as povoações que fundara, destituída do privilégio da catequese e do voto decisivo em casos de cativo,*

*jurisdição que passou a ser desempenhada por uma junta, a Companhia aproveitou engenhosamente o raio da atividade que lhe deixaram para transformá-lo no diâmetro oculto da circunferência idealizada. Fez prosperar os seus estabelecimentos, aumentou e construiu igrejas, fundou cursos de ensino e até para manter a influência antiga, alcançou que ficassem algumas aldeias administradas por índias, chamadas principazelas. No Pará uma, Joana, casada com José Curumim, e no Tapajós e no alto Itapicuru outras duas, que tinham o mesmo nome, Moacara, tornaram-se notáveis.*

*Quando, por acaso, qualquer dúvida sobre caso de cativoiro lhes era submetida, os padres não perdiam a oportunidade. Em 1671, arrojada expedição, acompanhada pelo incansável Gorsony, penetrou pelo rio Amazonas indo além do Japurá e na volta conduzia cerca de 900 solimões aprisionados.*

*“Quis a Providência Divina”, diz Bettendorff, “que me achasse em Cameté com o senhor governador donatário daquela capitania, o qual, vindo de visitar o Gurupá, pediu-me que, como superior, examinasse umas peças feitas pelo capitão-mor daquela fortaleza, João Botelho, sem mais autoridade que a sua: foram-se os missionários, continuando sua viagem para o Pará, examinei as peças e achando que eram feitas contra a lei, as dei por perdidas todas, conforme o que a mesma lei estava dizendo.”*

*Exemplos desta natureza são frequentes.*

*O período que vai de 1667 a 1684, forma o assunto dos livros 5º e 6º. Os trabalhos da Companhia, apesar das restrições sofridas, desenvolveram-se. Quatro capitães-generais ou governadores, como os chama a Crônica, sucederam-se no Estado: Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, Pero César de Meneses, Inácio Coelho da Silva e Francisco de Sá e Meneses. Em 1680 criou-se o bispado, cujo primeiro titular foi D. Gregório dos Anjos.*

*O progresso industrial da colônia assumia, entretanto, grandes proporções. A exportação do cravo aumentava, produzindo cada arroba 14\$ e 16\$ livres. Crescia também a do cacau, e as salinas que os padres tinham estabelecido na ilha eram proveitosamente exploradas.*

*“Depois de beneficiadas do modo já dito, informa a Crônica, deram tanta quantidade de sal que bastou não só para a casa e roça, mas para ajudar a república, vendendo-se aos moradores a duas varas de pano o alqueire, quando na abundância dele.”*

*Além do pano, corriam como moeda o novelo de fio, o fumo e esses mesmos produtos extrativos. Três mil cruzados em açúcar eram pagos à casa do Maranhão por um legado litigioso.*

*A Câmara de São Luís tinha em 1650 a receita de 53\$860 e a despesa de 60\$040; em 1671, a sua receita era de 118\$700, para uma despesa de 118\$500. O comércio avultava, principalmente no porto do Pará, residência preferida pelos capitães-generais. Nesse período, tinham sido aldeados vários gentios do Xingu e até das longínquas tribos do rio Madeira.*

*A falta de braços para a exploração agrícola e dos meios de transporte tornava-se cada vez mais intensa; corolário inevitável da anormalidade do elemento básico do trabalho, quanto maior era a expansão industrial, tanto mais agudo se fazia sentir esse estado de crise. Não supria a deficiência o recurso do tráfico de africanos, porque em pequena escala era então ali empregado o bárbaro sucedâneo, sendo muito usado na Crônica o termo tapanhuno, designativo típico do homem preto.*

*Pois foi nessas circunstâncias que, reassumindo perante D. Pedro II a influência perdida no reinado anterior, o Padre Antônio Vieira alcançou a promulgação não só da lei e provisão de 1º de abril de 1680, proibindo o cativo dos indígenas, regulando o serviço dos considerados desde então livres, e restituindo aos missionários da Companhia de Jesus o privilégio das entradas pelo sertão, anexa à plena competência temporal*



*e espiritual, como a do alvará de 12 de fevereiro de 1682, estabelecendo as cláusulas do funcionamento de uma companhia de comércio, favorecida pelo monopólio da navegação, pelo estanco de vários gêneros de importação e o ônus de introduzir mais, durante 20 anos, dez mil escravos negros à razão de 500 por ano, se tantos fossem necessários, vendendo-os ao preço de cem mil réis cada um. Compreendendo-se quanto era diminuída a transigência concedida ao espírito escravocrata da época.*

*Nesse mesmo ano de 1680, tão fértil na versátil jurisprudência portuguesa sobre a matéria, nova provisão regulava o serviço dos índios livres, determinando que uma terça parte deles poderia ficar destinada ao serviço dos moradores, outra permanecería nas aldeias, sujeita aos párocos, entregando-se a restante aos missionários. A competência para essa distribuição foi dada ainda a uma junta composta do bispo, do prelado de Santo Antônio presente na localidade e de um representante da Câmara.*

*O descontentamento dos prejudicados chegou ao seu auge: abusos cometidos na repartição dos índios vieram agravá-lo. Entre os habitantes estava recente a tradição de 1661. O jesuíta, franco defensor da liberdade dos indígenas, mesmo à custa da dos africanos, não podia subtrair-se, no Maranhão e no Pará, à fatalidade econômica, que os venceu no Rio de Janeiro e em São Paulo.*

*Os interesses em revolta coligaram-se. Beckman foi o seu órgão.*

*A narrativa do movimento sedicioso de 1684, matéria do livro 7º, difere apenas em alguns detalhes da que se lê em Berredo e outros antigos escritores. O perfil histórico de Manuel Beckman, através da antipatia da causa de que ele se constituiu intérprete e principal agente, não ficou amesquinhado na Crônica, onde foram reconhecidas suas pouco vulgares qualidades pessoais. O povo, atribuindo aos padres a má situação dos negócios mercantis, reclamava que lhes fosse retirado o governo temporal e espiritual dos índios e abolido o estanco, crente de que, feito isto, raiava-lhe uma era de prosperidade. Manuel Beckman teve a seu lado, além da massa popular, as autoridades eclesiásticas e civis e os representantes da força pública, achando-se o governador ausente no Pará.*



*Foi Bettendorff quem tomou a palavra para defender a Companhia, uma vez perante o Senado da Câmara e outra no próprio Colégio. A alocução proferida por Manuel Beckman, se não é textual, ipsis verbis, está de acordo com os sentimentos e a firmeza que ele sempre revelou:*

*“Reverendo Padre Reitor, eu, Manuel Beckman, como procurador eleito por aquele povo aqui presente, venho intimar a Vossa Reverência e mais religiosos assistentes no Maranhão, como justamente alterado pelas vexações que padece, por terem Vossas Paternidades o governo temporal dos índios das aldeias, que se tem resolvido a lançá-los fora, assim do espiritual como do temporal, e não por alguma falta ou mau exemplo de sua vida, que por esta parte não tem de que se queixar de Vossas Paternidades; portanto, notifico a Vossa Paternidade e mais religiosos, por parte deste alterado povo, que se deixem estar recolhidos ao Colégio e não saiam para fora dele, para evitar alterações e mortes, que por aquela via se poderiam ocasionar; e entretanto, ponham Vossas Paternidades cobro em seus bens e fazendas, para deixá-las em mãos de seus procuradores que lhes forem dados, e estejam aparelhados para a todo o tempo e hora se embarcarem para Pernambuco, em embarcações que para esse efeito lhes forem concedidas.”*

*Não faltavam nunca aos jesuítas recursos da oratória em outras ocasiões, quanto mais nessa! ... A réplica de Bettendorff estava naturalmente indicada: se irregularidades havia na distribuição dos índios livres entre os moradores, a culpa era da junta incumbida de reparti-los e estavam os padres prontos a desistir do governo temporal dos aldeados, uma vez que os promotores desse ato se responsabilizassem por ele perante o governo em Lisboa.*

*O movimento seguiu o seu curso. O povo elegeu três governadores: João de Sousa de Castro, Manuel Coutinho e Tomás Beckman; sem dei-*

*xar de atender aos demais agitadores salientes: Eugênio Ribeiro, Francisco Deiró, Jorge de Sampaio, o vigário Inácio da Fonseca, os frades Elias de Santa Teresa e Inácio de Assunção. Mas os habitantes das outras capitânicas, conquanto muito se regozijassem com os resultados práticos da revolta, a deixaram limitada ao Maranhão.*

*No dia 26 de março de 1684 foram embarcados em dois navios, com destino a Pernambuco, 27 padres e irmãos, alguns dos quais, ignorando a sorte a que se expunham, tinham, por aqueles dias, vindo do Pará.*

*Os dois barcos tocaram na Fortaleza. Um, ao prosseguir a viagem, caiu em mãos de piratas, que infligiram cruéis tormentos aos prisioneiros, abandonando-os depois em pequena ilha próxima à costa, donde puderam as vítimas transportar-se a Tapuitapera (Alcântara) e ao Pará, sendo, porém, recebidos ali com as maiores demonstrações de respeito, e recuperando, através de várias peripécias, a sua anterior autoridade. O outro chegou, sem contratempo notável, ao Recife. Ia nele Bettendorff, que partiu logo para a Bahia, donde, após repetidas conferências com o Padre Antônio Vieira, os principais da Ordem, o arcebispo e o governador-geral, o 2º marquês de Minas, dirigiu-se a Lisboa, em cujo porto já se achava no dia 23 de outubro, no caráter de procurador-geral das missões, encargo que exerceu até 1688.*

*Elevado ao trono desde 1683, D. Pedro II confiou a um de seus validos o estudo do caso; foi Roque Monteiro Paim, nome indicado pelo próprio Bettendorff, que interessou também na questão o Padre João Madeira, confessor do rei. Os revoltosos do Maranhão, por seu lado, haviam enviado à Corte um representante, Tomás Beckman, incumbido de justificar o movimento e assegurar-lhe os efeitos.*

*As primeiras providências tomadas anunciaram logo a que orientação obedecia o espírito do governo português. Um habilíssimo general, Gomes Freire de Andrada, investido do cargo supremo no estado, com poderes especiais e dispondo da força militar julgada suficiente, partiu para o Maranhão. Bettendorff declara no capítulo 9º do livro 7º, que se entendeu muitas vezes com ele, informando-o dos costumes e manhas*

*da terra e, por escrito, sobre a norma de seu procedimento em relação aos moradores de São Luís apontando-lhe os amigos da Companhia “nos quais se podia fiar e com os quais tratasse, quando estivesse ancorado em Araçagi, antes de tomar o porto da cidade...”*

*Sabe-se quão facilmente afortunada foi a expedição de Gomes Freire. Em 15 de maio de 1685, desembarcava ele, sem encontrar a mínima resistência, apesar das tentativas do indomável Manuel Beckman para organizá-la. Este e Jorge de Sampaio, concluída a devassa pagaram com a vida a sua audácia revolucionária; Deiró, foragido em tempo, teve a efígie enforcada, e, mais tarde, recebeu o perdão, que atingiu também aos outros comprometidos.*

*Antes de divulgados esses acontecimentos em Lisboa, não descansava Bettendorff. Assim, redigiu um memorial, compendiando em 17 itens as reclamações da Companhia e os meios indispensáveis para o razoável êxito de seus trabalhos. Todos referiam-se à liberdade dos indígenas, ao regular aproveitamento de seus serviços e a proteção de que eles e os missionários careciam. O último parágrafo revela o pensamento geral que inspirou o escrito:*

*“17. Finalmente, como os pobres índios não têm capacidade de requererem seu direito, assim para os pagamentos devidos por seus trabalhos, como para sua liberdade, seja Sua Majestade servida constituir procuradores deles para as capitânicas, aos quais possam missionário seu com as tropas organizadas para aquele fim.*

*Em 1688 o Padre Gorsony acompanhou o bando, que, sob a chefia de André Pinheiro, subiu o Amazonas, percorrendo a margem esquerda, até acima do Jamundá.*

*Trouxe grande número de prisioneiros e descobriu nas cabeceiras dos rios Jutumá e Urubu ricas minas de ouro e prata. São curiosas as explicações práticas que se lêem nas págs. 416 e 496 acerca do preparo dos metais extraídos.*

Um jesuíta, de origem austríaca, *Samuel Fritz*, que tinha a seu cargo a missão do país dos cambebas, dependente da Audiência de Quito, veio procurar entre os expedicionários, então no rio Negro, recursos para curar-se de aflitivas enfermidades. Remetido para Belém, aí se restabeleceu, mas só pôde regressar à sua amada missão depois de licença do rei, obtida com grande demora. O governador, *Antônio de Albuquerque*, cumprindo ordens da Corte, o fez voltar, à custa da fazenda real, em uma canoa grande “bem equipada de remeiros e provida de soldados para sua segurança, indo por cabo *Antônio de Miranda*, o qual, depois, por este serviço, foi provido no posto de sargento-mor do Estado”.

Muitos anos depois, em 1696, uma outra expedição encontrou o mesmo jesuíta estabelecido mais para leste e o intimou a deixar aquele território, que pertencia à coroa de Portugal, no que foi obedecida e observa a Crônica, nada mais houve sobre essa matéria.

Entretanto, *Varnhagen* diz que o Padre *Fritz* fez imprimir em Quito um mapa do rio Amazonas, onde era muito desfavorecido o Brasil, atribuindo isso ao desgosto causado pela delonga de sua permanência no Pará.

A Crônica registra dois episódios, não muito freqüentes, ocorridos durante a estada de *Bettendorff* em Lisboa.

A princesa *Maria Francisca*, acompanhando seu primo, o rei *Dom Pedro II*, a uma caçada em *Salvaterra*, matou um javali, com ânimo e destreza varonil. Ele dedicou-lhe por esse feito uma ode em latim, que, infelizmente, na cópia do manuscrito original, sofreu grandes adulterações.

Nesse espécime de literatura profana e cortesã, aparece com certa importância a novidade da indicação geográfica da procedência: musa maromonense.

As segundas núpcias do rei com a princesa *Maria de Neuburg* forneceram à Crônica páginas em que, através da habitual negligência do estilo, há certas descrições e narrativas dignas de nota.

*Datavam de 1682 as primeiras excursões dos jesuítas na capitania do Cabo do Norte. Foi somente em 1687 que os Padres Antônio Pereira e Bernardo Gomes se fixaram na aldeia de Camuni-xari, ilha situada em um lago, junto à costa. Ambos foram aí mortos pelos índios das vizinhanças, um ano depois. Descoberto o principal criminoso, em 1689, perdeu a vida, despedaçado à boca de uma peça de artilharia. Os ossos das duas vítimas, transportados como relíquias, tiveram sepultura em Belém.*

*Em 17 de maio de 1688 partiram de Lisboa com destino ao Maranhão os padres que para ali tinham ido quando expulsos, e com eles vieram doze missionários, aliciados por Bettendorff.*

*Duas nomeações o aguardavam na cidade de São Luís: a de reitor do Colégio e a de comissário da Inquisição, cargo vago desde o tempo de Antônio Vieira. A intenção desse restabelecimento foi fazer com que ficassem mais respeitados os padres pelos povos, “que, por qualquer cousa se levantam, sem nenhum medo”.*

*No seu novo caráter, Bettendorff tornou pública, por todas as igrejas do Estado, a bula de Inocência XI, de 28 de agosto de 1687, condenando as proposições de Molina sobre o quietismo.*

*Formam o capítulo 21 do livro 7º. O manuscrito transcreve o que contém a obra impressa em Lisboa, na língua espanhola, tendo parecido preferível traduzi-la em português.*

*Deu-se nesse ano o falecimento do Bispo D. Gregório dos Anjos, a quem a Crônica tece elogios complacentes, não esquecendo lembrar que:*

*“alguns tinham para si que ele dera alguma asa de palavra ao levantamento do povo do Maranhão, mas o tempo mostrou que tudo foi uma presunção fundada em fundamentos muito fracos, e não houve nada além de cousa de pouca substância e momento, e assim depois sempre se correu belissimamente co-*

*nosco, nem tivemos de que nos poder queixar dele em cousa nenhuma”.*

*Ainda nesse ano, criou-se a missão dos irurizes, no alto Madeira, após uma viagem de três meses, vencidos terríveis perigos de morte, encontrados nas cachoeiras.*

*O título do livro 8<sup>o</sup> (Põe-se a missão em estado maior e em última consistência) dá a entender que estavam terminadas as lutas intransigentes contra a Companhia, no derradeiro decênio do século XVII, a cujos acontecimentos se refere, entre os quais figuram diversos extermínios de tribos, verdadeiras carnificinas, dolorosamente registradas. A liberdade da raça oprimida não deixava, porém, de ser a idéia fixa dos incansáveis apóstolos. Há no seguinte trecho da Crônica, reflexões que parecem de século mais próximo ao nosso:*

*“Importa à salvação de Sua Majestade que não convém dar tanta largueza a homens que não buscam senão o seu proveito, e empregam os índios à sua vontade, sendo que eles não consentiram nunca senão em serem governados conforme as leis de Sua Majestade, além de que muitos deles foram descidos pelos padres da Companhia de Jesus, ou vieram por sua própria vontade e estão onde querem, pois estas terras são dos índios, naturais delas, e ninguém lhas pode tirar sem grande injustiça, nem obrigá-los a trabalhos senão conforme as leis de Sua Majestade, por não se terem obrigado, nem eles, nem seus antepassados, a mais. E pode-se pôr em questão se ainda a isto estão obrigados, porque ou nunca lhes propuseram bem, nem explicaram, como devem, as obrigações dessas leis, ou porque, como são índios de pouco entendimento, não compreendem bem esses pontos, e, se consentem em alguns, é por não entenderem o que fazem, obrigando-se ao que não fariam se tivessem tido boa notícia e conhecimento deles, e é terrível cousa obrigar*

*esses pobres a tão pesados trabalhos, como são os seus, antes de admiti-los a serem filhos de Deus, pelas aldeias, onde assistem os missionários.”*

*Uma deplorável omissão é a que se nota no capítulo 4º deste livro. Nele devia transcrever-se a doutrina, uniformizada pelo próprio Bettendorff, que se ensinava aos indígenas, mas que o autor julgou escusado reproduzir, por constar de um catecismo impresso. Ficou assim a posteridade impedida de conhecer, em fonte originária, o método prático pelo qual os jesuítas aplicavam o princípio, muito mais tarde sistematizado, da correlação entre os deveres e os sentimentos, estes determinando aqueles, confiada à fé e à ação do tempo o desenvolvimento dos germes da cultura moral, que as maravilhas da arte católica incutiam na alma dos convertidos.*

*Nas freqüentes visitas que faziam às aldeias, assunto de numerosas e demoradas narrações da Crônica, era constante a preocupação dos superiores pelo melhoramento das condições externas das igrejas e capelas, pela decência e ordem das sacristias, a boa disposição dos colégios e a possível magnificência estética dos atos religiosos.*

*Em uma dessas visitas, durante o ano de 1692, Bettendorff foi testemunha do terror que ainda causava aos aldeados do rio Urubu a lembrança de um terremoto, poucos meses antes, acompanhado de medonha enchente. A espírito tão perspicaz não escapou o que podia haver de exagerado naquela impressão e o tempo se encarregou de justificar a incredulidade, nunca mais tendo-se ali sentido fenômeno telúrico de idêntica natureza.*

*Aliás, para dissipar pânicos e tornar os espíritos sofredores e resignados, eram de um poderoso alcance certas crenças superticiosas, fazendo nascer esperançosos confortos, mediante a confiança na palavra apostólica e a prática de elementares devoções.*

*Um sentimento de compassiva benevolência, chegando muitas vezes ao carinho, exala-se das últimas páginas da Crônica, constituindo a gloriosa característica das relações dos padres com as tribos, justamente*



*quando a intervenção deles no serviço da catequese ficara retringida, a ponto de sustentar uma autoridade que só lhes restava dizer missas e administrar sacramentos.*

*Citando casos em que a simples observância dos deveres da Humanidade bastava, em regra, para angariar as simpatias dos selvagens, pondera a Crônica:*

*“E daqui se colhe que se os tapuias fossem tratados com amor e carinho pelos portugueses todos, não se haviam de levantar tantas vezes contra eles, porque, ainda que sejam bárbaros e brutos, não deixariam de reconhecer o bem que se faz, visto os próprios animais e todos os brutos serem agradecidos pelos benefícios e bom trato que se lhes dá, como consta de inumeráveis histórias e vemos cada dia com os nossos olhos. Não nego, nem posso negar que com esta gente selvagem se há de tratar com toda a cautela, principalmente enquanto se não domesticar e abrandar, pelo ensino da verdadeira fé e virtudes cristãs, quanto o permite sua brutez natural.”*

*A dedicação dos missionários foi submetida a rude prova durante uma devastadora epidemia de varíola, que assolou todo o Estado, em 1695. Descrevendo os horrores dessa crise, o velho jesuíta revelou notáveis talentos de observação.*

*Um navio, trazendo negros de Angola, chegara ao Maranhão; constando que a bordo vinha um enfermo do terrível mal, foi-lhe proibido ancorar perto da cidade, cautela frustrada pelas instâncias dos moradores, ávidos de braços para o trabalho, e pelas negativas do comandante, que ameaçava com um processo por perdas e danos.*

*“O que parecia ser para remédio dos moradores converteu-se em sua grande ruína, porque com eles, os tapanhunós, entraram as câmaras e as febres, que mataram muita gente, não ficando de fora os que tinham alguma mistura de sangue de ín-*



*dios e negros, e nem por isso parou o mal, porque, antes de partir o Padre Superior da missão, com o governador, ia morrendo tanta gente dessas moléstias, e, entrando as bexigas, depois deles partidos, morreu gente sem comparação muito mais. Começou o mal pelas bexigas brancas de várias castas, e logo seguiram-se as pretas, a que chamam pele-de-lixia, as bexigas sarampadas e outras dessa casta, muito pestíferas, as quais fizeram tanto estrago nos índios, assim forros como escravos, e mais nos tapunbunos, que é uma dor do coração somente referi-lo; caíram e foram morrendo tantos, que às vezes não havia quem acudisse aos vivos e enterrasse os mortos.*

*“Reluziu nessa ocasião a grande caridade em nossos padres do Colégio, e sobre todos no padre reitor José Ferreira, que, sem embargo que tinha assaz que lidar com os seus, acudia com lenhas, águas, peixe e farinha, a várias casas, e com o sacramento da confissão, por si e pelos seus todos, a toda a cidade, não só de dia, mas ainda de noite, a qualquer hora que o chamavam... Era o mal já insuportável, por se lhe ajuntar grande fome, pela falta de comércio de farinha, em razão das grandes secas que tinham havido naquele ano. Para maior ajuda, acrescentou-se nesta parte à fome a guerra, que os tapuias faziam nos rios do Meari e Tapicuru e com isto ficaram os currais de gado perdidos.”*

*Morreram oitenta pessoas no Colégio, que ficou quase despovoado; nas mesmas condições acharam-se as aldeias e os engenhos da ilha administrados pela Companhia. Passou-se a epidemia para a vila de Tapuitapera, com igual intensidade; chegou a Caeté, onde o capitão-mor e os moradores, que antes tinham perseguido ao Padre João Carlos Orlandini, não acharam socorro às suas desgraças senão no altruísmo e na experiência de curar do incansável missionário; e de fato ali o estrago foi menor.*

O navio que contagiara o Maranhão, transmitiu a enfermidade ao Pará. A ilha de Marajó foi a primeira atacada; aí faleceram quase todos os índios aldeados; o mesmo sucedeu aos tupinambases e aos maraguases, havendo dias de adoecerem vinte, trinta e quarenta pessoas. A cidade e Belém transformaram-se em um hospital de bexigosos, sem exceptuar os conventos; os padres andavam pelas ruas perguntando se havia alguém que necessitasse de confissão, isto muitas vezes, por não se achar nas casas quem fosse chamar confessor e, por falta de quem sangrasse os que careciam de sangrias, prestavam também este serviço; acompanhavam os cadáveres, sem horror, ficando-lhes a pele putrefata entre as mãos. Em Cameté e em todos os demais pontos da capitania a força do mal foi irresistível.

A observação mostrou que o único recurso para evitá-lo era a fuga para os matos, expediente, porém, que trazia o perigo da dispersão e abandono das aldeias, com tanto trabalho estabelecidas. Bettendorff, então em Inhuaba, no Tocantins, lançou mão de um meio, que modernamente seria chamado força sugestiva. Sabendo que os índios, com medo da varíola, queriam procurar aquele abrigo, animou-os, reuniu-os na igreja, disse-lhes que não se retirassem, tendo mais cuidado da salvação de suas almas ficando, do que da de seus corpos fugindo. Todos obedeceram, cumpriram com ardor seus deveres religiosos e não houve um só que enfermasse. “Alguns sofreram dores de cabeça e de cadeiras com alguns vômitos, sinais precursores”, diz a Crônica, “mas antes de recomendados aos santos e à Virgem Maria, eram sangrados, com o que desapareciam os sintomas alarmantes.” A isenção do contágio irradiou-se:

“Foi cousa para se notar muito que, ao mesmo tempo em que tudo eram tristezas pelas outras partes, naquele lugar cantasse eu missas solenes, ajudado dos domésticos de Diogo Pereira, que eram os meus músicos e acompanhavam o canto com suas rabecas e violas, que tocavam com muita destreza, e, sobre todos eles, Manuel Pereira, filho morgado de Diogo Pereira, que, na ausência do padre João Justo, me acompanhava, ex-

*plicando-lhe em lógica e física até o fim das cousas. Foi tanto a mercê da Senhora, que até os vizinhos, como João da Silva e outros, ficaram favorecidos.”*

*Bettendorff também acha ser coisa digna de reparo que, tendo tratado de muitos variolosos e ajudado a amortilhar grande número de vítimas, não transmitira a moléstia aos índios da sua aldeia, durante os quatro meses de flagelo. O fato é autêntico; sua explicação pode variar; mas não há dúvida que o inspirou um enérgico movimento de dedicação.*

*No seu declínio, a epidemia transformou-se em duas, uma de febres catarrais e outra de sarampos, que por longos meses dominaram, a ninguém poupando, sendo principalmente mortíferas entre os pobres índios, entre os que regressavam e os que desciam para suprir os claros abertos nas aldeias pela antecedente calamidade.*

*Mas, através de todas as vicissitudes, não cessavam os trabalhos regulamentares da Companhia. Tinham sido também instalados no Pará os cursos de humanidades estabelecidos a princípio em S. Luís, e aos quais Bettendorff dera grande impulso, a tal ponto que estudantes de Coimbra vinham ali terminar alguns estudos especiais, como os de filosofia e teologia. Todos os anos procediam-se a exames com aparatosa solenidade, e os de 1696 revestiram-se da maior importância, tomando a denominação de conclusões lógicas, espécie de defesa de teses, ad gradum. Os comentários que faz a Crônica a este respeito merecem ser transcritos:*

*“Armou-se uma cadeira muito bem adornada junto à porta travessa, para a banda da rua. Os defendentes foram o irmão Sebastião Pereira, um religioso de Nossa Senhora das Mercês, chamado frei Manuel Correia, e José de Sousa, sobrinho do capitão-mor Hilário de Sousa, que não assistiu por doente... Argumentaram o muito Reverendo padre frei Antônio Soares, o muito Reverendo mestre graduado em filosofia Manuel Tavares, e o padre Superior da missão José Ferreira e outros; respondeu muito bem o irmão Sebastião Pereira e os*

*mais assaz bem, para principiantes; o padre mestre do curso houve-se, pela disputa toda, sempre sem nenhum abalo, e com o rosto risonho, respondendo a tudo e saltando todas as dificuldades, com a maior graça e facilidade, como tenho visto nas universidades maiores do mundo todo; e assim foram muito aplaudidas suas conclusões, pelo bom sucesso que tiveram. Depois de partir o padre superior da missão para a sua visita, se fez exames de cursistas; os examinadores foram o padre reitor e mestre de curso, o padre Gaspar Misseb, o padre Miguel Antunes e eu. Responderam todos como entendidos, admiravelmente bem, de sorte que mal se podia dizer quem entre eles levara a palma nas respostas, e parece-me que nem nas universidades da Europa fazem os cursistas do primeiro ano mais do que fizeram os do Colégio de Santo Alexandre do Grão-Pará.”*

*Mais tarde, ainda esses exames excitavam-lhe a mesma admiração, achando que, embora uns estudantes mostrassem maior habilidade do que outros, nenhum deixou de revelar que possuía a mediedade, merecendo muitos aprovação cum laude e duplice laude. Como velho de 70 anos, e 54 depois de ter se graduado em Tréveris, não achava que o preparo ministrado no Pará fosse inferior ao que na antiga universidade alemã se obtinha.*

*Nesse mesmo ano de 1696 começou a adelgaçar-se o véu que isolava o Maranhão da colônia, mais pela força de circunstâncias fortuitas do que pelas ficções legais: uns homens do Brasil vieram requerer datas de terreno para pastos e currais de gados nas campinas entre o Ceará e o rio Itapicuru; voltaram a cavalo, pelo caminho mandado abrir para o sul indo com eles Manuel Nunes Colares, que tinha sido ouvidor-geral e ia provido no posto de desembargador da Bahia.*

*No limite oposto, ocorria sucesso de não menor alcance. D. Pedro II recomendara muito ao padre Iodoco Peres, quando de regresso*

ao Maranhão, em 1688, que a Companhia dedicasse toda a atenção à margem setentrional da foz do Amazonas.

Em 1691, organizou-se uma expedição para resgatar índios naquela zona, indo como seu missionário o padre João Maria Gorsony, que instara repetidas vezes por esta providência. No Gurupá, o capitão-mor Guedes Aranha ofereceu-se para ir explorar o litoral, onde lhe constava achavam-se franceses, que pouco antes haviam trazido uma carta do governador de Caiena, a Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, solicitando permissão para penetrar naquele território. A resposta foi que a licença dependia do rei, a quem seria transmitido o pedido. Refugiando-se nos igarapés da costa, os franceses escaparam à perseguição de Aranha.

A idéia da fundação de uma França Equatorial concebida por Devaux, em 1604, afagada por Henrique IV e tentada por Lavardière, em 1612, já não ia além da foz do Amazonas. Em 19 de junho de 1697, Ferroles veio atacar a fortaleza de Macapá e a tomou sem resistência; mandou ocupar a do Parí, fazendo-a arrasar; e em cartas, que Bettendorff reproduz, fez ciente ao governador que a França considerava sua aquela região. A conquista foi efêmera em 10 de julho, Francisco de Sousa Fundão por ordem do governador, expelia os invasores.

Esse governador teve na história do Brasil a sorte singular de ser feliz onde a situação lhe era adversa. Sabe-se que, depois de administrar o Maranhão durante 12 anos, veio para o sul ocupar igual posto em S. Paulo, então reunido a Minas Gerais. Tomada a cidade do Rio de Janeiro por Duguay-Trouin, em 1711, chegou para socorrê-la depois de assinada a capitulação, a cujas conseqüências teve de assistir impassível. A reconquista de Macapá, que exerceu apreciável influência no longo pleito diplomático só em nossos dias decidido, valeu-lhe o título de benemérito e o esquecimento da perda anterior. No seu governo, sustentou várias questões com os jesuítas, e Bettendorff o trata indulgentemente, lembrando-se de que foi seu mestre de latim. Duas dessas contendas ficaram célebres. Uma originou-se no domínio temporal que os padres ainda

conservavam sobre as salinas do Maracanã, no Maranhão, conseguindo a Companhia manter ileso o seu direito e até reclamando contra a exígua quantidade de gêneros alimentícios com que certos moradores pagavam os trabalhos dos índios. Outra teve maior significação: o Padre João Maria Gorsony informou ao governador que umas vinte cabildas do Tapajós queriam descer, e ele deu-lhe ordem para que as localizasse nas aldeias de baixo, isto é, na foz do rio; mas o missionário recusou cumprir a indicação, porque “naquelas aldeias não havia descanso, nem nelas se guardavam as leis de Sua Majestade, e os índios só desciam com a condição de servirem quando e a quem quisessem, pretendendo, antes de tudo, serem cristãos e tratarem de sua salvação”.

Revestiu-se da maior gravidade, por trazer uma completa perturbação às relações civis dos habitantes, dependente como se achava a sociedade leiga da legislação eclesiástica, o estrepitoso conflito que o mesmo governador abriu com o bispo. Quis D. Timóteo do Sacramento, logo ao assumir o cargo, em 1699, efetuar no clero maranhense certas reformas, e, de rigor em rigor, chegou a mandar prender alguns religiosos e leigos. As reclamações contra a severidade episcopal impressionaram o governador, que tentou entabular negociações com o bispo, e, nada conseguindo, fez levantar contra ele o chamado Juízo da Coroa. Um tribunal constituído para esse efeito avocou a si o julgamento dos atos praticados pelo espiritual e declarou insubsistentes as sentenças: recusando a atender a intimação para mandar soltar os presos, e tendo sido estes restituídos à liberdade pelo poder civil, o bispo lançou a excomunhão sobre as pessoas interventoras e declarou interdito o Estado. Por sua vez, o tribunal impôs ao prelado a pena de prisão e o fez permanecer muitos dias recluso no seu palácio. Aí acudiram os jesuítas, tornando-se intermediários entre as duas partes desavindas, e, depois de diversas concessões mútuas, restabeleceu-se a harmonia geral.

Mas, como pelas opiniões manifestadas e pela atitude assumida para normalizar a situação, alguns membros da Ordem tornaram-se suspeitos, o tribunal fez sentir ao Superior, então o Padre José Ferreira,

*que convinha que saísse do Estado, por suposta inconfidência, um dos mais ilustres dos missionários, Iodoco Peres.*

*O Superior não se curvou a esta injunção; respondeu que a levaria ao conhecimento do rei, esperando que ele não a sancionasse...*

*Termina aí a Crônica, parecendo antes interrompida do que finalizada.*

*Para suas páginas procurou esta Notícia Sumária atrair a atenção dos estudiosos. Se o conseguir, terá salvado de imerecido esquecimento a memória do homem superior, que foi Bettendorff.*

*Tornou-se impossível manter a completa uniformidade ortográfica<sup>\*</sup>, principalmente nos nomes individuais, porque as divergências apareciam, no original, em ocasiões inesperadas, quando o trabalho tipográfico, já muito adiantado, não permitia emenda de página anterior e era objeto de dúvida se a alteração significava uma corrigenda ou uma inadvertência do copista.*

*E o leitor notará, por exemplo:*

*Gorcenin e Gorsony;*

*Samuel Fernandes e Samuel Fritz;*

*Jusarte e Zuarte;*

*Francisco de Hiro e Francisco Deiró;*

*Antônio e Antão Gonçalves;*

*Vilar e Avelar;*

*Hirso e Tirso Gonçalves;*

*Salema e Soleima;*

*Carrea, Correo, Correa, Caxeu.*

*Pedro Poderoso, Pero Poderoso, Pero Pedrosa.*

---

<sup>\*</sup> Nesta edição preferiu-se adotar a ortografia atual recomendada aos nomes próprios e por isso foram uniformizados por igual.



*Figura como de origem francesa o apelido Almeida, de origem alemã o de Coelho, de origem irlandesa o Correa, de origem flamenga o de Baltasar Campos.*

*O cargo exercido por Antônio Vieira, de Subprior, passou, depois de 1661, a ser denominado – Superior.*

*Um outro caso exemplificará as incongruências da cópia, felizmente em assunto de pouco vulto. O capitão-mor de Cameté recusara em 1697 entregar ao padre que tinha a seu cargo a direção espiritual da aldeia de Parijó, certo número de indígenas, que uma antiga lei, cuja data não vem citada, afetava ao serviço daquela missão. Esse número, que na página 658 é de 25 casais, passa na página 659 a 21 remeiros, que na página 661 sobem a 25, figurando nas páginas 660, 661 e 662 apenas 25 índios; foram estes últimos os que o governador mandou afinal entregar, mas qual o critério para a escolha do designativo?*

*Aos familiarizados com trabalhos históricos, é conhecida a falta de homogeneidade dos vocabulários antigos. Na cópia que serviu para esta publicação, a abundância de reticências, demonstrando ter sido difícil a leitura do original, agravou essa contingência inevitável. Em muitos casos, para dissipar incertezas a respeito de nomenclatura geográfica ou típica, foi de importantíssimo auxílio à consulta ao Atlas do inolvidável Senador Cândido Mendes de Almeida.*

*A contração de “em” e os artigos acham-se pouco empregados no princípio da Crônica, parecendo ter havido propósito de evitá-los. A mesma observação aplica-se a Câmera e Câmara.*

---





.....

*Dedicatória*

**H**

AVENDO-SE de dedicar a alguém de tão limitada obra da Crônica da Missão dos padres Missionários da Companhia de Jesus com o Estado do Maranhão, não acho a quem com mais direito se deva fazê-lo que a vós, Ó Soberana Rainha de todo o criado, Virgem Mãe de Deus, Nossa Senhora da Luz, porquanto de vós, bela e puríssima aurora, nasceu o sol de Justiça, vosso Bendito filho Cristo Jesus, que com os seus Divinos e Luzidíssimos Raios alumia o Mundo todo, e já desde o princípio desta vossa missão alumiu este Estado do Maranhão, e para o que se refletem com mais direita reverberação, e com maior Glória sua e vossa, além do que conhecendo os primeiros Missionários servos mui humildes, e amantíssimos filhos, que só debaixo de vosso amparo e patrocínio, poderão fazer fruto em as almas de tanta gentileza bárbara, que vinham buscar para encaminhá-las para o Céu, escolheram com eleição Superior e acerto Divino a vós por Mãe e Padroeira sua, levantando por essa razão à honra de vosso Santíssimo Nome e seu primeiro Templo, e dedicando-vos o primeiro Colégio com o cogníssimo título de Nossa Senhora, da Luz, em a cidade de S. Luís, cabeça do Estado todo. Assim também por esta via vos é sempre devida esta minha obrazinha, pelo que, Senhora, dai

*licença a este vosso servo mais inútil que, prostrado a vossos Virginais pés, vos tribute os efeitos de vossos favores, recebidos desde o primeiro princípio de vossas liberalíssimas mãos. Não enjeiteis, Senhora, esta ofertazinha, porque suposto que não é merecedora de aparecer em vossa presença, pela ilimitação de vossa incomparável grandeza, por ser oferecida de um Missionário que com tanta frouxidão se houve em vosso serviço, e em o serviço de vosso precioso Filho, contudo, se tomada pelo aspecto que tem de uma ainda que mui imperfeita relação das gloriosas obras que por vosso meio os vossos servos Missionários têm obrado nesta vinha do Senhor, confiado estou que aceitareis com agrado, e, por vossa natural bondade, olhareis com bons olhos por seu autor, e continuareis a favorecê-lo, como já fizestes por espaço de mais de setenta e um anos de sua idade, alcançando-lhe depois milagrosamente saúde de uma mortal doença da qual por benefício vosso se levantou e achou-se logo são e valente para servir, a ele e mais a vós, nesta gloriosa missão em a qual está desde o princípio do ano 1661,<sup>1</sup> tendo-se encaminhado para ela no ano 59, e deseja de acabar seus dias de vida que restam-lhe para no cabo deles ir vê-los e a Deus, primeiro princípio e último fim seu, por meio de vossa toda poderosa intercessão.*

*Soberana Senhora de todo o criado: Indigníssimo filho, e mais inútil servo vosso, — João Filipe Bettendorff.*

---

1 O Padre João Filipe chegou ao Maranhão a 20 de janeiro de 1661, escreveu esta crônica 38 anos depois, portanto em 1699.

.....

*Ao leitor*

**A**NTES de eu dar princípio a esta crônica da missão dos padres missionários da Companhia de Jesus em o Estado do Maranhão, pareceu-me haver-vos de advertir de três cousas, que, ignoradas, poderiam ocasionar-vos algum justo reparo.

*A primeira é que eu me não ingeri a escrevê-la por minha própria eleição, mas sujeitei-me a este trabalho visto o Padre Bento de Oliveira, subprior da missão daquele tempo, e seu sucessor, o Padre José Ferreira mostrarem gosto nisto, por não haver já Missionários antigos que tenham as notícias necessárias, e ser eu o que o possa fazer, ao menos em o modo que o tempo me permite.*

*A segunda cousa, de que vos quero advertir, é que não haveis de estranhar que vou sempre ajuntando o governo espiritual com o temporal, porque sendo que os tivessem os Missionários ambos juntos acerca dos índios, ou os não tivessem juntos, mas um só que é o espiritual, contudo andaram sempre e andarão tão anexos, que forçosamente os Missionários se devem valer dos governadores e capitães-mores para efetuar na salvação das almas o que pretendem, além do que por esta via melhor se conhecerá o que se obrou em qualquer tempo na missão.*

*A terceira finalmente é que se por alguma circunstância vos parecer que a escrevi com menos acerto, não me condeneis logo, porque pode ser que erreis vós, e que acerte eu, porque além de me governar eu assim pelo que vi com meus olhos, e pelo que soube pelas diligentes informações tomadas dos mais antigos e mais acertados, sempre sigo o que acho mais provável, quando não posso descobrir a verdade manifesta, o que acontece muitas vezes pelas fraquezas das memórias humanas, como vós mesmo conheceis; sigo as informações dos mais antigos e atendo o que viram com os seus olhos, e ouviram todos que bem o sabiam ou obraram aquilo de que se trata.*

*Boas diligências tendo feito com os Missionários portuguezes e estrangeiros para que escrevessem, mas eles antes quizeram fazer cousas próprias, dignas de se escreverem por outros, que escreverem façanhas albeias. Conhecendo que poderia ter feito apontamento que me tiveram servido nesta ocasião, porém como nunca me passou por pensamento que esta crônica me viria cair às costas, a mim o mais inepto de todos, e o mais inútil de toda a missão, parece que alguma desculpa tenho de me ver tido com menos cuidado nesta parte; e vós, benigno Leitor, olhai que tenho culpa, confesso, e com toda vontade, e peço-vos me queirais perdoar, e pedir a Deus que perdoe esta com as mais enumeráveis culpas que tenho em seu divino acatamento, pela muita frouxidão com que lhe servi nesta missão os 38 anos que nela estive, e podendo ter merecido grandes prêmios no Céu, mereço grandes castigos, oxalá não no Inferno; e fazendo vós o que vos peço, me deis por muito satisfeito neste pequeno trabalho, que tudo ofereço a Deus Nosso Senhor por maior Glória sua e para maior hora da Virgem Senhora Nossa Luz, sua Mãe, debaixo de cujo amparo a empreendi, desde seu princípio.*

---

# LIVRO I

DA ORIGEM DO NOME,  
DESCOBRIMENTO, ESTADO E  
CAPITANIAS DO MARANHÃO



.....

## *Capítulo I*

### DA ORIGEM DO NOME MARANHÃO

*D*

O MESMO modo que as cartas geográficas dos espanhóis e portugueses divergem, tanto nos nomes dos lugares, como em outras circunstâncias, assim diferem também na designação da origem do nome Maranhão, porque costumam atribuí-lo a vários rios entre si muito diversos, e principalmente a três que desembocam no mar da costa setentrional, vindos da América Meridional: rio Orelhano, das Amazonas, e Orinoco, como pode ver na história de José da Costa, para deixar outros menos *acurados*, o qual falando em rio do Maranhão, diz que uns o chamavam Amazonas, outros Orelhano, outros Maranhão. João Laet, antuerpiense, autor da *Descrição das Índias Ocidentais*, Lib. ib. Cap. 8, diz e prova que José da Costa se engana muito, e por conclusão diz assim: “Será Maranhão nome de algum rio ou não, porque de Abbeville nega ser nome de rio, o certo é, que uniformemente é atribuído em todas as cartas geográficas a ilha do Maranhão, onde está situada a cidade de S. Luís, cabeça de Estado do dito Maranhão, e se há algum rio a se chamar deste nome, são os que nascidos de várias partes com nome a lhe pertencer, como são o rio do Pinaré, do Maracu, do Mearim, de Tapicuru, unidos vão parar em um, na baía chamada Tapuitapera, depois de corre-



#### 4 João Filipe Bettendorff

rem ao longo da ilha se vão desembocar ao mar, nem embargar ter cada um destes rios seu próprio nome, porque o têm somente correndo apartados, porém estando unidos parece-me isso ter muita probabilidade, e se me não engano costumam alguns pilotos portugueses dar-lhe o apelido do rio do Maranhão.” Não me meto a dizer mais sobre esta matéria, basta o que está dito, e ser este nome, sem nenhuma controvérsia, nome de ilha do Maranhão, que por nenhum caso pode ser tomado de outros rios acima referidos, nem ainda dos que outros poderão alegar, mas deste mesmo nome por serem muito acertados, salvo se dissermos conjeturas sobre o modo por que alguns chamam o rio de Amazonas, rio principal do Estado todo, o rio do Maranhão devia comunicar seu nome à ilha de Maranhão e à sua cidade, pois é cabeça do Estado todo, e ao mesmo estado pela mesma razão; porém há contra isso que a ilha do Maranhão antes que se descobrisse, sempre se chamou dos naturais Maranhão, como afirma Cláudio de Abbeville, primeiro Missionário dela.

.....

## Capítulo II

### DO DESCOBRIMENTO DO MARANHÃO

**C**ONSTA de várias histórias que se têm escrito sobre o descobrimento das terras da América, pertencentes por direito às duas Coroas do Rei de Portugal e do Rei Católico, conforme as repartições feitas entre elas pela Bulas Pontíficias, como aos primeiros descobridores e conquistadores delas, em que não pode haver dúvida nenhuma, e que conseqüentemente a ilha do Maranhão, e todo o seu Estado pertence à Coroa de Portugal por todo direito, mas se perguntarmos, e buscarmos quem foi o primeiro que descobriu, povoou a ilha do Maranhão, fazendo nela casa-forte, e edificando moradas para soldados, acharemos que foram os franceses, como manifestamente se prova e convence do nome de S. Luís, Rei da França, com que apelidaram primeiro a cidade do Maranhão, que também começaram a fundar, e para melhor notícia desta verdade se faz aqui este Capítulo, em que se relata com toda sinceridade e verdade, tudo o que nos seus princípios se tem passado a respeito dela.

Digo, pois, que havemos de saber que um certo capitão do mar por nome Riffault, francês de nação, convidado por um Índio principal, de grande autoridade entre os seus naturais chamado *Guiripu*,

equipou duas naus no ano de 1594, para tentar fortuna em terras da América, e que por infortúnio seu, deu na ilha do Maranhão muito derrotado por grande tempestade, e como se achou na perda de tudo quanto tinha trazido, e da sua melhor embarcação, além de grandes discórdias entre os marinheiros, mais gente que o tinha acompanhado, tratou de se tornar para França deixando com o gentio descoberto em ilha do Maranhão um fidalgote chamado De Vaux, e como este soubesse por seus bons termos e modo cortês ganhar os ânimos dos bárbaros daquela ilha, pediram-lhe insistentemente que procurasse trazer de sua terra uma colônia de gente que os instruisse nos costumes da Europa, e na verdadeira fé para se poderem salvar; convencido logo pelas muitas instâncias que lhe tinham feito os índios habitantes da ilha do Maranhão, se partiu para França, para *afirmar* o que lhe tinha pedido o fidalgote De Vaux que chegado deu parte a el-Rei cristianíssimo, Henrique o Grande; porém el-Rei para se certificar mais da verdade e das riquezas que da terra do Maranhão se lhe prometiam, mandou o Senhor Ravardière e o Senhor De Vaux com promessa de dar liberalmente todo o necessário para se fazer a nova povoação que se lhe pedia, caso se achassem as cousas do modo que lhe tinham referido. Obedeceu sem dilação nenhuma De La Ravardière, e se foi ao Maranhão levando em sua companhia o fidalgote De Vaux e depois de uma muito diligente e *acurada* informação de tudo quanto se achava de bom na ilha do Maranhão se voltou para França. Mas como naquele ínterim tinha sido morto el-Rei por um parricídio horrível, deixou-se de dar execução à promessa feita até o ano de 1611, no qual o Senhor De La Ravardière, sendo bem avisado de tudo pela Rainha-Mãe partiu com quatro capuchinhos barbados. Dos quais um era o M. R. padre Cláudio de Abbeville, e com gente bastante para principiar uma povoação, para a ilha do Maranhão; teve vários sucessos na viagem, mas vencidas as dificuldades todas chegaram a lançar âncora na ilha de Santa Ana aos 24 de julho do mesmo ano, e de lá passou à ilha do Maranhão a qual chamou São Luís, onde edificou uma fortaleza junto ao porto principal, cavalgando nela vinte e sete peças. Enquanto os soldados se empregavam na estatura do forte, iam-se empregando os padres capuchinhos barbados no ensino dos índios, dos quais pouco depois levaram uns consigo para Paris, onde se batizaram em público com grande solenidade; e como o Maranhão não pertence a

el-Rei da França, mas à Coroa de Portugal, não durou por muito tempo aos franceses a posse dele, porque no ano de 1614, veio de Pernambuco Jerônimo de Albuquerque, e pouco depois, entre o ano 1614 e 1615, o capitão-mor Alexandre de Moura, e em sua companhia dois padres da Companhia de Jesus, o padre Luís Figueira, e o padre José da Costa com uns 100 índios; foram milagrosamente botados fora da ilha do Maranhão em o modo seguinte.

.....

### *Capítulo III*

ACOMETEM OS FRANCESES AO PODER PORTUGUÊS,  
E FICAM VENCIDOS POR MILAGRE  
DA VIRGEM SENHORA NOSSA

**T**ENDO Jerônimo de Albuquerque lançado âncora nos portos do Pereá no mês de outubro do ano 1614, mandou chamar os portugueses, os quais pouco antes tinham levantado a Vila de Nossa Senhora do Rosário no Pereá, e juntos todos em um corpo foram por seu arraial à ilha de Santa Maria, assim chamada depois pelo milagroso socorro que deu aos portugueses esta Soberana Senhora.

Logo que isso veio em notícia dos franceses da Fortaleza de S. Luís do Maranhão, achando era bom rechaçar o inimigo em seus primeiros princípios quando chegaram destroçados dos mares, e maltratados das doenças, e trabalhos da viagem, antes que lhes viesse o socorro que esperavam, saíram com grande poder de canoas todas muito bem equipadas de popa a proa de remeiros e soldados frescos e bem animados a pelejar com os portugueses por uma vez; porém sucedeu-lhes tudo por modo muito diverso que eles se tinham imaginado, porque em vez de vencer eles os portugueses, foram vencidos, e quase de todo acabados, acudindo o Céu pela justiça de Portugal, contra a injusta agressão com que a França acometia o Maranhão, fez vazasse a maré mais do costume deixando as canoas dos franceses em seco, desde às oito ho-

ras da madrugada até às três da tarde sem tornar a encher, dando lugar à peleja que de ambas as partes era muito renhida, por pelejarem todos a peito descoberto com grande porfia, mas com vitória assinalada dos portugueses, inda que menos em número que seus adversários. Atribuíram todos este bom sucesso à Virgem Nossa Senhora por aparecer entre eles na peleja uma majestosa e valorosa mulher, a qual andava de cá para lá, e ia repartindo a pólvora e balas de seu regaço aos portugueses, animando-os a pelejar com valor, de sorte que tendo vindo sobre eles trezentos franceses, não escaparam mais que cinqüenta deles com vida para poderem levar a nova de sua triste dita ao Governador da fortaleza o Senhor La Ravardière, ficando só três mortos da parte dos portugueses por milagre manifesto.

Ouvindo o Governador La Ravardière este sucesso, tão prodigioso pela relação de seus soldados, fez logo em pessoa buscar a Jerônimo de Albuquerque e lhe entregou as chaves em boa paz, para cada um dos seus poder ficar ou ir-se, como melhor lhes parecesse, dizendo, não se podiam deixar de render e pôr-se da parte de quem Deus e sua Santa Mãe ajudam, e com isso despejaram os franceses e tomaram os portugueses posse do Maranhão, e para que nunca chegasse a se pôr em esquecimento este tão assinalado benefício recebido pela Virgem Mãe de Deus, atribuindo-lhe toda a glória deste tão prodigioso sucesso, lhe dedicaram a Matriz da cidade, onde a festejam todos os anos com procissão solene, missa cantada a canto de órgão e pregação, muitos tiros de artilharia debaixo do glorioso título de Nossa Senhora da Vitória, cuja imagem se venera exposta no altar-mor da mesma igreja.

O que aqui referi neste capítulo é cousa tão sabida, que não só a refere o padre Cláudio de Abbeville, francês de nação, e um dos Missionários capuchinhos barbados que foram em companhia do Governador o Senhor La Ravardière ao Maranhão, mas é escrito em assento público dos antigos portugueses testemunhas de vista; refere-se também na história eclesiástica, e finalmente se prega cada ano no dia da festa, e que também eu tive a glória de pregá-lo, assistindo na cidade do Maranhão, de sorte que é cousa em que se não pode ter nenhuma dúvida, e pode servir este milagroso sucesso para animar a confiança dos portugueses para esperarem que nem França, a outro inimigo algum prevalecerá contra este Estado do Maranhão.

.....

## *Capítulo IV*

DESCRIÇÃO DA ILHA DO MARANHÃO,  
DAS ILHOTAS E RIOS, COM TODAS  
AS MAIS CONCHEGAS QUE LHE PERTENCEM

*D*

IZ Cláudio de Abbeville, dos primeiros missionários capuchinhos que no ano 1611 vieram de França em companhia de La Ravardière para povoar a ilha do Maranhão, à qual chegou aos três de julho do mesmo ano, que os autores geográficos que escreveram do Brasil, nunca têm feito menção desta ilha, suposto fizeram muitas vezes menção do rio do Maranhão; para pois dar alguma breve notícia dela, digo com o dito autor, e pelo que me consta por ter morado nela muitos anos, que é a em que depois de expulsados os franceses se edificou a cidade de S. Luís, cabeça de todo o Estado do Maranhão; é situada a dois graus e trinta escrópulos de linha para banda do sul, tem três léguas de largo, umas vinte e sete de comprimento, e umas dez pouco mais ou menos de circuito; para o leste há uma ilhota que os naturais chamam Ipaiemeri, os franceses e, depois deles os portugueses, ilha de Santa Ana; é cercada para banda do leste do rio Muni, e por oeste da baía que hoje chamam baía de Tapuitapera, havendo-se de chamar com mais razão baía do Maranhão; é cortada desde seu mais alto princípio de vários rios, mas o mais principalmente de três, que a dividem do continente

três léguas por parte do Ocidente, e algum tanto menos por parte do Oriente. O primeiro e mais oriental destes rios é o que se chama Muni, o qual desce 40 ou 50 léguas pela terra dentro à riba de sua bocaina larga, de um quarto de légua pouco mais ou menos. O segundo é o rio de Itapicuru, largo ao menos uma meia légua onde desemboca na baía que ajuda a formar na entrada do mar, e desce também mais de 40 ou 50 léguas de dentro do continente.

O terceiro e o mais ocidental rio é o do Meari, o qual, conforme a opinião comum, dizem ter sua origem debaixo do trópico de Capricórnio.

Há mais outros rios, como são o Maracu, que entra no rio do Pinaré e ambos no do Meari, umas duas jornadas de caminho à riba do Maranhão. Deste concurso de tantos rios, e pela maior parte caudalosos, procede que na baía se encontram grandes correntezas com ondas à entrada para a ilha do Maranhão assaz dificultosa, juntando a tudo isso os baixos e coroa, e sobretudo a coroa grande, das quais é cercada a ilha para banda do mar, de sorte que os que pretendem entrar na baía, ou rio do Maranhão, necessitam de andar com grande cautela e ter pilotos muito experimentados, porque esta ilha do Maranhão é como a chave de todo este Estado cujas costas por ambas as bandas, assim por banda de leste até as *Árvores Secas*, e por banda sudeste, desde Tapuitapera e Cumá até o Grão-Pará, são muito perigosas, principalmente da baía do Maracanã por diante, em razão dos baixos chamados de Tijoca, onde perigam e se perdem as embarcações às vezes menos acauteladas, por se fiarem demasiadamente, e chegarem muito para terra, havendo de largá-la e perder de vista até avistarem terra da ilha de Joanes.

Estava a ilha do Maranhão, em tempo que para ela foram os franceses, povoada de 27 aldeias, que os índios chamam *taba*. Constava cada uma delas de quatro ranchos compridos, dos quais cada um fechava por uma banda em forma de convento, com seu terreiro bastante no meio deles, por terem comumente duzentos e às vezes trezentos passos de comprido e 25 ou trinta de largo, eram todas essas rancharias armadas de paus, e cobertas de folhas de palmeiras, que comumente chamam pindobas. Laet, que eu sigo nesta relação, pois ele seguiu o padre Cláudio de Abbeville, capuchinho, varão douto curioso e testemunha de vista, refere todos os nomes dessas 27 aldeias, no modo que as achou Abbeville, porém



como este era francês de nação, e os franceses não pronunciam nem exprimem bem os nomes de outras línguas, acho-os tão erradamente impressos, que, suposto tenha bastante notícia de todas as paragens da ilha do Maranhão, apenas posso alcançar adivinhando o que quer dizer ao menos com alguns deles; não deixarei porém de referi-los aqui para que constem. Diz, pois, Laet assim: havia naquela grande ilha do Maranhão 27 aldeias, das quais a primeira vindo da ilha de Santa Ana e Timpohu, quer dizer Timbohi ou Timbohiba; a segunda mais chegada a esta é Itapari, assim chamada em razão das Camboas que havia para banda de São José; a terceira Carnapijô; a quarta Huayne; a quinta Hirahendaba (deve ser Iraendaba); a sexta Aruçûê que quer dizer dia grande; a sétima Pindotune (quererá dizer Pindobuna); a oitava Timboaup (será Timbóipê); a nona e a maior de todas Inniperan (será Ianiparana); a décima Toroipeeb (não entendo, salvo se quer dizer Turuipê); a undécima Janovarem; a duodécima Ovarapiram (quererá dizer Guarapiranga); a décima terceira Coinep (quererá dizer Coimpê); a décima quarta Onça ou Cap (quererá dizer Onçaquaba, ou Oçaguapé); a décima quinta Maraeanapirip (quererá dizer Mara; canapiri); a décima sexta Taperuçû; a décima sétima Torouope, será Turuipê; a décima oitava (será Aquetua, porventura); a décima nona Caranaove (será Caranaíba); a vigésima quer dizer Taperuçû; a vigésima prima Uaucatã (será Icatu); a vigésima segunda Iavirie (será Iavirei, quer dizer Iavire pequeno); a vigésima terceira Onri-onvaçucupe (será Turivacuípe); a vigésima quarta Noione (será Maioba); a vigésima quinta Pacuri-huie; a vigésima sexta Huapar; a vigésima sétima Meruouti (será porventura Murutetaua). Mas seja isto como for o que se deve notar é ter sido a ilha do Maranhão capaz de sustentar 27 aldeias de índios, cada uma delas povoada de duzentos, trezentos, e às vezes de seiscentos moradores, dos quais todos, conforme a conta que lançaram os franceses desse tempo, contava a ilha de dez ou doze mil homens; e ela neste nosso tempo apenas sustenta duas para três aldeotas, que todas não chegam a dar senão um tão limitado número de índios habitantes seus, que é para pasmar. Os nomes de tais aldeias como foram impressos, conforme os escreveu um francês, assim como ficaram mal escritos assim também foram mal impressos sem se poder conhecer, senão adivinhando as verdadeiras pronúncias delas cada um as chame como melhor lhe parecer, que eu confesso que não lhe sei dar a verdadeira ex-

pressão, por me não constar ter ouvido nomes que tenham alguma semelhança com vários desses. Basta sabermos que havia 27 aldeias na ilha do Maranhão, para daí inferirmos quantas haveria de lá ao Pará e por todo o Estado. Quanta devia ser a crueldade e cobiça dos que acabaram por guerras e trabalhos tanta gentilidade!

.....

## *Capítulo V*

### DA QUALIDADE DOS ARES, E TERRAS DA ILHA DO MARANHÃO

O

CÉU é comumente claro na ilha do Maranhão, e são serenos os seus dias, sem que nela se ache frio nem calma, e securas imoderadas: há mui poucas nuvens, e vapores menos sadios para os moradores, não há tempestades, ou redemoinhos de ventos, nem nuvens, nem geadas, poucos trovões, salvo nos meses de chuvas, nos quais há às vezes trovões mui grandes, que com os raios e coriscos já mataram várias pessoas em tempo que assisti nela, como estou muito bem lembrado, porque vi um dia uns marinheiros, que estavam na antecâmara de seu navio, junto e ancorado abaixo da Santa Casa da Misericórdia, onde um raio os foi buscar descendo pelo mastriete sobre um que estava quebrando umas ostras, o qual se tinha confessado comigo aquele dia, sem lhe fazer mal nenhum, matando porém outro que estava à portinha da mão direita, e assombrando também outro de sorte que esteve sem fala, e só o pude confessar por me apertar a mão, este escapou com vida e melhorou; não tiveram porém a mesma dita os índios, dos quais em outras ocasiões, um foi morto de um raio para banda do mar, e outro fugindo dele se ia retirando para o alpendre da ermida de S. João onde o

foi buscar e estendeu morto logo de pancada; às vezes também não faltam relâmpagos à boca da noite, e às vezes pelas manhãs dos dias mui serenos.

Quando o sol volta do trópico de Câncer para o de Capricórnio, leva diante de si e afugenta todas as chuvas daquelas bandas às vezes quarenta dias antes de chegar sobre as cabeças e depois de ter passado o zênite, chove dois ou três meses contínuos conforme a diversidade dos climas; e na Ilha do Maranhão, desde o fim de fevereiro até o primeiro ou meio de junho, ou depois de passado o sol estivo, quando o sol torna para o trópico de Capricórnio, levantam-se uns ventos da banda do leste, chamados vulgarmente brisas, e quanto mais se chega para o seu zênite tanto são mais veementes no seu soprar, e à proporção que dele se afastam pela mesma proporção se enfraquecem; levantam-se quase todos os dias depois do raiar da madrugada, a saber, pelas sete ou oito horas, e à medida que o sol se levanta sobre o horizonte acrescentam suas forças, porém passado o meio-dia se abrandam insensivelmente, e param quase de todo quando ele se destrói; não se sabe comumente de outro vento na ilha do Maranhão e tão firme nela, como o de leste, o qual tempera de tal sorte o ar, que o faz mui sadio; e porque esta ilha é tão pouco distante da Linha, goza por todo ano de dias e noites pouco mais ou menos iguais, e do ar, e dificultosamente se poderia achar clima mais agradável, nem mais cômodo para a habitação dos homens.

O terreno desta ilha, suposto que por todas as partes cercada do mar, não carece, contudo, principalmente, fora da cidade, de fontes nativas mui doces, claras, e sadias, e regado de muitos rios, ou riachos, e se trata bem que se não esterca, nem de o semear, contudo dá muito milho que os naturais chamam abati, no mês terceiro, depois de se plantar em grande usura; e muitas vezes, idos os anos, as raízes das mandiocas das quais usam em lugar de trigo, engrossam em pouco tempo, os melões amadurecem no segundo mês depois de semeados, e se colhem quase todos os meses do ano, e de seu continente.

A mercância que desta ilha se pode tirar, são paus de *ibira coati-no*, pau-roxo, pau-amarelo e *ibira peteruna*, como também pau-santo, e cor de ouro, que se acha nos matos de Tapicuru; dá muito algodão, anil, urucum, copaúba, casta de bálsamo que Cláudio de Abbeville compara com o *destracha*, tabaco, pimenta, e açúcar, pois tem terras mui boas para

ele, assim na ilha, como principalmente por fora dela, por todos seus rios, isto sem falar no courame, que se pode tirar de muitos currais de gado vacum, e sem também fazer menção do âmbar, que não poucas vezes se descobre em suas praias pela costa do mar.

Não falta na ilha e nos arredores dela pedra, das quais se pode fundir, e já se tem fundido ferro muito bom, nem outras de várias castas, para os edifícios, nem também barro de várias castas, assim para as olarias, como para fabrico das casas, mas nunca vi que se achasse uma certa espécie de jaspe, do qual os índios fazem os batoques que trazem nos beiços, e mais nas orelhas, brancos e vermelhos, mais duros que os mesmos diamantes, que os franceses chamam *Alencon*, e várias outras de muita casta.

Enfim, não é esta ilha estendida em campinas rasas, nem se levanta em montes mui altos, tem seus outeiros ao pé dos quais saem fontes e rios, pelos quais se caminha em canoas. A terra, para dizer verdade, é mui cansada, e já tem poucas matas virgens, havendo sido ocupada por muitas vezes, quase toda por todas as bandas; fica, porém, coberta de matas já mais baixas, e povoada de palmeiras mui acomodadas para a caça dos porcos-do-mato, veados, cutias, pacas, antas, e também de várias castas de pássaros mui bons, no número dos quais devem entrar os guarás vermelhos todos como lacre, e as garças brancas, além de outros pássaros, pela terra firme, dos quais se fará relação à parte em outro capítulo.

.....

## *Capítulo VI*

DÁ-SE BREVE NOTÍCIA DA CAPITANIA DO MARANHÃO,  
E OUTRAS QUE SE ACHAM ATÉ A DO GRÃO-PARÁ.  
DECLARAÇÃO BREVE DOS TERMOS ÚLTIMOS  
DO ESTADO, DO NÚMERO DE SUAS CAPITANIAS,  
E PRÉSTIMOS DELAS, E DE SUAS MISSÕES QUE TEM  
ATÉ A CAPITANIA DO PARÁ

**C**OMEÇA o Estado do Maranhão por cima do Ceará, não longe dos baixos de S. Roque. Dista setenta léguas de Pernambuco, em quatro graus e cinco minutos a sueste, onde tem seu primeiro marco, contando dali até o Ceará cento e setenta e cinco léguas, três graus e trinta minutos para o sul, e vai correndo do Ceará até à cidade de S. Luís do Maranhão, cento e setenta léguas e dois graus; quarenta minutos, do Maranhão até à barra do Grão-Pará; cem léguas para o norte, daí ao cabo do Norte que é a ponta da terra de outra banda do rio das Amazonas, são dois graus e cinqüenta minutos, sessenta léguas que tem o rio de largo na boca, e do cabo do Norte até o rio Vincente Pinson umas quarenta léguas, um grau, quarenta minutos, onde tem seu último marco, fazendo em tudo a sua longitude de um marco a outro, quatrocentas e trinta e cinco léguas pela costa, porque pela terra dentro pelo rio das Amazonas para cima, chega até à aldeia chamada aldeia do Ouro, onde

Pedro Teixeira, capitão-mor da tropa mandada para o Quito no ano de 1637, voltando para baixo meteu o marco de Portugal em umas ribanceiras da dita aldeia, que caem sobre o rio das Amazonas, e isto à vista do padre Cristóvão da Cunha, e o padre André de Artieda, ambos da Companhia de Jesus, mandados do governador e real audiência de Quito, para tomar inteira notícia das alturas, terras, nações, rios e préstimos daquele famoso rio, e dar disso inteira informação à real Corte de Madri, e mais à vista do Capitão Francisco da Costa Favela, do Capitão Pedro Bayon, o Capitão Pedro de Oliveira, e o Alferes Fernão Mendes Gago, depois sargento-Mor do Maranhão, que muitas vezes me contava a sua viagem e toda a tropa portuguesa, de que tudo fizeram, depois assento, e termo jurídico em os livros da Câmara e mais da fazenda real da cidade do Grão-Pará.

Divide-se todo este Estado do Maranhão – assim chamado da cidade principal de S. Luís, sita como cabeça na ilha do Maranhão, ou bem do maior rio dele o famoso rio das Amazonas, que alguns querem seja o rio do Maranhão, que nascendo no Reino de Quito assim lá se chama por vir desembocar em o mar, em o cabo do Norte – em duas Capitánias principais, a saber a de S. Luís, cidade do Maranhão, e a do Grão-Pará. A estas se juntam outras capitánias, umas d’el-Rei, outras dos donatários; a Capitania do Maranhão tem outras menos principais em seu distrito, e são: a do Ceará, que dantes provia e deixou de prover por estar mui distante, e poder-se prover melhor de Pernambuco, a de Itapicuru, e de Icatu e Miari, também Capitánias d’el-Rei.

Para dar mais particular notícia da Capitania de S. Luís do Maranhão, tem a cidade do mesmo nome S. Luís, que também depois da prodigiosa vitória alcançada dos franceses, se chama Nossa Senhora da Vitória; está esta cidade sita quase no meio da demarcação do Estado, em a altura de dois graus e vinte minutos da Linha, donde por qualquer parte fica fácil a disposição de tudo, e assim muito acomodada para a cabeça dele; tem um forte antigo por detrás dos Palácios do Governador, em a ponta de uma ribanceira, em a concorrência de dois rios que a cercam, um chamado Coti que desce do leste, e outro chamado Abacanga, que desce do sul, e ambos juntos em um desembocam na baía Tapuitapera, ou rio do Maranhão, ao longo de uma ponta que se chama ponta de

João Dias, onde o Governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, por ordem d'el-Rei Dom Pedro o 2º, de gloriosa memória, fez edificar uma fortaleza real de pedra e cal no ano de 1692 e 1693, até se pôr em sua perfeição.

Não era a cidade de S. Luís cousa de consideração, senão mais que uma fortaleza cercada de um muro grosso para banda do rio Moni que encerrava o Colégio, e por banda da rua ia fechando-se com um portão feito pelos primeiros conquistadores, com umas poucas de casas espalhadas por várias ruas pouco povoadas; mas depois da expulsão dos holandeses, foi crescendo pouco a pouco, tanto para o este como para o sul, que hoje é uma cidade bastante, com mais de seiscentas famílias, pela maior parte pobres, mas tão fecundas que os filhos podem servir para outra povoação; tem sua matriz que Dom Gregório dos Anjos, primeiro Bispo do Estado, quis fosse a Sé do Bispado, além da Sé posta na praça; tem a Casa da Misericórdia no cabo dela. Aí mesmo os palácios do Governador e Câmara Nova com sua enxovia debaixo para a banda do mar; tem mais quatro casas de religiosos, a saber: o Colégio dos padres da Companhia de Jesus, de Nossa Senhora da Luz, logo atrás da Sé, o Convento de Santo Antônio para o leste sobre o rio Acoti, o Convento de Nossa Senhora do Carmo em um altozinho quase no meio da cidade, e por detrás dele a oeste a igreja de S. João Batista que o Governador Rui Vaz de Siqueira mandou fazer à sua custa para os soldados. Finalmente para banda do sul há o Convento de Nossa Senhora das Mercês, e mais para riba pelo rio de Abacanga, no cabo da cidade, toda pelo sul, a ermida de Nossa Senhora do Desterro. São todas estas igrejas mui belas, mas leva vantagem todas as grandezas, pela sua estrutura de pedra e cal, a igreja nova de Nossa Senhora da Luz com seu retábulo que o padre João Filipe mandou fazer, correndo o padre Diogo da Costa, Reitor, com as obras, com seus adjuntos o irmão Manuel da Silva, o irmão Manuel Rodrigues, e a foram aperfeiçoando, o padre Bento de Oliveira, e o padre José Ferreira que me sucederam no cargo, sendo reitor do Colégio o padre Antônio Coelho.

São os ares da cidade de S. Luís sadios e frescos pelas quase contínuas virações, é a terra boa principalmente para tabacos e algodões, porém já cansada. Há matas virgens poucas mas ainda com caça principalmente de veados, pacas e cutias. As águas são boas mas poucas na



cidade, suposto que muitas mais por fora dela. Os mares e rios para perto com peixe miúdo bastante abundante em todos os gêneros em os longes, assim para gastar fresco como para salgar; em uma palavra é a cidade do Maranhão avantajada, em o que toca a peixe e carne e ao sustento da vida humana, sobre a cidade de Belém em o Grão-Pará, porque além do já dito, tem carne fresca de vaca que cada semana se lhe corta a preço acomodado, vinda dos currais de Tapuitapera, dos grandiosos pastos do rio Meari; uma ou duas cousas lhe faltam, que são os escravos e embarcações do Reino; porém nada disso faltaria se empregassem os moradores com diligência em cuidar de algodões, tabaco, cana-de-açúcar, urucu, e fabricar anil, ajuntar óleos preciosos e belas madeiras, e cousas semelhantes de preço, que a terra liberalmente dá, sem falar nas tintas também e cristais que em seus arredores, conforme ouvi dizer, se descobrem.

A Capitania do belo rio de Itapicuru tinha nos anos atrasados a Vila de S. Jacó, porém agora não lhe fica senão a ermida meio arruinada nesse rio, e era povoada de belos engenhos de açúcar, com bons ares, boas terras para mantimentos, algodões, açúcares; boas águas e com peixe, bons pastos acham-se juntos por esse rio, como também azeviche, em uma ribanceira por cima do sítio antigo de Vital de Maciel, como me afirmou o Capitão Amaro Martins, que lá descobriu e tomou para trazê-lo consigo à cidade.

Tem aquela Capitania sua fortaleza renovada à custa do capitão-mor João de Sousa Salema e sua mulher Dona Isabel da Costa, isto em tempo do Governador Inácio Coelho da Silva; sendo ela de tanto préstimo, fica hoje quase desamparada de tudo pelas invasões dos tapuias, uruatis, cascais, e outros que atemorizam de tal sorte os moradores, que não há quem lá se atreva de parar. Sem embargo disso, fez o padre João de Avelar fazer ajuda ainda de uma bela igreja de taipa a S. Miguel Arcanjo, orago daquela residência dos padres missionários da Companhia, que lá assistem, ficando-lhes a aldeia de S. Gonçalo de visita.

A Capitania do Icatu, que se principiou pelo ano 1691, em tempo do Governador Artur de Sá, tem sua vila, com igreja nova, tem vigário e capitão-mor e uma aldeia por distante dela chamada S. Jacó, por ter sido nome da aldeia de S. Jacó em Tapicuru (por catu), onde as visitam os missionários e também o padre João de Avelar; está sita so-

bre o rio Moni, com bons ares, bastantes águas, bom peixe e caça, tem em riba dois engenhos, um de taboca, outro de taboca-mirim, e outro por baixo, todos com boas terras para açucarais, se não faltassem os escravos e tivessem quietação dos tapuias, que continuamente os molestam.

Tem o rio do Moni cristais, pedras preciosas e minas de prata, como me assegurou o Capitão Amaro Martins, o qual acompanhando os mineiros mandantes d'el-Rei Dom João o 4º, de gloriosa memória, que pelas cabeceiras pescaram um diamante que foi estimado em tantos mil cruzados, e que em uma paragem onde estão dois penhascos a que chamam os Dois Carneiros acharam uma mina de prata, sem falar em outra que se descobriu em taboca.

A Capitania do rio Meari tem bons ares, e águas com terras excelentes para canaviais e engenhos de açúcar, como campinas de ricos pastos para currais de gado vacuum que lá se dá melhor que porém é muito infestada de tapuias do mato, que a cada passo dão nos escravos e brancos, tirando-lhes a vida às flechadas, e por isso se vão pouco a pouco desamparando fora do sítio onde os reverendos padres das Mercês têm uma residência com três ou quatro sujeitos. Não falta lá nem peixe nem carne, e são as marrecas sem número em suas dilatadas campinas.

Defronte da cidade de São Luís, Capitania do Maranhão, está a Capitania de Tapuitapera, do donatário Francisco Coelho de Carvalho, que a deixou a Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, seu filho; tem sua vila, chamada Santo Antônio de Alcântara, com sua igreja de pedra e cal, e edificada do tempo do vigário geral, João Ferreira, tem mais sua câmara, vigário, capitão-mor e senado, é situada sobre um alto com belos ares, boas águas, terras fortes com seus engenhos de açúcar, não falta caça, nem peixe, nem ostras, se há quem o vá buscar; consta a vila de uns trezentos moradores pela maior parte pobres, a gente da ilha, que vive do seu trabalho só tem que mandar no barco que vai e vem à cidade do Maranhão, dando-lhe suas lavouras tudo quanto plantam nelas, e por esta razão há lá dois conventos, um de Nossa Senhora das Mercês, outro de Nossa Senhora do Carmo, os quais, tendo sido mandados demolir, foram outra vez restituídos em seu prístino ser por comissão de Sua Majestade el-Rei Dom Pedro o 2º, que os tinha mandado derrubar; nesta vila nunca houve casa da Companhia de Jesus, não porque a não desejassem muito os moradores dela, oferecendo terras para esse fim,

mas porque não houve contudo fundação nem modo de a poder lá sustentar; houve contudo residência na aldeia de Sergipe pela terra dentro, em a qual assistia o padre Mateus Delgado, e muitas vezes o convidaram os da vila para pregar em suas festas; é o sítio desta vila muito aprazível pela boa vista dos rios, montes e vales de seu arredor, nos quais se acham umas salinas naturais, que poderiam dar sal ao Estado todo, se houvesse quem tratasse delas, como convém.

Umase sete para oito jornadas para a banda do Pará está a Capitania do Caeté no donatário de M... de Melo. Chamou-se primeiro do Gurupi por lá estar a vila. Em meia aldeia tinham os padres da Companhia de Jesus uma residência de taipa de pilão, que parecia um conventinho, mas porque pareceu aos moradores que tinham poucas terras para mantimentos, mudaram a vila para o Caeté, sítio sadio de bons ares, mantimento, carne e peixe, mas não naquela abundância que no Gurupi. Tem sua igreja, câmara e capitão-mor, e como são poucos os fregueses, e estes quase todos pobres, não podem sustentar vigário e por isso lhes acode o missionário da aldeia por caridade.

Segue-se para a mesma banda do Pará a Capitania de Jorge Gomes Alemó, mas como este quebrou no negócio por certas razões, achou o Governador Gomes Freire de Andrade que a vila da Vigia, que tinha mandado fazer, estava nas terras d'el-Rei, nem nunca teve aldeia, e conseqüentemente nem missionário e a tirou dele; e parece nunca mais se tornou a pôr em pé, suposto que os moradores da vila gozam dos bons ares do mar, com seus peixes, ostras, caranguejos, e da fartura da terra pelo mantimento que produz em abundância, estão sujeitos ao Pará, e o que lá tem de melhor é a imagem milagrosa de Nossa Senhora de Nazaré, que de todas as partes se frequenta dos romeiros, que vão lá fazer suas romarias e novenas; não fiz menção da aldeia de Maracanã, onde os missionários da Companhia têm sua residência de São Miguel, porque como nela assiste de presente o padre Diogo da Costa sem ter os índios, que el-Rei manda dar aos missionários pelo não querer dos que têm esta aldeia isenta das mais, para as salinas d'el-Rei, pilotos e serviço dos que governam e têm a seu cargo as salinas d'el-Rei, não entra na conta das mais, conforme me disse o Governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho.

.....

## *Capítulo VII*

RELATAM-SE AS CAPITANIAS E MISSÕES DO PARÁ ATÉ À  
CAPITANIA DO GURUPÁ, COM OS BENS QUE NELAS SE ACHAM

**E**STÁ a cidade da Capitania de Belém distante da barra três marés por um braço do celebrado rio das Amazonas acima, sita à margem dele em um altozinho, trinta e cinco minutos para o sul. Seu clima é assaz sadio, assim pela abertura do rio para banda do mar ao norte, que dá lugar aos ventos de refrescar a terra, principalmente fora dos meses do inverno, como pelas freqüentes chuvas que a regam pelo ano todo divide-se a cidade em duas partes, uma para banda do sul em sítio um pouco mais alto, e esta se chama cidade, outra, em sítio um tanto mais baixo, chama-se campina. Para banda do norte, bem no princípio da cidade, onde chamavam Portão os antigos, está o Colégio de Santo Alexandre dos padres da Companhia de Jesus, virado com a portaria para a praça assaz espaçosa. Dela se reparte, norte para o sul, em quatro ruas principais, e do leste a oeste, em outras tantas que atravessam as primeiras. Está o colégio no princípio da terceira, tem a matriz defronte, no cabo da praça para o sul, entre a segunda e terceira rua; no princípio da primeira que está ao norte, e corre norte ao sul, está fortaleza de taipa de pilão, sobre um alto de pedras, edificada em quadro, com suas peças de artilharia ao redor, tem o rio bem largo e fundo para oeste, e no mais cercada de muito poço seco. Correndo do norte para o sul pela

primeira rua, ocorre logo a ermida do Santo Cristo, mais adiante Nossa Senhora do Rosário, e no cabo o convento dos religiosos de Nossa Senhora do Carmo, sito bem sobre o rio; indo da mesma fortaleza, norte e sul, pela segunda rua logo se oferece na praça a Casa da Câmara. Pela terceira rua adiante, dá-se no cabo com o Carmo novo que se vai fazendo, na última rua que atravessa a ermida de São João de leste a oeste, e de lá de leste para oeste, pela primeira rua que se atravessa, se dá com o palácio do governador, assaz grandioso se fora de pedra e cal, e não de taipa de pilão. A parte que se chama campina se reparte pelo mesmo modo, pouco mais ou menos, em ruas direitas e travessas. A primeira vai do Colégio para o norte, tem légua e meia, armazém d'el-Rei, e depois, pelo meio, o convento de Nossa Senhora das Mercês sito bem sobre o rio. A segunda tem a campina e depois, à mão esquerda, a Misericórdia, lá muito adiante e ao cabo de tudo está Santo Antônio. As ruas travessas não têm nada de consideração digno de se relatar senão a Misericórdia que pela banda do norte tem, uma... de lá ou pouco menos, a bela ermida de São José, fundada por Hilário de Sousa e sua mulher Maria de Siqueira, que por morte a deixaram aos reverendos padres Piedosos, que de novo tinham vindo por missionários. Tem a cidade pela banda de riba os rios Murutuçu, Guarapiranga, Moju, e Acará, todos não tão fecundos em peixe, como em canas-de-açúcar, tabacos, cacauzeiros, urucuzeiros, que em suas terras se plantaram, como se vê nos engenhos e outras fábricas que por eles se acham. Não falta caça de porcos-do-mato, veados, cutias para o sustento dos moradores que os povoam; para banda de baixo, onde vão correndo para o mar, quanto mais se afastam as terras e rios tanto mais abundantes de peixe e farinhas, até a Vila da Vigia, posta sobre as entradas do mar.

Era a cidade do Pará ainda no ano de 1660 cousa mui limitada, porém depois disso cresceu tanto em moradores e casas belas, que agora se pode gloriar do título de cidade; se bem é mui pobre, não é isso por lhe faltar meios com que possa ser um dos mais ricos impérios do mundo, mas é por falta de bom governo e industriados moradores, os quais todos querem viver à lei da nobreza e serem servidos em o Pará, quando a maior parte deles em suas terras serviriam a outros, e quando menos a si mesmos;

e como por esta sua soberba os castigue Deus tirando-lhes os escravos que lhe serviam, ficam pobres podendo ser abundantes em tudo, se deixada tanta ambição de honra que os mata, tratassem de servir os peões a nobreza, e quando menos a si mesmos para bem de suas famílias. Todos até agora julgam a eleição do sítio da cidade do Pará um erro, e que muito melhor era se estivesse mais para o mar, onde há bom porto, boas terras, bons ares, melhores águas, e abundância de peixe e mariscos; mas isto já não tem remédio, principalmente estando já edificadas as igrejas e conventos, e mais edificadas as fortalezas, e ultimamente a de Nossa Senhora das Mercês que está à vista da cidade, feita da pedra e cal, para proibir as entradas das embarcações dos inimigos.

Tem a capitania do Pará duas residências, uma para banda do mar em os tupinambás, cujos missionários acodem à aldeia Maguari e à aldeia Muribira, e acudiam também à aldeia de Joanes, antes de se a largar aos missionários de Santo Antônio, e outra para banda do forte, em Murtigurá, chamada S. João Batista. Esta acode a todas as aldeotas daquela banda, e mais à aldeia do Guamá, todas aldeias de vista, que por limitadas não são capazes de sustentar missionário, e quase pelo ano todas estão sem índios por andarem continuamente divertidos em várias partes por onde os mandam os ministros d'el-Rei.

Várias vezes a esta aldeia do Guamá foram os pobres índios, sem nunca acharem lugar para tratarem da sua salvação, por andarem quase sempre divertidos por várias partes, fora de suas casas, os missionários incumbidos de visitá-los e mal achavam quem os pudesse doutrinar. E se deu que as bexigas do ano de 1695, faleceram muitos deles e querendo o Governador Antônio Coelho de Albuquerque remediar esse dano, mandou para lá uns poucos de índios do sertão, dados por forros pelo padre João Filipe, por terem sido feitos escravos contra as leis do Reino, e pouco depois, neste ano de 1698, uns cem maraguases, entre homens e mulheres, que, por sua livre vontade, tinham vindo do sertão com Manuel de Passos, por não quererem mais acompanhar um tapaiúno José Lopes, natural do Cabo Verde, o qual os tinha levado da aldeia dos Abacaxis, onde reside o padre João da Silva, por missionário, com o irmão Antônio Rodrigues.

.....

## Capítulo VIII

### DA CAPITANIA DE JOANES PERTENCENTE AO DONATÁRIO



VISTA do Grão-Pará, atravessado em canoa umas seis para sete léguas para a banda do norte, por caudalosa concorrência de rios que em grande parte descem com os braços e bocainas do rio das Amazonas, se dá com uma ilha chamada Ilha Grande do Joanes, cujo donatário é Antônio de Sousa de Macedo, fidalgo da cidade de Lisboa. Tem, conforme dizem, trezentas léguas em redondo, e se reparte em várias ilhotas habitadas algumas dela *de índios de língua travada*. Na travessia do Pará a Joanes estão também várias ilhotas, das quais uma chamada ilha Redonda à vista da cidade, em qual melhor que em nenhuma parte estaria uma fortaleza para impedir aos inimigos a entrada que por junto dela se faz. Para esse intento tem-se feito uma bela fortaleza de pedra e cal, em tempo do governo deste grande Antônio de Albuquerque, para banda da terra, e mais chegada para a cidade à custa da fazenda real, presidindo o Capitão Luís Vieira à sua fábrica e um[...] de madeiras correspondente para outra banda, à custa do Capitão José D'Eça. Ambas têm suas peças cavalgadas para impedir com balas o caminho das naus. Tem a ilha de Joanes bons ares, boas águas, boas terras e capins de pastos, mas como por pouco freqüentadas são ásperas, e criam não sei que

de peçonhento, não servem comumente para multiplicação de gados, por morrer muito nelas; tem contudo assaz campinas, por uma banda, cheias de mangabeiras, que dão mangabas muito excelentes, e mais de jabutis, ou largados, e suas matas de caça de porcos-selvagens, e veados, e vários outros animais comestíveis, como também suas águas e rios tão abundantes em peixe, que nas praias deles se faz o pesqueiro d'el-Rei que com as salgas que faz de tainhas sustenta a cidade do Pará. São as terras desta ilha boas para cana e tabaco em algumas partes, como também para plantar cacauzeiros, os quais em outras paragens dela se dão mesmo por natureza, com grande proveito dos moradores dela.

Já disse que a aldeia do Joanes, chamada Xipucu, em que moram os sacacas, nos anos atrasados de visita (e a visitaram os nossos missionários dos tupinambás, ou de murtigurás), agora, depois da repartição das missões, têm os missionários de Santo Antônio lá sua residência perto da casa-forte, que também lá se acha, e outra aruãs que para maior conveniência

.....



.....

## *Capítulo IX*

### DA CAPITANIA DO CAMETÁ

**T**RINTA léguas da cidade de Belém do Grão-Pará, para o sul, está sita a Capitania do Cametá, cujo donatário primeiro foi Feliciano de Carvalho, pai de Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho, e avô do nosso governador presente, Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho. Tem seu nome do rio que aí entrou, e em os tempos passados foi de grande fama, assim por seus muitos moradores, como por ser aí aonde de ordinário se aprestavam as armadas quando haviam de fazer suas correrias, porém mudaram-se depois para outras partes ficando lá a aldeia do Cametá, povoada de índios da terra, com sua igrejinha, a qual largaram os primeiros padres que lhe assistiram e a tinha feito, servindo-se depois da igreja de S. João Batista, freguesia dos portugueses, dos quais ainda alguns poucos moravam pelos arredores com o seu Ouvidor da Capitania, até se mudarem para o sítio da Vila do Cumaru, onde em tempo presente tem sua freguesia de taipa de pilão, com o padroeiro S. João Batista que era da igreja velha, do Cametá, em a qual estava enterado Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho, diante do altar-mor, bem no meio da capela, onde se desenterrou com missa solene que cantaram os reverendos religiosos das Mercês, estando os ossos postos em uma iça de junto com suas velas brancas, pregando eu, o padre João Filipe, então tapanhuno da missão, assistindo a tudo os dois filhos do Governador, Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, o capitão-mor

do Pará, Paulo Martins Garro, e outros à solenidade, depois da qual se levaram os ossos com grande adjunto ao Pará, e de lá em companhia do Governador para a igreja de S. Bartolomeu de Alcântara da Vila de S. Antônio de Alcântara ou Tapuitapera. Nessa aldeia do Cametá assistiu primeiro o padre cônego[...] Correia[...] e após ele os padres da Companhia de Jesus, em residência feita em quadra para clausura religiosa. Estes fizeram endireitar os ranchos novos dos índios de tal maneira ao longo do rio que pareciam uma vila de portugueses, e assim durou até às beixigas que descompuseram tudo; com poucos anos depois veio Antônio de Carvalho assistir aos índios por ordem de seu pai, e mandou o padre Manuel Nunes à residência para[...] onde assiste de presente, ficando a aldeia do Cametá de visita, até que Antônio de Carvalho ir, mudasse para o Parijó, onde hoje está com nome de sítio, e tem igreja de taipa de pilão, e casa de padres de taipa de mão.

Às espaldas do Cametá desemboca o rio dos Tocantins, ao longo do qual há boas terras, suposto que não tem boas para tabaco baixo, que[...] excelentes ares, águas tão boas que as de todos os rios são ricas para beber e cheias de várias castas de peixes, como também suas ilhas, matas de caça, e castanhas para banda de riba onde também se faz cada ano a viração de uma grande multidão de tartarugas, as quais suposto se acham pelas ilhas de todo o rio de flecha e covos, contudo as que chamam de viração, principalmente se acham mais para as cabeceiras onde se vão buscar com tanto concurso de canoas e gente, que as canoas às vezes passam de cinqüenta e a gente de algumas mil pessoas, e têm comumente providas todas de suas tartarugas que ajuntam em currais à borda da água quanto pode ser, servindo aí de sustento pelo ano todo ou ao menos para a maior parte dele. Tem aquele rio nome de Rico, como ele parece, sem algum encarecimento, como diz o padre Cristóvão da Cunha na sua relação da viagem de Quito; porém, ninguém conheceu seu cabedal senão somente o francês, que em algum tempo, conforme conta, navegava navios com terra que tirava de suas ribeiras, que levava para fora, para lá beneficiá-la e enriquecer com ela, sem jamais atrever-se a mostrar aqueles tesouros aos bárbaros que por ali habitavam, arreceando-se que, vindo por esta notícia a fazer dela a devida estimação, sem dúvida por fim lhe haviam de embargar a posse e não deixarem passar tantas riquezas.

Não há de presente quem saiba que terra poderia ser esta de que os franceses faziam tanto caso, salvo se é um barro branco que os naturais chamam tabatinga, o qual posto de molho e passado por um pano, e depois bem cozido serve de tinta primeira aos estatuários e aos pintores, em lugar de gesso do Reino; mas esta tabatinga da qual as ribanceiras estão cheias, não é cousa do que se faça caso, e só usa dela para se cair. Outros barros há, uns amarelos e outros vermelhos, mas nem estes se estimam. Em as praias onde se faz a viração das tartarugas há umas lajes de pedra azul que lasca, e é esta casta da com que em Europa se cobrem as casas, porém nem ainda desta se faz caso ou estimação. Acham-se também umas pedrinhas de várias cores em um riacho que há no porto do caminho que tem para as terras dos pugoris, e suposto que lá se achou já alguma de preço, ninguém se embaraça delas, como nem dos cristais que há por dentro dos pugoris; acham-se mais como acaso umas pérolas nas Itãs grandes, e estas por não serem bem redondas não se estimam. O que se pode estimar por aquele rio são seus bons ares, boas águas e multidão de caça e peixe, principalmente de tainhas em certos tempos do ano, tantas que, de outra banda, em um sítio que chamam Marapata, andam em cardumes tão grandes que parecem uns formigueiros, e de qualquer modo que se pesquem logo se tomam em tanta quantidade que vêm as canoas carregadas delas. As terras da Capitania do Cameté são excelentes para tabaco, mas já não tanto para cana, salvo em alguns sítios para riba; tinham suas matas muito cravo, mas como se cortou e não recresce senão mui devagar acha-se agora pouco, a este novo pela maior parte, e por isso também de menos estimação. Tem a Vila do Cumarú uns quarenta moradores pela maior parte pobres, tem seu capitão-mor, sua Câmara e pelourinho. Haveria mais vizinhos se as terras fossem mais fecundas. Haverá uns oito anos que se fez a Vila do Cumarú com tudo o mais, em tempo que Antônio de Carvalho e Albuquerque a governou com título de capitão-mor, enquanto Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho governou o Estado todo, com o título de governador o capitão-geral dele, depois de ter sido capitão-mor do Pará e, antes, da Capitania de Cameté, como filho legítimo de seu pai, como tal herdeiro de seus bens com seu irmão Francisco de Albuquerque, neste ano de 1698.

.....

## *Capítulo X*

### DA CAPITANIA DO GURUPÁ E SEUS PRÉSTIMOS

**É**

A CAPITANIA de Gurupá uma das Capitánias d'el-Rei, que começa logo nos últimos fins do Cameté; tem sua fortaleza em riba de uma ribanceira com uma plataforma algum tanto mais abaixo sobre o rio com porto em o rio do Xingu e braço do das Amazonas em que este vem dar, é esta fortaleza de taipa de pilão e pedregulho, uma das mais antigas do Estado; tem seus capitães que, suposto que a provisão não tem título maior, contudo já pelo costume os chamam capitães-maiores os quais as governam, porque em este Estado o que serviu algum posto da milícia fica com o nome por toda a vida, assim se foi alferes, capitão, ou capitão-mor, sempre lhe dão todos sem nenhum reparo aquele título. As terras não são más em algumas partes para banda da terra firme, que as ilhas que lhe pertencem não servem senão para se colher nelas muito bom cacau, à razão de muitos cacaueiros que por elas se dão por natureza; os ares foram muito maus em os princípios, mas perderam sua malignidade pouco a pouco, e muito mais depois de mandar o capitão-mor Paulo Martins Garro derrubar por conselho meu, quando lhe assisti no ano de 1661, uma parte do mato que impedia a viração da banda do mar. São as suas águas barrentas, porém as que subministra um igarapé

junto à fortaleza vindo da terra dentro, são excelentes e o peixe não falta a quem o manda buscar.

Tinha antigamente este sítio suas casas ao redor da fortaleza com seus moradores, além dos soldados do presídio, porém hoje não tem mais que estes; havia também lá um conventinho de Nossa Senhora do Carmo, fabricado em quadro com uma igreja para banda do mato e as celas para banda da fortaleza com uma bela varanda sobre o mar, e estava no meio do pátio uma laranjeira de laranjas tão preciosas que nem em todo o Estado, e nenhures me parece as haveria melhores.

Tinha mais a fortaleza sua igreja de taipa de pilão, sita no meio do terreiro, a qual durou até hoje e durará até haver quem tenha devoção de fazer outra melhor.

Os religiosos de Nossa Senhora do Carmo retiraram-se dela desamparando tudo, por lhes não servir aquela assistência para nada; mas à instância de Manuel Guedes Aranha, capitão-mor, mandou Sua Majestade os reverendos padres Piedosos com ordem que lá se lhes fizesse o hospício, para poderem assistir aos soldados do presídio, e juntamente acudir em às suas missões que lhes couberam em repartição em o ano 1692; servem esses religiosos de muita consolação assim na fortaleza, como aos que andam pelos sertões quando chegam doentes, ou de outro modo necessitados, porque lhe acodem com muita caridade, conforme a sua pobreza os ajuda; lá se curou e sarou o capitão-mor Hilário de Sousa, vindo doente do Peru no ano 1697, e lá mesmo faleceu vindo com o Governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho do rio Negro dos Abacaxis e rio da Madeira, que tinham ido visitar, e pagou-lhes Deus Nosso Senhor este ato de misericórdia, porque assim ele com sua mulher Dona Maria de Siqueira lhe deixaram a ermida de S. José com tudo que lhe pertencia, e seiscentos mil réis anuais para maneiço da dita ermida e suas pessoas, entregando para este efeito a roça com toda sua gente, casas e tudo o mais que tinha a um administrador e assim a seus testamenteiros a obrigação de darem cada ano os seiscentos mil réis.

Tiveram os padres missionários da Companhia pelo ano 1660 e 61 até o ano 63, residência na Capitania do Gurupá em a aldeia de Tapará, donde visitaram a aldeia de Fortaleza chamada aldeia de S. Pedro, mas acabou com a expulsão daquele tempo, e depois de restituídos ficou o

Gurupá à conta do missionário do Xingu que de lá vinha de tempo em tempo visitar a aldeia de S. Pedro com muito cuidado, acudindo em o mesmo tempo juntamente as necessidades espirituais dos capitães-mores, e soldados da dita fortaleza, até à chegada dos reverendos padres Piedosos, por cuja conta corre de presente, como mais largamente se dirá em seu lugar, contentando-me de dizer aqui que, sendo capitão-mor Manuel Guedes e já incapaz de lá assistir por seus achaques e muita idade, largando o posto ao capitão-mor Pedro Pinheiro, seu parente, levantou este a fortaleza com seus baluartes ao redor, e pôs sua proporção à sua custa, até fazer rebocá-la toda ao redor.

.....

## *Capítulo XI*

DA CAPITANIA DO NORTE OU DE BENTO MACIEL

*D*

EFRONTE da Capitania do Gurupá que é d'el-Rei, está de outra banda do rio das Amazonas a Capitania do Donatário Bento Maciel, chamada comumente Cabo do Norte. Corre esta Capitania pela costa até o rio Vicente Pinson, e para o poente pelo rio a riba até por cima da aldeia de Gurupatiba, compreende os tucujus com suas aldeias, o rio Pará com as suas, e pelo rio das Amazonas para cima a aldeia do Jagoacuara, a aldeia de Urubuquaquá, e aldeia de Gurupatiba. Para parte do norte tem a fortaleza do Macapá que o Governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho mandou fazer por ordem de Sua Majestade, já foi tomada uma vez pelos franceses no ano de 1697, como do Pará, como depois se dirá mais largamente em seu lugar.

Tem aquela paragem pelo igarapé dos Tucujus boas terras, mas muito maus ares, e pouco boas águas donde nasce, que sem embargo das virações do mar adoecem logo brancos e índios, dando-lhes umas febres com dores do cabeça que lhes fazem lançar sangue.

Dos índios poucos escapam com vida. A causa deste ar pestilencial, dizem, nasce de uns lagos; as terras para dentro além de serem boas para canas, tabacos, e férteis de muito cacau, e podem-se estimar

mais pelas campinas que têm, para muitos currais de gado vacum; não falta peixe nem caça para quem tem caçadores e pescadores, de sorte que só os maus ares, principalmente os do verão, são os que impedem a galhardia que deles se pode tirar.

O sítio do rio na fortaleza do Pará tem algum tanto melhores ares, mas não terras, se bem que pelo rio adentro as tem mui boas, tem muito peixe, caça, cacau, salsa, castanhas e para essa banda do rio das Amazonas peixe e tartarugas em abundância.

Em o princípio do rio Paru esteve antigamente uma fortaleza chamada de Nossa Senhora do Desterro, esta fortaleza do Paru também já foi tomada neste ano 1667 pelos franceses, porém ambas foram restauradas pelo valor do famoso Capitão Manuel de Sousa Fundão, honra dos portugueses e digno de eterna memória. A aldeia de Gurupatuba ou Jogoaguara tem melhores ares e águas não lhe faltam, nem caça e jabutis, mas tem poucas terras de mantimentos, e grandes campinas totalmente inúteis; em o monte alto que tem sobre o rio acha-se um bago amarelo excelente, mas tirado se deve pôr de molho, e depois passar por um pano e ir pôr ao sol para o ter perfeito, e depois disso fazendo-o queimar até ficar aceso, fica pardo e faz uma rica sombra como me mostrou o padre João dos Reis[...] matemático que foi de Sua Majestade Dom Pedro, quando lhe debuxou as fortalezas e cidades de seu Reino.

Tem essa aldeia sido residência dos padres missionários da Companhia de Jesus, em a qual assistido primeiro o padre Iodoco Peres, com o padre Manuel da Silva por companheiro, e depois dele eu com o mesmo padre Manuel da Silva, e fizemos umas casas de sobrado mui belas, que fomos obrigados de deixar por não descerem os arcajus, conforme tinham ficado; mudou-se esta aldeia um tanto mais para riba, onde por informação minha e do outro padre José Barreiros, uma nova residência se fez, com igrejas e casas, mui bom[...] mandando dela ao Maranhão.

A aldeia de Urubuquara que está em um alto ao pé de um monte, que sobe a modo de um pão-de-açúcar, tem boas mas poucas terras, muito boas águas e ares melhores, muito peixe e tartarugas; nela fez o padre José Barreiros uma nova residência com igreja e casas, sendo eu tapanhuno dessa aldeia, tendo pela terra dentro ao precioso pau de Ibirapinima uns dias de viagem por terra; uma jornada mais arriba



está em um alto monte a aldeia de Gurupatuba, mais povoada que as outras, nela fizemos, eu e o padre Antônio da Silva, residência e a par de nós o padre João Carlos, melhor, e par dele o padre Manuel da Costa, ainda muito melhor. Tem ares moderadamente bons, águas excelentes, carne, peixe e tartarugas em abundância, mas não tanto nem tão boas terras, e de lá também se vai pela terra adentro ao pau de Ibirapinima. Tem riquíssima vista por todas as partes, para banda do norte, e descobre bellos altibaixos com rochedos altos, os quais uns e outros tempos dão estalos, sinais de água mineral. No vale corre uma ribeira em a qual se acham umas pedrinhas lindas, e algumas delas de preço, e refere o padre Cristóvão da Cunha que vindo de Quito com os portugueses lhe disseram os índios, que pela terra dentro por um igarapé ou rio chamado Iriquiriqui seis dias de viagem, acharam grande quantidade de ouro pela praia de um regato ou rio pequeno, que passa ao pé de uma serra chamada Jaguaracuru, e perto desta havia outro sítio que chamavam Picuru, onde acharam um metal branco do qual faziam machados que logo se esbotavam com o uso. Eu lá estive, missionário e assaz curioso; mas nunca me lembrei disso para perguntar pela verdade; só digo que como por aquela banda da multidão de outeiros pouco povoados de árvores grandes, me parece, não poderá faltar algum mineral do que se descobriu nestes anos.

Para banda do sul se descobre o rio das Amazonas, com muitos altos mui vistosos; para banda do leste, também se oferece parte do rio e altos montes, e para banda do oeste ou poente ocorre logo um mato com duas pedras mui grandes para altas e largas, das quais uma é em forma de arco, outra maciça toda, com um sol entalhado nela, e como não achei quem me desse razão destas pedras, presumi comigo que seriam os marcos da Capitania por aquela parte; logo ao pé deste alto correm por grandes espaços para baixo e à riba, belas e vistosas campinas para gado vacum; se pudessem limpar das cobras e bichos peçonhentos; estas no inverno se alagam em parte, e pelo verão se queimam todas, durando o fogo algum mês e mais em que se destroem toda a imundície que nelas há, servindo a terra em certas paragens para os índios plantarem nelas seus milhos, tirando mais outro proveito que é, secando os lagos, terem quanto peixe querem homens e mulheres, meninos e meninas, pondo uns cestos virados sobre eles sendo pequenos, ou

fechando-os sendo peixe maior, que transbordando o rio sai de toda a casta para os lagos onde fica, por se não retirar a tempo quantidade dele; só os peixes-bois que os há muitos pelo rio das Amazonas, não saem comumente para os lagos, mas ficam nos igarapés maiores que têm ervas pelos bordos, porque estas são seu pasto ordinário, e mais gostoso; uma causa de muita moléstia nesta aldeia são os mosquitos que desde as ave-marias da tarde perseguem até a manhã; mas fazendo-se casas de mosquitos que se fecham ao pôr e antes de se levantar o sol, não se abrem senão muito depressa, tornando-se a fechar do mesmo modo, não dá muita moléstia.

Esta aldeia pertence hoje aos reverendos padres Piedosos que lá assistem, tratando de ensinar aos meninos a língua portuguesa, para com isso se poderem bem doutrinar, depois eles a seus filhos, visto não terem notícia de sua língua por não a ensinarem seus pais, aos quais aco- dem por intérpretes no melhor modo que lhes é possível, e lhes suprem seu grande zelo e caridade que têm pela salvação de suas almas.

.....

## *Capítulo XII*

DÁ-SE BREVE NOTÍCIA DAS MAIS TERRAS ONDE HÁ  
RESIDÊNCIA DA COMPANHIA DE JESUS ATÉ A ÚLTIMA DELAS

**C**OMO quer que com a repartição das Missões ficaram as da banda do sul dos missionários da Companhia do Jesus, e as para banda do norte dos religiosos de Santo Antônio e dos reverendos Piedosos, dos religiosos de Nossa Senhora das Mercês e Nossa Senhora do Carmo, tratarei primeiro das da Companhia de Jesus.

As primeiras terras que seguem para riba da Capitania do Gurupá para banda do sul, são as do belo rio do Xingu que os índios também chamam Paranaíba. Nestes esteve sempre residência nossa até o presente; são as terras boas para tudo se não houvesse a praga das formigas, e sem embargo disso são ricas para tabaco. Seus ares são sadios, suas águas até as do mesmo rio excelentes, por descerem por cachoeiras e areias, assim da banda dos tacoanhapes, como das bandas dos jurunas, não falta caça e mel em seus matos, nem peixe em seus rios, além de boas tartarugas em seu tempo; tem aquela residência, chamada de São João, três aldeias de sua banda, e os coanizes de outra banda do rio, com muita gentilidade de tacoanhapes, jurunas, e outras nações, entre as quais são umas vinte aldeias de curubares da língua geral, que o padre João Maria tratou muito de descer para a banda do Xingu, antes de se

mudar para a residência dos tapajós. Deus o ajude na empresa visto ir outra vez feito missionário da residência do Xingu.

Umás cinco jornadas para cima há o rio e terra dos tapajós, onde também há a residência de Nossa Senhora da Conceição em passagem. Assiste depois o padre João Maria, de idade de setenta e um anos, e vinte e oito da missão, o padre Manuel Rabelo vindo do Maranhão. Aqui havia uma populosíssima aldeia onde aquele rio desemboca em o das Amazonas com outras muitas pela terra dentro; mas tudo se tem destruído pela muita cobiça dos moradores brancos do Estado. Mandou Sua Majestade fazer lá uma fortaleza em tempo do Governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, começou e vai acabando o seu capitão-mor Manuel da Mota, cujo pai faleceu na empresa; está sita a dita fortaleza em um outeiro alto que eu mandei roçar no ano 1661, quando o padre Antônio Vieira, visitador da Missão, me tinha mandado para lá por primeiro missionário de assento, para o rio das Amazonas e Tapajós; são boas terras para mantimentos, principalmente para milho e tabaco, os seus ares já não são tão maus como dantes eram. Bebe-se água do rio a qual assentada não faz mal, não falta caça por seus matos, que até coelhos, pombos e patos cá se acham; os rios abundam em peixe, até peixes-bois e tartarugas. É paragem muito aprazível, e tratou Sua Majestade el-Rei Dom Pedro de ver se lá se podia fazer vila e colégio da Companhia de Jesus.

Umás cinco jornadas pouco mais ou menos pelo rio das Amazonas acima estão os tupinambaranas. Estes estavam em uma ponta alta sobre o rio, onde em 1669, quando lá os foram visitar em minha companhia o padre Pedro Luís Glui e o irmão Domingos da Costa; mas pela grande praga dos mosquitos mudaram-se uma jornada pouco mais pela terra dentro sobre um belo lago ou rio que vindo parte dos andirazes, parte do rio das Amazonas, vai dar pelos curiatós; aqui fizera sua aldeia que o padre Antônio da Fonseca, primeiro missionário de assento, mudou mais para riba, e acrescentou com índios novos chamados *pata-ruanas*, fazendo sua residência com igreja e casas de Santo Inácio. Tem bela vista, bons ares, boas águas em comparação de outras, boas terras para mantimento, boas matas para caça e frutas, e boas paragens para peixes e tartarugas, desta residência se não visitou os andirazes, pela banda de riba, e os curiatós para a banda de baixo; em ambos os sertões, princi-

palmente nos dos curiatós não falta gentio. Têm os andirazes em seus matos uma frutinha que chamam *guaraná*, a qual secam e depois pisam, fazendo dela umas bolas, que estimam como os brancos o seu ouro, e desfeitas com uma pedrinha, com que as vão roçando e em uma cuia de água bebida, dá tão grandes forças, que indo os índios à caça, um dia até outro, não têm fome, além do que faz urinar, tira febres e dores de cabeça e câimbras. Do préstimo que tem para provocar urina me consta; do mais não sei de certo se não pelo que comumente ouço dizer. O principal dos tupinambaranas é João Camaru, índio afamado nas guerras, e por essa razão feito capitão-mor dos seus, mas já de muita idade, e morreu-lhe sua gente quase toda e após ela também ele faleceu.

Navegando umas duas para três jornadas por um igarapé acima chega-se aos maguazes, em cuja terra mandou o padre tapanhuno José Ferreira fazer residência no de 1696. Para lá foi por primeiro missionário o padre José Barreiros com seu irmão secular, mas como depois de lá assistir por tempo de um ano pouco mais ou menos, adoeceu, veio por doente para baixo; estão os maguazes sobre um lago em terras muito doentias, e apartados em três aldeias, tão pouco distantes que todos os índios poderiam vir facilmente ouvir missa e assistir à doutrina, na do meio, onde estava o padre missionário. Não tem aquela paragem nada de bom nas terras, águas e ares, só uma cousa tem de bom: nos arredores há várias nações que se podem reduzir à nossa santa fé, indo domesticando pouco a pouco. Neste ano 1698 mandou o padre tapanhuno José Ferreira ao padre Antônio Gomes mas ele ficara em Xingu enquanto lhe não ia companheiro e tendo-se-lhe destinado o irmão Geraldo Ribeiro foi-se para lá.

Finalmente uns três para quatro dias mais à riba está a aldeia dos Abacaxis, a qual é bem povoada de índios; está perto da bocaina do rio da Madeira, cuja residência que havia nos *Iruis* se deixou por muito doentia; nesta aldeia no ano 1696, mandou também o padre tapanhuno José Ferreira fazer residência, sendo o primeiro missionário dela o padre João da Silva, natural do Maranhão, depois de ver uma prenda rica restaurada do Pará; bom sítio, aprazível, boas terras, bons ares, muita caça e peixe.

Teve o capitão-mor do Pará, Hilário de Sousa, lá um tapanhuno chamado José Lopes para feitor dos seus negócios, assim para cravo, como para cacau, e escravos por aquelas bandas, e este ajudado de outro

tapanhuno escravo do capitão-mor Manuel Guedes; mas como já ambos lá estão acusados, depois da morte de Hilário de Sousa se tiraram de lá, e ficava lá o padre João da Silva com seu companheiro Antônio Rodrigues que o padre subprior lhe deu depois de vir doente para o Pará; será essa residência uma das melhores de todas as mais que têm os padres da Companhia no estado todo; não vou mais por diante daquela banda do sul, que de presente nos foi apartada para nossas missões d'el-Rei Dom Pedro nosso senhor, porque se bem se pode estender até a aldeia do Ouro o último termo do Estado do Maranhão para banda do poente, contudo, como nunca houve por aí missões, deixarei de falar naquelas terras, porque quero antes acabar de falar nas terras onde, dantes de repartirem, tínhamos direito e residências.

Para banda do norte até o rio Negro, onde com a repartição do ano de 1693 se concederam as mais missões, só acrescento aqui que neste ano 1698, sendo vindo o padre João da Silva para baixo com seu companheiro, como se não deram as aldeias mais para baixo em sítio muito melhor, veio nisso o padre subprior, e mandou com ele o padre Domingos Macedo para fazerem nova residência um pouco mais para acima.

Já disse que padres Piedosos tinham residência sua em Gurupatuba onde a tínhamos nós; agora acrescento que também têm outra nos jamundazes que nos pertenciam de vista; estão os jamundazes sobre o rio do mesmo nome, muito belo e aprazível, entre oiteirinhos de uma e outra banda, com terras, caça e peixe bastante, porém com ares menos sadios.

Segue-se umas jornadas para cima o rio dos Urubus, onde assistiu o padre frei Teodósio mercenário com licença nossa, e agora assiste como missão que coube à sua religião em repartição. Lá estive uns sete dias de visita, e o que posso dizer das terras daquele rio é serem em tudo meãs e terem muita gentildade com as minas de ouro e prata, de que falarei depois.

Um as jornadas para cima, sobre o rio das Amazonas, fica a aldeia de Matari, para a qual mandei o padre Aluísio Conrado em o mesmo tempo em que mandei fazer residência no rio Negro pelo padre João Justo; ambos lá assistiram por algum tempo, mas não continuaram por estarem obrigados a retirarem-se por adoecerem de umas doenças

mortais. Tem aquela banda boas terras, boas águas, peixe e carne para passar a vida, mas menos bons ares para os brancos; e como foram dadas estas missões aos padres de Nossa Senhora do Carmo, e as de Urubus aos de Nossa Senhora das Mercês, largamo-las a eles, e descemos para os Abacaxis, sendo dantes a última delas o famoso rio Negro que vai dar no Orinoco, e finalmente nas celebradas ilhas da Trindade. Com isso ponho fim em falar nas capitâneas e mais terras do estado, em que há missões neste ano 1698, que dos mais onde os poderá haver pelo tempo adiante, tratarei, quando referir a ida dos portugueses para Quito, e a volta deles para o Pará com o padre Cristóvão da Cunha, de cuja fiel relação tirarei o que delas se pode dizer com verdade. Contento-me de acrescentar aqui que, como as missões da companhia correm da banda do sul para riba até a aldeia do Ouro, último termo delas, fica lugar para algumas residências das melhores que haverá em toda a missão, porque como as terras daquela banda têm ribanceiras altas com terras férteis e muita gentildade, assim sobre o rio como pela terra dentro, não podem deixar de dar lugar a grandes e belíssimas missões para os missionários mais fervorosos e valentes darem campo largo a seu cristalino zelo na salvação das almas, que só vieram buscar neste estado.

.....

## *Capítulo XIII*

RELATA-SE A PRIMEIRA MISSÃO QUE,  
EM O ANO DE 1607, FIZERAM PARA AS TERRAS  
DO ESTADO DO MARANHÃO O PADRE FRANCISCO PINTO  
E SEU COMPANHEIRO O PADRE LUÍS FIGUEIRA,  
COM A GLORIOSA MORTE, QUE O  
PADRE FRANCISCO PINTO ACHOU NA SERRAS DE IBIAPABA

**A**NTES que se descobrisse e povoasse a ilha do Maranhão pelos franceses, considerando os primeiros padres da Companhia de Jesus, missionários do Brasil, a grande multidão de gentildade que havia por toda aquela conquista da coroa de Portugal, sepultada nas trevas da ignorância de Deus e das cousas de sua salvação, desde o rio de La Plata, primeiro limite dela nesta América, até o rio de Vicente Pinson, último limite dela, e como a isto viam que iam acudindo pela banda do rio de La Plata, resolveram-se também de acudir para banda do norte, e consultado com Deus Nosso Senhor este tão importante negócio, determinaram finalmente pôr por obra o seu bom intento. Para este fim elegeram dois padres sacerdotes do Colégio de Pernambuco, a saber: o padre Francisco Pinto, sacerdote antigo e muito zeloso das bandas da Bahia, e já de idade de cinqüenta anos, a quem o venerável padre José de Anchieta tinha curado milagrosamente de uma doença mortal,



dizendo-lhe se levantasse porque o esperavam ainda muitos trabalhos, que por amor de Deus havia de padecer antes de se assentar na mesa celestial, e o padre Luís Figueira, não de menos anos, mas favorecendo-o o Céu de muitas graças e dons naturais, raros talentos e grandes letras.

Convidou o padre provincial Fernão Cardim esses dois zelosíssimos varões, os quais, ajudados do governador do Brasil, partiram de Pernambuco no mês de janeiro do ano 1607; começaram sua viagem por mar, e a continuaram até Jaguariba, e de lá prosseguiram a pé por terra acompanhados de uns poucos de índios, dos quais alguns eram da mesma nação que eles iam buscar de sua primeira tenção. Não se viram caminhos mais incômodos e ásperos que estes por onde caminhavam, por estarem cheios de águas e lodo e assim se acharam obrigados a passá-los a pé, mas com grandíssima moléstia sua por caminharem em tempo de inverno.

Os montes eram tão íngremes e cheios de arvoredos e espinhos, que não aparecia mínimo sinal de caminho, e havia por todas as partes matas tão fechadas, que não era possível dar um passo por diante sem primeiro abrir-se caminho à força de braços, de facas e machados.

E no tocante ao sustento necessário para a vida, havia tão grande falta dele, que as mais das vezes se achavam obrigados a passar com umas poucas de ervas. Tendo lidado desta sorte por espaço de um ano, então com tanta dificuldade, que depois de cem léguas de caminho deram finalmente com as serras de Ibiapaba abaixo do Ceará, quase cem léguas para banda do Maranhão; mas chegados ao gentio que era o que iam buscar, acharam e estava cercada de outro gentio bravo e cruel, não só com os forasteiros, mas ainda pelos seus vizinhos mais chegados. Mandaram os padres repetidas vezes alguns índios daqueles que os acompanhavam, para ver se por meio de dádivas os podiam abrandar e fazer amigos, mas acharam ser tudo de balde. Passaram logo aos segundos algum tanto mais afastados, dos quais foram recebidos como dos primeiros, sem se lhes dar sequer uma boa resposta. Juntaram finalmente os do passo terceiro, e destes foram recebidos pior que de todos os mais, porque não se contentaram com enjeitar os presentes que lhes mandavam, mas mataram também aos portadores deles, escapando somente um mancebo de dezoito anos para lhes servir de guia a buscar e matar os pobres padres. Estavam estes tratando com os que os acompanha-

vam, porque viam que poderiam chegar à nação que buscavam quando viram uma multidão de bárbaros, que às flechadas acometiam seus índios, e iam endireitando com a choupana do padre Francisco Pinto, o qual se tinha retirado para rezar o ofício divino. Saiu daquele estrondo o santo sacerdote missionário, e com palavras brandas tratou de aquietar a sua embravecida fúria, e até os índios cristãos se lhes opuseram gritando em voz alta que aquele padre era homem santo, vindo não mais que para lhes ensinar a verdade e caminho do Céu; mas eles, mais que nunca embravecidos, respondendo que não esperavam bens nenhuns, mataram primeiro um índio cristão, que mais animoso que seus companheiros se lhes tinha oposto para defender ao padre como seu bom mestre, e logo depois investindo com furor e crueldade diabólica contra o servo de Deus lhe deram repetidos golpes com suas ibiraçangas, que são uns paus duros, largos e compridos, na cabeça, até que a amassaram toda e lhe deram uma morte muito cruel, aos onze de janeiro de 1608, justamente no termo último do ano daquela sua gloriosa missão para banda do Ceará e serras de Ibiapaba. Não estava lá o padre Luís Figueira, que teria sem dúvida também sido participante daquela mesma sorte, se, avisado do que se passava, se não tivesse retirado nos matos aí chegados, nos quais defendido da Providência Divina esteve escondido aos olhos dos bárbaros tabajaras, que por algum espaço de tempo andaram em busca dele para também lhe tirarem a vida, até que desesperados de o poderem achar descarregaram o resto de sua maldade nos ornamentos que os padres traziam consigo para dizerem missa, e com isto satisfeitos de sua vitória e despojos se foram embora. Com isto teve o Padre Luís Figueira lugar de ajuntar o seu rebanho que andava espalhado com o medo da morte, e de ir ao sítio daquele ditoso sacrifício, onde estava o corpo estendido no chão, a cabeça toda feita em pedaços e todo enlamado e banhado em seu sangue. Lavaram-no muito bem e depois de lavado lhe deram sepultura ao pé do monte, porque não lhes dava o tempo em que se achavam lugar para mais, só levaram consigo um desses paus ou ibiraçangas como os chamam os com que matam, com o qual tinha sido quebrada aquela sagrada cabeça, todo ensangüentado que até ao dia de hoje se guarda com muita veneração, e lembrança eterna no Colégio da Bahia de Todos os Santos. Este foi o fim daquela gloriosa missão deste valorosíssimo soldado de Cristo para banda do Ceará e serras de Ibiapaba,

nas quais moram os tabajaras, em cuja busca ia este primeiro missionário da gentildade do Estado do Maranhão; e esta foi também a feliz morte que tantos anos antes lhe tinha profetizado o venerável padre José de Anchieta, quando milagrosamente lhe deu saúde, dizendo-lhe que outro gênero de morte o esperava. Eis finalmente o glorioso princípio das missões dos missionários da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão, pois a missão da serra do Ibiapaba é uma das contidas dentro dos limites da Capitania dita do Maranhão. Deixou a Providência de Deus vivo o padre Luís Figueira, companheiro do padre Francisco Pinto, para ter daí por diante um martírio mais prolongado, quando veio fundar a cidade de S. Luís, cabeça do Estado, com um padre que o acompanhava em seus trabalhos. Deste tão bom e glorioso princípio se podem facilmente colher os grandes progressos que hão de ter estes missionários, porque diz Cristo que se o grão lançado à terra vier a nascer há de dar abundante fruto. O padre Pinto nasceu na ilha Terceira, na cidade de Angra.

.....

## *Capítulo XIV*

DÁ-SE NOTÍCIA DA CHEGADA DO PADRE LUÍS FIGUEIRA  
AO MARANHÃO, E DO QUE SE OBROU NAQUELES  
PRIMEIROS PRINCÍPIOS, DO CAPITÃO-MOR ALEXANDRE  
DE MOURA NA ERA DE 1615 OU 1614

V

EIO de Pernambuco Alexandre de Moura, mandado de Gaspar de Sousa, Governador da dita cidade, por capitão-mor do Maranhão, trouxe em sua companhia três padres: o padre Luís Figueira, o padre Lopo do Couto e o padre Bento Amado com uns duzentos índios, para por meio deles ganhar os ânimos dos da ilha, para serem amigos dos portugueses. Eram esses índios de língua geral, vassalos do principal Gregório Migtagoaia, pai do principal moderno Lázaro Pinto que lhe sucedeu no governo por seu falecimento. Logo que Alexandre de Moura saltou em terra, e tomou posse do seu governo como primeiro capitão-mor daquela Capitania, sabendo os primeiros conquistadores que trazia poderes dados em nome de Sua Majestade por Gaspar de Sousa, governador de Pernambuco, que o mandara para dar terras de data e sesmaria, meteram cada qual sua petição em que pediam terras e chãos para suas moradas e lavouras. O padre Luís Figueira, suposto não pedisse terras para lavouras, pediu chãos para morar; concederam-se-lhe quaren-

ta braças em quadra, dentre das quais se fundou o depois Colégio de Nossa Senhora da Luz, e tudo o mais, tiradas as quarenta braças que chegam até o mar, se comprou e pagou sem se ficar a dever um só vintém; isto ponho aqui, porque vi os papéis com meus olhos, e fui eu mesmo comprador de vários chãos que estavam ao redor de nosso Colégio. Não pedia o padre Luís Figueira terras para lavouras, porque um certo Pero Dias Moreno, artilheiro, e sua mulher Apolônia Bustamante, cigana, nos deram as em que temos nossos roçados no sítio de Anindiba; estes nossos benfeitores traziam de Pernambuco ordem do Governador Gaspar de Sousa para se lhes dar uma légua de terra em quadra dentro da ilha do Maranhão, na paragem que eles mesmos escolhessem, e por esta razão logo que saltaram em terra para banda da ermida de São José onde havia a casa-forte de Itaparica, pediram que aí mesmo se lhes desse sua légua de terra, a qual se lhes concedeu de Carnapió, que estava em Ianiparana, a leste para a banda de Pinaré, a oeste para Mocajutiba, e assim do mais para as outras bandas, como consta de nossa carta de data nova e confirmação da primeira. Tomaram logo posse de suas terras, e marcaram nelas para banda do pé do monte de São José, e como depois de algum tempo fizeram ambos doação delas para o bem de suas almas aos padres da Companhia de Jesus, e quiseram que o padre Luís Figueira as mandasse demarcar, demarcaram-se por pública autoridade, assistindo à demarcação o mesmo padre com muitos brancos e índios chamados por testemunhas, assistindo também o principal Gregório Migtagoaia, com outros velhos, que ainda alcancei no ano 1663, no Maranhão.

Constava a ilha do Maranhão em aqueles princípios de muitas aldeias, como já dito fica acima, e como eram todas povoadas de índios de língua geral, a qual o padre Luís Figueira era um cicerão e mestre da arte, que dela compôs para lhes poder acudir, tratou de pôr uma rocinha bem no meio delas na paragem chamada Indiba, pondo naqueles primeiros princípios a casa, assim nossa como a dos índios que nos pertenciam, no alto que há antes de descer para a ribeira que corre ao pé dela; mas a mudou depois o padre Mateus Delgado com casa e tudo para o sítio onde hoje está, porquanto uns vapores que se levantam de uma lagoa que no ano 1689 mandei desaguar pelo irmão Manuel Rodrigues, causam grandes doenças na gente dela; e havia também lá perto um tanto

atrás, pelo mesmo alto uma aldeia chamada São João, a qual também se tirou.

Enquanto os padres tratavam moderadamente do sustento da vida temporal, e tratavam incansavelmente da salvação de brancos e índios com infatigável zelo, acudindo às necessidades de todos assim são, como vivos, e se bem eram poucos no número, e não muitos na virtude eram semelhantes em aquilo aos misteriosos animais... do eclesiástico que professam pelo Carro da Glória do Senhor, tendo cada um deles nisto... de muitos para exercitarem todas as funções costumadas na Companhia, assim na cidade onde comumente assistiam com muita aceitação, como fora dela onde tinham suas missões, tinham em aquele tempo um irmão, cujo nome se não sabe, e admitiu o padre Luís Figueira um outro chamado João Soares Ávila; mas este não perseverou, foi-se com seu irmão Paulo Soares, capitão-mor da fortaleza do Gurupá, feito sargento-mor dela.

.....

## *Capítulo XV*

DESCOBERTO JÁ O GRÃO-PARÁ VEM GOVERNAR  
AQUELA CAPITANIA BENTO MACIEL PARENTE  
COMO CAPITÃO-MOR DELA, PONDO OS  
ÍNDIOS EM QUIETAÇÃO COM CASTIGOS  
QUE MANDA DAR A SEUS PRINCIPAIS

**L**OGO que o capitão-mor Alexandre de Moura teve notícia do grande rio das Amazonas, mandou a Francisco Caldeira ao descobrimento dele. Este pondo-se em caminho por mar chegou aos três de novembro, ao porto principal do Pará no dia de S. Francisco Xavier, e achando aquele lugar acomodado para fortaleza e povoação, fez um e outro, chamando à cidade de Nossa Senhora de Belém, e de lá se foi estendendo até o Gurupá, onde se fez outra fortaleza, e com povoação de alguns brancos que lá assistiam; além do presidio dos soldados necessários para sua defesa, dados estes princípios da banda do Pará e Gurupá, logo chegou uns anos depois, na era de 1618, de mandado de Pernambuco, Bento Maciel Parente com duzentos soldados em sua companhia e quatrocentos índios; e como achou os índios do Estado estarem amotinados entre si contra os portugueses e tendo reforçado a Capitania do Maranhão com bastante presidio, tratou de os castigar para reduzi-los a

sua obrigação; os índios da Capitania do Maranhão tinham morto trinta homens de um forte, que os primeiros conquistadores tinham feito em Tapuitapera, e os do Pará tinham morto quatorze homens de uma lancha que acometeram, sendo também culpados doutras rebeldias semelhantes. Ora, Bento Maciel tomou uma heróica satisfação de todos eles e pôs tudo em paz, como soube por uma pessoa de sua confiança que todo o gentio havia passado palavra entre si de se levantar em a Semana Santa na noite de quinta-feira das Endoenças, para sexta, contra os portugueses para matá-los e não deixarem vestígio deles; antecipou seus atraçoados vizinhos fazendo chamar todos os principais, e recolhidos em uma casa-forte, em um dia justiça a vinte e quatro, pondo uns em boca das peças e fazendo-os voar pelos ares e castigando todos os mais com suplícios de mortes, com que se desanimaram seus parentes todos, ficou tudo com bela paz; com isso tendo tomado posse de sua Capitania do Grão-Pará como valente capitão, depois de sujeitos os índios, começou a se entender com os holandeses que moravam no Cabo do Norte, e pela costa do mar daquelas bandas. E em todos os anos que o Estado foi governado pelos dois capitães-mores não se sabe do que obraram os padres mais que, não satisfeitos de ensinarem e pregarem na cidade e acudiram a todas as suas necessidades, saíram pelas aldeias administrando os sacramentos aos índios delas, principalmente a aldeia que estava em Ianiparana com o nome de Ianiparana, por uma banda, e Carnapió por outra ou Carnapió em Ianiparana, onde tinham uma igreja dedicada a São João Batista, em a qual domingos e festas diziam missa a brancos e índios que para ela concorriam como me relatou uma pessoa fidedigna, assim por sua muita idade, como sua muita religião, sendo português de nação e cristão-velho de todos quatro costados.





## LIVRO II

DO QUE OBRARAM OS PADRES  
MISSIONÁRIOS, EM TEMPO DO  
GOVERNO DO PRIMEIRO  
GOVERNADOR DO ESTADO, E DO  
SEGUNDO, EM QUE SE FEZ A VIAGEM  
PARA QUITO, E DO TERCEIRO, EM  
QUE OS HOLANDESES TOMARAM  
O MARANHÃO



.....

## *Capítulo I*

### EDIFICA O PADRE LUÍS FIGUEIRA O COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DA LUZ

**T**ENDO Alexandre de Moura governado dois anos a Capitania do Maranhão, chegou Bento Maciel por governador da Capitania do Pará no ano 1618, e depois de estar o governo oito anos nas mãos dos capitães-mores, chegou finalmente no ano de 1629 Francisco Coelho de Carvalho por primeiro governador de todo o Estado que governou treze anos.

Em os primeiros anos de seu governo, ofereceram os moradores suas petições para confirmação das datas de terras, que lhes tinha concedido o capitão-mor Alexandre de Moura; e o padre Luís Figueira também pediu confirmação e nova data da légua de terra em quadra já demarcada, que seus benfeitores lhe tinham dado de esmola. Deu-se-lhe carta de data, como pedia.

Pouco depois começaram os religiosos a edificar seus conventos, tirados os reverendos padres Mercenários, que ainda não estavam no Estado, e o padre Luís Figueira também edificou então com a ajuda dos vassallos do principal Gregório Migtagoia, o Colégio e ermida velha, que edificou à Nossa Senhora da Luz, todo de pedra e cal, em o sítio em

que se vê de presente o Colégio muito acrescentado, e o lugar da Ermida que mandei derribar no ano 1692, para com a mesma pedra fazer-se a capela-mor da igreja nova da mesma invocação; mandou tirar a pedra de uma pedreira pedida e dada, por detrás das casas de Agostinho Correia, para banda da fonte das pedras e tabuado do Colégio; começaram os padres com muito mais fervor os costumados exercícios da Companhia de Jesus, como são: ensinar doutrina, confessar e pregar.

Em tempo do governo do mesmo Governador Francisco Coelho de Carvalho, veio o holandês e queria presidir o Gurupá, tendo feito outras fortalezas sobre o rio das Amazonas para banda do norte, uma na Terrerá, outra no Cumaú, que hoje chamam Macapá, e é o matadouro dos brancos e índios, com casa-forte no Tapaná e Maiaguari. Porém suposto queimaram as casas dos soldados da Gurupá, postas ao redor da fortaleza, foram rechaçados pelos portugueses, e o Capitão-Mor Bento Maciel Parente lhes foi dando tantos e tão fortes assaltos que, desalojando uns, aprisionando outros, e metendo seus navios a pique com notáveis sucessos dos nossos, e demonstrações do seu valor, desenganchados não tornaram mais a visitar aquelas bandas como anteriormente tinham feito, mas retiraram-se de todo, deixando rios e terras a seu legítimo Senhor, El-Rei e Coroa de Portugal.

Aconteceu em tempo do governo deste governador um caso digno de se contar, para exemplo das mulheres casadas que se atrevem a faltar à lealdade devida a seus maridos: sucedeu que uma chegasse a tirar a vida a seu marido com um machado, estando dormindo. Feitas as legítimas informações, aprendeu-se na cadeia, e como se lhe provou o caso deram-lhe sentença de morte. Como houve muitos peditórios para se lhe perdoar, deixou-se-lhe passar aquele crime; sabendo outra deste perdão, confiada no exemplo, deu muito mau-trato a seu marido, ameaçando-o lhe havia de fazer o mesmo que tinha feito a outra ao seu; deu-se parte disso ao Governador, que mandou prender logo a primeira que já andava solta e livre, e para não servir de mau exemplo aquele perdão dado à instância de devotos, a fez enforcar; e chamando depois a outra em sua presença disse-lhe que se não desistisse do que dizia e fazia, por vida d'el-rei lhe havia mandar fazer o mesmo, com o que ela se aquietou e emendou.

Por aquele tempo, pouco mais ou menos, o padre Luís Figueira chegou até o Gurupá em a aldeia do Xingu, onde como consta pela relação certa de um sargento-mor feita ao padre João Maria Gorsony, missionário da dita aldeia, esteve dias ensinando a grandes e pequenos os mistérios de nossa santa fé, acrescentando as cantigas sagradas ao cabo da doutrina, com que lhe ganharam aqueles bárbaros tanto amor, que querendo-se ele embarcar para saltar ao Pará, e de lá ao Maranhão, sentiram-no tanto que unidos em corpo, homens e mulheres, o foram buscar à canoa, levaram-no em corpo e alma (como se diz) para seus ranchos, para obrigá-lo a ficar em companhia; nem dava outro remédio para se livrar deles senão praticá-los: como estando ele só não podia bem acudir a eles e seus parentes, que todos necessitavam de quem os instruisse e lhes assistisse, assim convinha de todo o modo o deixassem ir, porquanto queria passar-se para o reino para de lá trazer muitos padres missionários para lhes acudir a todos com a maior presteza possível naquela sua necessidade espiritual, em que estavam uns e outros; com que, convencidos, o deixaram voltar para baixo bem contra sua vontade, e ele chegando ao Pará, logo antes das guerras dos holandeses com os moradores do Maranhão, se foi para a cidade de S. Luís, e lá postas as cousas da missão em via e deixado o padre Bento Amadeu por subprior das mais, se embarcou para o Reino, onde tendo ajuntado uns dezesseis sujeitos de prenda, entre os quais era o padre Nicolau Teixeira, então irmão estudante, e depois tão afamado em Portugal pela fundura e clareza de sua doutrina, voltou para o Maranhão com o Governador Pedro de Albuquerque, e se perdeu com quase todos eles nos baixos de Tuijoca, junto à barra do Pará, como mais largamente se dirá em seu lugar, quando se tratar da vinda deste Governador, em cuja companhia vinham, em tempo das guerras dos holandeses e portugueses no Maranhão.

.....

## *Capítulo II*

RELATA-SE A VIAGEM DOS PORTUGUESES PARA  
QUITO E A VOLTA DE LÁ PARA O PARÁ  
COM OS PADRES DA COMPANHIA QUE TOMARAM  
CHEIA NOTÍCIA DO RIO DAS AMAZONAS COM  
SUAS TERRAS, NAÇÕES E COSTUMES, CONFORME  
SE REFERE NESTE CAPÍTULO TIRADO  
DA RELAÇÃO DO PADRE CRISTÓVÃO DA CUNHA

**N**O FIM do governo do Governador Francisco Coelho de Carvalho, mandou el-Rei Dom Filipe, que por então governava o Reino de Portugal, por falecimento de Dom Henrique cardeal-rei, que se fizesse descobrir o famoso rio das Amazonas desde o Pará até o Quito, para ver se por ele se poderia conduzir a prata e ouro com mais cômodo e segurança que por outra parte; mas como morrera o dito governador depois de treze anos de seu governo, e fora enterrado em a igreja de S. João Batista de sua Capitania do Cametá, e fora eleito pela câmara em seu lugar Jácome Raimundo de Noronha, provedor-mor, por governador e capitão-geral do Estado, tratou este logo de dar execução às ditas ordens e elegeu para esta empresa por cabo o capitão-mor da tropa Pedro Teixeira, o qual aviado de tudo o necessário à sua própria custa, partiu do Pará aos 28 de outubro de 1637. Iam em aquela tropa quaren-

ta e sete canoas grandes, que além dos mantimentos e munições de guerra, levavam setenta soldados portugueses, mil e duzentos índios, entre os de remo e guerra, os quais com as mulheres e rapazes de serviço, passavam em tudo o número de duas mil pessoas; durou a viagem perto de um ano, assim por causa da força da correnteza do rio, como pelo tempo que forçosamente se gastava em procurar mantimentos para tanta gente, e sobretudo por falta de guias que encaminhassem as canoas em direitura e sem rodeios. Os índios enfadados de uma tão prolongada viagem, dos grandes incômodos dela, começaram a voltar para as suas casas alguns deles, e para que os mais não seguissem o seu exemplo, usou o Capitão-Mor Pedro Teixeira do seguinte: fingiu que estavam já perto do fim de sua navegação, estando não mais que no meio dela; para isto mandou oito canoas bem equipadas e providas de soldados, mantimentos e munições como aposentadores das demais, assegurando-lhes por cabo a Bento Rodrigues de Moreira, filho do Brasil, grande língua, e por esta razão estimado dos índios, o qual logo se foi caminhando diante, e depois de vencer muitas dificuldades, chegou a 24 de junho, dia de S. João Batista do ano 1638, ao porto do Paiamó primeira povoação dos castelhanos da Província dos Queixos; o Capitão-Mor Pedro Teixeira sempre foi seguindo os seus aposentadores e amigos que o deixavam desta maneira; chegaram ao rio Aguarica que dá princípio à Província dos Encabelados, e porque lhe pareceu esta paragem aprazível e cômoda, mandou que o Capitão Francisco da Costa Favela lá ficasse até outra ordem sua, com parte da gente que lhe apontou ficando em sua companhia o Capitão Pedro Saião com outros mais; e ele acompanhado de Fernando Mendes Gago, foi-se em seguimento do Capitão Bento Rodrigues, ao qual não alcançou senão em Quito, chegado já uns poucos de dias antes de ele chegar. Foram recebidos uns e outros com grande gosto e louvores, assim dos eclesiásticos, como seculares; não houve religião que não desejasse que alguns seus os acompanhassem na volta para o Pará. Informada a Audiência Real de Quito das razões desta embaixada, deu logo aviso ao Viso-Rei de Peru, o Conde de Chinchón, o qual depois de consultar tudo muito bem com os principais da cidade de Lima, resolveu que voltasse logo o Capitão-Mor Pedro Teixeira para o Pará,



dando-lhe todo o necessário para a viagem para que não tivessem falta tão valerosos soldados naquelas terras tão infestadas dos inimigos, os holandeses, e mandou que podendo ser os acompanhassem duas pessoas religiosas de satisfação e préstimo, para poderem tomar e dar inteira notícia do rio das Amazonas, suas alturas, seus ares, seus moradores, suas terras, e tudo mais a Sua Majestade el-Rei Católico Dom Filipe que para este intento os mandava.

Acudiu a Real Audiência de Quito que fossem a par duas pessoas da Companhia de Jesus, e disse se deu aviso ao padre provincial Francisco de Fuentes, o qual agradecendo à Real Audiência a honra que à Companhia fazia, nomeou o padre Cristóvão da Cunha, reitor atual do colégio de Cuenca, o ao padre André de Artieda, leitor de Teologia no Colégio de Quito, e os propôs à Audiência Real, a qual muito agradecida mandou uma provisão real, para tudo.

Partiram juntos aos dezesseis de fevereiro do ano 1639, dando princípio à sua viagem que durou dez meses até o Pará.

Chegados que foram ao despenhado do rio Corá, logo deram com os portugueses que a pé quando tinham esperado com mil incômodos, no braço do rio dos Encabelados, assim chamados pelo grande cabelo que trazem, assim homens como mulheres; suas armas são dardos, suas casas feitas com curiosidade guardam os mantimentos ordinários do ano todo; têm guerra contínua com os senhores, becabas, tamas, chufias e ramos defronte, para banda do sul; têm outras, no cabo, com aligires, surusuras e zaparazes.

Oitenta léguas mais abaixo, para mesma banda do sul, desemboca o famoso rio Tangurágua que baixa dos Mayoras com o nome de Maranhão; faz-se respeitar de tal sorte do rio das Amazonas, que conter este tido o cabedal de suas águas, juntos descem algumas léguas por seu ordinário curso, dando a que aquele, espriando-se, põe-lhe mais de uma légua de boca, assim pagando-lhe o tributo de suas águas e muito peixe, e até a boca deste rio, não se conhece se ali está o conjunto de dois rios mais principais, um chamado Maranhão e outro Amazonas, como reconheceu o padre Cristóvão da Cunha nesta paragem.

Sessenta léguas mais abaixo começa a melhor e mais dilatada província de todas quantas há por este rio, que é a das águas chamadas

comumente Amazonas, nome impróprio. Tem esta província de longitude mais de duzentas léguas, continuando suas povoações quase à vista umas das outras; tem muitas ilhas povoadas e cultivadas todas; é a gente dela de razão e de melhor gênero, e anda vestida de vestidos de algodão, tecidos com grande arte, sutileza e curiosidade, o com variedade de cores, mui obediente, o que em grande parte deve aos castelhanos mais vizinhos dela. São todos de cabeça chata, pois desde que nascem a metem em uma prensa entre duas tabuinhas; afeiam muito aos homens estas cabeças a modo de mitras, mas não tanto as mulheres em razão do cabelo com que se encobrem. Têm muitos inimigos de uma banda e outra, e são tão amigos de seus escravos que com eles comem à mesa, e falar-lhes em vendê-los é molestá-los quanto pode ser. Cem léguas do princípio desta Província dos Agoas há um grande frio até mês de agosto por haver defronte uma serra chamada Paramó pela terra dentro para o sul, a qual é coberta de neves, causa daquele frio desde junho, julho até agosto. Dezesseis léguas das águas para banda do norte desemboca o grande rio Putomayo, bem conhecido por caudaloso no governo de Popayan, porque antes de desembocar em o rio das Amazonas, entram nele setenta caudalosos rios. Habitam este distrito muitas nações, jurunas, gwaitacus, jacatiguaral, parianaz e outras; cinqüenta léguas desta boca na parte contrária entra outro rio caudaloso em três graus e meio chamado Getau, muito nomeado por suas riquezas; as nações que o habitam são tipunuz, guanareis, ozuanas, miuruaz, marianaz e outra gente rica de ouro, que traz pranchetas de ouro nas orelhas e no nariz. Quatorze léguas da boca deste rio está a última povoação da relatada Província dos Agoas e Alagoas, e vinte e oito léguas mais abaixo do rio Juruá para a banda do sul em terras de barreiras muito altas no princípio, a povoadíssima nação dos curiciraris que, seguindo sempre uma ribeira, corre por espaço de oitenta léguas em povoações tão continuadas, que apenas se passam quatro horas sem encontrar outras de novo.

Habitantes mais esquivos, se bem não mostram menor política, assim pelos muitos mantimentos, como pelas alfaias de suas casas, têm suas barrancas excelente barro do que fazem fornos, panelas, alguidares e muitos outros gêneros de louça que vendem às outras nações. Os por-

tugueses em subida para Quito chamaram à primeira aldeia desta nação aldeia do Ouro por ter achado nela pranchetas do ouro que, na descida dos portugueses para o Pará, os índios e índias traziam em as orelhas e narizes, averiguando-se donde tiravam esse ouro, responderam que defronte da aldeia algum tanto à riba, subindo para a banda do norte estava a beira do rio Yurupuei, e que subindo por ele e atravessando em certa paragem três dias de caminho por terra até chegar ao rio chamado Japurá, se entrava por ele em o rio do Ouro que se chamava Iquiari, onde do pé de uma serra tiravam os naturais esse ouro em grande quantidade. Esta aldeia do Ouro é aquela em que se pôs os marcos dos últimos limites marcando por aquela banda até onde ultimamente é termo das missões da Companhia de Jesus para a do sul; quatorze léguas da aldeia do Ouro para banda do norte está a boca do rio Japurá, que é o por onde se entra no rio do Ouro, o é a parte mais certa para entrar a serra do Ouro, e está este rio em altura de dous graus e meio.

Na mesma altura para banda do sul quatro léguas mais abaixo está a boca de um caudaloso e claro rio chamado Tapi, tem uma povoação sobre uma grande barranca, e por suas ribeiras em cima muitos gentios chamados paguanas; são terras altas com campinas belas para gado vacum. Vinte e seis léguas deste rio Tapi, está a bocaina de outro rio chamado Catuá, e formando um grande lago de água verde, nele descansa de seu dilatado curso; à terra dentro, para a banda do sul habitam muitas nações como nos mais rios. Porém, mais avantajado em nações e muito diferentes, há outro rio chamado Araganatuba, seis léguas mais abaixo, que entra para a banda do norte, chamam-se estas jagoanais, muenes, mapianas, hurunas, e outras muitas, todas de línguas diversas, e pelas notícias que há é que dele para parte do novo Reino está o lago Dourado desejado, e que tem os ânimos de todo o Peru e outras nações inquietos[...] léguas deste rio entra outro que também se chama Aragoanitiba por ser braço do primeiro; vinte e duas léguas mais abaixo deste último braço acaba a dilatada e rica nação[...] que goza dos melhores bocados de terras de todo o rio das Amazonas. Duas léguas mais abaixo, começa a mais afamada e buliçosa nação de todo o rio das Amazonas; está para banda do sul chamada Ierimam ou Solimões; está a primeira povoação desta província situada na boca de um rio cristalino que mostra ser muito caudaloso, e é povoado de muitas nações; vinte e duas léguas da

primeira povoação, está a maior povoação que ocupa como suas casas uma légua, vivendo os casais em uma casa com abundância de mantimentos; são os solimões temidos por seu valor, ou mais por sua multidão, porém não os temeram, como há pouco, os nossos missionários aos quais cabem em repartição. Duas léguas mais abaixo acaba esta província, e passadas outras duas desemboca pela banda do sul um famoso rio chamado Cuxiguaré, navegável, se bem tem algumas pedras, é abundante em peixe e tartarugas, mandiocas, milhos, e todo o necessário para a vida; de povoado para riba além dos cuchienas, do cumaiaris, guaquiaris, carucuras, e outras muitas nações das quais a última é dos cariguares, que dizem ser agigantados de dezesseis palmos de altura, mui valentes, com grandes patanas de ouro nas orelhas e narizes, mas distantes dos meses de navegação dos cachigueiras, e mariabanos; para banda do sul correm os caripunás e curinas, gente muito curiosa para lavrar obras de mãos, como bancos e coisas semelhantes, tão delicadas e curiosas, feita sobre tudo um idolozinho tão ao natural, que poderia dar lição aos nossos escultores.

Trinta e duas léguas do rio Cucaiguará para banda do norte desemboca o rio Bocururu, que, dividindo a terra para dentro em grandes lagos, a tem repartido em muitas ilhas, as quais todas povoam infinitas nações; tem terras altas que nunca se alagam, muito fecundas de mandioca, milhos, frutas, caças, peixes; chamam-se estas nações todas em geral carabuianas, suposto todas têm seu próprio nome, usam comumente arco e flechas, e dizem compram suas ferramentas dos naturais que moram mais perto de uns homens brancos, sitios mais juntos ao mar.

Ainda não trinta léguas mais abaixo de Vesururi para mesma banda do norte em altura de quatro graus entra em o rio das Amazonas o mais famoso rio que lhe rende vassalagem, mas tão poderoso em sua entrada que tem légua e meia de largura, e como recusando de se lhe sujeitar, corre ombro com ombro com ele, e senhoreando-se da metade do rio todo, ora acompanhando mais de doze léguas, distinguindo-se claramente das águas do rio das Amazonas, porque sua mesma clareza e muita profundidade fazem que pareçam negras suas águas e assim o chamam os portugueses rio Negro, que corre do oeste a leste; os naturais, o chamam Conivacorú, outros o chamam Cutana, que quer dizer em sua língua água negra e vem entrando para banda do sul. Há nele grandes

províncias de várias nações e todas usam de arco e flechas; suas terras são altas e fecundas, com campinas de pasto para muito gado, o peixe não é tão bom como o do rio das Amazonas, mas pelos lagos que ocupam a terra a dentro, são muitos e bons. Tém belos sítios para fortalezas com pedra para elas, se bem julga o padre Cristóvão da Cunha seria melhor umas muitas léguas à riba em o braço que entra em outro rio grande. Quarenta e quatro léguas mais abaixo, desemboca da banda do sul o famoso rio da Madeira, assim chamado pela muita madeira e grossa que trazia com suas correntezas; os naturais o chamam Cuiari. Moram nele muitas nações, e dizem que por ele se pode chegar ao Potosi, e o nome Cuiari mostra que ele desce do Peru, sendo esta palavra Cuiari de língua Inca que significa – ama-me, – com que esse gentio significava seu rio tão belo que provocava o seu amor. O primeiro missionário deste rio foi o padre João Ângelo Romano, que com o padre José Barreiros assistiu nos irurizes, e por se achar muito doentio se pôs residência na entrada em a aldeia dos Abacaxis, cujo primeiro Missionário desde o ano 1696 até hoje, véspera de S. Miguel, é o padre João da Silva, que lá esteve só um ano, e agora levou consigo o irmão Antônio Rodrigues por companheiro. Vinte e oito léguas da boca do rio da Madeira, está uma formosa ilha de sessenta léguas de largo e conseqüentemente mais de cem de circuito, povoada antigamente de tupinambás, muito valentes descendentes dos que das conquistas do Brasil e terras de Pernambuco saíram fugindo do rigor dos portugueses e foram tantos que despovoaram oitenta e quatro aldeias, não deixando criatura viva, chegaram alguns deles a encontrar-se com os castelhanos do Peru em as cabeceiras do rio da Madeira, com os quais estiveram algum tempo, e porque um espanhol açoitou um por lhe ter morto uma vaca, se ausentaram todos pelas correntezas primeiras do rio da Madeira; vieram dar nesta ilha que habitavam ainda quando os portugueses vieram de volta de Quito no ano de 1639; disseram ao padre Cristóvão da Cunha que como saíram tantos, não podendo se sujeitar juntos por aqueles sertões, se foram repartindo por todo o rio abaixo que pelo menos terá mais de novecentas léguas, ficando uns em umas terras outros em outras.

São os tupinambás gente briosa na guerra, que bem mostraram os daquela ilha, que sendo menos que as outras nações do rio, contudo tiveram guerras sujeitando e consumindo nações inteiras e obrigando

outras a buscar terras estranhas. Disseram que para banda do sul havia outras nações, uma de humanos pequenichinhos chamados guaiacis, e outra de gentio que tem os pés às avessas, de sorte que, quem os não conhecendo quisesse seguir seu rasto caminharia sempre pelo contrário deles, chamam-se mataieces, das achas de pedra, que continuamente lavram para cortar árvores, e são tributários dos tupinambás.

Diziam mais esses tupinambás que defronte para o norte estão continuadas sete províncias de gente fraca, que só de frutas e alguns animalzinhos se sustentam, sendo que não têm guerras entre si, nem com outras por valerem pouco, com o que os outros não fazem caso deles, e afirmam que com outra nação não era assim; com estes tiveram pazes muito tempo tendo com eles comércio, principalmente de sal que lhes traziam, dizendo-lhes que vinha de terras vizinhas às suas.

Aqui confirmou o padre Cristóvão da Cunha a notícia que tinha das Amazonas, das quais desde seu princípio tomou este rio seu nome, e assegura que pelo rio do Conduriz, que está trinta e seis léguas abaixo da ilha dos tupinambás para banda do norte, ou depois da nação dos conduriz, segue a dos apantos e atrás destes, a dos tagoariz, depois a dos guaicares, e finalmente a das amazonas, imediata à dos guarares, onde tinham estas mulheres sua habitação, entre montes e grandes serrarias, das quais à mais alta e sempre descalsada chamam Zacamiaba.

Diziam que eram estas mulheres de grande valor, que sempre se conservavam sem ordinário comércio de homens, ainda que, quando por concerto com elas vêm das suas terras uma vez no ano, os recebem com as armas em as mãos que são arcos e flechas que disparam, até que satisfeitas pelo conhecido, acodem todas às canoas dos hóspedes, e cada uma toma uma rede que acha mais à mão, levam-nos para a sua casa, e amarrando-a em parte onde o dono a conheça, recebe-o por hóspede aqueles poucos dias, com que pela carne determinam o hóspede por marido. Depois de dias determinados, voltam eles para suas terras e com eles mandam os filhos que lhes nasceram aquele ano, ficando com as filhas por serem estas que hão levar adiante o seu valor e costume de sua nação; isto disse um índio que sendo pequeno tinha ido com seu pai a esta entrada, porém outros dizem e é mais certo, que matam os machos que lhes nascem guardando só as fêmeas. Tem o padre Cunha por cousa

como certa haver amazonas pelas notícias tão averiguadas por tantas pessoas.

Estando eu missionário no rio das Amazonas e informando-me da verdade, disse o irmão padre João da Silva Domingos Barbosa que lhe contara um índio, como fosse ter com elas, e o levaria se quisesse ir lá, acrescentando iríamos ambos se eu quisesse; a que respondi que com uma boa tropa de brancos iria, e não de outro modo porque sem isso não se podia tratar da salvação de suas almas. Diz Plutarco na vida de Alexandre Magno, que não houve mulheres amazonas de que fala Quinto Cúrcio, e me parece que também as não há nesta nossa América, mas se chamariam Amazonas às mulheres daquela paragem por andarem à guerra e pelejarem contra seus inimigos com grande ânimo e valor em companhia de seus maridos, como bem diz Laet.

Aqui se funda o padre Manuel Rodrigues na história da missão do Maranhão, para dizer que dos Conduriz só se pode chamar o rio das Amazonas, e por cima se deve chamar do Maranhão, mas vai contra a correnteza dos outros, e assim terá poucos que o sigam, ao menos dos que têm notícia do que se trata.

Passada a boca do rio dos Conduriz ou Conuriz como o chama o padre Cunha, vinte e quatro léguas dele deságua outro rio meão pela mesma banda, o qual se chama Richamina, que sai em aquela paragem onde o rio das Amazonas mais se estreita, e é esse lugar apto para levantar fortalezas de uma à outra banda para servirem de atalaia, impedindo passagem aos inimigos; desde a boca deste rio que deita mais de trezentas e sessenta léguas do mar, começam a aparecer as enchentes e vazantes das marés, e aqui mandou el-Rei Dom Pedro este ano 1598 fazer uma fortaleza para tal intento. Não falo em Gurupatiba, Xingu, Paru, Janipapo, Tucujus, ilha do Joanes, Cametá e Grão-Pará, porque já tenho referido o que destas paragens posso dizer. Quarenta léguas mais abaixo para banda do sul desemboca o grande e vistoso rio dos Tapajós, onde tive o bem de ser primeiro missionário de todo o rio das Amazonas, posto pelo padre Antônio Vieira ano de 1661. Tem este belo rio muitas nações pela terra dentro e rios minas de prata, com muita belas terras e mantimentos assim de mandioca, milho, como caça, pássaros, peixe, até peixe-boi e tartarugas; é a nação dos Tapajós gente briosa, mas já toda rendida aos portugueses com a fortaleza que lá se fez. Chegou lá antiga-

mente uma nau inglesa de grande porte, procedendo os ingleses fazer lá povoação para cultivarem tabacos. Os tapajós tendo-lhe dado boas palavras, os acometeram de improviso matando os que estavam em terra e haviam de ter tomado também a embarcação se eles se não fizessem à vela com toda pressa para se retirar. Pouco mais de quarenta léguas do Tapajós para banda do norte, está Gurupatubas da nobre e primeira povoação do Gurupatubas, não de seu rio rico de águas, mas de grandes tesouros, a se dar crédito aos naturais do tempo que por ali passou o padre Cristóvão da Cunha no ano de 1639, conforme já relatei atrás.

A isso os chamam comumente os portugueses todos[...] acabar este sumário da relação do padre Cristóvão da Cunha, narrando que sendo chegado ele e seu companheiro ao Grão-Pará, depois de dez meses de viagem, a saber, deste fevereiro do ano 1639 até dezembro do mesmo ano, depois de terem descansado um pouco de sua jornada, passaram para Castela no ano 1640, partindo do Pará em março para dar contas de sua embaixada, e solicitar meios convenientes para conversão de muita gentildade da que tinham visto pelas ribeiras e ouvido achar-se pelos sertões do dito famoso rio das Amazonas, e no mesmo tempo fez o Capitão-mor Pedro Teixeira um assento aos livros da fazenda real, e outro nos da Câmara da posse tomada, e da demarcação feita por provisão real de Quito da Aldeia do Ouro, para a Coroa de Portugal.



.....

### *Capítulo III*

COMO SE HOVERAM OS PADRES EM A CHEGADA  
DOS HOLANDESES, EM TEMPO DELES NO MARANHÃO

**S**UCEDEU a Jácome Raimundo de Noronha, depois de perto de dois anos de governo, Bento Maciel Parente no ano 1638, por provisão real, tendo vindo antes no ano 1618 por capitão-mor do Pará. Era o Governador Bento Maciel já de muita idade, e pelo quinto ano de seu governo, entrou o holandês no Maranhão e com capa de paz, em modo seguinte.

Chegaram umas naus holandesas em tempo que não havia guerra contra Holanda de que se soubesse no Maranhão, e como por isto se lhes não embargasse a entrada, foram lançar âncora no porto de Nossa Senhora do Desterro, lá saltaram em terra e se encaminharam para banda do forte; viram isso os padres da Companhia de Jesus, e pareceu-lhes muito mal semelhante entrada e por esta razão saíram do Colégio exortaram os portugueses que se confessassem pelo que pudessem acontecer. Como não houve resistência alguma, foram os holandeses direto ao Palácio a prender o Governador, e preso este tomaram posse da cidade toda que naquele tempo consistia em umas poucas de casas de taipa de mão, cobertas de pindoba e por que não houvesse alvoroço no povo, mandaram para Pernambuco o governador, o qual pelo mau trata-

mento, faleceu pelo caminho e assim não pôde ser enterrado na igreja de Nossa Senhora da Luz, como tinha deixado por testamento.

Com isso, tendo os holandeses tomado o Maranhão às mãos lavadas, passou o comandante ordem que todos os portugueses viessem dar juramento de lealdade à república do Estado de Holanda; obedeceram e juraram todos; só Pero Dasais Biscainho, marido de Dona Antônia de Meneses, recusou jurar, dizendo jurara ao Rei de Portugal e lhe não queria ser desleal.

Ofendido o comandante desta resposta, mandou que jurasse ou fosse enforcado logo, e como elegera antes ser enforcado que quebrar a fieldade à Coroa de Portugal, foi levado à força e estando já ao pé dela com alva vestida, movido o comandante dos rogos dos padres da Companhia e lágrimas de Dona Antônia, sua mulher, lhe perdoou a vida.

Possuíram os holandeses o Maranhão dois anos e meio em paz, estando os portugueses com suas mulheres já repostas em suas casas, porque a princípio muitos deles se tinham retirado para a igreja e casa do Colégio para sua mais segurança; passados os anos referidos, já os moradores do Maranhão concordados com os índios da terra, conjuraram para capitão-mor Antônio Moniz Barreiros e deram sobre os holandeses até os lançarem fora de tudo. O princípio protetor e fim do levantamento foram os que se seguem: Conspirados entre si os portugueses em todo o segredo, foram-se uma noite ao Tapicuru onde guiados de dois holandeses que se tinham posto da parte dos portugueses, investir ao forte por uma porta falsa, de noite, matando os que estavam nela de presídio por estarem dormindo e descuidados, e no mesmo tempo a todos aqueles que estavam repartidos pelos engenhos do rio de Tapicuru, estando de antemão avisados os moradores para esse efeito. Acabados já felizmente os inimigos que estavam pelo rio de Tapicuru, incorporou-se o Capitão-Mor Antônio Moniz Barreiros e todos os que o acompanhavam com os mais que tinham ficado; o padre Benedito Amodocol a quem todos tinham em veneração de tão santo, estava no seu arraial, que tinham para banda de Abatanga e Tajaçuquarati, onde ficavam o mulherio e os meninos, como enquanto os homens faziam suas saídas, ou emboscadas, ou assaltos de guerra. Tinha vindo a sua notícia que o Capitão Sandecim Olander tinha ido com uma esquadra de soldados para banda do Cutim, para apanhar os portugueses que por lá

estavam; mas eles lhe armaram uma tal cilada, que sem embargo de pe-  
lejarem os holandeses caídos nela com muito valor, contudo foram  
mortos quase todos com o seu capitão.

Animados os portugueses com este tão feliz sucesso, marcha-  
ram vitoriosos para a cidade a pôr o sítio aos holandeses, junto à ermida  
de S. João Batista que desde então lá havia, e levantou-se de novo depois  
pelo Governador Rui Vaz de Siqueira na forma em que se vê de presente.  
Lá estiveram sem se obrar cousa digna de se referir até à vinda do so-  
corro do Grão-Pará pelo aviso que se lhe tinha mandado do levanta-  
mento contra os inimigos.

Era capitão-mor deste socorro Pero Maciel Parente, sobrinho  
do Governador Bento Maciel, o irmão de Pero Maciel, João Velho do  
Vale, capitão-mor do Gurupá e superintendente da guerra, trazendo em  
sua companhia cento e trinta homens portugueses, e perto de mil índios va-  
lentes, em quarenta e tantas canoas.

Com este tão grande socorro se incorporaram logo os portu-  
gueses todos, e sem nenhuma dilação foram se situar à noite seguinte no  
convento de Nossa Senhora do Carmo, onde fizeram, trincheira, levan-  
taram baluarte cavalgando artilharia em cima, e dando com ela uns poucos  
de dias bateria ao forte do Convento do Carmo. Partiu o Capitão Pedro  
da Costa Favela a tomar a casa de Antônio Vaz Barla, situada ao pé do  
muro do forte, e ia passando por fora do Colégio de Nossa Senhora da  
Luz, com sessenta portugueses e uns quatrocentos índios, e uma peça  
de artilharia, e estando naquele posto tempo considerável, chegou entre-  
tanto socorro aos holandeses trazido da banda de Ibiapaba, e de abaixo  
de Ceará, constando de muitos soldados, e grande quantidade de índios,  
capitaneados todos por um holandês chamado André Son.

Reforçados e animados os inimigos por este socorro de tanta  
consideração investiram daí a dias contra os portugueses que estavam na  
casa de Antônio Vaz Barla, no canto da sacristia da igreja nova, para a  
banda da rua, e matando-lhe seis homens os obrigaram a fugirem da  
dita casa para o Convento do Carmo, o melhor que puderam por ser ele  
também acometido na mesma forma, ainda que com sucesso muito  
diferente. Tinha falecido em sua casa e cama o Capitão-Mor Antônio  
Moniz Barreiros de doença, e por não fazer tanta falta aclamaram logo  
por Capitão-Mor Antônio Teixeira de Melo, homem de grande prudên-

cia e valor. Este rechaçou os holandeses pelejando assim ele com Pero Maciel Parente, capitão-mor do Pará, e seu irmão João Velho do Vale como uns leões e os índios todos do mesmo modo com flechas ervadas a corpo descoberto com assombro de todos ficando os holandeses com grande perda e destroço de sua gente que sem embargo de ver com seus olhos o lastimoso estrago porfiavam a acometer os muros do convento com seus picões para furar e derrubar se pudessem; com esta gloriosa vitória cresceram tanto os naturais brios dos valorosos portugueses que alargaram suas trincheiras para mais perto dos muros das fortalezas o que vendo os inimigos intentaram matá-los em uma madrugada fazendo uma saída sobre eles mas debalde porque tendo os portugueses posto boas sentinelas ao largo logo os presentiram e tomaram as armas do que atemorizados os holandeses tiveram tão grande medo que até a pólvora e munição deitaram para colherem mais à pressa para dentro. Neste somenos como em razão da muita duração da guerra ia faltando aos portugueses o necessário para ela, retiraram-se para o Cuti onde fizeram uma cilada na qual caiu um capitão holandês por nome João Lucas com grande número de soldados e índios os quais ficaram mortos todos não ficando mais que dois ou três para serem mensageiros de uma considerável ignominiosa perda. Com esta segunda vitória alcançada no Cuti foram-se os portugueses para maior cômodo e segurança da vida fazer o seu arraial em Muruapi junto à aldeia de Taiaçutina tendo em sua companhia o Padre Benedito Amodecol para o bem e consolação espiritual de suas almas e de suas mulheres e filhos. Ali estiveram por muito tempo dando assalto nos holandeses, mas como se foram achando cada vez menos gente para pelejar e com maior falta do necessário para uma tão prolongada e rendida guerra, passaram-se à Tapuitapera e dali se retirou o Capitão-Mor Pedro Maciel, e seu irmão João Velho, capitão-mor do Gurupá, ambos dignos de eterna memória, pelo grande valor com que sempre se houveram nas guerras do Maranhão; com eles também foi a maior parte da gente e passaram-se para o Pará. Foram com eles igualmente Pedro Dasais com sua mulher Dona Antônia de Meneses, e Lourenço de Lira, o qual como parte da guerra e testemunha de vista me referiu todo o que aqui pus neste capitão para lembrança dos vindouros. Retirou-se também o comandante dos holandeses André Son para Pernambuco de onde tinha vindo para o Maranhão. Chegou pouco depois

disso um patacho da cidade da Bahia com muita pólvora e balas, e tudo o mais necessário para a guerra encomendado ao Capitão Padilha para entregar ao Capitão-Mor Antônio Teixeira de Melo; este achando-se com este socorro assim de gente como os demais que lhe faltava, não satisfeito de dar assaltos de longe, como dantes, de Tapuitapera passou com pressa e grande resolução para a cidade do Maranhão para dar guerra viva a peito, e incansável, de dia e de noite aos inimigos, até que os obrigou a largarem o posto, e embarcados irem-se todos por uma vez.

Foi Deus servido levar para si algum tempo dantes o padre Lopo do Couto, e ao irmão cujo nome se ignora, assistindo-lhes o padre Benedito Amodocol, tão santo e superior, com toda a caridade; do padre Lopo do Couto, não sei cousa alguma mais senão que era homem de muita virtude, e tão zeloso português que lhe imputaram[...] os portugueses contra os holandeses; mas foi aleive como se prova claramente pelos papéis que se fizeram sobre isto[...] por um crédito assim seu como da Companhia de Jesus.

.....

## *Capítulo IV*

A VINDA DO PADRE LUÍS FIGUEIREDO DO REINO  
COM DEZESSEIS SUJEITOS, EM COMPANHIA  
DO GOVERNADOR PEDRO DE ALBUQUERQUE  
E SEU TRISTE NAUFRÁGIO NA BARRA  
DO PARÁ E MORTE NOS ARUÃS

**N**OS ÚLTIMOS tempos da guerra do Maranhão contra os holandeses veio do Reino por governador do Estado Pedro de Albuquerque no ano de 1645, com dezesseis religiosos da Companhia de Jesus e duzentos soldados. Como nos princípios da guerra tinha ido a el-Rei Dom João o 4<sup>o</sup> com aviso dela Paulo Soares, informando ele ao Governador do que por então se passava, tratou de acudir com os seus portugueses para tomar fala deles e socorrê-los no aperto e necessidade em que se achavam, e por isso entrou pela baía de S. José, perto do Maranhão, mas como os achou mudados por outra parte, voltou atrás e se foi ao Grão-Pará. Estão na barra uns baixos chamados de Tijoca, nos quais deram pela pouca notícia, ou pela pouca cautela do práctico, de sorte que lhes ficou lugar para acudir ao menos à vida do governador e alguns dos outros mais, para que Pedro Maciel, capitão-mor do Pará, e seus irmão João do Vale, capitão-mor do Gurupá, vindos da guerra do Maranhão em a ilha do Sol, ou Tupinambás, mandasse seis ou sete canoas com Pedro da Costa Avelã, para socorrer o navio que tinha naufragado.

Chegado que foi a ele embarcou-se o governador Pedro de Albuquerque com muita gente, oferecendo-as também cortêsmente ao padre Luís Figueira para se embarcar com seus súditos em sua companhia; porém, dizem que compadecidos os padres de uns dois ou três homens que ficavam ao desamparo, à mercê das ondas que com as enchentes iam levantando e deixando cair a nau até que com a força da freqüência das pancadas se ia abrindo, acolheram com o padre Luis Figueira antes sacrificar suas vidas por caridade do próximo, que faltar naquela necessidade à salvação de suas almas; só dois deles ou como alguns dizem, três, a saber o padre Nicolau Teixeira, o padre Francisco Pires, e um irmão, sendo de outro parecer, vendo as canoas já tão cheias, que os de dentro delas puxavam pelas espadas para impedir a entrada de mais gente, se lançaram em riba delas para segurança de suas vidas.

Partiram-se as canoas e o padre Luís Figueira como os seus tratou de dispor para uma boa morte os que ficavam; feito isso, vendo que lhes não vinha socorro de terra, e que já não havia outro remédio de escapar pelas grandes solapadas que o navio dava nos baixos, em que aberto por todas as partes dava entrada livre às águas que o iam enchendo e submergindo, fizeram umas balsas, ou jangadas nas quais se puseram e assim deixados à mercê das ondas e correntezas da costa brava daquela banda, foram por milagre do Céu dar na costa dos aruãs, gentios bárbaros e bravos, os quais como naquele tempo iam em guerra com os portugueses, os mataram e comeram todos, conforme depois se soube dos que tinham sido mandados pela costa para saber onde estavam, ou que fim tinham levado esses caritativos missionários. Parece que tão gloriosa morte mereciam esses servos do Senhor, às mãos dos inimigos de Deus, tão insalváveis, não podiam ter morte mais gloriosa que morrer por caridade, e pela salvação das almas que vinham buscar, de Portugal a essas terras, e com muita razão se pode dizer deles que as muitas águas não pudera vencer a abrasada caridade que em seus peitos ardia; se bem todos eles merecem eterna lembrança e louvor diante de Deus e dos homens com tudo mais ainda o padre Luís Figueira, que como subprior de todos no cargo, também era superior e tão assim nas letras como na conformada virtude; ele é que no Brasil era o exemplo e o espelho em que se miravam os mais; ele por puro zelo de salvação das almas campôs a arte da Língua Brasiléia, ele que acompanhou o padre Francis-

co Pinto pelas serras de Ibiapaba, derramar com ele seu sangue debaixo de um pau de jucá, ou ibiraçanga, se o Céu o não guardara para cousas maiores; ele foi o primeiro Missionário do Maranhão, e Xingu, o primeiro fundador do Colégio de Nossa Senhora da Luz, que por sua indústria e trabalho edificou; ele era o mestre e consolação da cidade de S. Luís, ele, o primeiro pai e procurador dos missionários, que até em Lisboa foi buscar para os trazer à missão; ele exemplo da perfeita caridade, que todos os missionários desta missão devem imitar, e o segundo finalmente que na ditosa tropa de missionários da América mereceu derramar seu sangue pela salvação das almas, e levar coroa senão de mártir[...] de caridade e humildade maior, pois não há maior caridade que dar a vida por seu amigo.

Chegou o Governador Pedro de Albuquerque à cidade de Belém do Grão-Pará, porém como ficou sentidíssimo de não poder tomar falta com os portugueses do Maranhão, por muita diligência que por isso tivesse feito, e por se lhe ter perdido dezesseis missionários da Companhia de Jesus que trazia para estas missões e salvação desta gentildade, e além disso uns duzentos soldados fora de outra gente do mar, concebeu uma tristeza tão veemente que dentro em seis meses deu com ele na sepultura.

Ficou por nomeação de Pero de Albuquerque, Feliciano Correia por capitão-mor do Pará, e Antônio Teixeira de Melo por Capitão-Mor do Maranhão, onde de chegada tinha concorrido com a guerra, e indo de Pernambuco os padres que tinham ficado, repartiram-se: o padre Nicolau Teixeira se embarcou a ir-se embora para o Reino, onde deu por muitos anos com grande aplauso e fama pela muita clareza de suas postilas que ditava, e como depois de muitos anos de leitor, foi mandado por visitador à ilha Terceira pátria sua, lá ainda o alcancei vivo no ano de 1684, no mês de setembro, quando expulsados com os mais padres do Maranhão para Pernambuco tinha sido mandado para o Colégio da Bahia, para dar conta da nossa expulsão ao padre Antônio de Oliveira, Provincial da Província, e dela, por seu sucessor, o padre Alexandre de Gusmão, para o Reino, para dar parte à Sua Majestade Dom Pedro o 2º e tratar os negócios da Missão, o padre Francisco Pires[...] se foi do Pará para o Maranhão onde depois de trabalhar livremente em o bem das almas dos brancos e índios, acabou gloriosamente morto dos tapuias em Tapicuru, como logo se dirá por mais autêntico.



.....

## *Capítulo V*

DO QUE OBRARAM OS MISSIONÁRIOS EM TEMPO DO  
GOVERNO DO GOVERNADOR FRANCISCO COELHO SARDO,  
E DE SEUS CAPITÃES-MORES QUE DEIXOU  
POR SEU FALECIMENTO, E DA MORTE GLORIOSA  
DOS PADRES EM ITAPICURU

V

IERAM do Reino o padre Manuel Muniz e um irmão, mas acabadas as guerras com os holandeses provavelmente em companhia do mesmo Governador, porque passado ano e meio depois do falecimento de Pero de Albuquerque governador, sucedeu-lhe no cargo Francisco de Carvalho, por alcunha o Sardo em o ano de 1646; e morrendo com quinze meses de governo, deixou a Antônio Teixeira de Melo ainda por capitão-mor do Maranhão, ocupando este posto no Pará Aires de Sousa Chichorro, Cavaleiro do hábito de Cristo, tio de Hilário de Sousa agora nosso capitão-mor no mesmo Pará; em tempo destes todos não se sabe mais senão que os padres missionárias acudiam[...] e índios circunvizinhos em as costumadas missões da Companhia de Jesus; e que sendo capitão-mor Antônio Muniz, por sua grande pobreza e zelo das almas, estando para morrer, deixou ao Colégio de Nossa Senhora da Luz o usufruto de seu engenho que tinha em Itapicuru com tudo que ao mesmo Mu-

niz pertencia, até chegar um filho seu natural à idade de poder governá-lo por si, que no entretanto estivesse com os padres tomando o seu bom ensino, e o engenho foi dado no ano de 1643; à risca da deixa do testamento tomaram os padres posse do engenho, e recolheram a seu filho no Colégio tratando e ensinando como filho do seu benfeitor, e porque o engenho era farto de escravos e bois e outras cousas, puseram os padres nele os seus escravos e bois de sua roça de Achindiba para fazê-lo mais corrente e rendoso.

Para consolação do irmão, cujo nome ninguém me pôde dizer, por este tempo, conforme parece mais provável pelas informações, levou Deus para si o bom padre Benedito Amadeu, já antigo na Missão; era este padre italiano de nação e de tanta virtude que faleceu muito mais carregado de merecimentos que de anos de vida não é crível quanto bem disseram dele todos os que o conheceram, afirmou-me o sargento-mor[...] de Tapuitapera que o vira com seus olhos em oração cercado de luzes, quando estava fazendo a oração de noite em seu cubículo, e acrescentava lhe parecia o haviam achar inteiro quando o desenterrassem. Foi enterrado debaixo da lâmpada da capela-mor da igreja de Nossa Senhora da Luz no Maranhão, bem no meio do Cruzeiro dela e de uns tijolos em forma de estrelas e foi tanta a extrema de sua santidade entre todos de seu tempo, que até as senhoras o chamavam santo, à boca cheia, com brados da muita caridade com que as acompanhara, e as consolara em tempo das guerras dos holandeses, quando fugidas andaram desamparadas pelos matos onde o iam espreitando, e o viam cercado de luzes, levantado no ar posto em oração. O pouco cuidado dos primeiros padres em apontar as coisas de mais de memória, foi causa de não poder eu alagar-me mais em seu louvor, basta-me dizer que era Benedito por nome, Amadeu por sobrenome, para eu dizer-lhe o que se poderia dizer, porque não há maior cousa que ser Benedito, e juntamente amante de Deus, e por ser ainda hoje como ele era por testemunha de todos não tomou nome, mas também na realidade a olhos e boca cheia o publicam por santo, dizendo dele muitos louvores, etc[...]

.....

## *Capítulo VI*

DA MORTE DOS PADRES EM TAPICURU EM TEMPO  
DE LUÍS DE MAGALHÃES, GOVERNADOR

**E**M TEMPO do Governador Luís de Magalhães que em o ano 1649 sucedeu e governou quatro anos, sucederam as mortes dos padres Francisco Pires, Manuel Muniz, e o irmão Velho, e de um irmão, que os tapuias uruatis com seu principal Botirão mataram no Itapicuru. A ocasião foi a seguinte.

Tinha o padre Francisco Pires mandado açoitar uma escrava por seus desmandos em matéria do sexo, do que ficou tão sentida, que fugiu para os uruatis seus parentes; queixou-se do castigo que se lhe tinha dado, estes, como gentios bárbaros que não sabem ponderar as culpas naquela matéria, por viverem sem razão como animais do mato, imitados do que haviam de ter por bem feito, propuseram tomar vingança tirando a vida aos padres; com este mau intento foram-se um dia para o engenho com seu principal Botirou armados de seus arcos e flechas, e sobre isso de suas ibiraçangas, que são os paus com que quebram a cabeça, chegaram ao engenho em tempo que lá estavam todos os três com uns quatorze homens brancos postos na casa de purgar, avisaram estes aos padres da chegada dos tapuias armados, dizendo-lhes não parecia isto bem; os padres acostumados de ver lá aquele gentio não fizeram caso,

parecendo-lhes que com um tiro de espingarda os afugentariam todos mormente em tempo que se achavam tantos homens brancos na fazenda. Foram-se os tapuias dispondo, entretanto, pelo terreno com não usada ousadia, o que vendo os portugueses que estavam na casa de purgar, dispararam uma arma de fogo sem bala, não mais que para lhes meter medo e fazê-los retirar; eles como vinham com mau intento e cheios de vingança em vez de se retirarem, vendo que com o tiro pegara fogo na casa coberta de palha e se ia queimando toda, animaram-se e dando urros investiram à casa fugindo os brancos todos, ficando os três padres como inocentes cordeirinhos nas bocas dos lobos, os quais lhes quebraram as cabeças recebendo eles os golpes postos de joelhos e com as mãos juntas, pois a um deles mataram estando desta sorte entre umas paroleiras, ao outro junto ao rio para se embarcar em uma canoinha. Pareceria essa morte desastrada a alguns que não consideram a ocasião dela; porém sabendo que a ocasião e não foi alguma culpável ação, mas um justo castigo dessa escrava desonesta e desaforada naquela parte para sua emenda e salvação de sua alma, não se pode dizer senão que foi morte gloriosa do acatamento divino e um modo de martírio padecido pela virtude da castidade e justiça. Mortos os padres com tanta crueldade, vendo-se os bárbaros vitoriosos terem saído com a sua vingança, cativaram alguns escravos que lhes pareceram, e se não tinham acolhido para os matos ou para o rio, e entre eles estava uma Maria a qual depois de ter sido no sertão mulher ou para melhor dizer manceba de um principal, voltou para o Maranhão, e vive ainda hoje na roça de Mamaiacu do Colégio de Grão-Pará. Logo que na cidade de S. Luís do Maranhão tiveram notícia da morte dos padres do Colégio de Nossa Senhora da Luz, foi a justiça com seus ministros ao engenho para tomar conhecimento de tudo, e achando os três padres mortos pelos tapuias uruatis, enterraram-os lá na igreja da fazenda por se não poderem levar ao Colégio e fizeram inventário do engenho, e de tudo que nele acharam. Tomou entrega do que lá havia pertencente ao engenho, o testamenteiro do defunto Antônio Moniz Barreiros, que tinha sido casado com Dona Jerônima, um Antônio Roiz Gama, e não foi possível acudir tão depressa que se não tivessem perdido várias cousas, principalmente papéis tocantes às fazendas dos padres, vendeu-se o engenho na praça e o arrematou o sargento-mor[...] sem embargo de estar vivo Antônio Moniz, filho na-

tural do senhor dele, o qual[...] vivo muitos anos, até que feito superintendente da casa-forte sobre o rio Negro, faleceu já de muita idade.

O matador dos padres foi o principal dos uruatis por nome Botirão, cujo filho de menor idade foi de outros cativado e dado aos teremembés, os quais o deram ao padre Pedro Luís, subprior da missão. Este o dedicou a Nossa Senhora da Vitória para lhe servir em sua igreja do Maranhão, onde, sendo eu reitor do Colégio, foi ele entregue em tempo.

.....

## *Capítulo VII*

PERSECUÇÃO E DOENÇA DO PADRE JOÃO DE SOUTO-MAIOR,  
E SEU COMPANHEIRO COM A CONTINUAÇÃO DOS GRANDES  
TRABALHOS DOS DOUS MISSIONÁRIOS, E COM A UMIDADE DO  
SÍTIO EM QUE MORAVAM, EM UMAS LIMITADAS CASAS DE  
UMA CASTA DE PALHA QUE CHAMAM PINDOBA,  
LHES ORIGINANDO UMA MUITO GRAVE DOENÇA,  
A QUAL AJUDOU MUITO ASSIM PARA SEUS PRINCÍPIOS  
COMO SEUS AUMENTOS[...] COM QUE O TRATAVAM  
ALGUMAS PESSOAS DE AUTORIDADE

O

CAPITÃO-MOR Inácio do Rego e o sargento-mor das armas, com o vigário-geral Mateus de Sousa, sendo dantes amigos, como viram as cartas e provisões d'el-Rei Dom João IV em que encomendava muito particularmente a esses missionários o trato espiritual dos índios, e de toda a gentilidade do Estado do Maranhão, trocaram por seus interesses a amizade em persecução, por temerem que os índios fossem testemunhas de vista de suas violências com que vexavam as aldeias e moradores delas, seguindo as rajadas de seus interesses; porque, como constou de uma certidão jurada que está assentada no cartório do colégio, o vigário-geral da Matriz, Pedro Teixeira, antigo nesta conquista e os governadores e capitães-mores tinham morto, assim em

seus serviços violentos, como nos cansados descobrimentos e guerras injustas, perto de dois milhões de índios forros; e como estes homens andavam cegos de sua insaciável cobiça, arrecearam-se que os missionários, além de serem testemunhas de vista de suas tiranias, lhes atalhassem ou ao menos lhes pedissem parte dos índios para darem a escolha aos padres em suas missões; e assim todos esses três sobrenomeados por esse pressentimento, trataram de os atemorizar de noite com vozerias ao redor das casas em que moravam, dizendo: Morram, morram, pereçam os urubus; denotando com esse nome de um pássaro a modo de corvo de Europa os padres da Companhia de Jesus, os quais ainda suposto que recebiam essas pragas com gosto, palavras de Cristo, seu Divino Mestre, na alma, contudo ficavam muito molestadas no corpo pela[...] que com isso iam tomando grandes[...] e porque não acabavam, nem davam lugar de descanso essas tão desentoadas gritarias do inimigo infernal, recolheu-se o padre João de Souto Maior com seu companheiro[...] Cardoso ao Convento de Nossa Senhora das Mercês, no qual foram agasalhados com muita caridade. Grande foi o sentimento de toda a Cidade pela[...] de seus missionários, e todos os estados tirados, uns poucos deles, assentiram por excesso; portanto, começaram muitas matronas graves a fazer várias depreciações públicas pelas igrejas por sua saúde, que Deus Nosso Senhor foi servido conceder-lhes por então, para dar depois uma morte mais gloriosa com a falta de todo o regalo ao padre João de Souto Maior no sertão dos Paniases, onde seu zelo e obediência o tinham levado, como depois largamente se dirá em seu próprio lugar.

Porém Deus Nosso Senhor, tendo dado saúde a seus servos, fez que esses adversários acabassem a vida não muito tempo depois, porque o capitão-mor faleceu de súbito[...] com grandes indícios de sua condenação, tendo de próximo impedido uma missão gloriosa que os missionários desciam do sertão, mandando por seus interesses[...] os índios novos que estavam para ir, e tendo quase vendido alguns por tabacos e açúcar.

Daí a quinze dias, morreu também o sargento-mor, e seguiu o vigário-geral; porém este, entrando em si, conhecendo o seu erro,

chamou os padres missionários e com eles se retirou para sua aldeia dos índios que tinha na Capitania do Cameté, onde feita uma boa confissão, com grande dor e arrependimento de seus pecados, dando esmolas aos pobres e fazendo-se depois peregrino[...] padres missionários da Companhia de Jesus. Relataram-se aqui aqueles castigos do Céu mandados sobre aqueles primeiros perseguidores da missão, ainda postos em seus princípios para retirar a ousadia de seus vindouros, para que escarmentados em cabeça alheia não se arrojem a semelhantes ações tão perniciosas à conversão da gentildade e salvação das suas almas próprias. Ora, assim como relatei que trataram mal estes dois servos de Deus, para os vindouros os não imitem à vista do castigo que deu o Céu, quero também referir os que lhes fizeram bem para engrandecimento e memória eterna de sua muita caridade. Enquanto os padres não tiveram cômodo dava-se-lhes de comer em casa de Antônio Lameira da Franca, por sua mulher Dona Cecília de Mendonça, e suas filhas Dona Maria, Dona Violante, Dona Ana, assim quando estavam sãos, como quando estavam doentes no Pará, e Dona Isabel e Manuel Pires Freire de Andrade, compadres do padre Benedito[...] lhes davam de comer e tratavam de sua roupa no Maranhão.



.....

## *Capítulo VIII*

DA CHEGADA DO PADRE FRANCISCO VELOSO  
COM SEUS COMPANHEIROS DA PROVÍNCIA DO BRASIL  
À MISSÃO, COM O QUE OBRARAM NAQUELES PRINCÍPIOS

**E**STANDO o padre João de Souto-Maior com esperança certas de algum socorro de Manuel não só do Reino como da Província do Brasil, como achavam o sítio em que moravam para a banda do mato muito úmido e por isso pouco sadio, tratou logo de procurar outro mais enxuto e mais cômodo e sadio; pareceu-lhe o melhor de todos aquele em que hoje neste tempo presente está edificado o Colégio de Santo Alexandre junto ao Forte, na vista e perto do mar, lavado dos ventos, tanto que outro nenhum de toda a cidade procurou licença para tê-lo, e não deixou de achar grandes obstáculos para essa, mas todos venceu-os sua singular indústria e habilidade para que se lhe concedesse d'el-Rei e seus ministros, sem embargo de muita vizinhança da fortaleza real da Cidade; com isto comprou o sítio a um certo Gaspar[...] Cardoso, casado com Joana de Melo, que faleceu este ano 1697 nesta cidade; lançou as medidas dos alicerces e obras, para o colégio, e começou a abri-los perto do sítio de uma ermidezinha assistiu a Câmara e os que dantes tinham feito maior oposição em lançar as suas primeiras pedras;

não se fez por então mais que uma choupana e igrejinha de taipa de mão que durou até o ano de 1668, em que o padre Francisco Teles superior da casa mandou fazer a que serve de presente, ficando a casa para se acabar depois, como se acabou o primeiro lanço dela, que vai do leste a oeste, em tempo da visita do padre visitador Francisco Gonçalves, sem embargo ter ele sido de parecer que se não fizesse casa na cidade, mas somente uma boa residência da aldeia de Carnapió, para aí se ajuntarem os Manuel de tempo em tempo a virem para consultarem e resolverem suas dúvidas que se lhes oferecessem pelas missões, e se curarem dos achaques e doenças que lá por fora lhes dessem; porém como se fez[...] com pressa pelos que assistiam no Pará[...] o padre Antônio Ribeiro e o padre Salvador do Vale, e se cobriu de telha, deu logo de si por estarem mal encaixados os tirantes, ficando as paredes com abertura quase de um palmo e o teto todo abaixado de sorte que por um milagre do Céu não matou a todos, e foi forçoso tirar a telha e cobri-la de pindoba da terra ficando desta sorte até o ano 1670, como tudo se dirá em seu lugar; entretanto o Senhor João de Souto-Maior andou com os princípios da casa de Santo Alexandre da cidade de Belém do Grão-Pará, visto que no ano 1652 chegam a São Luís, cidade do Maranhão, mandado da província do Brasil, o padre Manuel Nunes com o padre Rafael Cardoso, o padre Bento Álvares e o irmão João Fernandes; foram muito bem aceitos dos moradores desejosos de terem consigo os padres da Companhia de Jesus, assim para seu bem espiritual, como para o ensino de seus filhos e escravos e índios das aldeias; o padre Francisco Veloso, o qual como superior daquele tempo tinha feito limpar a casa e a igreja, e pôr tudo em boa ordem, para lá se poder comodamente morar e celebrar os ofícios divinos e exercitar todas as missões que a Companhia costuma exercitar com os próximos, e suposto que eram muito pobres naqueles princípios, não lhes faltou em nada com amor e costumada caridade; porém os hóspedes que vêm de[...] mais para fora, e por isso necessitam de maior descargo e regalo; e porque com a morte dos padres no Itapicuru tinha ficado a casa sem roça e com os escravos espalhados, e tudo mais em mãos de várias pessoas, puxaram logo pelo inventário e tomaram posse do que nele se achava assentado pelos ministros da Jus-

tiça, repondo cada cousa em seu lugar; e porque Antônio de Gouveia, testamenteiro do defunto benfeitor, o Capitão-Mor Antônio Moniz Barreiros, se alcançou nalgumas cousas pertencentes ao Colégio, fez-se prender até que depois da vinda de outros padres, que também lhe fizeram pleito, fez entrega de umas cousas correndo pleito sobre as mais, nas quais vencido no Tribunal da Ouvidoria do Maranhão, apelou para o Reino onde faleceu, ficando a causa como ultimamente indecisa pelo pouco cuidado dos nossos, que não tinham bem liquidado o que pelo processo pediam, tal como o padre Pedro Poderoso que no ano de 1684, encontramos na Bahia, expulsos do povo do Maranhão, por vermos convenientes compormo-nos com o filho do defunto, chamado José de Gouveia que morava nos currais daquela cidade; fez o padre Pedro Poderoso aquela composição com ele de tal sorte que se repartisse pelo meio entre os padres do Maranhão, e ele ou seus herdeiros, o que dali a pouco tempo adiante se achasse pertencer-lhe, contanto que os padres as cobrassem, e em vigor desta concordata lhe mandou dar, sendo ultimamente subprocurador da missão, cinqüenta mil réis na Bahia, que era a metade do preço de umas seiscentas varas de pano de algodão, que se tinha cobrado de uma dívida pertencente ao dito pleito; achou-se o padre Francisco Veloso no seu governo sem notícia de nossa légua de terra em quadra, que no tempo do padre Luís Figueira tinha sido demarcada pela justiça com marcos de pedra, mas mostraram-lhe os antigos assim brancos como índios que tinham assistido à demarcação; e porque viu que alguns marcos estavam em parte arredados e bulidos, para melhor conhecimento das paragens principais as aclarou com cruces grandes, que duraram muitos anos, e com o tempo também foram bulidas por simplicidade ou maldade de alguns homens pouco afetos, e as achei ainda postas no seu lugar sendo subprocurador da Casa de Nossa Senhora da Luz pela primeira vez, no ano de 1663.

.....

## *Capítulo IX*

DA PRIMEIRA CHEGADA DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA  
COM SEUS COMPANHEIROS À MISSÃO DO MARANHÃO  
E O QUE OBRARAM EM ELAS

**T**ENDO o padre Antônio Vieira, pregador mais afamado d'el-rei Dom João o 4º tido notícia da falta de Manuel na missão do Estado do Maranhão, movido de Deus Nossa Senhora deixar os púlpitos e aplausos da Corte para ir ensinar os primeiros rudimentos de nossa Santa Fé, como outro S. Francisco Xavier, ao pobre e desamparado gentio dos sertões da América, tratou alcançar licença assim do Sereníssimo Rei, como de nosso muito reverendo padre-geral. E não obstante achar grandes embargos em el-Rei que com toda sua Corte o estimava somente, contudo como quem porfia mata caça, solicitou e porfiou tanto que Sua Majestade se veio a render, como ele viu que o que com tanta instância se lhe pedia era de seu gosto e com modo próprio, e da vontade[...] de Deus Nosso Senhor que claramente neste negócio se lhe mostrava. Queria el-Rei para maior ajuda da salvação das almas da gentilidade de seu Estado, mandar dar renda bastante para fundação de um Colégio, mas o padre Antônio Vieira considerando a muita despesa de dinheiro que naquele tempo das guerras havia contra Castela, contentou-se com trezentos e

cinquenta mil réis para[...] mil soldados de mosqueteiros para cada um, e estes ainda dados com condição que se deixassem de pagar mais quando os missionários tivessem por outra via com que passar a vida, e que de tempo em tempo enquanto não o tinham, provasse com certidões juradas das pessoas de maior autoridade aquela necessidade em que estava sua Missão. Pagou-se esta tão limitada cônica com as ditas condições nas rendas das bolsas da Bahia e açúcar do Rio de Janeiro até o ano de 1684, tempo em que eu fui mandado para a Corte sobre o negócio da expulsão dos padres da Companhia do Maranhão, fiz com Sua Majestade que se retirassem essas condições, e se pagassem todos os anos novecentos e cinquenta mil réis de cônica estável e perpétua, enquanto houvesse trinta sujeitos missionários da Companhia de Jesus no Maranhão.

Despediu-se o padre Antônio Vieira da corte com os seus companheiros Manuel de Sousa e o padre Mateus Delgado, o padre Tomé Ribeiro, os padres Antônio Soares e Salvador do Vale e o irmão Simão Luís e embarcados no porto de Lisboa no ano de 1652, chegaram com feliz viagem à cidade de S. Luís do Maranhão, onde foram recebidos como uns anjos do Céu. Passados os primeiros dias de descanso e visitas, tratou o padre Antônio Vieira que vinha por subprocurador de toda a Missão de pôr correntes todas as funções da Companhia. Instituiu o terço que cada dia pelas cinco horas da tarde depois da classe se canta pelos estudantes e meninos e meninas da escola diante da imagem de Nossa Senhora da Luz, que estava no altar-mor; e porque nunca viesse a acabar-se esta tão grande devoção pôs-lhe confraria com seu compromisso, assistindo sempre dois irmãos com tochas acesas naqueles princípios, e cantando a Salve Rainha e Ladainha pelos músicos de Nossa Senhora das Mercês estando ali um exemplo da Senhora; no cabo mandou também que se continuasse o pleito contra Antônio de Gouveia testamenteiro do defunto nosso benfeitor Antônio Moniz Barreiros, pai de Ambrósio Muniz que morava conosco, ordenou que nos domingos e festas se fizessem andando o padre com a cana na mão, acompanhado dos estudantes com sua bandeira cantando as orações e ladainhas pela cidade, que se visitassem prisões e hospital, ou casa da Misericórdia e mais aos doentes para que não faltasse a nenhuma obra de caridade.

Quis também houvesse sepulcro com o Senhor exposto e pregação; era o sepulcro traçado de madeiras e gradezinhas torneadas, se pintava todos os anos de novo com tinta branca e negra assim e sempre era o mais bonito de toda a cidade sem embargo de muitos anos; no entretanto chegaram ao Maranhão do Brasil, o padre Ricardo Carrea, e em sua companhia o irmão João de Almeida e mais o irmão Marcos Vieira, com este socorro de Manuel pareceu[...] a Casa e aldeia do Maranhão, e para fazer o mesmo no Pará passaram-se para lá. Levou consigo alguns padres, o padre Francisco Veloso e o padre Salvador do Vale para ajudar ao padre João de Souto-Maior e ao padre Gaspar Fragoso com os seus apostólicos trabalhos, alegraram-se todos muito com a sua vinda e os dois padres sobretudo por verem a Deus Nosso Senhor pondo seus divinos olhos naquela tão desamparada missão e gentildade espalhada em grande número pelos dilatados sertões do grande rio das Amazonas. Estavam os padres morando ainda nas casas de pindoba para banda do mato; mas logo levantaram o lanço no corredor antigo como dito fica, e depois de enxuto se mudaram para ele, estando já vindo o padre Francisco Gonçalves, do Brasil, com o irmão João Fernandes e o irmão João de Almeida, francês de nação a julgar de seu ofício, e também o nosso Alonso que tantos anos nos serve de feitor na ilha que está defronte do Colégio do Maranhão e serve de morada para ele e as lavadeiras e o curraleiro do gado que ali se cria para sustento da religião.

Não tinha o Colégio do Pará pátio nenhum, e era a hortaria um salão cercado de uns paus[...] altos a pique, com uma escada de tabuado que corria de baixo[...] entre a porta da casa e a da sacristia para a porta do corredor em riba, a sacristia era uma passagem limitada, na qual estava um caixão dos ornamentos com um crucifixo grandezinho que agora serve[...] de enterrado nas Endoenças na ermidazinha de taipa de pilão e coberta de pindoba, só se achava um altar com o painel de S. Francisco Xavier, que ainda neste tempo está à mão direita do altar para a banda da Epístola.

O quintal se fechou de pau-a-pique, e não tinham os pobres padres Manuel outra cousa com que se sustentarem senão a parte que lhes competia da cônica dos 350 mil reais, que por provisão real se lhes pagava cada ano nos dízimos do Brasil, concorrendo também o padre Antônio Vieira subprocurador da Missão, com os cinquenta mil réis

anuais de pregador de Sua Majestade. A festa do nosso Santo Patriarca Santo Inácio faziam alternativamente dois irmãos da missão seculares, o irmão do padre João de Souto-Maior, Manuel Davi, do hábito de Cristo, e fidalgo dos Livros d'el-rei, e seu camarada Paulo Martins Garro, depois capitão-mor do Gurupá e Grão-Pará.

Concorria Manuel Davi com grandes esmolas para os moradores pobres, dando-as a seu irmão João de Souto Maior para repartir entre os necessitados, com o que havia tanto concurso para suas pregações, como se fora um segundo Vieira, que levava e levou a palma a todos os pregadores do nosso século e muito mais.

Achando-se já os padres Manuel em maior número, repartiram-se pelas aldeias alguns, ficando os mais reservados, uns para assistir em casa acudindo à cidade, e outros para as entradas para os sertões.

Apenas começaram a tratar do governo espiritual das almas que tinha concedido Sua Majestade, até então, quando logo viram por experiência que o espiritual sem o temporal dos índios não bastava para fazer fruto em suas almas e dilatar a missão.

Por essa razão ajuntaram-se, consultaram entre si se convinha fosse algum para o Reino tratar com Sua Majestade para que quisesse conceder ambos os governos, assim temporal como espiritual dos índios, aos padres missionários da Companhia de Jesus.

.....

## *Capítulo X*

DESCE O PADRE MANUEL NUNES À ALDEIA DOS GOJAJARAS

**E**STANDO o padre Manuel Nunes o velho de subprior da Casa de Nossa Senhora da Luz, teve notícia dos gojajaras, que estavam pelo rio do Pinaré à riba postos em suas terras para banda de um sítio que chamam Capitiba, onde ainda de presente moram alguns parentes seus, tratou de os tirar dos matos para os fazer filhos de Deus, e para tê-los mais chegados ao povoado dos portugueses para lhes servirem por seu salário, quando assim lhes parecesse.

Para este fim meteu petição a quem tocava para lhe darem ajuda de custo para essa empresa, e como lhe respondessem que não havia dinheiro, replicou que visto não haver com que o ajudar, lhe dessem licença para descê-los à custa sua, contanto que ficassem para o Colégio de Nossa Senhora da Luz, mas despacharam que muito embora [...]

Com este despacho mandou o padre praticá-los, e eles com desejo de serem filhos de Deus e dos padres da Companhia de Jesus, saíram de suas terras à custa do Colégio, situando-se primeiro umas quatro e pouco depois umas três jornadas da cidade de S. Luís na paragem chamada Itaqui, onde fizeram sua aldeia e moraram anos, indo os padres Manuel doutrinar, batizar e ajudar em tudo todas as vezes que



necessitavam de socorro espiritual de suas almas; era cousa sabida que aquela aldeia era pertencente ao Colégio que comumente a chamavam a aldeia dos padres; e assim nem os mesmos governadores não entendiam com ela; só Rui Vaz de Siqueira em tempo do seu governo mandou lá fazer tabaco, por serem terras boas para tabacais, mas ficaram tão escandalizados os índios daquilo que muitos deles se tornaram para os matos por não quererem por nenhum modo servir aos brancos, visto que nem os padres os tinham até então ocupado em cousa de consideração.

Enfadados depois da paragem em que moravam, desceram uma jornada mais abaixo a um sítio que chamavam Cajipe, para onde levei primeiro o Capitão Pero, sendo eu subprior do Colégio e tendo ido desobrigá-los pela quaresma, neste sítio como tinha ricas terras e boas águas com a fartura de peixe e carne que não faltam por todo este rio e jabutis, fizeram uma bela aldeia com igreja e casa dos padres, e morou com eles por seu primeiro missionário o padre João Maria Gorsoni, com o irmão Manuel Rodrigues, seu companheiro; estes mandaram plantar fileiras de laranjeiras e flores por toda a aldeia, com que arremedava um paraisozinho; e porque viam que lhes faltavam muitos que tinham fugido para o mato com medo dos brancos, mandaram-lhes um seu parente zeloso para praticá-los para voltar; mas porque os índios são de si para tudo muito vagarosos em o que se lhes encomenda, resolveu-se o padre João Maria ir com seu companheiro a suas terras para trazê-los consigo, andaram muitos dias navegando ria arriba sem dificuldade nenhuma, porém depois deram em um exame de folhas mui largas chamado *mururiz* pela língua da terra, que fechava o rio de sorte que impediam a passagem das canoas, e era necessário abrir-lhes caminho à força de braços, machados e foices; vencida esta grande dificuldade chegaram ao porto do caminho que leva para Capitiba, cansadíssimos do muito trabalho que o abrir das mururiz lhes tinha dado.

Descançaram, pois, um pouco e logo deixando as canoas em o mesmo porto, e carregando às costas o altar portátil, a matalotagem necessária para uns cinco ou seis dias com os resgates e dádivas, caminharam umas oito jornadas por terra por matos fechados de espinhos, lagos que davam ali o joelho, às vezes até a cintura até finalmente chegarem a Capitiba meio mortos todos de muito cansaço do caminho,

foram bem recebidos daquele gentio por serem parentes seus os remeiros todos.

Ajuntou o padre João Maria os principais e índios que ia buscar, praticando e contentando-os com algumas dádivas que levava para lhes ganhar a vontade.

Gostavam muito de ouvir que descendo mais se instruiriam eles e seus filhos na Lei de Deus, e se batizariam para se poderem salvar, mas fazia-lhes medo a vizinhança dos brancos que com contínuos trabalhos consumiam os índios, e assim tendo tomado seu conselho entre si, responderam ao padre João Maria que eles o acompanhariam para baixo, com a condição de fazê-los filhos de Deus, e lhes fizesse sua aldeia longe dos brancos aos quais por nenhum modo queriam servir; em isto ficaram, e feita a matalotagem de farinhas, pois pelos matos não faltavam porcos e jabutis, nem peixe pelo rio, vieram-se uns, ficando os outros mais temidos para outra missão. E chegados ao rio logo acharam as canoas da aldeia, que por ordem deixada do padre os vieram buscar com as farinhas necessárias, e assim se desceram sem dificuldade, não lhes dando trabalho senão os meninos e meninas, das quais como de todos tratava o irmão Manuel Rodrigues, com muita caridade.

Vieram-nos encontrar os seus parentes, e com grande festa os receberam e levaram para a sua aldeia, onde o padre João Maria, depois de os ter levado para a igreja, os foi repartindo pelas casas, enquanto não tinham casas próprias em que morar; avisou-me a mim por ser eu então subprior da Casa de Nossa Senhora da Luz, mandei não tratassem de outra aldeia para então lhes mandar umas vinte ou mais peças de ferramenta, para lhes emprestarem quando quisessem fazer suas roças, com condição de as tornar sempre a entregar depois do trabalho.

Sucedeu o padre Antônio Pereira ao padre João Maria em aquela residência de Nossa Senhora da Conceição, em a aldeia de Capitiba, e em seu tempo veio outro lote daquele que tinha ficado em Capitiba, e depois outro, estando eu com cerca de duzentas e mais pessoas que foi buscar o irmão Manuel Rodrigues, e outro o padre Antônio da Silva com o dito irmão em suas próprias terras, e sendo subprior da Missão o padre Pero Luís, e nesta viagem puseram[...]

Finalmente, o padre Pedro Pedroso sendo feito seu missionário acabada a visita os mandou para Maracu, onde estão desde o ano de

1683, pouco mais ou menos, assistindo-lhes sempre um padre missionário com seu companheiro depois de restituídos os padres em o Maranhão por ordem de Sua Majestade, e concedida aquela aldeia ao Colégio do Maranhão pelo mesmo Senhor à instância minha como se verá mais largamente, porque basta o referido para se tomar notícia dos primeiros princípios da aldeia dos guajajaras sobre o rio Pinaré, e conheça-se com quanto direito a possuem os padres, e aos quais se não pode tirar sem grande injustiça, maiormente agora depois que Sua Majestade a concedeu por suas leis reais do ano 1687, e terem-se cumprido todas as condições, enquanto foi possível aos padres Manuel; digo isto porque se apertassem mais com eles hão de fugir todos outra vez para suas terras como dizem muitos deles, que estão em Capitiba, com seus parentes sem quererem tornar para a aldeia de Maria sem mais razão que o medo dos brancos, aos quais não querem servir.

.....

## *Capítulo XI*

EMBARCA-SE O PADRE ANTÔNIO VIEIRA  
PARA O REINO COM O PADRE CARDOSO PARA TRATAR OS  
NEGÓCIOS DA MISSÃO COM O REI DOM JOÃO O 4º

A

CHANDO os padres, assim os do Maranhão, como os que estavam no Pará, que sem o governo temporal dos índios se não podia fazer fruto da Missão, resolveram-se a mandar alguns para o Reino para tratar de uma lei nova sobre o governos deles, e sobre as entradas no sertão para fornecimento das aldeias e escravos dos particulares; e como o padre Antônio Vieira subprior da Missão era o que melhor que ninguém podia tratar este negócio de modo que tivesse o sucesso desejado, por ser pregador e muito estimado de Sua Majestade, foram todos de parecer que ele fosse. Admitiu a eleição e dispostas as cousas assim pelo Pará como pelo Maranhão, embarcou-se com o padre Gaspar Cardoso que ia acudir a seus parentes, indo também em sua companhia Frei José do Amaral e Frei Paulo Barreto, ambos religiosos carmelitas de Nossa Senhora do Carmo, para tomar as ordens no Reino, visto não haver ainda bispo no Maranhão que os ordenasse.

Navegaram com mar bonante até quase às ilhas, quando se lhes levantou uma tempestade tão rija, que batendo às costas da nau com suas encapeladas ondas a fez abrir, e como lançando também algumas para dentro a foi em breve enchendo tanto, que não faltava mais que um só palmo para se ir a pique; estavam já descoroçoados todos que ali iam, sem capitão e piloto sem poderem dar a conselho, chorando todos sua pouca fortuna, e recorrendo cada qual ao santo de sua maior confiança para o remédio.

Animou-os o padre Antônio Vieira a uma boa dor de suas culpas e confissão, conforme o permitiam[...] do tempo e lugar, e fez promessa aos santos apóstolos S. Simão e Judas de lhes mandar fazer uma igreja na missão e trazer para ela suas imagens, parecendo-lhe, como ele dizia, que esses dois santos estavam no Céu muito ocupados, para fazer terem bom despacho as petições dos necessitados; causa espanto valer tanto esta confiança para com os santos apóstolos, quando estando já o navio para ir ao fundo, virou-se à banda, e deu lugar que depois de cortar os mastros se assentassem nas costas dele todos quantos nele iam embarcados, indo desta sorte à mercê dos ventos e das ondas. Quis Deus que passando por acaso uma nau holandesa, compadecendo-se como de naufragantes os tomou e lançou em terra junto à ilha Graciosa, de onde se passaram para a Terceira; lá se detiveram alguns dias até cobrarem forças e fez o padre Antônio Vieira no entanto um rico sermão de Santa Teresa, no dia festivo de sua festa que se celebrava com toda a solenidade, e como era compassivo das misérias de seus próximos, vendo os religiosos e mais passageiros pobres faltos de vestidos, os proveio de roupa nova a todos. Da Terceira se firmam à ilha de S. Miguel embarcar em uma fragata de seu irmão, deixando por onde passava instituída a devoção do terço cantado, a qual ele primeiro tinha instituído no Maranhão.

Chegado felizmente a Lisboa foi recebido assim d'el-Rei Dom João o 4º, como de toda a Corte e de todos com grande alvoroço. Aqui, tendo representado à Sua Majestade as causas de sua vinda, foi logo despachado muito à sua vontade conforme o que pedia, e requeria por bom governo do Estado do Maranhão[...] dos índios e entradas pelo sertão, como se pode ver da lei do ano 1655, da qual ele procurou e trouxe a cópia, de que se trata no capítulo seguinte. Enquanto se despa-

chavam as cousas e negócios, fez na Capela Real estando presente Suas Majestades com um concurso grandíssimo de toda a Corte, aquele admirável Sermão do Semeador, sobre as palavras do Evangelho *Qui seminat seminare semen suum*. Não é crível quanto foi aplaudido e estimado, quanto foi desejada de todos a sua ficada na corte, que sentia privar-se de um tão grande varão. Porém ele a quem não bastavam aplausos das Cortes, mas a salvação das almas pelos dilatados sertões do Estado do Maranhão, estimando ter visto despachados seus negócios a seu gosto, tratou logo com Sua Majestade de voltar para sua querida missão. O Rei desejoso quanto ser podia de sua assistência em o Reino consigo na corte, fez todo o possível para o deter até mandar ordens expressas à Torre de Belém, que não deixassem passar embarcação nenhuma sem licença sua precisa.

Porém como viu pelo grande zelo do padre Antônio Vieira em que solicitava licença para se voltar à sua Missão, que era Deus que o chamava para ela, concedeu-lha com bem grande seu pesar, e assim tendo-se o padre despedido de Sua Majestade toda a corte embarcou-se com sentimento de todos na monção costumada do ano 1655, tendo partido uns dias antes André Vidal de Negreiros, por governador do Estado.

Levou em sua companhia o padre Salvador do Vale, o padre Manuel Pires, o noviço, o padre Pedro Poderoso, o padre Francisco da Veiga, o padre Glo[...] o padre Jácome[...] o padre Paulo da Luz, o padre Manuel de Sousa e o irmão Sebastião Ferreira. Iam também embarcados com ele um padre provincial do Carmo com dois religiosos seus e de seculares Martinho Moreira, cavalheiro do hábito de Santiago com sua mãe Catarina da Costa e três irmãs D. Catarina da Costa, D. Isabel da Costa, D. Branca da Costa, das quais quis fazer aqui menção, não somente por se darem sempre bem com os padres, mas também em razão do sucesso que logo referirei. Chegados que foram defronte da Torre de Belém dispararam-se sobre a embarcação em que iam umas peças com balas não sem algum dano dela; mas como o padre Antônio Vieira mandou ao capitão da torre a licença do Rei *in scripts*, continuou a sua navegação, sem mais embargo nenhum.

Foi tão feliz a sua viagem que dentro de vinte e cinco para vinte e seis dias a acabaram sem nunca mudar vela nenhuma nem faltou

contudo um grande susto que lhes causou a vista de umas naus que lhes pareciam ser inimigos. Aumentou o susto o grande sobressalto de Martinho Moreira, o qual por trazer consigo a sua mãe e três donzelas suas irmãs, dava grande moléstia ao padre Antônio Vieira, botando-se de joelhos diante dele, rogando-lhe o encomendasse a Deus Nosso Senhor para que lhe valesse naquela ocasião, porque se estas naus fossem inimigas não se saberia dar de conselho sobre o que havia de fazer com suas irmãs donzelas senão que prender-lhes uma botija ao pescoço e as deitar ao mar para morrerem antes afogadas diante dos seus olhos, que diante dele afrontadas e desonradas; consolou-o o padre Antônio Vieira e foi Deus servido que as naus desaparecessem, e que eles chegassem salvamento ao porto do Maranhão pelas festas do Espírito Santo, com brevíssima e felicíssima viagem, e porque viram[...] ano 1655 nesta ocasião, as quais

.....  
.....  
.....

# LIVRO III

DO QUE OS PADRES OBRARAM  
DESDE O ANO DE 1655 ATÉ O ANO  
DE SUA PRIMEIRA EXPULSÃO EM 1661





.....

## *Capítulo I*

PUBLICAM-SE AS LEIS, PÕEM-SE OS MISSIONÁRIOS  
DE POSSE DO GOVERNO TEMPORAL E ESPIRITUAL  
DOS ÍNDIOS, REPARTINDO-SE PELAS ALDEIAS

**C**HEGADOS que foram os padres ao Maranhão, onde por então era subprior da Casa de Nossa Senhora da Luz o padre Mateus Delgado, mandou o governador publicar as leis novas daquele ano de 1655 e o padre Antônio Vieira como subprior da Missão assinou logo as residências pondo missionários nelas; e para que soubessem como se havia de governar o temporal religiosamente dos índios que lhes eram cometidos, mandou que cada qual deles tivesse um traslado de sua visita da Missão, feita e aprovada pelo nosso muito reverendo padre-geral, Gosvino Nikel que então governava, o outro traslado da nova lei do ano 1655, encomendando-lhes muito que não em mínima cousa se desviassem do que neles estava pois escrito. Entregou-se a casa do Maranhão ao padre Ricardo Caxéu, homem douto e virtuoso, e holandês de nação, na residência de S. José; em a de Serigipe, da Capitania de Tapuitapera, pôs o padre Mateus Delgado com o Irmão Amaro de Sousa, filho do Maranhão, de poucas letras, com algum ramozinho de mameluco e que

o nosso muito reverendo padre-geral dispensou por grande língua e muito curioso de mãos para quaisquer obras. Para a Missão de S. Francisco Xavier, nas serras de Ibiapaba, mandou o padre Antônio Ribeiro com o padre Pedro Poderoso natural de S. Paulo e grande língua; em a Missão do rio Pinaré e do rio Itapicuru, não se pôs por então ninguém, mas deixaram-se para serem somente de visita, como também a da aldeia de Taiaapurantim ou de S. Gonçalo.

Dispostas assim estas cousas em o Maranhão, passou-se em canoa para o Grão-Pará, e como a Capitania do Gurupi lhe ficava no caminho, pôs lá a Missão e residência de S. João Batista, deixando por missionário dela ao padre Jácome de Carvalho e o padre Manuel Pires, noviço, aos quais pouco depois foram mandados o padre Bento Álvares e o padre Inácio de Azevedo, noviço, um daqueles quatro valorosos portugueses que, estando o holandês em Pernambuco, tiveram ânimo de acometer, estando eles poucos, de noite numa nau, matando as sentinelas e todos os mais, até não ficarem mais que quatorze, os quais, sendo seus companheiros mortos, todos se renderam, ficando quatro portugueses vencedores de muitíssimos inimigos, e apoderando-se da nau, com tudo quanto levava de socorro aos seus em tempo das guerras da Coroa de Portugal contra os holandeses; ouvi dizer como cousa certa que em a aldeia do Gurupi se mostrara o padre Francisco Gonçalves, visitador, com o padre Antônio Vieira, e que acabada sua visita, lhe entregara tudo, e assim devia ser, porque nunca achei outra cousa em esta matéria, nem há que espantar o se acabar tão depressa sua visita, em tempo que a Missão não estava ainda bem formada e havia muito pouco que visitar.

Continuando o padre Antônio Vieira, da Missão foi-se ao Grão-Pará onde também publicadas as leis dispôs a Missão daquela banda em o modo seguinte. Constituiu por subprior da casa de Santo Alexandre ao padre Manuel Nunes; ao padre Francisco Veloso, cometeu os tupinambás antigos que moravam no Guajará, onde também assistiu algum tempo o padre Manuel Nunes como assistiu na aldeia antiquíssima dos índios do Maracanã; para Mortigura, mandou o padre Francisco da Veiga para fazer a residência de S. João Batista em Mortigura. Para o Cametá, mandou o padre Tomé Ribeiro para lá fazer outra residência, a qual por ter a igreja dos brancos que tinha por padroeiro também o glorioso Santo ficou com o mesmo apelido.

Ao Gurupá, mandou o padre Salvador do Vale com o padre Paulo Luís, o qual fez a igreja da residência de Nossa Senhora do Desterro, e[...] aldeia do Tapará, ficando-lhe a de S. Pedro junto à fortaleza do Gurupá.

Finalmente ao Xingu, mandou o padre Manuel de Sousa com seu companheiro e ninguém até ao presente ouviu que quase pelo mesmo tempo houvesse outros missionários por aquelas residências, porque como quer que uns pelo descostume do clima adoeciam, e outros se mandavam com as tropas dar entradas pelos sertões, não era possível não haver muitas mudanças, e essas às vezes em as mesmas casas pelas mesmas razões, e isso tanto assim que me disse o padre Manuel Nunes, o velho, que às vezes por falta de quem ficasse em casa fechavam as portas, e se iam para as aldeias mais vizinhas para acudir a suas Missões; e não era isto só pelo Pará, mas pelo Maranhão como me contou o padre Antônio Soares, um dos daquele tempo, que em aqueles princípios, governando o padre Mateus Delgado fechavam as portas das casas, e saíam para Itaqui ou Tapuitapera, e afirmou-me Lourenço de Lira, escrivão das notas do Grão-Pará, que a ele entregavam as chaves os nossos padres quando para acudirem com doutrina e missa, iam às aldeias mais chegadas à cidade.

Por aqueles tempos se fez também uma residência bela em a aldeia de Maguari, do principal Tomé, pelo padre Manuel Nunes, que depois de assistir lá um tempo, foi assistir em a aldeia de Maracanã, do principal Lopo de Sousa Capaúba, que aquele tempo estava sita em um alto para banda do igarapé do Pajé, donde depois se mudou mais para baixo; e finalmente pelo inconveniente do porto para o centro, onde se acha em o tempo presente; todas essas mudanças houve em vida dito principal, o qual finalmente faleceu, em seu último sítio com os sacramentos da Santa Madre Igreja, sucedendo-lhe seu filho Francisco de Sousa que é o que hoje governa a aldeia com o padre Diogo da Costa, seu missionário.

.....

## *Capítulo II*

VAI O PADRE SOUTO-MAIOR PARA A TERRA DOS INGAÍBAS  
COM A TROPA QUE MANDOU O GOVERNADOR ANDRÉ VIDAL  
PARA CASTIGAR OS ARUÃS QUE TINHAM MORTO O  
PADRE LUÍS FIGUEIRA E OS QUE IAM COM OS NAUFRAGADOS

**C**OMO Deus Nosso Senhor tinha escolhido o padre João de Souto-Maior, não só para ilustrar as cidades com seu exemplo e doutrina, mas ainda para levar a luz de Nossa Santa Fé aos sertões de muita gentildade que há no Estado do Maranhão, foi eleito por missionário do padre Antônio Vieira, subprior e Visitador de toda a Missão para ir aos ingaíbas, em tempo que o governador André Vidal de Negreiros mandou dois cabos com um cento e doze brancos e uns novecentos índios, em umas trinta e sete canoas, para irem castigar os aruãs da costa que tinham morto o padre Luís Figueira e seus companheiros naufragados, e juntamente para fazerem pazes com os ingaíbas em as ilha da terra a dentro, indo por cabo da tropa da costa Agostinho Correia, e da terra a dentro Pedro da Costa Favela. Está a ilha de Joanes, com que compreende as ilhas dos ingaíbas e muitas outras nações, atravessada em o rio das Amazonas, e quase de maior grandeza de terras que todo o Reino de Portugal. Habitam-na sete nações, cada uma de língua diferente e de

maneira que vivendo na mesma ilha, no meio do rio, se não entendem uns aos outros, tendo muitas vezes guerras entre si. Os nomes das nações são: joanes ou sacacas, aruãs, mapuases, mamaianazes, pauxis e bocas, e com serem estas nações todas só seis dias distante do Grão-Pará e povoações dos portugueses, nunca lhes puderam fazer hostilidade alguma, porque conhecendo estes bárbaros que a amizade com os portugueses se reduzia a um dissimulado cativo e o conhecimento, que queriam de suas terras se reduzia a um claro conhecimento de seus igarapés para serem assaltados com maior facilidade, se resolveram a buscar a liberdade por meio de suas armas ajudando-os muito para este efeito o sítio inexpugnável em que a natureza os pôs, porque a maior parte da ilha é de tabocas grossas, que lançam de si tanta quantidade de espinhos tão rijos e fortes que não podem ser acometidos das nações circunvizinhas, e deste labirinto confuso se ajudam para sua defesa.

Várias vezes se empenharam as forças de todo este Estado em destruir estes inimigos domésticos, os quais saindo daquela ilha em canoas ligeiras, continuamente salteavam os moradores e índios cristãos, quando iam para suas lavouras, não se contentando com lhes levarem os escravos e roubarem as fazendas, mas ainda lhes tiravam a vida.

Ajuntavam-se mais a estas razões que estando então apregoada a guerra com os holandeses, tratou-se de fazer pazes com estas nações todas, ou empenhar as forças do Estado para as destruir, pelo perigo que se considerava de qualquer nação inimiga se unisse com esses bárbaros para se assenhorear destas capitânicas; e com todo este poder partiram o padre João de Souto, e o padre Salvador do Vale, por missionários.

Não são críveis facilmente os trabalhos que padeceu, andando a maior parte da ilha, a pé descalço, por aqueles rios com desejo de reduzir aquelas nações ao grêmio da Igreja e amizade dos portugueses, livrando-o Deus muitas vezes dos perigos evidentes e ciladas encobertas dos gentios, em que se meteu em os assaltos que se deram em várias aldeias que ficavam à beira-mar, principalmente quando dividiu o nosso poder em duas esquadras; em uma delas foi o padre; anoitecendo em uma aldeia populosa de Anajás, acharam as casas todas vazias, e a gente posta em fuga pelos soldados e índios da tropa, não imaginando tão inopinada traição; molestados do rigor dos caminhos e inclemência do

tempo se puseram a descansar aquela noite em uma das casas da paz; os bárbaros que estavam de emboscada espreitando os desígnios de nossa gente, se foram ajuntando de várias partes na maior escuridade da noite e, cercado a casa, e repentinamente saíram da cilada despedindo quantidade de flecharia sobre a gente da tropa que primeiro sentiu em seus corpos as setas dos bárbaros, que vissem a cilada que tinham armado. Tudo se resolveu com confusão, assim pela escuridade como pelos gritos e urros dos inimigos e gemidos dos feridos, cada um dos nossos cuidava ser aquela a derradeira noite de sua vida, acudindo o missionário a todos mais pelo remédio de suas almas, que pela liberdade de seus corpos. Em circunstâncias tão apertadas encomendou a todos que com grande contrição pedissem perdão a Deus de seus pecados, e levantando-se em pé acendeu uma candeia que consigo trazia, com ela acesa disse em voz alta e alegre que se animassem que ele queria curar as feridas para que não perecessem ao desamparo. Quando os da tropa o viram com a candeia acesa na mão, começaram todos a bradar em alta voz, que afastasse de si a luz porquanto por ela lhe haviam de fazer o tiro mais seguro, com que infalivelmente acabariam todos a vida, porque usam estes bárbaros de flechas ervadas com peçonhas tão refinadas, que o mesmo é ferirem a qualquer contrário, ainda que seja muito levemente, que perder a vida, e o artífice desta untura sempre é um dos prisioneiros que tomam na guerra, pois só tem dois dias de vida depois de refinar esta peçonha ao fogo, porquanto o fumo dela basta para lhe causar tão apressada morte. Nesta peçonha vão untados os bicos das flechas que hão de levar à guerra para intimidar os seus contrários. Não foi este aviso bastante para encovardar esse coração intrépido, que nunca temeu trabalho nem perigo algum, e logo segurou a todos que à vista daquela luz fugiriam os contrários, porque sempre as trevas fugiram à vista da luz. Tudo o que disse se mostrou logo com evidência, porque os bárbaros vendo aquela pequena luz se puseram em fugida imaginando ser emboscada dos soldados da tropa, os quais ficaram livres no campo. Pondo-se logo com aquela pequena luz a curar os feridos por suas mãos, sem ninguém saber nem conhecer o medicamento com que estancava o sangue e curava as feridas aquela noite, nem o companheiro o viu levar medicamento algum da cabana em que ambos estavam aposentados, mas que uma imagem de Cristo crucificado, que em as missões sempre trazia ao

pescoço, nem aquela esquadra de soldados levou cousa alguma de medicinas, o que se viu foi que todos vieram sãos da cura, e em alguns os sinais frescos em partes perigosas, e algumas setas ervadas com peçonha dos bárbaros. Todos os soldados depois que se incorporaram com a tropa contaram o que aqui se tem referido, afirmando que por meio do padre Souto-Maior os livrara Deus de tão evidente perigo, em que todos infalivelmente acabariam a vida.

Passados três meses de tão excessivo trabalho, não se podendo já sofrer a fome, porque estas nações como esperavam estas hostilidades, não queriam plantar mantimentos, sustentando-se a maior parte do ano de frutas que a ilha produz em abundância, trataram os cabos da tropa do Maranhão e Pará desenganados que estas nações se não podiam domar por força de armas, de algum concerto racional donde vieram a resolver com o padre missionário João de Souto-Maior, por último meio, que mandassem um principal que tinham tomado em primeira aldeia a praticar as outras nações que viessem seguramente a fazer pazes, que dali adiante se lhes guardariam com toda a fidelidade; o índio deu palavra de praticar aos parentes, porém para ser melhor crido dos que já tão pouco se fiavam dos brancos, pediu-lhe dessem um sinal que mostrasse aos contrários: os cabos da tropa lhe deram a ordem do governador em que lhes prometia a paz em nome d'el-Rei com perpétua amizade; não se aquietou o principal dizendo que já se não fiavam de papéis, que lhe dessem outro sinal mais eficaz; com esta resposta ficaram todos confusos, duvidosos, desconfiando do meio que tinham tomado, sentindo ficarem estas nações como dantes, para se vingarem dos fatos passados, salteando a lavoura dos moradores, e os mantimentos dos índios cristãos. Com o que a tropa toda tratava já da retirada para a Capitania do Pará, onde estava o governador, esperando o bom sucesso e fim dela. Em tais circunstâncias perguntou o padre João de Souto-Maior ao companheiro, padre Salvador do Vale, pelos meios que tinham tomado, e ele lhe contou todo o sucesso e a impossibilidade que havia em praticar essas nações, conforme as ordens do padre subprior da Missão, com tanto estrondo de guerra. Então o padre sem responder cousa alguma se virou para o principal tirando uma imagem de Cristo crucificado que trazia ao peito, metendo-a na mão do gentio disse que aquele era o sinal que lhe dava. Alegre o bárbaro com tal penhor, sem demora alguma se partiu a



denunciar por todas as partes a paz prometida, voltando-se logo o padre para Agostinho Correia, que era o cabo da tropa, e para a mais gente, disse em alta voz que visto o poder das armas não poder sujeitar aqueles bárbaros, só em aquele senhor confiava que cedo os traria à nossa amizade. Três dias se esperou pela resolução e vinda do principal, e como não voltasse se retirou a tropa por não poder sofrer mais dilação por causa da fome, pois estavam metidos no íntimo desses sertões sem achar mantimentos, e o pouco pescado que havia era com risco de vida, em razão das ciladas dos inimigos, e ainda a busca de água para beberem custava muitas flechadas dos bárbaros, que estavam de emboscada sem serem vistos em aqueles matos agrestes.

Não deixou esta ação do padre João de Souto-Maior de ser murmurada de muitos eclesiásticos, e senhores que tinham por grande indecência deixar-se uma imagem de Cristo crucificado em mãos de bárbaros e pagãos; porém o tempo mostrou ser infalível a promessa de tão grande penhor, porque os bárbaros o tiveram em grande veneração, e todo aquele tempo não saíram mais em canoas ligeiras a seus latrocínios, e no fim do ano se fizeram as pazes com universal alegria, trazendo do sertão em primeiro lugar a sagrada imagem que tinha ficado em seu poder por penhor; com grandes festas e trombetas e bailes a seu modo rústico, com grande solenidade foi recebida esta sagrada imagem, em a Capitania do Grão-Pará, porque se recebeu com procissão solene que mandou fazer o vigário-geral, e com missa cantada em ação de graças e pregação, assistindo as comunidades das religiões e nobreza toda, louvando tanto a Deus Nosso Senhor por uma tão grande maravilha.

.....

### *Capítulo III*

RELATA-SE O PRINCÍPIO DA MISSÃO DA SERRA,  
DADO EM TEMPO DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA  
SUBPRIOR, E DE ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS  
GOVERNADOR DO ESTADO

**E**STÃO entre a fortaleza do Ceará e a cidade do Maranhão umas serranias muito altas e compridas, chamadas comumente as serras da Ibiapaba, em as quais estão muitas nações de língua travada, e entre elas uma de língua geral por nome os tabajaras, índios de Ibiapaba, que, em tempo do governador André Vidal, tinham sua aldeia no mais alto cume delas, já desde a era do ano de 1614, em que o padre Francisco Pinto com o padre Luís Figueira foram em sua busca e à custa de sua vida que lá deixou[...] ibiraçangas com que em momentos lhes tiraram, sem conhecerem que ele lhes vinha dar a vida a suas almas, e tirá-los da morte do pecado e Inferno, por meio da graça do Santo Evangelho que lhes ia pregar. Estes tabajaras, tendo por notícias que os padres da Companhia de Jesus tinham vindo para o Estado do Maranhão, com maior número movidos do desejo de sua salvação, que só pela fé de Cristo se alcança como mui provavelmente lhes tinham ensinado os índios cris-

tãos fugidos de Pernambuco por ocasião das guerras com os holandeses, vieram ao Maranhão pedir missionário com grande instância; pareceu ao governador e subprior da Missão, o padre Antônio Vieira, que se havia deferir a sua petição pelo grande serviço de Deus que se esperava na salvação de muitos milhares de almas dos bárbaros que ao redor delas habitavam, e juntamente pelas muitas hostilidades que com isso se evitariam, porquanto com a presença dos missionários todas as nações circunvizinhas se poriam em paz, ficando por este meio também livre e seguro o caminho do Maranhão para Pernambuco. Concederam-se-lhe pois nesta ocasião dois missionários, o padre Antônio Ribeiro e o padre Pedro Poderoso, os quais foram em sua companhia por esse tão comprido e trabalhoso caminho sofrendo o que só Deus Nosso Senhor sabe, por cujo amor a empreenderam com grande gosto seu e exemplo dos mais missionários. Chegados que foram depois de uma larga e penosa viagem, trataram logo de fabricar igreja e casa de residência que por ordem do padre subprior da missão dedicaram ao glorioso Apóstolo das Índias S. Francisco Xavier, acudindo ao serviço de Deus de dentro e de fora com grande zelo, porque instruídos os tabajaras se batizaram todos com suas mulheres e filhos, e se formou naqueles matos uma grande e bela cristandade, a qual se ia dilatando pelas nações ao redor, se o inimigo de nossa salvação não o impedira com os estorvos que se verão depois; faziam-se na aldeia da residência os officios divinos a canto de órgão com os índios músicos, e chameleiros que lá se achavam vindos de Pernambuco onde dantes moravam. Contou-me o padre Pedro Poderoso, missionário que tinha sido daquela missão, desde os seus princípios; até o fim dela, que até fazia pouco fruto nos adultos que tinham estado com os holandeses, e quem uma só cousa lhe dava mais consolação era ter batizado setecentas crianças que Deus Nosso Senhor levou para si em tempo de sua[...] e não é crível quanto lá padeciam por falta do sustento, o qual comumente eram feijões que só se davam bem naquelas terras, apertava tanto com eles a fome que mandavam aos rapazes da caça flechassem umas lagartixa verdezinhas algum tanto maiores que as ordinárias para as comerem assadas, isto por serem a caça e o peixe nenhuns, por ser muita a distância do mar àquele sitio; esti-

veram estes dois missionários algum tempo juntos, até ficar depois o padre Pedro Poderoso, enquanto lhe não levou o padre subprior Antônio Vieira, o Padre Manuel da Silva por companheiro, indo visitar, em pessoa, aquela gloriosa missão em tempo do governo de Dom Pedro de Melo, como largamente se dirá depois em seu lugar.

.....

## *Capítulo IV*

ENTRADA DO PADRE JOÃO DE SOUTO-MAIOR  
PELAS TERRAS DOS PACAJÁS, POR MISSIONÁRIO  
DA TROPA QUE IA AO DESCOBRIMENTO DO OURO  
POR ORDEM DE EL-REI DOM JOÃO O 4º

**N**O MESMO dia que o padre João de Souto-Maior se recolheu da missão que com tanto trabalho tinha feito para os ingaíbas, foi avisado para outra mais de trezentas léguas distante do povoado, a saber, do rio pacajás, habitado de gente de língua geral do Brasil. Era tanta a multidão do gentio que morava ao longo deste rio, que ajuntando-se todos os portugueses e índios das aldeias do Rei, no princípio desta conquista para lhes ir dar guerra, foi tão cruenta que afirmou um dos primeiros conquistadores do Pará que se tingiu o rio em sangue, porque os índios Pacajás não só puseram em campo a esperar a peleja mas ainda saíram a receber os tupinambás, e outros seus contrários com mais de quinhentas canoas, ficando mortos quase todos não somente os vencidos, mas também os vencedores, e pelo decurso do tempo se decerem muitos deles, fazendo em Cameté, Pará, Serigipe, em Tapuitapera, cinco aldeias. Grandes foram os empenhos que se fizeram para esta jornada,

pelo grande lucro que se esperava das minas de ouro e prata que o Rei mandava descobrir, mandando para este efeito dois mineiros do Reino com toda a ferramenta necessária para se examinar o rendimento dos minerais, os quais foram embarcados na mesma tropa em que iam os missionários, bem como diferentes cuidados, pois só eram reduzir os pacajás, trazê-los para situá-los em várias aldeias em que com mais facilidade pudessem aprender os mistérios de nossa santa fé; de tão bons meios esperava todos ditosos fins; porém como todo o acerto humano depende somente da mão de Deus, os tempos se mudaram de modo que impossibilitaram totalmente o bom sucesso que as esperanças prometiam.

Tinha o Governador André Vidal de Negreiros recebido as ordens de Sua Majestade para efeito desta empresa; mas não foi ele que a veio pôr em execução, porque, como estava provido em três governos: Maranhão, Pernambuco e Angola, em recompensa das alvíssaras que tinha levado a Portugal sobre a restauração de Pernambuco, deixando encomendada a execução a Agostinho Correia, que, por conselho do padre subprior Antônio Vieira, deixara em seu lugar. Partindo já o Governador André Vidal, partiu a tropa depois com duzentos índios e vinte e cinco soldados que eram o poder que se julgava bastante para quem ia denunciar a paz sem estrondos de guerra. Ia por companheiro do padre missionário João de Souto-Maior, o padre Salvador do Vale, que já o tinha acompanhado na missão aos ingaíbas, porém, de caminho me mandou o padre subprior da missão se retirasse para assistir na Missão do Cametá, onde estavam quatro aldeias populosas de índios cristãos com muitos moradores e seus escravos, sem terem um sacerdote naquele tempo que lhes pudesse acudir e administrar os sacramentos.

Portanto, continuou o padre João de Souto-Maior só a missão dos Pacajás por se não ver perigo algum, e parecer teria só seis meses de duração com próspero sucesso, como a terra é montuosa, atravessou logo a tropa aquelas penedias e cachoeiras do rio, que por montes e penedias se vem despenhando cobrindo-as todos com a abundância de suas águas muito cristalinas. Chegados todos com saúde e alegria ao porto, foram recebidos e hospedados de todas aquelas nações com singular aplauso.

Os mineiros depois de um breve descanso começaram logo a tratar de descobrir as minas, e enquanto eles tratavam do ouro e prata, pôs o padre João de Souto-Maior com muito maior fervor e zelo a curar da salvação almas daquele gentio, em cuja comparação todo o ouro e prata não tinha valor; ia ensinando e catequizando a todos sem descanso, batizando também os que achava estarem dispostos a receberem o santo batismo, tão necessário para a salvação.

Chegado o tempo da quaresma sem embargo de estarem em matos agrestes, fizeram-se todos os atos de penitência com grande devoção, assim dos cristãos como do gentio que para esse efeito trouxeram muita abundância de cera, entoando-se as músicas de Sião na terra selvagem e rústica daquele paganismo.

Com esta prosperidade continuou aquela Missão sem contradição alguma naquele sertão, quando de repente se mudaram os tempos secando o rio fora do curso costumado, achando-se todos da tropa, entre montes e pedras, incapazes de poderem seguir sua derrota pela falta de água, ficando as canoas todas em seco sobre pedras, mudança tão repentina que até aos mesmos naturais causou espanto, pois tinham afirmando os práticos daquela navegação que não faltariam águas bastantes para fazerem suas jornadas; a Missão, que se imaginava teria quando muito seis meses de dilação, se foi estendendo para o ano e meio até as enchentes das outras águas.

Desta mudança de tempo, destemperado ar e do rigor das calmas, se ocasionou uma mortal enfermidade na gente da tropa da qual morreram muitos, e entre elas o mineiro, com cuja morte ficaram perdidas as esperanças dos tesouros que se buscava, esta doença se ateou também entre aqueles índios neófitos dos quais faleceram não poucos depois de batizados pelo padre missionário. Também muitos dos índios cristãos temendo este pestífero contágio, se meteram pelo interior do sertão, e depois de seis meses de viagem rompendo por matos agrestes, chegaram finalmente quase mortos e consumidos de trabalho ao Grão-Pará; a todos os enfermos acudiu com abrasada caridade o padre missionário não só com os sacramentos para remédio da alma, mas também com os medicamentos para remédio dos corpos; nestas aflições determinou a gente da tropa largar o cuidado das minas, e retirar-se de

modo que pudessem voltar à beira do rio, para com esta resolução animarem os índios que os não desamparassem.

Puseram-se assim, fracos e debilitados, a arrastar as canoas sobre rochas de pedras, e por precipícios de montes com excessivo trabalho e grande falta de mantimentos, pois havia mais de quatro meses que, em lugar de farinha, comiam os troncos das palmeiras cozidos, porque os índios gentios tinham fugido todos daquela enfermidade; e todas estas resoluções os animou o padre missionário, por se não poder sofrer mais detença naquele sítio; e como queria trazer em sua companhia alguns daqueles principais que tinham praticado por aquele sertão, para ajudarem naquela jornada os soldados como práticos da terra, e para lhes ser depois mais fácil comboiar a mais gente[...] mandando-os do Pará com dádivas no ano seguinte, partiu-se com pressa para essas aldeias com cinco índios, com uma canoa ligeira, para com mais facilidade poder vencer a pouca água do rio, pedindo ao cabo da tropa mandasse depois uma canoa maior para o ajudara comboiar a gente com três soldados; achou-se o rio muito seco e começou a navegar com muito trabalho, do qual se lhe originou uma quentura demasiada, que se foi ateando com a falta do sustento em um corpo abstinente e fraco de compleição, com excessivos crescimentos, ajuntando-se a isto, conforme me referiu João de Sousa Salema, naquele tempo sargento da tropa, e depois Capitão-mor no rio Itapicuru do Maranhão, uma queda que deu sobre uma pedra andando por terra, pelos matos, com que veio a entender era chegada a hora em que Deus o chamava para o prêmio de seus trabalhos; animou, pois, os índios que o levavam para que chegassem com brevidade às aldeias, para onde dirigia sua jornada.

Chegou ao porto tão fraco que se não podia pôr em pé, e por isso o levaram os índios nos braços para uma pequena casa tecida de palmas. Lá mandou armar o altar portátil que consigo trazia, onde tinha as duas imagens de S. João Batista e S. João Evangelista, dos quais era muito devoto, mandou também que lhe tirassem uma candeia de cera que levava sempre junto a si com uma cruz em que tinha uma imagem devota de Cristo crucificado; fez ajuntar todos os índios assim gentios como cristãos, e disse-lhes que era chegada a hora de sua morte e só lhes encomendava muito de se descerem para as aldeias onde assistiam missionários, porque aí achariam o caminho de sua salvação e não



morressem nos matos como uns animais sem razão, e sempre com perda de suas almas para sempre. Dados estes e outros semelhantes avisos, posto em sumo desamparo, falta de todos os remédios humanos, com a imagem de Cristo crucificado nas mãos, repetindo o salutífero nome de Jesus por muitas vezes, entregou sua alma a seu Criador sendo de idade de trinta e cinco anos, dos quais viveu dezoito na Companhia. Enterraram seu corpo com seus vestidos pobres de que usava, fazendo grande sentimento os bárbaros por sua morte; chegaram os soldados da tropa que o vinham ajudar e achando-o já sepultado com grande pranto daquelas aldeias, que durou por espaço de oito dias, se tornaram atrás a seguir sua derrota. O padre subprior da missão que estava no Pará, não sabendo a que causa atribuisse a muita tardança da tropa com seu padre missionário, mandou o padre Salvador do Vale, que por sua ordem tinha ficado no Cameté, e partiu-se logo com algumas canoas carregadas de mantimentos para socorrer a gente, caso viessem faltos deles; executou logo o padre Salvador do Vale sem nenhuma tardança a ordem do padre subprior da Missão, o padre Antônio Vieira; caminhou e entrou com toda a pressa pelo rio dos Pacajás, e depois de muitos dias de viagem achou a tropa quase toda doente, clamando todos que o padre João de Souto-Maior era um homem santo, e que a causa de sua morte fora o incansável zelo das almas, remédio de todos que ardia em seu coração. Animados os homens da tropa com a sua ajuda, voltaram para a Capitania do Pará, onde chegou depois uma canoa do sertão com os índios daquela aldeia onde morreu o padre João de Souto-Maior a pedir ao padre subprior da Missão os mandasse buscar, referindo-lhe toda a prática que o padre lhe-fizera antes de morrer. Tal se efetuou: os índios pacajás se deixaram doutrinar e batizar, ficando moradores entre os mais índios das aldeias pelas quais se repartiram; foram eles os que trouxeram o corpo defunto em uma canastra tecida de palmas com todos os ornamentos e vestiduras sacerdotais de que usava pelas Missões, e disse-me João de Sousa Salema, capitão-mor do Itapicuru no Maranhão, mas então sargento da tropa, que os soldados e ele iam puxando a canastra mais para a cabeceira onde descansavam para participarem bom cheiro que de si lançava o corpo do defunto, e tenho da boca de seu irmão Manuel Davi Souto-Maior, cavaleiro do Hábito de Cristo e fidalgo dos livros do Rei que ele apartara a cabeça do mais corpo para a levar na

mão quando fosse em romaria para a terra santa, como tinha intenção de fazer, em companhia de seu camarada Paulo Martins Garro, nosso irmão de fora e depois capitão-mor do Pará; sepultou-se no sítio da primeira igreja nossa no Pará, para a banda da Epístola, algum tanto chegado para o canto da parede entre a sacristia e a igreja, que quando muito deitará da porta do corredor de hoje uns vinte e dois palmos, pouco mais ou menos; descuido foi dos mais antigos de o não mandarem tirar para lhe darem sepultura mais honrada na igreja de S. Francisco Xavier, que, de presente, há no Colégio de Santo Alexandre, pois o merece tanto como do sumário de sua inocente vida se verá no capítulo seguinte.

.....

## *Capítulo V*

### SUMÁRIO DA VIDA DO PADRE JOÃO DE SOUTO-MAIOR ANTES DE VIR À MISSÃO DO MARANHÃO

**M**ERECIA o padre João de Souto-Maior um grande elogio pelo que gloriosamente obrou nesta Missão do Maranhão, mas a meu ver, não se lhe poderá fazer elogio melhor do que se compreende sobre ele nesta crônica, porque que maior louvor se lhe poderia dar do que referir os exemplos de singular virtude que deu, assim aos seculares como aos religiosos, do que fez na cidade do Grão-Pará, e nas missões dos ingaíbas e pacajás, onde acabou a vida como um apóstolo deste Estado? E por isso não me cansarei com mais, mas para que este gênero de elogio seja em tudo perfeito, acrescentarei somente ao referido a santa vida que levou antes de vir à Missão do Maranhão, estando ainda no reino de Portugal.

Foi o padre João de Souto-Maior natural de Lisboa, de pais nobres, que desde sua tenra idade o criaram no santo temor de Deus e mais virtudes, como requeria sua condição; chegado à idade de maior capacidade, aplicou-se a estudar humanidades no Colégio de Santo Antão, onde se bem proveitava muito nas letras humanas, muito mais se adiantava na ciência do espírito e própria perfeição, porque sendo ainda

estudantinho de pouca idade, diante da Virgem Maria Mãe de Deus, de quem sempre foi devotíssimo, fez voto de perpétua virgindade, o qual guardou inviolavelmente todo o decurso de sua inocente vida, e para melhor conservar este grande tesouro de sua virginal pureza, pediu com instância ser admitido na Companhia de Jesus, o que vistos e bem examinados os seus bons desejos com o mais que se costuma, como também as suas boas partes, alcançou do padre provincial que lhe desse promessa de admiti-lo ao noviciado, no qual entrou com grande alegria, e perseverou com grande exemplo na oração, meditação e mais exercícios de humildade e obediência, indo subindo a maiores degraus de oração, na qual era tão consolado que o estado da religião lhe parecia um paraíso na Terra. Não pôde o inimigo infernal suportar de ver um novo soldado da milícia de Cristo ir tanto adiante na vida espiritual, portanto tratou com ardis infernais de apartá-lo do grêmio da religião, onde tão quieto e constante vivia, de modo arditoso. Sentiam seus pais com grande excesso que seu filho se apartasse deles e entrasse na Companhia, e por isso trataram com todo o saber possível achar algum meio para o fazer sair da religião, aconselhando e induzindo um irmão seu de menor idade, Manuel Davi Souto-Maior, para que pedisse com instância ser admitido na mesma Companhia, para que, à vista como de um inimigo doméstico, fossem mais rigorosos os combates, ficando-lhe mais fácil fazê-lo retroceder de sua primeira vocação com as razões fingidas e aparentes que lhe intimava. Tudo quanto o Demônio traçou sucedeu, porém sem efeito algum, porque, entrando na provação o fingido noviço, tratou com grande eficácia desviá-lo de seus intentos, propondo-lhe que nenhuma cousa lhe faltaria em casa de seus pais, e outras razões aparentes que a malícia sabe ensinar. A nenhuma cousa lhe deferiu Souto-Maior; só tratou, nas práticas que tinha com o irmão nas recreações, fazê-lo perseverar na Companhia; e como viu o seu irmão Manuel Davi Souto-Maior frustrados seus intentos, buscou outro caminho e foi ter com o mestre dos noviços por mudar a conta, e disse-lhe que seu irmão João de Souto-Maior não via nada de um olho, ainda que tinha no outro a vista muito apurada, e por esta causa se lhe não podia notar este defeito; examinado logo, conhecida a falta no noviço, foi despedido do noviciado depois de estar ali ano e meio de provação, com grande sentimento seu e grande cópia de lágrimas de que não cessou por muitos dias, depois

que lhe deram esta triste nova com a qual lhe quis Deus apurar sua paciência, e mostrar a firmeza de sua virtude porquanto, se foi demitido da religião, nunca perdeu os exercícios dela.

Um ano inteiro que viveu no mundo sempre conservou o fervor da vida no exercício das virtudes como se estivera vivendo na clausura da religião, que desta maneira soube recolher seus sentidos, pedindo com maior instância outra vez à Companhia, metendo por intercessora a Rainha dos Anjos para que se lhe deferisse a sua petição; nenhum caso fazia dos parentes que trabalhavam com fervor para o desviarem de seus intentos, imaginando eles o tinham já seguro, mas ele os aborrecia como inimigos domésticos; examinada segunda vez a falta em consulta do sujeito foi desenganando o padre provincial que não podia ser admitido à Companhia, e buscasse outra religião onde pudesse também servir a Deus. Com esta nova foi pedir à religião do glorioso patriarca S. Domingos, na qual teve promessa seria logo admitido; mas, como em tais circunstâncias não aquietava seu coração, foi de novo informar o padre provincial do que se tinha passado e do meio que tinha buscado, e tanto insistiu em alegar que seu impedimento não era bastante, que examinada terceira vez pelos padres consultores a proposta do requerente, e maravilhados da eficácia de suas palavras, se julgou uniformemente não ser impedimento bastante para se lhe negar o fim de seus desejos. Com esta promessa se partiu alegre e contente, a dar graças à Virgem Senhora Nossa, medianeira de sua petição; e logo foi admitido segunda vez à Companhia com grande alegria de sua alma, e na mesma tarde em que voltava ao noviciado foi despedido dele seu irmão Manuel Davi Souto-Maior, o qual, como tinha conseguido sua pretensão, logo tratou de ser expulso; àquela tarde se encontraram ambos os irmãos, um saindo e outro entrando no noviciado. Olhou João de Souto-Maior para seu irmão Manuel Davi e disse-lhe aquelas palavras de Cristo: *qui mittit manum suam ad aratrum et respiciens retro non est aptus regno Dei*, que querem dizer: quem pega no arado seguindo o caminho da perfeição e torna atrás olhando para as migalhas do mundo não é apto para o Reino de Deus. Estas foram as palavras de saudação, e virando-lhe as costas, entrou pela casa da provação, na qual não é acessível o quanto aproveitou nas virtudes e o salutífero cheiro que deu de si a todos como exemplo de sua santa vida. Na mortificação do seu corpo era rigorosíssimo, do que

até os seculares se maravilhavam nas missões, sendo de fraca compleição; na abstinência era a todos de espanto; tinha o sentido do gosto tão mortificado que nunca lhe desagradou manjar algum ainda que fosse muito grosseiro, e até em suas peregrinações mais molestas afligia seu corpo com jejuns; no noviciado pediu instantaneamente ao padre Luís Figueira a Missão do Grão-Pará, prostrado em terra com muitas lágrimas, desejando ser admitido ao número dos missionários que trazia para cultivar tão grande seara. Não se deferiu sua petição naquele tempo por justas razões, porque parece que o governava Deus para se amparar com ele tão grande perda, não muito longe da ilha do Sol, para alumiar a muitos errados com a luz de sua doutrina.

Completo os dois anos de provação fez os votos da Companhia com grande alegria de sua alma, pois já gozava seguro no pacto, o que tantos anos tinha desejado e lhe tinha custado tanto, tendo três anos e meio de provação, e como era de vivo e delicado engenho foi mandado ao Colégio de Coimbra a continuar o estudo da Filosofia, sendo depois eleito por mestre da Retórica no Colégio de Santo Antão em Lisboa, onde teve particular amizade com o Príncipe Dom Teodósio o qual o mandou chamar muitas vezes para praticar com ele cousas do espírito em língua latina; por este tempo começou a abrasar-se em desejos de padecer martírios na ilha do Japão pela pregação do Evangelho, e com grande instância pediu esta Missão, alcançando licença dos superiores para partir logo para a Índia, ordenando-se para este efeito de ordens sacras, para poder com mais facilidade administrar os sacramentos naquela Missão. Porém, como Deus Nosso Senhor tinha guardado esta planta para cultivar e lançar o odorífero cheiro de suas virtudes entre os matos agrestes e gente rústica deste paganismo, dispôs os meios para que totalmente ficasse impossível o fim de seu missionário, porquanto estando para dar à vela nas naus que partiam para a Índia com um padre estrangeiro por seu companheiro, mandou o rei D. João o 4<sup>o</sup> que nenhum estrangeiro passasse naquela Missão à Índia; este decreto do Rei se lhe intimou, por cuja causa se lhe tirou logo o companheiro para o Colégio de Santo Antão, ficando ele só, mas nem por isso desistiu do seu intento, pedindo licença de ir só no navio, visto o impedimento do companheiro; porém, o padre provincial lhe negou, mandando-lhe ordem para que se retirasse para o Colégio de Santo Antão, para continuar com

a leitura da Retórica. Quando lhe deram esta nova e aviso tão repentino, foram tantas as lágrimas de sentimento em ver que se lhe impedia o fim de seus desejos, que causaram admiração a muitos padres graves de nossa Companhia, os quais conheceram o verdadeiro espírito com que pedia a Missão. Muitas vezes referia o padre Francisco Gonçalves que foi provincial da província do Brasil, e depois Visitador desta Missão, que só com a Missão do Maranhão enxugara Deus as lágrimas do padre João de Souto-Maior, que tão copiosamente derramara pelas ruas de Lisboa, pela perda da Missão do Japão; continuou com a Retórica, porém como aquele tempo viesse o inglês com uma poderosa armada sobre a barra de Lisboa, nas controvérsias dos príncipes palatinos com o Parlamento, saiu a nossa armada em defesa deles, e foram pedidos dois religiosos da Companhia para irem na armada que ia para pelejar com a inglesa; para este perigo tão evidente se foi oferecer aos superiores, dizendo que nenhum gosto teria maior que dar a vida pela obediência; aceitou-se sua oferta e partiu na armada que ia pelejar, onde o livrou Deus de vários perigos. Embarcou-se primeiro em um galeão, e depois foi mudado para uma caravela que ia adiante a reconhecer o poder dos inimigos; andou sempre sem temor algum, acudindo a todos com os sacramentos, e retirada a armada se recolheu para o Colégio de Santo Antão, onde se tratava naquele tempo de mandar outra vez novo socorro de missionários à pregação da Fé na Missão do Maranhão, depois do naufrágio e morte do padre Luís Figueira. Pediu outra vez com instância esta Missão, e foi nomeado pelos superiores em número dos quatro padres que então se estavam preparando para conseguir sua viagem, e logo se embarcou com grandes júbilos de alegria, não se despedindo de parente algum. Em viagem foi amado de todos, principalmente de dois capitães-mores que vinham governar o Maranhão e o Grão-Pará que o veneravam como um anjo do Céu e com muita razão porque era sua vida angélica e desejava[...] como anjos todos os que com ele vinham embarcados, nem ficou frustrado de tudo este seu intento, por que com as contínuas doutrinas e pregações que fazia, foi desterrando os maus costumes e vícios da infantaria que na nau vinha embarcada. Chegado à barra do Maranhão desembarcou na praia, e prostrado por terra a começou a beijar com admiração de todos, como quem via que na mesma havia alcançar os fins de seus trabalhos, e como quem previa cumpridos seus desejos, pois era a últi-

ma terra que Deus lhe mostrava, para ali lhe servir na salvação das almas que de tão longe tinha vindo buscar; esta é sumariamente a primeira parte da vida do padre João de Souto-Maior, a qual junta com a que já referimos nos capítulos atrasados, acharemos que o melhor elogio que se lhe podia dar era contá-la toda desde o princípio até o fim, para ficar como um espelho de cristal fino, para ali se mirarem todos os missionários desta Missão do Maranhão, principalmente aqueles que não conhecendo o bem que lhes fez Deus em chamá-los para ela, logo que se acham com algum trabalho, se arrependem de a ter pedido e suspiram pelo Reino e Brasil com tanto excesso, quanto põem na Missão de não perder a sua vocação e companhia, e juntamente a salvação, para segurança da qual Deus os tinha chamado para a religião.



.....

## *Capítulo VI*

REFEREM-SE AS DUAS MISSÕES QUE FEZ O  
PADRE FRANCISCO VELOSO, UMA PELO  
RIO DAS AMAZONAS, OUTRA PELO  
RIO TOCANTINS, EM OUTRA OCASIÃO

**E**M tempo do governo de André Vidal de Negreiros, mandou-se uma boa tropa de brancos e índios ao resgate de escravos pelo rio das Amazonas; foi nomeado cabo dela Vital Maciel Parente, filho natural do Governador Bento Maciel Parente, e por missionário o padre Francisco Veloso, varão de muita prudência e zelo das almas, e além disso um cicerone na língua da terra. Partiu esta tropa da cidade do Grão-Pará na era do ano 1657, e andando pelo rio das Amazonas acima, chegou até ao rio Negro, gastando muitos meses em sua viagem. Por todo o caminho não fez o padre missionário senão doutrinar, levantar cruzes e batizar em caso de suprema necessidade além de examinar com grande diligência as causas da escravidão dos que se lhe traziam por escravos, averiguando-se por legítimos passando de seiscentos, os quais todos vieram para baixo a proveito dos particulares, sem os padres missionários terem mais que o trabalho de os irem buscar em seus sertões e terem averiguado seus cativeiros com risco de suas vidas em rios e terras tão

doentias como é notório a todos; as causas de cativo legítimo deviam de ser as que contém a lei do ano 1655 feita pelo Rei D. João o 4º, de gloriosa memória, e trazida do Reino pelo padre Antônio Vieira, as quais confirmou depois o Rei D. Pedro, que Deus guarde, no ano 1687, e para que não fizesse dúvida ao missionário a causa da guerra, averiguaram entre si os padres missionários da Companhia de Jesus, assistindo o padre Antônio Vieira, o padre Francisco Gonçalves, o padre Manuel Nunes e outros de mais letras e autoridade na Missão, que por legítima causa de guerra entre os índios bastava aquela que eles costumavam de ter por tal, quando dão guerra uns aos outros, e que sendo duvidosa a causa então se resgatariam com a condição do servirem cinco anos a quem os resgatasse, e ao cabo deles ficarem sem impedimento como os mais das aldeias; e como às vezes se acham por aqueles sertões uns escravos tidos por tais já desde seus avós, sem ser possível alcançar a origem e causa primeira de sua escravidão, resolveu-se que também estes tais se poderiam resgatar por escravos legítimos, dando a todos os seus registros em que se declaravam os servos, os senhores a causa do seu cativo certo ou duvidoso, os seus nomes e sinais por onde se pudessem conhecer melhor, e finalmente como se tinha dado por eles o resgate depois de serem legítimos escravos, e a quem pertenciam, para de tudo se fazer assento nos livros[...] e constar em todo o tempo a verdade, e como pela lei daquele tempo se davam por perdidos para a fazenda real os que não eram feitos pela lei, julgava-se por lei penal, e conforme isso se iam governando as consciências dos que tinham tais escravos.

.....

## *Capítulo VII*

### A MISSÃO DO PADRE FRANCISCO VELOSO ENTRE OS TUPINAMBÁS PELO RIO DOS TOCANTINS

**T**ENDO o padre Francisco Veloso acabado a missão que se tinha mandado fazer pelo rio das Amazonas acima, vieram uns tupinambás que por sua livre vontade se tinham descido para junto do povoado dos brancos em outro tempo; estes informaram aos padres como em suas terras havia muitas aldeias de sua nação que podiam ir buscar para virem ser filhos de Deus como eles eram; folgaram todos com essa boa nova; elegeu logo o padre subprior Antônio Vieira ao padre Francisco Veloso, como homem peritíssimo na língua dos tupinambás, além disso de muito boa saúde, por missionário daquela empresa, assinou-lhe canoas e índios com todo o mais necessário para a viagem não quis que o acompanhasse escolta alguma de soldados, mas um só homem branco, chamado Pedro Biscainho o cirurgião da casa, irmão de fora, com sua mulher Dona Antônia, por carta de irmandade que ele lhes tinha dado deste modo aviados, partiram do Pará pela festa de São João, no ano 1658, tendo já vindo governador novo do Estado, Dom Pedro de Melo; e, como me referiu logo Ibiratuíma, índio autorizado dos mais entendidos e ladinos tupinambás, que andou naquela viagem, tendo navegado per-

to de um mês pelo rio dos Tocantins acima, chegaram às terras de seus parentes que tinham povoado todo aquele rio com aldeias muito populosas; foi recebido o padre missionário como um anjo vindo do Céu, e apenas lhes propôs a causa de sua vinda às suas terras, quando ouvidas suas práticas que lhes fazia em sua língua própria, que falava como natural entre eles e ainda muito melhor, deles não houve um só que não quisesse descer em sua companhia, portanto, tratou logo de batizar todos os meninos por que não acontecesse morrer algum sem o santo batismo, e catequizar cada dia assim pela manhã como pela tarde os adultos, para os ir dispondo daquele modo pouco a pouco para depois se batizarem com mais facilidade a seu tempo, e estarem preservados todos por algum caso de extrema necessidade que pudesse acontecer; no mais tempo que lhe sobejava da doutrina mandava aos homens fizessem canoas ligeiras de um pau mole chamado sumaúma, cujas frutas em modo de um melão, suposto que não tão grossas e compridas, dão uma casta de lã felpuda e serve para colchões e para pano, que arremeda o de lã, como se viu de um pedaço, que trouxe do Reino o padre Antônio de Almeida, clérigo do Hábito de Cristo, para mostrar, que vi com meus olhos; e para que acabassem depressa essas canoas, deu-lhes também ferramenta boa para as fazer; às mulheres ocupava em fazer roças e cozer farinhas, carimãs e tapiocas para mantimento da viagem; em tais aparelhos gastou pouco mais ou menos dois meses, e passados estes mandou embarcassem grandes e pequenos com seus móveis, que consistem em umas redes, cabaças, cuias, panelas, arcos e flechas, com algum cachorro de caça. Aqui se viu o grande poder da Divina Graça com que moveu estes bárbaros a largarem sua pátria, sita sobre um rio de cristalinas e as mais sadias águas do Estado todo[...] umas campinas que estendendo-se a perder de vista, além de muito aprazíveis lhes davam mantimentos em abundância, e sem embargo disso vieram-se alegremente para baixo, sem se lhes dar do que deixavam, enquanto não deram em algumas cachoeiras pelas quais se despenham as águas; pelo caminho navegavam nas canoas que tinham feito grandes e em boa quantidade, mas chegados às cachoeiras saltaram em terra as mulheres, meninos e meninas, rapazes e velhos, ficando nas canoas não mais que os

mais destros e experimentados em remar até saírem dos perigos, que não são pequenos, quando a força da correnteza das águas se despenha do alto para baixo, levando consigo juntamente as canoas com tudo o que se acha aí; nas entradas de suas terras encontraram o padre Antônio Vieira, subprior da Missão, que os estava esperando com outras canoas e mantimentos, de refresco, do que ficaram sumamente satisfeitos, juntando-se com eles, com grandes demonstrações de alegria e suas costumadas.

Daí foram continuando sua viagem até a residência de S. João Batista na Capitania do Cameté, onde por então residia o padre Salvador do Vale, e lá consultaram os padres entre si onde os haviam agasalhar; parecia por uma parte bem agasalhados em Murticura, a velha aldeia das mais fartas e povoadas daquele tempo, mas como repararam não ser conveniente pô-los com os pacajás por se não haverem de dar bem com eles, levou-os o padre Francisco Veloso para o Guajará junto à ilha do Sol, onde moravam alguns parentes seus[...] terras férteis, além de terem perto o peixe e caranguejo, pela vizinhança do mar pouco distante daquela paragem. Pasmou toda a cidade do Pará em ver tanta gente guerreira junta e não faltou quem dissesse que se mandassem estar de aviso os soldados da fortaleza, com medo de mil duzentos tupinambás, gente mais guerreira de lança que há em todas as conquistas; descansaram primeiro com seus parentes na aldeia do Guajará onde lhes assistiu o padre Manuel Nunes, e dela os levou depois o padre Francisco Veloso para a ilha do Sol, à beira-mar, que hoje se chama ilha dos Tupinambás, por morarem até o presente, suposto que mudados mais para a terra adentro; lá se lhes mandou fazer uma valente aldeia com igreja tão grande que parecia uma sé, dedicada ao Espírito Santo, e como lhe quis assistir aqueles primeiros princípios, também fabricou umas belas casas de taipa de mão para residência, em que ele morou primeiro com o irmão Sebastião Teixeira, para como pai amante e tão amado deles regenerá-los todos a Cristo, por meio do santo batismo; era a aldeia disposta de sorte que estando o missionário à porta podia sem dificuldade alcançar com a vista tudo quanto se fazia por toda ela. Daqui foi chamado o padre Francisco Veloso para governar a casa de Santo Alexandre da cidade do Pará, sucedendo-lhe o padre Jácome de Carvalho por um pouco de tempo. O que na descida dos tupinambás se pôde mais admirar não é somente

terem pela força da Divina Graça saído de suas próprias terras tão belas e fecundas, como já se tem dito, para virem em conhecimento da verdadeira fé, mas também é terem-se deixado trazer tantas almas de gente muito guerreira por um só missionário da Companhia de Jesus, sem mais escoltas de soldados e armas, que sua pessoa armada de uma viva confiança em Deus todo poderoso, a cuja graça tudo se rende e se sujeita. São os tupinambás hoje muito poucos mas bons cristãos, e amigos dos padres da Companhia de Jesus e além disso a flor dos guerreiros mais valentes e alentados do Estado todo. Desde que o padre Francisco Velloso os trouxe de suas terras, quiseram alguns ficar na roça dos padres, e porque os invejosos não podiam sofrer ficarem uns quatro[...] com os que tinham trazido mais de um milheiro para a Capitania do Pará, mandou o Rei Dom Pedro, de gloriosa memória, que se deixassem estar, e se não bulisse com eles por eu lho ter pedido, assim quando assisti na Corte desde o ano 1684 até 1687, sobre os negócios da Missão, depois da derradeira expulsão dos padres missionários do Maranhão, como consta da lei.

.....

## *Capítulo VIII*

ENTRADA QUE FEZ EM O MESMO ANO DE 1658  
O PADRE MANUEL NUNES PELO RIO DOS TOCANTINS,  
E O QUE ALI SE TEM OBRADO

**N**O MESMO ano de 1658 se fez uma segunda entrada pelo rio dos Tocantins. Dela foi por missionário o padre Manuel Nunes, lente que foi de prima de Teologia em Portugal; era cabo de tropa Paulo Martins Garro, natural de Aveiro, por então Capitão-Mor do Gurupá e Grão-Pará, levava de escolta quarenta e cinco soldados portugueses com quatrocentos e cinquenta índios de arco, flecha e remo. A primeira função em que se empregou este poder foi em dar guerra e castigar certos índios rebelados de nação inheiguaras, que o ano passado, com morte de alguns cristãos, tinham impedido a outros índios de suas vizinhanças descerem para a igreja e vassalagem do Rei de Portugal. São os inheiguaras gente de grande resolução e valor, totalmente impaciente de sujeição, e tendo-se retirado com suas armas para os lugares mais ocultos e defensáveis de suas brenhas, em distância de mais de cinquenta léguas, lá foram buscados, cercados, vendidos e tomados quase todos sem dano mais que dois índios nossos levemente feridos; ficaram prisioneiros duzentos e quarenta, os quais, conforme as leis reais passadas no ano

1655 acerca dos cativeiros, foram julgados por escravos e repartidos entre a soldadesca. Tirado este impedimento entenderam os padres[...] e condução de outros índios potis ou potiguaras em que padeceram grandíssimos trabalhos, vencendo dificuldades que pareciam invencíveis; estava esta gente distante do rio dos Tocantins um mês de caminho, ou não caminho, porque tudo são bosques cerrados e rochedos de grandes lajes e serras, e eram das aldeias que se havia de descer com mulheres, meninos, crianças, enfermos e todos os outros impedimentos que se acham na transmigração[...] inteiros; enfim, depois de dois meses de contínuo e excessivo trabalho e vigilância (que também é necessária), chegaram os padres com esta gente ao rio onde os embarcaram por ele abaixo para as aldeias do Pará, em número por todos até mil almas.

Não se acabou aqui a Missão, mas continuando pelo rio acima chegaram os padres ao sítio dos tupinambás que ficaram em suas terras; eram outros tantos como os que tinham vindo havia três anos, a saber: mil e duzentos com o padre Francisco Veloso, como dito fica, mas acharam que estavam divididos em duas bandas do mesmo rio, um dos quais por ser na força do verão se não podia navegar; avistaram-se com estas por terra, e deixando assentado com eles que se desceriam para o inverno, tanto que as primeiras águas fizessem o rio navegável, com os outros que eram quatrocentos, recolheram-se ao Pará, tendo gasto oito meses em toda a viagem que passou de quinhentas léguas; deixaram também o rio arrumado com suas alturas, diligência que até então se não tinha feito, e acharam pelo sol que tinham chegado mais de seis graus da banda do sul que é pouco mais ou menos à altura de Paraíba.

Os índios, assim potiguaras, como tupinambás, se puseram todos nas aldeias mais vizinhas à cidade para melhor serviço da república, a qual ficou este ano de 1658 aumentada com mais de dois mil índios, escravos e livres, mas nem por isso ficaram jamais satisfeitos seus moradores, porque, sendo os rios destas terras os maiores do mundo, a queda é maior de suas águas. Eram os tupinambás que trouxe o padre Manuel Nunes da tropa de 1658 para 59, os sobejos dos que, três anos antes, tinha ido buscar o padre Francisco Veloso na Missão que fez pelo rio dos Tocantins; aconteceu ao cabo desta viagem perder-se nos matos para os quais tinha saído o irmão companheiro Simão Luís, e desgarrou-se tanto



que em vez de buscar o porto das canoas sobre o rio onde elas estavam, foi metendo-se pelo mato dentro em tal distância, que por quantos sinais que se lhe dessem em buzinas e tiros, não valeu para ser ouvido ou achar-se com as canoas; já não podiam descer-se mais pela muita gente que levavam, e o pior[...] que tinham por sustento dela, foram-se logo encomendando-o a quem o buscase e trouxesse; passaram-se muitos dias que andou o pobrezinho desgarrado por aqueles matos agrestes, sustentando-se como milagrosamente com umas poucas frutas e orvalho do céu, até que finalmente tornou achar o rio, ao bordo do qual o foram tomar umas canoas que passavam, e o levaram para a cidade do Pará onde ainda o alcancei. Veio pela segunda vez a Missão depois da expulsão primeira do Brasil com o padre visitador Manuel Juzarte, e com ele voltou para Portugal, donde veio outra vez, sendo companheiro do padre Pedro Francisco na residência do Caeté. Por ser homem pequeno e grosso, deu-lhe uma noite um catarro tão veemente, que amanheceu morto dele pela manhãzinha. Não há que rezear de sua salvação por morrer de súbito e sem sacramentos, porque era irmão quieto e de conhecida virtude, muito pronto para tudo o que lhe mandassem, e tão devoto da Virgem Senhora Nossa que sempre ia rezando por suas contas todo o dia, sem nunca largá-las da mão ou pescoço, além de ser de vida em tudo muito religiosa e exemplar, por onde cuida foi essa morte bem lucrosa diante de Deus, que por esse modo quis premiar no Céu os seus muitos trabalhos padecidos, pelas íntimas e grandes viagens que tinha feito à honra e glória sua na Missão do Maranhão.

.....

## *Capítulo IX*

### MISSÃO DO PADRE MANUEL DE SOUSA PELO RIO DOS JURUNAS

**C**ONHECENDO o padre subprior da missão, o padre Antônio Vieira o grande zelo das almas do padre Manuel de Sousa, ainda moço na idade, mas muito maduro na virtude, o destinou por missionário de duas principais entradas pelos sertões, uma e a primeira pelo rio dos Jurunas, e a segunda pelo grande rio das Amazonas; da primeira trataremos neste capítulo e da segunda no capítulo seguinte.

É o rio dos Jurunas um dos mais nomeados no Estado pelo rio do Xingu para dentro, declinando sua bocaina para este, vindo o rio do Xingu, chamado Paraíba, da banda do sul; são suas águas cristalinas e muito medicinais para os que padecem dor de pedra, porém só pelo inverno se pode navegar seguramente pelas muitas cachoeiras que só naquele tempo se cobrem; não se sabe ainda decerto donde tira a sua origem. Por serem suas águas claríssimas, abundam em pescados de todo o gênero, que os naturais matam à flecha, sem anzol nem rede, porque se descobrem claramente sem nenhuma dificuldade; têm praias de areias belas e espaçosas, pelas quais saem em seus tempos principalmente outubro por diante, milhares e milhares de tartarugas a desovar, como no rio dos Tocantins e outros semelhantes, e são estas o ordinário sustento

dos que vivem à borda dele, e ainda dos da terra dentro, os quais saem à viração delas. Por este tão belo e fecundo rio habitam várias nações de língua geral, como são os jurunas em umas, guaiapis e alguns pacajás, para os quais ordenava o padre Antônio Vieira uma Missão; mas o demônio a estorvou com a expulsão dos missionários no ano de 1661. Os primeiros habitantes do dito rio são os jurunas, que significa – de boca preta, porque fazem um risco de largura de quatro dedos, começando da testa até a boca, com certos dentes de animais, dando-lhe juntamente unturas com certos sumos de algumas ervas de modo que fica de cor roxa; e este risco ou listrão roxo trazem, por divisa dos mais índios, impresso em seu próprio rosto, a trazem até as mulheres, sabendo martirizar-se para parecerem galantes. São os homens muito valentes e guerreiros, como se tem experimentado em vários encontros que com eles tiveram por vezes as tropas que vieram da capitania de S. Paulo para os castigar, como contou um deles aos padres; dizia que tendo os paulistas feito entrada em terras dos jurunas, para fazerem melhor negócio, se tinham fortificado em uma ilha de pau-a-pique, não conhecendo o muito poder e valor dos índios, os quais tendo disso notícias tocaram logo muitas buzinas e moracira de trombetas, para se ajuntarem todos para guerra, e juntos saíram em suas canoas ligeiras, e correndo toda a ilha lhe deram vários assaltos, e ultimamente, minando a fortificação de pau-a-pique, deram com ela em terra, e com o mesmo ímpeto arremeteram aos pobres homens e os mataram a todos, sem escaparem mais que dois, com dois índios que, pela obscuridade da noite, se lançaram entre as suas canoas, a nado, e com a corrente do rio saíram muito longe com vida, ficando tudo quanto traziam nas mãos destes bárbaros, que trouxeram depois ao povoado algumas cousas bem conhecidas.

As índias, mulheres desse gentio, são muito dadas ao trabalho, destras ao extremo no ofício de fiar algodão, torcendo o fio às avessas com notável artifício e limpeza, de sorte que fica fino como o cabelo da cabeça.

Por este sertão fez entrada com cem mosqueteiros e três mil índios, o Capitão-Mor do Gurupá, João Velho do Vale, e se retirou dele com perda de alguma gente, que lhe mataram, sem lhe poder fazer dano considerável, porque os jurunas arditosamente se uniram com outras nações e fizeram várias emboscadas para sua defesa entre o mato, para

mais a seu salvo poderem escapar, além do outros ardis e traços de guerra que não refiro por bastarem estes dois acontecimentos ou casos para vermos que sujeitou a Divina Graça com um missionário ainda novato, o que não pôde fazer o poder humano. Bastou o padre Manuel de Sousa com seu companheiro o padre Manuel Pires, indo à Missão por aquele grande rio, para sujeitá-los, e, com as suas práticas, reduzir duas aldeias populosas de Jurunas, descendo-as sobre o rio do Xingu, pondo uma na mesma aldeia de Xingu e a outra mais abaixo em um sítio que chamam Maturu, onde até o presente estão alguns com a aldeia de Xingu.

Trouxera este anjo de paz a todos para o cristianismo, se o não mandasse o padre subprior para outra Missão pelo rio das Amazonas, da qual se tratará no capítulo seguinte. Indo-se navegando pelas cabeceiras daquele rio dos Jurunas, como disseram os índios ao padre Antônio Vieira, dá-se com um arco de pedra debaixo do qual se acha uma cruz, com uma estátua de mulher por uma banda, e outra de um homem por outra, e caminhando mais adiante um pouco, chega-se a um lago onde se vêem casas de brancos da outra banda; julgam os padres seriam casas de alguma povoação de castelhanos, e que esta cruz era a de Cristo crucificado com a Virgem Senhora Nossa por uma banda e S. João por outra, e queria o padre Antônio Vieira mandar descobrir as cabeceiras do rio para informar-se da verdade, mas como foram expulsos não pôde dar execução a esta sua determinação.

.....

## *Capítulo X*

VAI O PADRE MANUEL DE SOUSA COM SEU  
COMPANHEIRO POR MISSIONÁRIO DA MISSÃO  
QUE SE FEZ PELO RIO DAS AMAZONAS  
À RIBA E MORRE EM TERRAS DOS  
CONDURIZES ONDE SE ENTERROU

**M**ANDOU-SE fazer uma tropa pelo grande rio das Amazonas, em que ia por cabo Domingos Pocu, por alcunha, ou Monteiro por seu nome próprio, com duzentos índios e vinte e cinco soldados portugueses, e dela foi por missionário o padre Manuel de Sousa, com seu companheiro, o padre Manuel Pires; não me será fácil relatar os efeitos do seu grande zelo das almas, que mostrou nesta Missão até aí morrer. Tinha-se dado muito mau exemplo a esses índios dos sertões pelos ministros da Igreja, antes de entrarem por eles os padres missionários da Companhia de Jesus, tirando-se interesse no cativo dos gentios, por qualquer cousa espiritual que lhes administravam; e como estes índios são muito pobres e não têm cabedal algum senão o tido com o suor de seu rosto e trabalho de suas mãos em suas lavouras, que mal chega para se vestirem a si e seus filhinhos, lhes ficava muito odioso qualquer sacramento, que tanto lhes custava.

Tendo, pois, sido mandado o padre Manuel de Sousa por primeiro missionário das tropas acompanhadas de algum padre da Companhia de Jesus, logo que chegou do Gurupá para riba para as aldeias dos mais afastados dos tupinambaranas e aruaques, e começou, depois da doutrina e batismo, a levantar cruzes nas aldeias, faltas deste sinal do cristianismo e pregação evangélica, chegaram alguns principais das aldeias ao padre pedindo-lhe muito que não tratasse levantar cruzes em suas aldeias, e perguntados pela razão que tinham de repugnarem uma coisa tão santa, sinal de nossa redenção e sua cristandade, responderam-lhe distintamente estas formais palavras: “Pai, nós desejamos muito ter cruzes postas em nossas aldeias, pois são o sinal de cristãos e filhos de Deus, e assim as temos pedido com muita instância a muitos clérigos eclesiásticos que continuamente passam por este rio, mas eles nos responderam que como tivéssemos certo número de escravos para pagamento então as levantariam, e como não temos ainda cômputo a este número não te podemos pagar.” Então lhes intimou o padre missionário o grande desinteresse dos padres missionários da Companhia de Jesus, e que como ele era um deles que vinha mandado para sua conversão, e bem de suas almas, não queria lucro nenhum pela administração dos sacramentos, e tudo o mais que era em bem de suas almas, pois só vinha buscar a salvação e ensinar-lhes o caminho do Céu.

Ficaram pasmados, contentes e muito edificados que o desinteresse nas cousas de Deus até aos bárbaros faz pasmar e edifica muito; levantaram, pois, logo, as cruzes com muita festa da gente da tropa, com várias cargas de mosquetaria; acabada, porém, esta santa função, foram os principais secretamente falar com o companheiro, levando-lhe uma rapariga escrava, para que ao menos ele aceitasse esta, visto o padre não querer aceitar nada, e como o companheiro lhes respondeu pelo mesmo modo, ficaram ainda mais atônitos e edificados, visto se haver praticado o contrário, quarenta anos havia pelos[...] eclesiásticos que passavam por seus sertões. Logo pela direção do padre missionário se puseram a levantar uma igreja, que dedicaram à Santa Cruz; dia de S. Silvestre disseram missa aí com grande importunação dos índios, que queriam que os padres ficassem com eles de morada para saírem do paganismo, e receberem as águas do santo batismo. Fez-lhes o padre o que por então se lhes podia fazer, indo na tropa ca-

tequizando e exortando os sãos, visitando e ajudando aos doentes, instruindo e batizando os moribundos, examinando o cativo com tanto zelo e fadiga, que, sendo o trabalho maior que as forças, caiu gravemente doente de umas sezões que no sertão lhe deram com uns flatos, que pouco a pouco o foram debilitando de tudo; donde depois de ter Deus Nosso Senhor obrado por ele muitos batismos e conversões maravilhosas, conhecendo que era chegada sua hora, se armou com todos os sacramentos em uma aldeia dos bárbaros condurizes, e aí mesmo acabou, com grande desamparo dos remédios humanos, o curso de sua santa vida e ditosa peregrinação para ir gozar no Céu o fruto de seus apostólicos trabalhos. Foi enterrado em uma igreja que os índios mesmo lá fizeram, em reverência de seu corpo. Disse um certo dos antigos moradores do Pará, que ele morrera e se enterrara[...] e afirmou, como cousa certa, mas tenho da boca de Manuel Coelho e de Mateus Coelho, testemunhas de vista que morreu e se enterrou nos condurizes, donde depois de muitos anos trouxe os seus ossos Simão dos Santos, sendo subprior da Casa de Santo Alexandre do Grão-Pará, onde se enterraram na ermidazinha velha de S. Francisco Xavier, ao pé do altar, para banda da Epístola, mas algum tanto mais chegado à parede.

Foi o padre Manuel de Sousa um dos missionários que o Colégio de Coimbra mandou para cá na era do ano 1655, em companhia do padre Antônio Vieira, em sua segunda viagem para o Maranhão, e quis Deus que esta árvore da vida fosse transplantada daquele paraíso para os matos agrestes da gentildade do Estado do Maranhão, para dar a vida da graça a tantas almas; ele, como dito fica, foi o primeiro missionário que entrou pelo rio das Amazonas, naquela parte da fortaleza do Gurupá, levantando várias igrejas entre aquela espaçosa gentildade com fruto copiosíssimo, porque da primeira entrada que este embaixador do Céu fez por aquele grande rio[...] com grande trabalho batizou a quinhentos e quarenta e três adultos, como consta do Livro dos batismos, e depois desta Missão fez outras, com o mesmo e maior lucro, e entre estes batismos muitos deles como milagrosos, porque das mãos do padre saíam para as dos anjos, com grande sua consolação, gastando também desta[...] espiritual parte da fazenda que tinha herdado de seus pais. cousa prolongada seria referir as muitas mais virtudes; só contarei uma elas

com que se conheceram as mais, com que deixou singular exemplo de obediência e deferência, cortando por sua própria saúde.

Padeceu no sertão grande dor de olhos, e como lhe faltavam os remédios humanos se lhe cobriu um olho com uma belide; propôs[...] subprior se queria ir a Lisboa curar-se, e juntamente acabar seus estudos, pois lhe faltava a Teologia, que o declarasse porque partiria no primeiro navio. Nunca houve remédio para ele se declarar, e poder-se entender um mínimo aceno de sua vontade, a tudo respondia que faria o que lhe mandassem por obediência, e com esta resposta se partiu para o rio das Amazonas, quinhentas léguas distantes do povoado, onde parece que naquele deserto o chamava Deus, para lhe dar mais perfeita e clara vista de sua Face Divina, livrando-o das trevas e cegueiras desta vida mortal.

A relação destas duas missões do padre Manuel de Sousa a meu ver haviam de preceder a do padre Francisco Veloso, pelo mesmo rio, e conseqüentemente as mais referidas; mas porque achei que um dos moradores antigos, homem de autoridade, me afirmou que a entrada que fez Vital de Maciel em que o padre Francisco Veloso foi por missionário, fora a primeira, quis cedesse o mais moço ao mais velho em cousa que pouco importa, visto ficar sempre a substância do que obrou, sem embargo de haver alguma mudança na discordância do tempo.



.....

## *Capítulo XI*

VISITA O PADRE SUBPRIOR ANTÔNIO VIEIRA  
A MISSÃO DE S. FRANCISCO XAVIER  
SITA NA SERRA OU MONTES DE IBIAPABA

**A** MAIS DIFICULTOSA Missão de todas quantas há no Estado, parece ser aquela de S. Francisco Xavier, não porque seja a mais distante, porque são as do rio das Amazonas muito mais distantes sem comparação que ela; mas porque a ela se vai por terra e montes altíssimos, a pé, com suma moléstia, por se haver de levar os provimentos e mais necessário para ela às costas, quando nas mais missões se navega em canoa, onde se leva sem dificuldade alguma toda a vestimenta e mantimento que se requer.

Tinha o padre subprior da Missão já mandado para aquela tão gloriosa Missão dois missionários, em tempo do Governador André Vidal, como dito fica, e como, conforme um capítulo da visita, feito por ele, aprovado pelo nosso muito reverendo padre-geral e mais publicado em todas as casas, se devem visitas às residências das missões, quis ele, para não faltar à sua obrigação, visitar pessoalmente a Missão da serra. Para este efeito juntou índios bastantes das aldeias para levarem as vestimentas e mantimentos necessários, quando tivessem passado os lanções, pelos quais se mandou levar com tudo o seu acompanhamento em um

barco alugado para esse efeito; partiu do Maranhão, levando por companheiro o padre Gonçalo de Veras, que queria deixar na serra em lugar do padre Antônio Ribeiro, que lá estava com o padre Pedro Poderoso. São os lançõs perigosíssimos, em razão da muita correnteza das águas, que com grande ímpeto correm ao longo de uns areais branquíssimos umas dezoito léguas de distância e por isso se chamam lançõs.

Passaram-nos com felicíssima viagem, e chegados que foram ao rio das Preguiças, saltaram em terra para fazer o restante do caminho a pé por aquelas praias de areia que atolam tanto que até os mais robustos caminhantes não as vencem senão com muitas dificuldades. Carregaram os índios as vestimentas às costas, e o padre subprior lembrado de S. Francisco Xavier, Apóstolo das Índias, cuja residência ia visitar, se descalçou e começou a caminhar a pé nu, à imitação de seus exemplos por aquelas praias, como o Santo Apóstolo tinha caminhado pelas praias de pescaria da Índia Oriental; pasmaram todos vendo um homem de sua idade andar dias e semanas por aquelas areias com a moléstia e cansaço que se pode considerar; cansavam todos e só ele ia caminhando como incansável; tinha ficado atrás com um índio por nome Cristóvão, o qual por sua muita violência que mostrou nas guerras contra os holandeses assentou praça nas companhias do Rei, e suposto que entrava de guarda em camisa e sem ceroulas, nem gibão com seu mosquete às costas, era estimado não só dos padres, mas de todos os soldados portugueses como se fora um deles; este tal como caminhavam naquelas praias, pelas quais saem o âmbar, teve tanta fortuna que achou um pedaço, que pesava pouco mais ou menos uma arroba; não o tinham visto os que andavam diante por estar coberto das areias, que a muita ventania que comumente há por aí, tinha ajuntado naquele lugar. Foi tanto o desinteresse do padre subprior da missão que podendo-o ter tudo por qualquer cousa, que desse ao índio, não quis nem sequer aceitar uma onça dele, deixando-o todo ao índio para o vender ao Governador Dom Pedro de Melo quando voltassem ao Maranhão. Chegados que foram ao pé da serra, cansadíssimos de um tão molesto e comprido caminho, descansaram um pouco e logo depois começaram a subir pelas serras acima, com o mais incrível esforço, mas como o desejo da salvação das almas dava asas ao padre subprior e seu companheiro, não sentiam a moléstia do caminho, ainda que de si trabalhosíssimo, até para os índios que os

acompanhavam, e eram costumados a andar a pé por qualquer parte que seja.

Logo que os padres missionários e índios da aldeia souberam que vinha o padre subprior Antônio Vieira, o foram receber ao caminho com os principais com muita festa e danças dos meninos, e assim o acompanharam até a igreja onde se repicou sino, tocando os tabajaras pernambucanos suas charamelas e flautas; feita a oração, recolheu-se o padre subprior para sua casa dos padres, onde vieram dar-lhe as boas-vindas, trazendo-lhe suas frutas, e mais putabas, conforme seu costume; premiou-os a todos, e acabado este primeiro agasalho, tratou de sua visita, depois de algum descanso de uma tão trabalhosa viagem. Entre as cousas que lá ordenou, tocantes todas ao serviço de Deus e conversão da gentilidade que havia nos arredores, mandou que os padres missionários por nenhum modo tratassem de mandar em busca do âmbar, nem ainda comprassem o achado quando se lhes tornasse a vender; praticou largamente por alguns dias que lá se deteve sobre o modo que se haviam de governar e haver os índios com seus missionários para sua conservação e salvação de suas almas; estava naquele tempo o principal da aldeia, o famoso Simão, índio tão ladino, e muito político, conforme referia o padre Pedro Poderoso, que nesta parte não lhe levavam vantagem os mesmos brancos; a este o chamou com os seus o padre subprior Antônio Vieira, e depois de lhe ter declarado largamente a vontade de Sua Majestade, e encomendado a lealdade que deviam a Portugal como vassallos seus, deu-lhe uma moeda de ouro maciço que trazia as armas portuguesas por uma banda, e o retrato do Rei por outra, para trazê-lo em modo de Hábito de Cristo. Dispostas pois todas as cousas conforme pediam as circunstâncias, deixando grandes saudades entre os índios, pôs-se em caminho para o Maranhão; trazendo consigo o padre Antônio Ribeiro; e deixando o padre Gonçalo de Veras em seu lugar, veio para o Maranhão pelo mesmo caminho que tinha ido, suposto que com menos moléstia, por vir descendo muito abaixo, e depois de ter tomado algum descanso, chegado que foi ao Maranhão, relatou sua viagem ao Governador Dom Pedro de Melo, e o índio Cristóvão lhe fez oferta de todo o âmbar que tinha achado, pagando-lhe ele cousa limitada em comparação do que valia. O principal Simão a quem o padre subprior tinha dado a medalha, não tardou de fazer das suas, em dar mui-

ta moléstia em seu amancebamento aos padres missionários, e chegou a tanto que o Padre Poderoso se foi sozinho, com uns dois ou três índios, para Pernambuco, caminhando sempre a pé com incrível cansaço e trabalho, como ele raras vezes contava, e alcançou do governador poder de prender o dito principal, e remetê-lo preso em grilhões para a cidade de Castela (digo de Pernambuco), para assim apartá-lo da manceba, e tirar da aldeia o grande escândalo que dava a todos com esta sua má vida; mas nada se pôde[...] pelas razões que houve, como se verá pela continuação desta história. Trouxe o padre Pedro Poderoso também de Pernambuco ornamentos para a sua igreja, cavalos com suas selas para o uso da residência que o Governador lhe dera em nome de Sua Majestade. O principal, cada vez mais desaforado, vendeu a verônica de ouro que o padre subprior lhe tinha dado, a um mameluco, o qual a trouxe depois ao Maranhão, e deu ao Governador Rui Vaz de Siqueira por umas poucas de varas de pano, que não chegavam à metade do que ela valia; não me alongo mais sobre as cousas da serra, porque logo tornarei a tratar delas por capítulo inteiro.

.....

## *Capítulo XII*

RELATA-SE BREVEMENTE A MISSÃO DO  
PADRE SALVADOR DO VALE AOS PAUXIS, COM  
SUA DOENÇA, E MORTE DO PADRE PAULO LUÍS

**M**

ANDOU o padre subprior Antônio Vieira ao padre Salvador do Vale com seu companheiro pelo rio das Amazonas, a descer uma nação de gentio de língua geral por nome pauxis; foram-se ambos com grande zelo, doutrinando e administrando os sacramentos pelas aldeias ao redor da fortaleza do Gurupá, e dela caminharam em canoas com remeiros e tudo o mais necessário para o fim que intentavam, e foram tão prudentes em suas disposições e tão acertados os meios, que em breve tempo viram o fruto de seus trabalhos, descendo do sertão mais de seiscentas almas, as quais se puseram em um sítio novo e aprazível que está na boca do rio Xingu e das Amazonas; porém no tempo que estes índios se estavam situando, fazendo suas casas e lavouras, contentes de sua sorte, adoeceu o padre Vale, subprior daquela residência com o seu companheiro, mortalmente; julgaram todos serem obrigados a vir ao Pará a buscar o remédio de suas vidas; nestes apertos tão perigosos, resolveu-se o padre Vale a mandar seu companheiro com dois soldados ao Pará para se curar, e ficar ele, porquanto se ambos se retirassem

todas essas seiscentas almas que com eles se estavam situando, infalivelmente se tornariam para suas terras, perdendo-se o fruto de seus trabalhos, e ficando sem lucro os gastos que na missão se tinham feito, perdendo-se juntamente as cousas necessárias daquela residência. Ficou pois o padre Salvador do Vale sem companheiro, esperando só de Deus remédio desta vida. Poucos dias depois de partido o padre Paulo Luís, seu companheiro, começou a doença do padre Salvador do Vale a crescer com acidentes mortais, com a muita força do mal, que em breves horas imaginavam todos acabaria o termo de sua vida, porque a falta do necessário era grande naquele sertão, não havia médico, nem enfermeiro que tratasse dele. Nestas últimas aflições, chegou o padre Paulo Luís, enviado com diligência para lhe acudir. Tanto que chegou e viu as misérias e o grande desamparo do enfermo, foram tantas as lágrimas de compaixão e sentimento desse transe, que a todos os circunstantes causou admiração. Se pôs logo a dizer missa para lhe dar os sacramentos, por se imaginarem todos que logo acabariam os dias de vida; porém, assegurou aos circunstantes que o padre Salvador do Vale cedo cobraria a saúde perdida, e escreveu uma carta ao padre subprior da Missão, Antônio Vieira, em que lhe dava clara notícia do estado em que se achava aquela Missão; acabando com estas palavras: – o padre Salvador do Vale infalivelmente houvera de morrer, porém eu tenho pedido com instância a Deus Nosso Senhor, que a morte que lhe havia de dar a ele me desse a mim, e espero na Sua bondade que me há de conceder. Esta foi a petição em que mostrava a sua mera caridade, e exemplo foi singular, o caso extraordinário; porquanto, deferindo Deus a sua petição, repentinamente começou o enfermo a cobrar saúde, e o padre Paulo Luís a enfermar, e entrar em agonias de morte com tanta força do mal, que em breves dias acabou a vida com todos os sacramentos, que o padre Vale, subprior da residência, lhe administrou com várias jaculatórias ao Céu, com o santíssimo nome de Jesus, que a miúdo repetia consigo, e deste modo deu sua alma às mãos de Deus, na mesma hora que Cristo Senhor Nosso expirou na Cruz. No mesmo dia chegou Paulo Martins Garro, irmão da Missão e capitão-mor da fortaleza do Gurupá, com muitos soldados a visitar o padre subprior da residência, pelas novas que lhe ti-

nham dado que infalivelmente morria, e vendo a morte trocada, acompanharam ao defunto, carregando-o até à sepultura, louvando todos a Deus de tal gênero de morte, e maravilhados de mudança tão repentina, dispondo o Céu que todos se achassem presentes àquela tarde na aldeia, sem serem avisados, como acaso, para que seu servo tivesse honra da sepultura na igreja de Nossa Senhora do Desterro de aldeia do Tapará, onde esteve sepultado, até eu, sendo subprior da Missão, o mandar desenterrar e trazer seus ossos ao Pará. Dizia o padre Salvador do Vale que o padre Paulo Luís lhe tinha pedido seus sermões, cuidando que morria e que ele lhos dera, mas tornara a cobrar, tendo Deus trocado as sortes como temos visto. Era o padre Paulo Luís moço pela idade, mas muito perfeito em sua prudência, modéstia religiosa e suas virtudes, principalmente devoção, simplicidade e obediência singular. Partiu do Colégio de Coimbra com mais dois companheiros para esta Missão com grande alegria e diligência, começou a aprender a língua brasílica, para com mais eficácia poder ajudar as almas em tão copiosa[...] posto que um só ano esteve com ela, chegou ao auge da caridade do próximo, pois esta, como diz o próprio Cristo Senhor Nosso, quando é a mais perfeita chega a dar a vida pelo amigo; o que visto, pouco importa ter falecido moço, porque em caminho da virtude não são os muitos anos que faz na muita idade, e sim a vida imaculada, como por meio da qual o que falece moço vem a consumir os anos de velho, e elevar-lhe a vantagem em virtude, grande motivo para cada qual, ainda que moço, animar-se de trabalhar com muito fervor, para chegar a merecer em breve tempo o que outros menos fervorosos não merecem em muitos anos. Estando os missionários tão ocupados na salvação das almas por toda a Missão do Maranhão, veio para ela do Brasil o padre Francisco Gonçalves com cargo de visitador, e trouxe consigo o irmão Manuel Lopes por companheiro. Foi sua vida de grande exemplo para a Província do Brasil, que acabou de governar como provincial dela, e juntamente de grande agrado aos missionários do Maranhão, por verem autorizada sua Missão com um sujeito de tanta autoridade.

.....

## *Capítulo XIII*

REFERE-SE BREVEMENTE O QUE OBROU O  
PADRE FRANCISCO GONÇALVES ANTES DE VIR  
A ESTA MISSÃO DO MARANHÃO

**C**OMO este venerável varão se houve com grande exemplo na Missão do Maranhão, pareceu-me relatar o que obrou antes de aí entrar ele, para que a mesma sua vida exemplar lhe sirva de elogio nesta crônica.

Entrou o padre João Francisco Gonçalves para a Companhia no Colégio da Bahia, sendo de dezesseis anos de idade; começou e continuou seu noviciado com grande fervor de espírito e singular mortificação. Feitos seus votos e chegado o tempo de se aplicar ao curso das Artes, faltou o enfermeiro do Colégio e ele se foi oferecer voluntariamente ao padre subprior para suprir o seu lugar, alegando que lhe não faltaria tempo para continuar seus estudos; o padre subprior lhe aceitou a sua oferta, ficando ele atrasado nos estudos, porém muito adiantado no ofício da humildade, pois continuou o de enfermeiro com raro exemplo e vigilância, curando os religiosos, serventes e tapanhunos, servos do colégio com muita caridade e ficaram-lhe tão impressos no coração os fundamentos desta singular virtude que por este ofício lançou, que ainda depois de ser provincial da Província do Brasil, e já nomeado visitador desta Missão do Maranhão, por nosso muito reverendo padre



Gosvino Niquel, o primeiro ofício em que se exercitava acabada a nossa [...] era ir visitar os enfermos e curar as feridas e chagas muito asquerosas com suas próprias mãos, trazendo consigo sempre todos os medicamentos necessários para aquele fim. Passados cinco anos, que serviu com grande fervor e exemplo em tanta humildade e caritativo efeito de enfermeiro, foi mandado continuar o estudo das Artes, e depois de estudar Teologia na qual foi ordenado sacerdote, onde com o novo estudo tratou da reformação mais apertada de sua vida, não sendo bastantes as ocupações que teve de mestre de noviços e juntamente de lente de Teologia Moral no Colégio da Bahia, para lhe diminuir um ponto de sua muita oração: todos os dias, antes de dizer missa tinha três horas de oração mental, começando das três da manhã até às seis, e depois de dizer missa que celebrava com singular devoção, tinha mais uma hora de oração de joelhos na capela, e quando as ocupações de seu ofício eram urgentes uma meia hora somente; todo o tempo que na Companhia viveu, a todos deu singular exemplo de todas as virtudes, e nos cargos em que o ocupavam procedeu com grande satisfação, sendo respeitado de todos como apostólico varão.

Quando os holandeses foram tomar a Capitania do Espírito Santo, era ele subprior daquela casa, que hoje é Colégio, e foi tal o ânimo que meteu aos moradores com um Cristo nas mãos, que todos pelejaram com grande valor, alcançando uma grande vitória dos inimigos, com tantos prodígios do Céu, que tiveram a batalha por prodigiosa pelo pouco número de nossa gente, que só eram duas companhias limitadas de ordenação, contra o excessivo poder dos hereges que traziam em[...] do Estado retirando-se com muita mortandade, e de nossa gente só morreu um homem que[...] uma só peça de artilharia que tinham para defesa; muitos atribuíram esta vitória às orações do servo de Deus, o padre Francisco Gonçalves, desta Capitania do Espírito Santo, que disse do púlpito, pregando publicamente ao povo, que os mareantes de um navio que estava para partir quando chegassem a Lisboa achariam aclamado o Rei português, com grande alegria sua; tudo se cumpriu, porque o navio chegou a salvamento e acharam o Rei Dom João o 4º governando o Reino; assim o juram todos na Corte e estes testemunhos andam impressos na relação dos prodígios daquele ano de 1640.

Do Colégio do Espírito Santo foi enviado para[...] do Colégio do Rio de Janeiro, e depois nomeado na congregação para procurador geral em Roma, a tratar matérias de consideração pertencentes à Província do Brasil; a primeira cousa sobre que falou em Roma a nosso muito reverendo padre-geral Gosvino Niquel, foi pedir-lhe licença para trabalhar e morrer nas missões do Estado do Maranhão, na conversão desta numerosa gentildade, e foi esta súplica com tanto fervor que por então alcançou o despacho, que com tanta ânsia pretendia.

Depois de propor os mais negócios pertencentes à província se veio alegremente a Portugal a se embarcar para a Missão, como quem trazia o despacho de seus serviços; estando já para partir, lhe mandou nosso muito reverendo padre-geral patentes até para ser primeiro provincial do Brasil, e que depois deferiria a sua petição; muito sentiu atalharem-se seus desejos, porém, abaixando a cabeça ao peso, se partiu para o Brasil, onde foi aceito de todos com grande alegria porque conheciam e veneravam universalmente o tesouro de suas grandes virtudes, e assim o mostrou Deus Nosso Senhor nas grandes felicidades que seguiram no tempo de seu governo. Sempre visitou a província toda por sua própria pessoa; ele foi o medianoiro da restituição do Colégio de S. Paulo, sendo recebido naquela Capitania com grande alegria de todos os moradores, ainda daqueles que tinham sido causa da sacrílega expulsão dos padres que assistiam naquele Colégio, onde foram tantas as lágrimas que o padre, com os moradores, assim homens como mulheres, derramara, que causaram espanto.

Ouviu-se no Colégio de S. Paulo um pranto desentoado, e um arrependimento grande[...] cometida entre Deus e seus ministros; concedeu-se-lhes um jubileu e indulgências plenárias das censuras, penas e casos da Bula da Ceia, em que tinham incorrido, perdoando liberalmente a satisfação da parte ofendida, e ele foi o que fez dar à execução em seu tempo o Colégio que temos na Capitania de Santos, restituindo também os padres com júbilos notáveis de alegria àquela vila, nomeando o primeiro reitor que teve; ele foi que nomeou a Casa do Espírito Santo na vila da Vitória em Colégio, nomeado o subprior reitor daquela Capitania; ele foi o primeiro visitador que teve esta Missão, nomeado do provincial do Brasil, o padre Simão de Vasconcelos, e depois confirmado com patente do nosso muito reverendo padre-geral, até em seu tempo

conseguiu-se a restauração de Pernambuco tão maravilhosa, entrando ele primeiro a visitar e ordenar as cousas daquele Colégio, que até estas felicidades, quis o Céu se alcançassem em seu tempo, e que fosse primeiro nestas ações para deixar exemplo de seguirmos suas pisadas. Acabado o governo da Província do Brasil, foi eleito por mestre de noviços segunda vez, onde parece se esteve ensaiando naquela escola do espírito para as gloriosas missões que havia de fazer por esta gentildade, e para as peregrinações e trabalhos que com tanta paciência havia de sofrer no Estado do Maranhão.

.....

## *Capítulo XIV*

DO QUE O PADRE FRANCISCO GONÇALVES  
OBROU COMO VISITADOR E PARTICULAR  
EM ESTA MISSÃO ATÉ A SUA DITOSA MORTE EM CAMETÁ

*D*

EPOIS de continuar o padre Francisco Gonçalves algum tempo no cargo de mestre de noviços do Colégio da Bahia, trataram os subprios de mandar alguns padres para continuar esta Missão do Maranhão; foram tão notáveis os requerimentos que lhes fez para que lhe dessem a primeira licença que tinha trazido de Roma para vir a ela, que alcançou o que pedia, sendo mandado por Visitador; foi recebido como um anjo do Céu; e em todo o tempo de seu governo, procedeu como pai assim dos religiosos como dos gentios a todas as missões e residências visitou sempre por sua própria pessoa pela forma seguinte:

Primeiramente consolava os súditos, animando-os a perseverarem no trabalho da vinha do Senhor, com práticas pias e devotas. Tinha antes da missa as suas três horas de oração; ao sair da aurora dizia a primeira missa aos índios, conforme o costume, para depois irem trabalhar em suas lavouras; acabada a missa, ensinava a doutrina geralmente a todos, catequizando os adultos; depois tinha a sua meia hora de recolhimento em ação de graças, a qual acabada, ia visitar aos enfermos, curando-os e aplicando-lhes todos os medicamentos necessários, porque

sua muita caridade e grande experiência, que tinha tido nas enfermarias, lhe havia comunicado a ciência experimental de qualquer enfermidade e toda sorte de chagas curava sempre por sua mão. Depois de visitar e consolar em língua brasílica, na qual era muito perito, punha-se a repartir, por sua pessoa, o sustento que houvera de ir a cada um deles, conforme a enfermidade que padecia.

Às tardes continuava com a mesma doutrina e catecismo, batizando os inocentes e adultos, que já tinham ciência dos principais mistérios de nossa Santa Fé; ao fim da doutrina, saía com todo o auditório a encomendar as almas pela aldeia, entoando os meninos em voz alta a doutrina cristã com cruz alçada, e respondendo todos, assim índios como índias, uniformemente a tudo; e para que se fizesse todos os dias este ato com mais devoção e maior solenidade, ele era o que muitas vezes entoava aos gentios a santa doutrina, levando diante uma cruz, ajoelhando-se em todos os cantos da aldeia, até se tornarem a recolher à igreja da qual tinham saído, fazendo que se guardasse este costume em todas as nossas residências. Com estas obras de caridade, piedade e religião, se fez vulgarmente amado de todos, sendo respeitado por um varão apostólico, e os índios o chamavam em sua língua varão de grande prudência e por este nome o divisavam e distinguiam dos mais missionários. Por este tempo lhe mandou o nosso muito reverendo Geral patente de Visitador-Geral, a qual recebeu na Capitania da Pará, onde residia, e foi declarado por tal, ainda que com muita repugnância sua, porque dizia que viria tempo em que todos os padres conhecessem os grandes desejos que tinha de se livrar daquele cargo, para com mais eficácia se empregar nas missões que fossem da propagação da Fé; e, com realidade, assim como o tinha dito por palavra, o executou por obra, porquanto, mandando o nosso muito reverendo padre-geral aliviá-lo do governo desta Missão depois de algum tempo, no mesmo dia em que largou o cuidado da Missão, se ofereceu a seu sucessor para ir em Missão ao rio das Amazonas; por mais razões que lhe propuseram para se não deferir a sua petição e tanto zelo, vista a sua muita idade e achaques particulares, pois tinha perto de setenta anos de idade, e a Missão era muito trabalhosa, na qual se havia de assistir por aqueles sertões, muito doentios, mais de ano, contudo foram tantas as diligências e instâncias deste venerável varão, os seus desejos tão eficazes de querer acabar em vida naquela milícia

do Céu, que se deferiu a sua petição. Com extraordinária alegria de sua alma, se partiu da capitania do Maranhão para o rio Negro, mais de quinhentas léguas de jornada, com quarenta soldados e quatrocentos índios, que iam aos resgates dos escravos. Não se podem facilmente explicar os grandes serviços de Deus que fez por todos aqueles rios, pregando, confessando, catequizando, batizando como um apóstolo entre aquelas nações tão várias, em que andou por espaço de dezessete meses, metido em grandes trabalhos que padeceu e perigos de que Deus o livrou. Não são críveis os grandes danos e perdição irreparável das almas que atalhou durante as guerras injustas que os bárbaros tinham entre si, porque por aquele tempo em que se ocupava com aqueles exercícios de caridade, morreu um dos maiores principais que tinha aquele rio, imaginando seus vassallos que outra nação poderosa, também do rio Negro, lhe teria dado veneno; sem mais razão nem justiça que esta imaginação fingida e inimizade antiga, se partiram em setenta canoas pelo rio acima, com intenção de destruir os seus contrários, os quais também se tinham posto em armas, armando suas ciladas para o conflito em que todos haviam de acabar. Por mais segredo que os bárbaros tiveram no apresto desta guerra, para que ao menos lhes não impedissem o primeiro assalto, não foi possível, porque sendo avisado o missionário de algumas aldeias circunvizinhas, lhes mandou dizer que se aquietassem e não dessem guerras injustas, matando os inocentes, porquanto o principal morreria de sua enfermidade antiga. Foram tão eficazes estas palavras que os bárbaros se retiraram outra vez, sendo que estavam já distante do padre mais de trinta léguas, desistindo totalmente do primeiro intento, persuadindo-se todos que se matariam com grande injustiça, reprovada de todos, que tanta era a eficácia que Deus tinha posto em suas palavras. Das perseguições e trabalhos que padeceu nesta Missão lhe originou um[...] incruento, em que ganhou a coroa da glória que no Céu gozará, porquanto depois de estarem dez meses pelo interior do sertão, se levantou um contágio do qual todos adoeceram mortalmente, porquanto este rio tem muitos lagos pelo sertão que todos se enchem de peixe, jacarés e outros animais, pelo rigor do inverno; mas com a força do verão, com a força das calmas que o sol causa naquele tempo, ficam todas as lagoas em seco e os animais que nelas estavam metidos, por falta da água, se acham mortos; esta grande mortandade de pescado corrompe o ar, ocasionando várias

enfermidades na gente, que não é natural naquele sertão; a todos, assim índios como portugueses, acudia o padre missionário com grande caridade, não só com os sacramentos mas ainda com os medicamentos para cura de seus corpos; como a necessidade era grande e os enfermos muitos, ele lhes repartia a todos o sustento, servindo não só de médico e enfermeiro, mas também despenseiro e cozinheiro[...] o mais tempo que lhe ficava depois destes exercícios de caridade, examinava o cativoiro dos índios que seus senhores lhe traziam por escravos, para os venderem aos soldados da tropa, julgando a justiça de seus cativeiros, segundo as leis do Rei, ouvindo as razões do índio cativo, não consentindo que se lhe fizesse moléstia alguma, para que também pudesse alegar as razões de sua liberdade. Com este virtuoso procedimento, se fez muito respeitado e conhecido por aqueles sertões, nos quais entrava com tanta segurança que a todos causava espanto, sendo ele o primeiro ou dos primeiros missionários que aí entram com a propagação da Fé, andando entre os bárbaros em suas povoações, como se estivera entre amigos domésticos. Nesta última Missão lhe deu uma febre lenta, que a princípio mostrou ser de pouca consideração, e por esta causa se retirou para a mais gente da tropa que tinha deixado no rio, por ser já tempo conveniente de se voltarem ao Pará; com o que tendo resgatado setecentos escravos e muitas aldeias de índios livres, que deixava pousadas à borda do rio, já domesticadas e postas em paz, se vieram todos alegremente para baixo. Pela jornada começou a febre a crescer com o trabalho do caminho e balanços da canoa, e como se ateava em um corpo já velho e debilitado, se lhe originou uma hécica; com esta enfermidade o trouxe Deus ao Pará, para nos dar singular exemplo de paciência no fim de sua vida, assim como a tinha dado no decurso de todas suas peregrinações, porque esteve sete meses de cama, nos quais se lhe tolheram os braços para maior martírio. Entendendo que aquele era o tempo em que Deus o chamava para o prêmio de seus trabalhos, pediu licença ao subprior para se retirar para aldeia do Cameté, e aí com mais quietação preparar sua alma a morrer entre os índios. Lá esteve dois meses nos quais se foi preparando com os sacramentos, respondendo a eles como sacerdote, o que mais admiração causou a todos os circunstantes foi que, não tendo forças para se manear e sustentar em pé, todas às vezes que recebeu o Santíssimo Sacramento sempre se pôs de joelhos, com grande reverência, e parece

que foi particular favor do Céu, pela muita devoção com que recebia sempre este divino sacrifício, derramando copiosas lágrimas quando consagrava e consumia a hóstia no sacrifício da missa que todos os dias celebrava. Finalmente, dia de S. João Batista, padroeiro da igreja do Cametá, na tarde, 1660, entregou a alma a seu Criador; no mesmo dia e tarde foi enterrado, diante do altar-mor, e cumprindo-lhe Deus seus desejos, como dizia várias vezes, que era de morrer em campanha, em qualquer aldeia dos índios ou sertão dos bárbaros, afirmando que a maior glória que levava desta vida era morrer nesta Missão, tão perseguida e desamparada, onde fez tantos serviços a Deus na conversão da gentildade. Foi varão de grande abstinência, nunca comia mais que ao jantar, e à noite passava com qualquer fruta; foi singular na mortificação, porque nunca na Missão dormia em cama, mas passava parte da noite sobre umas tábuas quando descansava; nem se pôde acabar com ele, quando partiu para o sertão, que aceitasse colchão, visto ser o clima frio e muito doentio para sua muita idade e contínuos achaques. Teve particular devoção com a Rainha dos Anjos, repetindo muitas vezes entre o dia uma particular saudação, com a qual lhe pedia saúde e ajuda em suas Missões; teve também grande desprezo de si e grande amor à santa pobreza, e, sendo visitador desta Missão andava com uma roupeta velha, parda, a qual largou depois de passarem muitos meses, por petição dos padres, contentando-se com uma de algodão tinta de preto; nem usava de escritório, suas alfaias constavam de uma canastra em que guardava os seus cilícios, disciplinas e alguns livros de casos de consciência, para resolver as dúvidas que na Missão se alterassem; finalmente, pela oração e caridade e todas as mais virtudes, era varão singularíssimo, e em uma palavra muito perfeito e santo.



.....

## *Capítulo XV*

FAZ O PADRE SUBPRIOR ANTÔNIO VIEIRA  
PAZES COM OS INGAÍBAS E MAIS NAÇÕES DAQUELA ILHA

O

GOVERNADOR D. Pedro de Melo, vendo o bom sucesso que tinham as entradas e missões que se faziam para bem comum do Estado por uma parte, e o grande detrimento que lhe davam os ingaíbas e outras nações da Ilha Grande, por comerciarem com os holandeses que vinham carregar navios de peixe-boi para a banda do norte, e receando-se que uniriam a ele contra a Coroa de Portugal, fazendo guerra às Capitanias do Estado, fez junta, a instância dos homens principais da terra, para conhecer da justiça da guerra que se lhes pudesse dar antecipadamente, antes que o mal que se temia chegasse a não se poder remediar; resolveram todos, assim eclesiásticos como seculares, que Sua Majestade manda consultar em semelhantes ocasiões, que a guerra era muito justa, e de tudo necessário para o bem e conservação do Estado, e assim se havia de dar. Foi o padre Antônio Vieira de parecer que, enquanto à guerra, se ficava prevenido em todo o segredo, que para maior justificação e ainda justiça dela, se oferecesse primeiro a paz aos ingaíbas, sem soldados nem estrondo de armas que a fizessem suspeitosa, como em tempo de André Vidal tinha sucedido; e porque os meios desta proposição de paz pareciam igualmente amizades, pelo conceito que se tinha da

fereza da gente que morava espalhada pelos rios e matos ignorados e impenetráveis, tomou a sua conta o mesmo padre subprior da Missão ser o mediano dela; supondo todos que não só o não haviam de admitir, mas que haviam de responder com as flechas aos que lhes levassem semelhante prática, como sempre tinham feito por espaço de vinte anos, que tantos tinham passado desde o rompimento desta guerra. Nem era mal fundado este parecer ou medo, porque é cousa sabida que os ingaibas são naturalmente ferozes, é sua ilha e toda composta de um confuso e intrincado labirinto de rios e bosques e poços, aqueles com infinitas entradas e saídas, e estes sem entrada nem saída nenhuma boa, onde não é possível cercar, nem achar, nem seguir, nem ainda ver os inimigos, estando eles a mesmo tempo debaixo da trincheira das árvores, apontando e empregando suas flechas; porque este modo de guerra volante e invisível não tivesse estorva da casa, mulheres e filhos, a primeira cousa que fizeram esses bárbaros, tanto que se resolveram a guerra com os portugueses, foi desfazer e como desatar as povoações em que viviam, dividindo as casas pela terra dentro a grandes distâncias, para que em qualquer perigo pudesse um avisar os outros, e nunca serem acometidos juntos, ficando desta sorte habitando toda a ilha sem habitarem nenhuma parte dela, servindo-lhes, porém, todos os bosques de muro, e os rios de defesa, e as casas de atalaia, e cada ingaiba de sentinela, e as suas trombetas de rebate; porém, todos estes medos e receios tão bem fundados os atalhou o Céu, porque em dia de natal do mesmo ano de 1658, despachou o padre subprior dos índios principais com uma carta patente sua a todas as nações ingaibas, na qual lhes segurava que por beneficio da nova lei que ele fora procurar ao Reino, se tinham já acabado para sempre os cativeiros injustos, e todos os outros agravos que lhes faziam os portugueses, e que em confiança desta sua palavra e promessa, ficaria esperando por eles ou por algum recado seu para ir às suas terras, e que em tudo o mais dessem crédito ao que em seu nome lhes diriam os portadores daquele papel. Partiram os embaixadores que também eram de nação ingaibas, e partiram como quem ia ao sacrificio, tanto era o horror que tinham concebido da fereza daquelas nações até os de seu próprio sangue; mais provou Deus que valem pouco os discursos humanos

onde a obra é de sua providência. Em dia de Cinza, quando já se não esperavam, entraram pelo Colégio da Companhia os dous embaixadores vivos e muito contentes, trazendo consigo sete príncipes ingaíbas acompanhados de muitos outros índios das mesmas nações; foram recebidos com as demonstrações de alegria e aplauso que se devia a tais hóspedes, os quais depois de um comprido arrazoado em que desculpavam a continuação da guerra passada, lavando-se de toda a culpa, e como não era verdade a pura fé que lhes tinham guardado os portugueses, concluíram, dizendo assim: Mas depois que vimos em nossas terras o papel do padre grande de que já nos tinha chegado a fama, que, por amor de nós e de outra gente de nossa pele, se tinha arriscado as ondas do mar alto, e alcançando do Rei para todos nós cousas boas, posto que não entendemos o que dizia o dito papel, pela relação destes nossos parentes, logo no mesmo ponto lhe demos tão inteiro crédito, que, esquecidos totalmente de todos os agravos dos portugueses, nos viemos aqui meter entre suas mãos e nas bocas de suas peças de artilharia, sabendo de certo que debaixo das mãos dos padres, de quem já de hoje adiante nos achamos filhos, não haverá quem nos faça mal. Com estas razões tão pouco bárbaras desmentiram os ingaíbas a opinião que se tinha da sua fereza bárbara, e se estava vendo nas palavras, gestos, e ações, os efeitos do que falavam então e mais a verdade do que diziam. Queria o padre superior partir logo com eles à suas terras, mas responderam com cortesia não esperada que eles até aquele tempo viveram como animais do mato debaixo das árvores, que lhes déssemos licença para que logo fossem descer uma aldeia para beira do rio, e que depois que tivessem edificado casa e igreja em que receber os padres, então os viriam buscar muitos mais em número, para que fosse acompanhado como convinha, sinalando nomeadamente que seria por S. João, nome conhecido entre os gentios, pelo qual distinguem o inverno da primavera. Assim o prometeram, ainda mal criados, os ingaíbas, assim o cumpriram pontualmente, porque chegaram às aldeias do Pará cinco dias antes da festa de S. João com as canoas, que com treze da nação de cambocas que também são da mesma ilha, faziam número de trinta, e em elas outros tantos principais acompanhados de tanta e tão boa gente, que a fortaleza da cidade

se pôs secretamente em armas. Não pôde ir o padre subprior em esta ocasião por estar mortalmente doente, mas foi Deus servido que o pudesse fazer em dezesseis de agosto, em que partiu das aldeias de Cameté em doze grandes canoas, acompanhado dos principais de todas as nações cristãs, e de somente seis portugueses, e do sargento-mor da praça, para mostrar maior confiança. Ao quinto dia de viagem entraram pelo rio dos mapuazes, que é a nação dos ingaibas, que tinha prometido fazer a povoação fora dos matos em que receber só padres, e duas léguas antes de chegarem ao porto saíram os principais a encontrar as nossas canoas em uma sua, grande e bem equipada, empavesada de penas de várias cores, tocando buzinas e levantando pocemas, que são vozes de alegria e aplauso com que gritam todos juntos a espaços, e é a maior demonstração de festa entre eles, com quem também de todas as nossas se lhes respondiam. Conhecida a canoa dos padres entraram logo em ela os principais, e a primeira cousa que fizeram foi apresentar ao padre subprior Antônio Vieira a imagem do Santo Cristo, do padre João de Souto-Maior, que havia quatro anos tinham em seu poder e de qual se tinha publicado que os gentios a tinham feito em pedaços e que por ser de metal a tinham aplicado a usos profanos, sendo que a tiveram sempre guardada e com grande decência, e respeitada com tanta veneração e temor que nem a tocá-la, nem ainda a vê-la se atreviam. Receberam os padres aquele sagrado penhor com os efeitos que pedia a ocasião reconhecendo eles portugueses e ainda os mesmos índios que a este divino missionário se deviam os efeitos maravilhosos da conversão e mudança tão notáveis dos ingaibas, cujas causas se ignoravam. Logo disseram que desde os princípios daquela lua estiveram os principais de todas as nações esperando pelos padres em aquele lugar; mas vendo que não chegavam ao tempo prometido, nem muitos dias depois, resolveram que o padre grande devia ser morto e que com esta resolução se tinham despedido, deixando, porém, assentado antes, que daí a quatorze dias se ajuntariam outra vez todas as suas canoas para irem ao Pará sobre o que se passava e se fosse morto o padre chorarem sobre sua sepultura pois já todos o conheciam por pai. Chegados enfim à povoação, desembarcaram os padres com os portugueses e principais cristãos, e os ingaibas naturais os

levaram à igreja que tinham feito de palmas ao uso da terra, mas muito limpa e concertada, a qual logo se dedicou à sagrada imagem com o nome da igreja de Santo Cristo, e se disse *Te Deum laudamus*, em ação de graças. Da igreja, a poucos passos, levaram os padres para a casa que lhes tinham preparado, a qual estava muito bem traçada, com seu corredor e cubículos, e fechada toda em roda com uma porta só, enfim com toda a clausura que costumam guardar os nossos missionários entre os índios. Mandou-se logo recado às nações que tardavam em vir mais ou menos tempo, conforme a distância, mas enquanto não chegaram as mais vizinhas, que foram cinco dias, não esteve o Demônio ocioso introduzindo-se em os ânimos dos índios, e ainda dos portugueses em o princípio por meio de certos agouros, e depois pela consideração do perigo em que estavam se os ingaibas faltassem à fé prometida; a tais desconfianças, suspeitas e temores, faltou pouco para não largarem a empresa e esta ficar perdida e desamparada para sempre. A resolução foi dizer o padre subprior Antônio Vieira aos cabos que lhe pareciam bem as suas razões, e que, conforme elas, se fossem embora todos, que ele só ficaria com seu companheiro, pois só a eles esperavam os ingaibas, e só com eles haviam de tratar; mas no dia seguinte, começou de entrar pelo rio em suas canoas a nação dos mamaianazes, de quem havia maior receio por sua fereza, e foram tais as demonstrações de festa, de confiança e verdadeira paz que nesta gente se viam, que as suspeitas e temores dos nossos se foram desfazendo, e logo os rostos e os ânimos, e as mesmas razões e discursos se vestiram de diferentes cores. Tanto que houve bastante número de principais, depois de se lhes ter praticado largamente o novo estado das cousas, assim pelos padres como pelos índios de sua doutrina, deu-se ordem ao juramento de obediência e fidelidade, e para que se fizesse com toda a solenidade e cerimônia exteriores (que vale muito com gente que se governa pelos sentidos), se dispôs e fez pela forma seguinte.

Ao lado direito da igreja estavam os principais das nações cristãs com os melhores vestidos que tinham, mas sem mais armas que as suas espadas; da outra parte estavam os principais gentios despidos e empenhados ao uso bárbaro com seus arcos e flechas na mão, entre um

e outros os portugueses; e logo disse missa o padre subprior Antônio Vieira em um altar ricamente ornado que era da adoração dos reis, à qual missa assistiram os gentios de joelhos, sendo grandessíssima consolação aos circunstantes vê-los bater em os peitos e adorar a hóstia e o cálice com tão vivos efeitos daquele preciosíssimo sangue que, sendo derramado para todos, aqui mais que em outros ânímos teve sua eficácia. Depois da missa, assim revestidos dos ornamentos sacerdotais, fez o padre uma prática a todos, em que lhes declarou pelos intérpretes a dignidade do lugar em que estavam, e a obrigação que tinham de responder com limpo coração e sem engano a tudo o que lhes fosse perguntado, e de guardar inviolavelmente depois o prometido. E logo fez perguntar a cada um dos principais se queriam receber a fé do verdadeiro Deus, e ser vassalos d'el-Rei de Portugal, assim como são os portugueses e os outros índios das nações cristãs e avassaladas, cujos principais estavam presentes, declarando-lhes juntamente que a obrigação de vassalos era haverem de obedecer em tudo às ordens de Sua Majestade, e se sujeitar às suas leis e ter paz perpétua e inviolável com todos os vassalos do mesmo senhor, sendo amigo de todos os seus amigos e inimigos de todos os seus inimigos, para que desta forma gozassem livre e seguramente de todos os bens, concordâncias e privilégios que pela última lei do ano 1655 eram concedidos por Sua Majestade, e os índios deste Estado a tudo responderam, todos uniformemente: que sim; só um principal chamado Piye, o mais entendido de todos, disse que não queria prometer aquilo, e como ficassem os circunstantes suspensos em a diferença não esperada desta resposta, continuou dizendo, que as perguntas e as práticas que o padre lhes fazia que as fizesse aos portugueses e não a eles, porque eles sempre foram fiéis a el-Rei e o reconheceram por seu senhor desde o princípio desta conquista, que sempre foram amigos e servidores dos portugueses, e que se esta amizade e obediência se quebrou e interrompeu fora por parte dos portugueses e não pela sua, e assim os portugueses eram os que agora haviam de fazer ou refazer as suas promessas, pois as tinham quebrado tantas vezes, e não ele e os seus que sempre as guardaram. Foi festejada a razão do bárbaro, e agradecido o termo com que qualificava a sua fidelidade, e logo o principal que tinha o primeiro lugar, chegou ao altar onde estava o padre e levando arco e flechas aos seus pés, posto de joelho, com as mãos levantadas

e metidas entre as mãos do padre, jurou desta maneira: Eu, fulano, principal de tal nação, em meu nome e de todos os mais súditos e descendentes, prometo a Deus e a el-Rei de Portugal, à fé de Nosso Senhor Jesus Cristo, de ser (como já sou) de hoje por diante, vassalo de Sua Majestade, e de ter perpétua paz com os portugueses, sendo amigo de todos os seus amigos e inimigo de todos os seus inimigos e me obrigo assim a o guardar e cumprir inteiramente para sempre. Dito isto, beijou a mão do padre de quem recebeu a bênção, e foram continuando os mais principais por sua ordem, da mesma forma. Acabado o juramento, vieram todos, pela mesma ordem, a abraçar os padres, e depois aos portugueses, e ultimamente aos principais cristãos, com os quais também tinham então a mesma guerra que com os portugueses.

Era cousa muito para dar graças a Deus ver os extremos de alegria e verdadeira amizade com que davam e recebiam estes abraços, e as cousas que diziam entre eles; por fim, postos todos de joelhos, disseram os padres o *Te Deum laudamus*, e saindo da igreja por uma praça larga, tomaram os principais cristãos seus arcos que tinham deixado fora, e para demonstração pública do que dentro da igreja se tinha feito, os portugueses tiraram as balas dos arcabuzes, e as lançaram no rio e dispararam sem bala, e logo uns e outros principais quebraram as flechas e atiraram com os pedaços ao mesmo rio, cumprindo-se aqui a letra – *Arcum conteret et confringet arma*.

Tudo isto se fazia ao som de trombetas, buzinas, tambores e outros instrumentos, acompanhados de um grito contínuo de infinitas vozes, com que toda aquela multidão de gente declarava sua alegria, estendendo-se este geral conceito a todas, posto que eram de mui diferentes línguas. Em esta praça se foram juntos todos os principais com os portugueses que assistiram ao ato da casa dos padres, e ali se fez termo jurídico e autêntico de tudo o que na igreja se tinha prometido e jurado, que assinaram os mesmos principais, estimando muito, como se lhes declarou, que os seus nomes houberam de chegar à presença de Sua Majestade, em cujo nome se lhes passaram logo cartas para em qualquer parte e tempo serem conhecidos por vassalos. Na tarde do mesmo dia deu o padre seu presente a cada um dos principais, como eles os tinham trazido, conforme o costume destas terras, que a nós é sempre mais custoso que a eles. Os atos da solenidade que se fizeram foram três, por

não ser possível ajuntarem-se todos em um mesmo dia; e os dias que ali se detiveram os padres, que foram quatorze, se passaram todos, de dia em receber e ouvir os hóspedes, e de noite em contínuos bailes, assim das nossas nações como das suas, que, como diferentes pelas vozes, modos, instrumentos, e harmonia, tinham muito que ver e que ouvir. Rematou-se este triunfo da fé[...] ao mesmo lugar o estandarte dela, uma formosíssima cruz, na qual não quiseram os padres tocasse índio algum de menos qualidade, e assim foram cinqüenta e tantos principais os que a tomaram aos ombros e levantaram com grande festa e alegria, assim dos cristãos como dos gentios, e de todos foi adorada. As nações de diferentes línguas que aqui se introduziram foram os mamaianazes, panca-cás, guajurás, pipixis e outras. O número das almas não se pode dizer com certeza, os que menos o sabem dizem que serão quarenta mil, entre os quais também entrou um principal dos tucujus, que é província à parte, na terra firme do rio das Amazonas, defronte da ilha dos ingaibas, e há fama que os excedem muito em número e que uns e outros fazem mais que cem mil almas. Deixou o padre Antônio Vieira assentado com estes índios que no inverno se saíssem dos matos, e fizessem suas casas sobre os rios, que pelo verão seguinte os pudessem já ver todos em suas terras, e deixar alguns padres entre eles, que os comesse a doutrinar, e com estas esperanças todos contentes e saudosos. Pareceu aos padres trazerem consigo até tornarem, a imagem de Santo Cristo, a qual, por comum aplauso e devoção, decoro das religiões e da República, foi recebida pela cidade do Pará em soleníssimo triunfo, dando todos a glória de tamanha empresa a este senhor, e a confessando que só era e podia ser sua. Este é, por maior, o sucesso das pazes com os ingaibas, estes os segmentos da fé que conseguiram com seus trabalhos os padres missionários da Companhia de Jesus em aquela gente bárbara, não sendo de menos consideração e consequência as utilidades temporais e políticas que por este meio cresceram à Coroa e Estados seus, porque os que conseguiram ver a felicidade desta empresa, não só com os olhos para o Céu, senão também em terra, têm por certo que com ela se acabou de conquistar o Estado do Maranhão, porque com os ingaibas por inimigos seria o Pará de qualquer nação estrangeira que se confederasse com eles, e com os ingaibas por vassalos e por amigos fica o Pará seguro e impetrável a todo o poder estranho. E porque todo este bem se deve ao San-



to Cristo que o padre João de Souto-Maior deixou era penhor entre as mãos dos ingaíbas, vendo eu em tempo do meu primeiro subprior da missão, que este divino missionário e conquistador das nações sobre-ditas, estava metido em um canto, e quase esquecido, ordenei que se pusesse à veneração de todos, na cruzinha que está sobre a portinha do sacrário dourado do altar-mor da igreja de S. Francisco Xavier, Colégio de Santo Alexandre da cidade de Belém, Capitania do Grão-Pará, e quis fazer disto menção para que em nenhum tempo se o venha a desconhecer, mas fique em lembrança e veneração perpétua dos padres missionários que tiver esta missão.

.....

## *Capítulo XVI*

MANDA O PADRE SUBPRIOR ANTÔNIO VIEIRA  
UMA CARTA PARA ROMA A PEDIR MISSIONÁRIOS, FAZ O  
CORREGEDOR NOVO DO MARANHÃO PARA A BANDA DA  
MATRIZ E CHEGA O PADRE JOÃO MARIA GORSONY  
COM SEUS COMPANHEIROS

**A**CABADA a gloriosa Missão dos ingaibas, manda o padre subprior Antônio Vieira a Roma pedir missionários para prover as novas missões; entretanto, parte para o Maranhão; e como achava ser a casa mui limitada, mandou-lhe apresentar um corredor novo de pedra e cal, para banda da matriz, a oeste; continuaram outro, correspondente a aquele para banda de Santo Antônio, a leste, ficando ambos com uma bela portaria, com seu sobrado posto sobre arcos para banda da rua; e edificou uma igreja nova para a mesma banda, fora de todas estas obras, por uma ribanceira e cova grande que aí havia, ficando as oficinas em quadra para a banda do mar naquela ladeira, e o refeitório correndo da janela grande para o poço, com sua cozinha e tudo isto em eirado, sem teto, para se poder espaiar por eles pelas manhãs e tardes do dia, entre uma multidão de vasos dispostos pelos arredores com seus cheiros para maior agrado. De tudo isso tinha um belo debuxo feito pelo irmão João de Almeida, francês de nação, que tinha vindo do Brasil, e era engenheiro, ao menos bem principiante de sua profissão. Chegadas as cartas do padre subprior a Roma, logo se mandou avisar pelas províncias para que delas viessem os missionários que se oferecessem; o primeiro

de todos foi o padre João Maria Gorsony, lombardo de nação, homem moço de bom talho e saúde, que, depois de ensinar, já tinha servido o cargo de ministro em um dos principais colégios de sua província. Chegou a Lisboa no ano 1659, sozinho, e como logo se ofereceu ocasião de partir para o Maranhão ajustaram-se-lhe por companheiros o padre Paulo Luís, e irmão Domingos da Costa, ainda em hábito secular, e um outro cujo nome se deixou perder, deixada a religião, e o padre Agostinho, o qual, tendo sido despedido, tomou o hábito de Santo Antônio, e foi estimado entre os seus no Grão-Pará, onde teve os irmãos terceiros à sua conta, e os governou muito bem. Chegaram com feliz viagem e saúde ao Maranhão, onde foram recebidos do padre subprior Antônio Vieira, e o subprior da casa o padre Ricardo Carrea, irlandês, com muita festa e caridade. Passado um pouco de tempo, vendo o padre subprior o grande zelo das almas do padre João Maria, o mandou por subprior missionário da aldeia de S. Gonçalo, por outro nome Taiacu Coarati, sita dentro da mesma ilha do Maranhão, para banda do Itapicuru, à beira-mar; folgou o padre João Maria sumamente de ver cumprida parte de seus desejos com tanta caridade; mandava-o o padre subprior, que o aviou de tudo o necessário para o caminho, e para a assistência na aldeia, como se costuma, mas como ele repugnava e não queria aceitar nada, dizendo bastava-lhe seu bordão e breviário, à imitação de S. Francisco Xavier, e nisto partiu-se fixo, sem embargo de se lhe dizer que em estas terras se vivia por diferente estilo, deixou-o partir para ir aprendendo à sua custa, já que assim o queria, o servisse para exemplo dos que não querem andar pelo caminho já trilhado dos mais. Partiu mui contente para sua missão, mas como, chegado a ela, começou a sentir a falta do que se lhe tinha oferecido em casa, mandou logo um grande arancel de tudo o que lhe era necessário, pondo-lhe por título – rolo do necessário, por não estar ainda corrente na língua portuguesa, com que deu a ir aos de casa, e ficou ensinando; de sorte que pelo tempo adiante não houve melhor busca-vida em toda a missão, na qual assistiu por espaço de trinta e oito anos, que até o presente de 1697 concorreram, desde então ocupado sempre ou em as residências ou nos sertões e partes mais afastadas e perigosas que há neste Estado, como se irá vendo pelo decurso desta história. Passado um ano, pouco mais ou menos, na residência de S. Gonçalo da aldeia de Taiacu Coarati, onde assistia com grande zelo, doutri-

nando e administrando os sacramentos, conforme se costuma, foi o primeiro que lá fez umas salinas para ter sal que dar aos índios, quando lhe trouxessem seus presentes; neste somenos foi chamado para a cidade onde pregou a festa de S. Xavier, e depois disso partiu com o padre subprior e visitador Antônio Vieira, e outros para o Grão-Pará; e como não aprovavam modo com que se governavam os índios no temporal, não agradava isto ao padre subprior, o qual se queixou a mim, padre João Filipe Betendorf, ainda um ano depois, por não gostar que houvesse pareceres contrários naquela matéria. Partidos do Maranhão, onde ficavam o padre Ricardo Carrea, por subprior da Casa, o padre Antônio Soares por mestre de Latim, o padre José Soares por confessor, o padre Antônio Ribeiro por subprior da residência de S. José, acudindo-se da Casa ao Pinaré, Taiaçú Coarati, foram para Tapuitapera, e de lá passaram para Sergipe, onde o padre Mateus Delgado era missionário, com o irmão Amaro de Sousa, e de lá foram navegando para a aldeia de S. João em Gurupi, onde assistia o padre Bento Álvares com o irmão Inácio de Azevedo. Aqui se detiveram uns dias, esperando águas vivas para poder passar, que com as águas mortas ficam em seco pelo caminho, e depois de terem águas, continuando sua navegação, foram ao Maracanã, e daí à aldeia dos tupinambás, que o padre Francisco Veloso tinha descido de seu sertão e situados de novo, com bela igreja e casas, à beira-mar na ilha do Sol; aqui foram recebidos com muita festa e bailes, que lhes faziam os meninos, estando toda a praça cheia de índios desejosos de ver e saudar o padre subprior e seus companheiros; finalmente, daqui se foram à cidade do Pará descansar, na Casa de Santo Alexandre, de um caminho tão prolongado, molesto e perigoso, como é o do Maranhão para o Grão-Pará. Agasalhou-os o padre Manuel Nunes, o velho, que àquele tempo era subprior da Casa, com muita caridade, porque suposto era casa muito pobre, por então supria essa virtude riquíssima toda a falta que sem ela podia haver. Ali se deteve o padre Antônio Vieira uns meses, esperando outros missionários, de cuja vinda para a missão estava moralmente seguro, pelas grandes diligências que para isso tinha mandado fazer o nosso muito reverendo padre-geral.

.....

## *Capítulo XVII*

PARTE O PADRE JOÃO FILIPE BETTENDORFF,  
COM O IRMÃO JACÓ COELHO,  
TEÓLOGO DA PROVÍNCIA GALO-BÉLGICA,  
PARA A MISSÃO DO MARANHÃO

**L**OGO que o nosso muito reverendo padre mandou a carta do padre subprior, Antônio Vieira, para a província de Galo-Bélgica, tratou o padre Provincial de uns missionários com que lhe socorrer. Estava eu àquele tempo teólogo do quarto ano no colégio da Universidade de Dohai, com esperanças próximas de ir para a Missão do Japão em China, e como a providência de Deus é que tudo dispõe, conforme os seus desejos eternos, que moveram-se interiormente para oferecerem-me a Missão do Maranhão, lançaram logo os subprioses mão de mim, dando-me o irmão teólogo Jacó Coelho, meu condiscípulo, por companheiro. Ordenou-me o ilustríssimo geral arcebispo e príncipe de Cambray, e querendo o Céu mostrar que ia levar vida apostólica, quis que, entre muitos que comigo ordenaram-se, me dessem a ler o Santo Evangelho da missa em que todos se ordenaram; era naquele ano de 1659 provincial o padre Humberto[...] e reitor do colégio o padre Jacó Krek. Partiram os do colégio, ambos missionários, em companhia do padre Ludovico,

reitor de Lille, vindo nos acompanhar o padre reitor de Donai, com grande parte dos teólogos uma hora de viagem ou mais ainda; apenas nos tínhamos apartado com os abraços e saudades costumadas em semelhantes ocasiões dos que voltavam para a cidade, e subimos por uma penha de um outeiro que se oferecia, quando fomos acometidos de dois soldados de cavalo, dos quais chegando-se primeiro um deles me pediu dinheiro, puxando pela pistola; perguntando-lhe eu quem era respondeu-me que era o Diabo, com que lhe arranquei a outra pistola e lha pus na cabeça, dizendo-lhe se fosse a seu caminho e que me não molestasse, pois não tinha dinheiro para lhe dar. Persistiu o soldado do cavalo, em seu danado intento, e como nos achássemos no caminho junto a um poço, para desviar-me dele a ganhar campo mais largo, saltei ligeiramente o poço pondo-me da outra banda dele com a pistola na mão; o soldado de cavalo vendo-se com isso envergonhado, picou seu cavalo[...] para também saltar o poço atrás de mim, mas caíram ambos, cavalo e ele, pelo meio do poço. Não lhe quis fazer mal, e deixei-o sair para lhe falar outra vez e fazê-lo aquietar; ele chegando-se para mais perto, gritou a seu companheiro que se guardasse mais, pois eu não era homem, mas um demônio; eu, sem me dar nada dele, ia me desviando do tiro e não lhe virando nunca o peito, mas somente a ilharga, disse-lhe se fosse seu caminho e que para que visse que lhe não queria mal nenhum nem o temia, lhe tornaria a dar suas armas que lhe tinha tomado; veio disso eu lhe pôr sua pistola na mão. Aconteceu por este comenos que querendo ele enxugar o rosto do suor, achou-se ensangüentado, com que se irritou tanto que tornou a puxar pela pistola, jurando que me tiraria a vida, mas eu vendo sua pouca fé e o perigo de vida que corria, dei ligeiramente outro salto e chegando-me a ele, com toda a pressa, tirei-lhe ditosamente a outra pistola, pela segunda vez, para me defender com ela pois não tinha outras armas. O padre reitor de Lille e o irmão teólogo Jacó Coelho estavam parados e pasmados no caminho sem saberem que fim teria esta peleja de um religioso contra dois soldados de cavalo; porém, quis Deus Nosso Senhor que, dizendo eu ao meu adversário que não o temia, e que justamente me defendia contra seu injusto agressor, e mais lhe tornaria a dar outra vez suas armas se me quisesse deixar em paz,

veio a estar pela condição que se lhe tinha oferecido; tomou, pois, suas armas que lhe apresentei, porém jurou que atrás dele vinham sete companheiros que me fariam um S. Jorge, querendo dizer que me tomariam tudo; respondi-lhe que se fosse embora, e que com os sete me haveria quando os encontrasse. Enquanto aqueles dois iam acometendo um pobre caminhante, que vinha atrás de nós, fui apressando os passos com meus companheiros, mas porquanto nos acelerássemos para nos tirar do perigo que nos ameaçava, demos com os sete soldados a cavalo, os quais à rédea solta vinham resolutos sobre nós. Apearam-se logo todos e começaram a investir com o padre reitor de Lille e o irmão teólogo, tomando-lhes o pouco que levavam; o cabo deles, puxando pela espada, a pôs sobre minha barriga, defendi-me, porém, e não quis permitir que me tocassem; tinham falado até então francês, mas vendo que eu não queria me render, começaram a falar alemão; então lhes comecei a dar uma repreensão por se haverem dado sorte com as pessoas sagradas, que os alemães tanto veneram, e ao cabo dei-lhes um abraço, dizendo-lhes fossem depressa, porque os seus companheiros, que iam adiante, já nos tinham dado busca; com isso desistiram logo e montaram a cavalo para dar alcance aos mais, e continuaram seu caminho até a cidade de Lille. Foram a pé os dois missionários para Gand onde nos encontramos com o padre Provincial de Flandres, o qual me disse: a padres flamengos bastava a sua Missão de Holanda e outras de sua província, sem ser necessário manter sujeitos para Portugal, onde os detinham sem os deixar ir para suas missões. De Gand fomos para[...] sendo sempre regalados nos colégios, sem gastarmos um só vintém à Missão. Passamos, vestidos já de seculares, para Breda, navegamos pelas terras alagadas, e por todas as mais cidades da Holanda até os países do Príncipe de Orange, e ultimamente à cidade de Amsterdã, onde fomos agasalhados em casa do padre subprior da Missão uns oito dias, vendo e admirando aquela bela e bem ordenada cidade, até que se nos ofereceu ocasião de passar em barco para a ilha de Texel, onde os navios da frota esperavam as monções do vento leste para navegarem para Portugal.

Estivemos seis semanas nesta ilha agasalhados em casa de um herege, cuja mulher e filhas eram católicas romanas, e isto para poupar

os gastos com que nas estalagens eram maiores e com menos cômodos, assim para o sustento como para tudo mais; em casa, sem embargo haver hereges por todas as bandas, dizia em missa em um altar portátil, que me tinha emprestado o vigário da vila, assistindo à missa, que se dizia ao cantar do galo, com o irmão teólogo agora padre gravíssimo a dona da casa com suas filhas e uma padeira também católica romana. De Texel partimos com a frota em dezembro, e em os últimos dias do mês lançaram-me em Belém, havendo de ter ido à terra dos mouros se tivesse chegado um só dia mais cedo a Cascais por terem lá estado doze naus de mouros, esperando pelas que haviam de entrar pela barra de Lisboa. Saltamos em terra em Belém dia de Jesus; confessei-me com o Reverendo padre[...] e lá disse missa, e jantava, se quisesse aceitar a cortesia daqueles santos religiosos. À tardinha fomos a Lisboa por terra, e nos agasalhamos em Santo Antão onde achamos o reitor, padre Távora, e por procuradores do Brasil o irmão Manuel Luís e o irmão João Dias, aos quais sucedeu logo o padre Paulo da Costa, vindo do Brasil. Ocupamo-nos ambos perto de um ano em acompanhar aos procuradores, indo eu com o companheiro ao hospital às vezes converter hereges dos quais convertidos dois, e fiz casar um amancebado em a hora da morte para o pôr em caminho da salvação. Acompanhei um dia ao padre Vasconcelos ao Limoeiro a instruir a reza do terço, fazendo ele a prática, acabada ela fomos para o colégio, dando as ave-marias quando chegamos ao portão, junto às casas de um livreiro. Para logo fechou e porteiro a portaria, indo, entretanto, dar conta ao padre reitor que tínhamos chegado à casa depois das ave-marias; o reitor nos mandou dar uma pequena a ambos em o dia seguinte, a qual aceitei com gosto, por acompanhar ao padre Vasconcelos, cujo companheiro eu tinha sido. Estranhou muito o padre visitador claramente o rigor do velho padre Távora, e estranharam todos os mais padres do Santo Antão e de S. Roque, mas a mim não se me deu nada disso, suposto era a primeira e última penitência que em cinqüenta anos tive em a Companhia, e parecia que a não tinha merecido por ter sido companheiro somente, porque se então a não mereci, tinha-a merecido dantes muitas vezes. Era como se ia acabando o ano, e não se oferecia embarcação para o Maranhão, estava o padre procurador-geral Paulo da Costa, resoluto de mandar-me para a Bahia com meu companheiro, e mais sete religiosos que se tinham vindo ordenar



em Lisboa, deputando-me por subprior daquela navegação, e enquanto se aviava a nau mandou-me com o padre Luís Machado para Gíbaltrar para visitar seus parentes em este[...] chegaram da Alemanha dois missionários, o padre Teodoro Heres, e o padre Gaspar Misseh, ambos alemães e da província[...] inferior, e como logo se ofereceu um patacho de Simão dos Santos para ir ao Maranhão mudou o padre procurador-geral Paulo da Costa de parecer, e mandando o padre Jacó Coelho com os mais padres ordenados, ao Brasil, ordenou fosse eu levar o padre Gaspar Misseh e o irmão Manuel Rodrigues e Manuel da Silveira, secular para o Maranhão ficando o padre Teodoro Heres para assistir o exército com Schomberg, a ver se o podia reduzir à fé católica romana. Este depois se foi para o Brasil, de lá tornou a Lisboa onde adoeceu e morreu, por ganhar uma doença pestilencial, assistindo com grande caridade aos soldados vindos da campanha.

[?] Brasil adoeci de uma febre que parecia maligna, mas com dez sangrias melhorei, e querendo os padres me purgasse que assaz me purgaria [?] que costumava de padecer. [?] tudo o padre procurador geral Paulo da Costa [?] padre Valentim [?] deu-me logo um enjôo tão grande que nem [?] levantar cabeça para me despedir da Corte de Lisboa. Retirado já o padre procurador levantaram âncora, e, dando à vela, fomos felizmente até Val das Águas, onde, súbito, nos deu uma tão grande tempestade, que lançou da primeira pancada uma onda grande para riba e entrou pelas janelas da praça de armas, onde estávamos, navegando o patacho à banda do oeste e que pareciam tocavam as vergas o mesmo mar; mandei então se confessassem os padres, e depois disso fosse o padre Gaspar Misseh acudir à gente de fora, esperando eu com os mais a [?] em a mesma praça de armas onde me achava, e, como é cível, descoraçados ficaram os marinheiros todos, mas animei-os que tivessem confiança em Deus, que nos livraria daquela em que o inimigo queria nos perder para não irmos, os missionários, ao Maranhão, e como vi que os homens do mar acudiam muito frouxamente ao leme para o levantar para riba conforme a direção do piloto que estava de fora, pus-me, assim doente, a levantá-lo com ambas as mãos, com tanta força que me doeram os pés três semanas. Depois mandei também ao irmão Manuel da Silva lançasse uma verônica benta em o mar, e o capitão Simão dos Santos fez voto de oferecer o traquete a Nossa Senhora de Cabo Verde

e resgatá-lo, com que foi Deus servido livrar-nos dessa horrível tempestade, a qual depois de ter durado umas três para quatro horas foi abrاندando, porém não cessou de todo, porque continuou o mar ainda perturbado alguns dias. Decompôs essa tempestade toda a frota, de sorte que se espalhou toda, ficando alguns navios com mastros quebrados, outro botados por ali, sem se saber para onde, além dos perigos de naus inimigas, das quais escapamos com a maré e escuridão da noite.

Enfim, tomou a frota toda Cabo Verde, para se reunir e consertar; deteve-se lá uns treze dias[...] o patacho do capitão Simão dos Santos; saímos a terra três vezes, uma para dizermos missa em ação de graças em o altar da Senhora da igreja dos capuchos, onde se fez a oferta e se resgatou o traquete, as outras duas vezes para fazer doutrina e prática do púlpito em a igreja catedral, estando presentes os cônegos, e entrando o governador com o cabo de uma delas. Aqui nos mostraram os moradores, aos padres missionários, os lugares onde tinham morado os nossos padres quando assistiam em aquela Vila, pedindo-nos muito quiséssemos ficar com eles, convidando-nos o Deão da Sé, duas vezes, à sua casa para jantarmos com ele. Passados os dias necessários para o concerto das naus da frota, partimos todos juntos, deixando um capitão de S. Paulo que, por homiziado, tínhamos trazido até lá, pelo amor de Deus, e se tinha passado para sua embarcação em a qual tinha seu fato e matalotagem. Antes de se apartar, o Sr. Francisco de Brito, governador de Pernambuco, nos deu a boa viagem e nós a ele com toda cortesia e eu principalmente, porque ele me tinha rogado em S. Roque que o quisessem acompanhar até Pernambuco que me faria levar ao Maranhão. Pelo caminho não faltamos com a doutrina e pregação a seu tempo, nem com seu terço e ladainhas cantadas, com que íamos alegremente navegando, sem nos adoecer ninguém, nem nos faltar cousa nenhuma (digo nenhuma, pois achávamos peixe fresco em abundância, e esta tanto maior quanto mais nos íamos chegando a terra); queria o capitão Simão de Santos tomar a terra, mas não lhe permitiu a correnteza das águas, que prosperamente nos levou até Jericoacoara, à riba de Ibiapaba. Lá botamos âncora e esperamos uns oito dias, mandamos um índio que nos tinha vindo visitar à terra, para avisar o padre Pedro Poderoso viesse logo para baixo ver os padres e tomar algum refresco do Reino que se lhe daria; foi-se o índio com toda a pressa e viu o padre Poderoso ao

tempo determinado; mas como em o dia antes vi que pelo monte abaixo se faziam grandes fogos, receando o capitão que seriam alguns tapuias que dessem assalto ao patacho e matassem a gente dele para assar e comer, como tinham comido de próximo em aquela paragem, onde ainda se achavam os espetos, cinzas e ossadas que todos viram com seus olhos, não quis esperar mais, porquanto lhe pedíssemos, mas mandou logo levantar âncora e dar à vela fazendo-se para o mar. Apenas esteve o patacho afastado uma hora de porto de Jericoacoara, quando a ele chegou o padre Pedro Poderoso com seus índios da serra, meio morto de cansaço do caminho; começou a chamar e dar sinais; mas nada lhe valeu, por estar o capitão Simão de Santos com grande medo por se não fiar em índios, que só descobria em terra. Contou-me depois o padre Pedro Poderoso que, vendo frustradas suas esperanças de se poder ver conosco, que de tão longe tinha vindo buscar, com os incômodos da falta de tudo, se apressara pela praia e começara a derramar mil lágrimas, chorando a sua pouca dita, e seguira o patacho com os olhos até o perder de vista, e depois disso se voltara todo exausto por aquele trabalhoso caminho da serra. Entretanto, foi navegando o patacho e pouco faltou que não desse na Coroa Grande, porém quis Deus chegasse com lua cheia, felizmente ao porto do Maranhão, aos vinte de janeiro do ano de 1661. Veio receber-nos o padre Ricardo Carrea, subprior da Casa, e nos agasalhou com muita caridade os poucos de dias que nos detivemos em o Maranhão; veio também visitar-nos o Governador Pedro de Melo e nos mandou seu presente; estavam por aquele tempo fazendo-se corredor novo de taipa do pilão e não havia mudança alguma. Dizia o padre Ricardo Carrea que recorriam muito a ele para as pregações. Passados já os dias da hospedagem, avisou o padre Gaspar Misseh, da ordem do padre subprior da missão, Antônio Vieira, a qual era, que em chegando alguns missionários, os mandasse logo para o Pará; fomos, pois, despedir-nos do governador, o qual abraçando-me perguntou porque viera para esta miserável terra, e disse-me que desse um abraço de sua parte ao padre Antônio Vieira, suposto não lhe merecia, pois pedindo um pescador não lhe tinha dado, sendo que se ele não fora lhe tiraria o povo à espingarda. Não estranhei muito de ouvir semelhantes discursos e porque já pela viagem tinha ouvido o muito mal que os moradores queriam aos padres, e como estavam para lançar-nos do Estado. Embar-

quei-me logo com o padre Gaspar Misseh, meu companheiro, ao Pará; passamos a Tapuitapera, onde achamos o padre Mateus Delgado, em casa do vigário João Maciel, esperando por nós. Ele nos levou para Sergipe, onde tinha sua residência muito bem ordenada, e os índios tão bem doutrinados, que não contentes de assistir pela manhã na igreja, também pela tarde à boca da noite assistiam até os velhos ao encomendar as almas; fez-nos o padre Delgado matalotagem, e deu a cada um sua rede para descansar e dormir, e desde então comecei a renunciar à cama para sempre, não dormindo senão em rede os trinta e oito anos que estive na Missão. De Sergipe, fomos muito bem providos do padre, que nos acompanhou até o porto, e lá nos regalou com ricas ostras. Despedimo-nos, dele no porto, e partimos com Antônio Franco, tapanhuno muito ladino, para continuar nossa viagem. Depois de uns dias assaz perigosos e molestos, em razão dos muitos mosquitos, chegamos à aldeia do Gurupi, uma boa hora distante da vila. Lá achamos o padre Bento Álvares, com seu companheiro, o irmão Inácio de Azevedo, bom músico e algum dia valente soldado; moravam os padres ainda em suas casas velhas de pindoba e ia-se acabando o belo quadro de casas com sua igreja, tudo de taipa de pilão; havia na aldeia muitos índios de várias nações, que os padres tinham descido para lá com o capitão-mor João de Herrera, nosso irmão, casado pelo padre subprior Antônio Vieira com Dona Catarina da Costa, depois nossa irmã por carta de irmandade que lhe veio de Roma. Aí estivemos esperando as águas vivas, e com elas fomos até a aldeia dos tupinambás, onde assistia o padre Francisco Veloso, que nos recebeu com muitas danças de meninos, que nos vieram acompanhar para a igreja, e depois para casa, onde fomos muito bem agasalhados; de lá passamos ao Pará, onde achamos o padre visitador e subprior Antônio Vieira, o qual muito contente com a nossa vinda fez uma bela prática sobre as palavras do Evangelho: *Quidem enim illorum de longe venerunt.*

.....

## *Capítulo XVIII*

REPARTE O PADRE SUBPRIOR DA MISSÃO OS NOVOS  
MISSIONÁRIOS, PONDO-OS EM AS ALDEIAS DE  
MORTIGURA E INGAÍBAS

**C**OM a chegada dos dois missionários novos, cujos irmãos tinham ficado no Maranhão, mandou o padre subprior Antônio Vieira chamar o padre Francisco Veloso dos tupinambás, pondo em seu lugar o padre Jácome de Carvalho, e o fez Subprior da casa do Pará, nomeando o padre Manuel Nunes seu antecessor por subprior dos ingaibas, dando-lhe por companheiro o padre João Maria Gorsony, e mandando o padre Gaspar Misseh com o padre Tomé Ribeiro para a residência de Nossa Senhora do Desterro, na aldeia de Tapará, à riba do Gurupá. Antes de nos apartarmos, fez suas consultas e conferências de casas mais ocorrentes na Missão, deputando-me a mim para ter cargo de assentá-los em um livro feito para esse fim. Assentaram-se nesta primeira conferência três resoluções: a primeira, que com as velas feitas de ibicuiba se não havia de dizer missa, ainda que sejam amarelas e pareça cera, porque o não são, e, portanto, só podem servir em caso de total necessidade e para o Sepulcro de quinta-feira de Endonças; a segunda, que, visto entre algumas nações ser costume a mudar as mulheres, por não terem nenhuma com que queiram viver por toda a vida, conheçam por xerimirecó só a verdadeira ou legítima mulher, e deixam a

perdição os que querem casar com as que quiserem, logrando todas as mais, visto não terem sido casadas verdadeiramente com nenhum; a terceira resolução foi que, como os meninos e meninas dos índios, ainda passados já os sete anos de idade, são muito inocentes, parece não terem ainda uso da razão, se possam batizar sem mais instrução como os mais inocentes, bastando-lhes quererem ser filhos de Deus.

Acabadas estas conferências partiram os padres da casa em várias canoas. Eu fui na canoa do padre subprior e visitador Antônio Vieira e o padre João Maria e o padre Manuel Nunes na sua, sendo já partido o padre Tomé Ribeiro para Tapará com o padre Gaspar Missch. Fomos direto para Mortigura, a velha, onde assistia o padre Francisco da Veiga por subprior da residência de S. João. Fomos recebidos com repiques e danças costumadas, e depois fomos visitados dos índios que traziam seus presentes ao Pai Açú ou padre grande, e entre eles os ingaibas da outra banda do rio.

Em esta aldeia de Mortigura, tendo o padre subprior e visitador Antônio Vieira despedido o padre Manuel Nunes e o padre João Maria Gorsony para os Ingaibas, e mandando ficar a mim por companheiro do padre Francisco da Veiga para aprender a língua, ensinando o ABC aos meninos, voltou-se para o Pará; dei-me belamente com o padre Francisco da Veiga, tomando à minha conta a doutrina de cada dia, e a classe dos meninos para ensiná-los a ler e escrever; juntaram-se muitos discípulos e entre eles o capitão Jacaré; e são estes hoje os mais autorizados e velhos da aldeia (os meus discípulos) e porque, por falta de livros, tinta e papel, não deixassem de aprender, lhes mandei fazer tinta de carvão e sumo de algumas ervas, e com ela escrevia nas folhas grandes de pacobeiras e para lhes facilitar tudo lhes pus um pauzinho na mão por pena, e os ensinei a formar e conhecer as letras assim grandes como pequena no pó e areia das praias, com que gostaram tanto que enchiam a aldeia e as praias de letras, ficando aldeia e praias alastradas todas; mas como os mistérios de nossa santa fé são os que se devem saber e ensinar antes de tudo o mais neles também os exercitava no fim da classe, e com isso ia também eu aprendendo a língua da terra, cuja gramática já tinha trasladado em latim, estando ainda em Portugal, e mandando-a para a minha província para que aprendessem por ela os que lá quisessem vir para esta Missão do Maranhão. Não faltava que fazer naquela aldeia, que constava de umas três mil almas naquele tempo, e compreendia muitas

nações, das quais umas moravam no meio, fazendo suas casas em quadro, para banda do mato, aberto somente para a banda do rio, a cuja beira estava a aldeia; as outras saíam, estendendo a modo de duas casas de uma banda e de outra, ficando atrás de todas os combocas e ingaibas que tinham descido para lá. Tinha o padre missionário obrigação de visitar de quinze em quinze dias a aldeia de Carnapió, onde morava o principal Filipe com sua gente, bastante em número, para lhe acudir com a missa, doutrina e sacramento; nesta aldeia é que o padre Antônio Vieira tinha mandado fazer uma bela igreja de taipa de mão, bem rebocada e coberta de telha à honra de S. Simão e Judas, em cumprimento do voto que disso tinha feito, quando se viu perdido no mar alto, conforme dito fica atrás, e tinha esta igreja seu altar e grades[...] e mais uma bela casa de sobrado à beira do rio, para morada dos padres, com todos seus cômodos necessários; mas como com o decurso do tempo se mudou de lá a aldeia ficando tudo ao desamparo, mandei, sendo subprior da Missão, derrubá-la para aproveitar a telha, antes que se viesse a dar ao chão com perda considerável. Era grande o zelo e caridade do padre Francisco da Veiga para com os doentes, visitando-os, consolando-os e ajudando-os assim no temporal como no espiritual.

Aconteceu um dia que, estando eu ocupado com a classe dos meninos, veio recado ao padre missionário que falecera um índio. Mandou ele dar sinal e porem-se em fileira os meninos todos para acompanharem a tumba e irem em busca do defunto. Fui eu com eles, mas como havia poucas horas que morrera[...] deu-me vontade de ver se já amortalhado dava porventura algum sinal de vida. Riu-se disso o padre Francisco da Veiga, parecendo-lhe escusada diligência, porém desenganou-se logo quando por certos sinais descobri que o índio não morrera, mas estava ainda com vida, com que voltamo-nos para casa com o esquife e tratamos de acudir ao moribundo com mais cuidado até morrer de lá a alguns dias. Relato aqui este sucesso para que os missionários não se fiem dos índios quando dizem estão mortos seus parentes, e eles os amortalham, porque daqui se colhe que amortalham e enterram às vezes ainda vivos em lugar de mortos, e assim se deve proceder com muita cautela em semelhantes ocasiões.

# LIVRO IV

LEVANTAMENTO DO POVO DO  
MARANHÃO E PARÁ CONTRA OS  
PADRES DA COMPANHIA DE  
JESUS, ENQUANTO SE INSTITUI A  
MISSÃO DO RIO DAS AMAZONAS COM  
MISSIONÁRIOS E RESIDÊNCIA  
EM OS TAPAJÓS





.....

## *Capítulo I*

MANDA O PADRE SUBPRIOR ANTÔNIO VIEIRA,  
POR PRIMEIRO MISSIONÁRIO DO ASSENTO  
DO RIO DAS AMAZONAS COM ORDEM  
DE FAZER RESIDÊNCIA EM OS TAPAJÓS  
AO PADRE JOÃO FILIPE

**A**PENAS tinha eu estado uns poucos de meses em companhia do padre Francisco da Veiga em a aldeia de S. João em Mortigura, quando o padre visitador o subprior Antônio Vieira me chamou à casa do Pará, e lá levando-me para o cubículo que hoje serve de livraria, me mostrou em o mapa o grande rio das Amazonas e disse-me: Eis aqui, meu padre João Filipe, a diligência do famoso das Amazonas, pois a Vossa Reverência elegeu Deus por primeiro missionário do assento dele, tome ânimo e aparelhe-se que em tal dia partirá, e levará por companheiro um irmão conhecedor da língua, Sebastião Teixeira, para o ajudar em as ocasiões em que for necessário. Respondi-lhe eu que estimava muito esta dita de ser o primeiro missionário de um rio tão afamado e de tão dilatada missão, e agradecia muito a Deus e a Sua Reverência essa eleição, e que da minha parte faria todo o possível para lhe responder, segundo a obrigação que me ficava de trabalhar com grande zelo pela salvação das almas que por ele havia. Aviou-me logo o padre

Francisco Veloso, subprior da casa, com as cousas seguintes que aqui se referem, para saberem os missionários deste tempo presente como se haviam os missionários do tempo antigo. Deu-me uma canoa meãzinha já quase velha e sem cavernas bastante, um altar portátil com todo seu aviamento, uma piroleira de vinho para as missas e necessidade de um ano, uma botija de azeite do Reino, uma frasqueira[...] três paroleiras de aguardente, uns alqueires de sal, um machado, uma foice, uma meia dúzia de facas carnicieras de cabo branco de pau ordinário, uns poucos de anzóis, umas poucas de agulhas, uns macetes de velório preto e de outra cor, os quais juntos não faziam um meio maço ordinário uns poucos de pentes e atas do Reino, uma caixa de matalotagem com seus pratos, facas e garfos para a mesa, um triângulo de pau para fazer casa e igrejas, um boiãozinho de doce; e com isso mandou-me a Mortigura em busca de farinha para a viagem, e ao Cameté em busca de umas poucas tartarugas, que as daria o padre Salvador do Vale.

Queria o padre subprior Antônio Vieira que as residências dos ingaíbas, onde assistia o padre Manuel Nunes com o padre João Maria Gorsony, e a do Gurupá, onde assistia o padre Gaspar Misseh e o do rio das Amazonas com os Tapajós, fossem sobre si sem mais dependentes que o padre subprior da missão; mas respondi-lhe eu que da minha parte queria ser independente da casa do Pará, porque me convinha ter a quem recorrer em as necessidades que se oferecem e houvesse quem tivesse obrigação de acudir-me em razão do seu ofício; e com isso não se efetuou o que o padre subprior pretendia fazer, caso os padres missionários quisessem. Com este limitadíssimo aviamento, eu com meu companheiro, muito doente, fomos para minha missão, que não tinha outro limite que todo o rio das Amazonas, que corre pelo distrito das conquistas da Coroa de Portugal, começando na aldeia do Ouro, em Cambebas, até à residência do Gurupá ou Tapará, incluindo de mais todo o rio dos Tapajós com suas serrinhas e sertões. Chegado que fui a Mortigura deu-me o padre Francisco da Veiga uns três para quatro paneiros de farinha com uma só tartaruga, que os índios comeram por ceia. Em Cameté não me deu o padre Salvador do Vale mais que uma boa vontade, por não ter peixe, nem cousa alguma para me dar em aquela

missão; e assim partimos, sustando-nos pelo caminho com farinha e um bocadinho de doce, tirado do boiãozinho que levávamos. Não faltaria algum conduto se o irmão mais prático que eu, que ainda era novato, mandasse pescar os índios; passados uns seis para sete dias chegamos à fortaleza de Gurupá, onde o capitão-mor Paulo Martins Garro mandou disparar duas peças de artilharia para com isso nos dar as boas-vindas, e agasalhou-nos muito bem; em o dia seguinte nos acompanhou em sua canoa até o Tapará, fazendo os gastos pelo caminho, botando-me água às mãos, para com isso dar exemplo do respeito que os índios me haviam de guardar. Andamos dia e quase meio do Gurupá até à residência do Tapará, onde não achamos nem o padre Tomé Ribeiro, nem o padre Gaspar Misseh, por se haverem ido ambos para o Pará; fizeram-nos os índios seus presentes de peixe-boi assado e excelente, mas, como não é tão sadio, comendo dele o capitão-mor logo lhe deram febres, que lhe duraram muito tempo, em que despedindo-se, voltou para sua fortaleza, e nós, depois de termos doutrinado os índios conforme pedia a necessidade, fomos para Iguaquara. Aqui ajuntei a gente que lá havia, doutrinei e lhe fiz pratica do que haviam de guardar em minha ausência, e deste modo fui visitando as mais aldeia, catequizando, batizando e confessando. Estava aquele tempo a aldeia de Gurupatiba dividida em duas: uma que estava em uma ponta do monte sobre o igarapé e se chamava Caravela pelos brancos, e não é crível quanto me custou a ensinar e batizar aqui uma velha, para que não morresse sem a água do santo batismo; a outra parte estava em riba do monte onde está hoje; e como me encaminhava para ele, muito de madrugada, vieram os índios, postos por fileira, com candeinhas de cera preta em as mãos receber-nos, levaram-nos para sua aldeia; aqui achei muito que fazer: avisei a todos que se juntassem na igreja, disse-lhes missa, doutrinei e batizarei quantidade de inocentes, e, sem embargo de ter encomendando que não deixassem nenhum ainda dos que não fossem batizados, ficara de fora um rapazinho que estava muito mal. Porém, quis Deus, acabado já tudo, como parecia, entrasse eu em dúvida se porventura por negligência dos índios tinha ficado alguma criança sem batismo; portanto, sem embargo, parecer isto ao irmão escrupulo, quis eu tornar a visitar as casas que já tinha visi-

tado todas. Cousa notável: entrando em casa de um principal, vi uma rodinha velha e preta de fumaça, e, chegando para ver o que em ela estava, achei um rapazinho inocente reduzido a ossos e quase aos últimos da morte. Perguntei ao índio principal se este menino estava batizado e respondeu-me ele que não, e que não se tinha tratado dele, pois estava muito mal; então, dando-lhe eu uma repreensão ao principal, batizei lá mesmo o menino chamando-o Francisco Xavier. Foi isto singular providência de Deus, porque pouco depois se foi para o Céu gozar da vista de seu Criador, da qual havia de ficar privado para sempre se eu por inspiração particular não tivesse tornado a visitar as casas. De Gurupatiba fomos para os Tapajós, onde havia de fazer minha residência, conforme a ordem do padre subprior e visitador Antônio Vieira. Lá chegamos depois das festas do Espírito Santo, e fomos recebidos dos índios daquela populosa aldeia com grande alvoroço e alegria; levaram-nos para uma casinha de palmas, que não tinha mais cômodo que uma varandinha com dois limitados cubículos, e à ilharga uma choupanazinha para dizer missa. Vieram ver-nos não somente os cinco principais que havia, àqule tempo, de diversas nações em a aldeia, mas também os mais com suas mulheres e filhinhos, trazendo-nos seus presentes, que chamam putas. A todos contentei, dando-lhes justamente a razão da minha vinda, de que gostaram muito, por haver muito tempo que desejava a dita de ter consigo missionário da Companhia de Jesus. Em o dia seguinte vieram outros principais de sertão, também com suas dádivas de cágados e frutas, rogando-nos com muita instância quiséssemos chegar às suas terras para levantar a Santa Cruz e fazer-lhes igreja, como em as mais aldeias dos cristãos; correspondi a seus presentes com a pobreza que trazia comigo, dando-lhes minha palavra que cedo lhes acudiria com o que pediam; porém impossibilitou a execução da minha promessa o humor melancólico do irmão Sebastião Teixeira, que me acompanhava, porque era tal a melancolia dele, que pela confissão de sua própria boca, esteve com o padre Francisco Veloso, seu maior amigo, sem lhe falar uma só palavra em seis semanas inteiras. Tratei de diverti-lo, levando-o já pelas praias que há belíssimas pelo rio dos Tapajós e já pelas campinas e montes, sem poder remediar a esse seu mal, que o fazia dar gritos e dizer

“basta que havemos de viver aqui entre lobos”; entregava-lhe todo o governo temporal correndo ele só, e eu só com o espiritual para ver se por esta via o curava; mas foi tudo debalde, e se dantes era molesto, então se ia fazendo intolerável, porque, tendo-me sido dado por companheiro e por ser grande de língua para ajudar-me em ocasiões que requeriam maior discurso, não queria falar, dizendo que o padre Antônio Vieira se enganara com ele, imaginando que era versado na língua dos índios. Vendo eu, pois, que este irmão não me servia senão de estorvo, pedi a Deus Nosso Senhor que, se fosse o seu santo serviço, lhe mandasse uma doença para por este meio ficar livre dele; não tardaram de lhe dar umas sezões causadas de sua muita melancolia, que lhe deram ocasião pedir-me o levasse para baixo para tratar de sua saúde; mandei armar logo a canoa, e pus-me às vezes a remar eu mesmo para andarmos com mais pressa; chegados que fomos, depois de uns três ou quatro dias de viagem, à residência de Tapará, achamos a residência ainda sem os seus missionários; e como lá havia uma aldeia de gente novamente descida do sertão, sem ninguém que lhes acudisse em suas doenças e mais necessidades, e morava por aí perto um português por nome João Correia, alferes, e filho de um Capitão-Mor do Ceará, que era grande sertanejo e língua e além disso sangrador de grande caridade, detive-me lá alguns dias para tratar assim a melhora do irmão companheiro, como dos doentes e mais gente dessa aldeia, com tenção de voltar para riba se acaso o irmão tivesse melhora e ficasse mais tratável. Mandei logo chamar João Correia, de sua roça, para vir curar o irmão. Ia dizendo missa cada dia e fazendo doutrina aos índios, e aconteceu em este interior onde me detive ser chamado a um índio pagão que estava em perigo de morrer; instruí-o e batizei-o em aquela necessidade extrema, em tão boa hora que o santo batismo lhe deu a saúde da alma e juntamente a do corpo, porque em o dia seguinte se levantou da rede e foi-se pescar ao rio.

E como faltava farinha a esses índios novos, vinham os meninos e meninas com suas cuias pedi-la, e nós lhes dávamos daquela que tínhamos para nossa viagem; vendo depois que meu companheiro não sarava de suas sezões, o levei para baixo, por ele mesmo instar por isso. O primeiro porto que tomamos foi o da residência do Cameté, umas oito jornadas de

Tapará, para quem navega com mais vagar. Insinuou o irmão que lá queria ficar com o padre Salvador do Vale, por serem os ares o águas daquela Capitania muito sadias, e não faltar carne e peixe para o sustento da vida. Eu com os seus desejos o deixei lá, continuando minha viagem até a casa do Pará, não sem grande incômodo por andar falto de tudo. Achei em casa o padre subprior e visitador Antônio Vieira, já da volta do caminho do Maranhão, por ter tido aviso, da banda de João Vascalhão, que estava lá levantando o povo todo contra os padres da Companhia. Perguntou-me ele se eu vinha ajudar os padres do Pará em os trabalhos da expulsão, e como eu lhe referisse as causas da minha vinda, contou-me o sucesso do levantamento do Maranhão, e me mostrou pela janela do corredor de riba a Manuel Cordeiro Jardim, o qual tendo sido mandado para lá, já vinha dar conta à Câmara e povo do Pará, que, pouco depois seguindo o mesmo exemplo dos do Maranhão, também se levantou contra os padres missionários desta banda [...] muito o padre Antônio Vieira, e disse-lhe eu que não vinha para ficar em o Pará, mas que atrevia-me ir só outra vez para riba; com que dando-me ele uma pouca de aguardente para a viagem, tornou logo a mandar-me para os Tapajós, dizendo-me levasse do Tapará o alferes João Correia, meu conhecido, por companheiro. Fui-me logo direito ao Tapará, falei-lhe, e ele, deixando sua filha e escravos encomendados ao sargento-mor da aldeia, foi com muito gosto acompanhar-me aos Tapajós. Visitamos de caminho as aldeias, fazendo o que se oferecia do serviço de Deus, e estando nós já perto da residência, postos pela meia-noite em o rio das Amazonas, em uma canoa limitada, deu-nos uma tempestade tão rija, que, não havendo porto algum por aquela paragem, corremos grande risco de vida, mas por mercê do Céu escapamos, agarramo-nos a um galho de um tronco de cedro que encostara parado junto à terra; passou a trovoada e aplacadas as ondas do rio, atravessamos para a outra banda sobre a madrugada, e fomo-nos pôr em a aldeia dos tapajós, em essa pobre casinha, festejando muito os índios todos o me verem outra vez, e muito mais por me verem acompanhado de um branco entre eles tão conhecido e amado, pela grande caridade com que os sangrara e curava em suas doenças e achaques, a que por esta razão também todos o chamavam seu atuaçanã, que quer dizer compadre.

.....

## *Capítulo II*

### LEVANTA-SE O POVO DA CIDADE DE S. LUÍS DO MARANHÃO CONTRA OS PADRES DA COMPANHIA DE JESUS, E REFERE-SE À ORIGEM DESTE LEVANTAMENTO

**T**INHA el-Rei D. João o 4º de Gloriosa Memória, ordenado ao padre visitador Antônio Vieira, que o avisasse de tudo quanto se passava pertencente assim aos eclesiásticos como seculares de seu Estado do Maranhão; fê-lo o padre por carta com a maior modéstia possível. Souberam os eclesiásticos e ficaram mui sentidos; permitiu Deus que em a mesma não em que ia resposta àquela carta de Sua Majestade remetida ao muito reverendo padre André Fernandes, bispo eleito do Japão, fosse embarcado um religioso de N. S. do Carmo, e que a nau, umas 40 léguas da cidade de Lisboa, desse à vista de terra às mãos de um corsário galego, com que o dito religioso não menos sentido que os demais, de nenhuma cousa tratou tanto em aquela ocasião que de haver às mãos as cartas do padre visitador, que iam em resposta a el-Rei, por via do Sr. Bispo eleito do Japão; e como Satanás sempre concorre para discórdias, deu-lhe pressa de furtá-las e abri-las contra todo o direito, leu-as, e como conhecia ser grande crime que el-Rei havia de castigar se viesse a



sua notícia, deteve-as em seu poder com todo o segredo dois anos inteiros, sem se atrever de sair com elas em tempo que el-Rei e o Bispo viviam.

Defuntos eles, com a mudança do Governo do Reino, saiu à luz com elas, mandando-as ao Governador do Estado D. Pedro de Melo, ao Senado e religiosos, para lerem e fazerem públicas todas as informações que iam escritas a el-Rei, pelo padre Vieira, sobre este Estado do Maranhão. Não se pôde crer facilmente o que este religioso causou de cizânia, ódio e iras no coração de muitos, assim eclesiásticos como seculares, os quais fazendo desatinos tomaram estas cartas por motivo da expulsão dos padres missionários, que em aquele tempo tinham a administração temporal e espiritual dos índios das aldeias todas; não fez o Governador D. Pedro de Melo esforços em atalhar aquelas alterações do povo, indignado além do referido porque os padres governavam os índios e não lhos concediam, conforme o seu gosto, para lhe servirem à sua vontade. Portanto, vendo-se sem haver quem lhe fosse a mão, elegeu suas cabeças, e foi fazer à Câmara queixa dos padres, singularmente, acerca do seu governo temporal dos índios, fora do Estado. Aceitou a Câmara a queixa do povo, e mandou a vir diante de si o padre Ricardo Carrea, que era subprior da casa em a cidade de S. Luís. Aquela sessão foi ele, para executar bulhas com o padre José Soares; fez-lhe a Câmara presente as queixas do povo sobre o governo temporal dos índios, dizendo-lhe largasse Sua Paternidade este governo. Respondeu o padre Ricardo que aquele governo era concedido aos padres missionários da Companhia de Jesus pela lei do ano de 1655, passado por el-Rei D. João o 4º, de gloriosa memória, e que não tocava a ele subprior da casa largá-la, mas pertencia esta deíxação ao padre subprior de toda a missão, o padre Antônio Vieira, o qual estava no Grão-Pará; intimou-se logo esta resposta do padre Ricardo Carreo ao povo, o qual estando já a paz alterada pelos maus conselhos de vários amigos de novidade e alterações, em 15 de maio do ano de 1661, dia do Espírito Santo, se levantou contra os padres e assanhados todos como feras bravas, investiram à casa de N. S. da Luz, mandando e obrigando todos que em ela estavam a saírem. Estavam então ali além do padre subprior Ricardo Carreo, o padre José Soares, o padre Antônio Soares, o irmão João Fernandes, o irmão

João de Almeida com um secular Manuel da Silva, que estava para se admitir ao noviciado; saíram todos, depois de ter dado o subprior da casa suas razões, tirado o irmão João de Almeida, francês de nação, ao qual um certo Arnau pequeno abraçou como um menino e o pôs da portaria para fora. Aos religiosos todos mandaram para casa de um morador da banda de Santo Antônio, chamado Gonçalo Álvares; ao secular Manuel da Silva mandaram despir uma loba que trazia desde Portugal e vestir-se como os mais seculares; feito isto chegou um procurador das fazendas da casa dos padres, que entregaram em suas mãos para a todo o tempo dar conta delas. Este foi João Pereira Barbosa, carapina de seu officio, e porque administrou com grande cuidado da casa de N. S. da Luz, ajudou-o o Céu, tanto que feito de carapina mercador em grosso, enriqueceu tanto em breve tempo, que foi um dos mais abonados homens do Maranhão, e mereceu ter com sua mulher carta de irmandade, com que se afeiçoaram tanto à Casa de Nossa Senhora da Luz, que, em tempo do meu primeiro subpriorado da missão, prometeram dar três mil cruzados para a fábrica da igreja nova, e depois, pagando Gabriel Pereira, seu successor, e também irmão do colégio, os três mil cruzados, e muito mais ainda por sua grande devoção e liberalidade. Presos os padres da casa, mandaram também vir da aldeia de S. José o padre Antônio Ribeiro e o puseram com os mais. Todas estas violências sacrílegas fizeram, sem o Governador Dom Pedro de Melo se opor a cousa alguma, antes pegado em uma imagem de S. José se foi para Santo Antônio, deixando obrar o povo como o seu juízo, todo à sua vontade; nem podia ser menos, tendo ele e seus criados grande parte em aquele motim. Não faltaram demandas amotinadoras logo ao Grão-Pará, para que a Câmara e o povo da cidade de Belém se levantassem, a exemplo dos do Maranhão; para isso tinha ido ao Maranhão Manuel Cordeiro Jardim informar-se de que lá obrara a Câmara. Veio com cartas suas ao Grão-Pará o Capitão-mor do Gurupi, João de Herrera da Fonseca, nosso irmão e marido da nossa irmã dona Catarina da Costa, e tendo sido provocado por alguns amotinadores do Maranhão para que com sua Câmara se levantasse também contra os padres, tão longe esteve de consentir em sua maldade que mandou prender um deles e derrubou muitas árvores pelo igarapé para

lhes dificultar a passagem, que depois à força de machados foram obrigados a abrir.

O padre subprior Antônio Vieira que como visitador ia para o Maranhão e com as novas do levantamento se tinha retirado de caminho para o Gurupi, sendo bem informado de tudo, despachou logo o padre Bento Álvares, subprior daquela residência, com seu companheiro o irmão Inácio de Azevedo, para que em uma canoa meã fosse logo para a cidade de São Luís, e visse se podia embarcar em uma embarcação que de lá partisse para o Reino e dar parte à Corte do que se tinha passado para de lá acudir com o remédio; porque como o povo teve notícia da chegada dos padres, logo os prenderam ambos e os meteram em casa de Gonçalo Álvares com os mais, mandando em aquela embarcação Jorge de Sampaio, inimigo dos padres e como procurador do povo; no entretanto voltou o padre subprior Antônio Vieira para a cidade de Belém da Capitania do Grão-Pará, consultando com os padres daquela banda, com Manuel Guedes e com Manuel Davi Souto-Maior, ambos amigos, sobre o que se havia de fazer em aquelas circunstâncias em que os do Pará estavam, para seguir o exemplo dos do Maranhão, como fizeram com efeito, movidos pelas cartas que de lá lhes trouxe Manuel Cordeiro Jardim e outros, que vieram para os amotinar e fazer levantar.

.....

### *Capítulo III*

BREVE RELAÇÃO DO QUE OBREI PELOS TAPAJÓS,  
ANTES DO LEVANTAMENTO DO PARÁ CHEGAR ATÉ LÁ

**E**STANDO as cousas da missão nestes termos, cheguei ao Tapajós com o alferes João Correia. A primeira cousa que lá fiz foi com a ajuda de meu companheiro e alguns índios grandes línguas fazer uns catecismos e vários idiomas daqueles seus principais, todos pelo da língua geral, um era em língua dos tapajós, outro os urucucus, que comumente entendiam, e com este os ia ensinando e batizando; estavam já batizados muitos pelos padres Tomé Ribeiro e Gaspar Misseh, que para lá tinham chegado de passagem, e ficavam outros muitos para se batizarem, e como eram tantos os meninos era necessário pôr-lhes um escritinho na testa para poderem se lembrar correntemente de seus nomes quando administravam os Sacramentos do Santo Batismo; e aconteceu uma cousa, que foi um principal, perguntando eu como queria que o chamassem, respondeu: padre, chama-me Cabo-de-Esquadra, porque me parece belo nome aquele, porém dizendo-lhe eu que este nome não era daqueles que se usavam, desistiu logo e tomou o nome de Sebastião. E já que se fala nos batismos parece bem relatar aqui o batismo de um menino que por singular providência do Céu chegou a recebê-lo antes de morrer;

costumava eu visitar cada semana as casas da aldeia conforme a visita, quando entrando em um rancho folguei de o ver bem varrido e limpo, e estando já para sair dele pela porta da rua, deu-me curiosidade de lançar os olhos para trás; cousa admirável, não tendo dantes visto ali pessoa viva, descobri em um cantinho um meninozinho reduzido aos ossos, botado em o chão, com um pedacinho de beiju na mão. Cheguei-me logo a ele e sendo que os filhinhos dos mais índios costumavam dar gritos de medo ainda, quando estão acompanhados, este estando sozinho olhou para mim estendendo os bracinhos e sorrindo-se. Tomei-o, pois, nos braços e o levei para a casa, onde estava João Correia e outro branco, Garcez; mandei ao colomim que o levassem e lhe dessem um torrão de açúcar, e depois fiz diligência, não só pelos livros, mas pela informação dos índios, os quais concorreram logo para verem o que se passava, se estava batizado; achando que era ainda pagão, perguntei então por que razão ficava sem batismo, e respondeu um índio que era por ser escravo; com que, tendo-lhes dado uma repreensão pelo descuido, o batizei solenemente, sendo padrinho o soldado João Garcia; e para os índios não cuidassem que eu tinha morto o menino, o tornei a levar para sua casa, depois de lhe ter dado bem de comer; seria de três para quatro anos e morreu em aquela mesma noite, deixando a todos mui consolados, mas principalmente a mim, lembrando-me que estando em a província sonhara que estava sobre um grande rio pescando com uma rede meninos, que então me parecia deverem ser estes e mais outros, que quase do mesmo modo batizei em a aldeia de Gurupatiba, conforme fica dito atrás.

Tratei depois disso de fazer a igreja e casas de taipa de mão, indo eu mesmo acompanhar os índios que iam cortar a madeira e padecendo muito boas fomes, no entretanto, por estar ainda novato; posta a madeira em a aldeia, a lavrou o companheiro João Correia com os índios, como acudia muita gente assim de índios como de índias, dentro de três para quatro dias ficou toda a obra feita e coberta. Fiz então um retábulo de morutim, pintando ao meio Nossa Senhora da Conceição pisando em um globo a cabeça de serpente, enroscada ao redor dele, com Santo Inácio à banda direita e S. Francisco Xavier à esquerda. À noite antecedente da festa em que se havia pôr o altar, houve uns trovões, relâmpagos

e coriscos, tão terríveis que todos os índios saíram das casas, e parecia que se ia acabando o mundo. Disseram-me depois que tinham visto em o Céu uma mão com um lenço branco que ia limpando o sangue derramado pelo Céu; em dia seguinte lhes fiz uma prática sobre a Conceição da Imaculada Virgem Senhora Nossa, e disse que este sinal foi alguma cousa, foi prognóstico de um grande castigo que a Senhora havia de remediar. Ainda mal, que logo se seguiu o levantamento do Pará com expulsão dos missionários e ao depois disso deram os portugueses guerra aos aruaquizes daquele sertão, onde houve grande derramamento do sangue dos índios; porém nunca dei crédito a este sinal.

Tinham os tapajós um terreiro mui limpo pelo mato dentro, que chamavam Terreiro do Diabo, porque indo fazer ali suas beberrias e danças, mandavam as suas mulheres levassem para lá muita vinhaça, e depois se pusessem de cócoras com as mãos postas diante dos olhos para não ver, então falando alguns dos seus feiticeiros com voz rouca e grossa lhes persuadiam que esta fala era do Diabo, que lhes punha em a cabeça tudo o que queriam; assim me afirmou o principal Roque. Indo eu com ele ver aquele terreiro, para depois proibi-lo, como fiz, dando-lhes só licença para beber em suas casas, convidando-os e alternativamente uns aos outros, aconteceu um dia que vendo eu uma fileira grande de homens e mulheres com seus filhinhos ao colo ou pelas mãos, e igaçabas ou quartas grandes de vinho na cabeça, perguntei ao alferes João Correia que cousa era esta procissão de gente, e disse-me ele que eram os índios da aldeia que iam beber e fazer suas danças que chamavam poracés no Terreiro do Diabo. Mandei-o que fosse avisá-los da minha parte que logo voltassem para suas casas, e quando não obedecessem ao que lhes mandava dizer, quebrasse os potes ou igaçabas dos índios, e derramasse o vinho no chão, e como o alferes João Correia não se atrevesse com receio que os índios o maltratassem, animei-o outra vez que fosse dizer-lhes de minha parte que se retirassem para, suas casas, e quando não, lhes desse com um pau nas igaçabas e as fizesse em pedaços; foi ele então e com próspero sucesso lhes intimou à minha ordem, e porque repugnavam de obedecer logo, deu com grande ânimo e confiança em Deus que o havia de ajudar, com um pau nos potes e derramou os vinhos. cousa notável, não houve um só que se lhe opusesse, mas foram-se todos para suas casas e nunca mais foram ao terreiro proi-

bido, enquanto lhes assisti porém, para não ir com tudo ao cabo em aqueles princípios, lhes permiti se convidassem uns aos outros em os dias de suas festas para suas casas, para lá beberem com moderação. Outro terreiro tinha também dentro da mesma aldeia, que os brancos chamavam de Mofama; este também não se freqüentou mais e ficaram tirados os terreiros em que os Diabos tinham grande ganância pelas desordens que em eles se cometiam com as contínuas beberrias e danças. Não se tirou com menos feliz sucesso a multidão das mulheres que tinham aqueles índios; tinha o padre subprior dito aos padres missionários que, achando-se índios pelos sertões com muitas mulheres, se casassem com aquela que tinham por sua legítima mulher, a que eles chamam Xeriuirêcô-atê, e quando nenhuma delas fosse verdadeira os casassem com quem elegessem a seu gosto, e como entre os índios da aldeia de Tapajós havia vários que tinham mais de uma só sua mulher, tratei de lhes tirar as mancebas e casá-los com uma, conforme Deus manda; porém como esta empresa fosse dificultosa, disse a João Correia mandasse aos índios de minha parte, que em um dia de festa assinalada aparecessem todos diante de mim e dele, e de seu companheiro, grande língua. Foram, servindo-me ele de intérprete, as práticas, que fiz do modo seguinte:

– Filhos, como eu sou ainda pouco praticado em os estilos destas terras, pela pouca assistência que em elas tenho feito até agora, por haver pouco que sou vindo do Reino, desejando eu de saber o verdadeiro modo de as governar, ouvi dizer que haveis de ser governados com pancadas como se governam os brutos, por não seguirdes a razão que Deus deu aos homens para se dirigirem por ela; não me posso persuadir que isto seja assim e portanto quero fazer experiência antes de crê-lo. Olhai os Mandamentos da Lei do Deus, todos se fundam em a razão, e quem os seguir deve-se chamar homem racional, e pelo contrário quem os não quer seguir este se pode chamar bruto, e se deve governar com pancadas como se governam os animais irracionais. – Feito este preâmbulo lhes fui propondo os Mandamentos da Lei de Deus um por um, mostrando-lhes eram mui conformes à lei da razão que Deus[...] em nossas almas. Aprovaram eles todos o que lhes praticava, e chegado que fui ao sexto e nono, perguntando se lhes se parecia bem andar algum com mulher não sua, respondeu-me logo um que se sua

mulher lhe fizesse adultério a botaria ao rio. Disse-lhes eu então: – Ora, basta-me isso, filhos, para conhecer que não haveis de ser governados com pancadas à maneira de animais brutos, mas como homens de razão; o que suposto, como quer Deus e manda que ninguém tenha mais de uma mulher, peço-vos me entregueis todas as vossas mancebas, e vos caseis com aquela que tendes por vossa mulher verdadeira, com a que mais for a vosso contento, salvo se houver algum impedimento. Concordaram todos nisso logo e as foram entregando e pondo em um rancho grande do principal chamado de Madalena, para de lá se irem casando com outros desimpedidos, com condição, porém, que se meteria no tronco aquele que se atrevesse de tirar alguma daquele recolhimento de Madalena. Não houve senão um único cavaleiro que uma noite foi tirar uma das que tinha largado, mas obrigou-se logo a repô-la e esteve dias no tronco, por parecer dos mesmos principais, a cuja discricção eu tinha deixado a determinação do tempo do castigo; dessa casa do recolhimento da Madalena se haviam de ter casado todas se não sobreviesse o levantamento do Pará, que estorvou essa boa obra.

O principal Roque casou-se logo para não andar mais amancebado. Era Maria Moacara princesa, desde seus antepassados, de todos os tapajós, e chamava-se Moacara quer dizer fidalga grande, porque costumam os índios além de seus principais escolher uma mulher de maior nobreza, a qual consultam em tudo como um oráculo, seguindo-a em o seu parecer. Fez esta Maria Moacara, que depois da morte de seu marido casou com um português, uma ação digna por certo de se contar. Tinha sua mãe Ana, viúva, a qual andava com um cavaleiro da sua aldeia, não lhe estorvava esta ação sua filha Maria por lhe parecer não era malfeito aquilo; mas logo que ouviu de mim o mal que em isto se fazia, vendo-a uma noite em sua mesma rede com o mancebo, foi-lhe cortar os punhos ou cordas dela com uma faca, dizendo-lhe desistisse daquela ação, pois já se sabia que era ofensa de Deus. Seguiu Ana o dito de sua filha Maria e veio pedir marido, e respondi-lhe eu escolhesse algum cavaleiro ou principal desobrigado e desimpedido e que logo a casaria com ele, e como ela replicasse que não se achava outro que lhe fosse igual em nobreza, aconselhei-lhe o estado das viúvas honradas, tão estimadas dos homens e do mesmo Deus e nisto ficou até o cabo de sua vida. Os vassallos do principal foram se casando à imitação do exemplo que lhes dera; um só



sargento-mor havia por nome Tuxiapó, o qual estando amancebado com uma gentia, a não queria largar e ia ameaçando feramente a quem se atravessasse de lha querer tirar. João Correia, ainda que esforçado português, tinha medo dele, e já não queria comer as pacovas que vinham de sua casa pelo medo que tinha de ser morto com peçonha, muito usada entre os tapajós disso, e vindo me falar nisso lhe disse que se não queria comer as pacovas as mandasse a mim e a meu rapaz: e fiz tanto com o sargento-mor que finalmente tocado de uma especial graça do Senhor se rendeu ao que se lhe pedia. Com isso instruí a manceba em os artigos de nossa Santa Fé e batizei-a, dando-lhe por nome Luzia e finalmente a casei com o dito sargento-mor Tuxiapó.

Tinha-me o padre subprior ordenado que fizesse a residência no outeiro onde hoje está a fortaleza e chegasse a aldeia para o pé do monte, tudo se intentou e roçou-se o monte deixadas as duas arvores que até o presente em ela se vêem e chegou-se a aldeia para ele, mas não do meu tempo por chegarem as novas do levantamento do Grão-Pará contra os padres missionários. Oferciam-se-me os índios para levar-me para seus matos até novas do Reino; mas, como em o mesmo tempo tive novas da fugida da gente do meu companheiro, achei melhor ir com ele para lhe valer em o Gurupá, diante do Capitão-Mor Paulo Martins, meu amigo. Portanto, dispostas as cousas dos Tapajós em a melhor forma que podia, parti com João Correia pelos mesmos igarapé e rio, onde se tinham maltratado uns índios que eu mandara com farinhas para socorro da fortaleza, e tinha sido levada a filha do meu companheiro; foi a ação arriscada, mas teve bom sucesso, por que em o lugar do mau-trato não achamos ninguém, e pelo restante do rio nada mais que jacarés, tantos, em número-grandeza, que indo o companheiro à pescaria com os índios, me vi não sem algum medo e [...] deles; de lá partimos para a aldeia de Tapará onde achamos o padre Gaspar Misseh com o irmão Domingos da Costa, ainda noviço. Lá me fiquei, indo o companheiro João Correia falar com o capitão-mor do Gurupá para dele se valer para uns soldados que o fossem acompanhar, para ir em busca de sua filha e escravos que lhe tinham fugido para o mato. Aconteceu que indo eu, um dia, a visitá-lo depois de jantar o achei deitado em sua rede, com um livrinho de orações devotas e atos de contrição na mão: aprovado muito o que fazia o exortei fizesse sempre ato de contrição antes de se deitar a

dormir, para a morte não o achar algum dia despercebido; espero em Deus que em pagamento de sua amante caridade que sempre usou comigo e com os índios, em tudo, alcançaria do Céu a graça de fazer o que eu tanto lhe encomendara; ditoso se fez, porque vindo depois do sertão com uma canoa grande de escravos, confiado em o muito que todos lhe queriam, se deitou a dormir, o que vendo, os escravos lhe deram com um pau de jucá em a cabeça e o mataram, deitado em sua rede e se acolheram para o mato: Deus se lembre de sua alma.

.....

## *Capítulo IV*

DECLARA-SE MAIS PARTICULARMENTE AS DILIGÊNCIAS  
QUE DE LÁ SE FIZERAM PARA LEVANTAR  
O GURUPI E EFETIVAMENTE LEVANTARAM  
O CAPITÃO DO GRÃO-PARÁ E PRENDEU-SE  
O PADRE ANTÔNIO VIEIRA, SUBPRIOR E  
VISITADOR, COM OS MAIS PADRES

**E**STANDO já levantada a Capitania-mor do Maranhão contra os padres missionários, e eles presos todos em casa de Gonçalo Álvares, elegeu o Governador Dom Pedro de Melo, Domingos Fialho, que tinha servido em o Pará o cargo de almoxarifado e sido o primeiro que em a Capitania do Maranhão gritou em voz alta que fossem fora os padres missionários da Companhia, para que fosse dar as primeiras novas e levantar as Capitánias do Gurupi, Pará e Gurupá; e foi notável o empenho com que este Governador se deu por obrigado a executar os meios para expulsar os ditos missionários, que como tinham o governo temporal dos índios e viam suas negociações, lhe pareciam impedir seus maiores lucros, sendo que em os primeiros dois anos de seu governo procedeu com piedade e religião, e era amado de todos e ajudava as missões. Deus Nosso Senhor lhe multiplicava os bens, porque se lhe resgatava ir muitos escravos, lhe veio muito âmbar na serra, e um índio Se-

bastião, soldado d'el-Rei lhe deu perto de uma arroba, e por pouco mais de nada se desceram de seu tempo muitas nações, como são tupinambás, paquizes e pauxizes, além de uns trezentos índios da serra, e ultimamente se fizeram as pazes com os ingaíbas, e várias outras cousas pertencentes ao serviço do Deus e grande bem do Estado, indo-lhe tudo em grande aumento até lhe irem para o Reino dois navios a salvamento, com muitas riquezas; porém, quando o padre subprior Antônio Vieira foi visitar as Capitánias, ele tomou por conselheiros uns homens que tinham vindo do Reino fugindo da justiça, e estes lhe prometeram grandes bens e do que havia adquirido o dobro, em o ultimo ano de seu governo; e ele que procedia com religião e pureza de vida, e dava dantes bom exemplo a todo o Estado, a cobiça o obrigou a querer o que estes malévolos lhe certificavam sem castigo do Céu, porém indo eles em companhia do seu capitão de guarda para Lisboa em a nau que levava sua fazenda, foram aportar em Argel. Estes mesmos criminosos eram os que andavam pelas fazendas incitando os moradores ao motim, prometendo-lhe o favor do Governador. O Fialho, enviado dele, ia com capa de buscar um papel ao Pará que lhe faltava para dar suas contas em o Maranhão; porém como esta maldade vinha tão pouco capeada, logo na primeira Capitania do Gurupi, que fica entre o Maranhão e Grão-Pará, se descobriu sua máscara, porque sem demora foi buscar o Capitão-Mor João de Herrera da Fonseca ao qual deu as cartas do Governador, e requereu que se ajuntasse à câmara, à qual entregou outras cartas que trazia com grande aplauso e como quem lhe trazia grandes felicidades; o capitão-mor sendo, por extremo, como irmão que era da Companhia, temente a Deus, opôs-se e começou-se a fortificar; fechou o igarapé (como dito fica), querendo perder a vida em defesa dos missionários, e prendeu a este[...] e amotinador; porém, como as ordens do Governador eram mui apertadas, e o mandassem logo dar as contas em que importavam, e o almoxarife lhe protestasse por vinte mil cruzados, que dava de perda à fazenda real, e já do Maranhão vinham avisos que haviam de ir-lhe queimar o engenho e prendê-lo afrontosamente, lhe pediram os padres que o soltasse. Concordou em o que se lhe pediu; porém não o quis fazer sem primeiro mandar aviso particular a todos os missi-

onários da perseguição que o Demônio lhes levantava. Não são críveis as blasfêmias que este almojarife dizia, até se entregar muitas vezes ao Demônio, cujo ofício em aquela ocasião fazia; largou-se ultimamente, e vendo-se solto e livre da prisão, se foi com toda a pressa ao Pará; e ainda depois da sua chegada esteve o capitão-mor do Gurupi sem se querer revelar contra a Igreja, nem contra as leis d'el-Rei, antes sua câmara seguia o parecer dos padres, até que os criados criminosos de D. Pedro de Melo, vendo que era em grande descrédito do Governador amotinar-se a Capitania, onde ele assistia pessoalmente governando, foram pelos engenhos e quintas dos moradores do Pará ajuntar muita gente de baixa sorte, para que em a cidade fizessem o motim em o dia do Anjo Custódio, aos vinte de julho daquele ano provendo o governador as Capitánias com seus criados para que não houvesse resistência alguma. O Fialho que também vinha ensaiado do Maranhão para esta alteração, não ficou sem grande castigo do Céu, porque os mesmos já levantados, imaginando-se falsamente que era traidor ao povo, foram à sua casa e o mutilaram, deixando-o por morto deitado no chão: porém convalesceu e ficou aleijado de um braço, e não parou aqui, porque logo se lhe tirou a vista de ambos os olhos, andando cego, e sua mulher acusada de adultério nos tribunais, e parece não era razão ficasse com luz dos olhos o que também foi causa de ficarem tantas almas em cegueira de sua gentildade, sem gozarem da luz da Graça.

Correndo a notícia do levantamento que por aqueles ministros e amotinadores se estava forjando, trataram alguns padres da Companhia de se pôr em salvo; o padre Manuel Nunes com o padre João Maria Gorsony e o padre Antônio Ribeiro e outros entraram pelos Ingaíbas, onde se detiveram uns dias, enquanto se permitia segurança entre eles; porém, correndo depois fama de alguma alteração daqueles índios, se retiraram de lá para maior sua segurança. Escreveu o padre Francisco Veloso, subprior da casa, ao padre Gaspar Misseh, e a mim, que estávamos ambos do Gurupá para riba, mandando-nos que retirássemos a residência e aldeia de Tapará para os matos; até vir alguma resolução e remédio do Reino; mas como o que há de ser tem grande força, fez-se o levantamento em o mesmo ano, em dia do Anjo Custódio do Reino, estando Marçal Nunes Capitão-Mor do Pará; foi-se o povo amotinado ao colégio de Santo Alexandre, e lá prendeu ao padre Antônio

Vieira subprior e visitador das missões, e o levou preso com grandes descortesias para a ermida de S. João Batista, onde o tiveram com tanto aperto, que nem por uma necessidade estava livre; e indo caminhando entre os remoques pelas ruas para essa sua prisão, disse-lhe um morador dos mais autorizados: Ó meu padre Antônio Vieira, que é agora das suas letras? Prenderam-se também os padres que se puderam alcançar, a saber: o padre Manuel Nunes com o irmão Marcos Vieira, e se puseram em casa do capitão-mor Feliciano Correia, o padre João Maria Gorsony que foi posto no engenho de Baltasar Aranha, o padre Tomé Ribeiro no engenho do Sargento-Mor Vicente de Oliveira e os mais, a saber: o padre Francisco Veloso, o padre Salvador do Vale, o padre Francisco da Veiga e outros, com o irmão Manuel Lopes estiveram fechados em uma casa particular, onde Pedro[...] nosso procurador e irmão, e sua mulher Dona Antônia, nossa irmã, e Mariana Pinto, tapanhuna caritativa, os estavam sustentando, até que uma noite escapando daquela prisão se foram para o Gurupá; e como esses levantados tinham maior ódio ao padre Antônio Vieira, subprior e visitador da missão, mandaram-no para o Maranhão em uma canoa, tratando-o pelo caminho com muita descortesia, e lá o embarcaram em uma nau do Sacramento, pertencente ao governador, com os mais padres, que ali estavam para irem para o Reino. Embarcaram os padres consigo o santo corpo de S. Bonifácio Mártir, e estando à vista de terra ainda para dar à vela, chegou-se o Sargento-Mor Antônio à nau, e empurrando-a com a mão disse fosse para fora. Partiu e com feliz viagem, navegando até além das ilhas, onde deu sobre ela outra nau de corsários mouros, a qual foi porfiadamente seguindo-a para se assenhorear dela, atirando-lhe de longe com bala, e tinha já chegado tão perto que desconfiados os marinheiros estavam resolutos a se entregarem e serem escravos dos mouros antes que perderem a vida. Vendo isto o padre subprior Antônio Vieira, mandou trazer para o convés santas relíquias de São Bonifácio bispo e mártir; cousa prodigiosa! o Santo que até no nome faz bem fez logo que o corsário se retirasse, largando uma presa tão rica de açúcares e gente que tinha a nau. Com este tão prodigioso benefício do Santo a quem agradeceram todos, como seu benfeitor, se foi lançar âncora em o porto da cidade de Lisboa. Foram, assim que chegaram, à Corte, onde os vendo a Senhora Rainha, e ouvindo o que tinham passado, lhes teve grande compaixão, e quis logo mandar castigar um tão grande atrevimento.

.....

## *Capítulo V*

### CONTINUAÇÃO

**P**RESOS todos os padres das residências do Pará, chegaram à cidade, mas faltando eu e o padre Gaspar Misseh, que estávamos no Gurupá, mandaram uns três homens que nos fossem mandar descer para irmos embarcados para o Reino com os mais. Estávamos ambos com o irmão Domingos da Costa, em a residência de Tapará, quando esses embaixadores do povo nos vieram intimar a ordem da Câmara; recebemo-los e despedimo-los com cortesia; escrevi à Câmara uma carta bem larga, em que lhe estranhava suas desordens, e lhe ameaçava o castigo do Céu pelo muito mal que faziam em impedir a salvação das almas, e redução de tanta gentildade para o grêmio da igreja e nossa Santa Fé. Sentiu muita a Câmara o aviso daquela minha carta, e em vindo Rui Vaz de Siqueira por governador lhe entregou, e ele me tornou a dar como amigo; voltaram os enviados para o Pará sem terem efetuado nada, e nós continuamos a ter cuidado daquele gentio novo, que o padre Salvador do Vale e seu companheiro tinham descido do sertão à aldeia do Tapará. Não muito depois, chegou-nos uma carta do padre Francisco Veloso, subprior da casa do Pará, para que nos fôssemos esconder no mato até vir remédio do Reino; obedecemos e carregando a pobreza toda da residência, fomos com de-

zesseis índios e tantos alqueires de farinha que eu tinha trazido dos Tapajós em minha canoa, e chegados à Gurupá achamos um mameluco de uso de Manuel Davi de Souto-Maior para nos servir de guia pelo caminho. Confessou-se este geralmente comigo por temer o matariam os homens do Pará, quando acaso o encontrassem; feita esta diligência nos foi levando para baixo até o Maripatã, onde, atravessando o rio, nos pusemos em aquela ilha que está defronte. Mercê do Céu aí estivemos até se nos ir acabando a farinha, ao maior desamparo que se pode considerar, porque, por falta de anzóis, nos faltava o peixe, e se os índios nos traziam algum era cousa muito limitada; porém nunca deixamos de ser alegres, e dizia eu que nunca nos púnhamos à mesa sem três iguarias, das quais a primeira era farinha dos Tapajós, que parece farelo, a segunda farinha com sal e a terceira farinha com sal e pimenta, que chamam jiquitaia, que celebramos no mato, dizendo cada um suas três missas, não menos que se estivéssemos em a cidade. Compadeceu-se de nós Deus Nosso Senhor e enviou Manuel Davi de Souto-Maior que nos socorresse com alguma cousinha, e dessas novas do padre Pedro Luís Gonçalves Romano e João Baltasar de Campos que tinham chegado do Reino do Maranhão, depois de terem já partido os padres; cuidava o padre Pedro Luís, conforme me escrevia, que obrasse alguma com D. Pedro de Melo em bem da missão, mas trabalhou de balde. Posto em a ilha de S. Francisco, depois do Colégio, para onde o povo o tinha mandado, até haver comissão para o Pará, para onde o mandaram depois, os homens do Pará, parece, o mataram com seu companheiro com Santo Antônio. Indo-se-nos acabando a farinha no mato, voltamos outra vez para o Gurupá, faltos de tudo e não sem perigo da vida do padre Gaspar Misseh, porque querendo o pobre passar por um pau, que caiu com a cabeça diante, no lodo, onde morria, se lhe não acudissem os índios com a pressa que o caso requiera. Em poucos dias nos pusemos em a fortaleza do Gurupá, onde o Capitão-mor Paulo Martins pediu-nos que ficássemos na aldeia de S. Pedro, pouco distante da fortaleza, e se fosse o padre Gaspar Misseh para o Tapará com seu companheiro Domingos da Costa acudir aos índios novos que lá estavam desamparados. Fizemos isso e continuando o padre Gaspar a sua viagem, fui-me eu pouco depois com um morador do Gurupá por nome Lucas



Madeira para assistir aos índios que lá se achavam; estive em a aldeia de S. Pedro muitos dias, não tendo mais que uma porção de peixe ao jantar, que cada dia me mandava de esmola o capitão-mor, por estarem os da aldeia pobríssimos, e acudindo de dia aos doentes com os Sacramentos, e era tão pouca a cristandade daqueles bárbaros que, estando uma parenta sua morrendo na sua rede com a assistência minha, aí mesmo estavam bailando e fazendo seus poracés e bebedices, pondo-lhe ao doente uma cuia de farinha seca debaixo da rede, para que dela comesse se quisesse. Havia nesse mesmo tempo outra muito doente, em outro rancho, a qual já estava com todos os Sacramentos, não lhe faltando Óleos Santos, quando, por eu ter ouvido um tiro de uma de uma peça que era sinal de rebate me pôs em caminho com meu companheiro para a fortaleza, levando dois índios o altar portátil nos ombros. Já tínhamos andado um quarto de hora pelo mato quando Antônio Barradas com José de Sousa e mais dois brancos, uns dez ou quinze índios, todos armados, me vieram encontrar dizendo-me que da parte do povo do Pará me viesse com eles para ser embarcado com os mais padres para o Reino. Respondi-lhes eu que o povo nenhum poder tinha sobre mim, e que ele desistisse porque incorria em excomunhão maior com os que o acompanhavam se me fizesse violência. A isso respondeu Antônio Barradas que protestava a Antônio, querendo dizer antes unia, e como não quis aquietasse[...] de propósito, para descansar e fazê-los esperar algum tempo; tomado, pois, um pouco de descanso, continuei meu caminho para a fortaleza, e eles me cercaram ao redor; queixei-me deles por impedirem o serviço de Deus em que me estava ocupando, com os índios gravemente doentes, e me replicou Antônio Barradas que me devia ter ficado em minha terra, pois cá não faltaria quem acudisse a essa obra de caridade. Estando já à vista da fortaleza requereram-me que me fosse, ou ao conventinho de Nossa Senhora do Carmo que lá havia juntado, ou de embarcar na sua canoa; mas eu lhes não deferi, dizendo que no Carmo não tinha que fazer por então, e que em a canoa não havia de ir, salvo se me levassem à viva força, porém olhassem bem que ficavam excomungados e os havia Deus de castigar pelo desaforo com que me tratavam, e assim me deixassem ir livremente meu caminho para a fortaleza; cercaram-no então ao redor e estando as-

sim preparados comigo, eis que veio o Ouvidor-Geral Diogo de Sousa de Meneses com seis soldados, com espadas desembainhadas, da fortaleza; apenas o viram, quando ele chegando-se a Antônio Barradas, cabeça desse sacrilégio, pegou-lhe em o braço e disse-lhe fosse preso da parte de Sua Majestade. Levantaram os seus companheiros as armas contra o ouvidor-geral, estranhando-lhe que prendia seu cabo posto pelo povo do Pará, e eu fui levantando com o braço os canos das espingardas para que não fizessem mal ao ouvidor-geral, me saí dentre eles e me acolhi para casa do capitão-mor. Como os soldados da fortaleza se houberam frouxamente nessa ocasião não pôde o ouvidor-geral prender esses culpados, os quais escapando-lhe das mãos se safaram com toda a pressa para sua canoa, e fingindo que navegavam para riba, para ir prender ao Padre Gaspar Missch, atravessaram pouco depois para banda de além do rio, e apertando os remos foram navegando para baixo cozidos com a terra, toda coberta de mato. Não o puderam fazer com tanta destreza que não chegassem a ser descoberto da fortaleza; mandou, pois, o capitão-mor Paulo Martins Garro equipar três canoas, uma para o ouvidor-geral com um sargento e bastantes soldados, outra para Manuel Davi Souto-Maior cavaleiro do hábito de Cristo e irmão nosso, e a terceira para o capitão João de Matos em que foram logo investir a canoa de Antônio Barradas por todas as partes, de sorte que lhe não pudesse escapar por muita diligência que para isso fizesse, e assim veio-lhes cair nas mãos. Prendeu-o pois o ouvidor-geral com toda a sua gente, assim brancos como índios, tomaram-lhes as armas a todos, e mandou os brancos presos à sua fortaleza, largando os pobres índios, os quais vinham bem contra sua vontade. Este sucesso estive vendo da fortaleza como quem vê touros de palanque. Indo-me para casa encontrei em o caminho a Antônio Barradas que poucas horas antes me tinha levado preso; dei-lhe um abraço dizendo-lhe: Guarde Deus a vossa mercê, Senhor Antônio Barradas; e como ele me respondesse que este abraço seria bom se não fora de Judas, repliquei-lhe que não era de Judas, senão de um ânimo muito cristão, e com isso me fui para diante e ele com os mais para a prisão, onde foram carregados de ferros todos. O ouvidor-geral fez logo um auto contra ele por seu escrivão, pai de Padre Diogo da Costa, escrivão da ouvidor-

ria-geral, e achando que todos tinham levantado as armas contra si, mandou levantar uma força para enforcá-los, conforme as leis, e para que morressem cristãmente perguntou-lhes quem queriam para se confessar e sacramentar; e como elegessem dos que pareciam de sua facção não se lhes concederam, com que vieram a escolher a mim para que, visto que tinham incorrido em excomunhão prendendo-me, fosse também eu que dela os absolvesse e lhes desse o Senhor. Tudo se fez como tinham pedido, mandou-se-me recado à aldeia para onde eu tinha voltado para acudir aos doentes, vim-me confessá-los e ao depois prometerem toda a satisfação, e pediram perdão do que tinham obrado: absolvi-os, disse-lhes missa na mesma prisão e lhes dei o Senhor. Foi este caso mui raro, por certo, em o qual reluziu claramente a justiça, a misericórdia de Deus. A justiça intimou vingança dos delitos: a misericórdia não deixou ir com tudo ao cabo ao ouvidor-geral, como logo se verá. E em o que mais ainda se mostrou a providência que Deus Nosso Senhor tem dos seus, é que em a mesma tarde em que estes criminosos tinham sido apanhados em o rio, estava uma canoa dos padres que tinham fugido da prisão do Pará junto a uma ilha um tanto mais abaixo da paragem onde se prenderam seus perseguidores, para que fossem testemunhas de vista de seu castigo. Chegou essa canoa ao porto da fortaleza, e vinham ali o padre Francisco Veloso, subprior da casa do Pará, vice-superior da missão nessas circunstâncias, o padre Salvador do Vale, o padre Francisco da Veiga, o padre Tomé Ribeiro e o irmão Manuel Lopes. Não é crível quanta foi a alegria de uns e outros padres e do Capitão-Mor Manuel Davi Souto-Maior em aquele encontro nunca esperado. Já então o ouvidor-geral dispondo as cousas para se enforcarem os culpados sobreditos, quando eu eleito dele para seu confessor, fui ter com ele e o roguei que quisesse conceder a vida aos réus não porque não merecessem a morte, mas para que não irritasse mais com isso o povo levantado, e se não dissesse que os enforcará não para fazer justiça, mas para dar gosto à vingança dos padres da Companhia de Jesus. Teve o ouvidor-geral a sua repugnância de perdoar por estarem claramente[...] os culpados, mas como viu que o Capitão-Mor Paulo Martins Garro e Manuel Davi Souto-Maior pediam o mesmo que eu, lhes perdoou a morte da força, contanto, porém, que fossem publicamen-

te açoitados todos ao redor da polé, que estava no meio da praça do Gurupá. Aqui tornei-lhe a fazer outra petição e pedi-lhe lhes perdoasse também os açoites, contentando-se da prisão, mas ele pondo-me a sua vara na mão disse-me tomasse aquela vara, ou o deixasse fazer justiça, respondi-lhe que a vara era de Sua Majestade, e que eu não pretendia impedir sua justiça, mas somente moderar o rigor dela em o que pudesse ser sem encargo de sua consciência, e visto Sua Mercê não poder perdoar os açoites a todos, perdoasse ao menos a Antônio Barradas, que era o que me prendera e o que me dissera depois, quando o abracei em a rua, que meu abraço era de Judas, como ele dizia, e não de caritativo cristão, e mais, por ele e sua mulher acudirem com muita caridade ao padre Francisco Gonçalves na sua doença de que morrera no Cametá; quisesse também perdoar os açoites a um velho que vinha em companhia dos criminosos por medo do povo que o mandara. Custou-me muito a alcançar esta graça, mas como também o Capitão-Mor e Manuel Davi Souto-Maior se botaram de joelhos diante dele, fazendo-lhe o mesmo requerimento, veio finalmente a render-se e foram açoitados os outros dois ao redor da polé, em praça pública, à vista de todos os índios e brancos. Aqui reluziu outra vez a justiça divina com sua misericórdia, porque quis que sua justiça que estes mesmos que tinham vindo para prender os padres, fossem não só presos, mas ainda castigados, em sua presença, e quis sua misericórdia fossem castigados com moderação e brandura a instâncias dos mesmos ofendidos, para que aprendam os que se atrevem a tornar-se contra os missionários da Companhia de Jesus, que lhes não faltará o castigo, suposto que às vezes será mais brando por eles mesmos, a exemplo do seu Capitão-Geral Cristo Jesus, perdoarem seus inimigos e rogaram por eles. Verdade seja que alguns entendendo mal este gênero de caridade dizem que mais vale ser inimigos que amigos dos padres da Companhia, pois acodem tanto por eles que parece não poderão fazer mais por seus afeiçoados; porém andam muito enganados, porque suposto acodem tanto por seus inimigos, sempre acodem mais pelos amigos, e se aqueles livram dos castigos da terra, não os podem livrar comumente senão de uma parte deles; assim nesta como na outra vida acharão ser verdade os que bem considerarem o fim que levaram os inimigos dos padres da Companhia

de Jesus até o presente, para de lá colherem o que levaram ao diante os que contra eles se atreveram. Não relato aqui esses castigos, porque os reservo para um capítulo inteiro, sendo tantos que bastavam para fazer um grande tomo: contento-me por agora dizer em três palavras como o pobre José de Sousa, um dos açoitados por levantarem as armas contra o ouvidor-geral[...], de me prenderem, morreu, pouco tempo afogado em seu sangue sem Sacramentos, morrendo sem eles quase todos os mais que se tinham singularizado em perseguirem-nos em tempo desta nossa expulsão para que, escarmentados os vindouros, saibam e conheçam, se quiserem, o fim que levam aqueles que se atrevem contra os missionários de Cristo Nosso Senhor.

.....

## *Capítulo VI*

VAI-SE O PADRE SUBPRIOR FRANCISCO VELOSO  
AO SERTÃO, DEIXANDO-ME A MIM POR VICE-SUBPRIOR  
DOS PADRES, E CHEGA O POVO DO PARÁ A PRENDER UNS E  
OUTROS PARA OS EMBARCAREM PARA O REINO

**E**NQUANTO estas cousas se obravam no Gurupá, já havia muito tempo que o padre Antônio Vieira e mais religiosos tinham sido embarcados da banda do Maranhão, para o Reino, onde chegaram felizmente, estranhando toda a Corte o desaforo dos povos amotinados como já fica atrás. Achavam-se os padres sobrenomeados juntos em aquela fortaleza do Gurupá, debaixo do mando do padre Francisco Veloso, o que fazia as vezes de subprior da missão, por não querer aceitar o cargo o padre Manuel Nunes, porque esperava, como particular, que fossem abrandando os homens do Pará, entre os quais muitos deles, de maior autoridade, eram seus amigos, e o respeitavam muito; e julgaram que seria bom ir o padre vice-subprior Francisco Veloso pelo rio das Amazonas à riba, para fazer uns poucos de resgates por aqueles homens, que tanto nos tinham obrigado em aquela ocasião. Deixou pois as suas vezes a mim por estar eu por então por subprior da missão do Gurupá, e foi-se ao que se tinha assentado. O povo do Pará, tendo tido notícia

do que tinha acontecido a seus enviados na capitania do Gurupá, para onde também se tinham retirado os padres fugidos da prisão do Pará, mandou logo uma grande tropa, assim de brancos como de índios, armados todos para levarem os seus presos, e prenderem os padres todos para se embarcarem para o Reino em duas naus que estavam para partir. Tinha eu com o padre Salvador do Vale tornado para a aldeia de S. Pedro, e se tinha também ido o padre Francisco da Veiga para o Xingu à riba do Tapará, onde assistia o padre Gaspar Misseh com seu companheiro o irmão Domingos da Costa, e a Tapará, para acudirem a essas desesperadas ovelhas do rebanho da Cristo com grande necessidade pela falta de tudo; porém como não convinha andarem tão espalhados em tempo de uma tão grande perseguição, em a qual era melhor guardarem-se para melhor ou maior bem das almas, recolheram-se todos depois de desobrigar os índios da quaresma no ano de 1662, para a fortaleza, em casa do Capitão-Mor Paulo Martins Garro o restante daquele tanto tempo, em que ele, com o ouvidor-geral e seu escrivão e Manuel Davi Souto-Maior, agasalhou na fortaleza, mandando cada dia aos padres com que poderem passar; cada dia à boca da noite saíam umas canoinhas ligeiras com alguns soldados para espreitarem se acaso vinha já o povo do Pará para acudir a seus presos e prender aos missionários; e não obstante andar tudo tão arriscado queria o ouvidor-geral ir com o padre Salvador do Vale para a banda do mar para se aliviar, com a mudança dos ares, de umas sezões que lhe tinham dado; porém receando que dessem em as mãos do povo que os mataria ou ao menos os trataria muito mal, ia diferindo[...] ao ouvidor-geral, como meu penitente, e negando licença ao padre Salvador do Vale, que tinha pedido um companheiro; e não foi isto singular providência do Céu porque ao mesmo tempo que ele andava pretendendo ir-se, vinha-se chegando o povo do Pará tão assanhado que achando em o caminho dois portugueses da fortaleza, que tinham sido mandados por descobridores, mataram logo um deles à espingarda, sendo o matador um mulato feitor de uma fazenda do Pará, e o morto um Saraiva, irmão do capitão João Saraiva, natural do Gurupi, e pouco depois prenderam o outro e o descompuseram e trataram muito mal, ferindo e cutilando-o gravemente. Tinha eu pedido em a véspera de nossa

prisão ao capitão-mor, que já que fazia graça aos padres de os querer defender, os quisessem também recolher à fortaleza para estarem seguros; como ele não deferisse logo a minha petição, parecendo-lhe que ainda não havia tanto perigo, eis que àquela mesma noite, estando eu dormindo e sonhando atualmente que vinha o povo a prender os padres, ouvi bater à porta e acordando do sono perguntei quem era; respondeu-me Manuel Cordeiro Jardim, um dos cabeças do motim, abrisse a porta, da parte do povo do Pará, mas eu não lhe quis abrir e disse-lhe que não entraria, salvo se fizesse violência, e quebrasse a porta, fazendo-a em pedaços. Deu tanto medo ao padre Tomé Ribeiro essa vinda do povo, que me rogou com muita instância, que abrisse a porta, porém eu mais contramitente não querer abrir, até que disse Pedro, nosso irmão e procurador, que quisessem abrir, pois ele lá estava em companhia de Manuel Cordeiro, e não tinha a cousa nenhum remédio. Abri então a porta, fomos levados presos os padres todos, até o padre Gaspar Misseh que estava bem doente, para o conventinho de Nossa Senhora do Carmo, em cuja varanda que está para a banda do rio, tinha feito sua praça de armas o amotinado povo. Chegou à porta do convento frei Alberto, então prelado daquela casa, em que também assistia frei Ângelo que o tinha vindo visitar, e como me dissesse que entrássemos disse-lhe eu que não cuidava que Sua Paternidade quisesse consentir que se fizesse prisão de seu convento, mas haviam de fechar as portas dizendo que sua casa não era algum Limoeiro nem cadeia, mas casa de religiosos e de refúgio e não de prisão; mas como vi que os frades do convento eram como o povo, que nele tinham feito uma praça de armas e que não havia que esperar, entrei e após mim entraram os mais padres e fomos fechados em uma limitada cela com tanto aperto que nem por uma necessidade nos deixavam sair sem guarda à ilharga. Os religiosos do convento conversavam, comiam e bebiam com os amotinados, e lhes diziam missa sem nenhum escrúpulo porque uns e outros eram do mesmo parecer. Tinha eu por espia um dos mais autorizados do povo, e por este mandava dizer ao capitão-mor o que queria, e recebia resposta a tudo; mandou-me dizer um dia o capitão-mor que ele queria dar um rebate falso para que correndo os do povo para lá fugissem os padres do convento, e viessem à fortale-



za pela banda do rio, mas não quisemos usar desta troça para não dar ocasião a maiores alterações. Um dia me chamaram esses homens para que, como vice-subprior, assinasse um termo de como largava de mim toda a jurisdição assim espiritual como temporal sobre os índios, ao que com o parecer dos mais padres respondi que me não tocava assinar tal termo, porém como as províncias nos tinham tirado aos padres a jurisdição temporal em ambas as Capitânicas, assim do Pará como Maranhão, já não tratávamos, os padres delas, e que em o tocante à jurisdição espiritual por nenhum caso largávamos, e desta forma levaram o termo que se fazia. Pediram-me depois que fizesse com que o capitão-maior da fortaleza lhe pusesse fora, solto e livre o seu procurador Antônio Barradas com os mais seus companheiros e a isso lhe respondi que o capitão-mor tinha aqueles presos por ordem da justiça, e do ouvidor-geral que estava em a fortaleza, que lá se houvessem com ele sobre esta matéria; contudo lhe mandaria pedir por favor, por via do ouvidor da Capitania, Manuel da Cunha, o que propunham, e assim o fiz, mas respondeu o capitão-mor Paulo Martins Garro que ele estava em aquela praça por parte d'el-Rei seu senhor, e havia de defender assim a ela como a todos que ali estavam até morrer; que viessem e escalassem a fortaleza se quisessem, porque ali achariam quem tinha ânimo para resistir. O padre Tomé Ribeiro, receando que por essa razão lhe acontecesse algum mal, pôs-se de joelhos à vista da fortaleza, e com as mãos levantadas pediu ao capitão-mor não quisessem dar ocasião de alguma ruína, mas ele zombou daquele medo do padre, e com muita razão, porque era muito conhecida de todos[...] chaneza daquele sujeito, que por largar o principal Capaúba do Maracanã que o padre Vieira lhe remetia preso, para apartar do seu amancebamento, e por outras que fez, foi despedido da Companhia logo que chegou a Portugal. Vendo o povo que debalde estavam detendo os padres em Gurupá, resolveu-se de embarcá-los e mandá-los para o Pará, para de lá embarcarem para o Reino com os mais, em cujo número também estava o padre Francisco Veloso que tinha ido buscar ao sertão. Indo pois, embarcados os pobres missionários todos em canoas, ia eu com uns soldados para as guardas em canoa, de Pedro Dorsais, nosso irmão e procurador, que por isso tinha cuidado de

nós; apenas estava afastada a sua canoa um tiro de espingarda quando de terra dispararam da fortaleza uma peça carregada com bala, que passara sibilando à riba do toldo, e um dos soldados por meio do tiro se pôs por detrás de mim, servindo-se de rodela de minha pessoa; não se retirou, contudo, toda a tropa, mas ficou a maior parte dela em Gurupá, tendo a fortaleza como cercada até que se lhe desse seu procurador, e mais brancos que estavam em sua companhia. Passamos pelos engenhos do Munju, e não houve cristão que se atrevesse a falar-nos, e muito menos dar-nos algum refresco, e logo que chegamos ao Pará levaram-nos ao navio que estava ancorado junto à cidade. Só o padre Francisco Veloso levaram para o patacho de Simão dos Santos, mas afastado algum tanto; o padre Francisco da Veiga dificultou de se embarcar, mas como eu lhe disse que se embarcasse visto isso não ter outro remédio, chegou-se para os mais. Estivemos em aquela estreita prisão o resto da quaresma, e nem pela Semana Santa nos quiseram dar licença de sair, sustentando-nos Dona Antônia, nossa irmã, e Mariana Pinto, a qual ia pedir esmola para nos sustentar, e como não podiam os levantados sofrer a caridade que esta caritativa tapanhuma usava conosco, a ameaçaram que lhe queimariam a casa, mas ela lhe respondeu – queimasse muito embora sua casa, que, sem embargo disso, faria de comer em praça pública para sustentar os pobres. Agradou tanto esta sua caridade aos nossos que sempre a tiveram em grande estimação, e finalmente pelas muitas obrigações que lhe ficamos devendo, e pelo bem que ao depois a cada passo nos estava fazendo, lhe demos em agradecimento carta de irmandade por ser mulher, além de muita virtude, tal que não há nem senhores, nem religiosos que não publiquem seus louvores todas as ocasiões que para isso se oferecessem.

.....

## *Capítulo VII*

### CHEGA NOVO GOVERNADOR DO ESTADO COM UM NOVO CAPITÃO-MOR PARA A CAPITANIA DO GRÃO-PARÁ

*D*

EPOIS da expulsão dos padres da Capitania do Maranhão, não tardou muito o novo Governador Rui Vaz de Siqueira, o qual trazia muito encomendados da Senhora Rainha Dona Luíza de Gusmão os missionários que ainda ficavam em o Estado. Veio em sua companhia Francisco de Seixas Pinto, para suceder a Marçal Nunes em o cargo de capitão-mor da Capitania do Grão-Pará; enquanto o novo governador se ia informando do que passara mandou a este capitão-mor para o seu governo, e como com sua vinda se soube que tinha chegado novo governador, tirou o povo os padres do navio e os pôs em uma das casas de sobrado com ânimo de embarcá-los de lá quando chegasse o tempo da partida dos navios. Estava essa casa um pouco mais adiante da Casa da Misericórdia aonde iam os padres dizer missa, e como o capitão-mor publicamente estava dizendo que não trazia ordem para impedir a embarcação dos padres, tratou o povo com mais fervor de embarcá-los antes que viesse algum embargo, obrigando-os a fretar as naus para a sua passagem para o Reino, não obstante os protestos que lhe fazia o padre Manuel Nunes, o Velho, que então tomou o governo à sua conta, vendo

que assim ou assim não alcançava nada com seus amigos para nossa quietação; repartiu os padres em dois lotes, um para ir com o padre Francisco Veloso em o patacho de Simão dos Santos, outro para ir em sua companhia em outra nau maior, fretando os camarotes de ambas as embarcações. Nomeou para ir com o padre Francisco Veloso o padre Salvador do Vale, o padre João Maria Gorsoni, o padre Tomé Ribeiro, e o padre Francisco da Veiga, o irmão estudante Antônio Pereira, o irmão Sebastião Teixeira, e Manuel Lopes coadjutores temporais; para irem consigo, nomeou a mim, que quis corresse sempre com tudo, o padre Pedro Luís Gonçalves, o padre Manuel Pires, o padre Garpar Misseh, o irmão Marcos Vieira, o Irmão Baltasar de Campos, Flamengo.

Tomados logo todos os bens da Casa de Santo Alexandre em primeiro lugar, em rol, e posto por procurador Pedro Dorsais nosso irmão, embarcaram-se os que iam em o patacho de Simão dos Santos com o padre Francisco Veloso e pouco depois partimos também os mais à vista dos amotinados, cujos cabeças estavam assentados em uma varanda ou girau de Domingos Torres, cujas casas estavam junto às Mercês, perto do rio, detrás das casas de Pedro Dosais. Partimos em o mês de junho, indo embarcado em a mesma nau conosco o Capitão-Mor Marçal Nunes, que tinha acabado seu governo e se passava para o Reino.

O padre subprior Manuel Nunes só se embarcou defronte da ponta do Mel. Íamos contentes todos, sem embargo do grande incômodo por estarmos obrigados todos a dormir em o convés, indo só o padre subprior Manuel Nunes em camarote; apenas começou a nau a andar à vela, entre as ondas da baía do Joanes, quando começou a fazer tanta água que dando à bomba assim os padres como os marinheiros todos os quartos, não podíamos vencer a muita água; e por que tanto incomodava a Deus muitas vezes nossa viagem, achamos ser melhor arribar que perecer no mar, ou ir ao menos dar às Índias de Castela; com que voltamos atrás e uma noite pela madrugada ancoramos arribados em o Pará, com espanto do povo que nos fazia e desejava já idos de todo, e para sempre; e visto isso tornaram a prender-nos de novo em a casa onde estávamos agasalhados, antes de nossa partida, enquanto se consertava a nau. Não havia alma viva que nos visitasse,

porque estando nós sem culpa nenhuma, mas por termos acudido para conserva o das Leis reais, como tínhamos de obrigação, éramos tidos por muito culpados de todo o povo, nem achamos recurso senão em Deus Nosso Senhor, por cujo amor folgávamos de sofrer aquelas tão injustas vexações, sem se achar entre nós quem abrisse a boca para se queixar. Compadecendo-se, pois, esse Diviníssimo Senhor de nós, quando mais apertados estávamos e mais necessitávamos de seu Divino auxílio, em falta de todo o socorro humano, acudiu por sua Divina Misericórdia, como Juiz retíssimo, e consolador dos afligidos em tempo oportuno, com remédio não esperado, do modo seguinte, que, como ainda não sabido, não se referiu como era bem. Quero referir agora desde seus princípios com todos seus progressos até o seu último fim, que também se não esperava já de nenhum de nós: só advirto aos padres todos que saibam o muito que devemos e deveremos para sempre a Dona Antônia de Meneses e Dona Mariana Pinto, ambas nossas irmãs por carta de Irmandade, por serem elas que nos sustentaram em tudo, enquanto estivemos desamparados de tudo.

.....

## *Capítulo VIII*

ENCOMENDA A SENHORA RAINHA AO NOVO  
GOVERNADOR RUI VAZ DE SIQUEIRA,  
MUITO, A RESTITUIÇÃO DOS PADRES,  
E O MESMO FEZ AO PADRE ANTÔNIO VIEIRA,  
JÁ POSTO EM LISBOA, E RELATA-SE O MODO  
COM QUE ELE E SEU CAPITÃO-MOR  
SE HOVERAM EM AQUELA RESTITUIÇÃO

**E**STANDO os padres missionários do Maranhão já chegados a Portugal com o padre visitador-geral Antônio Vieira, que de tudo deu conta à Senhora Rainha Dona Luísa de Gusmão, e os padres que estavam para a banda do Pará presos em um navio, chegou Rui Vaz de Siqueira por Governador do Estado com o Capitão-Mor do Pará Francisco de Seixas Pinto, aos vinte e cinco de março do ano 1662 ao Maranhão, e suposto que vinha com recomendações notáveis da Senhora Rainha Dona Luísa, e mais pessoas reais para que restituísse os padres missionárias da Companhia de Jesus às suas missões, para bem da gentildade, tudo obrou pelo contrário do que trazia em o seu regimento, que a mesma Rainha lhe tinha dado, por mão do padre Antônio Vieira, visitador-geral da missão do Maranhão, o qual procedendo com coração limpo, se bem com menos cautela, o tinha entregado secretamente em o

Colégio de Santo Antão em Lisboa; porquanto, com a sua chegada, continuaram com mais insolência os povos levantados, depois de lhes assegurar que não vinha castigo nenhum; e desta forma mandou logo ao Pará o capitão-mor daquela Capitania Francisco de Seixas Pinto, o qual tanto que chegou ao Pará tratou de fazer importante estentação para aquietar as inquietações desse povo, e ainda que pelo coração (que só Deus o conhece) seria boa sua intenção, contudo em o exterior exaltava mais os ânimos dos amotinados com suas palavras, tirando-lhes todo o temor com que obravam, dizendo-lhes sem encarecimento a eles, e aos mesmos padres presos com seu subprior o padre Manuel Nunes, que não trazia ordem d'el-Rei em seu favor, sendo que o governador trazia ordens expressas e mui particulares da dita Rainha; mas como tudo vinha em segredo, nem o governador, nem o capitão-mor nunca publicaram tais ordens.

O capitão-mor do Pará, com as práticas que pelas ruas fazia com voz alta, se imaginava que captava a benevolência do governador de quem se soube depois trazia ordens secretas, e as execuções delas resumiram-se e acabaram com a sua chegada, em lançarem-se os padres fora sem mais dilação, pois obrava-se sem temor do castigo, e como trazia empenhos da Corte, persuadia-se que ficando com o domínio dos índios do Pará, que lhe deu o governador, por então adquiriria, com o suor deles, grandes interesses. Para isso pôs logo capitães em as aldeias para com isso tratar de suas ganâncias com os missionários; porém houvesse de maneira que, pagando-os com boas palavras e alegando sua importância para ajudá-los, os deixou botar fora, e embarcar para o Reino, dizendo aos amotinados que já se não meteria com os padres; só para maior justificação sua, ajuntou os nobres da cidade com muita gente humilde do povo, os quais com o chamado Juiz do povo estiveram à porta da Câmara enquanto lhe, ia um papel que tinha feito, em que pedia deixassem ficar os missionários, porque com os lançar fora incorriam em pena de excomunhão.

Os oficiais da Câmara, como homens temeratos, sentiram muito a expulsão dos padres, e tinham feito quanto puderam para atalhar tão grande sacrilégio, e responderam que se alegravam muito de lhe verem

aquele zelo; porém, como por este tempo estava de baixo o mais povo ao qual todo tinha chamado do capitão-mor, com seus gritos que fôsse-mos para fora, confundia a nobreza, e a intimidava quanto a tomar resolução em cousa alguma. Entre estes tumultos não faltou um juiz, que então era da Câmara Manuel Guedes Aranha, que ao depois foi capitão-mor do Pará e da fortaleza do Gurupá, por ordem d'el-Rei, homem dos mais nobres e o mais caritativo e temente de Deus, o qual conheceu o engano do Capitão-mor Francisco de Seixas Pinto, e publicamente o repreendeu, dizendo-lhe que sentia muito o modo com que procedia sua mercê em tal cousa, tanto contra serviço de Deus e d'el-Rei, e juntamente com perdição de inumeráveis gentios, e acrescentando ao cabo estas palavras: – Agora vejo eu que não há remédio, pois esperaremos que o governador e vossa mercê, portanto, me parto logo a fazer matalotagem aos padres, pois não há mais que esperar liste foi o zelo de Manuel Guedes Aranha, que tanto se mostrava pelos padres que até sua mulher Dona Catarina saiu um dia à porta de sua casa, com uma arma de fogo à mão, para defendê-los, e apregoando-se depois o perdão geral d'el-Rei pelas Capitánias com tambores e trombetas, começou a gritar o dito Manuel Guedes:

– Senhores meus, não nos convém este perdão, o que nos convinha era que Sua Majestade fizesse justiça e castigasse os delinquentes, para livrar-nos do rigoroso açoite da mão de Deus, de que nenhum de nós se ausenta, e por esta causa vem-nos tudo assolado, por vir a tal sacrilégio tão largo perdão; mas com os cabeças castigados haveria Deus misericórdia de nós. Vendo todo o povo amotinado e que não havia quem lhe fosse à mão, com poder de impedir que embarcassem e expulsassem os padres como se relatou em o capítulo passado, sem falência nenhuma e saíam fora, se a nau não fizera tanta água que a obrigou a arribar para o porto da cidade de Belém do Grão-Pará.

Enquanto se despacham as cousas para os padres se embarquem a primeira vez, mandou-se logo aviso ao governador do Maranhão, e como este trazia ordens mui apertadas para restituí-los em seus colégios e missões, fez ajuntar-se a Câmara e achar-se presente o seu antecessor Dom Pedro de Melo, e fez-se esta junta em a Santa Casa da Misericórdia, em dia do Espírito Santo, em o qual se tinha feito o levantamento



do Maranhão, o ano antecedente. Lá, depois de Rui Vaz de Siqueira ter dado uma repreensão em Dom Pedro de Melo como autor ou consentidor do levantamento, propôs ordens de Sua Majestade com tão bons modos, que todos vieram em o que se lhes ordenava a Coroa, da restituição dos padres, caso que ainda estivessem alguns deles pelo Estado, porque cuidavam que já se tinham ido todos, sem ficar nenhum. Fizeram-se por esta ocasião várias descortesias pelo povo a Dom Pedro de Melo, e houve vozes que diziam que lhe tirassem a vida, porquanto ele tinha culpa da expulsão dos missionários e que morresse, pois persuadira-o, por via de seus criados, de tão grande maldade e houvera executar-se essa vingança, se não fora o respeito que tinham ao novo governador, seu parente e juntamente o medo da muita infantaria que o cercava.

Concluída, pois, a restituição dos padres, acaso se achassem ainda alguns em o Estado, mandaram-se logo começar repiques e dar aplausos da muita alegria em que todos andavam universalmente metidos. O governador Rui Vaz de Siqueira, que em tudo obrava com dissimulação para satisfazer a Rainha, tanto que teve nova carta do Pará que já estávamos embarcados e expulsados todos daquela Capitania, logo se pôs a restituí-los pelas Capitánias, onde já não estávamos, com grandes indícios exteriores de alegria e como querendo isso tudo que se fazia no Maranhão. E persuadindo-se que os padres do Pará já também estariam partidos para o Reino, não sabendo que tinham tornado a arribar, mandou logo para o Pará o Sargento-mor Antônio Pacheco, com toda a pressa, com ordens que se ainda lá estivessem os missionários da Companhia de Jesus os restituíssem em seus colégios e missões, e despachou uma embarcação para o Reino, para que levasse as novas à Rainha e seus tribunais. Porém como não podem as traças humanas contra os decretos divinos, querendo Deus mostrar que esta missão era sua, tinha feito que arribasse a nau e em a nau os padres já expulsados da Capitania do Pará e se achassem ainda presos os do Maranhão, ainda não já idos todos. Seja isto como for, porém, certo é que logo que chegou a ordem do Governador Rui Vaz de Siqueira ao Pará, veio a Câmara em corpo à casa onde os padres estavam presos e com muita[...] e festa sem contradição de ninguém, os levou para seu colégio de Santo Alexandre, onde começaram a estar com a mesma quietação que dantes tinham tido e ainda com muita maior, porque como não tinham já o governo tempo-

ral dos índios das aldeias, não havia ocasião de lhes quererem mal, antes a muitos deles quererem bem e honrá-los com todo o respeito, pela muita caridade com que serviam e serviriam a todos, pelo que tocava ao bem das almas, assim suas como dos seus... Os que se restituíram no colégio de Santo Alexandre da cidade de Belém do Grão-Pará, são os seguintes: padre Manuel Nunes, o velho, subprior da missão, nomeado pelo padre visitador Antônio Vieira, antes de sua partida para o Reino; eu, subprior da casa, nomeado pelo padre Manuel Nunes; o padre Pedro Luís Gonçalves; o padre Gaspar Misseh; o padre Manuel Pires; o irmão Baltasar de Campos e o irmão Marcos Vieira, ambos coadjutores temporais. cousa é digna de se narrar que, depois de nossa expulsão, enquanto não foram nenhuns padres para a casa do Maranhão, nunca se deixou de cantar o terço, nem ainda em a segunda oitava do Espírito Santo, em cujo dia se tinha feito o levantamento. O vigário-geral Francisco da Costa foi à igreja de Nossa Senhora da Luz a visitar o Senhor em o Sacrário, pois nada faltava para o guardarem sempre aí, com a decência devida, por assistir o irmão Manuel da Silva em traje secular com o Capitão-Mor Paulo Martins Garro e Manuel Davi de Souto-Maior, ambos irmãos por carta de Irmandade, que lhes tinha dado o padre Antônio Vieira visitador em a dita casa. Acudiu Deus Nosso Senhor a esse tão grande desamparo, porque como estávamos já desimpedidos pela restituição, não tardaram de prover com sujeitos aquela parte principal da missão. Para este fim ordenou o padre vice-subprior Manuel Nunes, primeiro as cousas da casa do Pará em o modo seguinte. Deixou-me a mim por subprior dela, dando-me por companheiro o padre Gaspar Misseh com dois irmãos: o irmão Marcos Vieira e o irmão Baltasar de Campos, uns três para quatro escravos, que[...] uns poucos de condição e o cabedalzinho[...] deixou em as mãos de nosso procurador Pedro Dorsais, ordenando que a nossa gente ficasse com a sua em a ilha chamada de seu nome ilha de Pedro Dorsais e agora, depois do seu falecimento, ilha de D. Antônia e que ele nos acudisse com a farinha e alguma cousa de que tivéssemos necessidade, ordenando mais a mim que em uma das domingos.[.....] da Matriz, apontasse para a absolvição do povo da excomunhão em que tinha incorrido e o fosse absolver com absolvição pública e geral e em o mais acudisse de dentro e de fora às obrigações de meu ofício, assim pela cidade como pelas aldeias que nos

ficam sujeitas. Com isso se partiu para o Maranhão com o padre Pedro Luís e o padre Manuel Pires e o irmão Baltasar de Campos, deixando a casa tão pobre e necessitada, que mal se podia achar pobreza maior; mas acudiu Deus Nosso Senhor com algumas esmolas, principalmente em as festas em que eu pregava muitas vezes e ainda quando não pregava por ser costume daquele tempo de mandar o juiz presente a todos os conventos, por grandeza de suas festividades e não faltava alguma com que passarmos a vida. Passando o padre subprior pela Capitania do Gurupi, deixou lá o padre Manuel Pires, com um irmão, e foi com o padre Pedro Luís Gonçalves ao Maranhão, onde chegou para fazer a festa de Nossa Senhora da Luz, aos oito de setembro, dia em que o padre Antônio Vieira, com os mais padres expulsados, partira para o Reino do porto de S. Luís, querendo a Virgem Senhora Nossa mostrar com isso que se em aquele dia por permissão de Deus tinha o povo amotinado expulsado seus filhos, em aquele mesmo dia queria que os recebesse, estando já muito sossegado. Constituiu logo o padre Pedro Luís por subprior da casa bem contra seu gosto, e como o vigário da matriz Valentim do Amaral lhe disse, em nome de todo o povo, arrependido do sacrilégio que tinha cometido com a expulsão dos padres, que absolvesse da excomunhão a todos, fê-lo com muita vontade e em dia de maior concurso, constituído para aquele efeito, lhes deu uma absolvição geral de que ficaram todos mui contentes e satisfeitos; e o mesmo fiz eu em o Pará, pela ordem que me tinha deixado antes de partir para o Maranhão. Reinava àquele tempo pestífero mal de bexigas de pele de lixa e não é fácil de escrever quanto trabalho custou aos pobres padres, sendo eles tão poucos para a necessidade de tantos doentes que além[...] se queriam confessar com ele; porém se os padres eram poucos era a sua muita caridade tanta que a todos abrangia e muito mais ainda quando o padre Pedro Poderoso e o padre Gonçalo de Veras, fugidos da serra de Ibiapaba, pelas desordens que lá houve, chegaram a S. Luís e como eram ambos já bons línguas, foram de grandíssimo alívio em aquela tão apertada necessidade, em que todos os línguas tinham sido expulsados e mandados para o Reino, sem ainda terem voltado para missão nenhum deles. Ao padre Poderoso mandou o padre subprior Manuel Nunes ficar em a casa do Maranhão consigo e com o padre Pedro Luís, subprior dela, e ao padre Gonçalo de Veras mandou para a aldeia de S. José para de lá

acudir a nossa aldeia de trezentos tabajaras, que tinham trazido consigo da serra e juntamente a nossa roça de Aninduba, onde teve largo tempo para exercitar o seu grande zelo das almas, que em seu peito ardia, e, porque importa muito terem os missionários vindouros notícia maior da residência de S. Francisco Xavier em as serras de Ibiapaba, e das razões que houve de se virem dela os padres, parece-me que bom será pôr aqui em esta crônica um capítulo que disso trate mui em particular. Bem sei que devia tratar primeiro do levantamento da serra do que da vinda dos padres, mas por certas razões que facilmente se alcançará, acho melhor tratar primeiro da vinda dos padres missionários e então do levantamento, para dar razão dela e não confundir umas cousas com outras, como aconteceria se o não fizesse assim.

.....

## *Capítulo IX*

MANDA O GOVERNADOR RUI VAZ DE SIQUEIRA  
UMA TROPA PARA A SERRA DE IBIAPABA  
COM QUE VEIO A LEVANTAR O GENTIO DELA  
E ACABAR-SE AQUELA MISSÃO, VINDO OS  
MISSIONÁRIOS COM UMAS QUATROCENTOS  
OU MAIS ALMAS PARA O MARANHÃO

**F**ICAVA ainda livre de todas estas sobreditas moléstias e perturbações a missão de S. Francisco Xavier, nas serras de Ibiapaba, vivendo ali com muita paz os dois missionários, o padre Pedro Poderoso e o padre Gonçalo de Veras, mas como o inimigo infernal tinha minado a maior parte da missão, que tanta guerra lhe fazia na conversão da genti- lidade, tratou de ruiná-la toda até não ficar nem um só missionário dela. O meio de que se serviu foi o seguinte: mandou o Governador Rui Vaz de Siqueira, tanto que chegou a tomar posse de seu governo, vinte e cin- co soldados e os mais deles mulatos e mamelucos, com muitos índios das aldeias do Maranhão a resgatar âmbar por aquelas nações, com capa de ver se os missionários necessitavam de algum socorro e isso tudo por conveniência de seus interesses. Foram-se estes[...] a aldeia em que os padres tinham sua residência donde saíam a visitar as outras povoações de gentio, guardando nesta aldeia três mil cruzados que levaram do res-

gate do governador. Ao princípio foram todos bem agasalhados como hóspedes dos missionários e mais índios cristãos, porém passados uns três meses, vendo os índios que não tratavam de se retirar e eram homens de pouca consciência e ruim exemplo, começaram a afastar-se deles, e ultimamente lhes mandou o principal D. Simão, índio entendido, e a quem o padre subprior da missão Antônio Vieira tinha dado uma grande medalha de ouro, de uma banda com o hábito de Cristo e com a imagem do Rei da outra, a requerer que despejassem a aldeia, pois já não podiam sofrer as moléstias que lhes davam, porque de outra maneira haviam valer-se de suas armas para desforçarem-se.

Desta embaixada zombou o cabo Manuel Carvalho e mais gente da tropa, mandando armar uma força no meio do terreno, ameaçando de os enforcar aí, se se não aquietassem e assim ficaram, continuando como dantes, com o escândalo que davam. Como se achavam ali alguns desses índios da terra, que havia vinte e quatro anos que manejavam as armas nas guerras de Pernambuco, arrimou-se totalmente o principal Dom Simão em muitos deles, metendo-se pelas aldeias circunvizinhas, dos tapuias, gente selvagem e bárbara, e com suas práticas os moveu a ajudar com suas armas no conflito e assalto que queria dar aos soldados índios da Capitania do Maranhão, para os fazer despejar, por força, já que não queriam retirar-se por vontade.

Movidos os tapuias com as práticas de Dom Simão, vieram com ele à aldeia, prepararam suas emboscadas, de noite, matando logo uns índios da companhia dos soldados, que acharam fora da aldeia, descuidados de uma tão inopinada traição e de repente, ao sair da aurora, acometeram a aldeia com gritaria, atirando com muita flecharia aos soldados e índios deles que na aldeia tinham ficado, e para mais os intimidarem puseram fogo em muitas casas, metendo tudo em confusão com os índios e estrondos de armas.

Puseram-se os da tropa em defesa ajudados de seus índios, ferindo e matando também alguns de seus agressores, os quais por então se retiraram, para o dia seguinte os acometerem com mais força, pois viam que as casas serviam de trincheira aos brancos para empregarem seus tiros com mais segurança e lhes matarem sua gente.

Os padres missionários durante aquela peleja se meteram em sua igreja, por que como Dom Simão era amancebado, sem emenda, com grande escândalo e ruína dos mais, e o padre Pedro Poderoso tinha ido a Pernambuco para trazer ordem, como trouxe, de o prender em grilhões e mandá-lo para lá, e assim livrar a aldeia de um tão mau exemplo, e de um tão grande impedimento da propagação da nossa santa fé, não se tinham por seguros dele, porquanto lhes estava querendo mal por esta razão.

O segundo dia da peleja usaram os inimigos de outro estratagem de guerra, que era em total ruína dos nossos se não se retirassem, porque eles impossibilitavam totalmente aos soldados e índios, que estavam fortificados, esperando a batalha; o ardil foi este:

Enquanto uns estavam pelejando, outros com cinqüenta machados estavam a toda a pressa derrubando árvores grossas com que impediam o caminho por onde a gente que ficava na aldeia ia buscar água, para que, impedindo assim o caminho, com mais segurança, se pusessem emboscados detrás das árvores derrubadas, para matarem e flecharem os que iam ao rio.

Nestes apertos se retiraram os soldados da tropa, juntamente os padres missionários, aos quais não pareceu bem ficarem por então, pelas alterações que tinham havido com Dom Simão, sobre o seu amancebamento e mau exemplo. E porque havia muitos índios de bem, tementes a Deus, trouxeram consigo trezentas almas com grande trabalho, comboiando aquele rebanho pequeno, que não percesse às mãos de seus contrários.

Vendo os índios da terra que o campo lhes ficava livre, porém, que perdiam a presença e assistência dos padres que alguns anos tinham vivido em sua companhia usaram de dois meios para que ao menos um deles ficasse consigo naqueles matos agrestes.

O primeiro foi mandar uma esquadra de índios bárbaros, que, saindo de uma emboscada, pegassem em um deles, e o trouxesse com os armamentos que levava; porém como esta invenção de guerra lhes não sucedesse por se retirarem os da tropa os padres com seus índios, pelo sertão, com grande cautela em razão do medo que os acompanhava, mandaram embaixadores ao caminho a requerer aos missionários voltassem outra vez para a aldeia, para estarem em sua companhia, des-

culpando-se das hostilidades passadas, cuja causa tinham sido os soldados e mais índios da tropa do Maranhão.

Pareceu ao padre Poderoso, que então era subprior daquela missão da terra e ao padre Gonçalo de Veras, seu companheiro, mais acertado seguir sua viagem ou jornada para o Maranhão, persuadindo-se que voltariam logo a restaurar com mais segurança o fruto dos danos passados.

Não é crível quanto padeceram por aquelas praias, pela falta de tudo o necessário para o sustento da vida de mais de trezentas almas que levaram consigo, e os perigos em que se acharam nas passagens dos rios caudalosos, que sem canoas nem remos passavam em umas jangadas limitadas, molhando e perdendo-se-lhe quase tudo quanto traziam, entre outras cousas, uma belíssima pedra verde, pedaço de uma bem grande, que se tinha dado ao padre Poderoso, da terra, achada por ali, algures. Chegaram finalmente ao Maranhão, onde foram recebidos com grande gosto, maiormente trazendo em sua companhia trezentas almas de índios, os quais logo se aldearam da banda de S. José, chamando-se a sua povoação a aldeia dos tabajaras, do principal Carauati, encomendada com as mais desde então ao padre Gonçalo de Veras, que todos amavam e queriam como seu pai.



.....

## *Capítulo X*

CHEGAM O PADRE SALVADOR DO VALE E O  
PADRE JOÃO MARIA DO REINO PARA O MARANHÃO,  
E SÃO RECEBIDOS...

U

M ano depois da expulsão dos padres da Companhia de Jesus da Capitania do Maranhão, tornaram a chegar a ela o padre Salvador do Vale o padre João Maria Gorsony, com cartas do Rei em que mandava se restituíssem os padres missionários, como estavam antes de sua expulsão, em suas missões. Ajuntou-se em praia todo o povo para os receber com muitas lágrimas, levando-os em procissão solene para a igreja matriz, indo nosso santo patriarca Santo Inácio com grande triunfo, acompanhando-o todas as comunidades. Estava a igreja cheia de gente, homens, mulheres e meninos, que com lágrimas, clamando em alta voz: Padres, perdão e absolvição! a qual eles lhes deram com grande vontade, depois de dizer o vigário Valentim do Amaral, primeiro com eles, postos de joelhos, e mãos juntas, a confissão geral. Assim se houveram com grande arrependimento por verem, com seus olhos, a mão de Deus, tão rigorosa em castigá-los com as bexigas de pele de lixa, que iam acrescentando tudo, de sorte que parecia os queria acabar por uma vez, porque em breves dias, como o mesmo vigário exortava aos padres, eram mortos dois mil índios deste contagioso mal, com tanto desamparo que já

não havia quem enterrasse os corpos mortos, assim dos índios forros das aldeias, como dos escravos das casas e fazendas dos moradores, os quais mesmo em pessoa os traziam de noite a enterrar. Da matriz foram os padres com o mesmo acompanhamento à casa de Nossa Senhora da Luz, sendo véspera de seu santo nascimento, que é o orago da sua igreja; cantaram-se-lhe às vésperas, e em o dia seguinte a missa solene, estando também o Senhor exposto, por espaço de oito dias, entoando todos uniformemente o terço do Rosário, pela contemplação dos mistérios da Senhora, devoção que se continuou sempre, desde que a instituiu o padre Antônio Vieira, subprior da missão, sem faltar um só dia, o que se imprimiu tanto em o coração de todos que ainda o ano da expulsão estando fora do Maranhão, todos os padres se não quiseram esquecer dela. E não carece do mistério que em o mesmo dia em que os padres saíram pela barra do Maranhão, que foi aos oito de setembro de 1661, em este mesmo dia do ano seguinte, de 1662, entrassem em a casa a solenizarem a festa de Nossa Senhora da Luz, mãe e protetora da missão, e que em o mesmo dia do Espírito Santo, em que se fez o motim em cidade de S. Luís, governando D. Pedro de Melo, com mais desaforo, para expulsarem os padres, este mesmo dia do Espírito Santo, se unissem os povos em a santa casa da igreja da Misericórdia, com vários repiques, para receberem os missionários e o ano seguinte, governando Rui Vaz de Siqueira, por cuja ordem se festejou aquele ato, não só com repiques, mas com repetidos tiros de peça de artilharia e cargas de infantaria, e se continuou o mesmo pelas demais Capitánias.

Pereceu mui particular a Capitania do Maranhão, por ser ela a primeira que se levantou, e dela como[...] forte, fazia o inimigo das almas repetidos combates por estarem ali armados oitocentos homens para defenderem este levantamento, e para que se veja claramente que não obraram privanças, nem meios humanos, fique por documento os missionários vindouros desta missão, semelhante tempestade que o Demônio lhes levantou, para impedir a salvação das almas, a pedirem e esperarem das mãos de Deus o remédio, como fizeram os discípulos de Cristo, quando se viram em a tempestade do mar e gritaram por seu Divino Mestre, dizendo: Senhor, livrai-nos, porque, sem isso perecemos. Juntamente lhes fique isto para motivo de agradecimento devido por

um tão alto e assinalado benefício. Eu de mim confesso que quando dele me lembro, sinto-me movido a levantar as mãos e o coração para o Céu, dizendo com todo o afeto de minha alma: Bendito e Louvado sejas, Senhor, para sempre jamais, pois nunca desamparais aos que em vós esperam, mas lhes acudis com o remédio e socorro oportuno em o tempo de sua maior necessidade e desamparo.

.....

## *Capítulo XI*

MANDA O GOVERNADOR RUI VAZ DE SIQUEIRA  
TROPA AO RIO DAS AMAZONAS AO  
RESGATE DOS ESCRAVOS, CUJO CABO ERA  
ANTÔNIO ARNAU, MORADOR DO MARANHÃO, E  
LEVA UM FRADE DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS  
POR MISSIONÁRIO, MAL SUCEDIDO

**E**STAVA o Maranhão ardendo com a peste das bexigas, de sorte que muitas vezes faziam os padres missionários as covas com suas próprias mãos para enterrar os mortos, por haver aldeias onde não se achavam dois índios em pé e deixaram os pais os filhos, fugindo para o mato, para lhes não pegar um mal tão pestilencial e não acabarem a mero desamparo por falta do necessário, assim para a cura como para o sustento da vida, e ainda que o zelo dos padres não perdia trabalho nenhum, não se escusando ao perigo que causava este mortal contágio, cujo ar e mau cheiro só bastavam para pegar aos corpos humanos esta peste, que lançava de si um fedor abominável, mudando a cor do índio, de si sobre vermelha, em uma cor tão preta como de um[.....] e em alguns com tanta força que lhes iam caindo pedaços de carne; acendia mais esse contágio vir a ser o tempo quente, em que as doenças andam mais acesas, e mais em o Estado, onde as terras são úmidas em razão

dos rios, que todos vêm sair com ímpeto mais furioso, por serem as mais baixas que tem a América, e mui quentes por estarem juntas à Linha, como é notório de todos.

Em tais circunstâncias saiu a tropa do Governador Rui Vaz de Siqueira do Maranhão, e porque a cobiça e empenhos que trazia da Corte lhe não davam lugar a detença alguma, ou seria por ser já consumada a malícia do Estado para castigar a divina justiça tão horrendos sacrilégios que ali se obraram por causa desta gentildade, deu-se que os mesmos índios fossem executores da justiça do Céu, pois lhes tinha faltado a da terra. Ia por cabo da tropa o Sargento-Mor Antônio Arnau, natural da cidade de Évora, que foi uma das principais cabeça da expulsão, parte para se ver livre do dinheiro considerável que devia à Casa do Maranhão, por fingidamente arrematar em praça todos os seus bens, quando uns dos primeiros padres foram mortos em Itapicuru, e por se imaginar cegamente que com lançar os padres fora adquiriria grande cabedal para onze filhos que tinha.

Não contente este miserável homem com expulsar os padres, em terra, tomando por força as chaves da Casa de Nossa Senhora da Luz, se fazia segunda vez depositário dos nossos bens, mandando a justiça, que também era cúmplice em o delito, que fosse inventariar tudo quanto se achava, ameaçando com morte a quem lhe falasse na fazenda que devia aos padres, e para manifestar mais o seu entranhado ódio, em o dia em que davam à vela, que era o da nau do Sacramento, em que ia o padre Antônio Vieira, subprior e visitador-geral da missão, com o padre Ricardo Correia e mais padres do Maranhão em dia de Nossa Senhora da Luz, aos oito de setembro, se foi em uma canoa e empurrou a dita nau com ambas as mãos, dizendo três vezes em voz alta: Fora, fora, fora, à vista de toda a cidade; e voltando com brevidade para terra para que não fizesse falta ao juiz do povo, a quem servia de oráculo nas resoluções que tomava e nos decretos que mandava executar, e como era cabeça deste bando, logo o governador o proveu em o cargo de cabo da tropa ao sertão, que era toda sua ânsia, pois havia anos que suspirava por ele; e como as entradas para o sertão iam governadas por este homem, não lhes parecia irem nossos missionários com elas, e nomearam o prior do Convento de Nossa Senhora do Carmo para uma, para outra o vigário-geral de todo o Estado e para a terceira os religiosos de Nossa

Senhora das Mercês, para que o acompanhassem sempre, onde quer que dirigisse a sua jornada.

Determinava este desgraçado homem andar três anos todos pelo sertão, prometendo a todos que o acompanhavam grandes felicidades e riquezas, por cuja causa ia grande cabedal metido na sua tropa; porém em breve tempo acabou lamentavelmente os dias da sua peregrinação; porquanto indo primeiro ao rio da Madeira, por onde vieram sair ao Gurupá, alguns homens que vieram derrotados das tropas que tinham partido de S. Paulo, temendo-se da grande gentildade que em o rio se lhe apresentou com os poucos escravos que os índios lhes trouxeram, que não chegavam a cinqüenta, se voltou, contra a ordem que levava, pelo rio das Amazonas, e se meteu pelo rio dos aruaquizes, gentio de paz, onde tínhamos sempre estado com as nossas missões. Os índios o agasalharam e lhe deram mantimentos, porém vendo ele que lhe não davam tantos escravos quantos pretendia por seu intento, saqueou à traição algumas aldeias circunvizinhas, cercando-as ainda à noite. Depois, dizem que intentava cativá-los a todos por esse sertão onde se contavam aquele tempo noventa e seis aldeias desta nação dos aruaquizes; porém os índios conhecendo-os[.....] Arnau pelas exações que já experimentaram, e vendo com seus olhos como era homem pouco prático do sertão, ardilosamente o enganaram, fazendo-o dividir o poder que tinha para outras aldeias, onde lhe asseguravam maior número de índios escravos, para que assim com mais segurança e menos resistência o matassem a ele e aos mais, como fizeram. O Arnau, cego de cobiça, parecendo-lhe que fazia melhor ganância, consentiu em tudo quanto os aruaquizes lhe propuseram dividindo a sua gente em duas tropas, mandando uma com os índios, em que ia por cabo o chamado juiz do Pará, Pedro Siqueira, com muitos seus sequazes, a fazer os resgastes que se lhe prometiam.

Os índios aruaquizes que aí estavam se dividiram em várias emboscadas e ao sumir da aurora entraram com muitas índias amarradas à maneira de escravas, com cuja vista se alegraram muito os soldados do Arnau, porque entendiam faziam melhor ganância por serem menos para o ganho, livremente lhes abriram as portas do reduto em que estavam fortificados, tendo-se já por ditosos em tal vista e visita, onde tanto, lhes parecia, podia interessar. Porém, os aruaquizes, com dissimulação fingida, se foram aos lugares onde estavam os principais amotinadores

[...] por espírito subprior, por serem açoite da Divina justiça tão justamente provocada, chegaram-se primeiro à choupana onde morava o Arnau e lhe disseram com as índias amarradas por engano: Eis aqui as escravas que procuras. Alegre o Arnau com estas vozes e vindo a receber seguramente as presas que se lhe ofereciam, sem levar armas nenhuma consigo, que tanto foi a pressa com que se levantou da cama, a ver as escravas que lhe traziam, ao sair da porta, o principal dos aruaquizes lhe deu com um pau à maneira de maça, desses com que matam gente, uma pancada sobre a cabeça que logo lha abriu em duas partes, e outra na boca, quebrando-lhe os dentes e os queixos. Caiu o triste em terra como morto e a palavra que se lhe ouviu ao princípio foi – guerrivi, que quer dizer – guerra; morrendo à vista de todos, sem Sacramentos, aquele que foi causa de tantas almas os não gozarem. Esteve três dias pensando sem acordo algum, movendo somente aquela boca que tanto falou contra os religiosos, de vida inculpável.

Em sua casa do Maranhão, como era tão aparentado, se faziam as juntas e devassas públicas contra os sagrados, por ministros cúmplices do motim e seus delitos, oferecendo-as aos tribunais seculares [...] cheias de suas [...] e tão falsos testemunhos, que a mesma enormidade das culpas fingidas publicaram igualmente a falsidade e o ódio infernal com que foram forçadas. Finalmente da sua casa de Arnau saiu o procurador e abonador de seus delitos, que mandaram a Lisboa, com toda a pressa, em uma caravela, em a qual não quiseram fosse papel nem carta em abono do religioso e virtuoso procedimento dos missionários, a requerer em presença de el-Rei e seus ministros contra religiosos de vida e procedimento tão exemplares, que ofereceram suas vidas a tais vitupérios e afrontas, para seguirem as pisadas daquele Senhor, que pela redenção do mundo foi tido por malfeitor; e para que mais capeada fosse a sua maldade, levou consigo alguns índios por força, deixando preso em uma corrente da cadeia do Maranhão, seu principal, que era um valoroso índio de nação tupinambá, pôr acudir pelos missionários, e arriscar a vida por eles, querendo-se pôr em armas para os defender, o que os padres não consentiram para que se não queixassem e fingissem avexações e moléstias que lhes faziam; porém os mais principais desses índios, como se viram livres em a Corte dos testemunhos das virtudes angélicas, os trabalhos afrontosos de seus mestres, e assim com a esmola que a

Rainha lhes mandou dar, foram remetidos com o governador em paz para suas aldeias; e por se entender a malícia do procurador, mandou a Rainha D. Luísa de Gusmão, que ainda então governava, castigar rigorosamente os culpados e muitos corregedores se ofereciam a vir executar este castigo, que os padres sempre impediram por não convir os missionários do Santo Evangelho mais que pedir a Deus se compadecesse de suas almas, contentando-se que a Rainha encomendasse muito ao novo governador que o fim para que o mandava ao Estado do Maranhão, era principalmente favorecer aos missionários em a propagação da fé, e esta recomendação lhe fez ela muitas vezes, até ainda quando estava dando a mensagem, como o afirmou o mesmo Governador Rui Vaz de Siqueira, ao padre Salvador do Vale, ainda que tudo obrou logo pelo contrário com a mudança do Governo, que tomou el-Rei Dom Afonso.

Foram logo começando as mortes entre os índios aruaquizes, homens da tropa e índios das aldeias, que estavam em o forte da estacada de pau-a-pique, acudindo com grande vigilância a fechar a porta por onde os inimigos tinham entrada com aquela negaça, para que não entrasse a multidão dos bárbaros que vinha atrás em socorro, até que os bárbaros, com e estrondo das armas de fogo deixaram o campo e, saindo do reduto, se puseram em fugida, imaginando que vinha maior poder sobre eles. Até o padre missionário da real e militar Ordem de Nossa Senhora das Mercês, o muito reverendo frei João da Silveira, escapou por misericórdia de Deus, com um alfange e uma rodela em as mãos, como capitão que tinha sido, sendo ainda secular, ficando o companheiro com a cabeça quebrada durante o conflito, por querer livrar a um pobre morador do Maranhão, chamado Rosa, a quem os inimigos levaram às costas para o matarem depois, a sangue-frio, em o terreiro de sua aldeia, como costumam. Foi então que sucedeu um caso extraordinário a Francisco de Miranda, que ia por língua e intérprete da tropa; o caso foi este. Vieram com a tropa passada estes índios aruaquizes, que estavam de paz, a pedir aos missionários da Companhia de Jesus que não fosse esse homem a tais sertões, pelo mau-trato que lhes dava e agravos que dele tinham recebido, e quando não infalivelmente o haviam de matar; avisaram-no com muita caridade os padres da resolução que os índios tinham tomado de lhe tirarem a vida com morte violenta, porém ele



recebeu o aviso com tanta raiva e furor, cuidando que com isto lhe tiravam o remédio, que nos ajustamentos e consultas que se faziam contra os padres ao tempo do motim, era o primeiro que se adiantava a todos, ferindo e acutilando com espada a alguns moradores, que lhe estranhavam a sua muita insolência; porém como andava sempre tão acompanhado de gente para beber, não havia ninguém que em público se lhe atrevesse de opor, e para mostrar que o aviso e conselho que os padres lhe tinham dado fora sem fundamento, nas primeiras tropas que o governador fez, partiu logo para o sertão com o cargo de língua e intérprete dos índios para se lhes impor seus cativeiros; e os índios aruaquizes como o achavam em suas terras lhe cumpriram pontualmente a ameaça que lhe tinham feito, porque, vendo já o cabo da tropa, Antônio Arnau, caído, logo investiram com algazarras e festas ao triste Miranda, indo-o buscar a seu rancho, guiados por um espia que traziam consigo; aí, em o mesmo lugar, pegando-lhe uns pelas mãos, outros quebrando-lhe a cabeça acabou miseravelmente a vida. Deixando atrás outras mais mortes, que não refiro, me passo a uma só, para contar brevemente o que sucedeu a outra parte da tropa, em que ia Pero Silveira, chamado juiz do povo, com outros muitos seus sequazes. Foram estes pobres e mal afortunados homens caminhando com muita quantidade de índios, a buscar os cativos que se lhes tinham prometido, com grande festa e alegria, considerando-se ir com muitas riquezas e novos engenhos de açúcar que iam fabricando em sua imaginação, como afirmaram os poucos que escaparam do conflito. Os índios aruaquizes, que levaram por guias, os foram metendo e empenhando pelos mais interior do sertão, onde tinham os espias emboscados e preparados para seus diabólicos intentos; os pobres homens, cansados da aspereza do caminho, vendo que a escuridade da noite lhes impedia a jornada que tinham começado, tornaram de novo a inquirir dos guias fingidos a certeza dos escravos que com tanta fadiga e ânsia buscavam; os índios tudo lhes facilitavam, segurando-lhes tudo quanto desejavam em suas povoações, e para que o lucro fosse mais copioso os guiavam às aldeias mais interiores do sertão. Metidos os tristes caminhantes em as emboscadas ouviram de repente uma grande grita, que é costume que usa todo o gentio antes da peleja, e

com este sinal saltaram dos matos a arremeter a gente da tropa e a quase todos tiraram a vida em tal escuridão, sem escapar mais que um pobre índio que lhes saiu das mãos, metendo-se pelos sertões incultos e matos despovoados, para poder escapar mais livremente desta inopinada traição; só a Pero Silveira, chamado juiz do povo do número, levaram vivo para lhe darem mais prolongado tormento, e para com sua vida se armarem cavaleiros a seu costume gentílico, que obram da maneira seguinte. Os índios que fizeram mais façanhas em a guerra e se avantajaram aos outros em esforço e valentia, antes de lhe darem título de cavaleiro, fazem que padeça primeiro por tempo de um mês grandes jejuns e abstinências, como um abstinente e solitário anacoreta, e depois, ajuntando muitos vinhos para a festa, para cujo gasto se fintam os parentes e amigos, o trazem para o meio da aldeia e daí o levam a pendurar em uma rede atada ao cume de uma casa, que tem mui bem ornada de várias penas e é toda de palma, nem serve mais que para este ministério; aí se ocupam, uns com danças, outros com assobios e folias, em sinal de alegria, porém os mais amigos e parentes lhe dão muita pancada com umas peles de onça e outros animais que têm guardadas e arroladas para este fim, para experimentarem se é sofredor de trabalhos e contente em o padecer; cuidam que este é o maior favor que se lhe faz; o cavaleiro que se há de armar está com tanta paciência em as pancadas, que não dá de si um gemido nem mostra ter tormento algum, e se houvesse algum que mostrasse, ficava incapaz de tal honra e infamado em geração.

Depois destas cerimônias, trazem os velhos executores delas muita quantidade de formigas e outros animais e bichos que mordem muito, e levam ao padecente cavaleiro para que o mordam e maltratam.

Acabado tudo isto, o tornaram a pendurar mais, por espaço de oito dias, ao cume mais alto da casa nova, feita de palmas e para serem todos testemunhas de sua paciência e perseverança em aqueles martírios que lhe dão, armam suas redes debaixo dele, assistindo-lhe, e como estes oito dias são os últimos, neles lhe apertam mais o jejum, tendo a casa ornada de quartos de carne de porco do mato, e andando seus parentes com outros índios continuamente a comer e beber à sua vista, com danças que fazem de noite e de dia, sem sossego algum, ao som de seus ins-

trumentos bárbaros, festejando sua ditosa sorte e dando-o por muito honrado da grande dignidade a que honrados o levantam.

O ofício das velhas que nunca estão em casa ociosas, é irem todas juntas em dança, com águas cheirosas, às tardes e manhãs a lavá-lo e todas lhe praticam que não desfaleça em os trabalhos que brevemente passam, pois só são aparências para a honra que há de gozar entre eles, que até estes bárbaros não sabem dar prêmio sem merecimento, e assim o têm como cousa sagrada, levantando-o e abaixando-o por umas peles de tigre, sem ninguém ser ousado a tocá-lo nem ainda com a mão.

Deixo outras experiências que vão continuando, para não cortar o fio à minha história, por serem cerimônias sabidas de que usam todos os índios gentios, e ainda cristãos pelo rio das Amazonas; porém, com distinção que os gentios matam os inimigos que tomaram em guerra, e os cristãos matam um animal de estima que criam em casa por lhe ser proibido pelos missionários serem homicidas em sangue-frio de seus adversários.

Passadas estas experiências, começam a armar cavaleiro este novo soldado, que ordinariamente é filho dos mais notáveis dos principais e muitas vezes parece um retrato da morte, pelos jejuns e experiências que de seu valor fazem; vestem-no de suas armas e ele sai ao terreiro qual um[.....] empenado com penas de várias e graciosas cores, leva à cabeça um como morrião de vários penachos, tecidos com graça notável e assim, bizarro e galante, passeia por todo o terreiro com seu arco e flechas e pau de matar gente, que chamam ibiraçanga em língua geral dos índios, à maneira de espada em a mão. Chegando-se ao prisioneiro, o qual está atado com cordas de algodão a um pau que têm posto no meio do terreiro, para que não fuja, entre os aplausos da alegria, como sucede muitas vezes fugir o prisioneiro, aí o flecha com o arco, outra vez lhe quebra a cabeça com o pau que trás à cinta, obrando em o preso várias crueldades. Pareceu-me escrever com esta fúnebre elegia à morte desse pobre juiz do povo, para que cada um veja deste exemplo o fim em que veio a parar, dando com sua morte nome ao gentio, porque o cavaleiro fica com o nome do primeiro que tiranicamente matou. Aconteceu-lhe esta desgraça seis meses depois de governar o motim; de crer é que, como sua morte foi tão prolongada, haveria Deus misericór-

dia dele, e se arrependeria dos males que fez e da perda de tantas almas, do que foi cúmplice em seu cargo de chamado juiz do povo. Os ossos do sargento-mor Antônio Arnau foram depois levados ao Maranhão, e de sua casa levados a enterrar em uma caixinha posta em tumba, à igreja de Nossa Senhora do Carmo, e ao entrar da porta, escorregando a caixinha, caíram ao chão. Deus perdoe a sua alma pela intercessão da Virgem Senhora Nossa. Pareceu-me bem referir aqui como este desgraçado Sargento-mor Antônio Arnau, feito cabo da tropa, me veio visitar à casa de Santo Alexandre do Pará, onde eu era então subprior, e me perguntou se ficava excomungado em razão da expulsão dos padres, e respondendo-lhe eu que sim, caso que tivesse ajudado para a dita expulsão, disse que ele não ajudara para expulsar os padres, mas ajudara-os para partirem para o Reino, onde se acha quão dificultoso é conhecerem os homens sua culpa para se emendarem. Melhor fortuna teve um índio cristão e forro das aldeias, que pela mesma ocasião foi preso e amarrado para se matar em terreiro, como contou o ajudante Antônio de Oliveira ao padre Salvador do Vale em Cametá, e tinha da boca do mesmo índio a quem sucedeu; o caso é: Que estando também ele atado para se matar depois de Pedro da Silveira, pelo terem apanhado em a guerra, considerando o pobre que morria como gentio, sem confissão, se pôs com grande dor do coração a chorar sua desgraça, pedindo a Deus lhe concedesse não perder a vida sem primeiro se confessar com os padres missionários. Depois desta petição se viu subitamente livre das fortes prisões em que estava atado, e secretamente em o maior silêncio da noite, pelo meio da danças e folias em que estavam os aruaquizes, festejando sua sorte, se meteu pelo mato e depois de muitos dias de jornada veio a parar em uma aldeia de paz, onde contou todo o referido a este ajudante e aos índios, que levava em sua companhia, que se espantaram com sua vista, tendo-o já por morto, em poder destes crucistigres tão vingativos dos agravos que se lhes fazem. Com estes funestos sucessos, voltaram os homens da tropa escapos, com pouco lucro, assim do governador que os mandava, como dos que iam interessados, para que se veja que todos nossos sucessos pendem da mão de Deus. Na retirada lhes deu um mal de sarampo, de que morreu muita gente e ao fim deu também em pobres índios de várias aldeias e logo se espalhou o mal por todas as Capitânicas, isto ainda antes de se acabar a peste das bexigas.

Ninguém pôde conhecer de onde vinha aquele mal; alguns diziam que vinha do Quito, porém o certo é que foi ocasionado de nossos pecados com que[.....] a Divina justiça a nos castigar; mais mortes haveria se os padres missionários não tivessem acudido não só com os Sacramentos para cura das almas mas ainda com as mezinhas para saúde dos corpos, cumprindo o que disse Cristo, *Euntes predicata evangelii et male infirmis Matt. c.*

.....

## *Capítulo XII*

### COMO SE HOVERAM OS PADRES DO PARÁ EM TEMPO DAS BEXIGAS DAQUELA E MAIS CAPITANIAS CIRCUNVIZINHAS

**C**OM a vinda do Governador Rui Vaz de Siqueira vieram as bexigas à Capitania do Maranhão e de lá passaram às mais; começaram em Pará em casa de Clara de Sousa, mulher das ilhas, e lhe mataram seu filho; de lá, como eram bexigas contagiosas, se foram espalhando pela cidade e Capitánias, com tanto estrago dos índios que acabou a maior parte deles, morrendo também alguns filhos da terra que tinham alguma mistura. O padre Manuel Nunes, subprior da missão, com o padre João Maria, o padre Salvador do Vale, Pedro Luís Gonçalves acudiam em o Maranhão com o cuidado e zelo, que já temos dito em outro capítulo; eu, com o padre Gaspar Misseh, acudia pelo mesmo modo, para a banda do Pará. E porque não éramos mais que dois, e o padre Gaspar Misseh era pouco versado na língua, carregou o maior trabalho sob mim só, como também pelas aldeias faltavam os missionários que tinham sido expulsados, e ali estavam postos capitães que as governavam, esses vinham buscar o padre e o levavam para administrar Sacramentos e doutrinar os índios dela. Acon-

teceram por aquele tempo alguns casos dignos de memória, que aqui se devem referir, para maior glória de Deus Nosso Senhor.

Começando esta praga pestilencial em a cidade do Pará, tinha eu ficado, com alguns de maior autoridade, que se elegeisse S. Francisco Xavier por Padroeiro, para aplacar a Ira de Deus, e que para isso se faria uma procissão com missa cantada e pregação, que correria por minha conta; e estando nós por isto, se tinham posto escritinhos pelas portas das igrejas, para que viesse em notícia de todos esta devoção; porém não se efetuou nada, porque dizendo depois muitos que tinham pejo de invocar S. Francisco Xavier, padre da Companhia, para lhes valer contra as bexigas, tendo eles expulsado seus irmãos, os missionários do Estado, com que continuaram a morrer como dantes ou mais ainda, só em nossa casa não morriam por terem invocado o Santo Apóstolo Padroeiro de nossa igreja, e ouvindo aquilo o Sargento-mor Bernardino de Carvalho estranhou muito a desconfiança dos moradores, e tendo alcançado um belo registro do Santo, que lhe dei, o pôs em sua casa, pedindo-lhe seu favor, e foi cousa admirável que nenhum, nem de sua casa na cidade, nem de fora dela, na roça, morreu de bexigas, sendo que tudo ao redor ardia delas e, o que mais é, tendo-lhe fugido quatro escravos, logo tornaram a aparecer, como ele mesmo me referiu a mim, que lhe tinha aconselhado aquela devoção. E como quer que eu só sabia a língua da terra, ia correndo todas as aldeias, desobrigando-os e administrando os Sacramentos aos doentes, e metendo os bexigosos em um rancho, pondo os que estavam já melhorados para lhes servirem, aconteceu um dia que, tendo vindo buscar-me João de Souto, capitão da aldeia dos tupinambás, fui logo ao mato com sobrepeliz e estola e óleos santos, para ungir uns índios do Gurupi que estavam morrendo; um deles achei já falecido por se não ter apressado o capitão, conforme eu lhe requeri no dia anterior. Os outros dois estavam sem fala havia quase dois dias. Um deles me deu sinal aparelhado com atos de fé, esperança, caridade e contrição, e se absolveu logo absolutamente, outro sob condição, falecendo ambos logo depois de eu chegar a eles. E por este sucesso se confirmou o parecer de nunca negar aos moribundos a absolvição, sob condição, ainda que não tenham dado nenhum sinal, por me mostrar Deus, aquela ocasião, que esses dois tinham esperado há dias a morte, para falecerem absoltos. Indo eu desobrigar a aldeia de Carnapió aconteceu cair o meu José de cima de um sobrado ficando

sem fala acudi-lhe com mezinhas da alma e do corpo, conforme permitiam as circunstâncias do lugar e melhorou com o favor do Céu com as mezinhas e sangrias que lhe deu o capitão da aldeia e ficando logo expedido para continuar o dia seguinte em meu serviço. Estando na mesma aldeia desobrigando os índios dela senti-me fortemente movido a passar por outra e pedi com tanta instância ao capitão Bicudo um dos que tinham vindo de S. Paulo que finalmente me acompanhou para lá. Indo de caminho veio encontrar-nos um dos alferes da aldeia de Varacura com um cacho de pacobas e perguntando-lhe eu para onde ia respondeu-me que ia a busca de mim por que havia noites que se via um padre grande andar pela aldeia tocando uma campainha que se ouvia e porquanto sua filha estava muito mal das bexigas vinha buscar confessor. Entendendo eu que devia ser São Francisco Xavier disse ao índio: Vamos, filho. Fui, instruí e confessei a doente dispondo-a para bem morrer e tendo visitado aos mais doentes da aldeia toda me recolhi para a aldeia de Carnapió. Tendo vindo o principal da aldeia do Cameté em busca do padre em uma canoa muito limitada embarquei-me com o irmão Marcos Vieira com o incômodo que se pode considerar; era uma viagem de trinta léguas pouco mais ou menos. Logo que cheguei à aldeia achei-a toda abrasada de bexigas. Mandei logo ajuntar todos os mais perigosos em um rancho grande para ensinar a confessá-los e não é crível quanto me custou a confessar uma velha que dizia não ter pecado; no dia seguinte confessei e dei a comunhão a todos que achei capazes e como faltavam uns fugidos para o mato, mandei-os chamar; vieram eles e os estive confessando grande parte da noite com grande moléstia que me davam uns bichos que chamam tungas que entram nos pés e causam uma intolerável comichão; só faltou um, o qual fui buscar, navegando ao redor das ilhas que estão pelo meio do rio, e tendo-o buscado muito tempo o descobri finalmente pelo fedor porque estava deitado já morto e fedorento em sua rede. Da aldeia do Cameté saí pelo rio acima para os Tocantins a desobrigar também aquela aldeia toda; faltavam três pessoas fugidas para o mato mandei-as chamar muitas vezes e como tardassem permitiu Deus Nosso Senhor que os seus inimigos os flechassem e ferissem seus parentes os quais então os trouxeram para a aldeia mas tão cobertos de bexigas e podridão que faziam horror aos seus próprios, os quais vendo que o padre os queria confessar me disseram que guardasse de chegar a eles porque não era sofrível o ruim



cheiro que de si lançavam. Tinha eu algum receio de não os poder entender bem, mas foi Deus servido que os entendesse melhor que os outros e o seu ruim cheiro me parecesse um cheiro agradável como o de um pão branco quando se tira do forno, sendo que para confessá-los era forçoso pôr minha boca junto aos ouvidos deles cheia de asquerosa matéria das bexigas de lixa de que estavam cobertos todos. Da aldeia dos Tocantins fui acudir a uns escravos de um senhor de engenho Antônio Ferreira e de lá a aldeia do Cumarú onde casei o principal José Tabaraxi desobrigando tudo o quanto achava. Estando no fim eis que chegou a mulher do sargento-mor do Cameté com sua mãe em uma canoinha em busca de mim por estar morrendo seu marido. Embarquei-me logo e acudi ao doente antes que falecesse. De lá parti a desobrigar a gente das fazendas e engenhos dos moradores; e foi cousa digna de se notar que morrendo os índios por onde andava não me morresse nenhum remeio nunca. Indo à aldeia de Mortigura achei uma moribunda que cuidava ser batizada; porém quando tratei de a confessar descobri ser gentia com que a batizei e morreu batizada.

Tinha o padre subprior Manuel Nunes o velho levando consigo o irmão Baltasar de Campos e o deixado com o padre Manuel Pires na aldeia de S. João Batista da Capitania do Gurupi quando se passou do Pará ao Maranhão. Foi notável a caridade com que estes dois caritativos religiosos acudiam aos que morriam de bexigas porque tendo pegado o mal pestilencial geralmente em todos os índios que se achavam na aldeia não havia quem pudesse enterrar os defuntos, senão eles que com asco os curavam, os amortalhavam, lhes faziam as covas e os enterravam, acudindo o padre Manuel Pires antes de tudo a confessá-los e sacramentá-los.

.....

### *Capítulo XIII*

VEM O PADRE SUPERIOR MANUEL NUNES  
VISITAR O PARÁ, TRAZENDO EM SUA COMPANHIA  
ALGUNS PADRES, E CONSULTOU O GOVERNADOR  
A GUERRA CONTRA OS ARUAQUIZES,  
SENDO OS PADRES DE CONTRÁRIO PARECER

A

CABANDO-SE já as bexigas veio o governador ao Pará e ao mesmo tempo o veio visitar o padre Manuel Nunes e trouxe consigo o padre João Maria e o padre Pedro Poderoso. Visitou o Colégio e algumas aldeias dando-lhe o Governador ajuda de custo conforme manda uma provisão do Rei que temos para isso[...] e que fiz confirmar-se dar de novo achando-me na Corte esta derradeira vez sobre os negócios da missão. Estando os padres no Pará, pareceu bem ao governador consultar com eles a justiça da guerra contra os aruaquizes a qual desejava muito se pudesse conseguir por lhe dizerem os alvitreiros ambiciosos que tiraria dela quinze ou quando menos doze mil cruzados; por esta causa ia preparando com grande diligência gente de todas as Capitánias para ela. Só se lhe representou um impedimento que embargava a execução que era a que a lei do Rei Dom João o 4º mandava que nenhum governador fizesse guerra ofensiva sem voto do padre subprior da missão e mais prelados das religiões com que se levantou a maior

persecução que tivemos depois da alteração do povo porque o governador movido de seus interesses queria que dissessem os padres da Companhia que a guerra era justíssima e os padres segundo as leis da consciência lhe diziam que lhes parecia que era injusta pelas mortes, degolações e cativeiros injustos que se tinham feito entre aquelas nações em tempo de seu governo. E por mais que nos escusássemos de votar aquela matéria não foi possível porque os outros que haviam de votar como não eram letrados diziam que estavam pelo que diziam os padres da Companhia de Jesus; com estas palavras se puseram à banda todos. Apontamos ao governador vários meios racionais por onde segundo as leis da consciência se podia obrar tudo seguramente e mostrou depois a experiência que só estes eram verdadeiros e proveitosos, e os que seguiam o governador, por sua cobiça, foram à ruína do Estado. O meio que apontávamos, os padres, era que, visto aqueles índios hospedarem com grandes festas os missionários, iriam lá em missão dirigida para propagação de nossa Santa Fé, como o Rei mandava; e como eram tantas aldeias se tiraria inquirição dos delinqüentes e se castigariam, e os inocentes ficariam sem castigo ou pena. Este meio tão justo não quis admitir o governador, porque intentavam cativar todos, porém sem efeito como se verá depois. Não é crível quanto sentiu esse homem, cego da cobiça, o parecer que se lhe deu, porque temia que então o Rei lhe mandasse julgar os índios aruaquizes, que tornasse por livres, e perdia o gasto com o trabalho. Umas vezes entrava pelo cubículo do padre subprior Manuel Nunes, dizendo quem tem inimigos não dorme, e outras bradava ao povo da janela que não havia escravos, porque os padres não queriam; porém como os homens nobres lhe não aprovavam esta guerra e deram por escrito seus votos que não convinha, não fazia caso de suas vozes. Vendo logo que nada saía a seus intentos, deu por suspeitos os padres portugueses, e queria só por juiz de tudo a mim, estrangeiro, alemão de nação, e por então subprior da Casa de Santo Alexandre, em Belém do Grão-Pará, e fiando o padre superior sua consciência em minha, pedi um pouco de tempo e fiz um arazoado por escrito, mostrando as razões, todas fundadas em direito, que algum dia estudara sendo secular, que a guerra contra os aruaquizes era injusta e por nenhum

modo se podia dar. E na verdade era matéria de muito peso, onde havia de haver tantas mortes, assim de adultos como de meninos e ainda inocentes, porquanto os índios que comumente são a maior parte da guerra, nada reparam, e matam cruelissimamente a todos que encontram. Com estas razões e com a falta de mantimentos que havia por então pela Capitania do Pará e Gurupá, parou a guerra àquele ano; porém foi o governador secretamente dispondo as cousas para ela o ano seguinte depois de ter notícia do Reino, que lá andavam as cousas algum tanto embrulhadas; seguindo logo seu próprio parecer com os de algum de sua parcialidade, mandou uma valente tropa contra os aruaquizes, o ano seguinte, indo por cabo dela Francisco da Costa Favela, homem guerreiro e grande sertanejo. Foi este assolando aquela nação, porém com pouco proveito, por só matarem os índios pelo interior de seus sertões. Mandou também o Capitão do Gurupá, Paulo Martins Garro, uma tropinha com João Palheta, que, pelo bom sucesso, foi provido no cargo de capitão de Infantaria. Preguei por aquele tempo às almas na igreja da Misericórdia, estando presente o governador, e como esta Santa Casa não tinha meios com que acudir aos necessitados e mais obrigações, dei por alvitre que se poderia descer do sertão uma aldeia de índios forros, que livremente quisessem vir para esse fim. Agradou a todos a minha proposta, e como, acabado o sermão, me fui assentar junto ao governador, que me fazia graça de ser amigo meu, conchavamos que se pusesse por obra, havendo quem descesse aquela aldeia. Tomei o negócio à minha conta e logo escrevi ao Capitão-mor do Gurupá Paulo Martins Garro, que em outro tempo me tinha falado em uma aldeia de tacoaiapes, para que a mandasse para ajudar a Santa Casa da Misericórdia; fê-lo ele assim sem nenhuma dilação. Veio à aldeia, que constava de alguns oitenta casais; fez-se o compromisso pelo provedor e irmãos da mesa, e o capelão da Misericórdia, à qual veio o mesmo governador que esses índios tivessem sua aldeia a parte com seu capelão, que os instruisse e sacramentasse, e que a metade do tabaco, açúcar e todo o mais que fizessem fosse para se vestirem e remediarem, e não tivessem outra obrigação que de andar pelas festas daquela Santa Casa, para o que lhes fosse mandado, para limpeza e ornato dela. Era provedor daquele ano o Sar-

gento-mor Bernardino de Carvalho, ao qual encomendei, como amigo, esta obra de misericórdia, para que fosse sempre em grandes aumentos e bem da salvação das almas daqueles índios; porém, pouco ou nada se lhes guardou e assim se foram diminuindo, não havendo hoje nem a quarta parte deles; aconteceu que falando-se a uns dos que se tinham retirado para que voltassem, responderam: *na sutare misericórdia*, que quer dizer: não quero misericórdia.

.....

## *Capítulo XIV*

VAI O GOVERNADOR RUI VAZ DE SIQUEIRA  
VER AS ALDEIAS, ACABADAS AS BEXIGAS,  
LEVANDO CONSIGO A MIM E O  
CAPITÃO-MOR MANUEL GUEDES ARANHA,  
HOMEM DE MAIOR AUTORIDADE

**A**CABADA já a peste das bexigas de pele de lixa, pediu-me o governador, como subprior da Casa do Pará, que o acompanhasse para ir ver as aldeias como ficaram; não lhe pude negar uma petição tão justa, e por isso, em companhia do Capitão-mor Manuel Guedes Aranha, o qual fazia os gastos da viagem em tocante ao sustento pelo caminho, embarcamos-nos todos juntos em uma canoa grande, que tinha lugar bastante para três tamboretas diante da tolda, e dentro mais que de sobejo onde comodamente estávamos todos três. Levava o governador seu acompanhamento mas muito limitado, porque não era homem de festas; e entre outros ia um tambor, um terço de caramelleiros para tocarem pela madrugada, jantar e ceia; que cuidava, chegando às aldeias, de avisar os principais que viessem receber o senhor governador e levá-lo para seu aposento, mandar-lhes seus presentinhos, posto que limitados; feito isso, os chamava à doutrina a todos, e, acabada ela, deixava-os vir

fazer suas danças pela tardezinha; pela madrugada dizia-lhes missa a todos, e feita a doutrina, iam para suas casas, e depois das horas de almoço vinham, todos, homens e mulheres, diante do governador, o qual primeiro os praticava, servindo-lhe eu de língua, depois disso lhes dava de beber uma pouca de aguardente, que é o que mais apetece; logo, deu a todos os índios, até os machos, ainda de mama, velórios e agulhas, da mesma maneira às índias e suas filhinhas, com que partiram alegres e satisfeitos todos. Depois de jantar e um pouco de descanso, recebia o governador as visitas e acabadas elas, dando já lugar a calma do dia, ia comigo visitar a aldeia, e ouvir as queixas dos índios[...] Chegados que fomos à aldeia de Mortigura, agasalhamo-nos, como sempre na casa da residência, e indo visitar a aldeia levei-o primeiro pelas boas praias do rio, e achando-nos que fomos defronte da casa de um principal muito autorizado, assim pelo posto como pela sua muita lealdade, a quem sem embargo disso tinha maltratado o Capitão João de Souto, que governava a aldeia, quebrando-lhe até o pau de principal sobre as costas, pedi ao governador quisesse ir comigo vê-lo. Foi ele comigo e fez-lhe o principal suas queixas, mostrando-lhe o bastão, que o Souto lhe quebrou às costas; consolou-o o governador e como justiceiro mandou pouco depois o dito Capitão João de Souto desterrado para a Capitania do Gurupá, em castigo de sua culpa. Acabada já a visita das aldeias do Pará, foi o governador visitar as mais que estão para cima, do mesmo modo como tinha visitado as da Capitania do Pará; mas não o acompanhei, nem ele passou à aldeia do Xingu, que está sobre o Gurupá. Gastou naquela viagem em dádivas que fazia, muito bom cabedal que sem dúvida devia de ser de seu, pois o Rei não mandava fazer essas larguezas a seus governadores. Imitou-o depois nas visitas das Capitâncias, Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que chegou a visitar o Gurupá, não havendo depois outro governador que até lá chegasse, detendo-se comumente todos entre os limites do Maranhão e Grão-Pará, tirando seu filho, que hoje nos governa, que chegou até o rio Negro, pelo ano 1695.

.....

## *Capítulo XV*

CHEGA O PADRE FRANCISCO VELOSO  
COM SEUS COMPANHEIROS AO MARANHÃO,  
E MANDA O PADRE SUPERIOR,  
EM MEU LUGAR, MANUEL NUNES SUPERIOR DO PARÁ,  
E CHAMANDO-ME A MIM PARA SER SUPERIOR  
DA CASA DO MARANHÃO

**E**STANDO já o padre subprior da missão Manuel Nunes e a par dele o governador no Maranhão bastante tempo, chegou navio do Reino com os padres expulsos, e com lei nova passada aos dezoito de outubro do ano 1663. Os padres eram os seguintes: o padre Francisco Veloso, que vinha por subprior deles, o padre Bento Álvares, o padre Antônio Soares, o padre Pedro da Silva, o irmão João Fernandes, o irmão João de Almeida, francês, o irmão Sebastião Teixeira, o irmão Manuel Lopes, o irmão Antônio Ribeiro, vindo de novo do noviciado; ficaram em o Reino o padre subprior e visitador Antônio Vieira, o padre José Soares, companheiro, o padre Ricardo Carrea, e o irmão estudante Antônio Pereira, que foi para o Brasil estudar curso e Teologia. Veio em o mesmo tempo o padre Antônio da Silva, então rapazinho e sobrinho do padre Bento Álvares, ao qual acompanhou ao Gurupi, até que depois o admitiu para a Companhia, sendo eu subprior da missão. A substância



dos pontos da lei era a seguinte: Que todos os missionários da Companhia tornassem a ser admitidos em o espiritual governo dos índios das aldeias, ao qual seu santo zelo era muito necessário, e que também fossem admitidos por obreiros os religiosos das mais religiões, por ser justo que todos trabalhassem pela vinha do Senhor, e que nem uns nem outros tivessem jurisdição alguma temporal sobre os ditos índios das aldeias, mas que as Câmaras as administrassem, elegendo uma pessoa em princípio de cada ano para que tivesse a repartição com o pároco de cada aldeia, para apontar os índios que haviam de servir; que os cabos das entradas ou capitães-mores para o sertão fossem nomeados pelas Câmaras quando elas as requeressem, com um religioso da religião que lhes tocasse por[...] contanto que tal religioso nem para si, nem para sua religião pudesse tirar, nem resgatar escravos, com pena de os perder, metade para o acusador e o mais para a fazenda real; que o cabo da dita entrada, governadores, capitães-mores, e mais ministros e oficiais do dito Estado fossem advertidos que em nenhuma maneira mandassem fazer resgates para si, sob pena de mais se lhes dar em culpa em suas residências e proceder-se contra eles com todo o rigor, e que em serviço das índias se profizesse o exemplo das órfãs do Reino e o que dispõe a Ordenação; porque não sendo o risco menor em a quantidade, não seria razão houvesse diferença em o serviço. Tornou-se esta lei pública pelas ruas com toda a solenidade, mas pouco se observou dela; o que exatamente se guardou foi não se meterem os religiosos missionários em o governo temporal dos índios, entrarem todos em a seara do Senhor, e repartirem-se as índias das aldeias, se bem que nenhuma destas cousas era para o bem delas, como o mostrou a experiência. Com a vinda deste socorro de missionários foi o padre subprior provendo as casas e residências das missões em o que pôde ser. Estava o padre João Maria, subprior da casa do Maranhão depois de vir do Reino com o padre Salvador do Vale, mas por que o padre subprior se metia em o seu governo, desejava antes ser particular que ser ocupado em subpriorados, e pediu-lhe que o quisesse aliviar. Fê-lo ele assim, e mandou-me vir em seu lugar, indo render-me em o Pará o padre Francisco Veloso, levando em sua companhia o padre João Maria para ficar com as missões, em as

quais se ocupou louvavelmente até hoje com muito zelo, e persiste com a missão do Xingu com o padre João de Vilar, teso como se fora moço, sendo de setenta e três anos de idade ou pouco menos disso. Logo que o padre Francisco Veloso chegou ao Pará com seus companheiros, à ordem do padre subprior, declarei o que é de costume, e sendo-lhe entregado tudo por conta, me fui para o Maranhão sem companheiro nosso, porque me embarquei em a canoa de Manuel Cordeiro Jardim, meu amigo, que também levava Frei Alberto, religioso de Nossa Senhora do Carmo; a matalotagem que me deram foi um paneiro de farinha com jiquitaia, e uma piroleira de aguardente, que me deu Agostinho Duarte, esta em uma quarta que servia de água por não haver piroleira. Refere isto aqui, para que não estranhem os missionários modernos quando forem mandados para algures com limitado provimento, porque se um subprior de uma casa, mudado para subprior de outra, se não aviava àquele tempo por seu sucessor português, senão com esta limitação, não tem que estranhar mudar-se às vezes um particular de um lugar para outro com pouca matalotagem, quando assim o pedem as circunstâncias do tempo e lugar.

O padre Francisco Veloso como achou a Casa de Santo Alexandre pobríssima, e com pouca gente, que o padre subprior da missão tinha posto em a ilha de nosso irmão Pedro Dorsais, depois de uns dias de descanso, passou às aldeias de missionários e mudou nossa gentinha para Mamaiacu, pondo-lhe Juliana por feitora, casando-a primeiro com José Curemim, da Casa; ao padre João Maria mandou para Mortigura, para o Cameté o padre Salvador do Vale, e para os ingaíbas o padre Gaspar Misseh, e para os tupinambás o padre Pedro da Silva, e, se achou a Casa com pouco cabedal, achou-a ao menos desendividada e sem pleitos, que é cousa de grande consideração; e teve além disso o bem que alguns índios tupinambás que estavam morando em Guajará onde o padre Manuel Muniz, algum dia, lhes tinha assistido, se mudaram com seu principal, Tucano, para ajudar a quem os tinha trazido de seu sertão para a roça dos padres, que no princípio se situou no Tapará de um engenho de açúcar chamado[.....] e se mudou depois mais para baixo para, Mamaiacu, onde estive ao presente. Eu também achei a Casa do Maranhão muito pobre, se bem que com mais escravos, e alguns índios forros, e suposto achei poucas dívidas, contudo achei uns três pleitos, um com Antônio

Rodrigues de Gouveia, outro com Antônio de Arnau ou seus herdeiros, e o terceiro com Manuel de Beckman; os quais todos com outros mais se acabaram com trabalho, mas bom e feliz sucesso. Os padres que estavam ali eram o padre subprior da missão, Manuel Nunes, o padre mestre de latim Antônio Soares, que também catequizava os índios, o irmão Manuel Lopes, e o irmão Manuel da Silva, ainda noviço. Havia uma só residência, que era a de S. José, cujo missionário era o Padre Gonçalo de Veras. Acudia eu às mais aldeias: a de S. Gonçalo, dentro da ilha, e dos Guajarás, sobre o rio Pinaré, e a esta acudia a seu tempo em canoa, e a outra, parte em canoa, até o porto, até o Bacanga, e parte a pé, que era o restante do porto até à aldeia, não sem grande cansaço, às mais aldeias todas, assim da ilha como Itapicuru, corria com grande perigo e incansável zelo o Padre Gonçalo de Veras, umas por terra, outras por mar, não tendo outros remeiros que os rapazes que lhe serviam e tocavam as flautas do tempo do sacrifício da missa, por ser um deles tabajara da serra, que sabia tocar, e ter além destes uns índios caramelleiros da mesma nação, com um índio velho, mestre de todos, o qual morava em a aldeia de S. José. Não havia uma gota de aguardente em casa, ou só raramente, por não haver um canavial nem a engenhoca. Mandei fazer um e outro logo; e como também não havia pacovas nem laranjas, plantou o irmão João Fernandes um bem grande pacoval em a ilha de S. Francisco, que até hoje persiste, e umas laranjeiras assim da China como da terra, que são as que hoje se vêem em a nossa horta. Tinha o padre Antônio Vieira comprado a ilha de S. Francisco, que está defronte da Casa de Misericórdia, por um frontal e missal; faltava-lhe água para o gado e fez o irmão João Fernandes poças para este efeito com grande trabalho; abriu também o irmão João Fernandes um poço, e por dar pouca água desistiu da obra, porém depois o mandou cavar mais fundo o padre Diogo da Costa, e deu abundante água para todo o gado e gente da ilha, e todos quantos se querem aproveitar hoje dela. Não havia sal em casa nem se achava à venda, portanto mandei fazer primeiro umas salinas pequenas por Domingos Duarte, mestre delas, e como prestaram, fizeram os irmãos João Fernandes, Manuel Rodrigues e Manuel da Silva outras maiores, de muito proveito, como se dirá em seu lugar; em casa não se comia carne senão por uma festa, e trazia o pescador Filipe, índio nosso, cada dia a ração de peixe para jantar e ceia; pediu o padre subprior Manuel Nunes ao governador uma légua de pastos sobre o rio do Mearim, do pasto das vacas para riba uma lé-

gua, e de ambas as bandas tudo o que houvesse por dentro do sertão; conce-deu-se-lhe por carta de data e sesmaria, puseram-se ali umas poucas de vacas, procedidas de uma que tinha uma só teta e se criara no curral de Manuel de Beckman, e como um Antônio da Costa, que tinha cuidado do curral, por sua caridade, deu de esmola vinte e cinco cabeças, cresceu logo tanto que chegou a um curral grande, e deu carne para todos os dias ao jantar e quantas vezes que quiséssemos, quando antes era tão rara a carne em casa que, matando a onça alguma rês em a roça, escrevia-me o padre Gonçalo de Veras assim: Padre subprior, fez-nos Deus favor de matar a onça uma rês para comermos um bocado de carne. Desta sorte se foi pondo em pé e caminho a Casa do Maranhão, pelo que toca ao temporal, comprando-se também em ocasiões uns tapanhunos e negros da terra que por aquele tempo eram baratos, vendendo-se os negros a trinta, e os tapanhunos a oitenta mil réis. Pelo que toca ao espiritual, andava quase em igual passo com o que anda de presente, porque o padre Antônio Soares, que era mestre de latim, acudia cada dia à tarde com seus discípulos e meninos das escolas, ao cantar do terço; as confissões, que haviam bastante, às domingos e festas, se ouviam todas pelos três padres que havia, e eles mesmos assistiam aos doentes e presos; as pregações, assim dentro como fora, com as práticas da sexta-feira e tardes das domingos pela quaresma, fazia eu todas; e, como já então havia, as estações dos passos se faziam com concurso notável, e do mesmo modo as endoenças, armando-se o sepulcro que o padre Antônio Vieira, sendo subprior da missão, tinha mandado fazer por uma arte nova. Os catecismos dos índios faziam comumente o padre Antônio Soares ou eu, que era o catequista ordinário dos estudantes e meninos das escolas, às domingos de tarde, concorrendo, além deles, gente mais devota quando se fazia em nossa igreja, e quando se fazia por fora então era o número muito maior. Antes de passar mais adiante, há de se saber que faltaram vários que tinham estado na missão: o padre Manuel de Lima, que tinha vindo com o padre Antônio Vieira, pelo ano de 1653 e fez o ofício de comissário da Santa Inquisição do Maranhão, e excomungou o Cabral, desembargador e ouvidor-geral, por entrar na casa de audiência de comissário da Santa Inquisição para tirar um preso, que o obrigou a restituí-lo antes de lhe dar a absolvição, e voltou para o Reino antes da expulsão, para ver se em sua pátria se acharia melhor das grandes dores que continuamente padecia, pelos martírios

que os hereges lhe tinham feito padecer, indo embarcado para a Índia Oriental. Disse-me o sargento-mor Manuel da Silva, vira partir-lhe a cabeça com uma espada pelos hereges, como se parte uma melancia, e fora depois botado ao mar. O padre Antônio Soares, que anos serviu no Maranhão, disse-me que fora martirizado nas partes secretas, onde depois se lhe ajuntara a dor de pedra. Eu nunca tive o bem de ver ou conhecer mais que de ouvido, o certo é que era varão a quem muito se tinha estimado em Roma, donde trouxe os dois corpos dos santos mártires Santo Bonifácio e Santo Alexandre para Portugal, e dali para o Maranhão.

Antes de se expulsarem os padres do Maranhão, morreu na aldeia de Sirigipe o padre Mateus Delgado, e lá mesmo o enterraram os índios em sua igreja; era varão de grande zelo, tinha sido soldado, antes de entrar para a Companhia e vir a esta missão, onde foi uma vez subprior da Casa do Maranhão e me disse o padre Antônio Soares que, sendo eles poucos, fechavam a Casa, e se iam à missão dos Guajarás, ou de Tapuitapera, onde depois me veio a receber pelo ano 1661, indo-me eu com o padre Gaspar para o Pará, e levou-no para sua residência, tratando-nos com muita caridade. Dele se conta que, como tinha falecido um índio, em ausência sua, sem confissão, logo que o soube, repreendeu muito os que o tinham enterrado e mandara abrir a cova, e ela aberta, vivera o índio e se confessara. Isto ouvi de nossos padres. Não lhe deixou a sua doença lugar de chegar ao Maranhão, tendo de sua banda o vigário João Maciel e os reverendos padres de Nossa Senhora do Carmo e das Mercês. Quiseram dizer alguns que lhe tinha dado peçonha alguma pessoa, contra as quais pregava, por andarem escandalosamente amancebadas. Não o quis nunca mandar desenterrar, porque os primeiros missionários elegeram antes serem sepultados entre os que vieram buscar, que em outra parte, para ressuscitarem com eles em o derradeiro dia de júzo. Diz-se dele que era varão de muito zelo e caridade para que [.....] a Rainha das virtudes, também teria todas as mais em grau subprior. O seu companheiro Amaro de Sousa morreu em o Reino de uma queda que deu da cavalgadura. Era natural do Maranhão, bem moço, muito quieto, modesto e obediente a tudo que lhe mandavam. Ficou estudando teologia o padre Francisco da Veiga em o colégio de Coimbra, donde passou para a missão da Índia, parecendo-lhe se acabaria

já a do Maranhão; de lá me escreveu algumas vezes a mim e ao padre Antônio Pereira, que Deus tem, mandando peças de belas sedas, pedras de cobra e duas bocetas de calim, das quais pus uma na sacristia do Maranhão, e outra na do Pará, e ambas elas estão servindo por serem muito limpas e lindas. Dizia em suas cartas últimas que o padre Gonçalo lhe mandara patente de Reitor de Macau e que ele se escusara, estava em as entradas do Sião e tinha fundado muitas igrejas e cristandades. Era homem de muita caridade para com os pobres, de que sou testemunha de vista, pois tive o bem de estar com ele, seu companheiro, em Mortigura, pelo ano 1664, e aprender dele os princípios da língua geral; depois de ter estado primeiro em Xingu, assistia já há anos em Mortigura; foi preso com os mais em Gurupá e mandado para o Reino, em companhia dos padres Francisco Veloso e João Maria e outros, que foram no patacho de Simão dos Santos. Não voltou também para a missão o padre Antônio Vieira, porque o deteve Sua Majestade, e enquanto esteve em a Corte quis o nosso muito reverendo padre-geral ficasse sempre com o cargo de visitador-geral desta missão; ele é que verdadeiramente a foi restaurando, mas não fomos dignos de gozar mais de sua presença. Escreveu-me do Brasil, uns anos, que desejava vir ser meu companheiro em as missões do rio das Amazonas, e o achei no Colégio da Bahia quando por ordem dos padres fui dar conta da nossa expulsão ao padre provincial da Província; e escreve-me o padre Jacó Coelho de lá, em suas cartas, aos quatro de julho do ano 1696 estas palavras: *Pater Antonius Vieira etiam... provincia nostra, degit consotio Josepho Soares sua Clavi Prophe-tarum exfabricanda... operam novam; augeat illi Dominus rite dies et annos ut nil infectum relinquat*. Não falo aqui mais largamente deste incomparável varão, porque, sendo a coroa e o prodígio de nosso século, mais largo tempo e melhor pena que a minha pode fazer o seu louvor. Não falo da prisão desse incomparável varão, preso[.....], de Coimbra, por umas informações da gente[.....] e pouco afeta, acerca de alguns pontos de algumas suas pregações, porque se lá padeceu alguma[.....] a sua fama foi para subir depois de ponto, na Santa Inquisição de Roma, onde lhe foi restituída com sumo louvor[.....] que parecia louvor de um santo padre.

.....

## *Capítulo XVI*

TRATA O GOVERNADOR RUI VAZ DE SIQUEIRA  
DE INTERPRETAR AS LEIS NOVAS CONTRA  
OS PADRES MISSIONÁRIOS, MAS EL-REI,  
INFORMADO, LHE IMPROVA E ENJEITA

**C**OMO o Governador andava temeroso sobre a Lei de Sua Majestade, que provavelmente haveria de vir do Reino, e ela como lhe tinha predito o padre Manuel Pires, sonhador das cousas futuras, lhe mandaria tirar o governo temporal dos índios com que estava desde a expulsão dos missionários, tinha posto ordem pelo Maranhão que ninguém, de qualquer qualidade e condição que fosse, desembarcasse em terra, sem primeiro lhe levarem aviso ao Pará, onde estava atualmente, tratando de suas negociações, e vinha a resultar da ordem dar dois meses de prisão apertada em o mar aos navegantes, tudo isto ordenado para ver se poderia impedir a Lei que lhe proibia os índios escravos, que com tanta ânsia buscava, como evidentemente o mostrou o efeito; porém como ficava governando o Maranhão, em seu lugar, Agostinho Correia, que já tinha sido outra vez guarda e era homem afeto à missão e lhe parecia que esta ordem se não devia entender com os padres, foi pessoalmente com a Câmara e mais povo, com grande festa, a buscar re-

cebê-los a bordo e trazê-los à nossa casa, com toda a cortesia. Fez-se aviso ao governador do Pará da vinda do navio do Reino com os padres, o procurador do povo e nova Lei de Sua Majestade que consigo trazia. Veio logo e teve tais traças, subornando com dádivas e promessas aos particulares da Câmara que reclamassem outra vez ao Rei sobre esta sua Lei, mandando novo procurador, que morreu na empresa, em Lisboa. Repartiram-se os missionários pelas cristandades, sem embargo do impedimento que o Demônio lhes punha, tratando só das almas dos gentios com singular paciência na administração dos Sacramentos, à maneira de caçador que espera a caça, para empregar o seu tiro, porque havia muitas povoações que careciam totalmente de quem as administrasse, por estarem os índios novamente descidos do sertão e muito pobres e não ter com que pagar os sacerdotes e ministros capelães, que lhes não queriam servir de graça, como fazem os missionários da Companhia de Jesus. As interpretações que o governador dava às novas Leis de Sua Majestade eram as seguintes: Primeiramente, sobre o ponto que diz que os missionários serão repostos em suas igrejas, pois as tinham levantado com sua indústria e despesa, e haverão delas... e percalços, e que, como mestre da ordem de Cristo, os tinha emitido de posse delas, replicava que se entendia este ponto só nas igrejas que os religiosos da Companhia de Jesus tinham nas quatro Capitânicas do Maranhão, Gurupi, Pará e Gurupá capitão-mor, entre os moradores, e de nenhuma sorte se entendia quanto às aldeias e povoações dos índios. Em segundo lugar, sobre o ponto que dizia que o missionário apontaria os índios para servirem, e as câmaras nomeariam o repartidor para apontar os moradores que necessitavam de índios para suas lavouras, disse que tinha que replicar a el-Rei sobre este ponto, e com outras réplicas com fundamento confundia o ponto mais essencial da lei que mais lhe tocava ao coração e cortava a raiz de seus interesses, e proibia as guerras e extorsões passadas. Mandou el-Rei que nenhum governador ou capitão-mor, nem cabo de tropa, nem missionários fizessem por si, nem interposta pessoa, índio algum escravo, e fazendo-o, seria perdido e se lhe daria em culpa, nem faria o governador tropas senão quando a Câmara daquele Estado lhe requeresse. Para fazer mais materiais estas suas interpretações frívo-



las, com que capeava a sua cobiça e interesse, intimando que isto era o que convinha ao bem do povo e aumento do Estado, as mandou apregoar com trombetas pelas Capitánias; porém a injustiça e engano não lhe saíram a seu gosto; porque a Câmara do Pará, onde mais se atacava este fogo, lhe mandou fazer um protesto pela provedor do Conselho, que não queria estar por suas interpretações nem guardá-las, pois mudavam o sentido da Lei d'el-Rei, a qual tinham apregoado o ano passado em seu verdadeiro sentido. Com esta proposta recorreram a el-Rei e saíram providos, mandando devassar do governador, como se fez, acabando seu governo, e estando ele mandado retirar-se por um tempo da cidade para a ilha da Tuxa, e depois para a ermida de S. Marcos, e finalmente acolheu-se em S. João da cidade. Se alguém foi desejoso de saber por que razão este governador sempre se mostrou quase desde o princípio de seu governo até o fim contrário aos padres missionários da Companhia, deve de saber que não foi outra que persuadir-se que lhe estorvavam seus interesses com os seus pareceres, não querendo ter um mesmo sentir com ele para se conseguir o que intentava em ordem a suas ganâncias. Mostrou-se isto claramente em duas ocasiões: uma e a primeira foi não querer o padre subprior da missão tornar a mandar missionários para a missão das serras do Ibiapaba; a segunda não aprovarem os padres a guerra que desejavam dar aos aruaquizes. Tocante à primeira ocasião, há de se saber que, tendo-se vindo da serra os seus dois missionários, como fica já dito atrás, vieram depois os índios de lá requerer outra vez algum padre para lhes assistir em seus sertões, levantou-se uma grande controvérsia entre o governador Rui Vaz de Siqueira e o padre Manuel Nunes, subprior da missão sobre esta matéria. Queria o governador que se deferisse ao requerimento dos índios, e o padre subprior lhe não queria deferir; a razão que dava o governador era ser isso em grande serviço de Deus e das almas, que, por falta de missionário, ficavam desamparadas; e a razão do padre Manuel Nunes era, que não era tanto serviço de Deus irem os padres para a missão da serra que para outras missões para as quais os havia de mandar, porquanto a missão da serra além de ser muito afastada e não poder visitar, nem se lhe poder acudir com o necessário tinha seus índios tão voluntários, que pela con-

fissão dos mesmos padres se não podia esperar fruto entre eles senão era lhes batizar os meninos, e por estar lá atualmente o principal Simão, índio amancebado, ao qual os padres queriam mandar prender, por sua escandalosa vida, o que não puderam efetuar por ele se levantar contra os brancos, que lá tinham ido por ordem de Sua Senhoria, sem falar do muito que padeciam os padres pela grande falta, já havia um sustento de vida, e assim não era serviço de Deus que voltasse a aquela missão. Estas eram as razões que o padre subprior da missão alegava claramente ao governador, e as que calava consigo eram que, como o governador tinha perdido fazenda considerável com a retirada que tinha feito o cabo Carvalho, que para lá tinha mandado o resgate, principalmente do âmbar, por ficar em mãos dos bárbaros sem esperança de cobrá-la, e queria mandar os padres com uma tropa de soldados, aviando um barco para levá-lo pelos lençóis, para assim se lhe não ficar fechada a porta de suas ganâncias, que esperava com a assistência dos padres para a cobrança de sua fazenda e emprego dela, e outra que mandaria para o resgate do âmbar que esses índios tinham e descobriam a cada passo por essas praias do mar. E porque isto não parecia bem ao padre subprior da missão, mandou-lhe o governador fazer um protesto por um tabelião público, ao qual ele respondeu sem querer deferir a sua petição, pois só era ordenada ao interesse e não ao serviço de Deus; e como o governador não conseguiu o seu intento, tratou de impugnar os padres todo o tempo de seu governo, e impedir no que pude entender e apertando a Lei de Sua Majestade com contrários sentidos em tudo aquilo que favorecia aos missionários; e muito mais o irritou de novo contra es padres terem por injusta a guerra que intentava dar aos aruaquizes, e que deu, com o pouco sucesso que se verá no capítulo seguinte.

.....

## *Capítulo XVII*

DÁ-SE NOTÍCIA DA GUERRA QUE O GOVERNADOR  
RUI VAZ DE SIQUEIRA MANDOU DAR AOS  
ARUAQUIZES, DAS TERRAS E GÊNIO  
DAQUELE GENTIO E SUCESSO DA TROPA,  
COM A MORTE LASTIMOSA DE UM RELIGIOSO  
DE NOSSA SENHORA DO CARMO

O

GOVERNADOR, depois de embargar e interpretar a Lei a seu modo, logo tratou da guerra contra os aruaquizes que os padres lhe tinham reprovado, e veio com muita pressa pelas Capitânicas, a trazer o poder que por elas havia, de soldados e índios, como mantimento para a empresa, e chegando à Capitania do Pará, preparou quarenta e oito canoas grandes de guerra, com mantimentos, soldados e índios, para irem pelo rio das Amazonas a este tão desejado combate, o fez que viesse uma embarcação do Maranhão para o Pará carregada de farinhas para o sustento dos que iam, e juntamente dos muitos escravos que em sua fantasia já fazia prisioneiros; porém, por mais que os homens punham os meios proporcionados, Deus é que tudo dispõe para os fins, conforme a sua santa vontade. Partiu à guerra com grandes festas, entre disparos de artilharia, para os Aruaquizes, e achou pelo caminho dezessete aldeias de paz, metidas pelo sertão adentro, pelo mau-trato que o capitão-mor do

Gurupá e seus adjuntos lhes davam, e com esta falta, chegou a tropa ao rio dos Aruaquizes, dentro de um mês de viagem, com muito trabalho, sem acharem índio algum, por estarem fugidos todos, depois da sacrílega expulsão dos padres. Estavam os índios aruaquizes com um rio particular, que também desembocava no rio das Amazonas, e por este sítio contaram os da tropa noventa e seis aldeias só desta nação. É o rio de água doce muito clara, e olhando para ela parece negra como carvão, levando-a em alto toma cor de cristal. O sítio é frio e muito saudável e tanto que se conta por maravilha não adoecer da tropa ninguém por este sertão, sustentando-se a gente mais de um mês de mandioca, que se faz da folha da mandioca pisada e cozida, sem outro sustento, porque o rio pelo inverno é estéril de peixe, e como são tantos os índios e lhe fazem tantas redes estreitas, e outras armadilhas em lugares estreitos, o peixe que entra pelo rio nunca mais sai destes laços; tem suas vazantes e enchentes, como o mar largo, com estar mais de quatrocentas léguas distante dele. O gentio aruaquiz é trabalhador e muito impaciente de cativo e sujeição, tanto que se resolveram alguns que tomaram em guerra os portugueses a tomar peçonha para morrerem, por mais conveniência, do que virem a ser escravos dos brancos. Esta prática imprimiu o Demônio tanto em seus corações, que raríssimo é o dos que trouxeram ao Pará que escapasse com vida. O ordinário sustento seu é a mandioca que desfazem em vinhos, com outros legumes de batatas e carás. Quando querem o pescado, vão todos em almadia ao rio dos Amazonas, de onde trazem muitos peixes-boi, tartarugas, e vários peixes do rio, para o seu sustento; as terras, muito abundantes e frescas, têm ribeiras entre si e estão cercadas de águas tão frias, que ainda pelo maior rigor da calma não há quem lhes possa pôr a mão; não há por este rio mosquitos nem animais peçonhentos, há muitas frutas em seus matos, muito doces e saborosas, que a natureza produz. O gentio aruaquiz é de língua travada, muito diversa das outras línguas, que é para louvar ao Criador ver por este rio tantas diversidades de línguas; e só pelo das Amazonas, conforme a relação que tivemos de nossos padres castelhanos, que vieram do Quito ter este Pará, com a tropa que daqui tinha partido para lá, em descobrimento do rio das Amazonas, e daqui partiram para Espanha para irem dar conta

a el-Rei da conveniência e facilidade que havia para se trazer ouro e prata por este rio ao Pará, se acharam à borda do rio oitenta línguas diversas e distintas umas das outras, sem faltar do gentio que fica mais pelo interior do sertão. Deus que os criou lhes buscará e facilitará os meios para que se vejam diante do trono da sua Glória, onde assistam conforme o texto sagrado, *ex omni tribu lingua ete natione tantos ante thronum*.

Este gentio, com ser tão forte e robusto, mudando-se para outro clima, logo adocece, e é sujeito a câimbras de sangue, e outras enfermidades mortais, não come carne humana, e se mata os prisioneiros de guerra em o terreiro só é para ganhar e tomar nome; é mui ardiloso e em respeito de suas traças se lhe não pode fazer guerra considerável por não ter plantado mantimentos. Tanto que teve novas da tropa em que vinha por cabo Francisco da Costa Favela, homem guerreiro e grande sertanejo, algum que tinham foi muito escondido, para com a fome impossibilitar a continuar a guerra por muitos meses. Por justos juizes de Deus que os homens não alcançaram, tudo que trataram os da tropa sucedeu mal, porquanto a embarcação que vinha com as farinhas para sustento da tropa, com muitas mil varas de pano para comprarem escravos, que os aruaquizes ainda amigos tomassem na guerra, se encontrou com um navio que estava ancorado em uma baía, por ter desgarrado da barra do Maranhão pelo práctico lhe morrer no mar. O caravelão foi reconhecer o navio, que trazia muitos vinhos, saíram todos ao convite, e, esquecidos de tudo com a festa, fez naufrágio lastimoso, porque se afogou um religioso do Carmo no mesmo lugar em que se tinha afogado o Provincial e seu companheiro, que iam em uma canoa do Pará ao Maranhão; perdeu-se tudo, sem escapar nada do que ia, e esta perda foi a maior guerra que a tropa teve, e que impediu todo o sucesso que dela se podia esperar. Começou com grande calor os soldados, tanto que chegaram ao sertão, a fazer um forte ou reduto de pau, onde se fortificassem para daí com mais segurança poderem fazer as entradas, que intentavam, pelas terras e lavouras dos aruaquizes; e fazendo várias saídas acharam que os índios, reconhecendo o muito poder que ia contra eles, pelo aviso que tiveram de suas sentinelas, largaram totalmente as aldeias e povoações e puseram-se no interior do sertão, para, com mais segurança, poderem livrar e esconder seus filhos e mulheres, sem a gente da tropa os poder descobrir por mais diligências que fizesse. Continuou-se a guerra por es-

paço de três meses, com grandes fomes e incansável trabalho, caminhando grandes jornadas pelo mato adentro, e só prenderam trezentas almas entre crianças e velhos, sendo que em três aldeias ordinariamente se resgatavam quinhentos índios, que seus senhores livremente vendiam, tomados de tapuias de outras nações a que davam guerra. Estas trezentas pessoas todas foram remetidas ao Governador Rui Vaz de Siqueira, e o maior número delas morreu por esses caminhos a pura necessidade; a muitos deles batizamos *in extremis*, por intérpretes outros inocentes, nas aldeias por onde passavam. O principal cabeça dos aruaquizes, o chamado Caitabuna, que era índio muito guerreiro e atrevido que os capitaneava, tinha perdido a vista de ambos os olhos e com esta cegueira ficou desamparado de seus súditos, foi morto miseravelmente, sem batismo, a sangue-frio pelos homens da tropa, que sobre ele tomaram vingança de parentes e amigos que aleivosamente tinham sido mortos pelo sertão. Retirou-se a gente da tropa por não ser já tolerável a fome que padecia, queimando as aldeias dos inimigos e atemorizando todo aquele sertão. A esta jornada, a exemplo dos padres da Companhia, foram religiosos de todas as missões, por se esperarem grandes lucros, que a perda da embarcação impossibilitou,

Os aruaquizes que traziam espias para ver os da gente da tropa, tanto que conheceram todos recolhidos, sem mais detença, começaram a tomar vingança, e não somente eles, mas outros de outras nações, a meu ver, injustamente[...] pelo rio das Amazonas, levantou-se contra os brancos, que iam em canoas buscando o risco de suas vidas e sua liberdade. Referirei um só caso único, e com isso passarei a outra matéria. Aquele religioso de Nossa Senhora do Carmo, que tinha apanhado as cartas do padre visitador Antônio Vieira, escritas a el-Rei, acerca das informações, que Sua Majestade lhe tinha mandado fazer sobre o Estado do Maranhão, o tinha voltado do Reino em companhia do padre Salvador do Vale para a cidade de S. Luís, como os seus, logo o elegeram por prelado, e ele nada achava em sua prelazia para compensar os danos que padecera, sendo roubado dos galegos em sua saída para o Reino, e muito menos para estar comodamente em Lisboa, cansado e doente, se resolveu ir ao sertão a resgatar escravos com vinte soldados e duzentos índios, que lhe deu o governador para que o lucro fosse de ambos. Partiu-se com estes por missionário e cativou muitos índios em algumas

guerras, que eram os de sua tropa, e das quais ele ia por juiz de sua justiça e também muito interessado em seus cativos. Depois de algumas mortes, cativaram quinhentos índios, entre homens e mulheres, os quais, vindo do sertão para o Pará a vender-se, levantaram-se pelo caminho contra os soldados que os traziam prisioneiros, matando muitos deles e fugiram por esses matos; este prelado sobredito se resolveu também a vir atrás com outra canoa de escravos que tinha tomado por assaltos, pronunciando uma lei, de que até os seculares zombaram, e vinha a ser que todos os índios do rio Amazonas eram escravos; e vindo-se ele muito contente e descuidado para baixo, eis que subitamente em meio da jornada, uma índia velha que também trazia por escrava, estando acordada, se foi chegando a ele com um tição de fogo na mão, e à vista de todos deu com ele uma pancada, com tanto ímpeto e força sobre a cabeça do religioso que parecia guiada por outra mão e ele logo caiu morto sem poder mais falar, nem pronunciar uma só palavra. Com esta ação inopinada se animaram então os índios que trazia como escravos, e, ferindo a um ajudante que vinha do sertão, se voltaram pelo rio acima com a índia que os capitaneava, lançando o corpo do defunto em uma praia deserta, onde ficou carecendo de sepultura eclesiástica; e é de notar que só ele dos que vinham em sua companhia morreu, porque os mais soldados e índios cristãos se puseram em fuga, indo sair em diferentes lugares, e a velha, com o tição de fogo na mão, que foi o instrumento de sua vitória, capitaneou os bárbaros rio das Amazonas acima para suas aldeias.

.....

## *Capítulo XVIII*

MANDA O GOVERNADOR UMA TROPA AOS  
JURUNAS SEM MISSIONÁRIO E SUCEDEU-LHE MUITO MAL

**I**NCULCARAM alguns alvissareiros ao Governador que pelo rio dos jurunas havia muitos escravos, e logo mandou para lá o capitão-mor do Gurupá com uma tropa, a qual navegando prosperamente rio acima com alguns jurunas das aldeias de Xingu por guias chegaram à primeira aldeia, e alegre os índios dela, com a vista dos soldados, os hospedaram, porque ainda não sabiam os desejos e intentos que os encaminhavam para lá. Porém, como os da tropa eram homens de vida larga, logo houve desconcertos sobre as índias, e como esses índios são muito ciosos de suas mulheres, começaram a ir-se enreminando. O cabo, em vez de aquietar os soldados, era o que a este respeito dava o pior exemplo e causava mais escândalo, açoitando duas índias jurunas, por cuja causa os índios seus parentes arremeteram aos da tropa e os mataram, escapando só o cabo com poucos outros e um companheiro, valente, bem entendido e pio, chamado Antônio da França, com sete flechadas, invocando sempre Nossa Senhora do Rosário, e pôde por milagre escapar ele e livrar com a valentia de sua espada uns poucos, que sem isso haviam de ficar todos mortos. A esta entrada não quiseram que fosse sacerdote ne-



nhum, porque se fez secretamente, para assim ser o lucro maior. Alguns índios cristãos, que estavam de largo, vigiando as canoas, escaparam embarcados, voltando logo para o Gurupá, sem escravo nenhum; o maior sentimento foi que muitos jurunas que estavam em as aldeias dos padres que os tinham descido do sertão com feliz sucesso, voltaram para suas terras a viver entre seus parentes, pelas ameaças que ouviram. Ainda o Demônio com esta tropa, em que tanta parte teve, nos levantou uma perseguição, porque o cabo, que escapou, disse ao governador, por senti-lo pouco afeto a nossas cousas, que o padre Manuel Pires tirara, em a aldeia do Xingu, uma índia cristã do poder de um índio, e que em vingança disso lhe tinham dado os jurunas; porém, a todos constou logo que aconteceu esta desgraça por amor do desaforo com que procedera a tropa com aquelas índias, para que se veja que nem sempre prevalece a maldade contra o serviço de Deus e crédito de seus escravos, os missionários. Contaram muitas vezes esses índios jurunas aos padres que rio acima, defronte de seu sertão, se viam casas de telha e povoações de gente branca, com homens a cavalo, e que só se metia uma baía de permeio, donde por estes sinais tão certos inferimos que confinava com algumas Capitânicas de brancos ao sul. Este descobrimento intentava o padre Antônio Vieira, visitador-geral da missão, pelo ano 1661, se o não embargara o levantamento do povo. O tapanhuno Antônio de França, que em tal ocasião se houve com grande ânimo e valor, livrando muitos brancos da morte com a destreza de sua espada, entre outros serviços que alegou a Sua Majestade, por minha via, estando em Lisboa em 1686, alegou também este que venho de relatar, e estava Sua Majestade para lhe dar o hábito de Cristo, se eu, à instância do padre Adrião Poderoso, o não impedia, com que então se lhe passou a provisão de Capitão de Campo, e[...] a sua gente em a mesma Corte; e foi tão aceito a el-Rei que gostava de falar com ele para seu divertimento, porque, com crioulo do Sr. França da ilha da Madeira, era mui cortês, bem falante e destro das armas e sobretudo do uso da espada.

.....

## *Capítulo XIX*

### RELATAM-SE ALGUNS CASTIGOS DOS QUE CAUSARAM O LEVANTAMENTO DO ANO 1661

**A**LÉM dos castigos já referidos, houve outros de alguns quarenta para cinquenta, que morreram desastadamente, sem Sacramentos, os quasis todos deixo, contentando-me de fazer menção de uns poucos, para deles se inferir os mais.

Gonçalo Domingues, fidalgo, homem nomeado por ter procedido com grande valor em as guerras de Pernambuco, esquecido da obrigação que tinha de defender as leis de seu Rei tomava por ocupação sua ir de noite a amotinar a infantaria para que os soldados também andassem com os povos levantados e chegou a tanto o seu ódio, que foi a embarcação em que estava o padre subprior Antônio Vieira e lhe disse umas palavras pouco compostas, caluniando-o daquilo que era serviço de Deus e bem das almas. O subprior lhe respondeu com muita modéstia e religião remetendo a Deus a satisfação de tudo o que tinha obrado como justo juiz de nossas obras. Veio para sua lavoura e estando repousado pelo meio-dia dois índios que tinha escravos lhe deram à traição vários golpes em a cabeça com um machado e lhe abriram o crânio com cuja dor se levantou mas caiu logo sobre o chão, morto; arrastaram-no uma légua e botaram-no em um fojo que tinham feito para os porcos e assim morreu sem Sacramentos e sem sepultura eclesiástica. Foi a cousa descoberta por uma desunião por causa dos parentes e a justiça depois de um ano o foi

buscar por indícios e acusações certas deles, trouxeram seus ossos à vista do sogro que os escravos nos tratos disseram ter sido conselheiro. Este foi o primeiro que notificou aos padres para que saíssem fora permitindo Deus fossem castigados ambos por este meio como cabeças de tão grande maldade. Não foi menos lastimoso o castigo de Domingos Martins que nas alterações sempre se queria adiantar aos mais amotinadores afirmando em as juntas com gritos e vozes decompostas que ou ele ou os padres não haviam de estar com o Estado e estas palavras parece trazia por texto a repetir tantas vezes que já causava riso aos companheiros porém daí em breve tempo lhe cumpriu Deus os seus desejos porquanto os padres foram recebidos com grande aplauso de todos e ele acabou a vida com grandes sinais de sua perdição. Caso foi que comprando um escravo aruaquiz naturalmente inimigo de sujeição e este logo se conheceu ser cativo matou seu senhor com um pau e o enterrou; vestiu-se de seus vestidos e andou pelo terreiro com suas armas com que ele andava nas alterações do povo. Morava em a Capitania do Pará um mameluco aparentado com o capitão-mor e com os principais homens da terra chamado Carlos Madeira este tomava sempre por officio capitanear os de sua parcialidade em ocasiões e execuções zombando das excomunhões de Bula da Ceia dizendo que obrava pela liberdade do Estado.

Partiu-se depois de alguns meses para Mortigura onde morava o padre Gaspar Misseh alemão de nação com um irmão administrando os Sacramentos aos índios nesta e mais aldeias da ilha e como o padre lhe não procurava aos índios que pedia dizendo-lhe não tocava meter-se em o temporal deles começou o dito mal-afortunado a gabar-se do que tinha obrado dizendo aos índios: Eu sou Carlos Madeira que lancei os padres fora do Pará e destas aldeias e outros desaforos semelhantes que o Demônio lhe ditava. O padre calou-se não lhe respondeu palavra alguma porque em tais combates o vencer consiste em o calar.

Escandalizaram-se os índios com estas palavras do Madeira edificados no silêncio do padre Gaspar e tomando Deus à sua conta a defesa de seu missionário duas horas depois embarcando-se com grande ímpeto como apaixonado, em a canoa, um dos escravos que levava consigo o matou com uma foice tomando entre si uma pendência sobre uma ocasião torpe que consigo trazia e o lançou ao mar para que também carecesse de sepultura e nunca mais fosse visto dos parentes que

com grande cuidado o faziam logo buscar para o enterrarem. Não deixarei de referir o sucesso de outro infortunado. Ficou este mui contente depois de ver os padres expulsados pela barra fora gabando-se pelos corrilhos e ajuntamentos do povo que já vira o lucro de seus trabalhos pois ninguém lhe levava vantagem do que fizera para lançar os padres missionários fora da terra e que esperava ser premiado do povo.

Com esta alegria se embarcou para sua fazenda contando lá à sua mulher o que tinha obrado e por fim da história lhe disse estas formais palavras que foram as últimas de sua vida: Ponha-se a mesa que agora comerei meu bocado quieto pois já vimos fora os padres. Sentou-se à mesa e caso notável tanto que tomou o primeiro bocado se levantou com tanta cólera e fúria que ficaram os circunstantes pasmados e como homem insensato se meteu pelo mato adentro sem nunca mais aparecer há mais de trinta e tantos anos. Uns disseram que endoidecera e morrera sem atinar com a estrada; outros que pelo mato lhe tiraram secretamente a vida e o enterraram porém nunca apareceu o matador não faltou quem atribuísse isso a algum espírito maligno que dele se apoderara para da mesa como outro Baltasar ouvir a sentença de sua condenação. Já tenho relatado a desastrada morte de Antônio Arnau que foi por cabo da tropa e agora quero referir a de seu irmão o Arnau pequeno. Este tinha pegado do irmão João de Almeida para levá-lo da portaria para fora quando em tempo do levantamento tinha repugnância de sair do pátio para rua feito prisioneiro do povo; tinha-se este homem trocado, de sorte que, vindo-se confessar e comungar-se muitas vezes à nossa igreja dizíamos que Deus Nosso Senhor provavelmente havia de lhe fazer misericórdia; porém morreu infelizmente de uma estocada que lhe deu Antônio Carvalho cirurgião de S. Luís do Maranhão para sua defesa quando ele, sem razão, vinha com a espada feita atrás dele para lhe dar; caiu logo como morto sobre o chão sem nunca dar sinal de arrependimento para poder receber absolvição. Destes castigos rigorosos do Céu podia aqui ajuntar muitos, mas bastam aqueles; só acrescentarei um menos rigoroso dos que Deus Nosso Senhor achou menos culpados e mais bem arrependidos. O ouvidor-geral Francisco de Sousa de Meneses levado das primeiras informações escreveu dos padres aos tribunais mas depois informado melhor escreveu o contrário mas já tarde morreu pobríssimo

porém arrependido do que tinha mal obrado. O Capitão-Mor do Pará, Francisco de Seixas Pinto, o qual obrou contra os padres o que relatei em os capítulos do levantamento do Grão-Pará, foi preso e maltratado de Rui Vaz Siqueira, governador do Estado, dando-lhe em culpa que tinha deixado ir os navios e embarcar os padres sem o avisar, não impedir ao povo a sacrílega expulsão que obrara em seu tempo; cuidou que alcançou graça para se confessar em seu juízo, por intercessão de S. Francisco de Xavier, de quem era muito devoto, fazendo-lhe sempre a sua festa com aparato, em nosso colégio do Pará, enquanto foi capitão-mor. Isto se conheceu em sua doença, porque, tendo um acidente, sem fala que lhe durou dois dias, saiu dele com essas palavras: Por intercessão de S. Francisco Xavier, me espero salvar. A doença de que morreu foi causada de paixão que tomou por se ver preso e em tão miserável estado, com o crédito perdido e sem fazenda por aquela cousa que ele pudera remediar, permitindo Deus lhe fizessem várias injúrias, sendo posto fora de suas casas e pondo-se-lhe o fato para a rua, sabendo com gritos e sentimento delas, quando o levaram a outra prisão.

Provavelmente teria Deus misericórdia de sua alma, por intercessão do Santo Francisco de Xavier, que lhe importariam bem pouco as afrontas desta vida, e se lhe dariam em satisfação de sua culpa pois lhe formou o castigo da mesma matéria com que o ofendera. Jorge de Sampaio, escrivão da Provedoria, tendo escapado do castigo, do primeiro levantamento que ajudara a fazer, não escapou do castigo do segundo, porque convencido de ser um dos cabeças do levantamento do ano 1684, foi enforcado com Manuel Beckman em a ribeira de São Luís, cidade do Maranhão, junto ao armazém d'el-Rei.

São tantos os castigos que se poderiam referir, que para fazer menção deles seriam necessários muitos capítulos; não falo na peste das beixas, chamadas pele de lixa, com que Deus castigou todo o Estado, depois dos povos se terem levantado contra os padres missionários da Companhia de Jesus, porque este castigo é tão notório que se não pode negar; negou-o contudo um certo religioso que, ouvindo dizer que Deus castigava o Estado por terem os moradores expulsado os padres missionários da Companhia, disse que não os castigara por isso, mas por eles não expulsarem a todos. Deus Nosso Senhor lhe dê arrependimento deste dito seu, antes que parta deste mundo para lhe dar rigorosa conta em o outro.

# LIVRO V

DO QUE SE OBROU DO ANO 1667  
ATÉ O ANO 1684



.....

## *Capítulo I*

CHEGAM CARTAS DO BRASIL, EM QUE  
O PADRE PROVINCIAL NOMEIA O PADRE  
SALVADOR DO VALE POR SUPERIOR DA MISSÃO,  
E SUCEDEU-ME O PADRE PEDRO LUÍS EM  
O GOVERNO DO COLÉGIO DO MARANHÃO

**E**STANDO Rui Vaz de Siqueira quase em fim de seu governo, vieram ao padre Salvador do Vale que então estava em as missões do Pará, patentes de subprior da missão ali, as quais ele mandou ler, pondo-se de posse do governo, e como era achacoso não podia com grandes viagens, mandou logo o padre Pedro Luís, por visitador, ao Maranhão, dando-lhe por companheiro o padre Manuel Pires. Vieram ambos ao Maranhão e como o padre Pedro Luís também vinha para render-me a mim, que era então subprior da Casa de Nossa Senhora da Luz, eu, pelo que tocava à minha pessoa, logo lhe dei posse do subpriorado e quanto ao mais escrevi ao padre Manuel Nunes o que lhe parecia se fizesse, e como não respondeu diretamente ficou o padre Vale tido por subprior da missão, enquanto não houvesse cousa que lhe embargasse aquele cargo. O padre Francisco Veloso, subprior da Casa de Santo Alexandre do Pará, não o queria conhecer por tal, enquanto não tinha informação de que o padre Manuel Nunes, em lugar do padre Antônio Vieira, como legítimo subprior e visitador-geral, confirmado por nosso muito reverendo padre-geral, o consentisse, e assim lhe remeteu pelo ir-



mão Sebastião Teixeira até Tapuitapera; e como lá tinham recebido o maço das cartas do Reino, as quais, ao Padre Manuel Nunes, todas, o reconheciam por subprior, tornou a exercitar seu cargo como dantes, e ficou o padre Salvador, particular, assistindo aos tupinambás; o padre Pedro da Silva em Mortigura; o padre João Maria, em Cametá; o padre Salvador do Vale em os Ingaibas; o padre Gaspar Misseh correndo juntamente pelo Gurupá, Xingu e rio das Amazonas, com incansável zelo e imenso trabalho, porque todas aquelas partes visitavam quatro vezes por ano. Queria o padre subprior Manuel Nunes que eu tornasse a exercitar meu cargo de subprior da Casa, mas roguei que deixasse o padre Pedro Luís Gonçalves e assim fiquei para pregador, confessor e acudindo também as aldeias de S. Gonçalo e Itaqui, sendo necessário. Contava o padre Pedro Luís que o padre Manuel Pires sonhara em um seu sonho profético que vira todos os padres com seus turbulos incensar o padre Salvador do Vale, mas não a mim com eles, isto seria porque eu me não meti, nem me pareceu que o padre Salvador era legítimo subprior em lugar do padre Manuel Nunes, pois só o padre Antônio Vieira o podia mandar por ter sido confirmado em o dito seu cargo pelo muito reverendo padre-geral. Houve por aquele tempo mudança em o governo temporal, porque chegou Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho por sucessor de Rui Vaz de Siqueira, o qual, com a Câmara, foi em sua companhia recebê-lo em um porto da cidade, acompanhado-o até o palácio, onde ele se agasalhou, mudando-se Rui Vaz de Siqueira para outras casas da cidade.

O novo governador, depois de ter recebido as visitas, veio logo ao Colégio ver os padres dos quais era afeiçoado. Tinha caído, uns dias antes, uma parte da parede do muro para a banda do pátio, por esta ser de taipa de pilão mal secada e lhe ter dado a água ao pé, com que veio a faltar e vir para baixo, e tinha acudido João Pereira Barbosa, nosso irmão e procurador, com risco de vida, a pôr espeques, para que tivesse mão que não desse consigo ao chão todo o teto. Estavam já os pedreiros levantando nova parede de pedra e cal, e como o governador soube o que se passava, mandou logo dar de sua fazenda trinta mil réis para ajuda do custo, pedindo aos padres lhe perdoassem não ser mais liberal por vir pobre. Muito lhe agradecemos esta esmola, bastante para

pagar os obreiros e conhecemos logo a diferença que havia deste governador ao outro, o qual tendo visto o estado assentado junto a ele, nunca oferecera um só vintém. Passados uns poucos de dias, veio se confessar ao Colégio comigo, e continuou a confessar-se enquanto esteve em Estado, achando-se em lugar onde eu estava, e pode-se dizer dele, que era de uma consciência tão limpa que nunca se lhe achou culpa grave, e até mais, confundiria um homem religioso que vive em clausura, tratando deveras de sua perfeição.

Como quer que tenham ido queixar ao Reino contra Rui Vaz de Siqueira, pelo que tinha obrado, foi repreendido d'el-Rei, o qual mandou devassar dele; para este efeito mandou se retirasse da cidade, e foi primeiro para a ilha da Tuxa, depois para a capela de S. Marcos, onde o padre subprior da Casa, Pedro Luís, comigo, o fomos visitar e finalmente deu-se-lhe licença para morar em a igreja de S. João Batista, da cidade que pouco antes tinha mandado editar à sua custa para os soldados, para com isso pagar o que tinha tido com uma mulher nobre casada, da qual lhe nasceu uma filha, que depois faleceu e com cuja filha casou um seu parente[...] cumprindo-se à risca o sonho do padre Manuel Pires, que procedera do modo seguinte: Saiba – Governador Rui Vaz de Siqueira que o padre Manuel Pires sonhava as cousas futuras e dizendo-lhe um dia: – Padre Manuel Pires, sonhe Vossa Paternidade o que me há de vir do Reino a acontecer; respondeu-lhe o padre: sonharei se meu subprior, me der licença; deu-lhe, e sonhou que ao governador vinha tirada do Reino a administração temporal dos índios e que estava recolhido em uma ermida. Tudo aconteceu, porque tirou-se-lhe o governo dos índios e recolheu-se à ermida de S. Marcos, o que vendo Rui Vaz dizia, galanteando, que não queria nada com esse apóstolo.

Aconteceu por aquele tempo, pouco mais ou menos, que indo eu com um irmão acudir à aldeia dos jaracazas, mandei armar em o mato o altar portátil para dizer missa, por ser domingo e não ser possível chegar à aldeia para dizê-la, e enquanto se ia armando o altar e eu preparando-me para tão alto sacrifício, chegou-se a mim um dos índios remeiros dizendo que perdera seu tabaco; entendia eu que dizia perdera seu cachimbo de tabaco; disse-lhe eu: filho, encomenda-te a Santo Antônio, que faz achar as cousas perdidas. Com isto dei uns poucos de passos e achei diante de mim um cachimbo belo, rico e novo, picadinho

como costumam de ser os mais galantes; levantei-o do chão e dei-o ao índio, o qual, pasmado de o ver, disse que ele não perdera cachimbo, mas tabaco; repliquei-lhe dizendo: o santo que te deu o cachimbo, também te dará o tabaco, encomenda-te a ele. Disse-lhe isso e fui continuando no aparelho para o sacrifício da missa; e vi diante de mim um pedaço de tabaco que dei ao índio, o qual, maravilhado e contente, se retirou. Fiquei depois pesaroso de não ter guardado o cachimbo por parecer milagroso aquilo e achar-me em ocasião de passagem onde ninguém costumava andar. Fui-me para a aldeia fazer o que de mim requeria minha obrigação e como entre o Pinaré e o Maranhão está o rio do Meari, onde os padres têm seu curral de gado, quis ir vê-lo de volta. Para este fim naveguei rio para acima, até dar com o sítio de um morador rico, chamado Lourenço da Costa. Estava sua mulher, Catarina de Melo, assentada ao pé de uma cruz que havia à sua porta, rezando por seu rosário; saudei-a, conforme de passagem, e ela, sabendo que ia ao curral do Colégio, me pediu encarecidamente saltasse em terra para lhe dizer missa; catequizei os escravos, confessei os brancos e fiz alguns batismos pelas festas do Espírito santo, porque no curral não havia lugar para[...] achando-lhe razão; fui-me para terra e perguntando-lhe por que estava tão triste, como mostrava, respondeu ela que isso era por lhe fugir uma índia, sua escrava, que era seus pés e mãos e que criara como filha desde sua meninice; consolei-a e disse-lhe tivesse bom ânimo, porque se era devota de Santo Antônio, ele a traria para casa; mandou-se logo buscá-la, confiada era o patrocínio do santo, ficando consigo falando em Deus, contando-lhe eu, entretanto, o que me tinha acontecido no caminho com Santo Antônio sobre o tabaco e o cachimbo; respondeu ela que já tinha feito as diligências e que não aparecia havia já sete dias e assim sem dúvida a havia de ter morrido alguma onça.

Vieram os que tinham ido em busca da escrava fugida, dizendo que não aparecia ninguém, com que ficou a pobre mulher quase de tudo desconfiada, dizendo: Padre, não o disse eu à Vossa Paternidade que debalde mandava buscar a minha índia, visto não se ter achado, depois de feitas tantas diligências? Repreendi-a de sua pouca confiança e lhe disse que não era merecedora que o santo a ouvisse e socorresse, contudo tornasse a mandar em busca da escrava; fê-lo assim e logo chegou a escrava e se pôs de joelhos a meus pés, com as mãos juntas; per-

guntei então à velha se esta era sua escrava e respondendo, cheia de pasmo e alegria, que sim, disse-lhe eu: Pois ei-la tem vossa mercê, Santo Antônio bem-aventurado lha trouxe e agradeça-lhe e não seja mais desconfiada. No dia seguinte e mais festas do Espírito Santo disse missa na capela do sítio e administrei os Sacramentos, conforme pedia a necessidade daquele tempo, e passadas as festas recolhi-me ao Colégio, tendo dado uma vista ao curral. Este ano e o seguinte não houve cousa digna de se referir, senão que nos colégios e missões todos acudiam a suas obrigações e que no Colégio do Maranhão andou o padre subprior Pedro Luís só, acabando o corredor novo, e forrando ou para melhor dizer ensinando a forrar os cubículos[...] e que no Pará fez o Padre Francisco Veloso, reitor do Colégio, edificar aquela igreja de taipa de pilão, que até hoje temos. Tinha Paulo Martins Garro, capitão-mor do Pará tomado à sua conta a capela-mor para ser ele e sua mulher Dona Maria de Ataíde de Vasconcelos, sepultados ali com condição que a proveria de todo o necessário, mas como depois se passou para o Reino e morreu em[...] pátria sua, nada se fez senão pagar o feitio das taipas da capela; e como o mestre das obras era um Cristóvão Domingues, tanoeiro por seu ofício, pouca experimentado em taipas de pilão, fez a igreja tão torta que para endireitá-la foi necessário picá-la pelo meio para a banda dos altares colaterais, com que ficaram as paredes muito delgadas e fracas pelo meio e por conseguinte requerendo algum encosto de corredor, ou[...] para a banda da rua, para a sua[...] duração havia eu mandá-la fazer de pedra e cal mais larga, e com o arco mais levantado; mas como a achei já com todas as paredes acabadas, não tratei disso, nem o padre Bento Álvares, que sucedeu ao padre Francisco Veloso no governo da casa, tratou mais que acabá-la e pô-la no ponto em que se acha ao presente.

Faltam-lhe os retábulos para todos os altares, para os quais, uns vinte anos depois dela feita, dei ao padre reitor Bento de Oliveira quarenta e duas couçoeras de cedro precioso, largas de três palmos e compridas de vinte e sete para os fazer, correndo por minha conta a missão do Cameté. Mas não se fizeram, não por falta de bons mestres entalhadores, mas falta de gente que as bexigas levaram, e por ele andar ocupado com o curso que por sua muita caridade quis ler, por se escusarem os mais moços, por motivo dos seus achaques e quererem-se antes ocupar com as missões do que com as leituras do curso de filosofia.

.....

## *Capítulo II*

VEM O PADRE MANUEL ZUZARTE DO BRASIL  
POR VISITADOR E TRAZ CONSIGO O  
PADRE PERO FRANCISCO DE SEANS  
E NOMEIA O PADRE JOÃO FILIPE POR  
SUPERIOR DA MISSÃO

**E**STANDO as causas da missão nos termos atrás referidos, eis que o padre Manuel Jorge chegou, em um barco comprado, por visitador mandado ao Brasil pelo padre comissário Antão Gonçalves. Trouxe em sua companhia o padre Pero Francisco, milanês de nação, que tinha sido, anos havia, missionário do Ceará, deixando lá em seu lugar o padre Luís Machado, em companhia do padre Jacó Coelho, superior daquela residência, por lhe parecer que ainda estava sujeita à missão do Maranhão. Mas enganou-se sobre isso, porque achando-se que do Maranhão se não podia socorrer o Ceará tão bem como de Pernambuco, largaram-no os governadores do Maranhão aos de Pernambuco, sem embargo de estar dentro das demarcações do Estado e Capitania do Maranhão e com isso ficou o provimento dele pertencendo à Província do Brasil. Chegou ao Maranhão em principio da quaresma do ano de 1669[...] dias de hóspede, se pôs logo a visitar a Casa e não visitou al-

deia nenhuma, mandando-me visitá-las em seu lugar. Fez uma das práticas de sexta-feira nessa igreja e o mandato na matriz, ambas com muita satisfação; compôs uns pontos de visita, que acrescentou à visita do padre Antônio Vieira e a publicou, mas vieram confirmados de Roma e por isso não se continuou a observação deles. Era varão de muita virtude e de uma bela e alegre concepção, com que agradou a todos assim do Maranhão como do Pará, para onde passou com o padre Manuel Nunes e o padre Pero Monteiro e o irmão Simão Luís e comigo, deixando o padre Pero Francisco por missionário de São José. Passou em canoa para Tapuitapera, sem nenhum medo, e do mesmo modo pelas baías todas, por mais que fossem. Em Toque Emboque lhe deu uma onda ao peito e o molhou todo, o que vendo eu lhe disse galanteando: Padre visitador, esta paragem se chama Toque Emboque, por isso quiseram as ondas jogar com Vossa Reverência como sabedor deste jogo, para ver se era destro nele. Passamos pela Capitania do Gurupí, onde por então assistia o padre Bento Álvares com grande aceitação dos índios e brancos. Morava na residência nova, que, por ordem do padre Antônio Vieira, tinha feito. Era um belo quadro com sua igreja toda de taipa de pilão coberta de telhas, com sua hortinha no meio do pátio, e tudo mais com a maior perfeição que se pudesse desejar para uma aldeia.

Do Gurupí partimos para o Pará, onde era o padre Francisco Veloso subprior da Casa, e aí, acabando de fazer as janelas e portas para a igreja de taipa São Francisco Xavier, que estava ainda coberta somente de pindoba. Visitou a Casa e algumas aldeias somente, porque não passou do Cameté para cima, dizendo que estava com pressa para ir no navio que estava para partir e que detendo-se mais não chegaria a avistar-se com o padre Antônio Gonçalves, que tinha ido por comissário ao Brasil e havia de achar-se cedo em Lisboa, para lhe dar conta da sua visita. Antes da sua partida para o Reino, com seu companheiro, o irmão Simão Luís, que depois voltou ainda para a missão, declarou-me por subprior da missão, em lugar do padre Manuel Nunes e a esse por subprior da Casa; e como havia dúvida como se chamaria a igreja nova, seguiu o meu parecer, a saber, que a Casa se chamaria do Santo Alexandre, como se tinha chamado desde seu município, e a igreja de S. Francisco Xavier, porquanto a sua santa imagem fora sempre de posse da igreja velha e

determinou que assim fosse, dedicando-se então a igreja a S. Francisco Xavier e o altar colateral da banda direita à Virgem Senhora Nossa da Consolação e o da banda esquerda ao Santo Alexandre Mártir, cujo túmulo dourado logo se expôs à veneração.

Partiu aos 18 de setembro de 1669, muito bem aviado e levava umas oitenta arrobas de cravo para um sino grande e ornamentos; mas como pelo mar alto caiu em mãos dos pichelingues estes tomaram o que lhes pareceu. Nunca soubemos em que tinha parado esta tão boa carregação, em tempo que a arroba valia dezesseis mil réis livres para seu dono. Em tempo daquela visita gastou a Casa do Maranhão três mil cruzados que Manuel Beckman tinha pago em açúcar pela herança da terça que o pai de Maria de Cáceres lhe tinha deixado; verdade é que importava mais por ter sido João Pereira de Cáceres senhor de um engenho de mais de cem escravos, sobre o rio Meari, mas como os herdeiros fizeram pleito aos padres, querendo que várias cousas se haviam de tirar da terça e não do monte mor, como cuidavam os padres Antônio Vieira, Manuel Nunes e outros, entrando eu por subprior daquela Casa, vendo que depois das partilhas feitas gritavam os herdeiros contra nós, e provavelmente perderíamos esse pleito que corria no Reino, aconselhei ao padre subprior Manuel Nunes se compusesse amigavelmente, o que fez, presente o juiz dos Órfãos com toda[.....] de escrituras que estão entre os papéis do Colégio de Nossa Senhora da Luz; e foi singular benefício de Deus Nosso Senhor fazer-se esta amigável composição, porque feita ela e paga já a dívida, vem o pleito decidido contra nós, e se não fora serem os herdeiros muito amigos meus, haviam de ter reclamado para desfazer a composição feita, dizendo tinham sido os órfãos muito prejudicados por ela, e que os padres por terem de antemão notícia do que lhes vinha do Reino se tinham antecipado para levar aquele dinheiro que lhes não havia de ter sido dado por inteiro depois da vinda da decisão do pleito. Mas, como já dito fica, tudo se gastou naquela vinda do padre Visitador para pagar fretes, e outras cousas que se ajuntaram; porém, se perdeu a Casa do Maranhão, àquela ocasião, tanto, não perdeu menos a do Pará, porque o padre Veloso tinha mandado fazer cravo em Jacundá, mandando o irmão Marcos Vieira com o padre João Maria em companhia de Francisco Bicudo, homem de S. Paulo, umas duzentas arrobas, em tempo que a arroba dava a seu dono uns 14\$ livres no Reino, como

já tenho dito. Desaprovou o nosso muito reverendo padre-geral irem os irmãos ao cravo, permitindo-se mandassem a ele, sem nunca, nem o padre João Paulo de Oliveira nem nenhum dos seus sucessores proibirem essas viagens, pois eram dirigidas ao remédio das casas e cousas que o mato dá a todos sem agravo de ninguém; e por isto até os reverendos padres do Santo Antônio mandam sem nenhum reparo ao cravo ou cacau para os gastos de suas igrejas; e porque bom é saberem também os padres vindouros tudo o que se passou em anos atrasados, tocante às fazendas, por se ignorarem muitas vezes grandes pleitos em razão da ignorância de direito deles, pareceu-me pôr aqui uma composição amigável que o padre visitador Manuel Zuzarte presente o padre subprior da missão, o padre subprior da Casa, tinha feito com o capitão Manuel Soeiro sobre uma ponta de nossas terras de Jaguarari, sobre o rio Moju, chamado, Juquiri. Tinham Bernardo Serrão Palmela e sua mulher, Isabel da Costa, vendo-se já velhos ambos, feito deixa de sua fazenda toda, com terras e escravos, e todos os mais direitos, à Casa de Santo Alexandre, do Pará, em tempo do padre Francisco Veloso, então subprior dela, com condição que os padres os sustentassem enquanto vivessem, o que se fez a contento deles, até que Deus os levou para si, mandando-se depois fazer seus enterros com toda a honra, com os officios costumados, e avisando nosso muito o reverendo padre-geral para que os fizesse gozarem de tudo o que a Companhia dispõe em semelhantes matérias.

Tinha o dito Bernardo Serrão Palmela dado licença a uma honrada viúva de morar em Juquiri, com a qual vem a casar-se o capitão Soeiro, e tinha mais permitido ao Sargento-Mor Vicente de Oliveira fazer engenho em Juquiri, contanto que, feito, lhe moesse ali as suas canas, uns nove ou mais anos, e como nem lá se fez engenho nem se cumpriram as condições, ficou tudo como dantes estava, e estando as cousas em tais termos imaginando-se o Capitão Soeiro que as terras do sítio eram devolutas, as pediu como tais ao governador, o qual sem mais reparo lhas concedeu contra o direito do Bernardo Serrão Palmela. Este, sabendo o que se tinha passado, moveu logo pleito a Manuel Soeiro, alegando eram as terras suas por carta de data e sesmaria; nem Vicente de Oliveira em algum tempo alegou camisa alguma contra Manuel Soeiro, o que havia de fazer se as terras de Juquiri lhe pertenceram nem o Palmela as havia defender se entendera que já não eram suas. Achando o padre Manuel Zuzarte que o padre Francisco Veloso



corria com essa demanda, chamou a Manuel Soeiro para se compor com ele, e a composição foi avaliar-se esse sítio com a parte da terra que lhe tocava para se lhe pagar, e como os avaliadores a puseram em 40\$, ficou com ele que se lhe pagariam e com isso se partiu para o Reino. Porém, arrependendo-se Manuel Soeiro, foi com o pleito adiante, a final sentença, que se deu por Bernardo Nogueira de Sousa, juiz comissário daquela causa, por se dar Martinho Moreira pôr suspeito; a sentença, porém, que se deu foi de sorte que parecia pôr de parte Manuel Soeiro, e assim o avisou um letrado do Maranhão, pôr nome Alonso[...] o qual por suas trapaças foi mandado da Câmara para o Reino, e eu, como subprior, indo logo visitar o Maranhão, mostrei ao juiz comissário como sua sentença era ambígua, e tinha obrigação de a declarar, alegando-lhe as leis que assim o mandavam; escusou-se, dizendo terem-lhe dado uns certos religiosos de conselho que desse sentença ambígua, nas declarando-a a deu contra o Soeiro e claramente por nós; avisei depois a Manuel Soeiro escrevendo-lhe que se queria os 40\$ lhos daria, estando pelo contrato feito pelo padre visitador, o quando sua mercê não quisesse mandaria logo passá-la pela chancelaria, e despejar a ele sem lhe dar cousa alguma. Com este aviso favorável imaginou-se Manuel Soeiro que eu fazia isso por estar de mal partido no pleito, e respondeu-me que havia de fazer em Juquiri um engenho real, com que mandei logo a sentença ao padre subprior da casa do Pará, Bento Álvares, com ordem de ir logo tomar posse em virtude dela, e mandei despejar Manuel Soeiro, o qual vendo que não havia já remédio despejou muito a seu pesar o que mostrou assaz, cortando seus escravos até umas laranjeiras que lá tinha plantado pelo sítio. Os herdeiros de Vicente de Oliveira vieram com algumas pretensões, alegando que Bernardo Palmela dera esse sítio a eles para engenho; mas como nunca fez engenho, nem se cumpriram as condições, nem ele acudiu quando Rui Vaz o deu como devoluto a Manuel Soeiro, nem tratou de lhe tirar nem acudir ao pleito dos padres contra Manuel Soeiro parece que não tem nada que pretender; acrescenta-se que Vicente de Oliveira deixou avaliá-lo pelos avaliadores e pagá-lo pelos padres se Manuel Soeiro não se arrependesse do contrato.

Os padres do tempo vindouro têm com que se defender, quando acaso lhes quiserem armar pleitos, porque lhes ficam em mão todos os papéis em que se fala desta matéria, e os que correram antes dos de Manuel Soeiro.

.....

### *Capítulo III*

#### MUDA-SE O SUPERIOR DA CASA, E SE VAI APERFEIÇOANDO A IGREJA NOVA

**C**ONSIDERANDO o padre subprior a igreja imperfeita, e a Casa ameaçando ruína, depois de ter ido já o padre visitador para o Reino, e o padre Francisco Veloso para seu governo de Nossa Senhora da Luz em Maranhão, logo tratei de aperfeiçoar a igreja em primeiro lugar e depois disso mandar levantar e cercar a Casa com muro para clausura religiosa visto os paus-a-pique a cada passo se furtarem e apodrecerem, deixando uma pensão perpétua de quotidiano cuidado, que se não fazia sem grande incômodo e trabalho dos irmãos e gente do serviço. O padre Manuel Zuzarte, visitador, tinha deixado o padre Manuel Nunes por subprior da Casa de Santo Alexandre do Pará, achando-se ele cansado pela muita idade e achaques, e portanto com dificuldades para acudir às obras que eu forçosamente pretendia fazer, pediu-me encarecidamente que o quisesse aliviar do cargo; respondi-lhe que bem via a muita razão que tinha, mas como por mim se lhe não podia despachar sua petição, alegasse por escrito suas razões para se ouvirem em consulta, para se deferir a ela com o devido acerto; fê-lo ele assim, deu suas razões por escrito, as quais bem ponderadas, em consulta, foram achadas bastantes

para eu o poder aliviar, principalmente em tempo de obras que requeriam um homem moço e esperto, também entendido em matéria de ofícios.

Aliviei pois ao padre Manuel Nunes e o mandei com o irmão Baltasar de Campos, para a residência de S. João Batista do Cametá, onde havia muita gente, assim de brancos como de índios, e mais bons ares, boas águas, muito peixe e carne e tudo o mais a seu gosto.

Pus em seu lugar o padre Bento Álvares, homem de boa idade, robusto, prudente e já versado em obras, pois tinha feito a bela residência do Gurupi; e para que tivesse quem o ajudasse e fosse também bem entendido naquela matéria, dei-lhe por diretor das obras o irmão Manuel da Silva; com isto se foi o padre Manuel Nunes com o irmão Baltasar de Campos, para o Cametá, e o padre Salvador do Vale para o Gurupi, ficando ambos muito contentes com sua sorte e os índios e moradores brancos muito satisfeitos todos.

O padre Bento Álvares, logo que entrou no governo, mandou acabar as portas e janelas da igreja, rebocar e ladrilhar a capela-mor, e como se ia chegando a festa de São Francisco Xavier, tomei à minha conta o sermão e o altar-mor, e o irmão João de Almeida, os altares colaterais à conta sua. O altar-mor era de Cristóvão Domingos, que tinha feito a igreja, e os altares debaixo os pintou belamente o irmão João de Almeida, que, por ter sido companheiro de um engenheiro, sabia debuxar e pintar muito bem. O altar-mor se fez em três para quatro dias e durou até o presente ano. Os colaterais também se acabaram a tempo, mas como eram de papel e a cada passo se bulia com eles botaram-se a perder.

Benzi a igreja nova, e ornou-se ricamente para a festa do santo, na qual preguei, sendo o auditório muito grande, pelo concurso de gente a essa novidade.

Depois disso deu-se ordem a se fazerem as casas em roças de Jaguarari e Mamaiacu, para onde o padre Francisco Veloso tinha feito mudar a roça, e como na aldeia de Carnapió não havia índio nenhum, mandei o padre Bento Álvares se aproveitasse da telha e tudo mais da igreja e casa, o que logo fez para que nada se perdesse, tirando de lá o altar e o banco de comunhão que mandei pôr na nossa roça de Jaguarari. Feito isso, tratou-se de cortar as madeiras para cobrir as casas e varandas do pátio, que tinha mandado fazer; para esse efeito elegeu-se

Antônio, índio carapina bizarro, o qual tinha feito a residência de Gurupi, e era tão destro em seu ofício que nem branco lhe ganhava, e este Antônio, que Deus o tem, é que fez o madeiramento todo, assim para a igreja como para a casa e varandas ao redor, estando a igreja e casas, dantes, cobertas de pindobuçu ou palmeira grande.

Tudo isso, porém, depois de se ter levantado uma parede nova de taipa de pilão, da banda do mar e corredor, e este com um muro todo ao redor, correndo com as obras o irmão Manuel da Silva, com muita diligência; no mesmo tempo quase, mandei endireitar o muro do pátio com enchimento de pedaços de telhas com cal, abrir a portaria ao meio, uma janela nova por cima e em o corredor, e fazer a escada que hoje serve para a sacristia, tirando outra dobrada que impedia a ambos os corredores; no teto houve falta por lhe dar o irmão a ambos os corredores; em o teto houve falta por lhe dar o irmão Manuel da Silva o ponto mui alto.

.....

## *Capítulo IV*

CHEGA O PADRE GASPAR MISSEH COM O CABO  
E SARGENTO-MOR, JOÃO DE ALMEIDA FREIRE, DA  
TROPA DOS POQUIZ ANTES DA FESTA DO SANTO XAVIER

**T**

INHA ido, o ano antecedente, uma tropa de brancos e índios para as terras dos poquizes, situados pelo rio dos Tocantins adentro, tendo o sargento-mor Freire por cabo, e o padre Gaspar Misseh como missionário dela e esta chegou ao Pará ainda em 1669, com alguns índios alforriados e outros escravos; e porque é bom ter inteira notícia de todas as entradas que fizeram os nossos padres, quero aqui relatar brevemente o que dela me relatou o mesmo padre missionário.

Foi a tropa bem aviada de tudo pelo rio dos Tocantins acima, e chegada que foi ao porto do caminho que leva para as terras do sertão dos Poquizes, acharam lá um igarapé ou riacho, em cujo fundo estavam várias pedrinhas de cores, entre as quais dizem dera um soldado com uma, que foi avaliada nalguns tantos mil réis em Portugal. Deste porto foram caminhando, por matos e brenhas, uns perto de oito dias, sempre a pé, com grande fadiga e trabalho, assim o cabo com o padre missionário e índios todos, passando rios e campinas, pelas quais se acharam belas pedras de cristal à flor da terra, sinal mais certo que muito maiores achariam se buscassem cavando. Chegados já para mais perto das aldeias

as, fortificou-se a tropa, por andarem levantados os poquizes com medo dos brancos dos quais se não atreviam de fiar. Vinham os espias de noite ver a caçara para reconhecer o que se passara e retiravam-se outra vez, pelo que os cabos com os que iam na tropa suspeitaram que lhes queriam dar e buscavam ocasião para isso; e de fato, uma índia moça deu por informação que uns tinham vindo com essa tenção, pelo que os prenderam, e os fizeram confessar debaixo dos açoites como tinham vindo para queimar a caçara ou casa-forte dos brancos. Com isso, cativaram os traidores, trazendo outros parentes deles por alforriados. Ajuntaram-se quantidade de poquizes, de sorte que meteram medo à tropa, a qual, vendo que era muito o poder dos índios, foi-se retirando, e não há dúvida que se se atrevessem a acometê-la, ela havia de ter tido seu trabalho, e mais quando, por desastre, indo uns soldados descuidadamente tirar pólvora do barril, caiu uma faísca dentro, com que, em um instante, acendendo-se toda, matou um e queimou outros mais chegados. Uma noite, estando a tropa quieta e tendo consigo um poquiz preso em grillhões, com esporas às mãos, com tudo isso ainda teve ânimo de atrever-se a pegar em uma espingarda, que estava junto a ele e ao padre missionário para lhe tirar a vida com ela; deu o padre um grito, com que, acordados os soldados, logo mataram o bárbaro em castigo de seu atrevimento. Com isso não obraram mais cousa de consideração pelas terras dos poquizes, e, voltando atrás, por onde tinham vindo, foram aos araracajuz de onde trouxeram muitos arcos e flechas com uns escudos largos e compridos, todos empenados com belas penas. Os alforriados que trouxeram se meteram na aldeia de Mortigura com seus parentes, e os escravos repartiram-se, conforme cabiam a cada um; por direito, o sargento-mor João de Almeida Freire levou um bom quinhão e em agradecimento do bom sucesso mandou cantar uma missa na igreja de Santo Antônio, com sua pregação, em ação de graças pelo bom sucesso de sua viagem; foi gabado do pregador como se tivera feito grandes proezas, comparando-se com os antigos mais valentes guerreiros.

O padre missionário trouxe uma perigosa doença da qual com o favor do Céu escapou para ir assistir aos ingábas, com os quais esteve anos, com muita satisfação, dando sempre muito boa conta de si, e de tudo que os subpriosos lhes encomendaram. O irmão João de Almeida, que tinha acompanhado, veio são e valente, e depois de uns

dias de descanso, pintou os altares colaterais, e, passada a festa de S. Francisco Xavier, se foi acompanhar o padre Manuel Nunes ao Cameté, onde assistiu com ele algum tempo; trouxe aquele irmão uma bela e grossa pedra de cristal das terras dos poquizes, e disse que à flor da terra se descobriram muitas, que é um sinal manifesto haver por lá minas de cristais, cousa tão estimada pelo mundo todo por sua beleza e grande utilidade, como os vidros, espelhos e outras obras, e curiosidades muito grandes. Quis apontar isto aqui para dar notícia dela aos vindouros, para que, quando se quiserem aproveitar delas, saibam onde as poderão ir buscar sem perder o tempo e trabalho.

São as terras dos poquizes muito boas para mantimentos, porém como correm pelo sertão dentro e não têm rios grandes são faltas de peixe, nem ouvi terem cousa de consideração, tirados os seus cristais; não faltam nações de vários tapuias que com elas confinam.

Deus os traga para a luz de nossa santa fé, e dê meio a seus missionários para pô-los em caminho de sua salvação, dando algum descanso aos poquizes já descidos, para que, afeiçoados às terras dos brancos, se animem a guiá-los para os ir descer para baixo, junto às povoações.

.....

## *Capítulo V*

O PADRE SUPERIOR DA MISSÃO VISITA AS  
ALDEIAS TODAS, LEVANDO EM SUA COMPANHIA  
O PADRE PERO LUÍS E O IRMÃO DOMINGOS DA COSTA

**C**OMO o padre visitador Manuel Zuzarte me tinha encomendado que visitasse em seu nome toda a missão que lhe ficava para visitar da banda do Pará, querendo eu pôr logo em execução as suas ordens, me meti em caminho com o padre Pero Luís, que depois havia de ficar na missão do Xingu.

A primeira residência que tomei foi a de S. João Batista em Cameté, onde estava por missionário o padre Manuel Nunes com o irmão João de Almeida; não achei que dizer senão muitos louvares do bom zelo, porque estava a igreja bem limpa e ornada, com seus índios quietos e contentes. Tinham chegado a essa aldeia, cujo donatário era o governador Antônio d'Albuquerque Coelho de Carvalho, e um filho seu, bastardo por capitão dela, uns índios do sertão daquele rio dos Tocantins, os quais eram sobejos de umas duas aldeias de sua nação, que pouco antes tinham levado de suas terras, à viva força, os paulistas para S. Paulo. Estes vinham em busca dos padres missionários da Companhia a que chamam pais, e porque o dito capitão Antônio de Albuquerque se opunha, por meio do principal da aldeia, dizendo vinham buscar a ele,



não tratou mais deles, para escusar pendências, e assim se foram os índios, sem ficar nem de uma, nem de outra parte. Veio me visitar o capitão e mandou seu presente, eu lhe agradei por meio do padre Pero Luís, e despedindo-me, fui para a residência dos bocas, que tinha começado o padre João Maria, fazendo lá igreja e casas, e tinham ocupado os padres de Nossa Senhora das Mercês, com licença de Feliciano Correia, capitão-mor do Pará, sob capa de ir fazer uma pescaria por aquelas paragens muito fartas de peixes e de tartarugas, e estava lá residindo atualmente o reverendo padre João da Silveira, por missionário, da parte dos seus preladados. Como estava ausente ajuntei os índios que havia para doutrina da tarde e ao cabo lhes disse, que eu era seu pároco verdadeiro e que os padres das Mercês não o eram senão com licença minha que lhe concedia, para lhes poder administrar os Sacramentos enquanto não tivessem missionários da Companhia. Dos Bocas nos encaminhamos para os Ingaíbas ver o padre Gaspar Misseh, e de lá à Fortaleza do Gurupá, onde mandei que se tirasse um sino pertencente aos padres, que o capitão-mor Antônio Pacheco tinha levado para a igreja daquela fortaleza, tirando-o da aldeia da Tapará, que se ia acabando; tentou o capitão-mor ver a sua igreja da fortaleza com sino, mas não se atreveu a opor, sabendo muito bem que era nosso, e o tinha levado Antônio Pacheco, com termo feito e juridicamente como tal. Este sino o levei comigo ao Xingu, onde o padre Pero Luís havia de residir, acabada minha visita, na qual me acompanhava, por ver as aldeias dos rios das Amazonas, que também por falta de missionário haviam de correr por sua conta. Ajuntei os índios da aldeia do Xingu e lhes mostrei o missionário que daí a pouco haviam de ter, e feito tudo o mais que requeriam as circunstâncias, nos passamos para Iaguaquara, Urubuquara e Gurupatiba, onde levantamos uma bela cruz, com toda a solenidade. Acabadas as funções ordinárias, que eram doutrinar, fazer casamentos e batismos e ajudar aos moribundos e consolar os vivos, animando-as todos com umas dadivazinhas e gotas de aguardente que estimam sobretudo, passamos para os Tapajós, a minha primeira missão, que tinha tido na era do ano de 1661. Vieram os índios muito alegres a receber-nos com seus presentes de farinha e frutas, e acabada esta sua cortesia costumada, retiraram-se outra vez, sem esperar o retorno. Chamei-os então e disse-lhes: filhos, estando eu convosco, de residência, não vos dava nada quando me trazias os

vossos presentes, porquanto estava falto de tudo, agora que venha com mais alguma cousa, vinde, que vos quero consolar com o que trago como Paiuaçu; quer dizer, padre grande, como eles chamam ao padre superior da missão.

Dos Tapajós subimos seis dias para cima, para os Tupinambaranas, que por aquele tempo moravam em uma ponta sobre o rio das Amazonas; aí estivemos doutrinando, batizando, casando[...] uma igreja[...] de S. Miguel. Estando cansados com os muitos trabalhos do dia, mandei os remeiros que levassem a canoa grande em que íamos pelo meio do rio, que por aquele tempo estava quieto, e nós à boca da noite nos fomos por dentro dela, cuidando que por meio desta prevenção não nos perseguisse tanto a praga de mosquitos, que não deixavam descansar a ninguém; porém, foram nos seguindo, tanto que não houve padre nem ainda índio que pudesse fechar olho para dormir; o que vendo eu que levava em nossa companhia um índio, par nome Tomás, trombeteiro, mandei-lhe tocasse trombeta, virada para banda de um outeiro, para com a agradável correspondência do eco que aí havia, passarmos a noite com algum alívio, ou ao menos com menos moléstia pelo divertimento que causou. Estando já noite fechada, pareceu a aldeia, um abrasado incêndio e muito maior ainda pela madrugada, e ouviam-se grandes choros de meninos, com confusões de várias vozes; aclarando já o dia, perguntei ao branco Manuel Coelho que nos acompanhava por seus negócios, que causa tinham tido esses gritos e fogos da aldeia à noite passada; respondeu-me que os fogos que tinha visto eram os que os índios tinham feito debaixo de suas redes para se defenderem dos mosquitos, e que as gritas tinham sido os meninos e meninas, que, molestados das picaduras deles, estavam chorando.

Com isso fomos dizer missa e fazer doutrina à aldeia aos índios todos, e como lhes falamos da grande praga de mosquitos, pediram-me que os excomungasse para que se retirassem para outra parte. Respondi-lhes dizendo: Filhos, os mosquitos estão em sua terra, não se lhe dão de excomunhões como vós outros, que sois entendidos, tirai-vos daqui e mudai-vos para outra parte. Assim o fizeram e se mudaram para terra dentro, onde estão até o presente, em lugar alegre, de bons ares, terras, águas, mantimentos, peixe, frutas, tartarugas, e com menos pragas de mosquitos. Não fomos mais para cima dos Tupinambaranas, por-

que só os missionários que iam com as tropas chegavam para mais longe àquele tempo, mas rocolhemo-nos e chegados aos Tapajós, veio Maria Moacara, principaleza, com os principais e cavalleiros, visitar-nos, mostrando-nos uma bela gola de seda toda, que o novo governador lhe tinha dado na visita que lhe tinha feito; deu-me também parte de umas pazes que ia fazer com umas nações, dizendo necessitava para isso de um frasco de aguardente, o qual lhe mandei dar logo, para esse fim. Aconteceu uma cousa digna de se referir em tal ocasião, e foi que, batizando eu, com o padre Pero Luís, as crianças dos cristãos, houve uma índia que, sabendo-o, logo fugiu para o mato com a sua, para que não batizasse. Mandei-a buscar e vindo ela lhe perguntei por que razão, sendo cristã, se tinha fugido, respondeu-me que reparara que as crianças que eu batizara em anos atrasados morriam muito, e se fugira para que não morresse também a sua. Desenganei-a, então, mostrando-lhe a necessidade e o grande bem da água do batismo, com que, consolada e desenganada, logo ofereceu sua crença para receber o santo batismo, como as demais. Deste modo fomos indo pelas outras mais aldeias, dando cumprimento à vista que, louvado seja Deus, teve muito bom sucesso. Logo que chegamos com saúde à cidade do Grão-Pará, mandei o padre aviar ao padre Pero Luís de tudo o necessário para sua viagem e residência do Xingu, para a qual partiu com grande gosto, levando por companheiro o irmão João de Almeida, vindo do Cameté, onde tinha estado com o padre Manuel Nunes, indo em seu lugar. Depois de uns poucos de dias, dei ordem ao padre Bento Álvares, superior da Casa do Pará, de levantar uma parede da banda do mar, e fazer um pátio da banda da cidade, e cercar o quintal com um muro. E com isto parti para visitar o Maranhão, levando por companheiro o irmão Marcos Vieira, que, muito havia, assistia na cidade do Pará. Fomos em canoa bastante com uns remeiros jacumaíbas, e um piloto, que era Filipe Cosme, da aldeia de Maracanã, tido desde então por um dos melhores pilotos que havia por aquele tempo. Fomos navegando belamente até entrar o igarapé de Toque Emboque, e como não achamos já águas para passá-lo, para não estarmos esperando por elas uns três dias, levou-nos os pilotos com consentimento meu, por onde se navegava sem perigo. Fizemo-nos logo ao mar e achamos tantas ondas encapeladas que iam quebrando contra a canoa, ao largo de todas elas, que nos achamos perdidos todos, vendo

eu isto, animei o piloto e remeiros que fizessem sua obrigação, e mandei ao irmão Marcos Vieira lhes desse de beber uma gota de aguardente, e ao capitão Domingos de Almeida, que vinha em a canoa, que botasse água fora, pegando eu em um belo painel em que vinha retratado S. Francisco Xavier, meu padroeiro, por esses caminhos da visita por mar, opondo-o à fúria das ondas que vinham, uma após a outra, sobre nós e se quebravam todas contra a canoa. E foi caso raro que por benefício do santo não nos alagou a canoa nem se nos perdeu cousa alguma pela muita água que lhe entrava dentro, isto sem embargo de ter durado esta fúria das ondas mais de um tiro de espingarda por toda a costa brava daquela ilha. Descabeçaram, finalmente, as águas, tanto que ficaram em seco, e logo com a enchente nos puseram da outra banda da baía, sem nenhum perigo, sendo ela de si muito perigosa, e assim chegamos a salvamento à residência do Gurupi, onde residia já o padre Salvador do Vale, com agrado e satisfação. De lá partimos a Tapuitapera e, atravessando a baía em canoa, estando quase cheia a maré, levantou-se-nos na travessia um vento tão rijo que metia medo a todos, mas levantando outra vez o retrato do meu santo para o ar, moderou-se de tal sorte que, admirado, o capitão Domingos de Almeida Figueiredo disse que parecia levávamos os ventos em um saco; com que passamos belissimamente, e fomos tomar o porto de nossa Casa do Maranhão, com todo o sossego que se podia desejar.

.....

## *Capítulo VI*

O QUE O PADRE SUPERIOR DA MISSÃO OBROU  
VISITANDO A CASA DE NOSSA SENHORA DA LUZ  
DE S. LUÍS DO MARANHÃO

A

ESTE capítulo pertencia o que em outro atrás se tem dito do pleito sobre as terras de Juquiri, que Bernardo Palmela Serão e sua mulher Isabel da Costa, que Deus tem, deixaram à Casa de Santo Alexandre do Grão-Pará, mas como bastantemente, fora referido tudo, passo a dar a notícia do que se obrou no mesmo tempo em bem da Casa do Maranhão. Havia umas trinta ou mais cabeças de gado pertencentes à casa na ilha de S. Francisco, que está defronte dela, onde assistia um tapanhuno chamado João Velho, homem de bem e que pelo ano de 1661 tinham tirado do governo da roça de Anindiba, pondo o seu filho Francisco Velho, cafuzo, em seu lugar; assistia com ele o pescador Filipe ... e sua mulher, com os filhos de João Velho, o Filipe cuidava do gado e tudo, assim para largá-lo para o pasto pela madrugada, como para tirar-lhe o leite e encurralá-lo antes da noite, e como esta ilha estava com falta de água para o dito gado sem se poder achar remédio para esta necessidade, pois não bastavam os tanques que o irmão João Fernandes tinha feito, tratei de comprar as terras de São Marcos que por

um alagadiço confinam com a ilha, e pertenciam a dona viúva Maria Sardinha e seus herdeiros; porém estavam ocupados por um curral de gado que ali tinham os reverendos padres de Nossa Senhora das Mercês, que as tinham aforadas à razão do pasto e águas para o seu gado, que um irmão leigo guardava, estando lá de assistência, com suas casas postas na descida do outeiro de S. Marcos, cuja ermida era freqüentada com romarias contra as febres, dos moradores do Maranhão, com tanta fé das mulheres, que, sendo a imagem do santo de vulto e feita de barro, a comeram quase toda, levando-a pouco a pouco em pedacinhos para a comer. Informei-me da dona viúva Maria Sardinha, se os reverendos padres das Mercês tinham algum direito sobre as ditas terras, porque mostravam uns escritinhos que lhes tinha dado um seu procurador, em que lhes dizia que lhas havia de vender; respondeu ela que nenhum direito tinham e que estes escritinhos eram passados sem nenhuma ordem sua, nem ela queria vender suas terras a eles, mas se as viesse a vender, seria aos reverendos padres de Nossa Senhora da Luz, como já tinha dado palavra, quando muitos anos antes lhe falara sobre esta venda o padre Mateus Delgado, sendo Superior da dita Casa. Ouvindo esta resposta, disse-lhe eu que visto as terras estarem desimpedidas, e ela ter tão boa vontade para a Casa de Nossa Senhora da Luz, considerasse bem seu filho João Sardinha e sua filha F. Madeira se lhe estava bem vendê-las a mim e, achando que sim, me mandasse avisar para se escolherem avaliadores das ditas terras depois de terem ido comigo a vê-las todas; por isto ficou, e passadas umas cinco para seis semanas, mandou-me dizer que estava resolvida a vender as terras de S. Marcos e elegeisse dois homens que fizessem vistoria delas e as avaliassem ao preço em que ambos ficaríamos; respondi-lhes eu elegeisse ela, por que se não dissessem depois que escolhera eu homens de minha parcialidade; elegeu ela logo a André Cordeiro e João Monteiro, que eram os mesmos dois que eu tinha vontade de nomear. Fui pois eu e o irmão de Manuel Sardinha com João Sardinha e os ditos avaliadores, ver as terras, correndo os altos e baixos delas, desde o princípio até o cabo, e depois de vistas, as avaliaram os avaliadores em cento e vinte mil réis, os quais logo lhe mandei pagar em seiscentas varas de pano de algodão. Souberam os reverendos

padres das Mercês e seu comendador frei Luís Pestana meteu logo petição ao juiz ordinário, que era então Bartolomeu Barreiros, para se proibir aos escrivãos de fazer escritura; mas a dona viúva fez outra petição de queixa ao ouvidor-geral, o qual deu uma repreensão ao juiz por ter procedido incivilmente e mandou que todos os escrivãos do número pudessem fazer a escritura que eu quisesse sobre as terras de S. Marcos; com isso se fez a dita escritura de venda e pagamento e se foi tomar posse da terra pela Justiça, indo comigo o irmão Manuel da Silva, André Cordeiro, João Monteiro e capitão João de Morais Lobo e guardando-se todos as cerimônias que prescrevem as leis do Reino. Começam estas terras da primeira lombada sobre o mar, para banda da ponta de João Dias, onde está hoje a fortaleza de Santo Antônio, e acabam nos canaviais, para a banda de Maria Sardinha, tudo conforme reza a escritura e carta de data e sesmaria, que estão entre os papéis da Casa do Maranhão. Armaram-nos os reverendos padres das Mercês pleito para mostrarem ser nula a venda e compra daquelas terras, mas, vencidos sempre em todas as instâncias, até que, vendo claramente sua pouca justiça com que se defendiam, desistiram finalmente do pleito, e para se não tirarem de tudo daquela banda, compraram uma sorte de terras junto à Casa de Nossa Senhora da Luz e as demarcaram, como se dirá em seu lugar, mas como lhes não foi de proveito, a venderam anos depois ao Colégio, sendo eu pela terceira vez reitor dele.

.....

## *Capítulo VII*

CONTINUA-SE O MAIS QUE O PADRE  
SUPERIOR OBROU, ESTANDO DE VISITA AO MARANHÃO

**M**ANDO por aquele tempo o padre comissário da Confraria de Nossa Senhora do Socorro cartas com poderes do Reino para a instituir por todo o Estado do Maranhão, e assim logo a instituiu em dia de Nossa Senhora da Luz, havendo sua festa com a do Orago da igreja. Não é crível com quanta devoção foi aceita de todos, acentuando-se aí os irmãos da Confraria da Senhora da Luz, os seculares até os estudantes e os nossos quase todos com os mais religiosos, exceto os de Santo Antônio, dos quais não me lembra ter-se assentado algum. Foi-se propagando essa devoção com tanto fervor que não houve quase quem a não tomasse, pelo muito que lhes encomendei em meu sermão da festa da Senhora, que institui, então, de Nossa Senhora da Luz e Terço do Socorro; e porque ainda a Confraria de Nossa Senhora da Luz não estava incorporada e de Roma a tinham feito incorporar, vindo-me de lá bula de aceitação com todas as indulgências que se participam, estas li aos irmãos e mandei se expusesse nas festas do Orago às portas das igrejas, com a instrução da Confraria do Socorro, e assinando o modo que haviam de guardar para a aceitação dos irmãos. Tinham este dispos-



to no princípio do compromisso da Confraria de Nossa Senhora da Luz, que ela não aceitasse irmão algum de que houvesse mínima suspeita de nação, mas como isto era causa que muitos se retiravam, tirei aquela condição, dizendo que Nossa Senhora do Socorro a não tinha, e assim a não tivesse a Confraria de Nossa Senhora do Terço, nisto se ficou, porque a não ser assim se havia de expulsar vários que estavam assentados e não se podia, pelos mais, continuar a confraria. Prescrevi-lhes também as regras que se costumavam guardar nas solenidades ou confrarias da Europa, e lhes li a todos com grande sua aceitação; mas como esta terra não é capaz dessas cousas por morarem os irmãos comumente em suas fazendas, não houve lugar para se poderem guardar.

Era o padre Veloso reitor do Colégio naquele tempo, em que, por eu ter escrito a Roma que as casarias se podiam chamar colégios e os subprios das reitores, por terem os requisitos para isso, concedeu o nosso muito reverendo padre João Paulo Oliva licença para se chamarem assim dali por diante. O padre Veloso, primeiro reitor do Colégio, pediu-me com os irmãos da Confraria, que também instituísse a devoção das quarenta horas que a Confraria há de fazer à sua custa. Tive eu para isso alguma repugnância dantes, por parecer-me não haveria quem fizesse e continuasse a fazer os gastos e não são pequenos, e com o tempo podiam vir a cair às costas do Colégio; mas como quer que, assim o padre reitor, como a direção da Confraria, como o prefeito e assistente e mais irmãos, instaram fortemente, instituí então com eles as quarenta horas para sempre, e porque os gastos não fossem tão molestos, fiz que esta Confraria se juntasse com a de Nossa Senhora do Socorro, porque como esta havia de fazer uma festa no ano, fosse no dia de Nossa Senhora do Terço em dia de Nossa Senhora da Luz, e porque aquele dia há jubileu e indulgências plenárias, alcancei de nosso muito reverendo padre-geral que as da Confraria se pudessem deferir e ganharem no domingo seguinte. Isto assim ficou, fazendo-se as festas com tão grande solenidade, que nem as de Lisboa lhes ganham em devoção, porque nos dias das quarenta horas, em tempo de entrudo, há tanto concurso em nossa igreja, que é cousa para dar graças a Deus, assim por isso como por não se achar pela cidade desordem alguma. Desencerra-se pela manhã o Senhor exposto em seu trono, bem adornado com sua música e missa cantada, com pregação à tarde, pelas duas horas, por serem as ma-

nhãs impedidas com muitas confissões e mais comunhões, e para que se possa continuar sempre a devoção por todo o dia, retirando-se gente para tornar um bocado, assistem aquelas horas os religiosos e estudantes com os músicos, os quais, depois de um bom jantar, que lhes dá a Confraria, em uma casa perto da igreja, cantam seus motetes, acabada a pregação, cantam-se as completas e as ladainhas e se encerra o Senhor, e pelo mesmo modo se passam os mais dias, tirando o dia terceiro em que há procissão pelo terreiro, acompanhando os religiosos e clérigos e todos os seculares, assim homens como mulheres, o Santo Sacramento e a imagem da Senhora, que eleva em sua carola, e ao cabo de tudo, cantando-se *Tantum ergo*, dada a bênção do Senhor, se recolhem todos para suas casas com tanta modéstia pela cidade como se não fossem dias de entrudo, em que pelas outras terras parece andar o Inferno todo solto para procurar aos homens as ofensas de Deus Nosso Senhor. Por meio desta devoção já se acha o povo todo muito disposto para a Santa Quaresma; ela é as tardes nas domingos e práticas nas sextas-feiras, depois das Ave-Marias, à boca da noite, com tanto concurso que não cabe a gente na igreja e está pelas ruas. Não falo das lágrimas que se derramam, principalmente nos colóquios que se fazem ao cabo, mostrando-se uns passos de umas imagens de vulto feitas em Lisboa, tão perfeitas que não há outras iguais. Tenho corrido muitas terras e visto o que ali se faz em tempo da Santa Quaresma, e confesso que lá se revê o Maranhão em aparatos, concursos e músicas; porém, não nas lágrimas que se choram até desmaiarem algumas pessoas: não tenho visto cousa semelhante. Não falo aqui das procissões dos Passos dos Terceiros e do Senhor em quinta-feira de Endoenças, com seus sepulcros disciplinantes e penitentes de muita casta, porque essas cousas se não usam em outras terras, fora Castela e Portugal e seus Estados. Não quero julgar em que parte haja mais devoção e serviço de Deus, porque julgar isso a só Deus Nosso Senhor pertence, pois conhece os corações; mas, tudo considerado acho que se a demonstração exterior é maior em Portugal e em suas conquistas, no interior é maior nas outras partes, porque lá se acha maior observância da lei de Deus e de seu Rei, que nestas partes ultramarinas, onde parece que, passadas aquelas ações exteriores, ainda solto o Inferno, todo com pouca ou nenhuma emenda. Isto digo como testemunha de vista em trinta e sete anos que assisto em este Estado do Ma-

ranhão, onde se bem vi muita devoção exterior pelas festas, nunca achei melhoria das vidas e parece se cumpre à letra o que lá diz Horácio, que os filhos são piores que os pais, e os netos piores que seus avós; e é certo que os primeiros conquistadores desta terra achei todos homens sinceros e modestos, e os seus filhos e netos tão diversos, que não parecem filhos nem netos de quem são. A instituição das quarenta horas no Maranhão se deve ao zelo do padre Francisco Veloso, porque é certo que se ele não instara tanto não a instituiria, por me parecer que mal se havia de continuar, em razão dos grandes gastos em tão pobre terra.

.....

## Capítulo VIII

VAI O PADRE JOÃO MARIA GORSONI COM O  
IRMÃO MANUEL RODRIGUES E DESCE BOA PARTE DOS  
GUAJAJARAS DE SEU SERTÃO PARA A RESIDÊNCIA DE  
NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO IMACULADA,  
SOBRE O RIO DO PINARÉ E ALDEIA DE CAIRITIBA

**E**STANDO o padre João Maria Gorsoni, missionário dos guajajaras em Cairitiba, aldeia do rio Pinaré, como via que faltavam muitos índios já descidos pelo padre Manuel Nunes, mandou praticá-los para se descerem, e como teve notícias que se queriam descer foi, com licença minha, em pessoa, buscá-los, como bom pastor que ia em busca das ovelhinhas perdidas, levando consigo o seu companheiro, o irmão Manuel Rodrigues, natural da ilha de S. Miguel, com canoas equipadas de índios, providas de mantimentos e tudo o mais bastante para o efeito que intentava. Partiu do Cairitiba pelo rio acima sem dificuldades nos princípios, mas depois de dar em umas verduras de folhas largas, a modo de aguapés a que chamam *muruzes*, achou-se obrigado a abrir caminho à força de braços e machados, com trabalho imenso até o porto do sertão dos que ia buscar. Chegado que foi ao porto, deixando lá as canoas, e carregando os índios os mantimentos e mais cousas necessá-

as às costas, foram caminhando a pé, por terra, cinco dias de jornada, por chuvas e sóis, por espinhos e lagos, até chegar finalmente à primeira aldeia de Capitiba. Folgaram muito os bárbaros de ver os padres e mais seus parentes em sua companhia; o padre como missionário zeloso, que aborrecia dilações, ajustou logo com todos os principais e praticou-os para virem para baixo com ele, para serem filhos de Deus, e não morrerem por aqueles matos como uns animais brutos, feitos o sustento do lobo infernal. Eles, como estavam já com notícia dos intentos do padre, havia muito tempo, não se puseram a deliberar muito o que já tinham resoluto e determinado consigo, e era que, ficando uns para verem o sucesso dos primeiros, iriam os outros com mulheres e filhos para morarem sobre o rio do Pinaré, com condição porém, que nunca se obrigariam a servir os brancos, mas estivessem aldeados à parte, não mais que para serem doutrinados o feitos filhos de Deus pelos padres missionários, que a não ser isso não se queriam descer, pois estavam em seus matos muito livres e fartos do necessário para o sustento da vida.

Veio a isso o padre João Maria e lhes deu palavra de lhes fazer cumprir estas suas condições sem nenhuma falência. Com isso se embarcaram, poucos dias depois, em boa quantidade, com suas mulheres e filhos em canoas que se tinham deixado no porto à vinda e outras ligeiras, que fizeram para este efeito com toda pressa. Não é crível quanto padeceram os padres durante a jornada, com tanta gente que levaram a seu cargo. O padre João Maria, para alegrá-los pelo caminho, lhes tocava uma gaitinha, que toca perfeitamente bem por solfejo, e o irmão lhes dava do comer por suas próprias mãos, com que lhe pegaram as bobas de umas crianças, das quais se bem se curou depois, contudo ficou muito maltratado delas até o presente.

Tinha o padre João Maria dado ordem aos da aldeia, que o vissem encontrar com canoas e mantimento e assim cumpriram; com que nada lhes faltou para chegarem à sua aldeia onde foram recebidos com grande alegria e festa, e tendo sido levados primeiro para a igreja para darem graças a Deus com um *Te Deum Laudamus*, foram repartidas pelos ranchos de seus parentes até em outra ocasião podê-los acomodar melhor. Avisou-me o padre João Maria de sua feliz chegada, pedindo que fizesse guardar as condições com que tinham ficado com ele antes

de se descerem, a saber: de não trabalharem para os brancos, e morarem à parte em uma aldeia apartada, para terem caminho aberto para voltarem às suas terras, sendo caso que os brancos quisessem entender com eles, e pediu mais que se lhes mandasse algum pano para se vestirem e ferramenta para tratarem de suas casas, e roças para mantimentos, e anzóis para pescarem. Mandei logo, sem detença alguma, tudo o que se tinha pedido, e mandei dizer juntamente ao padre João Maria que tocante ao ponto de os novamente descidos morarem em aldeia afastada, seria para depois, porque de presente não se tratava de repartir os do Pinaré entre os bárbaros, e que em seu tempo se lhes cumpriria suas condições, mudando-os sobre o mesmo rio até a distância em que pudessem ser comodamente visitados, doutrinados, batizados e ajudados em tudo o que tocava a sua salvação, que era o que tinham vindo buscar, que, entretanto, descansassem, estivessem em companhia de seus parentes até se fazer ao clima da terra, que lhes iam ferramentas que cada dia se lhes entregavam pela manhãzinha para irem com elas ao trabalho, contanto que à boca da noite as tornassem a entregar para se não perderem, ia também algum pano para se vestirem. Com que, finalmente, contentes e satisfeitos todos, e pelo tempo adiante, foram fazendo suas casas à parte, tendo o seu principal, sargento-mor, capitão e mais oficiais, que os mais índios costumam ter; e ficaram, depois de bem doutrinados e batizados, tão correntes e ladinos alguns deles, que nem os antigos da aldeia lhes levavam a vantagem e vieram eles mesmos a conhecer, indo para a cidade, que os brancos não eram tão maus que eles se imaginavam dantes de os ver e praticar. Acharam-se estes primeiros tão bem onde estavam, que, avisados seus parentes no sertão, vieram uns oitenta, entre grandes e pequenos, por terra, tendo-se já ido o padre João Maria para o Pará, e estando eu em seu lugar, enquanto como reitor do Colégio, e tinha ido a visitar a aldeia por um pouco de tempo, fui recebê-los com trombetas ao porto e os levei com festa à igreja, e dali, depois de rezar em alta voz o *Te Deum*, tomei-os em rol e fui repartindo por seus parentes que logo os agasalharam e vestiram a seu contento. A estes se foram depois ajuntando outros, assistindo-lhes o padre Antônio Pereira e outros mais, estando na aldeia o padre Pedro Luís. Ficaram, porém, sempre alguns em seu sertão, por não largarem suas mancebas, e viverem mais à sua vontade em seus matos, que mais estimam do que os mais re-

galados as suas quintas mais ricas e queridas. Tem estes guajajaras de bem serem muito preguiçosos e pouco valentes, serem muito inconstantes e grandes fujões, porque a cada passo tornam a fugir para seus matos, não tão-somente os novos mas ainda alguns dos mais antigos. O Padre João Maria os ensinou a tocar a gaitinha, e assim afeiçoadíssimo a este gênero de instrumento os fez, e estão tocando noites e dias, estando desocupados; não há dúvida que um dos meios para entretê-los e afeiçoá-los a ficar e estar com os padres, é ensiná-los a tocar algum instrumento para suas folias em dias de suas festas em que fazem suas procissões e danças, levando diante de si a imagem da Virgem Senhora Nossa, cantando alternativamente:

*Tupá ci angaturana, Santa Maria Christo Iara.*

.....

## *Capítulo IX*

PARTE O PADRE JOÃO MARIA PARA O PARÁ  
E VAI POR MISSIONÁRIO DA TROPA DO MARANHÃO

**D**EPOIS de ter o padre João Maria assistido algum tempo, para consolação do seu novo rebanho, aos guajajaras, mandei-o para o Pará, e de lá com a tropa do Maranhão e o cabo era Manuel Coelho, morador de S. Luís. Levou por companheiro o padre Manuel Pires. Após ele, fui também eu e o governador para a mesma parte. Indo as canoas da tropa pelo rio das Amazonas para cima e os padres em canoa sua própria e como passaram junto a uma grande correnteza, foi-se-lhes enchendo de água de tal sorte que quando menos cuidavam se acharam alagados; o padre Manuel Pires ficou dentro da canoa, mas o padre João Maria fora dela sobre uma tábua, vestido de seu roupão que lhe não deu pouca moléstia; e como não sabia nadar foi-se rio abaixo, levado da correnteza, abraçado com a tábua, a qual se lhe pôs sobre o peito para mais moléstia sua. Um índio, remeiro seu, tendo compaixão dele, lançou-se ao rio com perigo de sua própria vida, e pegando em um canto da tábua a foi acompanhando para onde a correnteza a ia levando; pediu o padre João Maria ao padre Manuel Pires absolvição de seus pecados, e ele lhe



deu por estar ainda em distância proporcionada a este efeito; e logo depois de ter o padre recebido a absolvição e feito sua penitência, como entendia consigo que infalivelmente haviam de perecer ambos por aquelas ondas, tratou de dispor o índio, seu benfeitor, à confissão e o confessou; depois disso como o roupão lhe servia de grandíssimo estorvo, para se ter em cima da água, fizeram tanto ambos, dando-lhe voltas, que o tiraram, como que ficou mais desimpedido para se ter em cima dela; com isso foram andando assim, por tempo considerável, para onde os levava a correnteza, a qual finalmente os foi botando para mais perto de terra; pediu então o padre ao índio que se esforçasse para ver se podiam tomar porto seguro, mas respondeu-lhe o índio que aquele lugar, por ser paragem cheia de espinhos, havia de ser sua perdição, se por ali tratassem de sair. Deixaram-se levar um pouco mais adiante, onde se lhes ofereceu um lameiro ou tijucal, para o qual foram botados ambos, valendo-se da mesma correnteza, já meio mortos de frio, porque, suposto que em terras de América não há frio de consideração em nenhuma parte, contudo como as águas são frias, por natureza, acharam-se os pobres tão resfriados que postos já em terra, apenas puderam bulir consigo. Acudiram-lhes logo os brancos que, desde o princípio que tiveram notícia do caso, andaram solícitos para socorrê-los sem se lhes oferecer modo de o poder efetuar; vestiram os padres de suas roupas e lhes acudiram assim a eles como ao pobre índio, o melhor que lhes foi possível pelas circunstâncias do tempo e lugar, e como por aquela ocasião se perdeu quase tudo que os padres levavam, mandaram logo aviso ao Pará, para que de lá os socorressem com provimentos novos de que necessitavam. Estava eu já então no Colégio e como vice-reitor o padre Bento Álvares e compadecidos do sucesso desgraçado, logo sem nenhuma demora lhes mandamos uma canoa grande, carregada de tudo o necessário para esses sertões, encomendando ao capitão Domingos de Almeida Figueiredo para que levasse com todo o cuidado, escrevendo ao padre João Maria que em reconhecimento deste trabalho, que sobre si tomava Domingos de Almeida, lhe valesse com o cabo para tirar por seu dinheiro algum remédio para sua casa. Foi esta obra de caridade de tanto proveito ao dito Domingos de Almeida, que então o tomaram os padres

missionários à sua conta, com que, por suas ganâncias lícitas com a gente da tropa, tirou também o remédio que até o presente tem com que passe comodamente a vida, com sua mulher Ana Batista[.....] irmã uterina de frei Salvador, religioso de Santo Antônio, que ensinou Filosofia no Maranhão a seus religiosos.

Com este bom socorro de provimento, foram os padres missionários com a tropa até os solimões e[...] sendo que dantes nenhuma tropa tinha chegado mais que até o rio Negro, salvo a que foi ao Quito, que não foi resgatar escravos. Os solimões não são acostumados a ver semelhantes hóspedes em suas terras, retiraram-se para o mato e não deram escravos nenhuns; mas, visitados depois pela segunda vez, deram boa quantidade deles, os quais com os que se fizeram pelo rio Negro e outras partes, chegaram a novecentas cabeças, sem entrarem em tal número as que tinham os soldados para si. Com este bom sucesso veio a tropa para baixo com seus missionários e quis a Providência Divina que me achasse em Cameté com o senhor governador donatário daquela Capitania, o qual, vindo de visitar o Gurupá, pediu-me que, como subprior, examinasse umas peças feitas pelo capitão-mor daquela fortaleza, João Botelho, sem mais autoridade que a sua; foram-se os missionários, continuando sua viagem para o Pará, o examinei-lhe as peças e achando que eram feitas contra a lei, as dei por perdidas todas, conforme o que a mesma lei estava dizendo. Fiquei em Cameté enquanto lá se deteve o governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, instituindo a Câmara de sua vila, dando-lhe suas varas em casa de seu filho Antônio Carvalho, que, como capitão, governava a aldeia, não que o padre Manuel Nunes necessitasse de tanta detença minha em sua residência, mas para fazer esta cortesia ao governador, meu amigo, porque o padre Manuel Nunes era missionário ajustadíssimo em suas causas, e afeito a todos os brancos e índios, acudindo a uns e a outros no espiritual, por não haver outro pároco na aldeia que servisse à igreja velha de S. João, que aí havia desde o princípio. O que alcancei, àquela ocasião, do modo de proceder do padre Manuel Nunes, foi guardar ele à risca a visita do padre Antônio Vieira que de todas se mandava guardar; dizia sua missa pela manhã, depois da oração da comunidade para os índios a poder ouvir, e, feita a doutrina como se costuma fazer, mais de uma meia hora de recoleção; depois disso, por ser já muita sua idade, descansava um boca-

dinho e logo se punha a rezar pelo P[...] horas e horas, com um joelho ao chão, por lhe doer o outro. Acabadas suas devoções, acudia com grande zelo a caridade aos brancos e índios, principalmente à nação dos coatingas, que estava dispondo para o santo batismo; e se algum índio ou índia se confessava com ele, confessava-o primeiro muito devagar à tarde, o tornava a confessar pela manhãzinha, antes da comunhão, o que mais admirei dele de que, tendo ocupado os cargos que se sabia, o homem de tanta idade, letras e virtudes, me querem acompanhar para fora sem eu lhe pedir, como se fora o menino irmãozinho de toda a missão; ficando seu íntimo amigo, tudo confesso de tanta sua humildade, que dele aceitava, muito a meu pesar, por me estimar indigno da honra que me fazia. Acabada a visita, foi-me acompanhando até o Pará, tendo tanto cuidado de mim como se ele fora moço, e eu algum padre velho de muita autoridade, sendo tudo o contrário, por ser ele de muita idade e eu um moço de quarenta e cinco anos, quando muito.

.....

## *Capítulo X*

DO QUE O PADRE PERO LUÍS OBROU EM XINGU,  
E A VIAGEM QUE FEZ O PADRE PEDRO PODEROSO  
COM O IRMÃO ANTÔNIO RIBEIRO PARA OS TACONHAPÉS

**A**NDAVA naquele tempo o padre Pero Luís Gonçalves correndo com a missão do Xingu, com incansável zelo, tendo a seu cuidado não somente as aldeias de seu rio, mas também do Gurupá e rio das Amazonas para cima. Ajuntou em sua aldeia do Xingu muita gente nova, uns jurunas, outros taconhapés de nação, os quais, vendo as ocasiões que lhes davam os brancos, se voltaram muitos para suas terras, e outros poucos, tocados da graça do Céu, perseveraram até o fim. Entre estes, houve um principal, grande feiticeiro, o qual, depois de ensinado nos mistérios de nossa santa fé, arrependido de sua má vida passada, pediu com grande instância ao padre Pero Luís que o batizasse para poder ir ao Céu; instruindo-o com cuidado e pressa e o batizou em uma grande e perigosa doença, que lhe tinha dado. Não é crível quanto se alegrou de ser já feito filho de Deus, e quanto desejou logo de acabar a vida, para ir ver a face de seu bom Pai; e com este amoroso desejo continuamente, expirou com os santos nomes de Jesus e Maria na boca, deixando o padre todo admirado de tão ditoso gênero de morte, como

foi a sua. Havia mais uma mulher gentia em sua aldeia, a qual achando-se também gravemente doente, pediu encarecidamente ao padre Pero Luís que a batizasse e pusesse em caminho de sua salvação; pôs-se ele a ensiná-la com todo o cuidado possível, preparando-a com todos os mais requisitos para tão alto Sacramento e ao cabo disse-lhe: Filha, amanhã te batizarei e te chamarei Paula. Descançou entretanto, suspirando sempre para aquela tão grande dita; não a batizou logo, por entender que sem dúvida chegaria ao dia seguinte; porém, como os homens principalmente menos práticos do conhecimento das doenças facilmente se enganam, enganou-se também ele, porque pela meia-noite lhe vieram dizer que morrera a sua doente.

Pasmou muito, mandando logo quem pudesse certificá-lo da verdade, e se botou de joelhos diante de seu crucifixo, pedindo a esse Divino Redentor e amante das almas, quisesse perdoar-lhe o seu descuido, e dar vida a Paula para se poder batizar. Chegou recado que a índia verdadeiramente morrera, com que o pobre padre ficou ainda mais aflito, e continuando sua oração até sobre a madrugada, veio-lhe recado que a índia vivia. Alegrou-se ele com tão bom recado, foi depressa para casa dela e vendo-a com vida disse-lhe: Que é isto, filha Paula, é certo que morreste sem eu sabê-lo? Morri, respondeu ela, e morri verdadeiramente, mas quis Deus Nosso Senhor que tornasse a viver, para que tu acabes de me instruir e batizar. Fê-lo assim o padre com sumo gosto de sua alma, tornou a ensiná-la e fazer com ela os atos de fé, esperança, caridade e contrição e depois disso lhe lançou a água do batismo, com que deu seu ditoso espírito a seu Criador. Estes dois casos tão maravilhosos me escreveu o mesmo padre Pedro Poderoso, como superior, dando-me conta do que se passa em sua missão do Xingu, para onde eu o tinha mandado. Ora, já que estamos falando na missão do rio Xingu, referirei brevemente a viagem que por ele fez o padre Pedro Poderoso com o irmão Antônio Ribeiro para os taconhapés por minha ordem, para descer aquela nação, de língua geral, de seus sertões. Tendo eu por notícia que pelo sertão daquele rio Xingu estava a nação dos taconhapés, índios de língua geral, mandei-lhes o padre Pedro Poderoso e o irmão Antônio Ribeiro, ambos bons línguas, para praticá-los a que se descessem para as aldeias mais chegadas à povoação dos brancos, para poderem ser filhos de Deus. Navegaram os padres em canoa bem equipada e provida, uns

quatorze dias pelo rio acima, contra umas correntezas do mesmo rio, que[...] precipitando-se de terras altas para mais baixas entre rochedos muito[...] com tanta veemência que só pegando-se os índios remeiros em uns ramos que havia ao bordo do rio, podiam avançar alguma cousa, e dizia-me o padre que nesses rochedos havia figuras de umas letras à grelha, como entalhadas ali. Chegaram finalmente, suposto que com incrível trabalho, ao porto onde amarraram a canoa deixando dentro quem tivesse cuidado para se não perder. Logo que puseram o pé em terra, deram com uma vara de tantos porcos-do-mato que mataram uns quatorze deles, e acharam uma árvore de tão desmedida grossura que tomada a medida dela chegava a seis braços de roda; pararam aí por ser já tarde e começaram os índios a fazer suas assaduras e comer de tal sorte que dentro em uma noite puseram os quatorze porcos na barriga, sem sobejar sequer um quartinho, que o Padre Poderoso lhes tinha mandado guardar, para tomar de madrugada um bocado, antes de se pôr em caminho; parecia cousa incrível se os padres o não contassem, e se não conhecesse a grande voracidade daquela gente, a qual como é muito sôfrega de fome, quando lhe falta o necessário, assim faz excesso em comer, quando têm com que se encher. Ao levantar do sol, prosseguiram sua viagem por terra, seguindo o caminho que os levava pelo mato dentro, e tendo caminhado um bom estirão, chegaram à vista de uma aldeia, cujos principais com os mais seus vassallos os vieram encontrar ao caminho, e tendo-lhes dado as boas-vindas, com muita festa, os levaram para umas casas nas quais tinham feito armar duas belas redes, e um dos ditos principais, pegando dos padres, os fez assentar aí; acabada esta primeira cortesia, vieram as mulheres com os seus presentes, que eram umas espigas de milho assadas e umas poucas de castanhas da terra com uns bolos cozidos debaixo do borralho, feitas do mesmo milho pisado, e embrulhados em umas folhas para se não encherem de cinzas; nisto pararam todos os seus presentes, por não terem outra cousa que dar, correspondeu-lhes o padre Pedro Poderoso com uma tigela de sal para cada uma, por ser cousa muito estimada em seus sertões. Acabado este recebimento, como o padre os tinha juntos, declarou-lhes a causa de sua vinda, dizendo era mandado de seu Paiuaçu ou Padre Grande, que é o mesmo ques superior maior, para convidá-los em nome dele, padre, que, deixados os seus matos, onde irreparavelmente se perderiam para sem-

pre, saíssem para junto ao povoado dos brancos, para os padres lhe ensinarem o caminho do Céu, dando-lhes notícia de Deus, seu Criador e Senhor, para se poderem batizar, fazerem-se filhos seus e por este meio alcançarem a salvação de suas almas. Pareceu-lhes bem esta proposta e pediram tempo para tomarem seu conselho entre si, e darem-lhe a resposta e resolução que tinham tomado. Enquanto isto andaram, descansaram os remeiros dos padres e se passou aquele dia; no dia seguinte bem cedo, ao levantar da aurora, viram vir o principal da aldeia para o terreiro, a limpá-lo das imundícios dos cães, que o tinham sujado à noite passada e fazia isso como cousa de seu cargo e digna de sua pessoa, e viram mais que afugentavam os índios de si os mosquitos que havia, com um pouco de azeite de cocos bravos ou inajazes, com tão feliz sucesso que, dizia o irmão Antônio Ribeiro, que o mesmo era assentarem-se esses animaizinhos sobre o que estava untado dele, que caíram mortos todos no mesmo momento.

Logo que se aclarou bem o dia, vieram todos os índios dar a resposta ao que se lhes tinha praticado, e foi que um deles acompanharia os padres a suas terras, e que, achando serem boas e a seu gosto, tratariam de fazer aí suas roças (digo seus roçados), e se desceriam para fazer sua aldeia. Com esta resolução, foram os padres praticar outros seus parentes, divididos pela vizinhança; de todos tiveram a mesma resposta, e assim se vieram para baixo, trazendo alguns deles em sua companhia, mas não aqueles que tinham fugido da aldeia da Misericórdia, que eu tinha procurado pelo ano de 1662 para 1663, porque oferecendo-lhes o padre Poderoso uma dádiva da parte da Misericórdia, disseram redondamente: *náputare Misericórdia*, que quer dizer: não quero nada com a misericórdia; com a qual dito, deu muito que rir aos que depois o ouviram contar. Os padres, para ganharem as vontades deles, lhes repartiram suas ferramentas para fazerem suas lavouras, o que estimaram sumamente por não terem com que roçarem suas terras. Trouxe o padre Poderoso de lá um pássaro muito grande, que se chamava águia imperial ou real, a qual tinha pernas da grossura de um braço e comia de uma vez uma paca, que é maior que uma lebre da Europa; mas como comia tanto quanto lhe davam, também passava muitos dias sem comer bocado, quando lhe faltava. Chegaram todos a salvamento ao Grão-Pará, onde lhes falei, animando-os a descirem seus parentes, e indo visitar as

aldeias, mandei com eles um principal tupinambá, de nossa roça de Mammaiacu, por nome F..., e, como os não podia acompanhar, dei-lhes um meu barrete, para que à vista dele se viessem para baixo. Fizeram assim e à vista do barrete vieram quantidade deles com o principal F..., para roçarem; mas como o Capitão-Mor da fortaleza do Gurupá, João Botelho, era pouco amigo dos padres, os maltratou; com que voltaram para suas terras e nunca mais apareceram, e daqui se verá claramente quanta extorsão fazem alguns homens pouco tementes a Deus aos pobres missionários nas cousas de seu santo serviço. Tem aquele sertão dos tacho-nhapés quantidade de cravo, porém como a subida rio acima é tão dificultosa como temos visto, e juntamente a descida arriscadíssima, em vista da grande correnteza das águas, que de um alto correm, como um vento, para baixo, com constante perigo de darem as canoas consigo em uma penha, não sendo destrissimamente governados por pilotos muito experimentados, poucos há que se atrevam ir em busca dele; porém como tudo vence a cobiça insaciável dos homens nada há hoje[...] aos cravistas, que a tudo se arriscam, para levar o cravo de onde quer que esteja. Deixo à consideração do leitor o muito que padeceriam esses pobres missionários por esses caminhos tão arriscados; mas como foram em serviço de Deus, Ele lhes dará o prêmio do que padeceram por seu santo amor.



.....

## *Capítulo XI*

VÁRIAS COUSAS QUE SE OBRARAM PELO PARÁ  
ANTES QUE O PADRE SUPERIOR PARTISSE PARA  
O MARANHÃO COM O GOVERNADOR, QUE LEVAVA  
OS OSSOS DO QUE TINHA SIDO ENTERRADO  
EM A IGREJA DO CAMETÁ

**E**STAVAM os nossos irmãos coadjutores ensinando os meninos da escola a ler, escrever e contar, pois nisto eram destros o irmão Marcos Vieira, e sobre todos o irmão Baltasar Campos, e como o padre Salvador do Vale, estando no Colégio, tinha ensinado em particular dois rapazinhos, pareceu-me bem abrir classe de latim para se ensinar alguns filhos dos moradores que quisessem estudar. Fiz logo da sacristia, ainda por acabar, classe, e ajuntaram-se ali belos moços para meus discípulos, entre eles os dois filhos do senhor governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, a saber: Francisco, o mais velho, e Antônio, que hoje nos governa, o mais moço, que por aquele tempo teria os seus 13 anos. Iam estudando todos com furor e grande aproveitamento, porque alguns deles já tinham começado a traduzir Quinto Cúrcio. Aconteceu naquele ínterim que o governador mandasse, não sei por que razão, sentar praça ao sobrinho do Capitão-Mor do Pará Paulo Martins Garro, e como a Câmara não acudisse nem o Governador defe-

risse ao meu requerimento em que lhe alegava os privilégios que tinham nossos estudantes para se não obrigarem a assentar praça sem haver perigo de inimigos, fechei a classe, nem a abri nunca mais. Começaram-se várias vezes a doutrina em nossa igreja pelas tardes dos domingos e festas; e com não acudiam a eles, foi forçoso deixá-las, depois de as ensinar o padre Bento Álvares, vice-reitor do Colégio. Mandou o nosso muito reverendo padre-geral Paulo Oliva, à instância do padre superior da Missão, que visto as Casas terem com que sustentar os sujeitos delas, e mais haver classes de latim, se chamassem Colégios e os superiores delas reitores, o que começaram há pouco por patentes de Roma, como os mesmos superiores das Missões.

Estavam nas missões alguns padres, aos quais faltavam os estudos de Teologia; ressalvei-me em consulta, que se juntassem na residência do Gurupi por ser farta do necessário; e assinei o padre Salvador do Vale, belo engenho, por mestre; mas como isto era aldeia e o padre Salvador, além de achacoso, muito brando, foi necessário desmanchar tudo, e botar, da Companhia, o padre Pedro Monteiro, um dos novos teólogos. Como os padres missionários não tinham a administração temporal dos índios, eram como criados dos capitães das aldeias, os quais dispunham dos índios sem se lhes darem deles, e assim visitando-se as residências, não se achavam cousas dignas de se referirem, tirado o muito trabalho que tinham, e isto muitas vezes sem nenhum cômodo em suas casas, e sem remeiros bastantes e bons para suas viagens e visitas de suas aldeias. Tinha o governador o seu avô, dos primeiros governadores deste Estado, enterrado na igreja do Cameté, pediu-me que quisesse acompanhar o capitão-mor do Pará, seus dois filhos, com a comunidade dos religiosos de Nossa Senhora das Mercês, para lhe desenterrarmos os ossos. Acompanhei-os em tempo da ida e foi com grande gosto que desenterramos os ossos, que estavam no meio, diante do altar-mor, e achou-se uma medalha e um[...] puseram-se os ossos em decente baú, sobre a eça rodeada de bom número de velas brancas cantou-se a missa com toda a solenidade, e preguei então, tomando por tema que os filhos de Israel tiraram os ossos de seu pai Jacó e os levaram do Egito para a terra da promessa. Acabada esta função, com toda a decência, pôs-se o baú com as candeias acesas em uma canoa grande, que muitas outras iam acompanhando até ao Pará, onde à vista dele dis-

pararam-se muitas peças da fortaleza e recolheu o governador os ossos para os levar consigo para Tapuitapera, também, Capitania sua, e guardá-los lá na igreja de S. Bartolomeu, a qual se edificou em tempo do vigário-geral, João Ferreira, filho da Bahia, mandado, *sede vacante*, para o Maranhão, então sujeito ao bispado do Brasil. Pouco depois fomos ambos ao Maranhão, o governador e seus filhos, em sua canoa, e eu com o capitão-mor, Francisco Pais, na minha, tirado que de dia também passava muitas vezes para a do governador para conversar com ele. Apartamo-nos por pouco tempo, porque fui visitar a residência do Gurupi, onde já estava o Padre Pero Francisco, acudindo com suma[...] e diligência a tudo o que era de seu ofício. Naquela ocasião, fui, uma noite, em terra, a passar a baía do Turiaçu, e só cheguei a outra banda pelas sete horas do dia seguinte, para dizer missa; alcancei outra vez o governador, em Santo Antônio de Alcântara ou Capitania de Tapuitapera, e lá fui convidado dele à ceia de umas regaladas ostras. Contou-me então, como tinham as justiças do Maranhão mandado dar tratos a Francisco de Barros, culpado com os Beckemans, cujo feitor era, pela morte de Manuel Correia, filho de Agostinho Correia, e se tinham quebrado os cordéis. Disse-lhe eu, então, que visto isso, não se havia condenar à morte, sem outra prova. No dia seguinte, fomos no barco de Tapuitapera para o Maranhão, e como chuvia, amparou-me o governador, com sua capa. Fez-se a salva costumada e veio a Câmara com a mais nobreza e religiosos, levar o governador para seu palácio, onde, com licença sua, me aparteí, e fui-me para o Colégio com o Padre Francisco Veloso, inda reitor dele, àquele tempo. Estavam presos na cadeia pública da cidade, Manuel Beckeman e seu irmão Tomás Beckeman, penhorado o engenho da Vera Cruz, sobre rio do Meari, e com ele o seu feitor, Francisco de Barros, e José de Cáceres, acusados todos como culpados na morte de Manuel Correia. Tínhamos, os padres da Companhia, algumas obrigações a esses presos, por estarem os Beckemans casados com as filhas do Capitão-Mor João Pereira de Cáceres, o qual tinha deixado ao Colégio de Nossa Senhora da Luz a terça de seus bens; e por esta razão, além da caridade devida aos próximos, acudíamos por eles, falando com o governador e com o ouvidor-geral João Correia, empregado com muita diligência nesta obra de caridade, o padre Pedro Poderoso, a quem tinha sido encomendado de mim este negócio. Com a vinda do governador

fez-se nova junta, a quem pertencia dar voto na causa e foi condenado à forca e para ser esquartejado o feitor dos Beckemans, sem mais prova que o dito de uma rapariga, e se lhe achar sangue na camisa, que ele dizia procedera das sangrias dadas à gente da fazenda. Representei ao ouvidor-geral, João Correia, que esta prova não era bastante para se condenar um homem à morte, pois, para isso, diziam os doutores, devia a causa ser meridiana; mas como achei todos serrados à banda para que morresse o pobre Francisco de Barros, fui-me ter com ele à casa do segredo, onde estava esperando cada momento a execução da sentença da forca, dada contra si. Consolei-o como pude e depois disso lhe disse que, já que não havia lugar para vida temporal do corpo, tratasse deveras da vida eterna, a alma, assim, como amigo, lhe dizia que se de verdade estava culpado do crime que lhe imputavam, para se arrepender e confessar dele, e quando não fosse culpado, perdoasse de coração a todos os que concorriam para tanto seu mal e descrédito de sua casa. Respondeu-me ele, tomando em testemunho o Senhor Crucificado, que estava posto sobre a mesa, que ele não tinha concorrido à morte que lhe imputavam injustamente, nem este Senhor, Justo Juiz de tudo lhe havia de pedir conta de tal crime. Exortei-o, então, que se conformasse com a vontade de Deus, que por seus secretos juízos dispunha tudo bom e em bem de sua salvação, que perdoasse de coração, pelo amor daquele Divino Senhor, que nos tinha dado exemplo na cruz, de perdoar aos que nos tiraram a vida; respondeu-me que perdoava com grande vontade, e se por esta morte que lhe imputavam não merecia tal morte, outros pecados tinha diante dele, pelos quais a tem merecido. Com isso, tendo-o disposto para bem morrer com os atos necessários, me despedi dele e me fui para o colégio. Pouco depois disso, o levaram para enforcar, e estando junto à forca e seus acusadores ao pé dele, vestidos de gala, e as justiças ao redor, disse publicamente em voz alta assim: “Senhores meus, eis que eu, condenado à forca, vou padecer morte por culpas das quais não me acho culpado, e assim por crédito e honra de minha mulher e filhos, protesto que sou inocente de tudo que me culpam, mas nem por isto quero morrer mal com os que, com suas acusações, depoimentos e sentença, concorreram para tão ignominiosa infâmia diante do mundo todo; mas perdôo de coração a todos quantos me causaram a condenação e aceito esta morte tão afrontosa pelo amor de meu Senhor Jesus

Cristo, que por mim morreu sobre a árvore da Santa Vera Cruz, e peço a todos com muita submissão que perdoem pelo amor do mesmo Senhor se em alguma cousa os ofendi.” Ditas estas palavras o botou o algoz da escada abaixo, assistindo-lhe à morte um religioso de Santo Antônio. O cadáver se fez em quartos, os quais se puseram nas praias do mar, pelos quatro cantos da cidade de S. Luís, e a cabeça se levou para o Muni, onde se expôs em um pau a pique, defronte do lugar do homicídio cometido; ficaram lá uns dias, porém depois se lhes deu sepultura, pela piedade de alguns homens caritativos, bem inteirados de sua inocência. Feita esta execução, saí eu de meus exercícios do ano para ir pregar à matriz sobre o Evangelho *Homo quidam facit coenam magnam*; assistiu o governador para me fazer honra, com ambos seus filhos, o ouvidor-geral e mais nobreza da cidade, achou-se também presente o padre reitor do Colégio, Francisco Veloso, e suposto que passando adiante deles para o púlpito lhes fiz as cortesias costumadas, nem no discurso da pregação disse cousa alguma que justamente pudesse agravá-los, contudo vindo-me recolhendo depois do sermão para o Colégio, mandou-me o Governador uma carta de queixa em que me dizia que ficava atônito que sendo tão meu amigo e por esta razão tinha vindo assistir a meu sermão, tinha eu sem embargo disso faltado com a cortesia costumada aos governadores, mas sem ele merecer; respondi-lhe eu brevemente que me pesaria muito se me tivesse descuidado em cousa de minha obrigação para com Sua Senhoria, que o padre reitor perguntado sobre esta matéria me dizia não tinha faltado em um só ponto; e assim devia ser isto alguma desconfiança, a qual passada iria beijar as mãos a Sua Senhoria. Passados uns poucos de dias, veio o governador ter conhecimento da verdade, e achando ser isso desconfiança sua mandou seus filhos ao Colégio e eu me fui botar a seus pés em suas casas, ficando outra vez amigo como dantes.

.....

## *Capítulo XII*

FAZEM-SE AS PAZES COM A NAÇÃO DOS URUATIS,  
E PERDE-SE UMA NAU EM OS BAIXOS DO CUMÁ,  
CUJA PERDA SE IMPUTOU AO GOVERNADOR SEM  
BASTANTE RAZÃO

A

RELAÇÃO das pazes com os uruatis e pouco bom sucesso pertencia[...] o padre Gonçalo de Veras[...] poquizes e outras nações mais atrás, porém como a diferença do tempo é pouca quero referi-las aqui, para que não fiquem em esquecimento com muitas outras cousas de que se não faz menção. Havia pelo sertão do rio Tapicuru, entre outras nações de gentios, uma chamada uruatis, a qual foi aquela cujo principal, Botirão, tinha morto os padres do engenho que administravam, como[...] o dito rio. Dava com suas contínuas saídas grande moléstia aos moradores daquela Capitania, e pouco havia que, depois de vir de lá de pregar à festa de S. Gonçalo, confessar e comungar os irmãos da confraria, que tinham chegado... sobre a madrugada deram em Casa do Pirito-ó, a ele e sua mulher e mais uma filha que se não queria entregar, levando outra consigo para suas terras, donde depois foi resgatada pelos terembezes e vendida por eles aos brancos; além disso tinham quebrado a cabeça ao ermitão de S. João, da cidade de S. Luís, havendo de ter feito o mesmo a mim se lá estivera mais dias, porque andavam em guerra com os portugueses, por lhes ter mandado acometer o

Governador Rui Vaz de Siqueira, e seu sucessor Antônio de Albuquerque, que suposto que sem nenhum efeito, por serem muito acautelados e muito valentes, e por isso se darem pouco dos brancos dentro de suas terras, onde a pé quedo os esperavam e provocavam e faziam retirar-se não sem grande medo. Tratou-se pois de fazer pazes com essa nação por meio de um índio mancebo que tinha sido batizado pelo padre Pero Poderoso, e sido seu moço na residência de S. Francisco Xavier da serra de Ibiapaba, por ser este o mais valente de todos e casado com uma filha do principal. Esperou-se boa ocasião para se lhe poder falar e por meio dele ao[...] e mais principais sobre as pazes que se queriam fazer com eles, para ficarem com sossego aldeados em Tapicuru, terras de seus antepassados. Pareceu a todos muito bem esta resolução, e, o consultando-se o meio de se conseguir o intento, foi resoluto que Agostinho, ou Ambrósio, como dantes chamavam o seu valentão, o capitão da guerra, viesse ao colégio falar comigo sem nenhum receio, porque se lhe assegurava que não lhe aconteceria mal nenhum. Chegou, pois, esse ao Colégio com toda a confiança, e foi agasalhado dos padres com toda a demonstração de amizade; propôs-lhe então as pazes os motivos delas, e como ele vinha com tudo sem nenhum reparo, mandou-se ao Governador Antônio de Albuquerque, o qual lhe fez a mesma prática, dando-lhe sua palavra em nome d'el-Rei que nem a ele nem aos seus se faria mal algum. Pediu-me o governador a mim que, como superior da Missão, quisesse fazer as condições das pazes para Agostinho levar a seus parentes, para que, estando por elas, viessem confiadamente fazer o juramento da lealdade; fiz logo brevemente as condições pela forma seguinte: 1<sup>a</sup> Que esquecido de ambas as partes das hostilidades passadas, fazíamo-nos amigos dos amigos e inimigos dos inimigos. 2<sup>a</sup> Que viriam os principais dar juramento de vassalos à coroa de Portugal e da lealdade de vida, que desceriam de suas terras sobre o rio de Tapicuru para lá se aldearem. 3<sup>a</sup> Que se lhes dariam farinhas para seu sustento àqueles primeiros dias, e ferramentas para fazerem suas casas e roçarias. 4<sup>a</sup> Que dariam alguns filhos seus para assistirem com os padres para aprenderem a doutrina, e ensinarem depois a seus parentes; finalmente que se lhes daria missionário para morar com eles, e acudi-los com o sacrifício

da missa e administração dos sacramentos. Bem me dizia ele que os uruatis dificulosamente admitiriam a condição quarta de darem alguns filhos seus para assim os ter mais seguros, e por isso resolvi com o governador que caso dado que admitissem as mais condições, se lhes não poria dificuldade desta. Isto assim disposto, mandei o padre Pero Poderoso com seu afilhado Agostinho, com alguns presentes ou dádivas, para com elas agasalhar o afeto e benevolência deles. Propuseram-se-lhes pelo padre todas as condições, e eles com todas vieram com muita vontade, somente repararam em a condição quarta, de dar alguns filhos seus dizendo que suas mães lhes tinham muito amor e haviam de receber grande pena com os largar de si, mas como se lhes disse que se não repararia em esta condição uma vez que consentissem em as demais, e vissem dar juramento de vassalagem e lealdade, vierem logo todos com o padre Pero Poderoso, e achando-me eu em palácio com o ouvidor-geral e mais ministros, prometeram vassalagem pondo a mão sobre o bordão do governador, com que ficaram feitas as pazes, e se fez assenta delas para em todo o tempo constar da verdade. Deram-se os abraços e parabéns em Palácio, e de lá foram levados ao Colégio onde o padre reitor Francisco Veloso os regalou e contentou a todos, de sorte que se voltaram muito contentes e satisfeitos para seus parentes sobre o rio Tapicuru, onde se queriam aldear. Lá também foram recebidos, como compadres dos brancos, com muita festa, e fizeram suas danças e bailes a seu modo gentílico, livres já de todo o receio de mais inimigos e guerras; mas não lhes durou muito esse gosto porque além de lhes não acudirem bem da cidade, conforme a concordata que com eles se tinha feito, um morador do rio, que mesmo me contou aquela sua maldade, lhes levou aguardente misturada com ressalgar e lhes deu a beber; alguns deles, como o principal Botirão, não quiseram beber antes dele beber primeiro; os outros foram bebendo sem mais reparo, e estes, pouco depois, sentindo-se mal dispostos, cuidaram que procedia da água que bebiam, sem se poder persuadir que era a aguardente; contudo, como causava vômitos a uns, e derrubava outros, entraram em desconfiança e retiraram-se, ficando inimigos como dantes. Aconteceu depois disso que tendo um senhor de engenho apanhado uns quatro deles, entre os quais ia



o valentão Agostinho, ou, como outros chamam, Ambrósio, foi mandado para o Reino, e de lá se o levou para o norte e nem apareceu mais, só correu fama que acabou a vida em Inglaterra. Os mais, por castigo de Deus, sendo perseguidos das demais nações circunvizinhas suas, acabaram quase todos, até o seu principal Botirão, matador dos padres no Tapicuru, cujo filho de menor idade trouxe depois o padre Pero Luís, dos terembezés, e fez oferta dele a Nossa Senhora da Vitória, em ação de graças da vitória alcançada contra os ditos teremembés como se dirá em seu lugar. Estando o governador já quase em fim do seu governo, aconteceu um caso, que depois foi quase causa da perdição de sua casa. Tinha um[...] Gonçalves feito um belo navio no Maranhão, em nome de um morador de Lisboa, o qual lhe tinha mandado dois pilotos, um inglês, e o outro português, para levá-lo para Portugal, e como ao mesmo tempo faltava piloto para outra embarcação muito[...] que pertencia ao governador Antônio de Albuquerque, quis ele que, visto haver dois pilotos, dos quais um bastava, fosse um para piloto de sua embarcação. Resistiu[...] Gonçalves, fizeram-se papéis da parte e outra e resolveu finalmente o provedor-mor, Antônio da Fonseca, que um fosse em a nau, à escolha do capitão, e outro em a embarcação do governador, que ficou sem piloto. Elegeu o capitão Gonçalves o piloto inglês e largou o português ao governador, mas não contente dos marinheiros que levava bastante levou alguns fugidos, sendo proibido sob pena de oitenta[...] de levar alguns deles. Partiu a nau com boa maré e como chegou a paragem onde se costuma de esperar outra vazante, requereu o piloto ao capitão Gonçalves que se deixasse lá estar ancorado para não vir a navegar contra a maré, pois lhe podia sobrevir a enchente antes de terem saído pela barra fora. O capitão Gonçalves receando-se que da cidade lhe viriam tirar os marinheiros fugidos, e imaginando-se também que tinha vazante bastante para botar para fora de tudo, não quis parar, mas foi-se andando, afastando-se da Coroa Grande e baixos que chamam do Cumá, porém como a maré lhe foi enchendo foi levando a nau mais do justo para terra; vendo isso alguns repararam logo, e perguntando que terras eram as que se lhes oferecia diante, respondeu Manuel de Albergaria, que tinha sido provedor-mor do Estado, que não era nada, e que ele tinha pi-

sado tudo isso com seus pés e assim fossem por diante. Apenas disse aquelas palavras quando a nau tocou três vezes nos baixos do Cumá, e se partiu em duas metades sobre a âncora que tinham lançado. O provedor-mor Manuel de Albergaria, querendo pegar a escotilha para salvar-se a nado sobre ela, pegando o anel grande que tinha, foi logo lançado pela fúria das ondas para dentro, onde pereceu miseravelmente de uma morte mui amargosa, em meio da doçura das caixas de açúcar afo-gou-se um religioso de Santo Antônio com um sobrinhozinho que levava em sua companhia, um capitão e outros vários que iam na praça; outro religioso de Santo Antônio que tinha sido comissário, chamado Frei Tomás, com muitos outros que com ele estavam à popa, fazendo vela de sua capa, foi levado para banda do sítio de João Vaz, e achou onde tomaram terra por favor de Nossa Senhora da Luz, que invocavam. As fazendas e cadáveres andaram espalhados pela praia, até que, havendo notícias do naufrágio, se lhes deu sepultura, e se recolheram as cousas que não estavam de todo danadas. Frei Tomás e seus companheiros vieram a pé descalço fazer uma festa a Nossa Senhora da Luz em nosso colégio, fazendo ele um belo sermão, em que referiu o sucesso de seu naufrágio e de seu livramento por favor da Senhora, a quem vinham render as graças com esta festa e novena, muito agradecidos de um tão assinalado benefício recebido por sua intercessão. O provedor-mor Manuel de Albergaria, ao qual eu tinha alcançado licença do governador para se poder ir, não teria praticado a devoção do venerável Padre João de Almeida que eu lhe tinha aconselhado, por isso incorreram nesta fatal desgraça. Começou logo o capitão da nau dar a culpa ao governador por lhe ter tirado um dos pilotos; mas o certo é que, como a mim me parece, tinha ele toda a culpa, por não ter querido esperar outra vazante, tendo-lhe requerido o mesmo piloto inglês, porque se esperara, não lhe teria faltado boa maré para sair pela barra fora, nem a enchente o teria botado sobre os baixos.

Contudo fez pleito ao governador e alcançou sentença por si, e esteve o governador arriscado a perder tudo quanto tinha, se el-Rei nosso Senhor, na revisão que se lhe pediu, o não tivesse livrado, lembrando-se Deus da inteireza de sua boa vida e da piedade com que acu-

dia às igrejas e religiões, dando literalmente de sua pobreza já farinha para as hóstias, já velas de cera branca para os altares sagrados, e sendo em tudo um espelho dos governadores, que tratam de governar como bons cristãos. Para que não fique atrás uma tropa que se fez ainda no tempo do governo do governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, quero fazer dela aqui menção, suposto que algum tanto fora de seu lugar, e é a que se segue. No ano de 1671, tendo vindo os guarajuz do rio dos Tocantins queixar-se ao governador de alguns índios levantados contra si, sem embargo de terem sido seus escravos, e ao mesmo tempo os aruaquizes daquela banda querendo-se valer dos portugueses, ordenou-se, ouvidas as razões justas, uma tropa em que mandei por missionário o padre Gonçalo de Veras com o irmão Sebastião[...] indo por cabo dela o Sargento-mor Francisco Valadares. Foi a tropa com tão feliz sucesso que além de alguns escravos e outros de condição dos naimiguaras, desceu o padre missionário em breve tempo, assim dos Aruaquizes como de Coatingas, mais de quatrocentos para quinhentas almas de índios forros. Os índios naimiguaras, índios de língua geral, vieram por escravos, todos julgados por tais pela junta que manda Sua Majestade; os aruaquizes e coatingas vieram por forros batizou o padre Gonçalo de Veras mais de cem meninos lá acima do rio dos tocantins[...] coatingas por o missionário na aldeia dos tocantins, onde os batizou o padre Manuel Nunes, tendo-os catequizado o padre Antônio da Silva, que lhes assistia antes de tomar a roupeta, e são os que depois mudaram para Inhuaba e de próximo para o Parijó; os aruaquizes divertiram para Mortigura, onde foram batizados pelo padre Salvador do Vale, que lá estava naquele tempo, os mais puseram aldeia própria sobre o mar, na ilha dos tupinambases ou do Sol; lá os catequizou o mesmo padre Gonçalo de Veras, que os tinha trazido para o sítio que chamam do Vinacho e os batizou a todos; dali os foi espalhando de tal sorte a cobiça e ambição dos brancos, que de tanta gente não sei se se acha um só índio por este tempo presente; só dos coatingas, que de seu próprio moto se tinham oferecido ao padre missionário, me consta viverem alguns que desceram para a aldeia dos tocantins, e depois vieram para Inhuaba e de lá para o Parijó, sem ter nisso parte Antônio de Carvalho, nem antecessor seu nenhum.

.....

### *Capítulo XIII*

SUCEDE PERO CÉSAR DE MENESES AO GOVERNADOR  
ANTÔNIO DE ALBUQUERQUE COELHO DE CARVALHO,  
E MANDA TROPA AO SERTÃO, E RELATA-SE O QUE  
ACONTECEU E OBROU EM O PRINCÍPIO  
DE SEU GOVERNO

**A**O GOVERNADOR Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, sucedeu Pero César de Meneses, em 1673 e governou cinco anos o Estado; recebeu-o o seu antecessor com muita honra e melhor sem comparação nenhuma, do que Rui Vaz de Siqueira tinha recebido a ele em sua entrada; ainda não se tinha desembarcado o governador novo, quando o outro se mudou para as casas em que hoje mora Alberto Gonçalves, junto às de Manuel Baldez, da banda da praia, e lhe mandou aparelhar o palácio com toda a pressa. Eu, como ainda superior da missão, cheguei logo para a bordo lhe dar as boas-vindas; saí de seu camarote, e levou-me para dentro, onde estivemos conversando por algum tempo com toda a familiaridade. Chegou-nos entretanto Antônio de Albuquerque à praia com o Senado e nobreza, e prelados das religiões, entre os quais vinha o padre Francisco Veloso, reitor do Colégio, e assim se foi fazendo o recebimento na praia, entre os repetidos tiros de artilharia, com toda a felicidade; e andando ambos os governadores

debaixo do pátio, foram à matriz, e de lá à Câmara e finalmente ao palácio, onde todos nos despedimos dele, dando-lhe lugar de descansar de sua viagem. Trazia este governador a sua conta de mandar fazer fábricas de anil, para as quais vinha anileiro e se esperavam negros de Angola, mandados pelos contratadores para a fábrica dele. Aconselharam-lhe (ainda que mal) os homens da terra que o sítio de Coti era o próprio para isso, e, feito com que, mandou logo levantar o engenho de anil junto ao rio, e semear um roçado para feitura dele. Deu o anileiro, que juntamente vinha por engenheiro, ordem à fábrica e tudo o necessário para ele, vieram também para o mesmo fim uns cinqüenta negros de Angola. Deputou-se o capitão Domingos de Almeida para tratar deles; semeou-se um campo grande, mas como rendeu mal, fez-se pouco anil, porém tão excelente que indo ao Reino se julgou melhor que os das mais terras; porém, como se não puderam represar as águas, por ser por terra areenta a correrem por baixo dos muros deles, ficou a obra inútil para o que se pretendia, e assim se vendeu por pouco mais de nada a Domingos de Almeida, o qual me deu os esteios dos quais me aproveitei para casa da olaria que mandei fazer em São Marcos. Apalpou o clima ao governador que adoeceu gravemente, e por esse ínterim chegou à ponta de João Dias uma nau holandesa, arribada com novecentos negros de Angola, todos de saúde e vigorosa idade; queria o seu capitão vendê-los todos para lhes não morrerem no mar, de enfadados, e para lhes não tomarem seus inimigos; o partido que fazia era que daria os melhores por cinqüenta, e os rapazes e raparigas por vinte e um mil réis, pouco mais ou menos, e que o tocante aos pagamentos aceitaria não somente açúcares e tabacos, madeiras boas, couros, e tudo o mais até redes, algodões, fios, macacos e pássaros, e para que não fizessem dúvida, os direitos os pagaria em todas as entradas e saídas de armadas, assim no Maranhão como em Lisboa, e que deixaria procurador seu, morador da terra, e outro português no Reino para cobrança. Pareceu este negócio muito bom à Câmara e a todos os homens do Maranhão, por estarem faltos de negros para seus engenhos e lavouras, e por acharem consigo que Sua Majestade tomaria em bem, o que para o bem público se obrasse naquelas circunstâncias; fizeram um papel para se oferecer ao governador, subs-

critico por todos os prelados das religiões, ouvidor-geral, e mais pessoas de autoridade, que de todos soube. Com isso foi falar à Câmara, com o juiz mais velho, que então era Antônio Mendes do Turu, e ao governador, o qual não quis vir por ter, como diziam, alguma causa de castelhano, e esperar muitos negros de Angola, e escravos de uma tropa do sertão; com que achou-se a Câmara sem ter ânimo de lhe dizer que tomaria à sua conta este negócio para responder a Sua Majestade; foi-se logo o holandês, muito pesaroso o que lhe aconteceu foi dar em mãos dos inimigos, que lhe tiraram com perda de tantas almas, que podiam ter sido feitas cristãs se ficassem pelo Maranhão. Soube-se no Reino o que tinha passado, e impressionou os ministros muito do que a este respeito tinha obrado o governador Pero César de Meneses, com tão grande detrimento do Estado todo. Tinha ele mandado de antes uma tropa para o sertão do rio das Amazonas, em que ia por cabo Antônio de Oliveira, que tinha sido criado de Rui Vaz de Siqueira, e tinha casado de próximo com D. Maria Maciel, viúva do capitão-mor Manuel Pita da Veiga, seu primeiro marido. Iam por missionários da tropa o padre João Maria, e o padre Manuel Pires; não houve cousa de consideração aí, porque se bem que o cabo era homem de préstimo, que por sua grande liberalidade e bom modo com que tratava aos índios lhes era muito afeito, contudo, como dentro de pouco tempo adoeceu e faleceu, assistindo-lhe o padre missionário João Maria, parou tudo, sem os efeitos esperados. Ele é que deu uma bela relíquia de S. Bartolomeu ao padre João Maria, antes de morrer, e deixou três mil cruzados por testamento para empregarem em obras pias; mas tudo parou em nada por não abranger a sua fazenda as dívidas que se lhe acharam depois de falecido. Tinha o dito cabo quantidade de peças boas para banda de Gurupatiba, antes de se lhe ajuntar o padre missionário, e as tinha remetido ao Maranhão como soube o governador, e mandou chamar-me para ver o que se havia dispor delas; examinei-as com meu companheiro, e achando serem feitas contra o direito as declaramos por forras, e como tais mandaram pôr nas aldeias do Rei; fiz termo de tudo, mas em vez de se porem nas aldeias do Rei, mandou-as o governador pôr em Guarapiranga, dando-lhe o capitão Ambrósio Rodrigues para as governar em serviço da Câmara, e sem em-

bargo de mandar o Rei que se pusessem nas aldeias, acharam os camaristas sempre razões para se ficar com elas; e sendo José de Seixas procurador da Câmara, as mandou para um belo sítio chamado Tibiri, sem embargo de lhe requerer que as pusesse onde se pudessem comodamente doutrinar com os demais; e portanto, pedindo-me o Senado depois que as tomasse à nossa conta, o não quis fazer, dizendo-lhe as pusessem em lugar cômodo para os padres lhes poderem acudir, ou bem buscassem missionário de outra religião que lhe assistisse. Puseram então um frade do Carmo que logo se enfadou, e se veio para a cidade. Tinha-lhes a Câmara posto um índio que os governasse, não como principal, mas como meirinho, indo eles quase continuamente empregados ao serviço da dita Câmara, ou[...] os pagamentos de seu suor ficavam à conta do procurador. Queixando-se os pobres índios que lhes não pagavam bem, respondia ele que lhes pagaria por inteiro; assim andaram miseráveis até o presente, mas já quase acabados todos com a peste das bexigas de pele de lixa; Deus Nosso Senhor lhes acuda com a sua Divina Graça, para que não tendo descanso na terra gozem ao menos depois de sua morte do descanso eterno do Céu. Tinha-se reservado a Antônio de Oliveira o seu direito para alegá-lo se algum tivesse, mas como faleceu pelo sertão, nunca seus herdeiros abriram a boca para alegar contra o que se tinha disposto. Andava o reverendo reitor Francisco Veloso já, desde então, ajuntando pedras e madeiras por minha ordem para se fazer a igreja nova, e eu mesmo muitas vezes acompanhava o irmão João Fernandes à pedra que ele tirava da ilha de S. Francisco e levava o irmão Manuel Rodrigues para o porto do Colégio. Deus Nosso Senhor com sua Santa Mãe pagará a ambos o muito que trabalharam em seu serviço.

.....

## *Capítulo XIV*

PASSA O PADRE SUPERIOR PARA O PARÁ A VISITAR AS ALDEIAS

**T**ENDO eu visitado as residências do Maranhão, no Colégio, fui-me visitar o Pará para onde se tinha já passado o governador novo, depois de ter honradamente despedido o velho quando se embarcou para o Reino com ambos seus filhos, que levou em sua companhia. Para ir com mais pressa, embarquei-me na nau caravela de Tomé Domingues, em que iam também embarcados o padre Manuel do Corpo Santo, o vigário-geral, o ouvidor-geral Tomé de Almeida e o[...] Pela viagem andaram sem susto, até perto dos baixos de Tujioca; lá achei que tínhamos chegado muito para terra e dei por conselho ao capitão que com as velas meio abertas, fizesse tornar a nau caravela atrás para não dar sobre eles; fê-lo assim o capitão com feliz sucesso até os ventos não darem lugar para mais. Com isso fomos para diante, sondando sempre a terra das águas, e como achávamos que estávamos em duas braças e meia, com que ficaram todos assombrados de medo, e muito mais ainda quando vimos diante de nós arrebentar os mares, que cuidavam os homens do mar ser sobre os mesmos baixos, o capitão passeando de uma



banda para outra não se sabia dar de conselho, e perguntando-me que me parecia em tal aperto tão perigoso, respondi-lhe eu que não me metia em dar conselho em cousa de tanto risco, e somente lhe dizia que confiasse do patrocínio da Virgem da Conceição, cuja devoção tínhamos rezado pelo caminho, e se eu fora dono da caravela havia de andar para diante sem embargo da atrapalhada das águas que se nos oferecia, porquanto isto eram correntezas, e não eram mares arrebetados nos baixos. Animou-se com esta minha resposta o capitão, e mandando ir a nau para diante entre o medo e a esperança, logo na mesma paragem onde lhe parecia havia de perecer achou-se em nove braças de água, com que ressuscitaram todos como da morte para a vida. Chegado que fui ao Pará achei os padres do Colégio com saúde, a parede da borda do mar levantada, a casa coberta de telha, o pátio cercado de muro de taipa de pilão com suas varandas ao redor sobre colunas, também a cerca cercada do mesmo modo pela diligência do padre, novo reitor, Bento Álvares, e o irmão Manuel da Silva subintendente. Das obras todas não faltava mais que uma escada para a sacristia, e uma janela para o pátio, o que tudo se fez em breve tempo, pelo modo que hoje se vê; abriu-se também a portaria ao meio por não estar bem em direitura da porta do colégio de dentro. Ao padre Antônio da Silva, sobrinho do padre, e vice-reitor, ao qual tinha admitido por noviço, mandei tomar à sua conta a horta para couves, e o pátio para parreiras, laranjeiras da China e flores para a igreja. Era uma beleza ver tudo bem limpo e cheio de várias curiosidades, e não há dúvida que seria hoje um paraisozinho se se conservar assim. Acabada a visita do Colégio, fui visitar as residências, as quais achei pobres todas, mas bem governadas, só aquela dos tupinambases se houve do desamparar de todo por se terem mudado os índios para o igarapé onde estiveram até o presente. A ocasião ou causa desta mudança foi a seguinte. Como quer que o Governador Pero César de Meneses vinha empenhado pelas fábricas de engenhos de anil, e tinha tido mau sucesso com a de Coti, em Maranhão, mandou fazer outra sobre um riacho de água, para cima da aldeia da ilha do Sol, no curral dos bois que serviam às obras da mesma aldeia, de que enfadados os índios se foram mudando com o seu principal, Perouaçu, para um igarapé

dentro, e não há dúvida que foi grande dano, porque o Padre Pero da Silva, que por entretanto assistia em Mamaiacu tinha feito uma bela igreja e casa coberta de telha ali, por ordem. Indo eu a visitar a roça de Mamaiacu, passei com o Padre Pero da Silva para ver a aldeia e achando-a toda desamparada, sem embargo de sua igreja nova, fiquei muito sentido; mas como achei que isto não tinha remédio, fui ver o anilal do governador com a fábrica que se estava fazendo e o anilal estava pouco povoado, e a fábrica posta em lugar onde logo havia de se perder por ser toda de madeira, e em sítio muito úmido. Estava assistindo à obra o engenheiro-anileiro, juntamente com o sargento-mor e foi meu parecer, como disse o engenheiro, de se desenganar ao governador. Fizeram-me muita honra e me mandaram levar em rede para a residência, donde depois de termos gozado da bela vista e viração, nos tornamos para a roça. Logo que cheguei à cidade dei parte ao governador do que tinha visto com que se desenganou, e em breve mandou parar a obra, porém não bastou isto para os índios tornarem para o sítio antigo, porque acharam no igarapé melhores terras, e também o caminho mais fácil, navegando pelo igarapé do que navegando pela costa brava, e esta foi a razão por que se fez igreja nova com casas no sítio novo, tendo o padre Antônio Pereira sucedido no governo da roça ao Padre Pero da Silva; porém nem ainda aí ficaram parados os índios, porque os mandou o principal Jacinto para o sítio posto sobre o mar, em razão do marisco, pelo ano de 1678, do que fazendo o padre Antônio da Cunha queixa ao governador, o reitor Bento de Oliveira então mandou mudar para lugar mais acomodado para se lhes ir dizer missa aos domingos, e sacramentá-los sem dificuldade e ao mesmo tempo instituir em Pará a confraria de Nossa Senhora do Socorro, na qual se assentaram muitos, assim religiosos como clérigos e seculares, por irmãos e se foram assentando cada dia mais e mais. Pediu-me o governador quisesse fazer as práticas das sextas-feiras da Quaresma em nossa igreja; as fiz com grande concurso, e não com pouco fruto, como parecia, porque ficaram bastante movidos. Aconteceu que o governador tinha tocado em obras do padre vice-provincial do Carmo, frei Manuel de Brito, de que logo ficou tão pesaroso que veio ao colégio valer-se de mim; consolei-o e tendo ele

vindo em tudo que lhe propunha para a devida satisfação que estava obrigado de dar antes de se poder absolver publicamente da excomunhão incorrida, fui eu à instância dele pedir em seu nome perdão do agravo feito por pouco agastamento e arrependido, e oferecer toda a satisfação devida, conforme o direito; porém a nada quis deferir frei Manuel, mas antes, fechando as portas do convento, foi-se com seus frades para a roça onde ninguém lhe chegasse. Vendo eu pois que frei Manuel de Brito estava, irracionalmente, obstinado, falei com o vigário-geral sobre o caso, para receber ele a satisfação que o governador, dantes seu amigo, lhe pedisse, foi absolvido solenemente da censura em que tinha incorrido; folgou tanto disso e ficou tanto amigo nosso que pediu ser irmão fora da missão, o que lhe concedeu e deu-lhe meu sucessor carta de irmandade, e contentando-me eu de lhe aconselhar que lesse e meditasse pelo livrinho do padre[...] o que fez com grande gosto e vontade. Ainda, em tempo de meu subpriorado, fez o governador uma junta de todos os prelados das religiões, vigário-geral Domingos Antunes Tomás, e outros ministros que o Rei manda assistir sobre as guerras que se hão de dar ao gentio da terra. Tinha Vital de Maciel, senhor ou donatário da Capitania do Norte, onde estava por seus negócios, avisado por cartas que pelo sertão de Urubuquara e aldeias circunvizinhas havia uma nação que impedia outra mais interior de chegar-se ao grêmio da Igreja Católica, impedindo o Santo Evangelho, contra as leis reais que em tal caso permitiam a guerra, e a tinha por justa e legítima; e assim requeria a Sua Senhoria mandasse examinar e dar a guerra, mandando gente que o acompanhasse para ela como cabo da tropa que se fazia em terras de sua Capitania. Fez o governador logo junta nas casas de sobrado que estão defronte do palácio, para a banda da cidade; convidou a mim que primeiro subisse pela escada, mas como estavam lá todos os mais prelados maiores das religiões, dei-lhes como era razão a precedência e durante a junta me pus também em derradeiro lugar. Propôs-se a causa da guerra, cuja justiça se havia de consultar; logo todos, o vigário geral Domingos Antunes Tomás, o padre provincial de Carmo, o comissário de Senhora das Mercês, o padre comissário de Santo Antônio e o provedor-mor, uniformemente, acharam que a guerra era justa e se havia de

dar; só eu disse era injusta, porque estes tapuias por suas inimizades só impediam a saída dos outros, sem nenhum missionário lhes ter ido falar nem a uns nem a outros em pregação evangélica; sem embargo disso, se[...] todos a quiseram fizesse eu o mesmo[...] por ser costume, mas acrescentei ao meu nome que eu era de contrário parecer. Com isso mandou-se dar a guerra, queimaram-se casas, cativaram-se índios, até que Vital de Maciel, entrando em si por uma carta que lhe escrevi eu, desistiu de exercitar mais hostilidades, e se retirou com a tropa para a sua casa. Veio de lá um dos mais abalizados gravemente enfermo, o qual mandando-me chamar da cidade de Belém do Grão-Pará, para se confessar, me disse falando comigo fora da confissão, daquela guerra, que ele por achá-la injusta se retirara dela com o cabo Vital Maciel e com eles se retirara a tropa toda. Foram muito grandes as crueldades que então se usaram, porque tendo a tropa chegado a uma aldeia de índios resolutos e tendo-os tomado como de sobressalto, vendo-se eles sem remédio, acolheram-se em um rancho grande, donde às flechadas se iam defendendo dos brancos seus agressores.

Estes, vendo que os índios obstinadamente se defendiam sem se quererem entregar, puseram fogo às casas e as queimaram, escolhendo muitos morrerem antes queimados, do que verem-se feito escravos sem causa a seu ver suficiente e legítima. Eu como não concorri com meu voto para que se fizesse essa guerra, folgo muito achar-me com a consciência livre diante de Deus, mas nem por isso condeno os pareceres dos que concorreram, porque só esse Divino Senhor conhece a verdade das cousas, entre as controvérsias, e a ele só toca julgar delas como justo e reto juiz. E já que cheguei a tocar a esta matéria, pareceu-me dizer, para cautela dos missionários vindouros, que sendo chamados, conforme as ordens reais, para tratarem da justiça das guerras, não se apressem em dizer o que se lhes oferece de primeira vista, mas peçam tempo e lugar para consultarem as propostas, com Deus Nosso Senhor primeiro, e depois com os livros e seus consultores, dando então ao cabo o voto que poderiam ter, dando-o na hora de sua morte, tudo conforme as regras de nosso santo patriarca; mas, como às vezes não permitem as circunstâncias dilação para ponderações vagarosas, e pedem resolução do caso mais apressada pelo tempo e lugar o pedirem assim, em tal caso

melhor fora não se achar em semelhantes juntas, como eu fiz uma vez ausentando-me da que se fazia na Câmara do Pará, e fui aprovado por nosso muito reverendo padre-geral Paulo Oliva, sem embargo de ter eu sido chamado para ela; e como os camaristas tomaram esta minha ação muito em mal, fui eu dar-lhes satisfação em suas casas. Não aconselho a ninguém que se ausente com risco de inconveniente no maior, mas vá para onde é chamado, tendo primeiro encomendado a Deus todo o negócio e pedido sua Divina Graça por meio da Virgem Santíssima, do nosso santo patriarca, e todos os santos do Céu, para o bom acerto, lembrando-se também que em causas do cativo, duvidosas sempre, prepondera a liberdade.

Para remate deste capítulo derradeiro em que referi as cousas acontecidas em tempo do meu primeiro superiorado da missão, peço a todos não se escandalizem ser eu o relator delas, porque o faço primeiramente para honra de Deus e lembrança para os vindouros, já que não houve ninguém que até o presente quisesse fazer, e faço eu para dar gosto à obediência que devo a meus prelados, e assim como dei princípio a esta obra por esses motivos, assim também por eles a irei continuando até o fim.

# LIVRO VI

DAS COUSAS QUE SUCEDERAM À MISSÃO  
EM TEMPO DO GOVERNO DO PADRE  
PERO LUÍS GONSALVI, ROMANO



.....

## *Capítulo I*

VEM DE ROMA PATENTE DE SUPERIOR  
DA MISSÃO AO PADRE PERO LUÍS GONSALVI,  
E AO PADRE FRANCISCO VELOSO DE REITOR  
DO PARÁ, E A MIM DO COLÉGIO DO MARANHÃO,  
E PRINCIPIAM TODOS SEUS GOVERNOS

**E**STANDO eu no quarto ano de meu superiorado, mandou o nosso muito reverendo padre-geral Paulo Oliva patente de superior ao padre Pero Luís Gonsalvi, que tinha sido seu noviço em Roma, e ao padre Francisco Veloso de reitor do Pará, e a mim de reitor do Maranhão; chegaram a todos em 1674. Veio o padre Pero Luís, de Xingu, tomar posse de seu governo, depois de ter lá padecido o que Deus sabe e lhe premiará no Céu; sucedeu-lhe naquela residência, por ordem sua, o padre João Gaspar Coutinho, o qual, tendo a seu cuidado esse rio com os ingaibas, indo ao rio das Amazonas, adoeceu mortalmente pelo muito trabalho e cansaço. Eu também parti logo para o Maranhão em uma canoa nova e rica de pau-a-pique verdadeiro, que tinha comprado a Manuel Guedes Aranha por cento e setenta mil réis e feito encavernar, chamando-a *Santo Inácio*, com tenção de me servir dela para a fábrica de sua igreja nova, que pretendia fazer à Virgem Nossa Senhora da Luz, e tudo



o mais necessário para o Colégio que ia governar. Deu-me muito trabalho pelo caminho, por serem os remeiros insuficientes, e a canoa tão alterosa, que não podiam bem chegar à água para remar, e ser-me necessário endireitar os igarapés para lhe dar passagem. Ajuntou-se a isso que, tendo pedido ao principal da aldeia do Maracaná, Lopo de Sousa, o famoso [...] Cacaúba, um piloto, me remeteu às salinas, onde Roque Monteiro, que então presidia aquela fábrica, me deu um, por nome Gonçalves. Veio esse para a canoa e seguiu-o enganosamente a mulher como quem lhe trazia a sua vestimenta, agradeceu-lhe a caridade e o presenteei. Com isso partimos alegres até o cabo do igarapé, que sai para a baía de Guirapepó; lá passamos a noite, metidos em uma correnteza e querendo eu, ao romper do dia, continuar minha viagem, achei-me sem piloto, por ter fugido para as salinas. Mandei logo em busca dele com uma carta a Roque Monteiro, em que me queixava dele, ameaçando-o com o castigo que lhe havia de dar o governador se o índio não aparecesse, porque sabia que o tinha querido levar aos jabutis ou cágados. Quis Deus Nosso Senhor que àquele tempo passasse o vigário-geral Domingos Antunes Tomás com outra canoa do Caeté e estranhasse a trapaça que se me tinha feito, a mim, tão seu amigo. Veio o índio em companhia do vigário-geral, agradecendo-lhe eu muito o favor de trazê-lo consigo. Um morador da vila do Caeté, conhecendo ser o Gonçalves muito ribeirinho e que não ia senão como forçado, deu seu piloto próprio para governar a minha canoa, de Santo Inácio; deste modo fomos belamente até a residência do Caeté, onde o padre Gonçalves de Veras, que também era vigário da vara para os brancos, nos agasalhou com toda a satisfação, não faltando as danças dos moradores que, à boca da noite, vieram com suas violas fazer festa a seu vigário-geral e juntamente a mim que ia em sua companhia. Morava o padre missionário Gonçalves de Veras, por aquele tempo, em umas casas que o padre Pero Francisco tinha feito, do tempo de seu superiorado, que depois se mudaram para a aldeia, onde estão de presente. Conheceu-me o padre Gonçalves de Veras, então, por seu reitor, por estar aquela residência ainda sujeita ao Colégio do Maranhão e de cuja sujeição se tirou depois por se poder prover mais comodamente do Colégio do Pará, porque, enquanto estive no Gurupi sempre foi su-

jeita ao Colégio do Maranhão, onde cheguei em breves dias, depois de partir do Caeté com viagem muito feliz. Deu-me o padre Francisco Veloso posse do Colégio e se partiu muito bem aviado para o seu, do Grão-Pará; lá achou o padre Bento Álvares, reitor, muito mal disposto e como lhe parecia que ali não melhoraria tão bem como no engenho de D. Catarina da Costa, nossa irmã, foi-se para lá; porém, como o achaque era de morte, deu-lhe uma disenteria incurável, a qual o levou para a outra vida, ainda em boa idade para trabalhar na vinha do Senhor, se Ele não tivesse sido servido chamá-lo naquela idade de quarenta e seis anos, pouco mais ou menos, para premiá-lo pelos bons serviços que lhe tinha feito na missão, principalmente pela residência do Gurupi e Colégio do Pará, onde trabalhou mais, com o irmão Manuel da Silva, que nenhum outro seu sucessor. Era homem muito prudente, zeloso e obediente, com uma palavra, a quem por sua rara virtude lhe mandou o nosso muito reverendo padre-geral Paulo Oliva a profissão de três votos de pio. Faleceu aos vinte e três de janeiro do ano 1676 e foi enterrado com a solenidade costumada na capela-mor de nossa igreja do Grão-Pará, chegado à parede, da banda do Evangelho. Teve o padre Francisco Veloso no Pará a perda de um tão grande missionário, que, suposto não tinha estudado teologia, pregava muito bastantemente e era sujeito de grande préstimo, não só para as aldeias, mas também para o governo dos Colégios. Houve no Maranhão outra quase semelhante, por morrer, o ano dantes, de uma carnosidade, o padre Antônio Soares, irmão do padre José Soares, companheiro inseparável do padre Antônio Vieira, com o qual ambos vieram para a missão em 1657. Foi enterrado na igreja de Nossa Senhora da Luz; era homem de estatura pequena, de cabelo ruivo, rosto vermelho, beijos algum tanto grossos, e de tão grande virtude que me não dá lugar a brevidade desta história para o poder dizer como bem merecia; era tal a sua humildade que para não ser sacerdote se tinha tirado o primeiro artigo do primeiro dedo às dentadas, como ele mesmo me contou; amante da pobreza tão[...] que nunca se viu trazer roupeta ou sapatos novos, andando com uma roupeta velha que ele mesmo ia remendando com fio branco, de sorte que não havia frade de Santo Antônio tão pobremente em tudo como ele; nunca apetecia regá-los,

nem quintas, sendo mestre de latim tantos anos, nem se achava em seu cubículo livro ou cousa sua que valesse ser cobiçada; tão devoto que sempre rezava de joelhos, botado meio de braços ao chão. Era prefeito perpétuo da igreja, a qual com seus estudantes tinha meia limpa e concertada; fazia a doutrina aos índios dentro e fora da Casa, ele os desobrigava pela maior parte à quaresma; era tão zeloso que acompanhava os padres pelas aldeias, não se dando por satisfeito com o que fazia na cidade, tão paciente que sendo quase continuamente molestado da pedra nunca se ouviu queixar, dizendo que lhe fazia Deus graça de herdar o mal que tinha o padre Manuel de Lima, a quem ele tinha servido enquanto estivera na missão; tão obediente que acudia ao mínimo sinal e tão caritativo e amante de Deus e do próximo e da Virgem Senhora Nossa, que não tenho palavras com que encarecê-lo.

Em uma palavra, era um santinho e exemplar de toda a virtude, e para que ninguém imagine que falo apaixonado, saibam que a isto não me move nenhuma paixão, mas a pura verdade, como poderão certificar todos aqueles que com ele viveram.

.....

## *Capítulo II*

QUE TAL ACHEI O COLÉGIO DO MARANHÃO, E O QUE  
OBREI ALI PELOS PRINCÍPIOS DE MEU REITORADO

**A**CHEI no Colégio de Nossa Senhora da Luz o padre Antônio Pereira e o padre Francisco Ribeiro, ainda noviços, os quais tinham partido de Lisboa aos[...] de maio do ano 1674, e tinham chegado aos vinte e sete de junho do mesmo ano ao Maranhão e tinham trazido consigo as patentes para o superior novo da missão, para os reitores de ambos os Colégios; achei mais outros dois padres, um que estava na residência de S. José e outro na dos guajajaras, do Pinaré.

Irmãos coadjutores eram o velhinho João Fernandes, o irmão Marcos Vieira e o irmão Manuel da Silva; o padre Antônio Pereira fazia ofício de pregador e confessor, juntamente de mestre de noviços; e como que pelo Brasil, onde tinha estudado curso de teologia, havia também corrido com os enfermos e dando-se por entendido na matéria de curá-los, era buscado dos doentes, aos quais acudia assim para a saúde do corpo como da alma, com muita caridade. O padre Francisco Ribeiro, filho de Lisboa, e irmão de João Ribeiro, o cego, tinha já estado na companhia alguns anos, ensinando gramática; mas tinha sido expulsado pelo padre comissário geral Antão Gonçalves por mostrar repugnância de ir para uma aldeia para qual se mandava, e depois de expulsado servindo de capelão a João Peixoto, homem autorizado no Brasil, e finalmente sido reduzido outra vez pelo padre

Antônio Pereira, o que visto constituiu-se mestre do latim no Colégio de Nossa Senhora da Luz, sem embargo de ser ainda noviço, por ter falecido o padre Antônio Soares e não haver outro que se pudesse substituir em seu lugar; cumpriu com este seu cargo com toda a satisfação, ensinando, catequizando, havendo-se em tudo como quem já tinha experiência, e sido mestre de muito engenho e devoção.

Achei o Colégio bem regrado e bastantemente provido de escravos, adquiridos pelo padre Francisco Veloso, em seu tempo de reitorado. Duas cousas faltavam tocantes ao temporal e eram não estarem acabadas as casas nem salinas; verdade seja que também faltava a igreja nova, mas a muita diligência e grande cuidado do meu antecessor, Francisco Veloso, deixava já toda a madeira puxada para junto do Colégio, com grandes rumas de pedra para fábrica dela, conforme lhe ter eu ordenado, sendo superior da missão. Comecei, pois, pelo concerto do Colégio e com a assistência do irmão Manuel da Silva, que até a arte de pedreiro sabia por sua curiosidade, fiz levantar as paredes do corredor velho à altura do novo, e cobrir todo de telha. Mandeí proporcionar as janelas dele com as mais; fiz mudar as portas dos cubículos para condizerem todas umas com as outras, fiz mais picar as paredes para lhes tirar a tortura ou desigualdades que tinham e ao cabo de tudo, levantar o sobrado do corredor velho para igualá-lo com o novo. Parecia esta empresa muito dificultosa, mas efetuou-se com toda facilidade do modo seguinte: tiraram-se as tábuas das ilhargas, levantaram-se um palmo de mais os buracos dos barrotes, e feito isso tomando-se o nível por corda se foi alçaprumando pouco a pouco todo o corredor, até ficar pela medida, com que, tendo-se tornado a pregar o tabuado, ficou obra boa e uniforme, como se vê do presente, tendo sido de antes uma cousa muito feia e desproporcionada. Desconfiava o irmão Manuel da Silva, mestre das obras, por ele fazer tudo por suas mãos, com uns escravos que ensinava, de poder-se picar a parede, dizendo que se não metia em tal e se chamaria esse corredor de quem o mandava picar, e desconfiava também de poder se levantar o sobrado todo, sem desfazê-lo primeiro; mas alegrou-se de ver tudo feito com feliz sucesso, sem ajuda de sua muita indústria e diligente cuidado. Levantada e concertada já a Casa, tratou-se de acabar as salinas, para fábrica das quais, se bem a cometer eu, ao irmão Manuel Fernandes, o irmão Manuel da Silva em tudo teve a maior

parte, em fazer o tanque e valas e cercar tudo ao redor, por amor de não entrar água doce, nem subir água salgada para fora, e o irmão Manuel Rodrigues em fazer o tanque e cercar de valas, porque a disposição das marinhas e fábrica delas e da casa de taipa de pilão se devem à indústria e diligência do irmão Manuel da Silva. Antes de se fazer este benefício, tinham apanhado uns duzentos alqueires de sal umas canoas que tinham feito para receber as águas de agosto e setembro; as salinas, porém, depois de beneficiadas de modo já dito, deram tanta quantidade de sal que bastou não só para a casa e roça, mas para ajudar a república toda, vendendo-se aos moradores a duas varas de pano o alqueire, quando há abundância dele. E não foi pequeno bem que o colégio recebeu com a fábrica destas salinas, porque se dantes com muita antecedência se alcançavam uns alqueires do sal que vinha do Reino, e havia contínua falta dele assim para o Colégio como para a roça, e para gente da fazenda, depois, graças a Deus Nosso Senhor, nunca faltou, porque se em algum ano por serem muitas as chuvas; não o havia, havia-o em o seguinte e neste ínterim recorria-se ao que estava guardado em casa das salinas. O modo mais fácil de fazer sal é o seguinte: faz-se cercado grande de valas, este se reparte em duas partes, a quarta parte, pouco mais ou menos se dá às marinhas, e a outra, apontada em sua cerca e valas, ao tanque grande, o qual tem seus fossos ou valas ao redor, da parte de dentro, para conservarem melhor as águas; faz-se-lhe uma porta que se possa facilmente abrir e fechar para dar entrada às águas, e conservá-las depois de terem entrado para dentro; pelas águas vivas de agosto se admitem as primeiras e estando bem cheio o tanque e em boa altura se fecha a porta e destas águas parte consomem as ventanias, parte embebe a terra sequiosa; tornam-se a receber as águas novas pelas águas vivas de setembro, estas então se guardam com grande cuidado e se bem que também embebe a terra boa parte delas, contudo fica bastante para o sal, se as chuvas as não botarem a perder; passadas umas cinco para seis semanas, pouco mais ou menos, conforme a força do sal, começam a engrossar as águas e morrendo os peixinhos que por elas andam, já vêm a ser aptas para se passar para as marinhas, que são uns como tabuleiros largos de quatro, seis ou oito palmos, e compridos de 15, pouco mais ou menos, dispostas em tantas carreiras que se quiserem, conforme a quantidade de sal que se espera fazer, contanto que pelo meio e ilhargas te-

nham seus caminhos largos para andar ao redor, e suas valazinhas ou regos para receberem as águas as quais, vindas do tanque grande, se lhes comunicam por uns canos até se encherem de sal, qual se vai recolhendo e levando a um tanque, onde umas índias o lavam e o limpam do lodo, pondo-o sobre umas peneiras para lhe botar água emriba, e já branco e sem o lodo, o põem a enxugar ao sol, e o que fica menos branco esse chama-se sal preto, se põe à parte e serve para os servos e necessitados, e, estando já enxuto, se mede e se recolhe à casa. As chuvas pequenas não sendo repetidas, acrescentam sal, as grandes o botam a perder quando se não há lugar de as deixar sair das águas muito engrossadas. Não se deve passar aqui sob silêncio uma casta de pedra branca, que lasca a modo de talco e parece vidro, cuja mina se achou no tanque grande para banda do mato, uns seis ou sete passos afastados da vala, e do canto dela uns 20, pouco mais ou menos. Soube desse mineral o irmão André, boticário da baía, e mandou pedir algum para suas mezinhas e deve-se notar bem aqui que os minerais comumente não têm que escória por cima, e quem quiser ter o mais puro deles deve cavar mais fundo. E já que se fala em minerais, há de se de saber que esta ilha está cheia de mineral de ferro, e acham-se uns pedaços que já parecem ferro fundido. Tinha eu já feito fazer muitos anos dantes umas salinas junto à casa das canoas pagando dois bois de carro a Domingos Duarte, mestre delas; mas como não tiveram sucesso por ele se enganar, tratamos de fazer estas onde eu dantes queria fazer as primeiras, ficando em S. Marcos, lugar rico para outras muito melhores. Como o Colégio tinha grande necessidade de telhas, tijolos, quartas, púcaros e semelhantes cousas, tratei a fim de ter um oleiro e uma olaria com João, filho de Alonso, que veio do Brasil com o padre visitador Francisco Gonçalves, e estava casado com uma tapanhuna, escrava, Isabel, filha de João Velho, a quem Alonso, por morte, sucedeu em governo da ilha, aprendeu o ofício de oleiro com o mestre oleiro de Miguel Rodrigues, e depois com o do Capitão-Mor Francisco Pais. Entretanto, fui descobrir bom barro nas ilhas de S. Francisco e de S. Marcos; na de S. Francisco achei barro como pedra mármore, mas muito forte em uma fonte que há junto do tanque das salas, ao pé do monte, para banda da cidade; o outro achei em S. Marcos mais brando, e com esse mandei fazer casa de olaria onde está de presente, com seu forno, o que tudo fez o irmão Manuel da Silva

com suas mãos, ajudado dos índios seus aprendizes. Só água faltava qual também fiz buscar por Francisco, feitor da roça, dizendo-lhe cavasse onde achasse ervas mais verdes, fê-lo assim, achou uma veia de água junto à olaria, a qual serve para beber e lavar a roupa dos que lá assistem e quis Deus Nosso Senhor, em honra de sua Mãe Santíssima, a virgem Senhora da Luz, a quem esta olaria se dedicou, que no mesmo lugar onde se cavou para fazer amolecer o barro saiu uma veia de água que servisse para temperá-lo, e reparou-se como cousa digna de admiração, que, tendo o irmão Manuel da Silva feito limpar e igualar a casa da olaria, que dentro de uma noite ou pouco mais, cresceram ali três lírios brancos saídos de um só talo, que o irmão Manuel da Silva me trouxe ao Colégio e eu, à vista desta maravilha, de três lírios brancos, declarei que esta olaria se havia de chamar Olaria de Nossa Senhora da Luz, virgem antes do parto, no parto e depois do parto. Fui depois disso ver a obra com André Cordeiro, nosso irmão de fora e outros, e querendo ele disparar em sinal de festa uma pistola que trazia consigo junto à Cruz que se tinha levantado, não tomou fogo e tornando-a eu então sem lhe pôr pólvora à escorva a disparei. Ficou lá de morada desde àquele tempo, João Oleiro com sua mulher, e alguns mais necessários para cavar e ajuntar os materiais e bois, deputados para este efeito, e o que era de muito cômodo foi que com todas as marés cheias, pôde a canoa chegar um lanço de pedra perto do forno para levar e trazer o necessário, que nunca mais houve falta de louça e telha em casa, antes houve para se vender quanto quiséssemos a oito mil réis o milheiro posto em casa. Sentiu o comendador das Mercês escapar-lhe das mãos essa paragem, mas não debalde, porque o venceu sempre dona viúva Maria Sardinha, que me tinha vendido aquelas terras, que a não ser isso assim, nunca eu havia de ter comprado as terras de S. Marcos por me correr sempre bem, assim com o comendador como com os mais padres religiosos de Nossa Senhora das Mercês. Tinham as terras de S. Marcos águas para o gado, mas como havia um alagadiço muito grande de permeio, ficavam inúteis para o intento e para isso dei traça ao irmão Manuel da Silva para se fazer uma passagem de pedra pelo qual homens e meninos passassem a seu gosto com maré vazia, com que ficava de grandíssimo proveito para o Colégio de Nossa Senhora da Luz e juntamente para alívio dos padres quando quissem ir espairecer.



.....

### *Capítulo III*

DA VINDA DO PADRE PERO LUÍS GONSALVI,  
SUPERIOR DA MISSÃO PARA O MARANHÃO,  
E MORTE DO PADRE MANUEL NUNES  
QUE ELE TRAZIA EM SUA COMPANHIA

**T**ENDO o padre Pero Luís recebido a patente de superior da missão, tomou logo posse e visitou as residências no Colégio da banda do Pará aonde se achava; e como não houve mudanças que fazer logo, foi-se do Pará para o Maranhão, levando consigo o padre Manuel Nunes, o qual pouco havia era retirado de sua missão do Cametá, onde tinha assistido muitos anos com muita satisfação, e estava descansando no Colégio do Grão-Pará, feito tão escrupuloso em sua velhice que não havia quem lhe pudesse tirar os escrúpulos que o faziam meio tonto, e lhe abreviavam os dias de vida: como eu tinha pedido por carta que mo trouxesse para ter bem cuidado dele em seus derradeiros anos, mo trazia o padre superior. Aconteceu pelo caminho que tendo saído do igarapé chamado Pajé, entraram na baía que há entre ele e o igarapé de Maracaná, comeram um bocado e ditas as ladainhas e feito o exame costu-

mado, deu sono ao padre superior Pero Luís, com quem se reclinou para dormir um pouco; e entretanto, achando-se o padre Manuel Nunes apertado de uma dor de barriga, em vez de se assentar no lugar costumado, que é o de quarta do meio, assentou-se em riba da tábua da popa, pegando com ambas as mãos os arcos da tolda, como depois afirmou tê-lo visto um dos rapazes; donde se colhe que, como era achacoso e tinha, sua fonte, além de ser de muita idade e pouco ligeiro de mãos, braços e pés, cansou, e querendo se levantar não o ajudaram as forças, com que deu consigo dentro d'água, sem nenhum dar fé disso. Acordou o padre superior Pero Luís e achando de menos o padre Manuel Nunes chamou por ele, e visto que não respondia, nem ele o via, perguntou aos remeiros, dizendo: Filhos, que é do padre Manuel Nunes? e como eles lhe disseram que não o sabiam, e disse o rapaz o vira somente assentado junto ao cabo da popa, sobre a tábua, pegando nos arcos da tolda, inferiu que caíra ao mar e se afogara.

Começou logo a derramar pesarasas lágrimas e dar gritos para o céu, e com ele todos os índios, fazendo-lhe um pranto pelo muito que lhe queriam, e é cousa digna de reparo que faleceu desta sorte em paragem de tapera da aldeia de Maracaná antiga, em que tinha sido missionário dos que, pela maior parte ainda, viviam mudados para outro sítio, em que moravam depois da sua mudança.

Puseram-se a buscar o corpo morto todo aquele dia, e como não puderam por nenhum modo dar com ele foram-se para a aldeia de Maracaná, onde o padre superior disse missa, e feita a doutrina, referiu ao principal Lopo de Sousa Cacaúba o que se passara, encomendando mandasse logo canoas em busca do cadáver. Sentiu muito toda a aldeia a morte do defunto seu, padre Manuel Nunes, que amavam e veneravam como pai, por ter sido seu missionário; foram-se logo as canoas em busca do corpo do defunto, e depois de o terem buscado por todas as partes o acharam finalmente em um tijucal ou lameiro, entre os mangues, na paragem já referida, coberto todo de seus vestidos e sem nenhuma corrupção mais que nos olhos e boca do estômago, onde os pássaros lhe tinham dado umas picadas. Contento com a chegada, o levou para a aldeia, que o chorou muito, e metido em um caixão o puseram junto ao altar de sua igreja por não dar de si nenhum ruim cheiro, e o ter enco-

mendado muito o padre superior, para depois se poder transportar para a igreja de S. Francisco Xavier do Colégio de Santo Alexandre do Grão-Pará. Logo que o padre Francisco Veloso, reitor do Colégio, o soube, mandou em busca dele o padre Pedro da Silva, que assistia a roça, e de lá como missionário acudia aos tupinambazes e maracanazes. Chegou o padre, disse missa, praticou os índios, ajuntados todos na igreja, muito tristes e chorosos; acabada a prática e lido um responso sobre o corpo do defunto, pegaram dele os mais autorizados da aldeia, e o levaram no esquife para o porto, acompanhando-o todos, homens e mulheres, em procissão, com candeinhas de cera pela mão; lá se embarcou em canoa do padre Pedro da Silva, o qual o levou à igreja de S. Francisco Xavier, da cidade do Grão-Pará, onde esteve muitos meses, debaixo do altar-mor, sem nenhum ruim cheiro, até que finalmente lhe deram sepultura na capela-mor, bem ao meio, diante do altar, em fins de novembro do ano de 1676. Era o padre Manuel Nunes dos mais velhos da missão, assim pela sua idade como pela assistência em obra dela. Professor de quatro votos, natural do Reino, onde leu primeira da Teologia, e depois no Brasil, donde veio para a missão, foi superior de uma vez, e muitas vezes reitor, varão de singular virtude e doutrina, até em Direito, sobre o qual o consultavam como um oráculo; teve suas missões para os sertões, assistiu em Maracanã, Maquari e foi o primeiro missionário dos ingaíbas, cujo catecismo como em língua deles, que até hoje se ensina, e depois recusando o reitorado do Pará, que o padre Gonçalo lhe tinha mandado por patente, finalmente foi-se para o Cametá onde assistiu com o irmão Baltasar de Campos e o padre Antônio da Silva, reverenciado e amado de todos os índios e brancos. Era muito casto, pobre e obediente e grande desprezador de si mesmo; o zelo das almas estava tanto em seu peito que bem o mostrava quando ensinava e confessava os índios, em cuja língua era um cicerão. Sua mortificação tal, que em já sua muita idade fazia disciplina todos os dias e sua oração com todo o cuidado, e dita sua missa, feita a doutrina, em regava uma meia hora em ação de graças e depois pegava em Senhor Jesus com um joelho sobre o chão e outro erguido, por andar achacoso, passava as manhãs e tardes em contínua oração, tirado o tempo em que a caridade ou a obediência o ocupava para com o próximo, e sempre com suas contas ou pela mão ou ao pescoço. Era devotíssimo do bem-aventurado S. José, donde quei-

xando-se o padre superior amorosamente ao santo, porque tinha deixado afogar-se o seu devoto daquela sorte, adormeceu e pareceu-lhe que via o santo bem aventurado tendo preso o padre Manuel Nunes por uma cadeia de ouro, e, levando-o para o Céu, dizendo estas palavras: Eis aqui como trato os meus devotos. Um caso raro contou-me dele um irmão nosso, e foi que, chamado para uma roça muito distante e por caminhos escabrosos para ouvir de confissão de um índio doente, levantou-se logo da mesa sem dilação nenhuma, e andou por pedras e lamas a confessá-lo. Não falo na sua grande devoção para com a Virgem Senhora Nossa[.....]levava sempre pendurada ao pescoço, já rezando por ela onde quer que fosse; e quem era tão ouvido com Deus por meio da oração quase contínua, mal podia deixar de ser muito amante de sua Santíssima Mãe. Em uma palavra, era o retrato de um perfeito missionário, e ricos exemplos nos deixou a todos para imitação; confesso que era algum tanto rigoroso, mas logo se remetia à sua igualdade de ânimo bom, com que costumava tratar.

.....

## *Capítulo IV*

DAS TROPAS EM QUE O PADRE SUPERIOR  
DA MISSÃO PERO LUÍS ANDOU PELO MARANHÃO,  
E DO MAIS QUE SE OBROU EM TEMPO DO  
GOVERNADOR PERO CÉSAR DE MENESES

CHEGOU o padre superior da missão ao Maranhão o admitiu à companhia dois sujeitos, o padre Manuel Borba e o padre Diogo da Costa, ambos naturais da terra, e cometeu-os ao padre Antônio Pereira, que já tinha à sua conta o padre Francisco Ribeiro. Fez sua visita, como é costume, e assistiu no Colégio enquanto se forraram os cubículos que ficaram para se forrar, e se acabou o corredor novo para a banda da matriz. E como em tempo do governo do governador Pero César não houve cousa digna de se referir, tirando as tropas, por ser tudo o mais idas e vindas, mudanças dos sujeitos de uma parte para outra, só das tropas falarei mais largamente, acrescentando ao cabo deste capítulo o que houver digno de se relatar. A primeira tropa que se ofereceu foi a que se fez pelo rio do Meari para cima, e ela teve o padre superior Pero Luís por missionário com Baltasar Fernandes, então sargento-mor, e depois capitão-mor de S. Luís do Maranhão. A ocasião e causa de mandar esta tropa foi andarem pelos matos e campinas daquele rio uns tapuias que to-

mavam de sobressalto os escravos dos engenhos e os matavam com muita crueldade, sem se poder saber donde vinham, ou que eram senão por adivinhações. Foi logo esta tropa ver se podia dar com a aldeia ou terra desses e mais matadores; andou dias e semanas para cima, sem dar com gente alguma nem rastro dela, com que, suspeitando morreriam pelo sertão dentro, andou toda com o missionário e o cabo pela terra a pé, por alagadiços, lagos, rios, por chuvas e sol, por campinas e matas fechadas, com incrível trabalho mas sempre de baldado. Não se repara aqui nos cansaços, fomes e sedes que passaram por aquela viagem, tanto quanto se repara que com todas estas moléstias nunca se esquecessem da sua devoção que o padre missionário tinha determinado para se guardar cada dia, quando tivessem chegado à boca da noite a alguma paragem onde quisessem tomar qualquer descanso e foi que todos com ele, que os precedia com seu bom exemplo, rezavam de joelhos o terço a ladainhas da Senhora sem embargo de andarem às vezes todos molhados e, quando isto não sempre, muito cansados, ficando toda a tropa muito edificada deste bom exemplo do padre superior, que não acharia palavras bastantes para engrandecer a sua muita virtude. Vendo, pois, o cabo da tropa que debalde se cansavam de em busca do gentio, que pretendiam de achar para lhe dar o merecido castigo pelos assaltos injustos que davam aos escravos dos moradores do Meari, e já tinham gastado alguns meses em tal pretensão sem lhes ficar sequer esperança provável de poder dar com ele, resolveu-se a um prudente retiro antes que, pela mudança do tempo e clima, desse alguma doença aos soldados. Já se vinham descansando para baixo, sem medo de algum mau encontro, quando a canoa do padre superior da missão deu em uma pedra aguda, a qual lhe traspassou o fundo de tal sorte, que só por milagre de Deus e pela intercessão da Virgem Senhora Nossa, escapou do perigo evidente de alagar-se e perder-se, pois além de tirar-se da pedra em que estava fincada pela veemência do remar, foi maravilha grande também se tapan, de sorte que se não alagasse com a perda de tudo quanto ia dentro dela. A segunda tropa em que o padre superior Pero Luís foi por missionário, foi a que rmandou o governador Pero César de Meneses, em descobrimento do rio Paruaçu, entre o Maranhão e o Ceará, em que o capitão

Afonso[...]Rui ia por cabo, e o irmão Antônio Ribeiro por companheiro do padre missionário. Partiu esta tropa pelo verão e como o padre superior da missão, desejoso de seguir as pisadas de S. Francisco Xavier, quis correr a pé descalço aquelas praias que há entre o rio Parauaçu e o rio das Preguiças, como o santo tinha corrido, não é crível quanto padeceu, atolando-se-lhes os pés a cada passo por aquelas areias que a ventania contínua daquelas paragens está amontoando.

Andaram meses naquela viagem rio acima até à altura das seras de Ibiapaba, conforme contara o irmão Antônio Ribeiro, o qual tinha feito um mapa dos rios e terras em que tinha entrado. Deram finalmente com uma nação que tinha roças abundantes em mandioca, não faltando pelo rio pirauíbas e outras cestas de peixes, com que a tropa se ia sustentando.

Saiu aquele gentio para o porto das canoas sobre uma ribanceirinha, deixando o seu mulherio posto à vista, mas posto algum tanto de longe no mato. Saiu o padre superior como missionário da tropa a encontrá-los, falando-lhes como podia por intérprete, por serem de língua travada, cercaram ao redor por todas as partes, com uns machadetes pelas mãos, reclinados aos ombros, como quem estavam esperando o sinal para ferir-lhe a cabeça. O padre superior, como ele mesmo me contou, vendo que entre tanta gente não havia lugar para se tratar do que intentavam, que era reduzi-los, se foi recuando pouco a pouco, e finalmente saltou para canoa, para a qual convidou o seu principal deles, para lhe falar de assento.

Veio ele, suposto que com algum receio dos brancos que se achavam todos com suas espadas às cintas, suas espingardas às mãos, até que vendo a brandura com que o tratava, o padre superior, perdeu todo o medo que de antes tinha concebido. A seu exemplo chegaram outros mais à canoa assim do padre missionário como do cabo da tropa Afonso; e se entretiveram largamente, porém sem nenhum efeito do fim que se pretendia; com o que veio a tropa para baixo, sem se tirar daquela viagem mais proveito que o descobrimento do rio e suas terras com aquelas com que vão confinar.

Disseram os índios que o Parauaçu ia dar pelas cabeceiras em um despenhadeiro de águas, e de lá em umas campinas de belos pastos,

aonde os brancos iam sobre uns cavalos, e sem dúvida que isto deve ser as campinas e pastos que vêm do Ceará, correndo aquela corda para baixo até o rio Parauaçu, e de lá até perto do rio Tapicuru no Maranhão, o que me faz crer ser isto por assim me ter dito o Agostinho Ururi, do qual já tenho falado em capítulos atrás, e mais um Fuão Figueiredo, natural do Brasil, o qual indo comigo no barco em que iam alguns dos padres[...] do Maranhão, do Ceará para Pernambuco, em 1684, me disse, contando o desgraçado sucesso que tinham tido uns filhos da Bahia, e foi da maneira seguinte:

Tínhamos, disse ele, eu e mais uns camaradas meus, corrido a cavalo os pastos que há entre Ceará e o Maranhão, para vermos se eram bons para pasto de gado vacum, e como os achamos a nosso gosto e achamos os nossos índios que por ali moravam, pedimo-lhes que no-los vendessem, dando-lhes muita ferramenta que trazíamos para esse intento por elas; aceitaram a ferramenta com muito gosto seu e ainda com muito maior gosto nosso, persuadindo-nos que tínhamos feito bom negócio, e com isso fomo-nos à Bahia pedir a carta de data e sesmaria dos ditos pastos em nome do Rei; feito tudo corrente, fomos outra vez às terras dos ditos bárbaros vendedores, dizendo-lhes que vínhamos tomar posse real dos pastos que nos tinham vendido o ano atrasado. Responderam eles que, suposto isso, lhes déssemos de novo outra ferramenta, e como replicássemos que lhes tínhamos dado a que bastava para cumprimento do preço, não se deram por satisfeitos, alegando que a ferramenta que lhes tínhamos dado não era mais que para o ano atrasado e que pelos anos vindouros lhes havíamos de pagar cada ano nosso foro, pois eles nunca tinham querido vender o senhorio das terras que tinham herdado de seus avós, mas somente aforá-las por um ano, ficando sempre com o senhorio delas. E como porfiássemos que lhes tínhamos pago como vendidas e não como aforadas somente, nos apartamos uns dos outros para depois tratar mais devagar este negócio.

Os meus camaradas, disse-me ele, foram adiante, caçando pelas matas que havia e, tendo morto alguma cousa, assaram e comeram por serem horas de jantar; eu com o meu moço, índio da terra, vinha atrás, por manquejar a minha cavalgadura de um pé, e estando ainda em boa distância ouvi pancadas de ibiraçanga; mataram esses bárbaros os meus camaradas que estavam descansando e dormindo em suas redes,



sem suspeita de uma tão grande traição. Vendo, pois, isto, logo no mesmo momento me meti com o meu moço pelo mato adentro com toda a pressa, e atravessando-o sem parar, me vi sair pelo Ceará, donde e agora volto para minha casa.

E suposto que esta relação bastava para tirar toda a dúvida do que se trata, contudo fica isto agora indubitável, depois que o governador Antônio de Albuquerque mandou abrir o caminho do Maranhão para o Ceará e Bahia, e por ele vinham e voltavam os homens que vieram pedir datas de terras e pastos por aquelas bandas, indo-se com eles o ouvidor-geral que tinha sido deste Estado, Manuel Nunes Colares.

Antes de se fazer a última tropa para os terembezes, foram admitidos pelo padre superior da missão, pelos poderes que tinha alcançado, já dantes, dois novos sujeitos, João da Silva e Baltasar Ribeiro, ambos naturais da cidade de S. Luís do Maranhão; tomaram a roupeta a dois de fevereiro do ano de 1677 e foram encomendados ao padre Antônio Pereira, que ainda estava no Colégio do Maranhão. Não me detenho aqui a relatar o descobrimento do caminho que por terra se fez desde o Maranhão até à cidade da Bahia, porque reservo esta relação para seu mais próprio lugar, bastando o até agora referido para se saber as disposições mais remotas que pouco a pouco foi tendo, até finalmente se conseguir com efeito que se podia desejar.

.....

## *Capítulo V*

DA GUERRA DADA AOS TEREMEMBEZES EM QUE  
O PADRE SUPERIOR PERO LUÍS FOI POR MISSIONÁRIO

**A** TERCEIRA tropa em que o padre superior Pero Luís foi por missionário com o irmão João de Almeida, francês de nação, é aquela em que o Capitão-Mor Vital Maciel foi outra vez ao rio Parauaçu e lá dar castigo à nação dos terembezés. Antes de relatar o successo daquela tropa, parece-me conveniente dar primeiro notícia breve da causa dela. Tinha-se perdido uma nau que vinha do Brasil, nos baixos de S. Roque, por perto do Ceará, e tinham escapado uns poucos de naufragantes daquele triste naufrágio em uma jangada ou balsa, em que além de suas pessoas traziam umas cousinhas de seus fardos com algum sustento de vida; estes vieram a dar consigo depois de uns poucos de dias em cima da praia, meio mortos de fome, e trabalhos que as ondas do mar lhes tinham dado. Estavam lá acaso uns terembezés que continuamente correm àquelas praias, os quais logo que os viram tão desfeitos deram sobre eles e os mataram cruelmente a todos, levando tudo quanto traziam consigo. Feita esta tão tirânica e mais que bárbara ação, vieram-se direito ao Maranhão, muito confiadinhos, vendendo pelas roças e cidade algumas cousas, as quais do feito

logo se conheceram ser das ilhas, e como já se sabia por fama do naufrágio acontecido nos baixos de S. Roque, suspeitou-se que sem dúvida nenhuma estes teriam morto alguns naufragantes. Fundada em tal suspeita, mandou-os prender a justiça a todos, assim mulheres como homens; examinados por língua de sua nação, achou-se ser verdadeiro o que deles se tinha suspeitado, pelo que todos foram condenados à morte, tirando uma mulher com sua cria. Eu então, como reitor do Colégio, tratei logo de ensiná-los, mas como eram bárbaros e muito agrestes, acabei somente de ensinar a mulher para batizá-la com a criança, como foi feito; depois, como eu estava ocupado com as cousas de meu ofício, continuou a ensiná-los o padre superior da missão, Pero Luís, animando-os que, visto serem condenados à morte, tratassem de sua salvação, e batizar-se para escaparem do fogo do Inferno e irem gozar de Deus no Céu; obedeceram e depois de bem doutrinados se lhes deu a todos a água do Santo Batismo, exceto um velho, o qual havia de ir com a tropa por língua, e por isso não necessitava de tanta pressa. Estava entre eles um belo mocetão que seria de idade de dezotoitos anos, pouco mais ou menos; este me tinha rogado que se lhe perdoassem a vida, porquanto era filho de um grande principal, nem tinha ainda conhecido mulher, nem tivera parte alguma na morte dos naufragados, mas vinha somente em companhia dos matadores sem mais ânimo que de ir em companhia deles ao Maranhão, oferecendo-se juntamente a ser escravo dos padres para os servir toda a sua vida. Compadecendo-me eu deste belo mancebo assim por sua nobreza, como principalmente por sua rara castidade e inocência no caso quanto me parecia, intercedi por ele; mas como Deus Nosso Senhor o queria salvar por esta via, permitiu que o velho parecesse mais idôneo para o fim que se pretendia que ele; e assim instruídos de novo todos e aparelhados em bons e famosos atos de fé, esperança e caridade, e constrição, pelo padre superior da missão, se mandaram depois de batizados cavalgar sobre dois bancos, postos à boca de duas peças carregadas, e foi cousa digna do reparo que estando já cavalgados sobre os bancos, um deles chamou o padre superior, pedindo-lhe que o instruisse ainda um pouco melhor, o que fez, dando-se depois disso, logo, ao mesmo

tempo, fogo a ambas as peças carregadas de balas, com que voaram em um fechar de olhos pelos ares, feitos em pedaços. Assistiu a irmandade da Santa Misericórdia com a sua bandeira a qual logo recolheu os pedaços e os foi enterrar com muita piedade. Costumava dizer o padre Pedro Poderoso, o qual, como missionário das serras de Ibiapaba, tinha tratado muito com os terembezes, sem nunca poder converter um só deles à nossa santa fé, que lhe parece que eram precitos todos, porém mostrou-se por essa ocasião que não estivemos, o padre superior da missão a eu longe de ajudar a salvação ao menos de alguns; mas também confesso que fora desta ocasião nunca pude dar-lhes um bom sentimento de Deus quando me vinham ver, antes foi o seu principal maior que, falando-lhe eu com todo o empenho do Céu, em nosso Colégio do Maranhão, disse estas escandalosas palavras *nicatui ibaca, ibinho, ycatú*, que quer dizer: Céu, não presta para nada, só a terra sim, esta é boa. Mas disse aquilo como bárbaro, porque como do Céu lhe vinham e abrasavam calmas, e a chuva que o molhava, achava que não prestava, como a terra lhe dava frutas, peixe, carne, e outros mantimentos, que só esta era boa. Morreu este principal e foi enterrado nas areias da praia, pondo-se-lhe, conforme me contaram, sobre a sepultura uma canoa de pesca, e um cachorro ou cão de caça. Cousa pasmosa: ia o cão à caça, e trazia sempre um pedaço para junto da sepultura onde ele se detinha, sem sair de lá senão para ir caçar; mal o pude crer, mas refiro, porque me referiu pessoa digna de todo o crédito, como cousa admirável porém certa; e não é isto incrível para quem leu as histórias do amor e lealdade dos cães e muito menos quando são ensaiados para alguma cousa. Acabado o ato da justiça vingativa, foi-se a tropa em canoas bem equipadas para o Parauaçu e terembezes, para também tomar vingança assim dos do rio como dos das praias do mar. Vencidas as correntezas dos lanções, foram desembarcar na borda do rio das Preguiças e lá acharam que os terembezes tinham maltratado um homem da tropa que tinha ido adiante. Saltaram em terra e foram pelas areias daquelas praias com grande trabalho e o padre superior Pero Luís, com muito mais moléstia, por andar a pé descalço; chegaram finalmente ao rio do Parauaçu, onde embarcaram de novo nas

canoas, navegaram por ele para a banda das cabeceiras para ver se achavam algum gentio, para de cabo ou primeiro o castigarem, e não acharam senão uns poucos de gentios que lhe disseram que esse rio de Parauaçu ia dar em outro rio grande de onde ele se originava, o qual corria por umas campinas dilatadas, pelas quais os brancos iam em cavalgadas, que eles chamam cabaluz. Ora, como a tropa se viu muito perto do despenhadeiro de água que não se podia passar em canoa, e que não se achava gentio para descer, nem para castigar como culpá-los da morte dos naufragados, nem também se descobriam escravos do resgate, resolvesse o cabo de ir tomar vingança dos terembezos da praia, da nação dos matadores. Fizeram primeiro diligência para saberem onde estavam, por serem dos que andavam de uma parte para outra, e acharam que estavam perto do mar, onde comumente costumam morar, e que junto a seu sítio tinham uns mangues cercados de água que lhes serviam de refúgio; com essa notícia se adiantou a tropa até se pôr à vista deles na mesma praia. Lá puxaram os índios pelos arcos e flechas, de ambos os lados e houve uma luta muito grande em que se feriram uns aos outros e iam ajudando os terembezos, parte mortos às flechadas dos índios da tropa, parte às pelouradas dos brancos, que com as suas armas de fogo faziam grande estrago; houve naquela ocasião um principal, já de muita idade, chamado Midinapá, o qual sentindo-se gravemente ferido se assentou sobre o chão, pelejando ainda com incrível valor e defendendo-se às flechadas até que um valoroso índio, chegando-se a ele com um terçado que levava às mãos lhe partiu a cabeça, e assim o acabou de matar. Depois disso cercou-se a ilha ou mangue onde estavam os mais, e entraram os índios de nossas aldeias com tanta fúria, acompanhados dos brancos, que por terem visto feridos alguns parentes seus, começaram a matar tudo quanto havia sem perdão a nenhum, nem ainda as mulheres e seus filhos, pegando a estes pelos pés e dando com as cabecinhas deles pelas árvores lhes tiravam a vida a todos; durou esta carnificina pouco cristã dos índios, notavelmente cruéis, estando assanhados, até que o cabo achando que estava vingado de morte dos pobres naufragados e acreditadas bastante nas armas portuguesas, mandou que se não matasse mais nin-

guém e os mais que ficavam vivos se prendessem por escravos para se venderem em Maranhão; assim se fez e se acabou com isso a guerra contra aquela nação dos terembezes, com que logo depois se tornaram a fazer as pazes. Contavam os que vinham daquela cruel matança que entre os índios se achara uma mocetona de extrema beleza e branca como as mesmas luzes, e que suposto que por estes respeitos merecia de viver, contudo lhe tiraram os índios a vida com as demais, por serem desejosíssimos de quebrar a cabeça a algum inimigo seu para se armarem cavalheiros por esta sua façanha e valentia; e é isso tanto assim, que achando-se lá uma índia velha de nossas aldeias com desejos de se acreditar por valentona e ficar enobrecida, chegou a quebrar a cabeça de um terembez já deixado por morto. Ajuntou-se a gente da tropa toda com os cativos, curaram-se os feridos e com isso foram tomar fala de outra nação inocente da morte dos naufragados, cujo principal apresentou ao padre superior Pero Luís um rapaz uruati, filho do principal Botirão, que tinha morto os padres em Tapicuru. Com isso se retirou a tropa para o Maranhão, e foi direto à igreja matriz dar graças a Deus e à Virgem Nossa Senhora da Vitória pelo bom sucesso de sua empresa; mandou-me depois o padre superior que oferecesse aquele rapaz, filho do principal Botiron, por escravo da Senhora da mesma Vitória; fê-lo assim e em uma festa, estando presente o governador e a Câmara toda, fiz oferta dele pelo ofertório da missa, fazendo ler por um estudante umas estrofes que tinha feito por esse intento. Houve outras tropas em tempo do governo de Pero César; uma do clérigo Raposo, que foi pelo rio Tocantins, por ordem do Rei, em descobrimento do ouro; mas, como com ela não foi missionário da Companhia, não se obrou cousa de consideração; não quero fazer dela maior relação. Outra houve pelo rio das Amazonas, em que foi por cabo Francisco Lopes, morador do Pará, o qual chegou até os cambebas e trouxe grande multidão de escravos; e como também com ela não foi missionário da Companhia, deu muita ocasião de murmurar a todos, desta também não falo por que não me toca. Só direi, concluindo, do que se obrou de consideração no tempo do governo de Pero César de Meneses, que ele mandou fazer o palácio dos governadores,

foi sempre amigo de todos os missionários, por onde mereceu ser feito irmão da Companhia toda, ao menos desta missão, por carta de irmandade, que lhe deu o padre superior Pero Luís Gonçalves, e querendo continuar as demonstrações de seu amor para com os padres da Companhia, levou em seu navio o padre Diogo da Costa e o padre Manuel Borba à sua custa, dando-lhes sua mesa com todos os regalos do Reino, por toda a viagem até Portugal, onde os mandou levar em liteira até o Colégio do Santo Antão, para de lá irem a Évora estudar o curso de sua filosofia. Era esse governador, como já dito fica, muito amigo da Companhia, e corria-se bem comigo, como tinham feito todos os mais antecessores seus, e como o via eu de muita pouca saúde e condenado a comer sempre galinha, aconselhei-lhe que lesse o temporal eterno do padre Neuzembérgio, e como me respondeu que esta[...] logo mudar de vida, ofereci-lhe as meditações do padre Vela Cardim, para ler e meditar por ele; o que aceitou e sem dúvida em grande bem da sua alma, porque se dantes, pedindo-me ele carta da irmandade, lha não quis conceder, concedeu-lhe tempo adiante meu sucessor no superiorado, o padre Pero Luís, com que, como bom cristão, ficou todo nosso; mas viveu pouco, depois, porque poucos meses depois de chegar ao Reino morreu, deixando por herdeira sua irmã, a Condessa do Prado; emendado, morreria ainda melhor se teve o temporal eterno pela forma que eu lhe tinha aconselhado, em tempo de se aproveitar em virtude.

.....

## *Capítulo VI*

TRATA-SE DO QUE SE PASSOU, SUCEDENDO  
INÁCIO COELHO, GOVERNADOR NOVO,  
A PERO CÉSAR DE MENESES, E PARTICULARMENTE  
DA CHEGADA DO PADRE IODOCO PERES,  
COM SEUS COMPANHEIROS, DO BRASIL

**T**

ENDO Pero César de Meneses governado quase cinco anos, sucedeu-lhe Inácio Coelho da Silva em começo do ano de 1678, pelo entrudo; foi recebido com muita honra de seu antecessor Pero César de Meneses, ao qual correspondeu com igual cortesia, em sua partida para Portugal. Estava, por esse tempo o padre Pero Luís ainda superior, por dizer o nosso muito reverendo padre-geral que, visto governava bem, o não queria mudar. Estava eu também ainda reitor do Colégio do Maranhão, e como no dito Colégio, poucos dias depois, houve as quarenta horas, que se fazia com toda a solenidade e concurso, preguei dois sermões e veio o governador novo assistir assim aos sermões todos, como às práticas das sextas-feiras e sermões dos domingos, que também se fizeram com grande fruto, do qual as lágrimas que se choraram, e mais demonstrações exteriores eram sinal, ao menos provável, do interior. Estava o padre João Maria entre os guajajaras com seus catecúmenos,



novamente descidos, o padre Gaspar convalescido de umas bobas que lhe tinham pegado ao pé, estando confessando um penitente bobento, da aldeia de S. José; o padre Francisco Ribeiro, mestre do latim no Colégio, quando neste comenos, no ano de 1678, veio do Brasil o padre Iodoco Peres, helvécio de nação, o qual, tendo lido dois cursos na Universidade de Dilinga, foi mandado para a Galiza, e de lá veio a Lisboa, de onde veio ao Brasil e aí eleito para ler filosofia, foi mandado por dizer e ler sentenças novas e mandado à missão em um barco com o padre Alvarenga, o padre Tavares, o irmão noviço Bento Rodrigues e Diogo de Sousa, os quais foram expulsos todos, uns mais cedo, outros mais tarde, e o padre Iodoco Peres foi mandado para o Colégio do Grão-Pará. Um ano depois, 1670, pouco mais ou menos, chegou do Reino o padre Estêvão Gandolfin, siciliano de nação, e professor da Companhia, com bons nove sujeitos, o padre Sabastião Pires, português, e o padre João Carlos Cenis de Cena, o padre Aluísio Conrado Pfeil, helvécio de nação, da cidade de Constança, o irmão Manuel da Costa, João Gonçalves, Manuel Duarte, estudantes, e além destes, o irmão Manuel Duarte, o irmão Geraldo Ribeiro, o irmão Domingos Coelho, coadjutores, todos belos sujeitos, portugueses de nação.

Não se pôde crer quanta alegria causou a todos do Colégio quando estando se lendo as profecias da sexta-feira das Endoenças, entraram pela igreja dentro o padre Aluísio Conrado que se pôs logo a ler uma das profecias cristãs, o padre Gandolfin com seus companheiros, assistindo ao sermão das lágrimas do Senhor, que preguei na matriz; foram agasalhados com toda a caridade possível, conforme o tempo o permitia. O padre superior da missão, passados os dias da hospedagem, repartiu-os por várias partes, para acudir com este novo socorro às festas que havia no Colégio do Pará e residências. O padre Estêvão Gandolfin foi instituído por mestre de noviços do Maranhão e cumpriu mui bem as obrigações de seu cargo, ao parecer de todos por verem o muito que aproveitavam os noviços todos com sua direção. O padre Sebastião Pires ficou no Colégio para me ajudar a pregar a mim e ao padre Antônio Pereira, que também tinha já vindo do Reino com o padre Francisco Ribeiro, noviço, e o padre Aluísio Conrado Pfeil, com os irmãos Manuel Duarte, Geraldo Ribeiro, foram mandados ao Pará, aos dez de maio.

Acharam o padre reitor Francisco Veloso muito doente, e visitaram o governador Inácio Coelho, que já então lá se achava, e agravando-lhe a doença, recebeu os sacramentos da Santa Madre Igreja com toda a devoção, e recebidos eles, faleceu aos vinte e oito de julho, assistindo-lhe os padres todos, pondo-lhe o padre Aluísio Conrado Pfeil a candeia na mão e dizendo-lhe as últimas palavras. Enterrou-se na capela-mor, estando presente o governador, e oficiando os reverendos padres de Nossa Senhora das Mercês, aos cinco de agosto. Foi o padre Francisco Veloso, português de nação, aquele que primeiro de todos veio do Brasil com seus companheiros, a suprir a falta que faziam os padres que tinham sido mortos em Tapicuru. Era professo da Companhia, homem de alto corpo e bastantemente grosso, ruivo e bem disposto, pregador insigne ao parecer de todos, assim de dentro como de fora, foi vice-superior uma vez e reitor muitas vezes com patentes de Roma, grande e zeloso missionário, como consta das muitas missões que fez, e da assistência que teve pelas aldeias; amavam-no e veneravam-no os brancos e índios, cuja língua falava como um cicerão, com todos os chistes dela, nem houve outro que o igualasse; era sua pobreza grande e de muita castidade, irrepreensível sua obediência, em tudo perfeita, a mortificação lhe parecia natural, e a devoção para com Deus e a Virgem Senhora Nossa subida; em uma palavra missionário de todas as partes e exemplar.

Mandou-se-lhe suceder no cargo o padre Antônio Pereira, natural do Maranhão, que depois da primeira expulsão tinha ido ao Brasil para estudar, e de lá tinha vindo já professo de quatro votos e sido mestre de noviços; era pregador no Colégio do Maranhão; e como o padre Iodoco Peres era desejoso de se ir desafogar o seu zelo das almas em alguma aldeia, foi mandado pelo padre superior Pero Luís para a dos Jaboaquara, sita sobre o grande rio das Amazonas, na Capitania do Norte. Lá se agasalhou nas casas que Vital Maciel Parente tinha deixado, quando, depois de uma larga assistência que lhe tinha feito, se tinha recolhido para o Pará e suposto que não sabia a língua dos índios nem nunca a pôde aprender, como ele dizia, contudo, que a caridade de Deus e do próximo é engenhosa, tratou logo de descer à nação arcajus, praticando-a por intérpretes que para isso levava. Era aquela aldeia de poucos ranchos, mas havia de ter sido muito populosa se os efeitos tivessem correspondido aos esforços e ao zelo de seu missionário. Constava por

aquele tempo da casa do capitão Mateus, e de outras três para quatro, de índios novamente descidos, estando bastantes pelos arredores, que às domingos e festas vinham assistir à missa e doutrina que se lhes fazia, por seu companheiro o padre Antônio da Silva.

Todos os índios lá pertencentes eram amantes dos padres missionários, mas sobre todos o principal Casimiro, o qual acudia ao padre Iodoco Peres, e seu companheiro o padre Antônio da Silva, que lhe servia de língua por tê-la aprendido desde menino em Gurupi, estando com seu tio o padre Bento Álvares, missionário daquela residência. Não obraram cousa de novo, mas a trataram de não faltar com suas obrigações, acudindo com a doutrina e sacramento não somente a esses índios, mas ainda aos do Urubuquara, Gurupatiba e Goçari, aldeias mais chegadas de uma a outra banda, as quais como eram todas cristãs tinham sempre muitas crianças para se batizar. E porque na aldeia de Goçari havia poucos casais, e dizia Tomásia, mulher de Alexandre de Gurapatiba, que tinha cultos parentes seus, os quais moravam pela terra dentro da banda da mesma aldeia animou-se o padre Antônio da Silva de os ir praticar e trazer ainda que com risco de sua vida, porque pouco tempo dantes tinham morto o principal de Mortigura, chamado Damião, e mais um filho do sargento-mor Manuel da Silva, pai de Pero de Melo e irmão do morto, naquele sertão, onde ia em busca de cravo. Praticou-os o padre Antônio da Silva com muita confiança em Deus e ajuda das orações do padre Iodoco Peres, por cujo conselho tinha empreendido aquela missão, com felicíssimo sucesso, porque os fez mudar para Goçari, onde estiveram anos, visitados sempre dos padres, até que enfadados da muita opressão dos brancos se retiraram para suas terras, depois de estarem a quase acabados da praga das bexigas. Foi também o padre Aluísio Conrado deputado por missionário do rio e residência do Xingu, em sua ida que para lá fez aos 17 de outubro do ano 1679. Confessou todos os soldados da fortaleza do Gurupá com seu capitão-mor Vaz Correia; chegado que foi à aldeia do Xingu confessou a Gaspar Ferreira, grande sertanejo, e foi pouco a pouco dispondo as cousas de sua aldeia de sorte que em 1680 batizou muita dela, e como o seu ardente zelo se não continha dentro dos limites tão estreitos, passou logo para os Coanizes, da banda de além do rio, e de lá deu consigo entre os ingaibas, batizando cento e setenta inocentes. com um principal em sua viagem, e

voltando para o Xingu batizou outra quantidade grande não só de inocentes, mas também de adultos dos que, pouco havia, se tinham vindo do sertão.

Tendo o padre Iodoco assistido um tempo em Jaboaquara com o padre Antônio da Silva, seu companheiro, foi feito reitor do Colégio de Santo Alexandre, cidade do Grão-Pará, que governou com muita satisfação e quietação, até que mudado, por lhe ir patente de superior da missão, sucedeu-lhe o padre Pero Luís, ficando em seu lugar, por vice-reitor, o padre Francisco Ribeiro, coadjutor espiritual, mudando do Caeté para o Pará, onde em tempo do seu governo tratou da limpeza da igreja comprou as cortinas de sarafina que até o presente servem em as festas, para ornato dos painéis, tribunas e altares colaterais; e como pouco a pouco foram-se-lhe debilitando as pernas, ficou totalmente impedido do uso delas enquanto viveu, e assim ou estava sentado sobre sua cama, sem mais sair, ou puxado em uma cadeira de rodas para ir comungar e ouvir missa, ou tomar algum divertimento pelos corredores do Colégio.

.....

## *Capítulo VII*

CHEGADA DE D. GREGÓRIO DOS ANJOS,  
PRIMEIRO BISPO DO MARANHÃO E DA LEI DO ANO 1680

**E**

MO ANO que D. Gregório dos Anjos, da congregação dos Loyos, foi eleito por bispo do Estado do Maranhão, nomeou logo três pessoas, das quais uma tomasse posse do seu bispado em seu nome, o padre reitor do Colégio do Maranhão, mas eu não quis nada daquela nomeação, e como também vinha nomeado depois o padre provincial do Carmo [...] Maciel, de Tapuitapera, aceitou essa honra o dito provincial e foi tomar posse na matriz, com todas as cerimônias requisitas no ano de 1680. E lançou âncora em a ponta de João Dias, à vista da cidade. Os reverendos padres de Santo Antônio foram logo em busca dele com canoa não muito grande, e o levaram consigo a seu convento, de modo que indo eu em outra muito maior sem comparação, a mais bela canoa de Santo Inácio que havia na cidade, com toda a Câmara, para recebê-lo e beijar-lhe as mãos, tomando a sua bênção, o achamos já ido e fomos obrigados a ir buscá-lo em Santo Antônio, em cuja igreja, depois de ter dado as graças a Deus pela boa viagem, se pôs de pontifical em sua cadeira diante do altar-mor, e deu a mão a beijar, com a bênção a todos que concorriam para o ver e saudar. Fui eu com o Senado dar-lhe as boas-vindas e beijar-lhe a mão para receber a sua bênção e ele ven-

do-me diante de si perguntou-me se eu era o padre reitor do Colégio do Maranhão, como lhe respondesse que sim, disse-me estas palavras:

“Lá no Reino me diziam que a primeira pessoa que me havia de vir receber era o padre reitor do Colégio com os mais padres da Companhia, mas vossa paternidade nem ver-me veio ao navio.”

Repliquei-lhe então que eu tratava de receber Sua Senhoria como merecia Sua Ilustríssima e Reverendíssima, indo em canoa grande, com toda a Câmara, mas que Sua Senhoria tinha querido embarcar-se em uma canoa limitada, dos reverendos padres de Santo Antônio, e que esta fora a razão por que Sua Ilustríssima me não vira no navio; e como eu não tinha tido a honra de beijar-lhe as mãos e recebê-lo em o mar, conforme merecia a dignidade de sua pessoa ilustríssima, vinha botar-me a seus pés em a igreja de Santo Antônio para lhe dar as boas-vindas, e receber sua paterna bênção e juntamente oferecer a Sua Ilustríssima o Colégio com a sua pessoa e todos os padres dele para lhe servirem. Com esta resposta ficou satisfeito, e eu, recebida a bênção episcopal, me retirei para casa, mandando-lhe em o dia seguinte uma rês famosa, de presente, com mais outros mimos de refresco. Deteve-se uns dias em Santo Antônio, e chegada a véspera de sua entrada, mandei-lhe vir da roça um belo e manso cavalo com sua sela, e todo o mais aviamento novo e muito decente; mandei-lhe mais levantar um belo arco triunfal no meio do caminho diante da igreja do Colégio de Nossa Senhora da Luz, bem ornado e enriquecido com uns vinte emblemas pintados e descritos por minha mão, em que se decifravam e descreviam em verso heróico todos os modos de pescar homens ou almas ao Senhor pelo pregão evangélico pertencente ao cargo de bispo representou-se em a rua, foi-se-lhe representar a Sé da cidade, com grande gosto e aplauso de todos. Em o dia de sua entrada foi Sua Ilustríssima à Nossa Senhora do Desterro, acompanhado de muitas canoas, entre as quais a nossa, de Santo Inácio; era como a capitânia, por ser a maior e mais perfeita. Lá se revestiu da pontifical, com a sua mitra à cabeça, montou a cavalo, servindo-lhe o irmão Manuel Rodrigues como de estribeiro-mor, por aquela vez; foi cavalgando pelas ruas todas enramadas e parando pelos cantos dela, onde encontrava uns arcos triunfais bem feitos e adornados, junto aos quais os recebiam os moradores com suas músicas dos religiosos de Nossa Senhora das Mercês, e uma prática, dita por um dos magnatas de maior habilidade, com bizarria e graça, acompa-

nhada de vivas e aplausos do povo todo. Foi continuando desta sorte seu caminho até chegar ao arco do Colégio de Nossa Senhora da Luz, à vista do qual ficou todo pasmado, e deteve-se para ouvir uma comediuzinha que se lhe ia representando; porém como vinha chovendo sobre os ornamentos pontificiais, foram à matriz e lá se representou com agrado de todos. Ao cabo de tudo, deu a bênção e se retirou para as casas de Manuel Valdez, onde teve várias representações de encamisadas a cavalo, danças e outros gêneros de demonstrações de festas e alegria, uns oito e mais dias. Passados estes, foi ver as igrejas, acompanhado da nobreza e povo; logo que entrou a do Colégio de Nossa Senhora da Luz, subi eu ao púlpito e lhe fiz em latim uma oração sobre as qualidades da luz, todas apropriadas a ele, e a seu[.....]e se bem era de um dia para outro, durou quando menos uma boa hora, com grande sua satisfação e agrado do auditório todo.

Confesso que tive algum receiozinho de não poder ser tão corrente em a boa latinidade como algum dia, fora, sendo cinco anos e meio mestre das humanidades, mas ajudando-me Deus em o templo de sua Mãe Santíssima Nossa Senhora da Luz, cujos louvores também trazia, achei-me logo desde o princípio tão desembaraçado em o dizer, que não me fez abalo nenhum a assistência do padre Iodoco Peres e a do padre Aluísio Pfeil, e outros nossos, versadíssimos em latinidade. Nada de tudo isso relato para humanos. O senhor bispo me pediu todos os emblemas pintados e escritos por minha mão, para mandá-los para o Reino de Portugal; seja tudo para maior honra de Deus, e glória de sua Mãe Santíssima, a Virgem Senhora da Luz!

.....

## *Capítulo VIII*

CHEGA O PADRE PERO PODEROSO DO BRASIL  
COM TÍTULO DE VISITADOR, COM ALGUNS  
PADRES E NOVIÇOS EM SUA COMPANHIA, EM 1680

*E*

M O MESMO ANO que chegou o Ilustríssimo Senhor Dom Gregório dos Anjos Loyo, primeiro bispo do Maranhão, chegaram o padre Pero Poderoso, do Brasil, em um barco maior, comprado com o dinheiro do menor que tinha vindo em sua companhia, quando saiu do Maranhão e mais um noviçozinho, que faleceu no Colégio de Nossa Senhora da Luz, chamado Simão, o padre Antônio da Silva, que tinha sido mandado estudar curso em o Brasil em um barco do Colégio do Maranhão, o irmão Antônio Gonçalves, o irmão Bernardo Gomes, o irmão Manuel da Nóia, Francisco Ribeiro, ainda secular, que saiu, e um que faleceu noviço no Colégio de Nossa Senhora da Luz, uns tapanhunos, um cavalo. Os tapanhunos, como eram comprados com o dinheiro da missão, se repartiram entre os dois Colégios Maranhão e Pará; o cavalo coube, por ser da missão da serra Ibiapaba, ao Colégio do Maranhão. Pouco tempo depois, querendo eu, como reitor do Colégio, excusar gastos que o barco fazia no porto do Colégio, onde se ia perdendo, mandei-o para Pernambuco, carregado de sal, e aí foi o irmão Antônio da Silva para estudar curso no Brasil, e o irmão Antônio Ribeiro por so-



bre-intendente dele; foi o piloto tomar a altura de Cabo Verde e de lá tomou primeiro o Ceará e depois Pernambuco, e como acharam lá o sal barato ficou o ganho para despesa, se bem com algum ganho demais, com que se pagou uma dívida que se pretendia dever o Colégio do Maranhão ao padre Antônio de Oliveira, reitor de Angola, por algumas cousas que tinha perdido em seu naufrágio e tinham chegado ao Maranhão, onde se detiveram até se oferecer ocasião boa para se lhas remeterem. Vinha o padre Poderoso do Brasil com patente de visitador, passada pelo padre José de Seixas, por então provincial daquela província, para visitar pelo espaço de um ano, não mais, a missão do Maranhão; mas como o nosso muito reverendo padre-geral João Paulo Oliva tinha feito a missão independente do Brasil e submetido à província de Portugal enquanto não houvesse recurso para Roma, e estavam já essas ordens publicadas em ambos os colégios e intimadas a todos os missionários, resolveram os padres superiores da missão que o padre Pero Poderoso suspendesse sua visita até resposta de Roma e Portugal, conforme as ordens publicadas de nosso muito reverendo padre-geral, porquanto com isso não se lhe tirava o que se diferia até resolução sobre o que se havia de obrar em tais circunstâncias, em que abertamente parecia não ter lugar a patente de visitador, visto ser passada pelo padre provincial do Brasil, de quem já estava independente a missão. Caiu o padre Poderoso em razão e escreveram todos a Roma e a Portugal, e[.....]

Enquanto iam as cartas e se esperava a resposta delas, como o Colégio do Maranhão andava com uma demanda com João Monteiro Cabral, sobre uma sorte de terra que o dito tinha pedido ao Governador Inácio Coelho, alegando que estavam devolutas, sendo que estavam dentro da demarcação dos padres, e tinha alcançado carta de data e sesmaria sem mais informação do que se passara de real verdade, e como o governador se tinha ido para o Grão-Pará com o provedor-mor, Dom Fernandes Ramiro, mandou o padre superior da missão o padre Pero Luís, a mim, reitor do Colégio do Maranhão, para o Pará, para mostrar ao governador e provedor a maldade daquela data feita contra o que dispõem as leis. Obedeci e me fui em o navio para o Pará e lá com as razões de direito que aleguei ganhei a demanda, e mandei a sentença passada pela chancelaria, ao Maranhão, ao padre superior da missão, o qual folgou sumamente e logo fez por ela aclarar os marcos todos por justiça, pelos mesmos rumos que muitos anos antes tinha seguido o demarcador, quando o

padre Luís Figueira, superior da missão, fez demarcar a légua de terra em quadra que temos[.....] em Geniparanã para Mapari, e mais rumos que a carta de data está dizendo e mostra os marcos que se puseram a primeira vez, quando o padre Luís Figueira, superior da missão (digo a mandou demarcar juridicamente), e os que se acharem depois por vezes e ultimamente sendo eu reitor, e o padre Pero Luís superior de toda a missão.

Chegou por aquele tempo uma lei real passada em primeiro de abril do ano de 1680, em que se proibiam fazer escravos, pelos excessos e injustiças que se faziam nos cativeiros deles, quando sem missionário, não porque não fossem todos os cativeiros que se faziam conformes à lei do ano de 1655, mas por serem feitos contra o que prescrevia a dita lei e por modos muito prejudiciais, como foi levantar-se uma vez uma cruz para com esse sinal de cristandade ajuntar os índios, e depois de ajuntá-los levá-los por escravos, sendo que eram manifestamente forros. Lembra-se que, indo um certo clérigo por missionário, cativou uma aldeia inteira das do rio das Amazonas, mas estranhando-lhe eu, o fiz saber ao Governador Antônio de Albuquerque, o qual a mandou repor em sua terra, e vindo eu de visitar os tupinambaranas a encontrei pelo caminho e soube que ia resposta em sua liberdade, o que posso dizer, em louvor dos missionários da Companhia, nunca houve escravos mal feitos por eles, e diziam os moradores tementes a Deus que só os escravos feitos pelos padres da Companhia se logravam por estarem legitimamente feitos.

Ordenou-se mais por um alvará passado aos 11 de março do ano de 1680 que os governadores do Estado do Maranhão, nem por si nem por outra interposta pessoa, tivessem comércio, mercancia nem cultura alguma, nem pudessem cobrar dívidas alheias, nem seus criados, por si nem por procurador substabelecido, nem ainda mandar ao sertão buscar drogas algumas; e que nem o governador nem o bispo, nem outra pessoa alguma pudesse tomar índio das aldeias, fora dos que lhes fossem dados em repartição, e que no dito Estado do Maranhão se cumprisse a provisão de vinte e sete de fevereiro do ano de 1673 passada para o Brasil, pela qual se proibia aos governadores e ministros da Fazenda, Justiça e Guerra comerciarem e se intrometerem em bens que vão à praça, e muito menos em rendas reais ou donativos das Câmaras, ou desencaminhar os direitos reais, e que da mesma forma não pusessem preços aos gêneros nem fretes de navios, os quais sejam livres, ao

arbítrio e avença das partes, e quando se não ajustassem em preços dos fretes tomasse cada um deles seu louvado, e ambos um terceiro e que o que por eles se ajustasse se desse inviolavelmente em execução.

Finalmente, veio ordenado por carta de dez de abril do ano de 1680, que as aldeias dos índios fossem governadas por seus principais e párocos, e que a repartição da terceira parte dos índios fizesse o bispo, o prelado de Santo Antônio do lugar em que se fizer e uma pessoa eleita pela Câmara, e que o ouvidor-geral fosse juiz das dúvidas que se movessem pelos índios, e dentro de um mês as averiguasse sumariamente, sem apelação nem agravo. Neste navio do Sacramento, cujo capitão era Agostinho Monteiro, em que veio a lei e mais o alvará real, vieram também do Reino no mesmo ano 1680, e chegaram ao Maranhão aos vinte e um de maio, o padre Jerônimo Pereira, natural das Ilhas, o qual pouco depois foi despedido, o padre Manuel Nunes, que era mestre dos noviços, que vinham com eles, o padre Diogo da Costa, o qual vinha de Évora, tendo ido para lá estudar curso, que deixou em razão de uma desabitual dor de cabeça, o irmão Antônio da Cunha, o qual o Senhor Bispo Dom Gregório ordenou depois com o irmão Antão Gonçalves, e o irmão Manuel Coutinho, o qual sendo já padre de missa, foi depois levado para o Reino pelo padre Iodoco Peres e despedido em Coimbra pelo ano de 1687, o irmão José Tomás, sobrinho do nosso ovinheiro João da Rocha, em Lisboa, o qual foi sepultado, o irmão João Ribeiro, bom sujeito, que depois se ordenou e perseverou com grande exemplo, o irmão Inácio Ferreira, que depois foi acabar os estudos de Filosofia em Coimbra, com grande loa e veio estudar Teologia no Maranhão, tendo por mestre o padre José Ferreira, debaixo de cuja disciplina aproveitou tanto, que depois o escolhi para cursar Filosofia e está atualmente estudando Teologia Escolástica aos nossos: todos sujeitos de préstimo.

Foram recebidos os 17 no Colégio do Maranhão, com a caridade costumada, pelo padre superior da missão, Pero Luís, que então assistia aí, suprimo meu lugar, enquanto eu fui mandado para o Pará tratar de um pleito sobre as nossas terras, que ganhei, como logo se dirá em capítulo seguinte. Ficava ainda por aquele tempo o padre Antônio da Cunha na missão do Pinaré do Maranhão e foi com o irmão Manuel Rodrigues ao sertão dos guajajaras, com sumo trabalho em razão dos

mururus, e entrando oito dias de viagem molestíssima, passou Capitiba e trouxe cento e trinta pessoas, comboiadas para baixo em nove canoas, das quais o irmão tinha feito seis de novo, enquanto esteve em o porto, esperando pelo padre Antônio da Cunha, que só, acompanhado de uns poucos de índios, tinha entrado pelo sertão dentro; não lhes faltou o sustento na vinda, pela quantidade grande de cágados pelos matos, e de peixes surubins pelo rio, só a falta de farinha lhes deu trabalho, mas foram suprindo essa falta com os olhos de palmeira, até que chegados à aldeia acharam fartura de tudo; durante esta viagem pegaram as boubas ao irmão, das quais nunca pôde perfeitamente sarar até o presente.

.....

## *Capítulo IX*

COMEÇA O PADRE PERO PODEROSO  
A TOMAR POSSE DO CARGO DE VISITADOR  
SEM ESPERAR RESPOSTA DE ROMA,  
E RELATA-SE TODO O SUCESSO DE SUA VISITA

**E**STANDO eu, por ordem do padre superior Pero Luís, em Grão-Pará, sobre a contenda de nossas terras com João Monteiro, ficando já avisado que na primeira ocasião me voltasse para o Maranhão para continuar em meu officio, que suposto já chegava a cinco anos, contudo havia de continuar por haver ordem de nosso muito reverendo padre-geral que nenhum reitor acabasse sem ele lhe mandar o contrário, por serem terras ultramarinas, vieram umas cartas do Reino escritas do padre provincial, Pantaleão Carvalho, em que dizia não era sabedor da ordem de nosso muito reverendo padre-geral, Paulo Oliva, sobre a sujeição do Maranhão a Portugal, e sim de outras em vigor, sobre as quais o padre Pero Poderoso fez uma consulta a três consultores do Colégio do Maranhão, com um parecer dos quais, sem embargo do protesto de nulidade que o padre superior Pero Luís lhe fazia, como superior da missão, se meteu de posse, sem fazer caso das razões evidentes e forçosíssimas que se lhe davam contra isso. O que visto, o superior da missão, Pero Luís, se retirou para a aldeia dos guajajaras, em Pinaré, onde, para excusar alterações entre os nossos, esteve até acabar o ano de sua visita.

A primeira cousa que o padre Poderoso fez em sua visita foi tirar-me do reitorado, estando eu ausente em o Pará e pôr em meu lugar o padre Gonçalo de Veras, antigamente companheiro seu em a missão da Serra, e por então missionário da aldeia de S. José e roça de Anindiba, mandando-me a mim que me deixasse estar pelo Pará, por querer servir-se de mim por aquelas bandas em seu modo de governar. Visitou o Colégio do Maranhão e com isso se passou à cidade do Grão-Pará, onde eu estava esperando suas ordens, por me ter escrito que me não bulisse de lá sem sua ordem. Logo que lá chegou, perguntou-me o que me parecia acerca de seu cargo de visitador que[.....] e respondeu-lhe desenganadamente, como conhecido amigo de muitos anos, que tinha por certo que não era legítimo prelado, porquanto o padre José de Seixas, que estava governando em o Brasil, não podia mandar visitar a missão do Maranhão depois dela independente daquela Província, por ordem expressa do nosso muito reverendo padre-geral, Paulo de Oliva, publicada em o refeitório de ambos os Colégios, e que as cartas do padre provincial de Portugal Pantaleão Carvalho também não podiam encontrar aquela ordem do padre-geral, então expressa e publicada. Contudo, sem embargo disso, acomodando-se aos mais para excusar mínima discórdia, não usada em a Companhia, me ofereci para tudo o que o padre Poderoso, com título de visitador, me mandasse. Com isso foi-se para banda do Gurupá estar em a aldeia do Xingu com o padre Aluísio e outros, que levou consigo e lá esteve até depois da Páscoa. Passei o tempo de sua visita parte em ofícios e sepulcro da Semana Santa parte em visitar o padre Iodoco Peres, em a aldeia de Jagoaquara com o padre Antônio da Silva, tentando descer os aracajus, que estavam pelo sertão dos tucanhapes, de outra banda do rio das Amazonas, pelo sertão da aldeia do Cusari, que por aquele tempo não constava senão de uns poucos de casais. Entrou, pois, o padre Antônio da Silva pelo igarapé e sertão dos tucanhapes para descê-los ao sítio de Cusari, foi com perigo de sua vida, mas com sucesso muito feliz, pois trouxe umas quatrocentas e tantas almas para baixo, situando-as todas e fez uma canoa grande para o serviço do superior, enquanto assistiu em Xingu. Entretanto, eu tinha estado uns meses em o Colégio de Santo Alexandre, súdito do padre Antônio Pereira, reitor dele, e fui mandado, por ordem do padre Pero Poderoso, visitar os ingaíbas com o irmão João da Silva, estudante, para

fazer lá residência nova e ajuntar os índios em uma ilha que me tinham apontado, por lhe parecer sítio mui acomodado para tudo, sendo que não prestava, por falta de terras, como consta a todos que conhecem o sítio Irii, onde se fez aldeia daquele nome. Fui-me com meu companheiro, sem mais matalotagem que um triste bocado de um queijo do Alentejo e de farinha. Passamos por Mortigura, onde o padre João Maria era missionário por então, mas estava ausente; lá atravessamos para outra banda, onde corremos aquela costa até o igarapé das Bocas, sem achar mais sustento que um jabutizinho e um peixe que o irmão tinha pescado com seu anzol. Não houve covil de índios que não buscássemos e visitássemos, doutrinando e administrando os Sacramentos necessários, padecendo sempre muita fome, assim nós como os índios remeiros. Chegamos, finalmente, à aldeia do principal João Cureparé, a qual estava principiada em a ilha do Irii; falamos-lhe e descobrimos a causa de nossa vinda para lá, e ele, tendo tomado primeiro seu conselho com os maiores de sua sujeição, respondeu que estavam muito contentes de terem em sua companhia padres para os ensinar e sacramentar. Com isso, dei-lhes um frasco de aguardente que nos tinham pedido, para os ter contentes e satisfeitos, e logo mandei fazer umas casas em uma paragem escolhida junto ao rio, a qual fazia uma meia ilha e tinha portos muito seguros para as canoas e mais pescaria das tainhas à vista. Enquanto se iam fazendo as casas e para dentro de quinze dias já se iam acabando, juntei os índios como pude, doutrinando-os cada dia depois da missa e mais tarde à boca da noite, fazendo-os vir à missa em dias de domingo e festas, batizando os meninos, casando os amancebados, assim lá como em aldeias da outra banda. Tratei logo de aprender a língua ingaíba, e para ajuda disso tinha eu feito quantidade de diálogos de toda a matéria que comumente houvera em língua portuguesa juntamente e ingaíba, valendo-me para isso de um mameluco versadíssimo em ambas elas, por ser filho do capitão-mor Aires de Sousa e uma ingaíba, e destes diálogos me ia ajudando admiravelmente em tudo quanto os índios me vinham falar, por achar ali as suas perguntas e juntamente as respostas que lhes havia de dar, e assim ia aprendendo a língua deles, de sorte que dentro de três meses já a falava, fazendo minhas viagens e conversando com eles e ensinando-os pelas aldeias, com as quais dentro de três meses que lá assisti, batizei algumas oitenta ou mais crianças que parte foram para

o Céu[.....] batismal. Por meio tempo chegou o padre Pero Poderoso do Xingu à minha residência de Santa Cruz em Irii e lá se deteve dia e meio até se lhe consertar a canoa e procurar algum provimento para sua viagem; partiu-se sem me falar em visita e me levou o companheiro, o irmão João da Silva, para o fazer continuar seus estudos em Maranhão, deixando-me em seu lugar dois rapazes, um, Domingos de Mortigura, que foi depois ao Reino e agora é capitão, e outro, Francisco, da roça de Mamaiacu, já defunto. Não se me deu muito disso, porque, suposto sentia a minha solidão, a falta de companheiro, preferi necessidade dos estudos, tão a meu gosto próprio. Ido já o padre Poderoso visitador, elegi logo o capitão Simão, índio mais abusado que achava, para me acompanhar em viagens, contentando-o com alguma cousa limitada em prêmio dessa sua obra de caridade e trabalho. Sucedeu pouco depois, em véspera de S. João Batista, para qual tinham feito muitas fogueiras ao longo do rio, de um cabo ao outro da aldeia, e iam alegremente saltando por cima delas, como em toda a parte se costuma, quando encontrando-se um índio com uma índia casada, que ao cabo das fogueiras queria dar seu salto, a botou por desastre ao chão e lhe quebrou um braço. Estava eu recolhido em minha casa quando vieram os rapazes a dar-me parte do sucedido; acudi logo, tratando de curar o braço da pobre índia, e como não houvesse quem a soubesse curar, ordenei a seu marido que lho encaixasse primeiro e depois o lavasse com vinho e azeite do Reino, e feito isso mandei-lhe fazer umas redinhas, duas de casca de moriti, uma de um palmo e outra de dois palmos, mas antes disso fiz-lhe untar o braço, com ovos batidos e pôr-lhe pez de resina em riba e cobrir e amarrar tudo muito bem com as redinhas que tinha mandado fazer para não poder dobrar o braço ainda que muito quisesse, e com isso a fiz recolher, com ordem que se lhe não fizesse outra cura senão de lá a nove dias. Estando, havia, recolhido em casa, ouvi tanger um rabil por uns homens brancos à minha janela, perguntei quem era e respondeu um deles que era o alferes Ambrósio Moniz, com um ajudante e que vinham dar-me as boas festas de S. João; agradei-lhes a honra e como sabiam sangrar dei ordem que dessem duas picadas à índia, que estava com o braço quebrado, uma logo, outra pela madrugada, e que viessem tocar quando eu estivesse para dizer missa aos índios foram eles, cumpriram pontualmente o que eu lhes tinha mandado, e o certo é que sem



ser eu médico a índia sarou perfeitamente da cura. Não teve a mesma dita outra índia, a qual saltando também por cima da fogueira, em outra aldeia, quebrara um pé e morreu da quebradura por eu não ter notícia do caso. Passados três meses, dei uma chegada à cidade do Pará, de onde logo fui mandado com o padre Antônio da Silva para a aldeia de Iagoaquara, em lugar do padre Iodoco Peres, que lá tinha assistido perto do um ano, tratando de descer a nação dos aracajus, e sucedeu-me em os ingaibas o padre Gaspar Misseh, já antigo missionário daquela e mais circunvizinhas nações, com grande trabalho e fruto das almas, quando menos dos inocentes que lá se batizaram e morreram em grande número, a cada passo. Aconteceu, que estando naquela gloriosa missão, trataram os índios de matá-lo por má persuasão de seus feiticeiros a quem chamam pajés e haviam de ter executado este seu mal intento, pois já iam executá-lo, se Deus Nosso Senhor não tivesse impedido esses embustes do inimigo da salvação das almas. O caso foi que, indo eles de caminho para lhe tirar a vida, encontraram um pássaro cujo agouro os fez mudar de parecer, sem embargo de irem determinados, em quantidade de canoas, com seus arcos e flechas[...] e ibiraçangas, para esse efeito. Soube-se disso na cidade, mas já tarde para lhe poder acudir, mas mesmo assim não desmaiou; mas o padre esteve esperando a postos os seus inimigos, muito desejoso de dar a vida pela pregação de nossa santa fé. Não sei de cousa que o padre Poderoso obrasse no ano de sua visita que tentar tirar-me do reitorado e pôr em meu lugar o padre Gonçalo de Veras, com ordem de edificar um corredor para banda de Santo Antônio sobre os alicerces já bentos pelo Sr. Bispo D. Gregório dos Anjos, o que ele executou, gastando na obra pedra, cal e madeira que eu e o padre Francisco Veloso tínhamos ajuntado com tanto trabalho para a igreja nova de Nossa Senhora da Luz, que com isso ficou atrasada e levantada em outro sítio. Por aquele tempo, pouco mais ou menos, Dom Gregório dos Anjos visitou o Pará, agasalhando-se em Santo Antônio, até que fez sua entrada, levado em uma cadeira aos ombros, desde a Santa Casa de Misericórdia, pelas ruas e igrejas. À porta de João Valente foi recebido com um[...] feito por mim, em verso elegíaco e foi dito por seu filho, o qual foi depois estudar em Coimbra e veio por vigário geral, e finalmente foi morto a facadas por um soldado, tendo já largado o hábito clerical. Visitou as igrejas e na roça fez prática ao povo; agasalhou-se em ca-

sas de Manuel Guedes Aranha, com seu vigário-geral, José D'Eça, a par de si; teve uma desavença com o padre reitor Antônio Pereira, por querer que cada padre tivesse a sua licença *a parte in scriptis*, mas veio depois a dar licença como se costuma, visitou e crismou na cidade e não passou na Capitania do Cametá.

.....

## *Capítulo X*

O SUCESSO DA MISSÃO DOS PADRES MISSIONÁRIOS  
PARA JAGUAGUARA E GURUPATIBA,  
ONDE ULTIMAMENTE FIZERAM SUA RESIDÊNCIA

**T**

ENDO eu mudado dos ingaíbas, fui mandado com o padre Antônio da Silva para o rio das Amazonas, ficando o padre Iodoco Peres no Colégio do Pará, onde pouco depois sucedeu no reitorado ao padre Antônio Pereira. Fomos de passagem ver o padre Aluísio Conrado, em sua missão sobre o rio Xingu; achamo-lo sozinho, tendo estado antes tão acompanhado por toda a quaresma, e mais ainda quando com ele se deteve o padre Pero Poderoso com seu companheiro.

Tinha a seu cuidado, além da populosa aldeia do Xingu, as aldeias dos Coanizes, da banda do além-Gurupá, com a aldeia de Maturu que estava em caminho; por todas andava em uma roda para doutrinar e administrar os sacramentos aos índios delas.

Despedimo-nos de lá, atravessamos pelo igarapé dos Coanizes e postos pelo dia seguinte defronte da aldeia de Jagoaguara, passamos de não ver as casas em que o padre Iodoco Peres tinha feito residência, mas logo que chegamos para a aldeia, vimos que se tinha queimado por desastre, salvando-se não mais que o altar portátil, que o ma-

meluco que lá estava dizia lhe ter parecido uma leve pena de pássaro, em tempo que o tirara das chamas do fogo.

Vieram logo os principais dos aracajus dar-nos as boas-vindas em casa do sargento-mor da aldeia onde nos tínhamos agasalhados; por entretanto, foi-se logo o padre Antônio da Silva para Gurupatiba, em busca dos índios e índias, com farinhas, para levantar residência nova, e houve-se com tanto cuidado que logo voltou dentro de poucas semanas; fizemos uma casa de sobrado com três cubículos, refeitório ao meio, despensa ao canto e corredor espaçoso para banda do mato, e todos os mais cômodos requisitos, sem nos custar mais que a nossa diligência.

Ali estivemos um mês, acudindo as mais aldeias o padre Antônio da Silva com grandíssimo zelo; porém, como vimos que aquele sítio, suposto era alegre e espaçoso, com belíssima vista para o rio das Amazonas, contudo não tinha terras boas para os índios fazerem suas roças, e que por esta mesma razão os aracajus se tinham retirado, deixando uma casa grande que já tinham feito, mudamo-nos para Gurupatiba, onde, postos sobre um altíssimo monte, tínhamos belos ares, boas águas, mais gente, melhores terras, com muito peixe. Lá estivemos de assistência, visto não ser possível ter residência. Em Jaguaguara, não muito tempo antes de nossa mudança, aconteceu um lastimoso caso, que bem é que aqui se refira.

Tinha o principal Casimiro (muito amigo dos padres) mandado um parente seu a pescar-nos sobre um lago, e estando o pobre índio atento à sua linha de pescar para banda do lago, veio uma onça por detrás e o matou, fazendo-o pasto de sua barriga; sabendo disso, outro índio, parente do morto, foi esperar a onça para vingar a morte do defunto, e como estava esperando sobre o mesmo lago algum tanto descuidado, veio a mesma onça e saltando sobre ele, também o matou, morrendo ali ambos por morte tão desastrada quando iam buscar seus padres por caridade.

Sentimos sumamente a desgraçada morte desses dois nossos filhos espirituais e benfeitores; encomendamo-los a Deus para que de uma tal morte temporal do corpo fossem à vida eterna, em prêmio de sua muita caridade, e assim esperamos de sua infinita misericórdia, por serem índios de bem; deve de servir este triste sucesso de documento a todos os missionários, para que tenham sempre aparelhados os seus fi-

lhos espirituais com atos de fé, de esperança e de caridade, e contrição, com que em casos tão desastrosos e não previstos, não pereçam as almas, sem embargo de perecerem os corpos com tão lastimoso fim.

Tratávamos atualmente de descer gentio de língua geral do sertão da aldeia de Urubuquara, sita por então ao pé de um alto monte em forma de um pão de açúcar muito farta de bom peixe e tartarugas ao redor.

Servia-nos para este fim um índio sargento-mor, de nome Pantaleão, o qual ia ao sertão praticando os seus parentes, e trazia pouco a pouco muita e belíssima gente, que nós íamos ensinando e batizando, conforme entendíamos e era conveniente e não há dúvida que se ia formando uma poderosa aldeia, se os brancos a não tivessem divertido tanto com contínuas viagens ao cravo e ao credo, e é isto tanto assim que, sem embargo de tudo isso, a achou o padre José Barreiros, uns anos depois, capaz para ali fazer uma nova residência de S. Francisco Xavier, com minha licença. O padre Antônio da Silva, incansavelmente, ia visitando Goçari, os Tapajós e outra, pertencente àquela residência, enquanto eu como mais velho tratava dos tapiaras da aldeia de Gurupatiba, em a qual havia ainda gentio; a estes ensinava e batizávamos com mais cuidado. Tínhamos uma casa e igreja pobre; para ela fiz um retábulo de muruti, em o qual pus Nossa Senhora da Conceição do vulto e um crucifixo grande feito de cera, e porque para o altar faltava algum frontal fiz um da mesma matéria, o qual pintadinho, parecia muito melhor que o do Reino, principalmente estando a igreja toda enramada e o altar ornado de belas flores pelos meninos e meninas, cuja conta corria este cuidado.

Aconteceu que, querendo dizer missa um dia de domingo, faltava um principal com uns poucos, com os quais estava bebendo em sua casa, mandei avisá-lo que se viesse ouvir a missa e como não acabava de vir lhe mandei uma repreensão. Era mau índio e de mau vida, casado com uma índia de muita virtude. Entretanto depois do aviso e da repreensão, acabada a missa, chegou com seus companheiros à porta da igreja, onde se puseram ao redor de mim como quem tratava de me dar na cabeça, porque tinha uns deles seus paus de matar ou ibiraçangas pela mão; adverti em tal e logo, mostrando-me valente, lhes falei alto, e lhes mandei com o império como quem não tinha nenhum medo deles, com que ficaram atemorizados, e se foram retirando para as suas casas, e eu

para mim, sozinho, por ter ido o padre companheiro levantar as cruzes pelas aldeias que tinham falta delas.

Pelo mesmo tempo tinha vindo para os Tapajós Sebastião Teixeira, o qual, expulsado da Companhia, casara com uma índia do sangue dos principais, com expectativa de preceder com o principalado, por ser morta a principaleza Maria Moacara, e ser sua mulher parenta sua muito chegada; porém zombaram dele os índios e o mandaram retirar-se para outra aldeia mais para riba, onde padecia grandes misérias e lhe adoeceu a mulher, com que se achou obrigado a escrever-me para que o encomendasse ao principal, com quem se achava, e lhe mandasse algumas varas de pano e cuias para o serviço de sua pobreza. Tudo lhe mandei e como, por providência de Deus, tinha chegado o mesmo principal da aldeia em que estava, lhe encomendei dizendo-lhe acudisse com farinhas e peixe e a mais necessária e que o estimasse como minha pessoa, pois tinha algum dia sido companheiro meu nos Tapajós e sabia muito bem a doutrina, e assim chegassem cada dia à igreja para serem ensinados dela, e a ele escrevi que doutrinasse todos os dias a gente da aldeia, porém olhasse bem que seu demasiado zelo, entre suas bebedices, não o botasse a perder, porque sabia eu muito bem que os tapuias eram costumados a dar peçonha em suas beberagens. Escreveu-me ele, agradecido do favor, que o principal em tudo lhe acudia e que as varas de pano que lhe tinha mandado empregara em amortilhar um defunto; pareceu-me esta obra de caridade sumamente bem em um homem tão necessitado, e julguei que Deus Nosso Senhor, como tão bom Pai, esquecendo-se dos seus desmanches do passado, lhe faria bem. O fim que levou foi que assim ele como sua mulher morreram, porém confessados pelo padre Antônio da Silva, que então andava por aquelas bandas; desta morte tão apressada de um e outra inferi que provavelmente Sebastião Teixeira se excedera nas repreensões dos excessos daquela gente, e que eles poderiam ter dado um bocado a ele e mais à sua companheira, pois acabaram, o que fora isso em castigo de não querer ele, anos havia, estar nos Tapajós comigo, quando isto importava a salvação de almas, sendo que para lá fora com sua esposa, só com a esperança dos bens temporais do corpo.

Era muito bom sujeito e serviu muito à missão antes de lhe dar aquela tentação de sair e casar com aquela índia, e persuado-me que

Deus Nosso Senhor, como bom Pai, quis castigar a ele, mais à sua companheira, por este meio, e salvar suas almas, que espero estarão gozando dele na glória celestial.

.....

## *Capítulo XI*

ENTRA-SE EM A RELAÇÃO DO QUE SE PASSOU,  
ACABANDO O PADRE PERO PODEROSO A SUA VISITA

**E**NQUANTO estas cousas se passavam em as missões mais remontadas do povoado, veio a acabar o padre Pero Poderoso a sua visita, na qual mandou fazer o corredor novo da banda de Santo Antônio, tendo sido naquele lugar deputado pelo padre superior Pero Luís para igreja, e solenemente bento pelo bispo Dom Gregório dos Anjos, sendo eu reitor, para este fim, com alicerces acabadas e mais estando junta toda a madeira pelo padre Francisco Veloso, meu antecessor, com a pedra e todos os mais necessários e isto com mais parecer que dos de sua parcialidade, botando-se a perder tudo, se bem com boa tensão contra o que o padre superior Pero Luís tinha ordenado; além disso ordenou se guardasse a visita do padre Antônio Vieira com algumas cousas de pouca substância, pondo o padre Estêvão Gandolfin em lugar de Gonçalo de Veras, que tinha tirado do reitorado. Apenas acabou, quando vieram cartas de Roma ao padre superior da missão Pero Luís e a mim, do nosso muito reverendo padre-geral João Paulo Oliva, em que dizia tínhamos tido muita razão em dizer que o padre Pero Poderoso não era legítimo visitador,



porquanto estavam publicadas suas ordens em que mandava que esta missão não fosse dependente do Brasil.

E como havia dúvida se os atos feitos por ele eram valiosos, consultando-se sobre isso o padre-geral, quis o nosso muito reverendo padre que fossem tidos por tais, *propter errerem publicum*, e assim se fez tudo sem nunca haver entre nós mínima dissensão que desse ocasião de desgosto. Só o padre provincial do Brasil, José de Seixas, escreveu-me que se espantava ter-me eu oposto às suas disposições, mas que o nosso muito reverendo padre-geral decidira qual de nós tinha tido razão.

Chegou-me esta carta às mãos estando eu na aldeia de Gurupatiba, sobre o rio das Amazonas, e eu lhe escrevi com muita certeza que obrara o que sentira ser obrigado em consciência, e que no tocante à resolução do nosso muito reverendo padre-geral já estava dada, e me tinha vindo em cartas suas em que aprovara o que eu tinha obrado, por ser o que se devia de obrar em tais circunstâncias. Logo que o padre Pero Poderoso acabou a sua visita, tornou o padre superior Pero Luís da aldeia do Pinaré e mandou em seu lugar o padre Pero Poderoso; o padre Manuel Nunes foi posto por mestre de latim, tendo além dos de fora alguns nossos que já tinham acabado seu noviciado, a saber: o irmão Manuel da Silva, o irmão Manuel da Costa, o irmão Baltasar Ribeiro, o irmão João Gonçalves, que depois se chamou Xavier, e faleceu em Coimbra, sendo inocentezinho e de grandes esperanças. O padre Pero Poderoso, vendo com seu companheiro o sítio da aldeia de Capitiba sobre o rio do Pinaré muito doentio, se tratou de mudar para o Mareú que é mais chegado à cidade, e com muitos outros cômodos que não tinha o sítio seu antigo de Capitiba, sem embargo de ter este terras mais férteis para mantimentos. Não é crível quanto trabalho custou esta mudança ao padre Pero Poderoso e seu companheiro, mas como era zeloso, não houve dificuldade que não vencesse o seu zelo; as razões das dificuldades eram ter fugido alguns novos para seus matos para lá estarem mais à sua vontade, e isto sem embargo de tê-los tratado o padre Pero Luís com muito mimo, e ter gastado com eles fazenda considerável do Colégio, e outra estarem alguns tão afeiçoados a seu antigo sítio que por nenhum caso se os pôde induzir a largá-lo, até que os padres obrigados lhes fizeram queimar as suas choupanas para fazê-los chegar à igreja e aldear-se com todos os mais.

Está a aldeia de Mareú dois dias e meio de jornada do Maranhão, dois pelo rio Pinaré, e meio pelo igarapé e lago do Mareú situada sobre um outeirinho com o lago ao pé e pastos de gado vacum a perder de vista para a banda do Maranhão a leste e a vila de Tapuitapera ao norte; são esses pastos[...] se se não alagassem tanto, pelo inverno, que o gado não acha quase por onde se poder sustentar; mas ainda assim lá estão os currais, o sustento e maior renda do Colégio do Maranhão, em tão aprazível paragem que parece um paraíso terreal.

.....

## *Capítulo XII*

PARTE O PADRE SUPERIOR PERO LUÍS  
PARA VISITAR A MISSÃO COM PARTICULAR  
CUIDADO O CABO DO NORTE,  
ENCOMENDADO D'EL-REI

**P**ASSADOS uns poucos de dias de viagem e navegação pelo rio das Amazonas a Araguari e mais paragem daquela banda, achando que os franceses tinham resgatado alguns escravos, lhes pagou e os restituiu em suas liberdades, advertindo-os que eram resgatados fora das terras da jurisdição de Caiena e em aldeias da coroa de Portugal e assim os deu por forros, por serem legitimamente resgatados, servindo-se-lhes por aviso que não voltassem mais para fazer semelhantes. O padre Aluísio Pfeil, como bom matemático e versado em pintura, foi logo debuxando todos os sítios com os rios, montes e terras do cabo do Norte, para depois sair com um mapa que se oferecesse a Sua Majestade. Tomou também o padre superior notícia das paragens aptas para se porem residências, visto Sua Alteza mandar as tivessem os padres da Companhia de Jesus, para por aquele meio impedir as comunicações das nações estrangeiras com os índios de seu Estado do Maranhão. Acabado de ver o cabo do Norte,

foi-se navegando pelo rio das Amazonas para riba, a ir visitar os padres missionários daquela banda; chegou à aldeia de Jaguaguara e achando casa nova, descansou lá e porque eu e o padre Antônio da Silva, por então missionários únicos do rio das Amazonas, estávamos em Gurupatiba, e ele ia com pressa sem saber onde nos poderia encontrar, partiu com seu companheiro, o padre Aluísio Conrado para o Xingu, escrevendo-me que folgaria de encontrar-se comigo antes de se partir para o Pará. Estava eu com o padre Antônio da Silva para partir aos Tapajós, quando, chegando-me às mãos o escrito do padre superior, logo me fui com meu companheiro para Jagoaquara, e de lá, depois da missa, para aldeia do Xingu, não passando mais que dois dias e meio em toda a viagem. Pasmou o padre superior de ver-nos tão depressa em Xingu; detivemo-nos lá três dias, comunicando entre nós as cousas pertencentes à missão, e passados esses três dias de hóspedes tratados belamente pelo padre Aluísio Conrado, partiu o padre superior para o Pará, e eu com o padre Antônio da Silva para Gurupatiba, ficando, porém, o padre superior comigo que me mandaria cedo canoa para ir ao Pará, e de lá em sua companhia ao Maranhão a continuar meu reitorado, do qual o padre Pero Poderoso me tirara sem podê-lo fazer. Quis-me eu escusar sobre esse reitorado, visto ter sido reitor cinco anos contínuos no Maranhão, mas não me valeu desculpas. Veio-me a canoa e fui ao Pará, de onde parti com o padre superior ao Maranhão, e querendo ele que eu me pusesse em lugar de reitor à mesa, por me ser devido como reitor legítimo daquele Colégio, e tirado de meu pasto sem legítimo poder, tornei-lhe a pedir com toda a submissão quisesse deixar governar o padre Estêvão Gandolphin visto ser homem de muita religião, prudência e satisfação e que eu estaria no Colégio, pregando e confessando fazendo tudo o mais que lhe parecesse. Aquietou-se com isso o padre superior, o qual foi continuando seu governo com muito louvor.

Por este ínterim vieram de Roma patentes de reitor do Pará ao padre Iodoco Peres, o qual governou com muita satisfação, indo o padre Antônio Pereira, seu antecessor, para a missão de Gurupatiba e Tapajós. Tinha Sua Alteza o Príncipe Dom Pedro encomendado muito ao padre superior da missão, para que na primeira ocasião fosse dar uma

chegada ao Cabo do Norte que os franceses freqüentavam em resgates para banda do Tucujus, terras da coroa da Portugal, e como eu, estando com os nhengaíbas tinha tentado aquela viagem por ordem do padre Pero Poderoso, por ser o tempo de verão, lago que chegou inverno menos doentio resolveu-se o padre superior da missão, Pero Luís, a fazê-la com o padre Gaspar Misseh; e porque, chegando à fortaleza do Gurupá, achou ser melhor ir em sua companhia o padre Aluísio Conrado, partiu com ele, dando o capitão-mor Manuel Vaz Correia sua salva com suas peças de artilharia que tinha e ficando o padre Gaspar Misseh para correr por aquelas missões. Passou-se isto pelo ano 1682, em que Francisco de Sá veio render a Inácio Coelho da Silva, cavaleiro e amigo nosso e das cousas do serviço de Deus. Disse amigo nosso, porque nunca obrou causa nenhuma contra nós, e falando-se pelo Pará que o povo se queria levantar contra os padres, disse-me que acudiria por eles, e quando fosse tanta sua desgraça que o desamparassem negando-lhe os soldados a obediência devida, se poria em meio da praça, defendendo-nos à espada contra todos. Disse que era amigo das cousas da Igreja, porque, não satisfeito de honrar todas as festas com sua presença, tratando de consertar e ornar as igrejas, como se vê em Nossa Senhora do Rosário e Santo Cristo, pagava também patentemente os que tinham trabalhado em seu serviço, como claramente constou que tendo avisado de mim, missionário de Gurupatiba, me mandou cento e tantas varas de pano para acabar de satisfazer a um índio, que por culpa de um mameluco tinha ficado sem pagamento inteiro. Logo que o padre superior, Pero Luís, entrou no Colégio do Maranhão comigo, achamos o estrangeiro Pascoal Pereira, nosso amigo antigo, com seus caramelleiros para nos dar as boas-vindas. Vinha o governador, Francisco de Sá (a quem fui beijar a mão), muito empenhado a pôr o estanque de todos os gêneros, principalmente cravo e cacau em todo o Estado do Maranhão por parte de Sua Alteza D. Pedro, com condição de proverem os estanqueiros os moradores de negros da Angola para suas lavouras e engenhos, e entregava-se a eles a aldeia de S. Gonçalo em Tapicuru para sustento dos ditos escravos quando chegassem. Rejeitou-se o estanque no Maranhão por traças, e depois também no Pará, suposto que com réplica e dificuldade, e isso com razão, porque previam os moradores que eles se empenhariam em

compra das fazendas do estanque sem lhes virem senão muito poucos negros para seu remédio.

Estando o governador na aldeia de S. José, mandou que aí não ficassem mais que os que eram necessários para os dizimistas procurarem os dízimos do Rei, e os cortadores da carne o gado vacum, que traziam em canoa grande dos pastos do rio de Meari, e que todos os mais se mudassem para o rio de Tapicuru, para cima do engenho do capitão-mor João de Sousa Salema, onde lhes foi assistir o padre Gonçalo de Veras, por ordem do padre superior Pero Luís, ficando o padre Pero Poderoso em sua aldeia dos guajajaras, mudada para o Meari, e eu pregando em nossa igreja do Maranhão até o ano 1683, quando em tempo da quaresma, por ocasião do estanque, preguei, com muito concurso, ao estanque de nossa salvação. Tinha o padre superior Pero Luís em sua primeira viagem para o Cabo do Norte praticado os tucujus para se descerem ao Areperipucu. Em razão desta sua prática, pelo mesmo ano de 1681, os foi descer o Vital e trouxe umas duzentas para trezentas almas, governando já Francisco de Sá, com o qual o padre superior tinha voltado para o Pará, poucos dias depois de ter chegado comigo ao Maranhão. Por este ínterim foi o padre superior visitar o cabo do Norte pela segunda vez, com o irmão João de Almeida, e nesta viagem lhe deu uma postema que nunca se lhe pôde curar, porquanto que lhe acudissem.

O padre Antônio Pereira lhe deu umas duas sangrias quando chegou a Gurupatiba, mas como nada disso lhe valeu, veio-se ao Pará, onde o padre reitor Iodoco Peres lhe acudiu com todo o primor e diligência, vindo curá-lo até o cirurgião-mor seu amigo Manuel Martins, com todas as indústrias de sua arte, que sabia muito bem, mas *contra vim mortis* (como lá diz um ditado dos médicos) *non est medicamen in hortis*.

.....

### *Capítulo XIII*

SUCEDE O PADRE IODOCO PERES AO  
PADRE PERO LUÍS, E COMO REITOR DO COLÉGIO  
DO PARÁ AO PADRE FRANCISCO RIBEIRO E  
FALECE O PADRE PERO LUÍS

**E**STANDO o padre Pero Luís tratando de sua cura, chegaram patentes de Roma ao padre Iodoco Peres de superior da missão. Tomou posse, pondo em seu lugar o padre Francisco Ribeiro, o qual governou como vice-reitor. Este, em tempo de seu governo, guarneceu a igreja de umas belas cortinas de sarafina vermelha que servem para as festas maiores do ano, e recebeu do capitão-mor Manuel Guedes Aranha três frontais de damasco com suas franjas de ouro, que deu, como juiz perpétuo de Santo Alexandre mártir, para maior ornato dos sagrados altares no dia de sua festa. Estava por esse tempo o bispo Dom Gregório dos Anjos pelo Pará, e deu-se sempre bem com o governador Francisco de Sá, nem teve conosco mais nada depois do tempo do padre Antônio Pereira, em que queria, como dito fica, que cada um dos padres tivesse sua patente particular para poder confessar. Agravou-se, entretanto, a postema do padre Pero Luís de tal maneira, que fez uma grande abertura na ilharga, pela qual lançava muita matéria muito peço-

nhenta, sem lhe valer curas, por quantas se lhe fizesse; portanto, despediu-se de mim por carta bem larga que me escreveu para o Maranhão, dizendo-me me ficasse embora até nos vermos no Céu, pois não lhe parecia poder ser durante esta vida mortal. Recebeu todos os Sacramentos com muita devoção, e deu sua alma a seu Criador[...] aos do ano 168[...] assistindo-lhe à morte dos padres, e com mais particularidade o Padre Aluísio Conrado, que se achava no Grão-Pará. Logo que se soube de sua morte pela cidade, ficaram todos muito sentidos pelo muito que lhe queriam; fez-se-lhe ofício de corpo presente pelos religiosos e clérigos que havia, oficiou o senhor bispo Dom Gregório dos Anjos, assistindo o governador Francisco de Sá, com toda a nobreza e povo, e para mostrar o grande conceito que tinha de sua singular virtude, pôs aos seus pés um escritinho em que lhe pedia que se tivesse diante de Deus o poder que lhe parecia, lhe alcançasse o perdão de suas culpas e o mais que fosse para o bem de sua salvação. Enterrou-se em meio da capela-mor, junto aos degrauzinhos do altar, algum tanto para a banda do Evangelho.

Merecia este grande servo de Deus um elogio muito singular, mas para que ninguém se persuada que, como afeiçoado seu, que sempre fui, falo com mais exageração que com verdade, contentar-me-ei, por todo elogio que lhe poderia dar, dizer dele a pequena loa que se segue.

Era o padre Pero Luís fidalgo romano, tendo sido noviço debaixo da direção do nosso augusto reverendo padre João Paulo Oliva, antes de ser geral; continuou em Roma a retórica com satisfação e veio para esta missão pelo ano de 1662 com o irmão Baltasar de Campos, e em tempo do levantamento chegou ao Maranhão, e de lá foi remetido ao Pará, onde o povo amotinado o fez retirar-se para Santo Antônio, e aí foi embarcado com o padre superior da missão Manuel Nunes; mas como regressou com os mais, foi levado ao Maranhão onde foi superior do Colégio duas vezes, e superior da missão oito anos; esteve em várias aldeias trabalhando com muito zelo e exemplo de vida; era muito casto, muito pobre e tanto que lhe não acharam nada em seu cubículo; tão obediente que se deixava governar por qualquer sinal da vontade de seus maiores, tão humilde e obstinava-se a ser tão mortificado que seu comer eram feijões; tão caritativo que não havia discórdias que ele não compusesse logo, onde quer que se achava, tão zeloso de salvar as almas que



para socorrê-las acometia missões muito dificultosas; tão afável para todos que a todos metia no coração e todos o amavam muito; tão unido com Deus que a maior parte da noite passava com ele; e assim aconteciam cousas como milagres em sua vida, e foi gloriosa sua sepultura, oficiando o nosso bispo Dom Gregório dos Anjos, cantando ofício às religiões e clérigos, foi assistido do governador Francisco de Sá, a Câmara, e melhor parte da nobreza e povo, metendo o governador a seus pés um escrito em que se encomendava à sua interseção para com Deus do Céu, onde esperamos esteja mui sublimado em glória diante de Deus Nosso Senhor, a quem tem servido tantos anos como servo verdadeiramente bom e fiel. Era de estatura medíocre, rosto e nariz comprido, boca e beiços grandes, dentes brancos e tão miudinhos que pareciam uns cristaizinhos dispostos em carreira, o rosto e corpo sobre branco, o cabelo ruivo, estatura medíocre e corpo afidalgado.

E suposto que tenho já acabado de contar as cousas mais memoráveis que lhe aconteceram, não é bem que deixe aqui de relatar um sucesso seu, digno de se reparar e que me ia passando da memória; e é o seguinte:

Estando ele na aldeia dos guajajaras sobre o rio Pinaré, e sítio de Capitiba, chegaram de noite uns escravos fugidos que moravam pelo mato dentro umas jornada, a espiar a aldeia com tensão, como se presumiu, de lhe dar algum assalto. Soube o padre Pero Luís e logo mandou uns índios seus a descobrirem a paragem em que esses escravos fugitivos estavam de morada; foram pelo rastro e deram com uns ranchos de índios, que viram de longe, postos em umas árvores altas para descobrir melhor o campo; não o puderam fazer tão às escondidas e calados, que os escravos fugidos, que sempre estavam a espreitar, não os descobrissem, e fossem em seguimento deles flechando um, que acaso se tinha desviado para o mato em razão de uma necessidade precisa, e flechando-o de sorte que não se levantou mais. Com isso, suspeitando que haviam de vir em busca deles, meteram estrepes terríveis pelos caminhos, com covas fundas, para que caindo uma pessoa ficasse traspassada por eles e incapaz de ir adiante; cercaram também suas casas com uma estacada de pau-a-pique muito forte, a modo de uma caiçara de brancos, para se defenderem dos tapuias pelos sertões.

Tendo o padre Pero Luís notícia do que se passava, escreveu ao governador lhe quisesse mandar soldados para acompanhar os índios da aldeia a ir desnichar aqueles escravos fugitivos, que ameaçavam a destruição de sua aldeia. Mandou o governador o capitão João Sernive por cabo de outros bastantes soldados para o que se pretendia; com este socorro pôs-se o padre Pero Luís com toda a gente da aldeia em caminho para a casa-forte dos escravos fugidos. Livrou-os Deus dos estrepes que eram muitíssimos pelo caminho; ao segundo dia deram com umas cruces que tinham posto em sinal de serem cristãos, e continuando, chegaram a tiro de flecha à caiçara. Falou-lhes o padre que se entregassem sem violência, porque fazendo-o não lhes aconteceria mal nenhum, porém se obstinassem haviam de ser rendidos por força e com grande seu detrimento; zombaram de tudo e responderam com suas flechas que dispararam contra a tropa dos brancos e índios que os vinham acometer. Vendo pois os soldados e índios guajajaras essa resolução, também eles se puseram em armas, e foram as flechas e balas de uma parte e de outra chovendo pelos ares. Como quer que fosse, sobre a tarde e ao pôr-do-sol, receando o padre Pero Luís que os apanhasse a noite fechada se pôs de joelhos, pedindo a Deus lhes desse tempo para poder alcançar vitória contra esses seus inimigos, os quais sobrevivendo a noite os haviam de vir matar todos por não saberem onde estavam, nem para onde se haviam de retirar para não serem cercados e mortos todos.

Entre as pelouradas e flechadas avançou o capitão João Sernive, e à força de mãos arrancou uma estaca; um soldado, amigo dos padres, Félix de Sousa, chegou à porta e abrindo-a à viva força, achou um índio que a guardava, pôs a sua arma ao rosto para lhe atirar, mas errou-lhe fogo e como quis escorvá-la de novo, o índio trespassou-lhe o peito com uma taquara, com que logo caiu morto ao chão, e o que houve de maravilhoso é que, rogando o padre Pero Luís a Deus que não anoitecesse antes de tomada a estacada, foi Deus servido que não faltou dia até se render. Entrados dentro, acharam muitos estirados pelo chão já mortos, umas vinte pessoas vivas tendo fugido os mais abalizados pela porta travessa para os matos, acharam também teares, candeias e outras cousas semelhantes por viverem lá esses índios como se vivessem em povoado. Enteraram os outros o seu defunto e o padre missionário lhes disse missa no

dia seguinte pela alma, encomendando os mais defuntos, se porventura algum entre eles estivesse capaz de socorro espiritual.

Pareceu esta vitória ser milagrosa por se não fechar a noite antes de se tomar a caçara e anoitecer de salto depois de tudo feito. Recolheram-se pois para o Maranhão, onde uns se tornaram a dar a seus senhores, outros que não tinham senhor ficaram vendidos. O padre missionário Pero Luís deixou-se estar na aldeia e avisou-me de tudo por carta sua, em que fazia menção daquela tardança[...] por ocasião da peleja com os índios, e como apontaram o tempo em que isto acontecera, lembrei-me que o padre Francisco Ribeiro achara o mesmo dia mais prolongado depois do tempo da classe, e eu o mesmo, tendo ido para fora a umas visitas, disse ao companheiro que pasmava sobejar-me tanto dia, tendo andado havia horas por fora do Colégio. E com estas confrontações e juntamente com as informações dos que tinham ido a essa empresa, achei ser muito verossímil ter sido aquele dia mais prolongado, para os nossos acabarem de sujeitar aqueles escravos fugidos antes de anoitecer, porque se isto não fora haviam os escravos ter morto os brancos todos, por eles não conhecerem a paragem em que estavam e serem os inimigos muitos e muito valentes, e ainda, para maior probabilidade, dizer o padre Pero Luís que ele se pusera de joelhos, rogando a Deus entre as flechadas que voavam ao redor dele, desse tempo aos nossos de vencer antes de anoitecer, e depois de ter vencido anoitecer de pancada. Seja o caso milagroso ou não, eu somente refiro como cousa que o padre Pero Luís me escreveu e me contou, não por vanglória, pois era muito humilde, mas para que se soubesse o benefício que Deus Nosso Senhor lhe tinha feito àquela ocasião, com que ficou sua aldeia e missão livre de todo o perigo e sobressalto.

.....

## *Capítulo XIV*

VISITA O PADRE IODOCO PERES A MISSÃO DO  
RIO DAS AMAZONAS, E CHEGA AO  
RIO DA MADEIRA E LOGO  
DEPOIS VAI VISITAR O MARANHÃO

**T**

ENDO o padre Iodoco Peres visitado o Colégio de Santo Alexandre do Grão-Pará, foi visitar as missões de cima até as do rio das Amazonas, levando em escrito uma visita compendiada, que queria tivessem todos para segurança assim pelo que haviam de obrar, como pelo poder que lhes comunicava para as dispensações em casamentos, reservando só para si o que fosse em grau de parentesco mais chegado. Foi observada essa visita enquanto governou a missão, porém mandou-me o nosso muito reverendo padre-geral, tendo dela notícia, que se não a observasse mais, estranhando-me de a ter feito lei, ainda que somente por entretanto, e princípio de meu superiorado, enquanto aparelhava a do padre Vieira, que logo publiquei para se guardar, suposto que com algumas moderações, feitas à instância dos padres antigos, por se não poderem observar alguns pontos dela pela mudança dos tempos e circunstâncias em que se achavam as aldeias do Rei. Estava o padre Antônio Pereira por então missionário de Gurupatiba e Tapajós, onde fez uma cousa digna de seu grande zelo e foi esta: que, guardando os índios tapajós o corpo mirrado de um de seus antepassados, que chama-

vam Monhangaripi, quer dizer primeiro pai, lhe iam fazendo suas honras com suas ofertas e danças já desde muitíssimos anos, tendo-o pendurado debaixo da cumeira de uma casa, como a um túmulo a modo de caixão, buscou traça de lhe tirar para tirar juntamente o intolerável abuso com que o honravam, em descrédito de nossa santa fé. Consultada Maria Moacara, principaleza da aldeia, com alguns de maior nobreza e cristandade sobre o negócio, bem queriam que se tirasse aquele escândalo, mas receavam que os índios se amotinassem contra o padre e se seguisse algum inconveniente maior; porém ele, confiado em Deus que o havia de ajudar, mandou uma noite botar o fogo à casa onde estava guardado, com que ficou queimado e reduzido em cinza. Sentiram os índios tapajós isso por extremo, porém, vendo que já não tinha remédio, aquietaram-se por medo dos brancos, que conheciam tomar em bem o que o padre missionário tinha obrado. Folguei eu muito quando me chegou a notícia daquela tão generosa ação, porque desde o ano de 1661, em que eu tinha sido missionário, primeiro, entre os tapajós e feito sabedor daquele corpo mirrado, sempre tive desejo de consumi-lo, e não o fiz, porém, por não ter tempo cômodo de o poder executar, pois estava por então aquela aldeia povoadíssima de índios, que não convinha alterar logo em aqueles primeiros princípios. Era essa glória reservada ao padre Antônio Pereira, navegou o padre superior Iodoco Peres pelo rio das Amazonas à riba, e como tinha ouvido cousas grandes do rio da Madeira, foi ele o primeiro superior da missão que entrou por ele, para ver se lá podia pôr uma nova residência; ao cabo de uns nove dias de viagem, chegou aos irurizes, nação afamada sobre todas as mais; praticou-os sobre a nossa santa fé e ficou com eles que lhe mandaria um padre missionário para lhes assistir, e para que lhes não faltasse língua trouxe consigo um filho do principal para o Pará, para lá aprender a língua geral em um Colégio, onde ficou até que a soube, recebeu o santo batismo, algum tempo depois; voltou com o padre João Ângelo, o qual com o padre José Barreiros, companheiro seu, foi mandado para missionário dos Irurizes. É este rio da Madeira um dos mais famosos que há pelo Estado, por grande e espaçoso, porém demorado pelas caldeiras que tem, em que se somem as canoas com tudo o que levam, havendo

descuido dos guias ou pilotos, e tem várias castas de peixe, até peixe-boi, piraibas, mas os índios não os comem, sustentam-se de uma casta de peixe que chamam tambaquis, mui gostosos; as suas águas são as mesmas como as do rio das Amazonas, pois é braço dele, que muitas jornadas para cima se reparte, fazendo uma ilha grande em que moram os irurizes, os jaquezes e outras muitas nações; as suas terras são boas para todo o gênero de mantimentos, suas matas têm muita caça de porcos, cutias, pacas e pássaros; porém os irurizes não matam nem comem porco-do-mato, e só são amigos de pássaros que têm por seu mais regalado sustento. Freqüentam os portugueses aquele rio da Madeira, assim chamado pela muita madeira que traz consigo para baixo a sua grande correnteza, porquanto há muita abundância de coqueiros por ele, os quais dão o melhor cacau que há no Estado todo, por ser mais doce e mais grosso que o das outras partes. São repartidos os irurizes em cinco aldeias, cada uma delas com o seu principal; dizem que procede de uma mulher que veio preña do Céu e pariu cinco filhos, dos quais o primeiro se chama Iruri, o segundo Unicoré, o terceiro Aripuana, o quarto Sururi, o quinto finalmente Paraparichara, e que esta mulher, estando um dia comendo peixe assado, que chamam mocaém, e vendo-se apanhada por seus filhos com essa iguaria, se envergonhara e se retirara para o Céu, de onde tinha vindo, e disso procede que os índios irurizes aborrecem aquele gênero de iguaria assada. Tem contíguos a si os jaquezes que são seus inimigos, como também de várias outras nações que em si compreende a ilha; esses jaquezes comem carne humana e gostam sumamente das inimigas, principalmente da das mulheres, por isso andam continuamente à caça delas, e acionando-as, as trespassam com umas lanças que chamam zagais, e, apanhadas, lhes quebram o espinhaço, repartindo-as em quartos e as levam, deixando a zagaia com suas penas no lugar da matança, como pagamento de sua presa; chegados a suas casas comem uma parte, e a outra têm por costume, passado em obrigação, de dar a seu principal e mais parentes que aí se acham. As mulheres dos irurizes estão tão recolhidas em casa, que nem com os parentes podem falar sem grandes cautelas, e[.....] Tinham dificuldade de as deixar ir à igreja pelos primeiros princípios da assistência dos padres missionários

com eles. Têm mais particular medo do recebimento de suas visitas, o que se pode ver de uma que fez um grande principal de fora, estando o padre João Ângelo e o padre José Barreiros já de assistência em sua terra. Chegou esse principal em uma tarde ao porto da aldeia Iruriz, onde se deixou estar, pelas leis de sua severidade em suas canoas e com sua gente até o dia seguinte; então pela madrugada, dispôs seu acompanhamento de sorte que o precediam seus muitos vassallos com seus arcos e flechas, e a estes seguiam os oficiais de guerra com suas insígnias pelas mãos e ao cabo deles todos, o principal, com sua espada nua levantada para o ar; desta sorte foi-se andado para a aldeia.

De lá o veio encontrar o principal dos irurizes com seus cavaleiros, e dadas as boas-vindas, o levou para casa do paricá, feita em meio do terreiro, para tomarem seu paricá e fazerem suas danças e bebedices. Lá o agasalhou com todo seu segmento, e com grandes demonstrações de alegria e festas, não lhes faltando do que comer e beber; trataram-se os negros entre si com toda a amizade e privança alguns dias, porém não deram os irurizes licença às mulheres, ainda que suas próprias, de, correndo a aldeia, visitarem os de pazes senão por despedida, pela qual lhes falaram, deixando-as mui chorosas do seu apartamento; finalmente acudiram eles com muita liberalidade aos que as tinham vindo visitar, presenteando-as com tudo o que tinham para poderem comodamente voltar para suas casas, sem lhes faltar cousa alguma para sua viagem. São os irurizes mui curiosos, e lavram com singular arte as suas trombetas ou mumbiz e bordões de várias castas, que vendem aos que vão para suas terras. Não fazem grande caso das ferramentas dos portugueses, porque lhes vêm do rio Negro outras muito melhores que lhes trazem os índios daquelas bandas, que contratam com os estrangeiros ou bem com as nações que lhes são mais chegadas. Chamou entretanto o padre superior Iodoco Peres ao padre Antônio Pereira dos Tapajós, para mandá-lo por procurador para o Reino sobre os negócios da missão, mas como achou no Maranhão o padre visitador Barnabé Soares, não teve efeito, e voltou para os seus Tapajós, estando por aquele tempo o padre Antônio Silva ainda missionário de Gurupatiba, Urubuquara, Jagoaquara e Goçari, onde batizou muitas crianças, por se ter descido, por agência sua, grande quantidade de gentio do mato para essa aldeia.

# LIVRO VII

DO LEVANTAMENTO DO POVO  
DO MARANHÃO, EXPULSÃO E  
RESTITUIÇÃO DOS PADRES  
MISSIONÁRIOS DA COMPANHIA  
DE JESUS





.....

## *Capítulo I*

CHEGA O PADRE BARNABÉ SOARES,  
MANDADO DA PROVÍNCIA DO BRASIL,  
POR VISITADOR DO MARANHÃO. LEVANTA-SE O POVO  
E POUCO DEPOIS LÁ MESMO CHEGA O  
PADRE IODOCO PERES DE VISITA,  
COMO SUPERIOR DA MISSÃO, VINDO DO PARÁ  
E É PRESO E EXPULSADO COM OS DEMAIS

**N**

A ERA DO ANO 1683, veio padre Barnabé Soares mandado da província do Brasil, por ordem do padre provincial Antônio de Oliveira, para visitar o Maranhão, em um barco alugado para fazer aquela visita; trouxe em sua companhia os sujeitos seguintes:

O padre Antônio Vaz, os irmãos estudantes Inácio Barbosa, Manuel Fernandes, Marcelino Gomes, Manuel Antunes, Francisco Soares e Bento Xavier, sujeitos mui ajuizados todos. Foi recebido com grande gosto do padre Estêvão Gandolfin, vice-reitor do Colégio, e mais padres que ali nos achávamos. Apenas tinham passado os dias de hóspede, quando também chegou o padre Iodoco Peres, já superior da missão, a fazer a sua visita a qual como era escusada, naquele encontro, trataram-se algumas cousas de maior importância e como o padre visitador levava tenção de visitar o Grão-Pará e vir acabar no Maranhão, resolveu-se de ir em companhia do padre Iodoco, suposto que em canoa sua própria e

com isso passaram ambos para Tapuitapera e de lá se foram à casa de João Vascalhão, que morava em um outeiro, defronte do cabo da ilha de Tapuitapera, para banda do Pará. Passaram lá a noite; e pelo dia seguinte querendo-se antecipar o padre superior Iodoco Peres, despediu-se do padre visitador, dizendo o esperaria depois de ter passado a ponte que chamam Agoaroca. O padre visitador, vendo os mares que iam crescendo com a enchente pela costa, ganhou tanto medo, que se não atreveu ir para diante, e dizendo depois que só por obediência se podia mandar aos súditos de passar tão perigosos mares, voltou-se para o Maranhão, ficando pasmados todos quantos viram sem saberem a causa da sua arribada.

Por aquele tempo havia de se festejar na aldeia do Taiaçucoarati, S. Gonçalo milagroso, e era eleito por pregador da festa o padre Gonçalo de Veras, missionário da nova aldeia, sobre o rio Tapicuru, e como o padre João Filipe soube que o padre visitador Barnabé Soares estava quebrado, aconselhou-lhe fosse fazer uma romaria ao santo para sarar, visto tinha já sarado muitos e que dado caso que o padre pregador, que morava da banda de além da baía da aldeia, não pudesse vir, por estar muito brava, pregaria ele em seu lugar. Tomou o conselho, foi-se em canoa da casa e como faltou o padre Gonçalo de Veras, que havia de ser o pregador, por não estar boa a baía, pregou o padre visitador, e antes de subir ao púlpito, tirou a funda que trazia, sobre a quebradura, dizendo: meu São Gonçalo, confiado em vossa intercessão e auxílio, me vou pregar os vossos louvores, acudi-me vós, para que sare do achaque de minha quebradura.

Cousa milagrosa! pregou com grande fervor, e ficou tão são que nunca mais sentiu dor, nem necessitou de funda para cousa nenhuma de quebradura, que dantes o molestava muito; publicou logo o milagre, dando graças a Deus Nosso Senhor, que obrava em si com tanta pressa. Não poria aqui, se o não tivera ouvido de sua própria boca.

Andavam os moradores do Maranhão, muito havia, queixando-se do estaque que o governador Francisco de Sá tinha metido não sei como, por lhes proibir as suas ganâncias costumadas; e como nunca faltam homens turbulentos para levar adiante qualquer ocasião de tumultos, não faltaram alguns que com seus pasquins postos às escondidas pelos cantos das ruas iam incitando os homens contra o estaque e

estanqueiros, ou contratistas e outros; dos quais pasquins o padre Manuel Nunes, mestre dos estudantes do Colégio, indo fazer catecismo pela cidade, achou um na rua de S. João, feito em trovas, com que se deu aviso ao capitão-mor Baltasar Fernandes e por sua via, foi avisado, mas debalde, o governador Francisco de Sá, que estava no Pará por aquele tempo; e como se não fez grande caso disso em seus princípios, veio a parar em um motim aberto. Mas antes disso, para dar alguma cor de justiça a uma ação tão prejudicial, fez o povo uma petição à Câmara em que lhe representava as misérias, por se lhes não darem índios dos padres, que tinham o governo temporal deles, porém muito erraram em dar a culpa aos padres da Companhia, visto eles, suposto que tinham o governo dos índios, não tinham a repartição deles, pois a tinha o Sr. Bispo, como prelado do Santo Antônio e um dos camaristas que se elegeisse pela mesma Câmara.

Fizeram junta os camaristas, para ver o que haviam de responder a esta petição do povo e mandaram chamar o padre Soares, visitador da missão, que tinha vindo do Brasil. Foi ele à Câmara, levando-me consigo, como mais prático para saber responder-lhes, quando propusessem cousas de que ele não tinha notícia. Reparou-se logo, à primeira entrada, que os camaristas não estavam bem com os padres; sentaram-se e leu o escrivão da Câmara a petição do povo e acabada ela de se ler, perguntou o capitão de Pernambuco, juiz mais velho, ao padre visitador que resposta dar a essa petição; e como não acertava com o ponto com que se lhes havia de fechar a boca a todos, começaram cada um deles a dizer o que lhes parecia. Vendo eu aquilo, disse-lhes: Senhores meus, com que fundamento culpam vossas mercês aos padres da Companhia de se não darem índios aos gastos de alguns moradores, se eles suposto que têm o governo temporal, não têm em sua mão a repartição, a qual só toca ao Senhor Bispo, como prelado de Santo Antônio e um eleito por vossas mercês? Deles se devem queixar vossas mercês e o povo, e não dos padres, que não têm mais obrigação de dar aos moradores os índios que lhes cabem pela repartição. Com isso, convencidos pela verdade do que abertamente dispunha a lei última, ficaram calados. A isto acrescentou o padre visitador Barnabé Soares, que se este governo temporal que tinham os padres da Companhia, dos índios, sem terem a repartição deles, lhes causava alguma moléstia, também lhe larga-

riam com muita vontade, contanto que eles tomassem à sua conta desculpá-los diante do Exmo. Sr. príncipe D. Pedro. Com isto parou aquela junta da Câmara por aquela vez, e despedidos os padres, com muito pouca cortesia, se voltaram para seu Colégio.

Não faltou quem aticasse o fogo dos ânimos alterados do povo, entrando nisso não só alguns clérigos do hábito de Cristo, mas também, que pior é, religiosos de várias religiões, e chegou a cousa a tal ponto que até dos púlpitos declaravam os pregadores seus apaixonados ânimos contra o estanque, picando nos inocentes missionários da Companhia de Jesus, do que já deram conta a Deus, justo e reto juiz.

Os cabeças principais daquele motim eram Manuel de Beckeman, senhor do engenho da Vera Cruz, sobre o rio de Meari, e Jorge de Sampaio, escrivão da Ouvidoria, que já se tinha achado noutra motim, e o reverendo padre frei Inácio, o ventoso, por alcunha, vigário provincial de Nossa Senhora do Carmo, sem embargo das obrigações que tinha aos padres missionários da serra, que lá o tinham agasalhado com seu irmão, havia tempos com toda a caridade e ajudado para seguir sua viagem ao Brasil, como me contou o mesmo padre Pero Poderoso, que por então era superior daquela residência, tendo por companheiro seu o padre Gonçalo de Veras. Em uma dominga, antes do entrudo do ano 1684, em que assistiram as quarenta horas, fizeram uma junta, em Santo Antônio, em que consultaram se haviam de lançar fora o estanque, e se haviam de fazer o mesmo aos padres da Companhia; votaram todos que se tirasse o estanque como danoso à República, por não cumprirem os contratistas com as condições com que o tinham introduzido, e que no tocante aos padres da Companhia de Jesus, que se lhes havia de tirar a jurisdição temporal sobre os índios; mas não se concluiu se havia de botar fora do Estado, nem se havia de negar obediência ao governador Francisco de Sá, que então governava.

Aos vinte e três de fevereiro, vigília de S. Matias, cuja festa caía aos vinte e quatro, fizeram segunda junta em Santo Antônio, para a qual convidaram o povo todo, até os mesmos clérigos, dos quais alguns iam bater às portas dos moradores da cidade, dizendo-lhes fossem para, em junta, se concluir ultimamente o motim até contra o governador Francisco de Sá, por ser ele só que podia estornar os seus danados intentos, porém não concluíram ainda se também botariam fora os padres

da Companhia; e como viram que naquela ocasião faltaram os vianeses, tomaram disso tão grande paixão, que iam animados para lhes dar, mas como os encontraram à Cruz de Santo Antônio incorporados todos em um corpo, foram direitos à casa do capitão-mor Baltasar Fernandes, levando-o preso ao corpo da guarda, que estava na sala da entrada do palácio do governador, e para que a guarda se não opusesse, prenderam também o capitão dela, e assim tiveram logo de sua banda a infantaria toda, cujo mando tomaram à sua conta. Tendo já preso o capitão-mor, o capitão da guarda, e a infantaria toda às suas ordens, correram pelas ruas com tanto estrondo e gritarias que pareciam uns homens endemoniados. Estavam os padres da Companhia vendo todas essas desordens de umas janelas do corredor novo que cai sobre a rua pública, e com algum sobressalto e medo bem fundado, por saberem a má vontade que lhes tinham os moradores, e com a fama de que de envolta com o motim contra o estaque também os botavam fora, e é muito para notar que todas estas insolências fizeram depois de terem acompanhado o Senhor; dos Passos do Carmo até a Santa Casa da Misericórdia, para assim o acabarem de crucificar. Pela madrugada, estando junto o povo todo na praça da cidade recolheu-se Manuel Beckeman com frei Inácio, o provincial de Nossa Senhora do Carmo, e o padre vigário da matriz, Inácio da Fonseca Silva, em casa de um morador, Manuel de Matos, junto para a banda da matriz, e lá concluíram ultimamente que também se botassem fora os padres, vindo nisso o Beckeman com frei Inácio, o ventoso, mas não o vigário, conforme ele me protestou muitas vezes, sem embargo de o culparem disso por indícios e cartas suas; mas seja como for, como a maior parte do povo consentia naquela resolução, foram todos em corpo ao Colégio, e estando no pátio do Colégio, mandaram chamar o padre vice-reitor Estêvão Gandolphin para lhe intimar a resolução que tinham tomado os três Estados, o do eclesiástico, da nobreza e do povo.

Saiu o padre vice-reitor para a varanda do pátio, trazendo a mim em sua companhia, assim por eu ser mais antigo e o meu parecer mais conhecido de todos. Subiram para a varanda Manuel Beckeman, Eugênio Ribeiro e outros poucos, e querendo subir também os rapazes das escolas, que até estes estavam ensinados por seus pais a amotinar-se, foi-lhes à mão Manuel Beckeman, dizendo-lhes que ainda não chegara seu tempo, e logo, como procurador do povo e cabeça do motim,

começou a falar assim: Reverendo padre reitor, eu, Manuel Beckeman, como procurador eleito por aquele povo aqui presente, venho intimar a vossa reverência, e mais religiosos assistentes do Maranhão, como justamente alterado pelas vexações que padece, por terem vossas paternidades o governo temporal dos índios das aldeias, se tem resolvido a lançá-los fora, assim do espiritual como do temporal, e não por alguma falta ou mau exemplo de sua vida, que por esta parte não tem de que se queixar de vossas paternidades; portanto, notifico a vossa paternidade e mais religiosos, por parte deste alterado povo, que se deixem estar recolhidos ao Colégio, e não saíam para fora dele para evitar alterações e mortes, que por aquela via se poderiam ocasionar; e entretanto ponham vossas paternidades sobre seus bens e fazendas, para deixá-las em mãos de seus procuradores que lhes forem dados, e estejam aparelhados para a todo tempo e hora se embarcarem para Pernambuco, em embarcações que para este efeito lhes fossem concedidas.

Respondeu o padre mestre Estêvão Gandolphin a esta sacrílega notificação, que muito embora... assim o fariam.

Ouvindo eu esta tão sucinta resposta, tomei a fala e disse-lhes que bem deviam de estar lembrados, de como o padre visitador Barnabé Soares, tendo-se-lhe lido no Senado uma petição do povo, respondera que com muita vontade largaria a jurisdição temporal sobre os índios fora das aldeias, contanto que eles tomassem à sua conta desculpando com Sua Alteza, que Deus guarde, e que eles mesmos não quisessem aceitar esta deixoção com aquela condição; e sendo isto assim, como era notório, nenhuma razão tinham de lançar fora os padres para lhes tirar a jurisdição temporal, que eles já largavam por sua própria vontade, e portanto desistissem deste seu mau intento, cessada a causa, que era a jurisdição temporal que lhes largavam. Bem viam eles a força da razão, mas como nos motins prevalece a paixão sobre a mesma razão, ficaram obstinados, e sem responder à proposta foram diretos para a casa de Melânio Rodrigues, estrangeiro, e tomando as fazendas em rol, as mandaram fechar com ordem de não vender mais cousa alguma, e acabado isso se foram para a Sé, tão satisfeitos como se tivessem acabado uma obra de grande serviço de Deus, em ação de graças pelo bom sucesso mandaram cantar o *Te Deum laudamos*, como se Deus Nosso Senhor os tivesse ajudado, e não o Diabo, autor de seu motim.

Tinha aquele amotinado povo já feito a eleição de seus procuradores: o principal deles era Manuel de Beckeman, por ter gênio apto para motim, dando-lhes por[...] o carapina Francisco Deiró e outros, e como nesta mesma revolta tinham negado obediência ao governador Francisco de Sá, que só podia ir-lhes à mão em suas desordens se não estivera ausente pelo Pará, elegeram três homens que os governassem com título dos governadores, a saber: João de Sousa de Castro, Manuel Coutinho e Tomás Beckeman, ficando por conselheiro-mor frei Inácio Ventoso, vice-provincial de Nossa Senhora do Carmo. Isto assim disposto e ordenado meteram-se o governo político, fazendo alferes o filho de João Ribeiro, capitão João Montenegro Cabral, sargento-mor Gabriel Pereira, o qual, zombando deste cargo assim concedido, o não quis aceitar. Visitaram a casa da pólvora e o armazém, tomando a canoa grande do Colégio, mandaram levar uma peça a S. João, fazendo juntas contínuas para tratarem da conservação do motim que tinham principiado. O que levava mais enganado daquele povo cego, era a esperança de muitos escravos que lhe prometia Manuel Beckeman, porque este a cada passo lhes fazia mais práticas de uma janela da Câmara, e sendo ouvido com mais concurso e gosto que um famoso pregador da palavra de Deus Nosso Senhor.

Tinham esses homens vontade de lançar os pobres missionários em umas canoas para o Ceará ou Pernambuco, mas como eles repugnavam, alegando a insuficiência dessas embarcações para vencer os mares de uma costa tão brava, mandaram que à vista dos padres se concertassem e elegessem dois barcos, um maior, que tinha vindo de Pernambuco, e outro menor, de H. Bren, herege, inglês de nação, que andava na carreira do Maranhão e Tapuitapera, e enquanto se faziam estes aparelhos, fizeram vir os missionários de S. José de Tapicuru, o padre Gonçalo de Veras, e o padre Gonçalves[...] de Mareú, para estarem juntos e aparelhados todos para todas as horas que os quisessem embarcar. Não satisfeitos do motim do Maranhão, trataram de levantar também a Tapuitapera e o Grão-Pará; para este fim foram-se ao convento de Nossa Senhora das Mercês, onde ouviram a missa que frei Luís Pestana lhes disse do altar do Bom Jesus; acabada ela, pediram ao prelado que este religioso levasse suas cartas que escreviam ao Sr. Bispo D. Gregório dos Anjos e à Câmara do Grão-Pará, e tendo alcançado o que pediam o



acompanharam até a canoa com grandes demonstrações de singular alegria. Foi-se frei Luís Pestana com as cartas ao Grão-Pará, onde com toda a diligência fez o que lhe tinha sido encomendado, mas sem efeito nenhum por não estarem os ânimos dispostos para imitar o levantamento dos homens do Maranhão; verdade é que se murmurou contra o Sr. bispo, mas ele defendeu-se valentemente, mostrando a falsidade que lhe queriam imputar.

Enquanto o povo do Maranhão andava levantado contra os padres, andaram alguns moradores camaristas do Pará em pleito com o Sr. bispo, sobre uma excomunhão que pelo juízo da Coroa foi dada por nula; e o padre Iodoco Peres, superior da missão, para se tirar daquela embrulhada, principiada de se não dar quietação aos índios, conforme as leis reais, partiu do Pará aos 13 de fevereiro do ano de 1694, com o padre Conrado Pfeil, missionário da aldeia de Mortigura. Teve marés de rosas por toda a sua viagem até o Maranhão, foi isto tanto assim que partindo, ao cantar do galo, de uma paragem que chamam Couaçu, e passando costas e baías arriscadíssimas, por achar o mar leite em todas elas, chegou aos últimos de fevereiro de 1684 com felicíssima viagem ao porto do Colégio do Maranhão, por não tomar a vila de Tapuitapera primeiro, como se costuma; porém, quando cuidava que o viessem receber os padres do Colégio, achou-se recebido de um sargento e soldados, os quais intimando-lhe as ordens dos que governavam, o levaram com o padre Aluísio Conrado Pheil para o Colégio, a fim de estar prisioneiro com os mais, e para que não tivesse ocasião de fugir, puseram os amotinados guardas da banda da praia, tomaram-lhe a sua canoa com os índios remeiros para se servir dela, como se serviram da canoa grande de Santo Inácio pertencente ao Colégio, para as execuções do seu governo, sem dar disso satisfação alguma em nenhum tempo, porque, suposto os padres protestarem publicamente pelas perdas e danos, nunca lhes veio a eles pensamento de os querer pagar. Não faltava gente de bem na cidade por parte dos padres, que dizia matando-se Manuel de Beckeman, cabeça do motim, ficava quieto tudo, mas quiseram os padres antes sofrer todo o mal, que se lhes fazia, que ocasionar ou permitir males alheios de seus próximos, ainda que inimigos jurados, como consta do papel em que se subscreveram em um círculo todos e que eram até as senhoras mais

tementes a Deus, queriam sair à praça e gritar com lágrimas contra seus maridos, mas nem isso lhes queriam permitir os padres missionários.

Passou-se Manuel Beckeman, cabeça dos amotinadores, para a vila de Tapuitapera, com um companheiro seu, Eugênio Ribeiro, para também amotiná-la, mas sem efeito nenhum, porque Eugênio Ribeiro, que levava em sua campanha, não seguiu sua facção se não por medo, e era afeiçoado aos padres, e, além disso, genro do capitão Manuel Duarte, pai do padre Manuel Barbosa, e irmão da missão por carta da irmandade, e como não tinha quem aticasse o fogo que ia meter, responderam-lhe os moradores daquela vila com seu capitão-mor Henrique Lopes, que eles não tinham queixa nenhuma contra os padres da Companhia de Jesus, e antes lhes ficavam muito obrigados e assim não queriam nada com o levantamento que tinha feito o povo do Maranhão. Enquanto Manuel Beckeman estava ausente, trataram os padres, por via de umas petições feitas, de sua conservação, mas como aquele bota-fogo logo voltou, não puderam efetuar cousa nenhuma, antes se tornou a atrapalhar o que já começava de tomar algum caminho de quietação, porque como o Diabo estava, ao que parecia, no coração deste mais cruel homem e lhe falava pela boca, tinham tanta eficácia suas palavras para com o povo todo, que tudo quanto dizia lhe parecia oráculo do Céu. Para pois assegurar mais a sua sacrílega e infernal obra que tinham principiado, grudaram umas folhas de papel entre si, descrevendo aí um grande círculo, e no meio deste escreveram o seu levantamento com as causas dele, obrigando-se a si e seus filhos com pena de maldição de Deus de nunca mais admitir os padres da Companhia de Jesus, e ao redor do círculo que continha este seu danado propósito, fizeram subscrever-se todos, de sorte que, postos os nomes ao redor dele, se não pudesse nunca vir em conhecimento quem era cabeça desse motim; e a este papel chamavam a roda dos altos *coces*. Aborrece à minha pena escrever o que dizia aquele papel, mas como é bom que se saiba, o quis neste capítulo dizer assim.

.....

## Capítulo II

### DO QUE SE PASSOU ANTES DE SE EXPULSAREM OS PADRES E QUANDO FORAM EMBARCADOS E EXPULSADOS

V

INHA Manuel Beckeman muitas vezes ao Colégio com os mais procuradores do povo, e trazia algum aleive que se tinha levantado aos pobres padres aos quais nem tinha passado tal cousa pelo pensamento; um era que tinham muito cravo pelos matos do Pinaré, e juntamente em uma casa da cidade, mas como se lhes disse que fossem em busca dele, e que lhe davam os padres todo de graça, ficaram desenganados; outro era que o padre Pero Poderoso tinha fugido para o Pará em uma canoa, porém também este desfiz eu logo, mostrando-lhe aquele padre que estava na tribuna fazendo sua recoleção, depois de ter celebrado o santo sacrificio da missa, com que corridos e envergonhados se retiraram.

Em outra ocasião, chegou Manuel Beckeman ao Colégio, dizendo logo à entrada para o corredor de cima que vinha fazer o *ecce homo*, e vinha com ele o povo; porém não entrou e deteve-se no pátio, esperando a resolução. Abriu o padre superior da missão a Escritura Sagrada, e deu em um capítulo de Jeremias que dizia: que é o que fazes, Manuel? não vês tu que o que obra este povo não é mais que um levantamento? mas vós, oh! servos meus, tomai ânimo, porque saireis com a

vitória, e ficarão abatidos os vossos inimigos! E como ele não fazia caso destas palavras, perguntei-lhe eu, como amigo seu, que visto ser ele, conforme se dizia, cabeça daquele levantamento, o haver de dar rigorosa conta a Deus, por que razão não tratava de desfazê-lo, dizendo àquele povo que o pátio do Colégio estava esperando a sua resolução, que os padres largavam a administração temporal dos índios, e que suposto isso, desistissem de persegui-los, visto que toda a sua teima contra eles era esta administração?

Respondeu-me que não lhe parecia que o povo havia de deixar de continuar o que com tão madura consideração havia principiado, e que dado caso que todos conviessem, ele nunca havia de ser deste parecer, antes havia de retirar-se para seu engenho da Vera Cruz, sobre o rio Meari, sem nunca mais aparecer na cidade. Instei ouvindo esta tão inopinada resposta, pela qual claramente mostrava ser cabeça do motim, que ao menos propusesse ao povo o que eu lhe tinha pedido. Fê-lo ele, mas tão frouxamente, que de seu modo de o propor via-se que não era de coração. Contudo pôde tanto esta proposta com o povo, que dizendo ele se aquietassem, visto os padres largarem o domínio temporal sobre os índios das aldeias, ficaram calados todos, sem se achar quem replicasse uma só palavra, até que um nosso mameluco, Manuel Pais, filho natural do capitão Manuel Pais, e sapateiro de seu ofício, o qual lhe servia de companhia, levantando a voz, gritou: fora! fora! com que gritaram todos o mesmo, por incorrer perigo de morte quem se atrevesse de calar. Além desta vez, chegaram outra ao Colégio Manuel Beckman e Jorge de Sampaio, ambos procuradores amotinadores, e como não havia quem tanto os conhecesse e tratassem como eu, disse a Manuel Beckman que soubesse que isto não havia de parar no Maranhão, mas havia de ir ao Rei, o qual, dando-se por muito mal servido, poderia mandar um governador que dissesse: enforcem Manuel Beckman, e que pela hora de sua morte se havia de arrepender deste motim, e virando-me a Jorge de Sampaio, disse-lhe considerasse como era homem de setenta e mais anos de idade, com mulher e filhos e não se quisesse botar a perder com o motim que iam fazendo. Respondeu-me Manuel Beckman que ele estava com o ânimo preparado para tudo o que lhe poderia suceder, e que nem à hora de sua morte lhe havia de dar isto pena nenhuma, e respondeu também o velho Jorge de Sampaio que ele não tinha parte naquele

motim, e se metia era por viva força e medo de o matarem, e por esta razão não trazia já espada à cinta mas somente pela mão. Com isso os deixamos, sem nunca mais tratarmos de reduzi-los a bom caminho, visto serem tão obstinados em levar ao cabo a sua sacrílega teima. E bem mostraram estes dois miseráveis homens uns dias depois o seu danado ânimo, com que andavam enganados do inimigo da paz e bem das almas, porque, passando um dia de domingo diante da igreja de Nossa Senhora da Luz, do Colégio, onde o padre Estêvão Gandolphin e eu estávamos desobrigando da quaresma uns escravos nossos da ilha, com as portas abertas, entraram ambos dentro, e postos de joelhos como para se encomendarem a Deus, logo saíram daquele lugar santo, e movidos do inimigo da salvação das almas, mandaram da parte da Câmara e governadores que logo se fechasse a igreja, e não se quebrassem as ordens que tinham dado, pondo ao mesmo tempo sentinelas para aquela banda da rua da cidade, além das que sempre havia da banda do mar. Obedecemos, acabadas as confissões, colhendo desta tão ímpia ação desses dois homens, que algum mau fim haviam de levar, como depois levaram, sendo ambos enforcados em uma forca, por ordem de Sua Majestade.

E foi cousa digna de reparo que, andando ambos solícitos pela praia, da banda do armazém, para que os padres não lhes fugissem, deitaram-se de noite no mesmo lugar e dormiram um sono. Acordando ambos, começou Manuel Beckman a contar o sonho que tivera, dizendo a Jorge de Sampaio, seu companheiro: oh! Senhor, trabalhoso sonho tive agora, dormindo sobre esta praia, porque sonhei que aqui mesmo me enforcavam! Deram ambos uma risada, fazendo galhofa do que de antemão os havia de atemorizar, porque mostrou o tempo que este sonho tinha sido verdadeiro, pois naquele lugar da praia se lhes levantou uma forca, em que foram enforcados ambos. Queira Deus que uma morte tão infame lhes tenha servido para todo o castigo, e não tenha ido do castigo temporal para o castigo eterno.

.....

## *Capítulo III*

### EXPULSAM E EMBARCAM OS PADRES DO MARANHÃO

**U**NS poucos de dias antes da expulsão dos padres, lançou-se um bando por ordem dos três governadores, em que se mandava que todos os moradores se achassem presentes em dia de Ramos, para se lançarem fora os padres missionários da Companhia de Jesus, e que os índios viessem assistir com seus arcos e flechas, até os rapazes, conforme se dizia, com pedras nas mãos, para o mesmo fim.

Chegou depois o fatal dia da expulsão, que caiu no dia de Palmas, aos 26 de março de 1634; disseram todos os padres sacerdotes missa, benzeram-se os ramos, e repartindo-se, como é costume, por todos, fui eu de parecer que se embarcassem com eles às mãos, em sinal de vitória que haviam de reportar dos seus adversários, e assim o fizeram todos; acabadas as missas, logo que chegou recado da Câmara e governantes (como dizia o piloto inglês), despediram-se de Nossa Senhora da Luz, a qual se cobriu de um véu roxo, como em sinal de sentimento da partida dos seus queridos filhos. Saímos como em procissão após do padre visitador Barnabé Soares, do padre Iodoco Peres, superior da missão, do vice-reitor Estêvão Gandolfín, vinte e seis sujeitos em número, com as nossas vitoriosas palmas nas mãos até o portão do Colégio, tocando, entretanto o sino grande da Sé, como quem toca a fogo ou motim.

Estava toda a Câmara com seus juizes e três governadores no outeiro da banda da Sé, e alguns do povo com os índios em outro outeiro, para a banda de Santo Antônio; só Manuel Beckeman com Francisco Deiró, estavam com poucos outros na praia, para fazerem embarcar os padres em dois barcos aparelhados para esse fim.

Tinha o padre visitador Barnabé Soares nomeado os que haviam de ir em cada um deles, e assim por essa ordem nos fomos embarcar.

Embarcou-se ele no barco grande vindo de Pernambuco e embarcaram-se em sua companhia o padre Pero Poderoso, o padre Diogo da Costa, o padre Antão Gonçalves, e eu, padre João Filipe Bettendorff, dos irmãos coadjutores, e mais o irmão Marcos Vieira, o irmão João Fernandes, o velhinho doente levado em uma rede até o mar, o irmão Manuel Rodrigues, o irmão Manuel da Silva, o irmão Domingos da Costa, o irmão Domingos Coelho, o irmão Antônio Ribeiro; dos irmãos estudantes, o irmão Francisco Soares, o irmão Poderoso e o irmão Marcelino.

Em o barco pequeno, do inglês Henrique Bren, embarcaram o padre superior da missão, por lhe parecer mais veleiro, o padre Estêvão Gandolphin, vice-reitor do Colégio do Maranhão, o padre Gonzalo de Veras, o padre Manuel Nunes, o padre Aluísio Conrado Pfeil, e dos irmãos estudantes, o irmão Manuel da Costa, o irmão Agostinho da Cunha, o irmão Manuel Antunes, o irmão Antônio Gomes, e veio mais um, Francisco da Mota.

Antes de nos embarcarmos, veio Manuel Beckeman dar-me um abraço por despedida, dizendo-me com as lágrimas nos olhos que se eu quisesse ficar em sua casa o estimariam muito ele e Dona Maria de Almeida e Cáceres, sua mulher; porém eu agradecendo-lhe a boa vontade, me fui com os demais, com que ficou também desenganado o povo, o qual cuidava ficaria eu feito frade de Santo Antônio, não sei por quê.

Ofereceram também um lugar ao irmão João Fernandes em Santo Antônio, ou outro convento, se quisesse ficar, mas ele respondeu-lhes que não queria apartar-se de seus irmãos, e que para onde fossem eles, queria ir também.

Logo que estivemos embarcados todos, constituídos os procuradores: do Colégio, José de Seixas, irmão do padre Diogo da Costa e Gabriel de Moraes, procurador da roça, Gabriel Pereira da Silveira, que tinham feito sargento-mor, contra sua vontade, e procurador do curral

de gado vacum, João de Sousa Castro, um dos três governadores constituídos pelo povo, tudo assim bem disposto, a seu tempo, levantaram-se as âncoras e demos à vela, à vista de todo o povo amotinado, alegrando-se os maus e chorando os bons, os quais, como tementes de Deus, abominavam aquele motim e alaridos, por puro medo da morte, que ameaçava aos que quisessem dar mostras de contrário parecer.

Passamos felizmente as perigosas correntezas do Boqueirão, debaixo do patrocínio de Nossa Senhora da Guia, que ali se venera em sua capelinha, e chegamos até o meio do rio dos Mosquitos, pouco mais ou menos, onde por falta de enchente, nos achamos obrigados a parar toda aquela noite, sem poder fechar olho, pela multidão desses molestísimos animaizinhos, que farto nos deram que padecer com suas picaduras, tais que parece faziam sentirem-se os homens pacientes como um S. Jó em tão funesta paragem. Partimos logo com a enchente que nos levou até o meio da baía de S. Gonçalo, entre a aldeia de Taiapuquariti e o rio Tapicuru, onde tomamos algum alento, e logo, com a vazante, nos fomos à baía de S. José, indo-nos sempre acompanhando de longe, o capitão Lisboa, em uma canoa bem equipada, para reboque dos barcos se acaso necessitássemos, em alguma paragem da cidade até o Pereá. Da baía de S. José navegamos até uma maré do Pereá, onde ficamos em seco detrás de uma ilha pequena, da qual nos levou outra até os pastos do Pereá. Lá, por serem festas da Páscoa, nos detivemos até a segunda, oitava, estando sempre à vista das guardas já sobreditas, e vieram-se desobrigar conosco alguns índios da canoa do capitão Lisboa, e como todos os padres de ambos os barcos saíram, uns a dizer missa e outros a ouvi-la, e a confessar, lá nos despedimos uns dos outros, por não sabermos quais poderiam ser os sucessos da nossa viagem. Fez o padre superior Iodoco Peres grandes instâncias, persuadindo-me que me mudasse para o seu barco, por ser mais veleiro, mas respondi-lhe eu que estimava por melhor aquela embarcação que me tinha assinado a obediência, com que fiquei onde estava, e se me livrou de muitas moléstias, como do decurso desta se verá.

Estava em companhia do padre superior da missão, com licença sua, um secular[...] da Costa, o qual se fazia sobrinho., grande parleiro; deste se despediu o capitão Lisboa, dizendo-lhe tivesse boa viagem e que aos padres levasse a fortuna.



Com isso, fomos nos afastando do porto, e fazendo-nos para o mar, indo cada qual dos barcos por seu rumo e derrota, porém de sorte que, passado o primeiro dia, nos perdemos de vista, de tal sorte que por ficar o barco pequeno muito atrás, nunca mais nos avistaram por toda a viagem. Ajudou muito ao barco grande fazer-se muito para o mar por meu conselho e para assim fazer ângulos grandes, como que buscando depois a terra, e adiantando-nos grandemente pelas grandes sangradas que tinham feito pela madrugada.

O padre visitador Barnabé Soares estava sempre recolhido em seu beliche de baixo sem nunca sair senão em Paramiri.

Observaram-se todas as horas de oração, e exames ladainhas, as quais à tarde eram sempre cantadas em honra da Virgem Senhora Nossa, e como iam também ordenadas e guardadas as cousas tocantes ao serviço de Deus, quis sua bondade que sempre tivéssemos marés de rosas e que à boca da noite achássemos lugar cômodo onde lançar âncora à vista de terra, com tanta abundância de gostosíssimo peixe, que como em quantidade era pescado ao anzol, sobejava para as ceias daquela e os almoços e jantares do outro dia.

Chegados que fomos ao rio Timonha, vieram os índios a nado visitar-nos com uns poucos de cascos de tartaruga, que traziam na sua canoinha, em que iam até as mulheres. Foram recebidos, porém, com as armas escondidas em lugar oculto para mais cautela; furtoaram-nos àquela ocasião uma campainha nova do Reino, sem o sabermos senão quando, saídos os terembezes em seus areais, a foram tocando os rapazes, enquanto iam correndo pelo outeiro a riba; porém não houve outra perda que esta por toda viagem.

Chegados que fomos ao rio Paramiri, entramos pela enseada dentro, por não podermos vencer aquele dia uma ponta que se nos oferecia. Aqui nos resolvemos, com o padre visitador Barnabé Soares, a saltar em terra e acabar a pé o restante da viagem até o Ceará pelas praias, visto não distar senão um pouco, conforme as informações do padre Pero Poderoso, prático daquelas paragens, por ter andado por elas. Ficou o irmão Marcos Vieira no barco com o irmão João Fernandes; todos os mais saltaram em terra, detendo-se lá o barco por aquele dia. Achamos aquele lugar ser um paraisozinho com belas terras, águas e ares preciosos; jantamos lá mesmo um bocado e logo nos pusemos em

caminho pela praia, andando a pé um bom estirão até que bem cansados, paramos à boca da noite, junto a uns muros de areia, e acostados a eles, por não levarmos redes conosco, tomamos algum descanso. Nossa ceia foi um bocadinho de peixe para cada um e uma gota de água de uma cacimba, aonde a foi buscar o mulato Duarte, escravo da Bahia, que vinha para servir o padre visitador.

Ditas as ladainhas, e feito o exame, que nunca se deixava, descansamos um pouco até as horas do cantar do galo então nos pusemos a continuar nossa viagem pela fresca, fazendo juntamente nossa hora de oração, a qual fazíamos sempre todos como os que estão em Colégios; não paramos de andar até ao meio-dia, sem embargo de nos dar uma chuvinha; só paramos então, porque se nos pôs de permeio um riacho tão grande e fundo que os velhos se achavam obrigados a passá-lo aos ombros dos moços, aos quais davam as águas em cima dos joelhos; estávamos fadigados sem ter que levar à boca, nem ainda uma gota de água doce para estancar a sede, porque as das cacimbas eram tão salobras que se não podiam tragar. Não é crível quanto padecemos pelo caminho, ficando mortos de fome, e, passando um rio que se nos ofereceu, como por milagre de Deus, chegamos ao Ceará.

O padre Pero Poderoso, por cuja culpa se não tinha trazido de comer, por ter dito não era comprida a viagem, vendo que se enganara, se adiantou por sua muita caridade com o padre Antão Gonçalves e o irmão Manuel da Silva, e foram com toda a pressa ao Ceará, em busca de algum refresco e cavalgadas, pertencentes ao Maranhão, que estavam em mão de Filipe Coelho, nosso procurador, a que tinham sido entregues as cousas da residência de S. Francisco Xavier, da serra de Ibiapaba. Entretanto, fomos os mais arrastando as pernas como pudemos por aquelas praias, pelas quais costuma sair e achar-se ambas, sem haver um só que tratasse de ver se por aí aparecia algum, ou estava encoberto das áreas, que tanta era a fraqueza com que se achavam. Havia lá uns búzios muito belos e grandes, mas como estavam vazios não nos podiam ajudar, nem eles os podiam carregar, por serem muito pesados, pela fome que padecíamos. Passada uma grandíssima enseada, chegados finalmente meio desmaiados a um monte a cujo pé descobriram água doce, com a qual estancaram a sede que os matava, quis Deus saísse o padre Diogo da Costa com um pedaço da língua de vaca salgada, que,

repartindo entre todos por bocadinhos, nos tornou a dar algum alento, com que demos uma volta ao monte por detrás, por vários estibaixos de áreas dificultosíssimas de subir, por estar a dobra por fora impedida toda de pedras que lhes embargavam a passagem. Vencidas assim todas as dificuldades do monte e outeiro, descemos finalmente por outra banda para as praias, e como nos apanhou a noite nos acostamos por detrás de um muro de areias, meio mortos de fome e cansaço, mas não por isso desmaiados. Passamos lá aquela noite até pelas horas do cantar do galo, quando desfechando-se umas grossas nuvens em chuva, nos molhou todos por estarmos sem nenhum abrigo contra ela. Estando pois traspassados de chuva, pusemo-nos em caminho pela praia, para ver se porventura descobríamos alguma lenha para fazer fogo; mas por quanta diligência que fizesse o mulato Duarte, não achamos senão umas ervas bravas e estas molhadas, entre as quais se deitou o padre visitador Barnabé Soares com os que o acompanhavam, e eu, que seguia atrás tão cansado, que com meu companheiro, o estudante, ambos, não podíamos com ele e, assim obrigados a parar, estendi o roupão na praia e mandei ao noviço se deitasse aí para dormir e fiquei com uma tão veemente dor em ambos os joelhos, que nem olhos pude fechar, mas posto de cócoras ia com o sopro da boca agüentando-os, para assim moderar a grandeza da dor que me traspassava.

Pela madrugada, continuando o caminho pela mesma praia, como Deus Nosso Senhor nos ajudava, chegamos a outro monte, ao pé do qual corria um rio que chamam Ciopé e é de águas muito boas; aí apanhamos dois serizes, certa casta de caranguejos, os quais assados nos serviram de jantar, com um pouco de farinha, e apertava tanto a fome com os pobres dos noviços que nos acompanhavam, que foram pelo monte acima, e dando com umas pitombas grossas, de cheiro de almíscar, mas muito azedas, se foram enchendo delas, trazendo-nos quantidade não muita, que assamos ao fogo primeiro, e depois comemos para nos não fazerem mal, nem amargarem tanto. Assim confortados com essa quantidade, tornamos a pôr-nos em caminho; tínhamos caminhado até pelas horas de jantar, quando vimos descer por um muro de areias uns índios com umas cavalgaduras mandadas já do Ceará, com umas poucas de tainhas salgadas para refresco; chegaram a tempo, porque já não podíamos quase dar passo adiante. Portanto, dando graças a Deus

Nosso Senhor, montamos a cavalo, e acompanhados de 16 índios que vinham, fomos pelas campinas dos currais, as quais povoadas de palmeiras nos pareciam um paraíso terreal; agasalhou-nos aquela noite em um curralinho pobre, comemos um bocado de tainha, e bebemos um púcaro de água, e com isso descansamos até à madrugada do dia seguinte, em o qual fomos dizer missa à aldeia do Forte, onde tinham assistido os nossos padres, o padre Jacó Coelho e o padre Pero Francisco, muitos anos, até que o padre Jacó Provincial os mandou retirar, sucedendo-lhes uns clérigos da Congregação de S. Filipe Néri, chamados Amaristas. Agasalhou-nos o padre missionário com muita caridade, e dando-nos de almoçar, acabadas as missas, muito bons peixes salpresos e queijo flamengo, que um capitão de uma nau holandesa lhe tinha dado, passando pelo Ceará, em razão de seus contratos.

Desta aldeia, dadas as graças ao nosso benfeitor, montamos outra vez a cavalo, e passando pelas mangabeiras e o sítio das pedras cristais, chegamos finalmente à desejada fortaleza de Ceará, onde era capitão-mor por aquele tempo Bento Soares, e vigário um doutor, Soares chamado, clérigo que tinha sido letrado de D. Gregório dos Anjos, primeiro bispo do Maranhão, e estava um procurador dos padres da Serra, Filipe Coelho.

Fomos recebidos com muita honra e agasalhados nas melhores casas que ali se achavam, socorrendo-nos o capitão-mor cada dia com peixe fresco, e um amigo do padre visitador, senhor de um curral de gado vacum, com sua carne de vaca; estivemos ali uns dias, esperando por nosso barco, o qual chegou a salvamento com os irmãos que trazia.

Chegando ele, esperamos mais uns dias, para ver se também chegava o barco pequeno com o padre superior Iodoco Peres, e mais padres que o acompanhavam. Detivemo-nos uma semana, pouco mais ou menos, e para não estarmos ociosos, tratamos de tirar inimizades e alguns amancebamentos dos soldados que por aí havia; e como quer que o Ceará carece de bom porto, enfadou-se logo dele o mestre do barco e para se não perder em as ondas, resolveu-se a levantar âncora, e voltar-se para o Maranhão, onde estava o dono dele, e como tardava de chegar o barco pequeno com os mais padres, e não podíamos já fazer lá mais detença, consertou-se o padre visitador com o mestre em novos fretes, para nos levar a Pernambuco, imaginando-se que o não obrigariam a pagá-los, por

lhe parecerem injustamente pedidos; mas como o povo do Maranhão se tinha concertado com ele para que levasse os padres ou ao Ceará ou a Pernambuco, teve o padre visitador sentença contra si, obrigado a pagar ao mestre, conforme se tinha concertado com ele.

.....

## *Capítulo IV*

PARTE O PADRE VISITADOR EM O BARCO GRANDE,  
E CHEGA POUCOS DIAS DEPOIS  
O BARCO PEQUENO COM O SUPERIOR DA MISSÃO  
E MAIS SUJEITOS QUE O ACOMPANHAVAM AO CEARÁ

**J**Á o padre visitador, Barnabé Soares, estava embarcado com os seus em o barco grande, que estava quase para levantar âncora, quando, em o mesmo tempo, chegou à praia o irmão Antônio Ribeiro, dando vozes para que parasse um tempo mínimo, para ele falar ao padre visitador; parou o barco e o que disse era que o padre superior o mandara adiante, para dar parte como vinha já chegando, e dentro de poucos dias, com o favor do Céu, estaria no Ceará, e assim quisessem esperar para que se juntassem todos.

O padre visitador, como tinha deixado encomendados os padres que estavam para vir em o barco pequeno, ao capitão-mor do Ceará e ao seu procurador, e o mestre do barco querendo partir, para se não perder em porto pouco seguro, e mais para avisar o governador de Pernambuco, da parte do capitão-mor, que faltavam farinhas aos soldados, em tempo que os tapuias do mato, levantados contra os brancos, estavam cada dia ameaçando a fortaleza, e finalmente desejando o padre visitador chegar depressa a Pernambuco, para alcançar barco capaz e

acomodado para os padres que vinham, e não cabiam comodamente em um só em que ele ia, resolveu-se a partir sem embargo do recado do irmão Antônio Ribeiro, dizendo-lhe que dissesse ao padre superior, e aos mais padres, que ele bem desejava de esperá-los, mas que vistas as razões que lhe mandava, convinha que partisse logo, para lhes enviar depressa barco capaz de os levar, e que entretanto descansassem esse pouco de tempo em Ceará, debaixo do amparo do capitão-mor e procurador, aos quais estavam encomendados.

Houve opiniões contra esta resolução, dizendo alguns era crueldade não esperar; mas tudo bem considerado parece era o que se havia de fazer, vistas as circunstâncias de esperarem mais e irem todos em um barco só. Com isso ficou o irmão Antônio Ribeiro com o procurador Filipe Coelho, esperando pelos padres do barco pequeno, que chegou em um dia ou dois depois muito maltratado, assim por lhe ter quebrado o mastro, como por fazer água como um cesto roto.

Tendo o padre visitador Barnabé Soares declarado sua determinação ao irmão Antônio Ribeiro, que ficou com ela, se não de todo, ao menos de algum tanto satisfeito, mandou ao mestre, morto já para partir, levantar âncora e dar a vela. Causa notável: continuou Deus Nosso Senhor a favorecer esse barco, de sorte que venceu logo uma ponta mui dificultosa a dobrar, e que tendo dado em os perigosíssimos baixos de S. Roque, onde o padre Pero Poderoso se tinha visto perdido, e escapou como por milagre de Deus, saindo deles com toda a felicidade, fomos navegando com mar bonança e marés de rosas, por todo o restante do caminho. Chegados que fomos a uns currais conhecidos, o padre visitador determinou de saltar em terra com o mulato Duarte e mais companheiros, e pôs-se de caminho e andou por terra pelas residências que havia daí a pouca distância; deixou-me a mim por vice-superior dos padres e irmãos que ficaram. Os que ficamos fomos durante a viagem por mar regalados das muitas cavalas, peixe precioso que cada dia se matam; e foi ela tão feliz que, pela antevéspera do Espírito Santo nos achamos noite já fechada, mas não muito obscura, em a entrada do Recife; houve dúvida se entraríamos logo para dentro, ou se nos deixaríamos estar por de fora, até o dia seguinte, mas como havia um caminheiro, siciliano, homem esperto, que se ofereceu remeter o barco logo para dentro, fomos entrando sem dilação, com ele posto ao leme, e o prático

posto à proa, para avisar do rumo que se havia de guardar para não dar sobre a torre, sita à passagem. Aconteceu aqui um caso mui arriscado, e foi que, estando já o barco entrando, e tão chegado à torre que parecia não distava já nada para dar-lhe com a proa, vendo o pilotinho que o siciliano que estava ao leme se não dava de seus gritos, mas seguia contudo o que dizia o práctico, veio com muita fúria sobre ele com a faca na mão para lhe dar com ela; mas o siciliano, homem valente e animoso, sem se lhe dar disso nem largar o leme, puxou também por sua faca e lha pôs à boca, o que vendo eu, para impedir o perigo evidente de se perderem todos se a pendência fosse por diante, peguei em o cabeção do pilotinho e o derrubei a meus pés, repreendendo-o gravemente e ameaçando o mandar castigar se se não aquietasse logo, e não deixasse para terra o que sobre o mar nos era de tão grande prejuízo. Com isso entramos segurissimamente para dentro, onde passamos aquela noite, mas feitas primeiro as pazes entre o pilotinho e o siciliano, porque chamando-os eu e como as razões que lhes dei, os apaziguei, e fiz amigos, como dantes tinham sido. Em o dia seguinte, véspera do Espírito Santo, desembarquei com os padres e alguns irmãos, deixando os mais para guardas do fato; fomos direitos ao Colégio do Recife, onde por então o padre Manuel Carneiro servia o ofício de reitor e o padre Antônio Maria, italiano, era o afamado *factotum* daquele Colégio; fomos recebidos com toda a caridade, e depois de jantar nos veio convidar o padre Pero Dias, reitor de Olinda, para seu Colégio, e nos levou consigo, contando-nos pelo caminho, que fazíamos em canoa, as novas dos bons sucessos das armas imperiais contra o turco, que tinha vindo com grande poder sobre Viena.

Em o dia seguinte, disse missa em o altar-mor, ao som das caramelas de seus destríssimos carameleiros, respeitando com isso o padre reitor Pero Dias, o vice-superiorado, que breve tempo tinha exercitado, pela viagem, por ordem do padre visitador, o qual chegou pouco depois. Fomos ambos beijar a mão ao governador, João de Sousa, dando-lhe parte do levantamento do povo do Maranhão contra os padres daquela Capitania, e pedindo-lhe mandasse logo barco capaz para virem comodamente os mais padres, que estavam esperando em o Ceará. Ele, mui pesaroso de nossa expulsão e desejoso de lhe dar remédio até com a ida de sua própria pessoa, se fosse necessário, despachou logo fosse o barco



que lhe tínhamos pedido, e como quer que convinha de todo o modo fosse alguém dar parte ao padre provincial à Bahia, Antônio de Oliveira, de tudo que se passava, para ele dispor o que melhor julgasse para remédio, elegeu-me o padre reitor de Olinda, Pero Dias, para esta função, dando-me por companheiro o padre Pero Poderoso. Fomos muito bem aviados com mimos do Reino, que nos mandou o governador, João de Sousa, para o caminho. Parecia ao padre Valentim Estancel, matemático, que por aquele tempo estava em Pernambuco, que teria eu dificultosa viagem; mas como Deus é sobre tudo, achei difícil passagem pelo cabo de Santo Agostinho, onde as correntezas os botaram atrás até o baixo de Pernambuco, em o primeiro dia, e em o segundo nos deteve, até que, por conselho meu, oferecessem todos umas missas a Nossa Senhora Milagrosa, da Bahia, que logo nos levou com ventos prósperos e belíssima viagem, até o fim de sua navegação.

Ia de volta para a Bahia uma mulher casada, com sua mãe, irmãozinhos e criadas, que tinha sido desterrada para Pernambuco, por uma ocasião que tinha tido com um morador rico daquela banda; e tinham vários trabalhado de balde em reduzi-la a que fosse para casa de seu marido, e como eu o sabia de várias partes e do mesmo governador, tratei de ganhar a benevolência dela e logo, sem embargo de andar enjoado, pratiquei depois do terço e ladainhas cantadas, de sorte que com o favor do Céu ficou tocada da divina graça e me disse depois que só receava a primeira entrada em sua casa, mas estava resoluta de ir de todo o modo morar com seu marido legítimo, não obstante os medos que a estava retraindo. Chegamos à baía pelos dezenove ou vinte de junho e veio receber-nos à porta do mar o padre reitor Alexandre Gusmão com o padre Antônio Vieira e o padre Domingos Barbosa e outros com toda a cortesia religiosa. Propus as causas da minha vinda ao padre reitor, por estar o padre provincial em o Rio de Janeiro e em o mesmo dia fui dar parte ao governador, Marquês das Minas, irmão de D. João de Sousa, o qual, estranhando muito o desaforo do povo do Maranhão, ofereceu logo navios a seu filho, o Conde de Prado, para ir restituir os padres em suas missões por força de armas; mas como a coisa requeria mais consideração, se dilatou mais uns dias a última resolução.

Houve-se o Sr. marquês com tanta benevolência comigo, que me obrigou a jogar consigo um jogo de xadrez, o qual ele ganhou, le-

vantando eu a glória de ter recebido um cheque-mate de um governador tão amigo e autorizado.

Do conde fui ao Sr. Arcebispo e de lá voltei para o Colégio, onde por parecer de muitos se julgou conveniente em repor os padres com mão armada, mas como a mim me parecia melhor ir dar parte a Sua Majestade El-Rei D. Pedro, que Deus guarde, arrimaram-se o padre reitor, o governador e o arcebispo a esse meu parecer, o qual se pôs em execução, assinando o governador um navio novo em Pernambuco para eu passar nele ao Reino com toda a pressa.

Levou-nos o padre reitor à quinta do Colégio, e pouco depois me aviou para Pernambuco, ficando o padre Pero Poderoso na Bahia; concorreu o governador com seus mimos do Reino, que duraram até à cidade de Lisboa.

Parti, com as ordens do padre Alexandre Gusmão, da Bahia, para embarcar-me em Pernambuco para o Reino e tratar com Sua Majestade a restituição dos padres, expulsos, assim ao temporal, como ao espiritual. Acompanharam-me os padres até o barco em que tinha vindo, dentro de dois para três dias. Cheguei ao porto do Recife com feliz viagem, tirado que à entrada estava um barco para dar em outro, mas quis Deus que se desviassem destramente e ficassem livres ambos; com que saltei em terra e tratei logo de ter companheiro com matalotagem que se requeria. Deram-me primeiro por companheiro o irmão Domingos da Costa, mas como este estava dizendo ficaria no Reino, não o quis eu levar, mas levei o irmão Marcos Vieira, homem sisudo e de muita virtude e conhecido meu antigo da missão.

Despedimo-nos em ambos os Colégios do governador D. João de Sousa, e com isso nos embarcamos em os quatro de julho do ano de 1684. Não se continua aqui o sucesso da navegação, porque ficaria atrás o sucesso da viagem do padre Iodoco Peres, superior da missão, o qual se deve relatar primeiro.

.....

## *Capítulo V*

SUCESSO DA VIAGEM DO PADRE SUPERIOR IODOCO PERES  
COM OS SEUS ATÉ O CEARÁ E DO  
CEARÁ O FIM QUE DEUS FOI SERVIDO LHES DAR  
PARA MAIOR SEU MERECEMENTO

**M**UITO diferente successo teve o barco pequeno do herege Henrique Breu, em que ia o padre superior da missão, Iodoco Peres, com os mais padres e irmãos que o acompanhavam, porque além de se deter mais pela viagem, fez muita água, com que ficaram os pobres molestadíssimos, e ao cabo, para mais ajuda da sua desgraça, quebrou-se-lhes o mastro, com que ficaram arriscados de se perderem. Contudo, depois de quarenta e sete dias, chegaram finalmente ao Ceará, onde foram agasalhados do capitão-mor Bento Soares, com toda a caridade, nas mesmas casas em que tinham sido agasalhados o padre visitador Barnabé Soares com os seus; o padre superior Iodoco Peres, desejosíssimo de se ver cedo em Pernambuco, e de lá passar ao Reino, contra o parecer dos mais padres que estavam esperando o barco, que o governador D. João de Sousa havia mandar cedo com o socorro das farinhas para a fortaleza, e os havia de levar a eles todos, conforme que se tinha ficado, elegeu cinco companheiros para continuar sua viagem no barco

pequeno do inglês, estes cinco foram o padre Aluísio Conrado Pheil, o irmão Manuel da Costa, o irmão Agostinho da Cunha, o irmão Antônio Gomes, o irmão Manuel Antunes.

Ficaram quatro no Ceará, os quais se não quiseram tornar a embarcar outra vez em um barco que tanta moléstia lhes dera, estando seguros de ser muito melhor a embarcação em que iriam comodamente depois, como foram sem perigo nenhum, e eram estes o padre mestre Estêvão Gandolphin, o padre Gonçalo de Veras, o padre Manuel Nunes, o irmão Antônio Ribeiro.

Tendo-se, pois, embarcado o padre superior Iodoco Peres com os acima nomeados, e tendo já navegado com feliz viagem uma boa parte do primeiro dia, como viram vir de cima uma embarcação que cuidavam era do Reino, sem mais reparo se foram a ela para saber novas e achar algum refresco, podendo ter-se feito para terra, fora de todo o perigo, se tivessem suspeitado que era embarcação inimiga.

Apenas tinham chegado com seu barco a tiro de espingarda, quando viram vir sobre si uma lancha cheia de homens armados, os quais tendo-lhes dado uma salva de espingarda, saltaram no barco, prenderam os padres desarmados todos e se apoderaram de seus dois tapanhunos, e de tudo o mais que levavam consigo.

Logo, sem mais detença, fecharam-os, e no dia seguinte fizeram-lhes perguntas sobre o dinheiro que traziam; e porque tinham apontado um dos tapanhunos para que os descobrisse, e ele nos açoites tinha dito que os padres e não ele o tinham, chamaram-os logo um a um a tormentos, ficando livre o padre Aluísio Conrado Pheil, que só levou uma coronhadura de um alfange, por não querer largar uma cruz de relíquias que trazia.

Puseram o dedo polegar da mão esquerda do padre superior Iodoco Peres debaixo do cano de uma espingarda, e apertando o parafuso o esmagaram todo, sofrendo ele aquele cruel tormento com suma igualdade de ânimo, lembrando-se dos muitos e gravíssimos sofrimentos que tinham padecido os mártires por Cristo Senhor Nosso, que deu sua vida por nós.

O mesmo tormento deram ao noviço Agostinho da Cunha, e não contentes disso atormentaram nas partes baixas, com incrível dor, que lhe ficou por muitos dias.

Este mesmo tormento deram aos irmãos Manuel da Costa, o estudante, ao irmão Antônio Gomes e irmão Manuel Antunes, noviços ambos, e não contentes desta inumanidade, acrescentaram outro tormento sentidíssimo e foi pôr-lhes morrão entre os dedos da mão esquerda, amarrando-os, queimou-lhes o fogo lento, com sumo sentimento dos inocentezinhos.

Tudo isso lhes fizeram padecer, deixando-os depois sem nenhum remédio, com que chegaram a tão lastimoso estado todos, que até aos mesmos piratas fizeram compaixão e os moveram a lhes pedir perdão, à vista de sua tão bárbara crueldade, concedendo-a aos padres com grande coração, pelo amor de Deus Nosso Senhor.

Eram esses piratas do número daqueles que tinham roubado a bela fragata do padre provincial da província do Brasil em que iam embarcados os nossos.

Três deles eram ingleses chamados[...], três holandeses, entre os quais havia um católico romano e outros três eram alemães; estes contaram aos padres Iodoco Peres e Aluísio Conrado Pfeil, que lhes sabiam a língua, que um padre da Companhia, homem já de idade (será o padre Domingos Fernandes?) tinha sido presa dos piratas franceses chegados aos portos do Brasil, o qual levado a bordo do seu navio, tinha sido obrigado a comer sua própria orelha salgada e assada ao fogo, e depois morto com quantidade de feridas, porém aparecera no dia seguinte à proa, à vista de todos, revestido de roupa branca; e não há dúvida disso, porque o mesmo me contaram os padres da Bahia a mim, que lá cheguei pelo mesmo ano de 1684, em que acontecera este presente caso. Iam entretanto os pobres padres todos fechados debaixo da proa em lugar quente, úmido e sumamente fedorento, com que dentro de poucos dias ficaram quase cegos, por causa de um humor maligno que lhes acudiu aos olhos.

Tinham os piratas consultado entre si se matariam os padres, e pouco faltou que lhes tivessem tirado a vida, se não fora um alemão, o qual falando a miúdo com o padre Aluísio, os tivesse advertido disso, e

feito mudar de parecer com que lhes disseram que o que tinham obrado tinha sido para remediar a sua necessidade, e daí por diante não lhes faziam mais mal algum.

Ouvindo o padre superior Iodoco Peres esta escusa dos piratas, disse-lhes que com três ou quatro bois remediaria esta sua falta, se o pusessem em terra com os seus na baía de S. José do Maranhão; por isto ficaram, dando-lhe palavra de restituir tudo quanto lhes tinham levado; porém, como se não achou entre eles marinheiro que se oferecesse a levá-los para S. José, tendo primeiro consultado entre si o que faziam em tal ocasião, botaram os padres pela primeira oitava do Espírito Santo em uma ilha deserta pouco distante do Pereá, sem lhes tornar a dar mais que uns poucos de livrinhos, uma canoinha velha de mil remendos que fazia água como um cesto roto, uma bacia velha de cobre e um pouco de farinha já meio podre, e três marinheiros portugueses que os padres tinham trazido consigo do Maranhão.

Ditosos os padres que se deixaram estar no Ceará, porque com isso se livraram deste lastimoso vexame e foram-se depois brincando para Pernambuco.

.....

## *Capítulo VI*

PASSAM OS PADRES PARA SUA ROÇA, E DE LÁ SÃO LEVADOS  
AO MARANHÃO PELOS PROCURADORES DO POVO,  
E DE LÁ PASSARAM A TAPUITAPERÁ E AO PARÁ

V

ENDO-SE os padres já livres dos piratas, ficaram entre alegres e tristes, alegres, por se verem já postos em terra de sua missão, tristes por não terem tido o bem de dar a vida entre esses inimigos de nossa Santa Fé, que tinham sido quase resolutos de os matar a todos, e pôr fogo ao barco, para não ficar rastro de sua maldade; e para não ficarem lá ao desamparo mandou o padre superior Iodoco Peres, na canoinha destroncada, o irmão Manuel da Costa com o marinheiro Francisco Pereira, que lhe tinha ficado, para nossa roça de Anindiba, para de lá lhes vir canoa grande com algum refresco, para com aquele alento os levar para lá a todos por uma vez. Era viagem de um só dia, mas por costa brava, e por uma baía de muito perigo, contudo como as muitas águas não podiam vencer a sua grande caridade, foram-se com risco de suas vidas na canoinha desconcertada e rota, já em cima, já embaixo dos mares, até, com o favor do Céu, dar de outra banda e tomar porto da ilha do Maranhão, perto de S. José, onde, providência divina de Deus, os recebeu um morador daquelas bandas, chamado Ambrósio Pereira, amigo da Compa-

nhia, e não só os agasalhou, mas também os cobriu, por virem quase nuzinhos e sem roupa. De lá chegaram à nossa roça de Anindiba, tratar do fresco e canoa, que lhes tinha sido encomendada. Entretanto, puseram-se os que tinham ficado na ilha deserta a buscar uma gota de água doce para apagar a sede que os matava, e como tinham achado uns anãozinhos entre as coisinhas que lhes tinham restituído os piratas, puseram-se a pescar uns peixinhos da praia, os quais cozeram em a bacia, bem arcada primeiro, e comeram com a farinha meio podre, para não acabarem de pura fome.

Com isso tomaram algum alento, e tendo feito grandes fogueiras para afugentar as muitas onças bravas que por ali havia, se deitaram a descansar, em meio das areias, sem outro amparo, sem embargo das muitas e grandes chuvas que a cântaros caía sobre eles, molhando e transpassando-os todos.

Três dias passaram com todos estes incômodos, até que ao quarto dia chegou a canoa grande da roça com algum fresco e timbó para fazer tingujada ou pescaria, como fizeram, para cearem abundantemente todos, e com isso se puseram em caminho, sem parar senão em o porto da roça de Anindiba, em a qual, como em casa sua própria, descansaram com mais quietação e segurança, e como antes de sua chegada já tinha ido nova para a cidade do triste sucesso dos pobres padres, tinham já vindo os procuradores do Colégio e fazendas dele, com dois cirurgiões para lhes curarem as chagas, e em companhia deles o mestre Francisco Deiró, o qual depois de declarar o sentimento com que ficara o povo do mau-trato que os padres tinham recebido dos piratas, disse-lhe que os levaria para a cidade e agasalharia em seu Colégio, até se resolver ultimamente o que acerca deles se havia dispor; detiveram-se dois dias em a roça, e em o terceiro, que era domingo da Santíssima Trindade, partiram depois da missa para a cidade de S. Luís do Maranhão.

Chegados que foram, à força foram mandados parar, para os cirurgiões curarem suas feridas, onde se costumam de justicar os malfeitores.

Lá chegaram, à boca da noite, o senado e povo para os acompanhar e levar para a cidade, como costumam acompanhar e levar os ossos dos enforcados, e em vez de os pôr em seu Colégio, como era direito



e justo, para andarem em tudo errados, os agasalharem em umas casas do capitão-mor Vital Maciel, que Deus tem, em a praça, para banda da Misericórdia, pondo-lhes guarda logo à porta, e com ordem muito apertada de não falarem a morador nenhum da cidade, tirados seus procuradores, que lá os sustentavam com as esmolos e mimos dos amigos.

Em o dia seguinte vieram os procuradores do povo, Manuel Beckman e outros, entregando-lhes por escrito algumas perguntas tocantes à sua expulsão, pedindo por cortesia quisessem responder a elas por outro escrito e tratassem de passar-se para a vila de Tapuitapera o mais depressa que pudesse ser, para lá esperarem embarcação para irem ao Reino, ou bem ao Grão-Pará, e que confirmassem a sua resposta com juramento posto ao fim dela.

Eram as perguntas que o povo e seus governadores faziam aos padres tais, que, ao parecer de todos, era cousa arriscada responder a dias com clareza; contudo, depois de se ter encomendado a Deus este negócio, respondeu-se de tal maneira que nem se encontrou a verdade, nem se ofenderam os ânimos dos adversários, e ficaram tão satisfeitos todos, que em seu nome lhes mandou o procurador deles dar as graças e dizer que tal resposta só a poderia ter feito um anjo do Céu.

Enquanto se iam curando as feridas das mãos dos três irmãos, e preparando os vestidos e mais aparelhos necessários para a viagem, chegou uma cortesíssima carta do senhor Antônio d'Albuquerque Coelho de Carvalho, então sobre-intendente da Capitania de Tapuitapera, da parte de seu pai, donatário dela, em que pedia ao padre superior que pelas chagas de Cristo saísse logo do Maranhão e se viesse para a vila de Santo Antônio de Alcântara, porque ele e todos os moradores dela os haviam de receber não só com os braços abertos, mas ainda em o meio do coração; agradecendo-lhe o padre superior a fineza do amor, respondeu-lhe aceitava a cortesíssima oferta, e que para lá se passaria o mais cedo que lhe fosse possível.

Chegado pois o sétimo dia que se detiveram forçosamente em o Maranhão, embarcaram-se todos, e passaram em o barco para a vila de Tapuitapera, onde os receberam no porto o sobre-intendente Antônio de Carvalho, o vigário João Maciel, e o povo todo, com mil amores e lágrimas de alegria; ele os levou para cima, onde, tendo-os regalado com um esplêndido jantar, os agasalhou em umas casas novas, dando-se o

dono delas os parabéns a si mesmo, por serem, como ele dizia, os primeiros hóspedes, que elas agasalhavam, seis mártires de Cristo; andavam o sobre-intendente e mais nobres da vila em uma santa porfia em cortesias e presentes, querendo cada qual deles levar a palma ao outro em fazer-lhes bem, assim como alguns do Maranhão tinham ido, algum dia, em contenda sobre quem lhes fizesse maior mal.

Os que mais se assinalaram em fazer bem aos padres foram, depois do senhor sobre-intendente, Antônio de Albuquerque, o vigário João Maciel, o capitão-mor Henrique Lopes, o capitão-mor Jacinto de Araújo, Pedro da Rocha, e com singular afeto de amor, o capitão Manuel Duarte, irmão da Companhia, por carta de irmandade.

Detiveram-se os padres em Tapuitapera dezesseis dias, em os quais se fizeram cada dia duas doutrinas, uma em língua portuguesa pelo irmão Manuel da Costa, outra em língua dos índios pelo padre Aluísio Conrado Pfeil, e fez o padre superior Iodoco Peres um belo sermão pela festa de Santo Antônio de Albuquerque, e porque os nossos adversários do Maranhão haviam espalhado que tínhamos uma provisão real em que ordenava que todos os índios feitos escravos desde o tempo do governo do pai, se haviam de repor em sua liberdade, quis que do púlpito se desfizesse aquela aleivosa mentira, o que fez, acabada a procissão, quando pregou com muita atenção e agrado do auditório; e deve-se reparar que estes e semelhantes mentirosos aleives, falsamente levantados contra os padres, foram inventados, contra eles pelos eclesiásticos e seculares não poucos; porém soube-se depois por uma cartas que a verdadeira razão da expulsão dos padres fora não conspirarem com o povo contra o governador Francisco de Sá, nem falarem contra ele em suas pregações, como o faziam outros, que tal é a terra do Maranhão, em que se dá em culpa aos bons serem bons, e não serem maus com os maus, como eles.

Aos vinte de junho, despedindo-se dos de Tapuitapera, se embarcaram para o Pará em companhia do muito reverendo padre José de Amaral, filho da terra e grande religioso, novo provincial do Carmo, que seus religiosos não quiseram receber, por viver fora, com hábito retinto e ouras razões, sem embargo das quais se lhe sujeitaram depois.

Em o dia de S. Pedro chegaram à vila do Caeté com feliz viagem, onde o padre Pero Francisco Cassoli, genovês de nação, missionário

rio nosso, com o capitão-mor Amaro Cardoso Câmara, povo e índios, os receberam com grande demonstração de gosto de amor, porque tendo ouvido índios que os padres tinham sido expulsados do Maranhão, e que viera um religioso de certa religião solicitar os ânimos dos portugueses para os expulsarem de todo o Estado, chegaram ao Senado pedindo não deferisse tal petição, porque eles de nenhuma maneira haviam de consentir que se lhes tirassem seus missionários, e estavam todos com sobressalto até que com a chegada do padre Iodoco Peres e de seus companheiros ficaram descansados, dando-lhe disso muitos parabéns.

Partiram do Caeté no mesmo dia, e continuando a sua viagem tomaram porto em Belém, cidade do Grão-Pará, onde, anjos vindos do Céu, foram agasalhados em seu Colégio de Santo Alexandre, de seus irmãos, que à vista deles não cabiam em si de puro gosto e alegria de os ver consigo. Foi isto aos quatro de julho, dia em que eu me embarquei de Pernambuco para ir dar conta à Sua Majestade el-Rei D. Pedro, de gloriosa memória, de nossa expulsão do Maranhão, e procurar a nossa restituição para as missões, das quais tão injustamente tínhamos sido expulsados.

Logo que o governador Francisco de Sá soube da vinda dos padres, mandou o ouvidor-geral Miguel da Rosa ao Colégio para dar as boas chegadas e parabéns ao padre superior da missão, e ele mesmo à boca da noite do terceiro dia o veio visitar, e depois de uma bem comprida conversação em a igreja de S. Francisco Xavier se levantou em pé, em o lugar onde o celebrante costuma dizer a confissão geral lhe falou à orelha, em voz baixa, pedindo-lhe perdão de tudo quanto lhe tinha dito, escrito, e obrado contra ele, rogando atribuisse todo o passado a uma paixão e perturbação de seu ânimo. Perdou-lhe o padre superior Iodoco Peres de todo o coração como filho da Companhia de Jesus e de Santo Inácio, que até a seus inimigos fazia todo o bem que estava em sua mão; e desde aquele tempo fingiu o governador ter grande familiaridade com ele, e diziam, assim os seculares de fora, como os religiosos de dentro, que ou o superior da missão queria enganar o governador, ou o governador ao superior, mas como o padre superior era homem de muita prudência e virtude singular, nem se deixou enganar dele, nem tratou de enganá-lo, e enganam-se os políticos de nossos tempos, não com embustes e modos enganosos, mas por meio da mera sinceridade, quando lhes parece o que se obra lealmente ser obrado com duplicidade.

Foi cousa digna de admiração ver entre os moradores do Pará horas e sinais de violência verdadeira, quando tiveram notícia da expulsão dos padres da capitania do Maranhão, dizendo viessem para o Pará todos, que os agasalhariam no coração, o que sem embargo disso à chegada do padre superior da missão com seus companheiros, mostrarem mais admiração que amor, e não faltaram alguns que, sob capa, tratassem de expulsá-los pelas causas bem conhecidas; porém Deus Nosso Senhor, debaixo de cuja proteção estão os seus missionários, sabe trocar o ânimo de um momento para outro, pois os têm em sua toda poderosa mão.

Como os padres do Pará não tinham notícia senão confusa se alguém tinha ido para o Reino tratar com Sua Majestade a restituição dos padres expulsados e mais negócios da missão, elegeram ao padre superior Iodoco Peres para tomar isto à sua conta, e levar consigo os irmãos estudantes para estudarem na Universidade de Coimbra, antes que lhes passasse a idade de o poderem fazer, e juntamente uma carta para o nosso muito reverendo padre, para lhe pedir licença de oferecer outra a Sua Majestade, para poder desmanchar a missão pelas razões que lhe faziam presentes: esta não foi oferecida senão muito depois em meu nome pelo ano de 1693, sendo eu outra vez superior da missão.

.....

## *Capítulo VII*

PARTI EU COM O IRMÃO MARCOS VIEIRA, DE PERNAMBUCO,  
PARA O REINO A DAR CONTA A  
SUA MAJESTADE DA EXPULSÃO DOS  
PADRES DO MARANHÃO

**T**ENDO eu recebido as ordens e a bênção do padre Alexandre Gusmão, reitor da Bahia, e já com as patentes de provincial, parti em dia de S. Pedro, aos vinte e nove de junho, da Bahia, que estava com muitas fogueiras, e chegados felizmente em brevíssimo tempo a Pernambuco lá me embarquei com o irmão Marcos Vieira, dado por companheiro para o Reino, pelos oito de julho, em uma embarcação nova, deputada pelo governador D. João de Sousa, ficando com muitas saudades e obrigações do Colégio de Olinda, onde o padre Pero Dias era reitor, por então, o assistiam os padres Barnabé Soares, João Pereira, Valentim Estancel, e o padre Diogo da Costa; e do Colégio do Recife onde era reitor o padre Manuel Carneiro. Apenas tínhamos navegado um bom tiro de artilharia, quando de súbito nos deu um pé de vento tão rijo que fez render o mastro maior que chapeamos logo, e continuamos nossa viagem sem receber disso algum mal.

Estava eu assentado junto ao bordo da nau, muito pesaroso de ver que partia daquelas bandas sem ter visto alguma baleia que por ali não faltam, quando, ouvindo um estrondo grande, me achei todo molhado, sem saber donde isto me procedia, até que me disse um marinheiro que era de uma pancada que deu no mar, junto à nau, uma baleia perseguida de um espadarte; com esta informação do marinheiro olhei logo para o mar, desejoso de ver o combate desses dois animais, e foi Deus servido dar-me o cumprimento dos meus inocentes desejos, porque, vendo-se perseguido um baleão do espadarte, deu-me lugar a vê-lo a meu gosto, todo inteiro desde o rabo até a cabeça, parecendo-me da grandeza de uma canoa grande, bem larga e comprida, e cheia de casca pelo corpo todo, de que dei muitas graças a Deus Nosso Senhor, que até nisso me quis dar gosto.

Pouco nos durou o vento, porque logo depois nos deu uma calmaria grande que nos foi acompanhando quase até a ilha Terceira. Estava eu sempre muito enjoado, mas nem por isso deixava de cantar com toda a gente de nau o terço e ladainha de Nossa Senhora, acrescentando de dois em dois dias uma prática doutrinal, à qual também assistia um clérigo, Rangel, que ia fazer queixa a Sua Majestade sobre um negócio com os cônegos, do qual veio bem despachado.

Já íamos pela altura das ilhas, uma jornada do Faial, quando se nos descobriu uma nau também grande que se vinha chegando para nós, não deixando de nos dar muito cuidado; mas tendo descoberto pelo óculo ser nau inglesa, pelas bandeiras, ficamos sossegados. Chegada que foi à distância de se lhe poder falar, perguntamos quem eram, responderam eram ingleses, e vinham de Angola com a nau carregada de negros; e como eram amigos logo se visitaram os capitães, indo e vindo em suas lanchas com muita familiaridade. Convidou-me o capitão inglês para sua nau correspondendo com seus mimos aos que lhe tinham feito, mas por estar enjoado lhe agradei a boa vontade e foi o clérigo com outros, os quais voltaram bem alegres e contentes da festa que lhes tinham dado. No dia seguinte, andamos desde o romper da alva, correndo ao longo da ilha do Faial até depois do jantar, vendo o estrago que tinha feito o fogo, levantando um muro de pedra destro do mesmo mar: queríamos dobrar o pico, mas como nos faltou o vento ficamos pouco distantes do pé dele, e tivemos lugar de vê-lo pela manhã

coberto de névoas até o meio, e, depois do jantar, todo descoberto, com uma fumacinha no mais alto cume dele, que descobríamos, sem embargo de dizer o capitão não haver tal fumaça, me asseguraram depois outros que havia.

Foi singular providência de Deus deter-nos lá a calmaria, àquela tarde, porque, indo-nos no dia seguinte, ao cantar do galo, correndo a ilha S. Jorge, deixando à mão direita a ilha das Flores, chegamos, aos oito de setembro, à ilha Terceira, onde ouvimos que, no dia antecedente, tinham os mouros levado um barco em que ia o padre provincial dos religiosos de S. Francisco para a cidade, ficando nós na obrigação de agradecimento a Deus Nosso Senhor, que, por via da calmaria ao pé do Pico nos tinha livrado do perigo de alguma desgraça, porque se tivéssemos caindo às mãos daqueles bárbaros, nos teriam pilhado sem dúvida, porque a nau estava destituída de toda a defesa para resistir, nem tinha mais que duas roqueiras para se defender.

Verdade seja que a nau inglesa nos vinha acompanhando de longe, mas, como era em bastante distância, podiam os mouros fazer conosco seu negócio, e colher-se, com a presa, antes que a nau inglesa pudesse chegar para nos socorrer.

.....

## *Capítulo VIII*

TOMO A ILHA TERCEIRA COM O IRMÃO MARCOS,  
E DE LÁ PARTIMOS COM OUTROS QUATRO  
PARA O REINO EM UMA NAU FRANCESA MAIS SEGURA

**A**OS oito de setembro, dia do orago de nossa igreja de Nossa Senhora da Luz do Colégio do Maranhão, desembarquei com meu companheiro, o irmão Marcos Vieira, na ilha Terceira, para descansar um pouco na cidade de Angra, enquanto se estava lá detendo nossa embarcação em que tínhamos vindo. Recebeu-nos o padre Manuel dos Reis, reitor do Colégio, com muita caridade e cortesia e nos fez todo o bom agasalho, que em casa e quinta se pode fazer a uns hóspedes que vêm de longe; fomos falar ao governador e ver a fortaleza, e ver a cidade toda, que contentou tanto ao irmão Marcos Vieira, que desejava de acabar lá a vida.

Achamos no Colégio o padre Nicolau Teixeira, o qual se tinha livrado do triste naufrágio da nau em que vinha do Reino o padre Luís Figueira, embarcado com dezesseis sujeitos para socorrer esta missão, e se perdeu nos baixos de Tugioca, dando depois consigo em jangadas entre os aruãs, os quais os mataram a todos, tirando ele Nicolau Teixeira, que, por cima das espadas, saltou ao batel, já cheio de gente, como o padre



Francisco Pires, que foi ao Maranhão, voltando Nicolau Teixeira para o Reino, onde deu curso e prima de teologia com clareza e forma grandíssima, e, depois de velho, foi mandado à sua terra, por visitador, ficando lá para honra do Colégio. Achamos também que lá falecera o irmão João de Almeida, francês de nação, o qual o padre Pero Luís, superior da missão, mandava para a província do Brasil. Disse-me o padre Bento de Oliveira, depois superior da missão do Maranhão e reitor do Colégio do Pará que ele lhe assistira à morte, e falecera com o grande exemplo de uma doença precedida de algum excesso com que se pusera a comer frutas, que pela ilha Terceira não faltam.

Tinha o venerável padre João de Almeida predito a este irmão que morreria em a companhia, como morreu, segundo Deus teve salvação.

Como vínhamos de Pernambuco em uma nau, em que vinha por mestre e capitão um nosso Pimentel, o qual não tinha defesa nenhuma, e ia arriscada de dar às mãos dos mouros, que, por aquele tempo, andavam desaforados, achei por melhor embarcar-me em uma nau francesa que tinha pazes com eles até para os passageiros. Mandou o padre reitor Manuel dos Reis consigo, como já professores, os padres mestres, e Antônio Furtado, o irmão Saraiva, o irmão mestre Manuel de Lemos, que acabavam de ensinar em a Terceira, e ajuntou-se ao mais independente o padre Gonçalo de Moraes, que tinha vindo do Faial. Embarquei-me eu aos quatro de outubro, todos os mais aos[...] mui providos pela liberal caridade do padre reitor, e outras conchegas do país, cujos filhos tinham sido discípulos dos padres que me acompanhavam, e não faltou[...] provincial do Maranhão, com o seu grandioso mimo, que me mandou, por eu o ter, anos antes, provido em aquele cargo, que pretendia se lhe tornasse a dar. Apenas começamos nossa navegação, quando, de repente, caímos enjoados todos, de sorte que não havia que o irmão Marcos Vieira que tivesse forças para nos valer; o padre Gonçalo de Moraes e o irmão Saraiva nunca saíram do camarote, ficando sempre deitados; os mais, comigo, iam saindo e levando o enjôo com algum tanto mais alento.

De tudo tínhamos e tudo se dava liberalmente a pedir de boca, cada um conforme lhe apetecia a sua casta de enjôo.

No terceiro ou quarto dia, depois da festa do seráfico S. Francisco, que como estes eram dias de cordão (como chamam) vimo-nos, de súbito, acometidos de um vento tão rijo e furioso, que levantava

ondas que pareciam montes de uma e outra banda, deixando uns vales tão profundos, que as ondas que vinham, uma após de outras, como lançando de si chamas de fogo, pareciam de haver de sepultar o navio com seus abismos.

Um cônego da Terceira, chamado Francisco de Sá, pediu logo confissão; eu, que só passeava pelo convés, logo o consolei, e encomendado a nau a Deus Nosso Senhor e à Virgem Senhora e a S. Francisco Xavier, não quis avisar aos padres de dentro, do perigo, para lhes não meter medo antes do tempo.

Monsieur, o capitão da nau-mor, e o piloto dela, Fontayne, mandaram amainar as velas todas, deixando a nau mercê dos mares; porém vendo eu que a proa ficava toda submergida sem se poder levantar, aconselhei-lhes, dizendo em sua língua, que sabia perfeitamente, tivessem grande confiança em Deus, e largassem uma vela do mastro da proa para levantá-la. Fizeram-no assim, e logo se acharam remediados pouco a pouco até parar aquela fúria do vento, com que fizemos o restante do caminho sem nenhum perigo até à barra da cidade de Lisboa. Chegados que fomos à vista da Roca, vieram encontrar-nos duas fragatas de Sua Majestade, que costumam de correr a costa, para maior segurança dos navios que pretendem de entrar.

Em o dia seguinte entramos para dentro até defronte de Belém, onde lançamos âncora, mandamos buscar algum refresco da terra para tirar o enjôo, que por toda nossa navegação nos tinha molestado muito.

Logo depois chegou João da Rocha Matos, procurador-geral da mesma província (digo) caixeiro da província do Brasil, da parte do padre Francisco de Matos, procurador-geral da mesma província, em busca de mim e de meu companheiro, em cuja companhia fomos para o Colégio de Santo Antão, onde nos agasalharam, pelos 23 de outubro do ano de 1684.

Acabados os dias de hóspedes, durante os quais o padre Francisco de Matos regalou-me a mim e a meu companheiro, e ao padre Agostinho Lousada, procurador da província de Portugal, dos que lhe pertenciam, fiquei com o irmão Marcos Vieira em o Colégio de Santo Antão, e o padre Gonçalo de Moraes foi mandado para ler filosofia em Évora, com Manuel de Lemos para estudar, e o padre Antônio Furtado para ler curso em Coimbra, e o irmão mestre Saraiva para estudá-la.

.....

## *Capítulo IX*

VOU BEIJAR A MÃO A SUA MAJESTADE,  
E DOU-LHE CONTA DO LEVANTAMENTO DO POVO  
DO MARANHÃO CONTRA OS PADRES

**E**M o dia seguinte depois da minha chegada à Corte, fui com meu companheiro Marcos Vieira a S. Roque ver o padre Luís Álvaro, preposto dessa Santa Casa, e ao padre confessor Manuel Fernandes, pela mesma manhã. De lá fui com o padre preposto beijar a mão à el-Rei D. Pedro, dando-lhe conta das causas da minha vinda, oferecendo-lhe por escrito uma breve e verdadeira relação de tudo o que se tinha passado com a nossa expulsão, para que a visse devagar, e a desse a ler a seus ministros para consultarem do remédio; poucos dias depois tornei a falar-lhe; recebeu-me Sua Majestade com muita benevolência, mui sentido do desaforo de seus vassallos do Maranhão, dizendo poria logo remédio a tudo.

Eu, como achei Sua Majestade tão benévolo, não tardei de lhe pedir algum ministro com quem pudesse tratar os negócios que havia de lhe propor, e que este ministro, podendo ser, fosse Roque Monteiro Pais; respondeu-me logo que sim e deputou a Roque Monteiro, a quem lhe tinha pedido.

Eu fui, pois, ter com ele, pedindo-lhe quisesse tomar à sua conta este negócio da missão.

Era Roque Monteiro como único valido d'el-Rei, a quem encomendava todas as cousas de maior importância, por se fiar muito dele, e juntamente penitente do padre João Madeira, que por aquele tempo assistia no Colégio de Santo Antão, correndo com as obras da igreja com grande cuidado, e se me tinha oferecido para ajudar-me como amigo íntimo para glória de Deus e bem da missão do Maranhão.

Ouviu-me Roque Monteiro com muita atenção e cortesia, mas ao cabo quis escusar-se, e botar esta carga às costas de um Cardoso Sampaio, do que eu já tinha notícia; porém respondi-lhe que esse Cardoso Sampaio, se bem era homem de grande talento, não me servia a mim, portanto rogava a sua mercê que se não escusasse, pois Sua Majestade mo tinha assinado, e o escolhera Deus Nosso Senhor para ser segundo pai da missão do Maranhão, e assim o não havia de largar. Com isso rendeu-se e se pôs com grande zelo a fazer os negócios dela, conforme lhe mandava, e eu lhe fazia presente cada semana quando o ia visitar, valendo-me sempre do padre João Madeira, seu confessor, que, pode-se dizer, o criara de menino, e ele o venerava como pai. Com isso, indo outra e mais vezes à Corte encomendar a restituição dos padres a Sua Majestade, saiu deputado por governador do Estado do Maranhão, Gomes Freire de Andrade, ao qual visitei muitas vezes, informando-o dos costumes e manhas da terra, e dando-lhe por escrito o modo com que se havia de haver com os moradores da cidade de S. Luís, apontando-lhe os amigos da Companhia dos quais se podia fiar, e com os quais convinha que tratasse quando estivesse já ancorado em Araçagi antes de ir tomar o porto da cidade.

Aviou Sua Majestade a Gomes Freire com toda a pressa com um ouvidor-geral, sem levar outras ordens que aquietar o Estado, e castigar uns dos mais culpados, e restituir os padres em suas missões, assim no temporal como no espiritual, conforme tinham estado antes de sua expulsão.

Partiu Gomes Freire de Andrade com seu ouvidor-geral, Manuel Nunes, para o Maranhão, e chegado que foi com felicíssima viagem ao Araçagi, onde os navios costumam de ancorar, vieram os do Maranhão com sua Câmera a saudá-lo, e ele, tendo recebido com toda corte-

sia à sua visita mandou chamar os que já sabia ser homens de confiança pelas informações que levava, tendo com eles tratado o modo de sua entrada, fê-la, sem haver quem se atrevesse a opor a mínima cousa, assim porque dispunha tudo com toda a prudência, como porque tinha à mão a soldadesca trazida do Reino, resoluta a executar tudo quanto ordenasse, para quietação dos bons e castigo dos culpados.

.....

## *Capítulo X*

### MEMORIAL DOS PONTOS APRESENTADOS A SUA MAJESTADE PARA SE LHES DEFERIR, SENDO SERVIDO

1

Que os padres missionários da Companhia de Jesus, tendo sido injustamente expulsados pelo amotinado povo do Maranhão, do governo dos índios, assim temporal como espiritual, daquela Capitania, fossem restituídos, parecendo ser serviço de Deus e de Sua Majestade, pela mesma forma que dantes estavam, pelas leis, porquanto sem isso não poderiam nem fazer, nem conservar as missões.

2. Que os índios das aldeias da repartição, que são os bocas, e os vindos ultimamente para baixo, sendo de idade competente de servir à república, servissem dois meses e descansassem outros dois, por seu pagamento costumado, que são duas varas de pano cada mês, e só se pudesse prolongar aquele tempo quando fossem mandados ao cravo ou cacau, se nem neste serviço pagassem o tempo, por si somente, requisito para esses gêneros.

3. Que os novamente descidos se deixassem aldear e fazer suas roças, sem se poderem empregar em serviço dos brancos durante

os primeiros dois anos que se lhes concederiam para se irem acostumando ao clima da terra.

4. Que não sirvam os meninos e meninas antes de chegarem à idade de poderem casar, para em aquele tempo aprenderem bem a doutrina.

5. Que não servissem as mulheres casadas senão para darem de mamar e fazer farinha, pelo tempo que se julgar necessário, nem também servissem os velhos e velhas que passassem dos cinqüenta anos de idade.

6. Que se tirassem e proibissem os cubs, e que as aldeias que se fizessem de novo fossem de cento e oitenta ou quando menos de cento e cinqüenta casas.

7. Que se proibisse, sob graves penas, aos brancos e mestiços, de irem às aldeias, sem especial licença, para tirar índios ou comerciar com aguardente.

8. Que, visto os Colégios do Maranhão e Pará não terem com que se sustentar, fosse Sua Majestade servido dar ao Colégio do Maranhão a aldeia dos guajajaras, em Meari, sobre o rio do Pinaré, por ser aldeia que eles desceram e com que gastaram muita fazenda, e ao Colégio do Grão-Pará a aldeia de Guçari.

9. Que, visto também os missionários andarem continuamente de uma parte para outra, nem chegar a cousa de consideração o que lhes manda dar Sua Majestade, fosse servido dar a cada residência trinta e cinco casais para suas missões.

10. Que, como quer que a missão do Maranhão não tem renda, está hábil e só se lhe dá uma cômgrua de trezentos e cinqüenta mil réis anuais, parte pelas baleias da Bahia, parte nos açúcares, assim da Bahia como do Rio de Janeiro, e estes com umas condições bem pesadas, a primeira que antes de poder cobrar essa cômgrua, concedida para dez missionários a trinta e cinco mil réis por cada um, fossem apresentadas certidões juradas, dos mais autorizados da terra, de como se não podem sustentar, e que tendo a missão de outra parte com que passar, seja Sua Majestade servido tirar aquelas condições, ou dar a dita cômgrua sem nenhuma restituição, para sempre, e como as missões e missionári-

os são muitos, quisesse Sua Majestade acrescentar outro tanto da cônica para outros dez sujeitos.

11. Visto terem-se concedido duzentos e cinquenta mil réis para vinte noviços sempre efetivos no Colégio do Maranhão, e ser isso impossível efetuar-se humanamente falando pelo grande número de gente, e que isto chegaria em poucos anos sem haver com que sustentá-lo, fosse servido Sua Majestade diminuir o número dos noviços, ou bem de reputar aquela cônica para outros sete missionários, a trinta e cinco mil réis cada um, como os demais.

12. Que, visto os procuradores da fazenda real e outros se mostrarem dificultosos em passarem certidões do número dos missionários, requisito para cobrança das cônicas, sem os verem presentes, baste uma certidão jurada do superior da missão, e quando muito com a do governador, para se mandar de dois em dois anos aos ministros reais, onde a cobrança das cônicas se houvesse de fazer.

13. Que debaixo do nome de missionários se entendam assim os irmãos como os padres que estiverem ou nos Colégios ou nas missões, por se não poderem nomear uns sem outros.

14. Que, como o superior da missão deve forçosamente fazer grandes gastos em viagens de suas visitas, quisesse Sua Majestade mandar por provisão real aos governadores que lhes dêem cada ano ajuda de custo, como dantes se mandava dar por outra provisão assentada em os livros das alfândegas do Estado do Maranhão.

15. Que, porquanto se têm feito grandes gastos assim na Corte como em outras partes com os padres expulsados, e estão caídas algumas cônicas pelos anos atrasados, sirva-se Sua Majestade mandar pagá-las com as atrasadas todas.

16. E como estão alguns missionários dos que foram expulsos do Maranhão no Brasil, sem terem com que tornar para a missão, mande Sua Majestade ao governador da Bahia que lhes dê todo o aviamento necessário para voltarem às suas missões.

17. Finalmente, como os pobres índios não têm capacidade de requererem seu direito, assim para seus pagamentos devidos por seus trabalhos, como para sua liberdade, seja Sua Majestade servido constitu-



ir procuradores dos índios para as Capitánias, aos quais possam recorrer em suas necessidades e opressões, para lhes valer.

Esta é a substância dos pontos que eu já tinha oferecido à Sua Majestade, antes da chegada do padre superior Iodoco Peres ao Reino, tendo-os mostrado primeiro ao padre confessor e a toda a consulta de S. Roque, e tinha Sua Majestade aceito com muita benevolência, entregando-os a Roque Monteiro, para os consultar antes de se despacharem.

.....

## *Capítulo XI*

DISPÕE O PADRE SUPERIOR IODOCO PERES  
AS COUSAS DA MISSÃO E EMBARCA-SE  
PARA O REINO COM ALGUNS SUJEITOS,  
QUE LEVAVA PARA ESTUDAREM, E REFERE-SE  
SUA VIAGEM COM O QUE OBROU ESTANDO EM A CORTE

**N** O ano 1685, deixando o padre superior da missão Iodoco Peres ao padre Antônio Pereira, que tinha chamado de sua missão dos Tapajós, por vice-reitor da missão, e por vice-reitor do Colégio ao padre Francisco Ribeiro, e ficando o padre Antônio da Silva correndo também com os tapajós, embarcou-se para o Reino, por conselho e instância dos mesmos padres, na nau de S. Francisco, levando consigo cinco irmãos para estudarem curso; a saber: o irmão Manuel da Costa, o irmão Inácio Ferreira, o irmão Baltasar Ribeiro, o irmão João da Silva, o irmão João Xavier; lá embarcado com eles D. Rodrigo, irmão do governador Francisco de Sá. Partiram do Grão-Pará aos dezessete de janeiro, e apenas partiram pela barra fora quando emborrascando-se-lhes o tempo andaram quase sempre com marés perturbadas, de sorte que se lhes abriu o navio, e fez tanta água que perigaram as caixas de açúcar, e se não podia vencer de muita; quase continuamente a bomba, com a água

salgada, ia botando juntamente água açucarada; e para maior trabalho seu houve grandes diferenças entre os que iam, assim sobre seus particulares, como sobre os portos que lhes convinha tomar. Não escapou o padre superior da missão, porque D. Rodrigo, religioso de S. Vicente, se tomou com ele sem nenhuma razão, mas, chamando Deus à sua conta e defesa o padre superior, ainda ele, antes de desembarcar levou algum castigo, e, chegado à terra, faleceu do modo que constou publicamente a todos.

Chegaram finalmente depois de muitos perigos e trabalhos a Setúbal, onde o padre superior desembarcou com os seus, depois de um breve descanso, e veio a Lisboa, para o Colégio de Santo Antão, e, passados os dias de hospedagem, repartiu os sujeitos que trazia, mandando o irmão Inácio Ferreira, o irmão Manuel da Costa, o irmão João Xavier para estudarem curso em Coimbra e os irmãos João da Silva e Baltasar Ribeiro para Évora.

Isto feito, foi-se a Salvaterra oferecer à Sua Majestade, que lá andava divertindo-se com a caça, um grande mapa, novo e belo, do grande rio das Amazonas, delineado e feito pelo padre Aluísio Conrado Pheil, insigne matemático, para aí ver as terras e rios que tinha, desde o Pará até ao marco do cabo do Norte, pela costa, situada aquém do rio de Vicente Pinson, e pelo rio das Amazonas acima até onde chega o distrito destas conquistas do Estado do Maranhão. Alegrou-se Sua Majestade muito com o mapa, e o guardou em seu camarote, onde o vi depois sobre um bofete.

Dei parte ao padre superior da missão do estado dos negócios dela, e dos pontos que tinha oferecido ao Rei, sendo que lhe não tinha encomendado outra cousa que a restituição dos padres a suas missões; folgou o padre superior com todos os artigos e aprovando-os muito, queria acrescentar ainda outros, mas como tocavam em ministros reais do Estado, não se achou bom pô-los em papéis.

O nosso muito reverendo padre-geral, informado da chegada do padre superior à Corte, mandou-me a mim que continuasse e que ele voltasse ao governo de sua missão visto ser excusada sua assistência por muito tempo.

O padre superior para escusar gastos ia e vinha para a cidade de Évora, e se vinha de tempos em tempos para a de Lisboa, e eu acudia aos negócios sem perder ponto, indo já falar com Sua Majestade, já com os ministros, para lhes dar fervor; fazia-me Sua Majestade sempre muita graça, e dizia-me que viesse para lhe falar quando me parecesse, pois sempre acharia as portas abertas; mandou-me também que me achasse em conselho sobre as cousas tocantes ao Maranhão, como fiz.

Tinha chegado à Corte Tomás Beckeman muito[...] com o cargo de procurador do povo. Agasalhou-se em casa de um letrado, cunhado seu, e de lá já me oferecia partidos; mais o Rei o mandou prender logo em casa da Inconfidência, do onde saiu e foi entregue a Gomes Freire, para ele o levar consigo ao Maranhão, e lá se lhe julgar sua causa. Levou-o, pois, Gomes Freire de Andrade, consigo, preso, e como o dito Tomás Beckeman era homem decerto[...] chegado que foi à ilha de Cabo Verde pediu licença de ir ouvir missa, confessar e comungar; alcançou a licença e aproveitou-se da ocasião, escondendo-se, como dizem, dentro das gavetas dos ornamentos da sacristia para se valer do sagrado, o que não lhe serviu muito, porque foi outra vez mandado em companhia de Eugênio Ribeiro, um dos procuradores do povo, mas amigo dos padres do Maranhão, para Lisboa, onde foi posto com ele no Limoeiro, em uma sala das menos apertadas. Vinham ambos com umas barbas crescidas a modo de homens ermitões da Tebaida, valendo-se de mim por saberem que eu assistia na Corte, e não lhes foi de pouco proveito, porque falei por eles a João de Andrade, grande amigo do padre João Madeira, aplacando-o para que os não mandasse tratar mal.

Era Eugênio Ribeiro cunhado do padre Manuel Borba, filho de Manuel Duarte, de Tapuitapera, nosso irmão; veio ele de Évora, acabado seu curso para ajudá-lo naquela sua necessidade, agasalhando-se em casa professa de S. Roque, onde o empregaram uma vez a pregar a Paixão da Semana Santa, em Nossa Senhora do Loreto.

Correu com os negócios de seu cunhado Eugênio Ribeiro, ajudado sempre do padre João Madeira, em sua[...] mas como partiu com o padre superior Iodoco Peres para o Maranhão, ficou outra vez à conta minha, que de tempo em tempo ia visitar tanto a ele como a Tomás Beckeman, consolando-os e ajudando-os para com os ministros,

a cujo cargo estavam, até os pôr fora do perigo de morte, e alcançarem sentença de desterro somente para Pernambuco, para toda a vida, e isto por muita aderência; porque chegou João de Andrade um dia a dizer-me, que lhe pesava não ter mandado enforcar aquele por cuja parte tanto instara o padre Manuel Borba; porém eu disse-lhe que não lhe passasse do bem que fizera e continuasse até o fim a obra da misericórdia, tão co-principiada, com que deixou sair finalmente sob fiança Eugênio Ribeiro, para ir tratar de seus negócios pela cidade de Lisboa, até se embarcar para Pernambuco, lugar de seu desterro com Tomás Beckeman, e isto por muito favor, porque os queria mandar para Angola, ou quando menos para o Rio de Janeiro, se eu com o padre João Madeira o não tivéssemos trocado.

Chegaram também, em tempo de minha assistência na Corte, dois presos do Pará, culpados ambos pela morte de um homem. Eram estes, um José Correia, filho de Agostinho Correia, governador que tinha sido do Maranhão, e outro, Clemente, filho do capitão de Pernambuco, Furtado de Mendonça; a este acudi por traça[...] à caridade, com que os livreí da força, da qual não haviam de escapar, e fiz com que os ministros os mandassem somente desterrados para Angola, para onde foi José Correia, cuja filha, Maria Siqueira, casou com José de Sousa, sobrinho do capitão-mor Hilário de Sousa e de Maria Siqueira, sua mulher, morrendo o Clemente na torre de S. João, em princípio de sua navegação.

.....

## *Capítulo XII*

FAZ-SE MENÇÃO DE UMA CARTA DO PADRE IODOCO,  
SUPERIOR DA MISSÃO, FEITA COM CONSENTIMENTO  
DOS PADRES DO PARÁ, PARA SE OFERECER  
À SUA MAJESTADE, COM LICENÇA DE NOSSO  
MUITO REVERENDO PADRE, A ORDEM DE  
SE DESFAZER A MISSÃO, QUANDO SE NÃO  
ACUDISSE COM O REMÉDIO AO QUE ALI SE REFERIA

“D

IZ o padre Iodoco Peres, da Companhia de Jesus, superior da missão de Vossa Majestade no Estado do Maranhão, que obrigado em parte pela razão de seu ofício, e em parte das moléstias que lhe causaram alguns dos ministros de Vossa Majestade, partira, em fevereiro de 1684, do Pará para o Maranhão, onde, à primeira chegada foi preso no Colégio, onde os mais missionários estavam presos já cinco dias havia, pelo povo levantado, com guardas à porta; e pouco depois foi expulso com os mais para o Brasil, e mandados em dois barcos, com obrigação de pagar fretes dessa. O melhor deles levava 15 sujeitos, entrando o padre visitador; chegou à Fortaleza do Ceará e de lá se passou a Pernambuco, a salvamento; mas outro menos bom, deixando seis sujeitos na dita fortaleza e continuando com outros seis a sua viagem, caiu às mãos de uns hereges da parte do norte, os quais depois de o rouba-

rem e atormentarem e a seus companheiros, com prisão, ferro, fogo e cegueira, os botaram em uma ilha deserta, de onde arribados ao Maranhão foram presos e outra vez em casa de um secular, com uns soldados por sentinelas à porta, e mandados passar a Tapuitapera, de onde navegaram para a cidade de Belém, capitania do Grão-Pará.

“Ali achei tão perturbado o estado das cousas que os missionários das aldeias já não podiam estar assistentes a elas como párocos seus; e porque, para remédio de um tão grande mal, ofereceram um memorial ao governador para que quisesse acudir e aquietar essas perturbações, lhes fizeram disso tão grande crime, que para julgá-lo levantaram um juiz da Coroa contra todo o direito, e com descrédito da mesma Coroa, onde deram tal sentença que tão-somente se podia esperar de um estado como este, no qual guardar e não quebrar as leis ou virá-las de alto a baixo, mas ser ministro do Rei e servo seu fiel e tratar da observância delas, e ofender gravemente a Coroa e usurpar a jurisdição real; vendo os missionários que, para não encontrar as leis de Sua Majestade, se expunham continuamente a grandes vexações, moléstias e perigos de suas vidas, e que, em tal perturbação das cousas, não somente não podiam satisfazer à consciência de Vossa Majestade, nem à sua própria, nem ainda poderiam viver em paz e quietação religiosa, em razão das contínuas vexações com que os perturbavam os ministros e vassallos de Vossa Majestade, obrigando-os a gastar mal o tempo, que tinham para se ocupar em funções dignas de missionários apostólicos, correspondendo de contínuas calúnias e falsos testemunhos e aleives, com que sempre estão perseguidos, o que contudo não podem fazer sem provar que os autores deles são dignos de grande castigo, e obrar assim contra a brandura que estão professando;

“e como, além disso, estavam vendo ser cousa intolerável morar em um Estado, em que são expulsos com tanta facilidade, e que com tanta ofensa da imunidade eclesiástica e perda de seus bens, o que nem se lhes faz onde moram entre hereges, dos quais são tratados menos mal que dos cristãos deste Estado, e não podem alegar outra cousa de todos estes males, que defender nos índios injustamente oprimidos, e apertarem com a observância das reais leis de Vossa Majestade; vendo, digo, os missionárias todas estas cousas, resolveram, com comum sentimento de todos, que, alcançando primeiro o beneplácito e consentimento de

Vossa Majestade, pudessem eficazmente e com grande instância de seu propósito geral, desfeita esta missão, serem mandados os seus missionários para onde vos parecesse melhor, sem embargo de verem em quão miserável estado havia de ficar e desamparado, o novo rebanho de neófitos, pela razão da ausência de seus párocos, porque também os apóstolos desampararam a Judéia pela razão semelhante, conforme o aviso de Cristo que diz assim: se vos perseguirem em uma cidade fugi para outra, e deixeis tudo à disposição da Divina Providência; e esta foi também a causa por que os missionários, de comum consentimento decretaram que o mesmo superior da missão se fosse à Corte, e botando-se humildemente aos reais pés de Vossa Majestade, lhe pedisse pelas chagas de Cristo, por petição oferecida, quisesse pôr os olhos sobre os seus humildes missionários, que, sem fruto e sem esperança dele, estão padecendo tanto e tão graves moléstias que humanamente não têm remédio, e dar-lhes licença para solicitar de seu propósito geral a dissolução da missão do Maranhão, no que conheceriam ter recebido de Vossa Majestade uma singular mercê.”

Esta é a petição que o padre Iodoco Peres, superior da missão, com consentimento dos mais padres missionários do Pará, queria ir oferecer à Sua Majestade, para dele alcançar licença para pedir ao nosso muito reverendo padre-geral por outra petição para que quisesse desfazer a missão do Maranhão; mas como eu, mandado por procurador dos negócios da missão à Corte pelo padre Alexandre Gusmão, agora provincial da Província do Brasil, aprovado por nosso muito reverendo padre, não segui esse parecer, não foi oferecida esta petição pelo padre superior da missão, nem se tratou mais dela por aquele tempo. Não se relatam aqui as razões que com o mesmo intento mandaram para Roma, porque como, pouco mais ou menos, são as mesmas que vão na petição para Sua Majestade, é cousa escusada querê-las aqui repetir.



.....

## *Capítulo XIII*

O QUE OBROU GOMES FREIRE DE ANDRADE  
ENQUANTO GOVERNOU O ESTADO DO MARANHÃO;  
COMO ATALHOU O MOTIM DO MARANHÃO

**E**NQUANTO essas cousas se tratavam pela Corte de Lisboa, ia Gomes Freire de Andrade tomando posse do governo do Estado do Maranhão e executando as ordens reais que consigo levava.

Sucedeu-lhe felicissimamente a sua entrada na cidade de S. Luís, em cuja praça mandou logo pôr soldados que consigo tinha trazido do Reino, não dando nenhum lugar às cabeças do motim de alterar o povo para se lhe opor como (conforme dizem) queria fazer Manuel Beckman; portanto, vendo-se este desamparado dos mais que o medo do castigo ia reprimindo, retirou-se para o seu engenho do Meari, sem aparecer diante de ninguém, salvo fossem pessoas de muita confiança.

Posto, pois, Gomes Freire de Andrade de posse pacífica de seu governo, e recebido seu ouvidor-geral, Manuel Nunes, com muita paz e quietação sobre o que se podia esperar, começou-se uma devassa sobre o lamentável levantamento do povo para se descobrirem os cabeças dele; porque como tinha sido não só contra os padres da Companhia, mas também contra o estanque, e o que mais é, contra o mesmo governador Francisco de Sá, quis Sua Majestade houvesse algum castigo,

se não de todo o povo amotinado, ao menos dos que tinham sido cabeças e autores dele.

Feita a devassa, acharam-se mais culpados de todos Manuel Beckman, Jorge de Sampaio, escrivão da ouvidoria, e Francisco Deiró... do povo, e além destes alguns menos culpados, como Tomás Beckman, Eugênio Ribeiro, Melchior Gonçalves e outros poucos. Os três primeiros foram condenados à forca, que se levantou na praia da banda do armazém; o que primeiro foi enforcado foi Manuel Beckman, o qual, conforme me contaram, morreu bem; a este seguiu Jorge de Sampaio, o qual ainda que já posto junto à forca, não se tinha persuadido que houvesse de morrer, até que o ouvidor-geral lhe intimou também a mesma condenação, com que desenganado foi morrer enforcado junto a Manuel Beckman; pediram perdão se tinham ofendido a alguém, mas mais segura fora sua salvação se tivessem também pedido perdão aos que tão gravemente tinham agravado; mas Deus que é de misericórdia os tenha ambos no Céu.

Como quer que Francisco Deiró tinha fugido, foi enforcado em estátua; Tomás Beckman e Eugênio Ribeiro se mandaram para o Reino, e também se desterrou a Melchior Gonçalves e os mais se castigaram pela bolsa, conforme a gravidade maior ou menor de suas culpas; alguns foram perdoados por descobrirem ou entregarem os que se buscavam. Lázaro de Melo descobriu e entregou Manuel Beckman, ao qual foi prender em seu engenho, sob capa de compadre, e o trouxe para a cidade; porém não houve quem lhe aprovasse a ação, e parece que até o Céu a levou em mal e a não quis deixar sem algum castigo ao menos nesta vida, porque, estando ele em sua roça, encomendando-se à Virgem do Rosário com as contas à mão, querendo desimpedir não sei que empecilho da moenda de sua engenhoca, foram correndo os bois de tal maneira que o pobre foi apanhado pela cabeça entre dois paus atravessados, onde sem nenhum remédio ficou enforcado e miseravelmente morto, mas com sinais de sua salvação por estar com o santo rosário às mãos.

Jorge de Sampaio para se dar por mais seguro tinha ficado na cidade e ido beijar a mão ao Sr. Governador, como quem estava inocente do caso do motim, por isso caiu às mãos da justiça sem nenhuma dificuldade, e como Manuel Beckman e Francisco Deiró iam retirados,

prometeu o governador perdão a quem os apanhasse, e suposto parecia que se não acharia ninguém que os quisesse prender, muito menos entregar a um castigo de morte, contudo como dito fica, não faltou quem prendesse e entregasse a Manuel Beckman com a traça seguinte:

Chegou o capitão Lázaro de Melo ao engenho de Manuel Beckeman como amigo antigo, compadre, e, para melhor dizer, filho da casa, por se criar desde menino no Meari, e ir com seu pai a cada passo ao seu engenho; este, como soube que chegara seu compadre, do qual nem sombra tinha de suspeita, logo apareceu diante dele e lhe perguntou que nova trazia da cidade. Dissimulou Lázaro de Melo e fingiu que não sabia de nada, até que viu que já tinha segura a caça que tinha vindo buscar, então pegando nele com os mais que o acompanhavam, disse-lhe fosse preso da parte de Sua Majestade; Manuel Beckeman, vendo-se apanhado desta sorte, de sobressaltos e sem armas, não pôde deixar de entregar-se à prisão, somente estranhou ao capitão Lázaro de Melo que, sendo criado à sua vista e seu compadre, o entregava à morte, sem reparar em seu crédito, nem amizade antiga; pois foi levado preso para a cidade, e posto na enxovia com Jorge de Sampaio. Fez-se diligência para apanhar-se também Francisco Deiró, e prometeu-se a liberdade a seu escravo se o entregasse à justiça, mas nem com isso se achou quem tal quisesse fazer; com que foram só enforcados dois, Manuel Beckeman e Jorge de Sampaio, e Francisco Deiró em estátua, como fica referido.

Francisco Deiró andou escondido pelas matas e sua roça, até que anos depois alcançou perdão, tendo também eu escrito por ele, por me mandar várias vezes pedir essa caridade, quando ouvi que por meu respeito tinha o Rei perdoado aos clérigos culpados.

Com esses exemplares castigos, ficou quieto o Maranhão, e quando se soube disto no Pará, pelas cartas do governador Gomes Freire, mandou o padre Antônio Pereira, vice-superior da missão, o padre Sebastião Pires e o irmão Manuel Lopes, aos quais o governador Gomes Freire, em presença da Câmara e povo todo, restituiu o seu Colégio de Nossa Senhora da Luz, e todas suas missões do Maranhão; e posto isto assim em sossego e quietação, se passou com o ouvidor-geral para a Capitania do Grão-Pará, sucedendo a Francisco de Sá, que logo, com muita honra que se lhe fez, partiu para o Reino, onde Sua Majestade, ven-

do-o maltratado e achacoso, o mandou para sua casa, como compadecido dele.

Houve-se Gomes Freire por todo o tempo de seu governo com tanta prudência e cortesia para com todos, que os moradores o adoravam e escreviam dele mil louvores para a Corte; honrava a todos, conforme as suas qualidades, não tinha nada de cobiçoso, vindo-lhe de Lisboa tudo quanto gastava no Pará, onde não admitia presentes, e muito menos peitas; com que foram tão grandes os gastos que fazia, que o seu sogro Ambrósio Pereira, encontrando-se muitas vezes em casa de Roque Monteiro comigo, me dizia que instava para que Sua Majestade lhe desse logo sucessor, para não estar obrigado de gastar tanto de sua fazenda; vendo pois Sua Majestade que bastava a assistência que Gomes Freire de Andrade fizera no seu Estado do Maranhão, para pô-lo em quietação, despachou por sucessor dele a Artur de Sá, ao qual eu logo fui visitar nos palácio do visconde de Bar[...] dando-lhe os parabéns do seu novo governo, do que ficou muito satisfeito.

.....

## *Capítulo XIV*

PARTE O PADRE IODOCO PERES, SUPERIOR DA MISSÃO,  
COM O GOVERNADOR ARTUR DE SÁ E MENESES PARA O  
MARANHÃO, EM OCASIÃO DA FROTA

**E**STAVA Sua Majestade sumamente satisfeita do governo de Gomes Freire de Andrade, e tomara fosse continuando nele mas como o desinteresse em que vivia lhe gastava muita fazenda de sua casa, e além disso gozava de pouca saúde, ausente da sua família, quis aliviá-lo, mandando-lhe por sucessor Arthur de Sá e Meneses, na frota do ano 1687. Enquanto se estava aviando para sua viagem com Miguel da Rosa, a quem se deu a beca de desembargador, para ir com mais autoridade com o cargo de ouvidor-geral, o padre Iodoco Peres, superior, resolveu acompanhá-lo. Comprou o padre Francisco de Matos, procurador-geral da província do Brasil por ordem do padre Iodoco Peres e com o irmão Marcos Vieira, os ornamentos de tela para o Pará, na Rua Nova, de um mercador Fuão Cardoso. A tela vermelha provou bem, mas a branca logo se foi desfazendo por ser de palha (conforme dizem), mas isto sem culpa do mercador, que mesmo o não sabia. Fui eu, entretanto, muitas vezes a Sua Majestade, o instei tanto com Roque Monteiro, que finalmente alcancei parte dos papéis tocantes à restituição dos pa-

dres e governo dos índios, despachados a meu desejo; entreguei-os ao padre superior da missão, o qual agradecido se foi despedir de Roque Monteiro, e lhe fez presente de um belo S. Francisco Xavier, que estimou sumamente por ser grande devoto seu, por tê-lo livrado de um grande mal da garganta, que parecia incurável.

Levou o padre superior Iodoco Peres em sua companhia o padre Manuel Borba, o padre Antônio Coelho, e Antônio da Fonseca, e um irmãozinho chamado Xavier, que depois foi despedido. Levava Artur de Sá ordem de se não meter de posse do governo até partir Gomes Freire, fidalgo de maior esfera, e de maiores postos que ocupara na milícia, e mais que as cousas dispostas em leis se visassem, para se lhes pôr alguma moderação, se assim parecesse conveniente.

Logo que Artur de Sá chegou em feliz viagem ao Maranhão, tomou posse antes do que lhe fora ordenado, no que dissimulou prudentemente Gomes Freire. Puseram-se em um papel à parte as moderações feitas acerca do governo dos índios, as quais o padre superior da missão subscreveu com os demais, suposto era de contrário parecer, e de tudo me avisou, como achei que eram cousas de pouca substância e tolas para maior autoridade dos governadores, não me pareceu bem bulir com elas.

Estava o padre Sebastião Pires na aldeia, quando o padre superior chegou ao Maranhão com quatro seus companheiros, agasalhando-os o irmão Manuel Lopes com tanta falta de tudo que nem redes, nem candeias, havia no Colégio, e foi necessário mandar à casa de Gabriel Pereira, nosso procurador, tomar tudo de empréstimo; veio o padre Sebastião Pires da aldeia, e como ainda não tinha aberto as portas da igreja por público, pela falta de sacerdotes, abriram-nas em dia de Páscoa da Ressurreição com toda a solenidade.

Tomou o padre superior contas aos procuradores, e nenhum as deu melhor que Gabriel Pereira, que tinha corrido com a roça com grande proveito do Colégio, e uma das cousas em que se sinalou e mereceu singular louvor e agradecimento, foi animar e ajudar ao padre vice-reitor Sebastião Pires, que o padre Antônio Pereira, vice-superior da missão, na ausência do padre Iodoco Peres, para o Reino, tinha mandado ao Maranhão com o irmão Manuel Lopes, para tomar posse do Colégio e missões daquela banda, depois de ter o governador Gomes

Freire aquietado tudo, e cercar todo o quintal de um belo muro de taipa de pilão, formado sobre firmes alicerces de pedra, comprando uns chãos da banda de Santo Antônio, pertencentes a Nossa Senhora do Carmo para correr mais direito; estava esse muro já meio acabado à chegada do padre superior da missão; poucos meses depois se acabou de aperfeiçoar de tudo.

Tendo os governadores acabado o que Sua Majestade ordenara, despediu-se Gomes Freire do governador Artur de Sá, fugindo dos mimos e cortesias que lhe queriam fazer, e foi-se embarcar como às escondidas; o que não lhe valeu, porque todos os magnatas, Câmaras e religiões o foram seguindo à ponta que chamam do Mel, e lá lhe mostraram os sentimentos de sua partida, animando-o com seus presentes, e cortejando-o mais do que nunca tinham feito a nenhum governador. Nem há que se espantar disso, porque o estimavam tanto que o sargento-mor João Pereira, marido de D. Catarina, nossa irmã, mandou-me um elogio de seus procedimentos, para Lisboa, tal que o entreguei ao padre Sebastião de Magalhães, por eu estar de partida para outra parte, e não o poder levar em pessoa para que o entregasse a Sua Majestade, porque dizia maravilhas da prudência e desinteresse de Gomes Freire, sobrepondo-o a todos os governadores passados, e concluindo, ao cabo, que tal era o amor com que todos o queriam, que até seus castigos (não se pode dizer mais) aprovavam como castigos de pai para filhos. E bem mostrou a Câmara do Pará, onde mais tempo assistia, ser tudo de fato assim, porque para mostrar quão satisfeita ficara de seu governo, o mandou retratar em Lisboa, em um belo painel, com suas molduras ricamente lavradas e douradas, em lembrança eterna dele, do amor que lhe tinham.

Tudo isso e muito mais ainda merecia, porque aquietou prudentissimamente o Estado do Maranhão; verdade seja que não faltou quem lhe invejasse tanto puro amor, porém julgo que não tinham razão e que merecia ainda muito mais naquele tempo, pelo que tão fidalgamente tinha obrado.

.....

## *Capítulo XV*

DISPÕE O PADRE SUPERIOR DA MISSÃO AS COUSAS  
DAS RESIDÊNCIAS, E MANDA AO  
PADRE JOÃO MARIA GORSONY A TROPA  
DO RESGATE AO SERTÃO

**E**STAVA no Maranhão como reitor o padre Sebastião Pires, o qual se deixou no seu governo com o padre Antônio Coelho, que depois foi para a aldeia de S. José; continuou o padre vice-reitor o seu muro, pelo qual merece um eterno louvor; no Pará estava por vice-superior o padre Antônio Pereira, e vice-reitor o padre Francisco Ribeiro, e a este se deixou continuar em seu governo, e o padre Gonçalo Pereira se mandou para o cabo do Norte; em Mamaiacu ficou o padre Antônio da Cunha, acudindo aos tupinambás; em Mortigura estava o padre Aluísio Conrado, o qual pouco depois se mudou, sucedendo-lhe o padre Manuel Borba; no Cameté se pôs o padre Gaspar Misseh vindo dos ingaíbas, e sucedeu-lhe aí o padre Antônio da Silva; o padre João Maria estava em Xingu, e o padre João Carlos em Gurupatiba, onde assistiu até lhe vir patentes do reitorado do Colégio de Santo Alexandre no Grão-Pará; enquanto assistiu naquela aldeia mandou vir do Reino belos ornamentos de chamalote, com custódia e outras cousas para o serviço decente de



sua igreja, que levantara, com casas novas; ficou essa aldeia de visita até finalmente ir para lá outra vez o padre João Maria Gorsony alguns anos depois, como tudo se dirá em seu lugar.

Tinham os moradores do Estado do Maranhão, por via de suas Câmaras, representado a Sua Majestade a grande necessidade em que se achavam, e como quer que os escravos além de custar muito lhes fugiam ou viviam muito pouco, e assim convinha haver aldeias de administração, achou-se em conselho seu requerimento muito ajustado, e já vinha Sua Majestade no que pediam, contanto, porém, que os missionários que fossem em busca daquelas aldeias de administração, fossem os padres missionários da Companhia de Jesus, e que eles mesmos os administrassem as aldeias que só estivessem apartadas das fazendas em tal distância que comodamente pudessem os índios e índias chegar ao trabalho pelas manhãs a voltar à boca da noite para suas casas, e que queixando-se os índios do mau-trato que se lhes desse, achando-lhes os missionários razão, os mudassem para as aldeias do Rei.

A essas disposições respondi e repliquei com toda sujeição, em meus papéis, que agradecia muito a Sua Majestade a confiança que fazia nos padres missionários da Companhia de Jesus, porém representando-lhe como isso teria seus inconvenientes muito grandes, e portanto pedia quisesse Sua Majestade ser servido deputar para descidas e governo dessas aldeias de administração outras pessoas, ou religiosas ou eclesiásticas, que fossem achadas de satisfação e capacidade para esse fim; porque como os povos do Maranhão e Pará tinham ojeriza contra os padres missionários da Companhia de Jesus, haviam de cuidar facilmente que eles os não queriam trazer para baixo, quando caso fosse que se não achassem índios que se quisessem descer; e quando acontecesse que os repusessem nas aldeias de o Rei pelo mau-trato que lhes dessem os senhores das fazendas, haviam de dizer que os padres obravam por paixão, dando mais crédito aos índios que a eles; e isto ainda mais facilmente quando se obrigassem a guardar o que se dispunha sobre a distância daquelas aldeias, e sobre as idas e vindas dos índios para as fazendas, em tempos que comodamente não podiam ser, porque se os índios haviam de vir pela manhã ao trabalho não poderiam chegar a tempo a ele, e se à boca da noite haviam de voltar para suas casas, não poderiam

acabar sempre a tarefa que forçosamente era necessário acabar-se naquele dia de fazer.

Por isto pedi humildemente a Sua Majestade quisesse cometer a outros a descida e governo das aldeias da administração, porque deste modo ficariam os padres missionários bem com os moradores, e muito melhor ainda quando por sua costumada caridade fossem com licença doutrinar e desobrigar as ditas aldeias. Estando entretanto o negócio nestes termos mudaram os homens do Pará de parecer, e escreveram a Sua Majestade que antes lhes convinha ter entradas para os sertões para escravos, com que desistia o Rei de lhes querer conceder aldeias de administração, sendo que o governador Francisco de Sá com Joana de Melo, por via de um seu mameluco, tinham já descido uns índios da aldeia de Goçari para Muruípe, onde hoje estão ainda alguns deles, escapos das bexigas e catarros, que mataram grande parte deles.

E então se fizeram grandes instâncias a fim de que Sua Majestade tornasse a abrir os sertões para os resgates, alegando que os moradores não podiam passar sem escravos da terra, e que se os franceses os faziam pelo cabo do Norte e os tapuias os haviam de comer, melhor era os fizessem os vassallos da coroa para se servirem deles por seu justo preço.

Com estas e outras semelhantes razões que foram representadas, Sua Majestade tomou seu conselho sobre a matéria, e mandou examinar os meios com que legitimamente se pudesse proceder. Examinado tudo pelos letrados, juristas e teólogos, concedeu licença, conforme se diz, na sua lei. Uma só cousa se pôs em que eu nunca vim, e foi o modo com que mandavam fazer estes resgates da fazenda real, e cobrar-se os pagamentos deles pelo rateamento que na lei se aponta, e mais as contas que de tudo se mandava que desse o dito superior, porque era isto uma cousa dificultosíssima e contra o que permitia nosso estatuto, além de muitas outras razões que aqui se não alegam.

Deputou-se, pois, uma tropa para os sertões do rio das Amazonas no ano de 1683, em que iam por cabo o capitão André Pinheiro e o padre João Maria Gorsony por missionário, deixada por um pouco de tempo a sua missão de Xingu, onde estava tratando de descer os guauaras, que era uma nação de língua geral, de umas vinte aldeias postas pelo interior do sertão. Partiu esta tropa para os rios Urubu e Negro, e além

de fazer muita escravaria, descobriu duas minas de ouro e prata, uma no rio Urubu, outra no Jatumã, da banda dos Jamundazes.

Tomou o cabo da tropa logo posse delas da parte do Rei, pondo-lhe as armas reais; a do Urubu chamou da Conceição, e a outra, do Jatumã do Sacramento, mandando sob graves penas que ninguém as danificasse, e trazendo quantidade do mineral assim de uma como de outra, do qual se mandou alguma amostra a Sua Majestade, e dele fez o ouvidor-general Miguel da Rosa contínuas experiências, aproveitando-se da ocasião, assim no Pará, todo o tempo que lá assistia, como depois no Reino, onde se deu por entendido naquela matéria de fundição de minerais.

O mineral do Urubu é todo em pedra e eu ouvi dizer de pessoa digna de fé, que indo em descobrimento de outro mineral para banda do Oriente, dera com o mineral de Jatumã (digo) dera com um rio ou igarapé não muito fundo, o qual tinha ouro de lavagem em quantidade.

O mineral do Jatumã é também em parte pedra, mas a maior parte é a modo de umas moedas brancas como de prata, postas em uma terra pretíssima que parece tijuco, mas não é tijuco verdadeiro, porque dele se faz muito boa tinta de escrever.

Por àquele tempo já havia muito que o padre Samuel Fernandez Fritz, boêmio da província austríaca, estava sozinho por missionário dos Cambebas, vindo do Quito, com dois padres também alemães, os quais tinham as missões mais para cima e como adoeceu gravemente, nem podia pela muita distância ir curar-se com os seus companheiros, soube dos índios que no rio Negro andava um missionário da tropa dos portugueses com que se resolveu de vir-se valer deles. Não foi frustrado de suas esperanças, porque o capitão-mor André Pinheiro e o padre João Maria o agasalharam e curaram com muita caridade, que não tinha palavras para mostrar o seu conhecimento quando falava daquela matéria; e porque frei Teodósio da Veiga, que com licença do padre superior Iodoco Peres, estava sobre o rio Urubu, se houve com ele com a mesma caridade, também dele dizia mil bens; e porque o padre Samuel Fernandes não tivesse detrimento na dilação de sua cura, foi mandado logo para baixo a tratar de sua saúde, que em breve cobrou, pelo bom agasalho que lhe deram os nossos padres no Colégio do Grão-Pará. Algum tempo depois de sua chegada, veio também a tropa para baixo, rica de escravos e minerais, com que se alegrou o Estado, e com muita razão,

porque tendo-se repetidas vezes buscado por ordem do Rei Dom João 4º, de gloriosa memória, as minas de ouro e prata, sem se acharem, depois de feitos grandes dispêndios, foi grande dita acharem-se tão grandes tesouros em terras das conquistas de Portugal para maior enriquecimento delas, sem ter custado um só vintém à fazenda real; puseram-se logo vários a querer fundir o mineral, e mandou-se amostra dele para o Reino, onde foi muito aceito.

O que mais se assinalou na fundição dele foi Miguel da Rosa, desembargador e ouvidor-geral, o qual mandou fazer uma forja em que se ocupavam com ele dois negros seus, ficando, entretanto, atrasados os papéis das partes, de tal sorte que muitas causas se acharam indecisas para seu sucessor, que logo lhes deu vazão a todas elas. Curou-se o padre Samuel no Colégio de Santo Alexandre, e estando já muito melhorado foi convalescer de todo na residência do Maracanã, em companhia do padre Gaspar Misseh. De lá voltou ao Pará, onde esteve até resposta de Sua Majestade Dom Pedro de gloriosa memória, a quem se tinha dado conta da sua vinda e da razão dela. Importunou-me bem o padre muitas vezes[...] já superior da missão para que lhe desse licença de ir ao Reino e de lá a Castela, para que, com as naus que cada ano partiam para Cartagena, voltar a Quito, e finalmente para a sua amada missão dos Cambebas, alegando a grande perda de almas que causava a sua dilatada detença. Mas eu sempre o consolei, dizendo-lhe que, visto ter dado parte e aviso a Sua Majestade, não lhe podia dar a licença que pedia, mas havia de esperar sua resposta, que sem dúvida viria no primeiro navio. E assim foi, porque o Rei, informado, mandou logo que o padre fosse restituído à sua missão, à custa da sua real fazenda, dando-se-lhe o que pediu, assim para sua viagem como para mais provimento seu.

Executou o governador Antônio de Albuquerque pontualmente esta ordem e mandou-o em canoa grande, bem equipada de remeiros e provida de soldados para sua segurança, indo por cabo Antônio de Miranda, o qual depois, por esse serviço, foi provido no posto de sargento-mor do Estado.

O padre reitor do Colégio de Santo Alexandre, João Carlos Orlandini, também lhe fez matalotagem, conforme as ordens por mim deixadas, e mostraram-se para com ele muito liberais em ferramentas para os índios. O capitão-mor Manuel Guedes Aranha e o capitão-mor

André Pinheiro, seu muito afeiçoado, que ele chamava “el Caballero André Pinheiro”, pô-lo na missão com geral contento dos índios todos, os quais tendo-o por homem santo sentiram muito a sua ausência e com razão, porque, como ele mesmo me confessou, não sentiam as moléstias do inimigo infernal enquanto ele lhes assistia, nem necessitavam de curas dos seus pajés ou feiticeiros, porque rezando ele as orações da Igreja sobre os doentes, convalesciam por virtude delas. Aprovou muito a nossa doutrina e visita, e a quis trasladar, dizendo era melhor que a sua, dos missionários castelhanos, e desaprovando-lhe eu de ele batizar em partes tão remotas, com perigo de se profanar o batismo por falta de missionários, respondeu-me que batizava os meninos e adultos capazes, e que ele escrevia pela manhã para de lá virem homens zelosos para lhe sucederem. Encomendei muito a Antônio de Miranda para que não fizesse peças em sua volta para o Pará; mas ele trouxe muita gente, a qual examinada por mim no Maranhão, diante do governador e ouvidor-geral, ficou alforriada toda, por se cativar em guerra injusta que ele lhe tinha dado. Pareceu contudo à junta que se haviam de repartir entre aqueles soldados como gente alforriada, mas a mim me pesou sempre o ter consentido em tal repartição, porque agora entendo ter sido em prejuízo da sua liberdade.

.....

*Capítulo XVI\**

APLAUDO DA PARTE DA MISSÃO DO MARANHÃO  
À SENHORA PRINCESA COM O POEMA SEGUINTE,  
POR TER MORTO UM JAVALI EM SALVATERRA,  
INDO À CAÇA COM EL-REI, SENHOR SEU PAI

**S**ERENISSIMA Lusitana Principi, Elisabethae Mariae Franciscae: Aprum in venatione de Salvaterra supplici glande occidenti splendunt sequenti carmina caulas maramonenses musa, 4 Martii, anno 1685.

Inclita dum Lysia princeps Francisca superba  
Casta puellaris facta Diana chori est,  
Et juga per nimiozem Salvaterra quis nemina terram,  
    Insequitur varias cum Pater natas feras;  
Se circum lepores damas, servosque fugaces,  
Cernit ad aspectus vertera Tagus suus,  
Salus aper canibus caene alatrantibus actus.  
    Horrida, vulnifica proelia deinde movet,  
Illa, puellarum timida, fugiente cohorte,  
    Sistite, ait, coleres ne commitante gradus;  
Non retro licet pedem, decus est mihi prima ferarum,

---

\* Onde mais avultam as incorreções da cópia manuscrita, que serviu para esta impressão.

Est de cuius pereat Princeps ictu manu...  
 Glandes amares nostris aper est, cito promito glande,  
     Pro quibus ut moritur glandibus intreat.  
 Dixit et arreptis constans sibi fortiter armis,  
     Fredentem supplici glande peremit aprum.  
 Obstinet omnes facinus, mirabile dictu,  
     Credidit et natas vix Pater esse sua.  
 Plaudet nunc hilares, Musa, sacer, inquit Apollo,  
     Plaudat et alterius curia lata choris;  
 Amplius imbelles sic lux est dixisse puellas.  
     Cum superet fortis nostra puella viros.  
 Illius sese manu valida, fera se recumbit,  
     Terribilis gemina glande peremptus aper,  
 Unicus hic blandam reliquis mirantibus, hostem,  
     Expertus: rigida morte necatus obit.  
 Est etenim immundum pecus hoc, sed munda Diana.  
     Cui sequidem minimi duplicata umbra mali.  
 Quod q' necessa fuit facile ut genus omne ferarum  
     Flecterit, interit, subdita colla suis,  
 Hinc dama et lepores, servi atque cuniculus una  
     Illius apta sunt inter ipse manus,  
 Scilicet ut vitam peragerit sic mortem perennem,  
     Ut q' que ante fato nobiliore more,  
 En mulier fortis Salamon quam quaerit et actas  
     Nostra tulit: fortem nam sua facta probant.  
 Hinc nihil in toto est igitur proestantius orbe.  
     Et etiam sunt meritis inferiore suis.  
 Est minus extremis pretium licet adsit ab oris  
     Quippe petit mundi finibus ulterius.  
 Ulterius nihil est nihili, sit Deus ipse: quid ergo,  
     Est dea digna sua nostra Diana Deo,  
 Digna est atque hunc complexa petenter

Corporis atqu' animi virginitate rapit.  
Ille q' tam miram virtutis praemia factus  
Casta triumphantis pectora virtus amat.  
Hinc merito post huc totus consinet orbis,  
Est dea digna suo nostra Diana Deo.



.....

## *Capítulo XVII*

DOU OS PARABÉNS A SUA MAJESTADE POR SEUS  
ESPOSÓRIOS E O ACOMPANHO COM O  
PADRE SEBASTIÃO DE MAGALHÃES PARA  
A NAU QUE TRAZIA A SENHORA RAINHA

**E**STANDO eu assistindo continuamente na Corte para boa expedição dos negócios da missão, não tratei de ir a Roma, sem embargo de me escrever o padre provincial de minha província galo-belga, o padre Gistênio Payen, o qual tinha sido noviço repetente e teólogo comigo, que lá me esperava, lendo entretanto umas cartas minhas, que o muito reverendo padre-geral lhe dera a ler. Concluiu-se o esposório de Sua Majestade com a senhora princesa neobúrgica D. Maria Sofia Isabel, pelo que fui logo beijar a mão a Sua Majestade para lhe dar os parabéns, dizendo-lhe que esta vez não vinha, para tratar meus negócios com Sua Majestade, mas somente para lhe dar esses parabéns, e isto com muita razão, porque assim como quando o Rei Salomão tinha recebido de Deus a sabedoria, estimou-a tanto que disse que com ela lhe tinham vindo à casa todos os bens, assim Sua Majestade tendo-se esposado com a senhora Princesa Maria Sofia, lhe havia de vir para sua Corte todos os bens de uma real sucessão, isso não tão-somente por se chamar Sofia ou

sabedoria, mas por ser muito virtuosa e temente a Deus, princípio de toda a sabedoria verdadeira. Aceitou Sua Majestade os parabéns com grande gosto e agrado e disse que, passadas as muitas ocupações do aparelho para o recebimento devido da senhora Princesa de Neuburg, daria-se expedição aos negócios da missão do Maranhão. Depois disso, fui-me a Gomes Freire de Andrade, visitando-o primeiro na nau em que vinha chegado para o Reino, e depois em suas casas, em que se agasalhara, sob palha vã, dando-lhe as boas-vindas e agradecimentos pelo muito que obrara para o bem da missão, e em sinal de um ânimo agradecido lhe fiz vir a ele e a Roque Monteiro Pais carta de irmandade de nosso muito reverendo padre-geral para eles e as suas consortes, do que ficaram grandemente satisfeitos. Fizeram-se na cidade de Lisboa aparelhos tais para a vinda da senhora rainha, que verdadeiramente eram dignas da grandeza de um rei de Portugal e dos brios dos seus generosos e magníficos vassalos portugueses. Recebeu-se a senhora Rainha em Neuburg por procuração, que levou o Conde de Vila Maior, feito para esta função Marquês de Alegrete. Não refiro o que se passou em Neuburg nem no caminho, porque tudo foram grandezas de todo o gênero. Chegou felizmente ao porto de Lisboa aos[...] de agosto do ano 1687, em um galeão real, acompanhada de dois filhos do rei de Inglaterra. Foi Sua Majestade logo recebê-la, saindo da Corte Real com ele o padre Sebastião de Magalhães, indo eu por companheiro seu. Descemos pela escada do retrete real e passando pelo jardim fomos embarcar em um bergantim dourado; Sua Majestade no que estava aparelhado para sua real pessoa e para a senhora Rainha, o Duque de Cadaval no outro, e o padre reitor e eu no terceiro.

Logo que Sua Majestade chegou à nau real, pôs-se a soldadesca inglesa em ala e começaram a tocar uns carameleiros admiravelmente bem. Entrou Sua Majestade no camarote só, e sem demora de consideração saiu, levando à sua direita a senhora Rainha revestida à portuguesa antiga, de tela branca finíssima com franjas pendentes por trás e Sua Majestade de um vestido de tela de ouro, floreada, com sua gravata e amarrada com uma fita vermelha a sua cabeleira real, e assim como a Rainha *incessu patuit dea*, assim o Rei nosso senhor um deus sobre a Terra, pela bela postura com que a natureza dotou-o, favorecendo a ambos.

E para que isto não pareça lisonja, acrescentarei aqui de passagem no que disse o mordomo de um parente chegado da senhora Rainha aos padres, que tendo ido beijar a mão aos reis da Inglaterra e França, não acharam nenhum de melhor feição, talho e cortesia que o Rei do Portugal, D. Pedro, que Deus guarde. Estava eu logo à saída do camarote com o padre Reitor Sebastião de Magalhães e à vista de Suas Majestades fizemos nossas ge... Neste ínterim, como os soldados estavam mui perto, dispostos em suas fileiras, aconteceu embarcar-se a roupa da sereníssima senhora Rainha com a guarda da espada de algum deles, de que el-Rei atônito parecia suspeitar que os soldados usavam daquela traça para suas propinas e é certo que lhe vi dar algum sinal como de sobressalto pelo rosto. Mas foi Deus servido que fosse acaso, e assim foram caminhando por uma escada larga, coberta de panos preciosos e telas, de uma e outra banda e é cousa digna de referir-se que, botando para banda do mar, as telas, quase, no tempo da passagem, ou pela força da ventania ou por ostentação da grandeza, iam caindo ao Tejo, sucedendo logo outras. Pararam Suas Majestades um pouco e dispararam umas 80 peças reais que o galeão levava, e outras sem reparo, enquanto se iam embarçando Suas Majestades em seu bergantim, todo dourado, sendo acompanhados de outros até o corredor, admirável pela estrutura e riqueza, o qual desde o mar ia levando até a capela real, onde com músicas suavíssimas e concurso infinito se celebraram as primeiras cerimônias, que depois se continuaram e acabaram na Sé, depois uns poucos de dias, com toda a grandeza e majestade. Não refiro aqui o aparato dos arcos triunfais que havia pelas ruas com grande quantidade e custa de várias nações e mestres, que à porfia os tinham levantado para ver quem levava a palma aos mais. Vi-os todos repetidas vezes com o padre João dos Reis, aclamado matemático do Rei, pela universidade de Coimbra, o qual à instância dele, por aquele tempo, ia debuxando as cidades e fortalezas todas do Reino, e debuxou todos os arcos e todo o acompanhamento com tanta perfeição, que lhe dizia Sua Majestade que o não pagava com a metade de seu Reino, e este padre João dos Reis tinha dado a traça do arco triunfal que estava defronte do palácio real, no meio do Terreiro do Paço, obra tão magnífica, que tendo-se gastado pelos mercadores alemães mais de 17 mil cruzados o não puderam acabar, e ficou sem embargo disso tão grandioso que sem lisonja se julgou o melhor de tudo; estava

armado sobre muitas colunas, soberbas em feitio e riqueza, as quais sustentavam um trono imperial, sobre o qual Sua Majestade Imperial assentado recebia as audiências dos príncipes do Império, e singularmente do Príncipe, Duque Neubúrgio, pai da Rainha senhora nossa. Passando Sua Majestade por ele ao cabo de seu triunfal, viram descer pelo meio dele como o dia era calmoso, rosas, jasmins e todos os gêneros de flores. Disse o Rei nosso senhor à senhora Rainha: Senhora, estamos na Alemanha; querendo dizer, como presumo, que só debaixo deste arco imperial achava refresco. Tinha-se procedido a grandes banquetes e fogos de artificios admiráveis, assim por mar como por terra, e houve depois touros com jogos custosíssimos em que se esmeraram e assinalaram os fidalgos de Portugal, empobrecendo suas casas para não faltarem à ostentação de sua[...] Tratou Sua Majestade os principais da Inglaterra como pedia sua grandeza e do mesmo modo os honrou com suas dádivas de maior estimação.

Não se esqueceu Sua Majestade do padre confessor, o padre Leopoldo Fues, alemão, que a senhora Rainha trouxe e até hoje tem consigo a esse mandou regalar muitos dias, ao cabo dos quais, mandou dar a senhora Rainha um banquete real ao padre provincial, ao padre reitor de Santo Antão e da Cotovia, ao padre João dos Reis, ao padre Sehidinhofem, e a mim, na quinta do noviciado. Acabado isso, foi ela visitar primeiro todas as casas da Companhia de Jesus, da qual é devotíssima, e em todas merendou, sem querer nunca merendar em casa de nenhuma outra religião porquanto que se lhe pedisse; e indo ver as freiras, sem embargo de ser costume de acompanhar os fidalgos as Rainhas e Princesas de Portugal, nunca quis levar outro acompanhamento senão de suas damas do palácio. Pediram-me insistentemente uns religiosos que eu ouvia de confissão, que alcançasse de Sua Majestade que quisesse ir pelo costume antigo, e eu fiz tudo o que pude, falando nisso ao padre Leopoldo, muito meu afeiçoado; visitei muitas vezes a senhora Rainha, falando-lhe em sua língua materna, do que ela gostava muito, e com as senhoras do paço, e como Sua Majestade já tinha princípios bons da língua portuguesa e a falava mediocrementemente, pedia-lhe fosse servida de pronunciar algumas palavras mais dificultosas, como as que terminam em ões ou ãs, ao que me respondeu com muita graça que para pronunciar bem essas palavras, era necessário falar com boca pequena e pelo

nariz. Indo visitá-la um dia, em companhia de seu confessor, perguntou-me várias cousas tocantes à missão do Maranhão, e ouvindo ela que às vezes comia camaleões por falta de outro sustento, compadecida, mandou-me dar uma esmola tão grande, que seu procurador Manuel Lopes da Lavra não quis dar mais de 100\$000; e depois disso me mandou outra esmola de vinho, presuntos e chouriços, pedindo ao padre Bento de Oliveira, que me vinha suceder no cargo de superior da missão, me desse velhice descansada; o que ele prometeu de fazer. Mas, agradecendo eu a Sua Majestade o afeto e cuidado, mandei-lhe dizer por carta minha que não viera à missão para descansar, porém para trabalhar, que agradecia infinito a Sua Majestade o favor e queria trabalhar como os demais, enquanto Deus me desse vida e saúde para lhe poder servir.

Disse eu um dia a Sua Majestade que esperava em Deus, que Sua Majestade daria seis filhos príncipes à Coroa de Portugal. Já tem três vivos e duas princesas com boa saúde e, está em disposição para muitos mais, que lhe alcançará São Francisco Xavier, de quem é devotíssima e chama seu pai, procurando por todos os modos de o honrar e fazê-lo honrar e venerar de todos com seu exemplo, não tão-somente em concorrer com ricos ornamentos para seus sagrados altares, mas para se levantar sua igreja e se chamarem os Sereníssimos Príncipes seus filhos, de seu nome, também Francisco.

.....

## *Capítulo XVIII*

VAI O PADRE ANTÔNIO PEREIRA COM O  
PADRE BERNARDO GOMES POR MISSIONÁRIO  
DO CABO DO NORTE, E PÕEM RESIDÊNCIA  
EM A ILHA DE CAMUNIXARI ONDE,  
DOUS MESES DEPOIS, FORAM MORTOS  
AMBOS PELOS TAPUIAS

**T**

INHA Sua Majestade encomendado muito aos missionários da Companhia de Jesus, por lei publicada em 1680, a missão do cabo do Norte, e por essa razão tinha lá ido em 1682 o padre superior Pero Luís Gonsalvi, para ver onde se podia pôr a residência dela, com o padre Aluísio Conrado Pfeil e o irmão Manuel Juzarte. Mas não se pôde efetuar isso por muitas razões antes do ano 1687, quando, sendo superior o padre Iodoco Peres, mandou para lá o padre Antônio Pereira, dando-lhe por companheiro o padre Bernardo Gomes, ordenado de sacerdote para este intento, na primeira domingo de junho, com o padre José Barreiros, na cidade do Pará, pelo bispo Dom Gregório dos Anjos. Foram em companhia deles o capitão-mor, que então era, Antônio de Albuquerque e o padre Aluísio Conrado para lhe mostrar a ilha e o lugar mais acomodado para se fazer povoação e residência; partiram aos 2 de junho e com próspera viagem acharam Camunixari aos 4 do mesmo mês. É Ca-

munixari uma ilha deserta, povoada de poucas árvores e de pouco préstimo para a vida humana.

Não se achavam ali mais que umas quatro casas de índios, cujo principal era Macuraguaia. Escolheu-se este lugar por não haver por aquela banda outro em que se pudesse fincar o pé, e daí se pode facilmente considerar em que necessidade e perigo ficariam aqueles pobres missionários, cercados pela terra firme, mas, ao longe, de muita gentildade de várias nações, vivendo a lei depravada de seus ritos gentílicos.

Quis o capitão-mor Antônio de Albuquerque deixar alguns soldados para segurança dos padres por aqueles primeiros princípios, mas o padre Antônio Pereira lhe agradeceu a boa vontade, não querendo cuidassem os índios que se vinham introduzir entre eles com mão armada, nem que os soldados com sua vida licenciosa lhes servissem de escândalo, querendo mais ficar sozinho às mãos da Divina Providência, para dispor dele e de seu companheiro, conforme fosse a sua maior honra e glória, que viver mal acompanhado. Com isso despediu-se o capitão-mor com o padre Aluísio, e se foram durante o mesmo dia, navegando para Tabarapixi, aldeia dos maraunizes, onde mandou logo o capitão-mor armar todos os esteios da casa destinada pelo padre Aluísio Conrado para sua futura residência, servindo para este efeito alguns paus antigos que por aí se achavam, e não se tratou de cobri-la por estar a pindoba muito longe do dito sítio. Deu aos principais de Tabarapixi e outros que se achavam presentes suas provisões subscritas e seladas, e não lhes faltou com suas dádivas, com que ficaram satisfeitos e contentes, e muito mais ainda, dando-lhes o padre Aluísio palavra que cedo lhes viria assistir para tratar do bem de suas almas.

É o sítio de Tabarapixi muito ameno e alegre pelas suas campinas, não tanto para mantimentos quanto para mangabeiras docíssimas, e, além disso, da grossura de um ovo de ganso, e, além disso, não falta por aí caça de porcos-do-mato, nem peixe dos rios, nem faltam tartarugas de extremada grandeza em seu tempo; em uma palavra, é tal a paragem que se parece com os olivais de Portugal, conforme dizia o capitão-mor; de uma só cousa necessitavam os seus habitantes, que era a nossa fé, cujo estandarte já lá tinha arvorado o padre Pero Luís Gonsalvi, superior da missão, quando acompanhado do padre Aluísio Conrado e do irmão Manuel Juzarte, lá tinha ido para ver se essas terras eram ca-

pazes, para ali se semear a fé de Cristo pelos missionários da Companhia de Jesus, conforme as leis de Sua Majestade, passadas já pelo ano 1680 para este intento.

Dispostas assim as cousas, voltou o capitão-mor Antônio de Albuquerque de Carvalho com o padre Aluísio Conrado, e seu companheiro Manuel Juzarte para a cidade do Grão-Pará assistir à festa de nosso padre patriarca Inácio de Loiola, em que pregou o padre Manuel Borba, por então missionário de Mortigura.

Houve depois disso vários pasquins que se acharam pregados às portas da matriz contra a nossa Companhia, e não faltaram aleives que se levantaram ao padre Manuel Borba, mas todos eram efeitos que o inimigo da salvação das almas tinha produzido por via de seus ministros; e assim logo se achou a falsidade deles, e, convencidos, alguns de seus autores foram presos uns e outros e, tendo mais dita que merecimento, escaparam por aquela vez à justiça humana, mas não à divina, que a seu tempo lhes dará o castigo que merece sua muita maldade. E não se contentou o inimigo infernal com desacreditar falsissimamente os padres da cidade do Grão-Pará, mas chegou a lhes fazer tirar as vidas com suma crueldade em a nova missão do cabo do Norte, como manifestará a relação seguinte, tirada por pessoa da maior exceção, por intérprete fidelíssimo, além das bocas dos mesmos matadores, por seus companheiros e outras testemunhas fidedignas, não só de ouvido, mas ainda de vista.

Deixado o padre Antônio Pereira em a ilha de Camunixari por missionário dela e das nações circunvizinhas, que moravam pelos arredores, começou a trabalhar em aquela inculta vinha do Senhor, com o seu companheiro, o padre Bernardo Gomes, com seu costumado fervor, propondo e explicando a lei de Deus, verdadeiro caminho de nossa salvação, encomendando a observação e abominando os ritos gentílicos, que encaminham as almas para sua perdição eterna, inculcando a virtude e boas obras, proibindo os vícios e obras más, que precipitam seus sequazes para o fogo do Inferno.

Porém, suposto que os habitantes da ilha Camunixari recebiam com agrado e boa vontade a santa lei e doutrina de Deus, como depois constou pelos mesmos bárbaros seus inimigos, contudo, muito se ofenderam dela e de seus pregadores os bárbaros de algumas aldeias das



vizinhanças, por se lhes tirar com isso as suas beberrias e amancebamentos, com seus ritos gentílicos, herdados de seus pais e avós, acomodados à natureza depravada.

Portanto, chegaram a avistar-se com o principal da ilha, Macuraguaia, homem quieto e capaz de doutrina celestial, pedindo-lhe com muito empenho desistisse de favorecer esses padres, como odiados de todos, por serem inimigos de seus ritos, e os botasse de sua ilha; porém, como o principal Macuraguaia pressentisse em o amor dos padres a lei de Deus que pregavam, resolveram-se os oivanecas a assaltar a aldeia e matar os padres, sem embargo de pregarem fortemente os de Camuni-xari pela sua conservação. Vendo, pois, o principal da ilha que não podia vencer a inumanidade sacrílega daqueles bárbaros, ausentou-se com quase todos os seus vassallos, assim para salvarem suas próprias vidas, como para não ficarem culpados de um crime tão horrendo, que se ia principiando.

Ausente, pois, o principal Macuraguaia com a maior parte dos seus, entrou o padre Antônio Pereira em suspeita de algum grande perigo de vida, que esperava-o e ao seu companheiro, por se terem ausentado quase todos os índios da aldeia com o seu principal, pelo que tratou de embarcar com ele para se ir com os mesmos índios, que o tinham trazido, para Tabarapixi ou bem para a cidade do Pará. Mas, estando para se embarcarem, chegaram umas índias e uma velha, que lhe disse esperasse um pouco, pois vinham lá seus parentes todos, do mato, trazendo-lhes suas putabas ou presentes; dando crédito às índias, deixando a canoa em o porto, voltou para a aldeia e casa em que de antes tinha estado. Disseram alguns que se pusera a dizer missa, e que o padre Bernardo Gomes também a dissera, mas certificou-me uma índia muito quieta e autorizada, perguntada sob juramento pelo vigário da vara do Pará, José Gonçalves, em presença minha e do padre Aluísio Conrado sobre este ponto, que o padre Antônio Pereira estava assentado em casa, em uma rede, lendo por um livro que eles chamam papera ou livro, e que isto vira com seus olhos por se achar em a mesma casa, por ser casa de índios, em que os padres moravam e costumavam dizer missa.

Após das índias que tinham chegado com seus presentes de peixe assado e algumas frutas, entraram logo os conjurados para matança dos padres, e tendo-se convidado primeiro uns a outros com uma be-

beragem de seus vinhos (conforme se disse), arremeteram logo com os padres, quais uns lobos assanhados e famintos com umas ovelhinhas inocentes. Quis o padre Antônio Pereira ter-lhes mão e abrandar essa sua fúria por uma prática que lhes fez, mas eles, fechando as orelhas assim do corpo como da alma a tudo o que lhes convinha, saltaram sobre eles. O primeiro e principal agressor e matador dos padres foi o principal Canariá, de nação aguaraca e da aldeia de Coanaru, conforme contou sua própria mulher, Aracu, e também daí vieram os mais.

Confessou o principal Canariá ao padre Aluísio Conrado que ele, acompanhado de cinco outros, dera primeiro sobre a cabeça do padre Antônio Pereira com uma ibiraçanga ou pau de matar à última pancada, e, estando o padre já meio morto, lhe deu Amapixaba, irmão uterino do principal Canariá, como testemunhara a irmã de ambos e a mulher do Canariá; isto mesmo confessou ao padre Aluísio o Amapixaba, estando o padre para batizá-lo aos 13 de fevereiro do ano de 1689; os companheiros de Canariá, o matador, conforme afirmou sua mulher, foram Caparipe, Guaruximená, Inaiquerepé e outros mais.

Morto assim cruelmente o padre Antônio Pereira, que os índios chamavam Pai Uaçu, quer dizer padre grande, que assim chamavam aos superiores das aldeias, foram com o mesmo diabólico furor para matar o padre Bernardo Gomes, que chamavam Pai Columi-u-açu, que é o mesmo que pai moço ou mancebo.

Disseram os brancos que o matador dele fora Camaiuíá, pajé, que quer dizer feiticeiro; porém, as testemunhas e a principaleza Aracu afirmaram instantemente que o matador do padre Bernardo Gomes fora o Guaruximená, e que todos os mais que tinham morto o padre Antônio Pereira foram quebrar-lhe a cabeça com seus paus ou ibiraçangas.

Não satisfeitos os bárbaros com esta tão grande e sacrílega crueldade, saltaram em quatro domésticos dos padres que estavam guardando a canoa já carregada, e eram: o intérprete Lopo, Filipe, piloto fidelíssimo, e dois rapazes, Antônio e Luís, dos quais os três últimos eram da roça de Mamaiacu, pertencente ao Colégio de Santo Alexandre do Grão-Pará.

E para que não haja dúvida sobre as circunstâncias daquela tão cruel matança dos padres missionários, torno a dizer brevemente

que o lugar foi a casa do principal Macuraguaia, índio de bom natural e muito afeto aos padres, a qual lhes tinha dado para morarem, e juntamente para ali celebrarem o santo sacrifício da missa, enquanto se lhes não fazia casa e igreja nova, cujas paredes já tinham levantado dentro daquele breve tempo de sua assistência, dizendo entretanto missa para a banda do oriente da dita casa, em a aldeia da ilha de Camunixari, sita em o lago de Camacari pela altura norte 1°,8', comprida de um quarto de hora e, nos demais, muito estreita. E cercada de outras ilhas muito chegadas a ela; o lago porém terá de largura perto de duas horas com outros dois lagos que o estão seguindo; os instrumentos com que mataram ambos os padres foram ibiraçangas ou paus de matar, com que o gentio costuma quebrar as cabeças, e isto afirmaram todos.

O motivo que tiveram para se atreverem a uma tão horrenda ação foi o ódio à nossa santa fé e pregação evangélica, com que lhe tiravam seus excessos em beber, seus amancebamentos e ritos gentílicos, e a esta se presume ter sido a mesma causa que os induziu a tirar a vida até aos domésticos que acompanhavam os padres.

O tempo foi muito provavelmente em princípio de setembro do mesmo ano de 1688, ficando incerto o dia, por não poder descobrir, em razão de os índios não terem nenhum conhecimento dos dias do mês, e só puderam dizer a seu modo que fora em princípio da terceira lua depois da chegada dos padres, e assim respondeu constantemente o principal Itapari ao padre Aluísio Conrado e aos portugueses, sendo perguntado com cuidado sobre esta circunstância.

O que se pôde alcançar de certo foi dizer o mesmo principal Itapari que fora pela manhã, acabada a missa e almoço, estando o Paiuaçu lendo seu papera ou livro, com que deram a entender o diurno ou breviário; a mulher do Canariá acrescentou que o padre pequeno Bernardo Gomes também tinha dito missa àquele dia, o que se pôde facilmente crer, porque, como consta ao padre Aluísio Conrado, tinha o padre Antônio Pereira determinado que o padre Bernardo Gomes dissesse sua primeira missa aos 20 de agosto, dia do melífluu São Bernardo, seu padroeiro.

Não parou aqui a infernal fúria dos matadores, mas passou muito adiante: depois da matança despiram os corpos mortos e os dependuraram nus do tirante da casa, partiram-nos em pedaços, assando e

comendo-os, guardando, porém, os cascos das cabeças para beberem seus vinhos por eles, e algumas canelas para fazerem suas gaitas e pontas de suas flechas, como também a gordura e banhas para se untarem com elas. Fartos já do sangue dos dois missionários, os matadores oivanecas de nação, pôs Goamimani, da nação aricoré, fogo à casa, e o índio Moximaré, da aldeia de Mucurá, da gente maraunizes, com três outros companheiros surrupiou uma canela do padre Bernardo Gomes, para dela fazer uma gaita. Passado já o meio-dia, querendo os matadores fartar ainda mais a sua danada fome, não satisfeitos de terem botado fogo à casa dos padres e do principal Macuraguaia, também botaram aos ranchos menores, vendo os índios da ilha, de longe, com sua dor de seus corações, os tremendos incêndios de seus queridos padres e das próprias moradas. O mesmo Amapixaba e o principal Itapari afirmaram que penduraram os corpos nus dos padres ao tirante da casa, antes de a queimarem, e esta foi a fama entre os portugueses; finalmente viram que o fogo ainda não tinha consumido tudo, mas faltavam alguns esteios, tirantes e madeiras, juntaram tudo em um cúmulo sobre os corpos caídos ao chão, para que tudo se reduzisse em cinzas e não ficasse (como se presume) memória dos padres entre seus pastores. Com isso, tendo satisfeito o seu danado ódio e ira infernal, os oivanecas foram-se para suas casas, deixando a aldeia do principal dos maraunizes queimada e queimando para cumprimento último de sua raivosa ira, duas aldeias suas próprias; com que se retiraram para Maimaine, esconderijo muito retirado, onde se imaginaram estar seguros dos portugueses; mas não querendo o Céu que ficasse inulto um atrevimento tão horrendo e sacrilégio, não lhes valeu o mais retirado lugar de suas brenhas para se poderem esconder por muito tempo dos que foram mandados em busca deles, como se verá do capítulo seguinte.

.....

## *Capítulo XIX*

CASTIGA-SE O MATADOR COM SEUS CÚMPLICES,  
E VAI-SE EM BUSCA DAS RELÍQUIAS,  
FAZENDO-SE INFORMAÇÕES AUTÊNTICAS SOBRE  
A MORTE DOS PADRES, ASSISTINDO A TUDO O  
PADRE ALUÍSIO CONRADO PHEIL,  
MISSIONÁRIO DE TABARAPIXI

**F**OI o padre Aluísio Conrado deputado pelo padre superior Iodoco Peres por missionário de Tabarapixi e o cabo do Norte; com ele foi o Capitão-Mor do Pará, Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho. Chegaram lá aos 10 de novembro, adorando a cruz que ali tinha levantado em 1682, indo, com o padre superior Pero Luís e o irmão Manuel Juzarte, ver o cabo do Norte e capacidade dele para as missões, conforme as leis reais do ano 1680. E enquanto tratava com o capitão-mor de levantar casas e igreja, chegaram-lhe as primeiras novas da morte dos padres Antônio Pereira e Bernardo Gomes e as viram depois confirmadas com cartas indubitáveis. Chegou Guaricupi com uns nove índios armados, e como vinha temeroso, sem se declarar bem sobre o sucesso, tomou o principal Guariavia, mocetão bizarro, à sua conta referi-lo, declarando os cabeças dele.

Com esta notícia já certa, não tardou o Capitão-Mor Antônio de Albuquerque de mandar logo em 27 de novembro dezenove soldados portugueses do forte Araguari com cinquenta índios em busca dos culpados da morte dos padres; andaram por espaço de oito dias, enganados pelos guias maraunizes, por brenhas e caminhos errados, até que dois meninos naturais daquela terra lhes mostraram o caminho verdadeiro que levava a Maimaime, onde estavam os outros escondidos.

Lá foram mortos alguns, outros se acolheram para o mato, outros, trinta e cinco, entre homens e mulheres, se prenderam e foram levados ao Capitão-Mor Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, em 2 de dezembro, à boca da noite; o que os da tropa mataram foi o feiticeiro ou pajé Camauiá, ao qual o capitão Pascoal, de Parijó, aldeia da Capitania do Cameté, despedaçou com um terçado, depois de tê-lo trespassado o principal Simão Ingaíba com duas flechas, por dizerem que ele era que tinha matado o padre Bernardo Gomes, e que o mesmo afirmou sua mulher Tumacana, da aldeia de Cacipurú.

Logo pelo dia seguinte, mandou o Capitão-Mor Antônio de Albuquerque tirar devassa sobre o caso e as cousas apontadas, e, consultando tudo com os que trazia de maior prudência e autoridade, foi condenado à morte, pelo meio-dia somente, o principal Canariá, como matador primeiro, e sentenciados os outros que fossem remetidos ao tribunal do Governador Artur de Sá e Meneses; por uma hora depois de jantar, foi Mateus dos Santos (cabo da fortaleza) intimar de canoa a sentença de morte ao principal Canariá, e, rogado do mesmo capitão-mor, ao padre Aluísio Conrado que aparecesse para o batismo e boa morte. Para este fim foi trazido por uma corda pelo índio Leandro, filho do principal Mandu, com os ferros em que tinha sido posto desde o princípio de sua prisão. O padre missionário, para dispô-lo como convinha, retirando-o um pouco para uma banda, lhe perguntou alguma coisa sobre a morte dos padres, a saber, por que razão foram mortos, e de que modo, por ser isso necessário para se saber a verdade que poderia ter ficado escondida se ele mesmo a não descobrisse; respondeu-lhe com muito arrependimento de sua maldade, e confessou livre e claramente por via da intérprete Natália que ele fora o que matara o padre Antônio Pereira, por instigação do diabo, em ódio da lei e doutrina de Cristo, que o padre, como varão de virtude, publicava contra seus vícios e ritos gentíli-

cos, e não alegou nenhuma outra razão de queixa contra os padres, sem embargo de saber alguma cousa da língua geral, com que se podia fazer entender com facilidade. Com isso o instruiu o padre Aluísio em os mistérios de nossa santa fé e preparou-o com atos de fé, esperança e caridade, e arrependimento de suas culpas quanto bastava, no fim de tudo o batizou, chamando-o Francisco Canariá. Como depois do batismo confirmasse o que tinha dito, de sorte que os circunstantes o podiam ouvir, estando à boca de uma peça de artilharia carregada de uma bala grande e vinte e sete pequenas, morreu santamente, assistindo-lhe o padre e repetindo-lhe o santo nome de Jesus e Maria, até que disparada a peça, voou o corpo despedaçado pelos ares, e, como piamente se pode crer, a alma para o Céu.

Encomendaram logo todos a alma a Deus, como bons cristãos e publicou o padre a todos como o principal Canariá, defunto, confessara livremente e com toda a sinceridade que matara os padres em ódio de nossa santa fé, estando presentes o capitão-mor Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, Luís Pedro Carneiro e outros oficiais da guerra, como a soldadesca portuguesa, e além deles alguns religiosos e o muito reverendo padre Frei Sebastião da Purificação, carmelita, e o muito reverendo padre Melquior das Neves, de Santo Antônio, missionário dos aruãs, em aldeia de Ianaucu; e para que não se faça reparo na verdade e sinceridade da intérprete chamada Natália, saiba que era filha de um dos maiores e principais da nação dos maraunizes e irmã uterina do principal Guacaziri, da aldeia Chipiri, mulher de idade, sisuda e discreta entre os seus e os brancos, cuja língua sabia muito bem, como doméstica da casa do capitão-mor Manuel Guedes, o qual a tinha concedido para serviço de Deus e do Rei Nosso Senhor, para poderem seguramente tratar por via dela o capitão-mor Antônio de Albuquerque e mais ministros os negócios do cabo do Norte, e procederem, até dar sentença de morte, fundados na lealdade com que servia de língua para tudo.

Esta mesma intérprete Natália serviu ao padre Aluísio Conrado, quando fez perguntas a Amapixaba sobre os motivos que tiveram para matar os padres, e quando o instruiu os mistérios da nossa santa fé, para batizá-lo aos quatorze de fevereiro do mesmo ano, 1689, chamando-o Paulo, dizendo e confessando livremente que mataram os padres, porque ele e todos os oivanecas de sua nação não queriam ser cristãos

nem ouvir a lei de Cristo e que, querendo mal aos padres que a pregavam os mataram por pura maldade sua. Esta confissão foi de Paulo Amapixaba, mudo, ou por natureza, como afirmou sua irmã e, afirmaram seus parentes, ou por fingimento; e por mudo foi tido por espaço de dois meses e mais de todos os portugueses, sem poder nunca nem por bem nem por mal tirar uma só palavra de sua boca, e por tal foi levado pelo Supremo Tribunal do ouvidor-geral Miguel da Rosa, o qual em sentença de morte que contra ele pronunciou por escrito, o declarou por mudo. Este mudo por natureza, como pareceu certo, estando em grilhões, foi levado pelo padre missionário Aluísio Conrado à parte, para ficar sem medo, e estando com ele e a intérprete, à vista somente dos mais que assistiram, soltando a língua, confessou claramente o crime e o sobredito motivo da matança, e respondeu aos mistérios de nossa santa fé, ficando pasmados o padre e a intérprete, e mais todos os soldados que estavam ali perto e o escrivão; com que, foi batizado e chamando Paulo, e tornou o padre a dizer clara e publicamente ao cabo Mateus dos Santos e soldados todos como tinham ouvido com admiração afirmar o Amapixaba que matava os padres com ódio de nossa santa fé, sem alegar contra eles mínima queixa de algum agravo que lhe tivessem feito, e tendo o padre posto tudo isso por escrito e lido, todos assinaram sob juramento, como testemunhas que tinham ouvido aquela confissão da própria boca do matador Amapixaba, irmão do principal matador Canariá, morto à boca de uma peça.



.....

## *Capítulo XX*

DESPACHAM-SE ULTIMAMENTE TODOS OS PAPÉIS  
TOCANTES À MISSÃO DO MARANHÃO EM  
A CORTE; DESPEDEM-SE OS MISSIONÁRIOS  
DE SUAS MAJESTADES, E SE EMBARCAM  
PARA SUA MISSÃO, TENDO UMA NAVEGAÇÃO  
TÃO ADVERSA QUE SÓ CHEGAM POR  
MILAGRE A ELA

# H

AVIA este capítulo de preceder a morte dos padres missionários do cabo do Norte, mas por algum erro das informações, não conhecido a tempo, se pospõe e por muito pouco.

Estando a frota para partir pelo tempo costumado, agruparam-se todos os missionários que haviam de ir àquela ocasião para a missão do Maranhão, ao Colégio de Santo Antão em Lisboa, assim os que se tinham oferecido a mim, quando por ordem de nosso muito reverendo padre-geral fui praticar em Coimbra e Évora, com o irmão Marcos Vieira, como os mais da missão que estudavam naquelas duas universidades.

O primeiro e o principal de todos era o padre José Ferreira, o qual me tinha oferecido em Coimbra, sendo prefeito dos estudantes, e lhe foi concedido vir ler teologia aos demais. Os outros foram o padre

João de Avelar, o irmão João Valadão, que, por falta de idade, não tinha ordenado de ordens sacras, o irmão Manuel dos Santos, o irmão Pedro de Oliveira, estudantes, os padres Inácio Ferreira, João da Silva, Manuel da Costa e Baltasar Ribeiro. Admiti mais em Lisboa ao padre Manuel Rabelo, clérigo do hábito de São Pedro e teólogo, mas este ficou para lá ter noviciado, o irmão Manuel Lopes, o irmão Inácio Luís, coadjutores temporais, e Vicente da Costa, para logo tomar a roupeta em São Luís do Maranhão, os quais também admiti com licença do nosso muito reverendo padre-geral. Estando ainda na Corte, tirei todos os despachos dos papéis e os últimos, pelas dez horas da noite, detendo Roque Monteiro a Sua Majestade para este fim, ainda depois de já retirados os ministros para suas casas. A causa de tanta detenção foi ter sido necessário mandar um alabardeiro das guardas para o Conde de Val dos Reis, para ele por seu nome. Acabado tudo, voltei com meu companheiro, o padre Pero Poderoso, para o Colégio, e de caminho fui colocar a última assinatura em casa de Manuel de Lavra, o qual me fez a graça de esperar por mim até às onze horas da noite; e estando já recolhido em Santo Antão, ainda me chegou uma de Sua Majestade, em que me encomendava um negócio que havia de tratar no Maranhão. E no dia seguinte fomos todos com o padre reitor do Colégio ao palácio despedir-nos do Rei, o qual nos encomendou muito as missões. Já eu me tinha ido despedir dele antes, dando a Sua Majestade as graças pela muita benevolência e favores recebidos; respondeu-me Sua Majestade ficara muito satisfeito dos bons termos com que procedera assistindo em sua Corte, e que se lembraria de minha pessoa, oferecendo-se ocasião, e ainda depois nos despedimos todos, afastando-me um pouco deles, com Sua Majestade, me tornei a despedir muito em particular.

Acabada esta despedida, disse-nos Sua Majestade que fôssemos à Senhora Rainha; assim o fizemos, acompanhados de seu confessor, o padre Leopoldo Fues, compadecendo-se ela dos muitos trabalhos que os missionários padeciam na missão do Maranhão, e encomendando-se muito em nossos apostólicos trabalhos.

Da Rainha fomos à Senhora Princesa, a qual estando com suas damas do palácio nos disse que fôssemos com Deus e tivéssemos boa viagem. Iria como meu companheiro o irmão Marcos e durante o mesmo dia voltei ao palácio para despedir-me das damas alemãs que es-

tavam com a Senhora Rainha, dando-lhes suas contas do cheiro, feitas no Brasil, que estimaram muito, muito pesarosas de minha ida; de lá me fui despedir do padre Luís Álvares, propósito de São Roque, e do padre Francisco de Almeida, meu amigo antigo, que para lembrança sua me deu um belo crucifixo de marfim, que tinha vindo da Índia, e eu depois de ir à igreja nova de Nossa Senhora da Luz do Maranhão; finalmente me fui despedir dos três confessores: o padre Manuel Fernandes, confessor do Rei, o padre Pero Pomerio, confessor da Senhora Princesa, o padre Leopoldo, confessor da Senhora Rainha, o qual me deu quantidade de belos prêmios para meu uso.

E no dia seguinte, dezessete do mês de maio do ano de 1688, fomos nos embarcar todos bem cedo, por nos dizerem que logo partiriam; mas como a nau se deteve dias, acudiu-nos o padre Francisco de Matos, procurador-geral do Brasil, liberalmente com todo o necessário, que o caixeiro João da Rocha, homem muito de bem nos trazia para a nau de *Nossa Senhora da Conceição*, cujo capitão era um grande devoto seu, Manuel Ribeiro. Levantamos âncora aos[...] do mesmo mês de maio e chegados que fomos de frente de Cascais pouco faltou que outra nau, que vinha atrás e não dava bem ao leme, fosse sobre a nossa e ambas se perdessem; mas quis Deus Nosso Senhor que estando ambas para dar uma sobre outra se divertiram, com que fomos navegando com vento favorável até à altura do cabo Verde. Dentro de poucos dias, lá se nos foi escasseando o vento, pouco a pouco e começamos todos a sentir a malignidade dos ares, assim pela cabeça como pelo corpo todo, e como o piloto não seguiu o rumo costumado, mas outro diverso dos mais que se iam acostando mais para terra, demos em umas calmarias e correntezas tão grandes que, porquanto nos esforçássemos e nos ajudassem as trabuzanas quotidianas, em vez de montar achamo-nos a cada passo atrasados; e como isto nos durasse perto de dois meses inteiros, e nos fosse já acabando a água que bebíamos, e diminuindo também muito os mantimentos, foi-se-nos dando a água em ração muito limitada, e tanto que chovendo apanhavam as águas da chuva, em lanções, alguns dos passageiros, e chegaram outros a beber água já fedorenta de uma talha, dos padres para apagar a grande sede com que se achavam.

Por isso não houve devoção que não fizéssemos a Santo Antônio, grande padroeiro do capitão e aos mais santos do Céu princi-

palmente a Santo Inácio, a S. Francisco Xavier e à Virgem Senhora da Conceição, padroeira da nau, fazendo-lhes nossas devoções, sem nunca deixar de cantar suas ladainhas e terço à boca da noite, nem faltando com as doutrinas, que aos domingos e festas fazia o padre José Ferreira, ou alguns dos irmãos, noviços ou estudantes.

Dizia eu que esperava em Deus e na Virgem Senhora Nossa que à véspera de nosso santo patriarca Inácio veríamos terra, e com esta mesma esperança andava o padre José Ferreira, o qual foi benzendo até os mares para tirar dele algum feitiço, que algumas pessoas malévolas por instigação do inimigo poderiam ter feito. Ajuntou-se a este trabalho tão grande outro não menor, que foi aparecer, à boca da noite já fechada, uma nau, que se ia chegando para a banda direita da popa sem sabermos que nau era. Um mercador chamado Jacó Hegres era de parecer que se lhe falasse de longe, por cuidar ser nau amiga; mas como não havia que fiar, mandou o capitão que se despejasse o entre-pontes, e se pusessem as peças com todo o mais em estado de poder pelejar; fez-se logo pontualmente tudo em brevíssimo tempo, acendendo-se também as candeias para que tudo se visse e fizesse medo aos que quisessem chegar a ela.

Pusemo-nos todos em armas, eu que já estava recolhido, por estar enjoado, logo que me deram aviso do que passavam, armei-me de meu crucifixo, posto ao pescoço, e saindo ao convés peguei em um terçado, animando aos mais assustados, caso fosse necessário, animei também ao artilheiro francês de nação que, esquecido de um agravo recebido do mestre, fizesse seu ofício, e me prometeu de fazer, dizendo-me que se o pirata chegasse logo meteria a sua nau a fundo dando-lhe ao lume da água. Estando as cousas por estes termos e animados todos a pelejar com valor português com os da nau inimiga, viram estes o aparelho e ânimo com que estava a nau de *Nossa Senhora da Conceição*, e, mudando de rumo, foram-se afastando, sem contudo desaparecerem de todo, porque no dia seguinte, ainda a vimos algum tanto afastada, porém, não se atrevendo a chegar, desconfiada de poder fazer presa. Foi-se de todo e conheceu-se depois que tinha sido uma nau de piratas, da qual Deus Nosso Senhor, por sua misericórdia e intercessão de sua Mãe Santíssima da Conceição, livrara a nau que estava debaixo de sua proteção, e

não foi este favor da Virgem Senhora Nossa o maior, mas sucedeu logo outro, que todos conheceram ser totalmente milagroso.

O caso foi que, vendo, marinheiros e passageiros, que por nenhum modo podíamos montar nem passar a Linha, da qual distávamos muito pouco, e que com as ventanias dos temporais das tardes, em vez de montarmos, íamos sempre descaindo, foram de parecer com alguns padres de sua parcialidade, que antes de se nos viesse a falhar mais a água e mantimentos e entrassem algumas doenças, que até então tinham sido muito poucas, fôssemos a tempo para o oeste em busca das Índias de Castela, culpando-me a mim por insistir fôssemos sempre para o sul em busca do Maranhão. Mandei pois logo chegarem todos ao capitão e proporem suas razões diante dele e do piloto para se eleger o que se achasse ser mais conveniente. Vieram e propuseram suas razões, estando eu presente, e achou-se que, tudo bem considerado, tinham razão. Só reparou o piloto que iríamos com grande risco de nos perdermos pela costa por não levarmos práctico dela, e reparei eu também no grande dano que receberia a missão além do dito perigo, porque, chegados os padres missionários às Índias de Castela, padeceríamos grandes faltas e ficaríamos obrigados a voltar para Cadiz e de lá para Lisboa, além dos imensos gastos, com que nos acharíamos impossibilitados de voltar para a missão. Contudo, sem embargo destes inconvenientes todos, disse fôssemos embora para as Índias de Castela, porque não queria se dissesse em algum tempo que eu impediria o que todos tinham julgado por melhor. Nisto vieram o capitão, o piloto e todos os mais, porque viam manifestamente que debalde nos cansávamos para montar, e íamos cada vez descaindo mais a mais.

Estava a imagem da Virgem Senhora Nossa da Conceição por detrás, à popa, eu lhe tinha encomendado muitas vezes a nossa navegação, e como a alcançava de vista por um espelho de meu camarotezinho, que o capitão me tinha largado, a Ela me encomendei, dizendo-lhe: Virgem Santíssima, não sois vós toda poderosa para com vosso precioso Filho, e aquela que até os presos das masmorras de Argel pusesse salvos e livres em suas terras e casa? Pois acudi a estes vossos servos e filhos, missionários do Maranhão, acudi-lhes por quem sois e ponde-os em sua missão, pois sem o vosso auxílio não hão de chegar a ela!

Coisa rara!

Estava a nau andando direita para o Ocidente com a proa para oeste, nem havia já esperanças humanas de tomar outro porto senão as Índias de Castela, por cujo rumo já ia encaminhada vinte e quatro horas havia, pouco mais ou menos, quando tomando o piloto altura, achou que em vez de ter andado para oeste tinha montado grau e meio para o sul; com que, sem embargo de quererem ainda alguns marinheiros, amigos das patacas, continuar a viagem com a proa para o sul, disse eu ao capitão e piloto que, já que Deus, por milagre manifesto, nos levava e fazia montar para o sul, virássemos a proa para lá e déssemos pelo rumo do Maranhão. Fizeram-no assim e com todo o bom sucesso, porque, montando sempre de mais a mais, passamos a Linha em breves dias, e como por aquele tempo caía a festa de nosso santo patriarca Inácio, a celebramos com muita devoção e alegria, conforme permitiam o lugar e mais circunstâncias; tocou-se também clarim, dispararam-se as peças de artilharia, concorrendo Jacó Hegres com seus instrumentos que tocava admiravelmente bem, e não faltou pregação, que eu fiz em louvor do santo, tendo feito outra em dia do glorioso Santo Antônio, com agrado de todos.

Acabada a solenidade, subiu um marinheiro à gávea para ver se podia descobrir terra, como eu tinha esperado sempre, e logo muito alegre gritou do alto: “Terra! Terra!” sem saber que terra era a que via. Ficaram contentes e satisfeitos todos; mandaram-se sondar as águas; à noite andamos em quarenta braças de altura e pelo dia seguinte já se ouviram os pássaros e se viam voar alguns, sem sabermos contudo onde estávamos, mas sabendo que estávamos perto de terra.

O piloto, pelo muito que dizia ter decaído a nau, dizia estávamos para banda de Caiena, lá longe além do grande rio das Amazonas e que as grandes correntezas que tínhamos tido dele se originavam; porém nunca me pareceu a mim, que repetidas vezes tinha lido o livro da arte de marear, que o piloto trazia, que tanta descaída tivesse feito a nau, mas tinha para mim que viríamos dar ao Pereá; e assim foi, porque, tornando no dia seguinte um marinheiro à gávea gritou logo: “Pereá! Pereá!”

Não é crível quanto foi o pasmo e alegria de todos, por verem que íamos navegando de baixo para cima, contra a correnteza das águas e por nos vermos milagrosamente postos na baía do Maranhão. Continuando nossa derrota, fomos cada vez descobrindo, mais claramente a

paragem que se dizia e finalmente a terra de Tapuitapera e da mesma ilha do Maranhão. Declinando um pouco mais para o sul aos dois de agosto, para evitar a coroa grande, que está junto à entrada do rio ou baía de Tapuitapera, lançamos âncora defronte do Araçagi, onde passamos descansadamente e com muito gosto aquela noite toda.

Aos três de agosto chegou a receber-nos uma canoa que vinha para servir de guia ao navio, e após dela o padre superior Iodoco Peres, com canoa grande, em que, depois das costumadas saudações, nos embarcamos alguns, ficando os mais em guarda do camarote e cousas que vinham pertencentes à missão. À noite do mesmo dia da nossa chegada, mandou o padre Iodoco Peres, superior da missão, ler a patente de reitor do Colégio de Nossa Senhora da Luz, vinda de Roma para mim, sem eu ser sabedor que me tornaria a cair esta carga às costas; tomei logo posse, como se costuma, e me ficaram os papéis da Santa Inquisição, os quais me tinha dado o Eminentíssimo Cardeal Dom Veríssimo, para os reitores dos Colégios serem comissários da Santa Inquisição pelo Estado do Maranhão.

O primeiro comissário da Santa Inquisição foi o padre Manuel de Lima, que durante a primeira jornada do padre Antônio Vieira tinha vindo a esta missão, e não houve outro depois até o ser eu, pois era reitor do Colégio.

Esses papéis dera-os o Eminentíssimo Cardeal Inquisidor-Geral, amigo da Companhia de Jesus, para maior crédito e autoridade dos padres do Maranhão e maior veneração deles, mas queira Deus não sejam ocasião de maiores desgostos como são de maior trabalho.

A tenção de Sua Eminência o Cardeal Dom Veríssimo, inquisidor-geral da Santa Inquisição de Lisboa, foi fazer-nos respeitar mais dos povos, que por qualquer cousa se levantam, sem nenhum medo.

Os padres missionários me perdoem se faltei ao acerto, admitindo o que porventura estaria melhor com os prelados de qualquer outra religião.

Sentiu o Senhor Bispo Dom Gregório dos Anjos ver, como lhe parecia, com isso diminuída a autoridade que dantes tinha, e por isso visitando-me o dia seguinte, como seu amigo, desde o princípio de sua entrada para o Maranhão, pediu-me que quisesse mostrar-lhe a provisão que trazia para o cargo de comissário da Santa Inquisição para os reito-

res dos Colégios e eu lhe mostrei logo; com que não abriu mais a boca nem falou em tempo algum mínima palavra sobre esta matéria.

A primeira cousa que fiz foi mandar ao porto e a todos os conventos, publicar as ordens da Santa Inquisição, e juntamente ler em público as proposições de Miguel de Molina condenadas pela Sé Apostólica, conforme me ficava encomendado, e, para que todos os nossos tenham notícia dessas proposições, por importar grandemente sabê-las, pareceu-me pô-las aqui no capítulo seguinte, visto poderem os bichos comer ambos os papéis.



.....

## *Capítulo XXI*

MANDO, COMO COMISSÁRIO DA SANTA INQUISIÇÃO,  
PUBLICAR EM A SÉ E IGREJAS DAS RELIGIÕES AS ORDENS  
QUE TRAZIA E AS SESENTA E OITO PROPOSIÇÕES DE  
MIGUEL DE MOLINA, CONDENADAS PELA SANTA SÉ  
APOSTÓLICA E QUE PARA MEMÓRIA AQUI SE ASSENTAM.

BULA DA SANTIDADE DE INOCÊNCIO XI, CONDENANDO  
SESENTA E OITO PROPOSIÇÕES DE MIGUEL DE MOLINA.  
EM LISBOA, OFICINA DE MIGUEL MENESCAL, IMPRESSOR DA  
SANTA INQUISIÇÃO. MDCLXXXVII. COM TODAS AS  
LICENÇAS. (TRADUÇÃO EM ESPANHOL)

*D*

ECRETO expedido, quinta-feira, 28 de agosto de 1687, em geral congregação da santa, romana e universal Inquisição, efetuada no palácio apostólico do monte Quirinal, diante do N. S. P. Inocêncio, pela divina providência, Papa XI, e dos eminentíssimos e reverendíssimos srs. cardeais da santa igreja romana, gerais inquisidores pela Santa Sé apostólica, especialmente deputados com toda a república cristã, contra a herética maldade.

O rigor apostólico deve mover-se para desabonar a maldade dessa perniciosíssima heresia, que ganhou forças em muitas partes do mundo, com grandíssimo perigo das almas, para que se desfaça, graças à

autoridade e providência da solicitude pontifícia, a protérvia dos hereges nos esforços de suas falsidades e para que a luz da verdade católica que resplandece na Igreja santa, fique limpa de qualquer mancha de falsos dogmas.

Consta que certo homem chamado Miguel de Molina, filho de perdição, havia semeado, a cada passo depravado, dogmas com o pretexto de oração de quietude, contra a doutrina e os usos recebidos dos santos padres desde a primitiva igreja, desviando os fiéis da verdadeira religião e da pureza da piedade cristã, e os induzindo a grandíssimos erros e às maiores torpezas.

Por isto, o N. S. P. Inocêncio Papa XI, em cujo coração está impresso que as almas dos fiéis, encomendadas pelo Altíssimo, podem seguramente chegar ao desejado porto de salvação, purgadas dos erros de opiniões depravadas, atendendo a gravidade do caso, ouviu muitas vezes em sua presença, aos eminentíssimos e reverendíssimos Srs. cardeais gerais inquisidores na república cristã, e a muitos mestres da sagrada doutrina, recebeu seus votos por escrito, e, havendo espaçado maduramente e implorado a assistência do Espírito Santo, procedeu, pela forma que abaixo se declara, à condenação das proposições infra-inscritas do mesmo Miguel Molina, que as reconheceu por suas e das quais foi convencido e depois confessou terem sido escritas, comunicadas e criadas por si.

Proposições do Doutor Molina, condenadas em 28 de agosto de 1687 pelo Santo Tribunal de Roma, assistindo a santidade de Inocêncio XI:

1º Convém prender e aniquilar as potências e esta é a via interna.

2º Querer cobrar ativamente é ofender a Deus, que quer ser o único agente e por isto é necessário deixarmo-nos ficar em suas mãos, e, desde então, como um corpo morto.

3º Os votos para fazer-se qualquer cousa são impeditivos da perfeição.

4º A atividade natural é inimiga da graça, obsta a operação de Deus e a verdadeira perfeição, porque Deus quer agir em nós.

5º Causa alguma fazendo, a alma volta ao seu princípio e à sua origem, que é a essência de Deus, onde fica transformada e divinizada: Deus então nela fica, porque desde aquele ponto dali em diante não são duas coisas unidas, senão uma única, e assim vive e reina Deus em nós outros e a alma afoga-se no ser operativo.

6º O caminho interno é aquele em que não se conhece e nem luz, nem amor, nem resignação, nem necessidade de conhecer a Deus, e desta sorte se caminha bem.

7º Não deve a alma pensar nem em prêmio, nem em castigo, nem em paraíso, nem em inferno, nem em morte nem em eternidade.

8º Não deve querer saber se caminha com a vontade de Deus, se está resignada com ela ou não, nem é necessário que queira conhecer seu estado, ou a si própria, não tem senão que ficar como um corpo morto.

9º Não deve a alma lembrar-se de si, nem de Deus, nem de coisa alguma: na via interna toda a reflexão é nociva, mesmo a que se refere às dúvidas humanas e aos próprios defeitos.

10. Se com seus próprios defeitos, ela escandaliza a outros, não há mister de reflexão alguma, contanto que não haja vontade de escandalizar, e não poder fazer nenhuma reflexão sobre seus próprios defeitos é graça de Deus.

11. Sobre as dúvidas que venha a qualquer que caminhe bem, não é necessário fazer-se reflexão.

12. Quem deu seu livre-arbítrio a Deus não deve ter cuidado em coisa alguma, nem do Inferno, nem do Paraíso, nem da própria perfeição, nem da virtude, nem da sua santidade, nem da sua salvação, cuja esperança deve também ser esquecida.

13. Havendo-se consignado o livre-arbítrio a Deus, deve-se deixar-lhe o cuidado e o pensamento de todas as nossas coisas e a ação em nós outros de seu poder divino.

14. A quem está vinculado à divina vontade não convém pedir coisa alguma a Deus, porque pedi-la é imperfeição, sendo, como é, ato da própria vontade, o é querer que a divina vontade se conforme à nossa e não a nossa à de Deus: como se entende do Evangelho, nos dis-

se Cristo que as almas internas que não querem ter vontade chegam a não poder pedir cousa alguma a Deus.

15. Assim como não devem pedir cousa alguma a Deus, assim não devem dar-lhe graças por cousa alguma, porque tanto um ato como outro são de própria vontade.

16. Não se deve procurar indulgências para evitar satisfazer penas de pecados próprios, porque melhor é satisfazer a divina justiça do que procurar sua misericórdia, pois aquela procede do amor puro de Deus e esta do amor interessado de nós mesmos, que não é cousa grata a Deus, nem meritória.

17. Havendo-se entregue a Deus o livre-arbítrio, o cuidado e os pensamentos de nossa alma, não se deve fazer caso das tentações; nem se deve opor-lhe outra resistência além da negativa, sem usar de indústria, e se a natureza se altera, convém deixar que se altere, porque é natureza.

18. Quem na oração se serve de imagens, figuras, espécies e de próprios conceitos, não adora a Deus em espírito e verdade.

19. Quem ama a Deus como a razão o demonstra e o entendimento o compreende, não ama o verdadeiro Deus.

20. Dizer-se que na oração é necessário ajudar-se com palavras e pensamentos, quando Deus não fala à alma, é uma ignorância; Deus não fala demais, o seu falar é a ação e sempre esta manifesta-se na alma quando ela com suas palavras, pensamentos e obras não o impede.

21. É necessário estar-se na oração em fé obscura e universal, com quietude e ouvido de qualquer outro pensamento particular e distinto dos atributos de Deus e da Trindade e estar-se assim na presença de Deus, para adorá-lo, servi-lo e amá-lo, porém sem produção de atos, porque Deus não se satisfaz com esta mercadoria.

22. Esse conhecimento da fé não é um ato produzido pela criatura, mas um conhecimento que lhe dá Deus, que ela nem sabe que tem, nem mesmo depois de o ter; e o mesmo se diz do amor.

23. Ou místicos, com S. Bernardo, na sua *Claustralium*, distinguem quatro graus, a invocação, a meditação a oração e a contemplação infusa; quem está sempre no primeiro jamais passa ao segundo; quem está sempre no segundo jamais chega ao terceiro; quem está no terceiro

poderá ou não passar ao quarto, que é a contemplação adquirida em que se deve estar por toda a existência, porque Deus não se identifica com a alma sem que ela o espere na contemplação infusa, cessando a qual deve volver-se a alma ao terceiro grau, ficando nele, sem voltar ao segundo nem ao primeiro.

24. Quaisquer pensamentos impuros, que ocorram em uma oração contra Deus, os santos, a fé, ou sacramentos, não sendo recebidos voluntariamente, nem se caracterizando por atos da vontade, mas sendo suportados com indiferença e resignação, não impedem a oração da fé, antes a aperfeiçoam por estar assim a alma mais resignada com a vontade divina.

25. Ainda que sobrevenha o sono e durma-se, não obstante a alma ora e contempla-se, porque oração e resignação, resignação e oração vem o ser tudo uma só coisa e enquanto a resignação continua, continua por si mesmo a oração.

26. Aquelas três vias, purgativa, iluminativa e remissiva, são o maior disparate que se tem dito em mística, não havendo mais que uma via, que é a interna.

27. Quem deseja e abraça a devoção sensível não deixa nem busca a Deus, mas a si mesmo; e faz mal em não deixá-la, e fazer esforços para conservá-la quem caminha pela via interna, quer se ache em lugares sagrados quer em dias solenes.

28. É bom o tédio das causas espirituais, porque assim se purga o amor-próprio.

29. Quando uma alma interna se enfastia das palavras de Deus, das virtudes e fica fria sem sentir-se em fervor, é isto bom sinal.

30. Todo o sensível que se experimenta na vida espiritual é abominável, torpe e imundo.

31. Nenhum meditativo exercita as verdadeiras virtudes internas, as quais não hão de ser conhecidas pelos sentidos.

32. É necessário perder as virtudes; não se requer outra preparação ou ação de graças para essas almas internas senão a da acostuada resignação passiva, porque nela está o amor que supre do modo mais perfeito todos os outros atos da virtude que se podiam fazer e se fazem na via ordinária; e se nessa ocasião de comunhão aparecem movi-

mentos da humilhação, petição, ação de graças, deve-se reprimi-los, todas as vezes que neles se reconhecer quaisquer impulsos especiais de Deus, pois de outro modo serão impulsos da natureza, que não está morta.

33. Faz mal à alma, que caminha por essa via interna em querer efetuar nos dias solenes algum esforço particular para ter qualquer sentimento devoto, porque para a alma interna, em todos os dias, são iguais todas as festas e o mesmo se diz dos lugares sagrados, porque todos os lugares são iguais para elas.

34. Dar graças a Deus com a língua e com palavras, não é para as almas internas, que devem estar mudas sem criar nenhum impedimento a Deus, a sua ação sobre elas, e quanto mais se resignam em Deus, pelo que experimentam, tanto mais poderão dizer o Padre Nosso.

35. Não convém que as almas dessa via interna pratiquem obras, ainda que sejam virtuosas, por sua própria atividade, porque assim não estão mortas, nem devem praticar atos do amor a Nossa Senhora, aos santos, à humanidade de Cristo, pois sendo os objetos sensíveis, o é também o amor deles.

36. Nenhuma criatura, nem a Virgem, nem os santos devem ter assento em nosso coração, porque Deus só quer ocupá-lo e possuí-lo.

37. Em ocasiões de tentações, ainda que sejam furiosas, não deve a alma praticar atos explícitos de virtudes opostas, e sim permanecer no dito amor e na dita resignação.

38. A cruz voluntária das mortificações é pesada e sem frutos, por isso é necessário deixá-la.

39. As obras mais santas e as penitências que têm feito os santos não bastam para tirar da alma um só pecado.

40. A Virgem Nossa Senhora não praticou jamais uma obra exterior, e foi a mais santa de todas as santas; pode-se, pois, chegar à santidade sem obra exterior.

41. Deus permite e quer, para humilhar e fazer chegar à verdadeira transformação algumas almas perfeitas e ainda não endemoniadas, que o Demônio ocasione violências em seus corpos, e os faça cometer atos carnis, mesmo quando despertos, mas sem ofensa de seu

entendimento, movendo-lhes fisicamente as mãos e outros membros, contra sua vontade; e o mesmo se diz de outros atos por si mesmos pecaminosos, mas, no qual caso, não são pecados por não ter havido aí consentimento.

42. Pode dar-se o caso em que essas violências para atos carnis sejam ao mesmo tempo por parte de duas pessoas, como homem e mulher, e que as siga o ato entre ambos.

43. Deus, nos tempos passados, fazia santos por meio dos tiranos; hoje os faz por meio dos demônios, que, ocasionando-lhes as ditas violências, fazem com que eles mais se aviltem e se aniquilem em si mesmos, resignando-se em Deus.

44. Jó blasfemou e apesar *non peccavit labis suis*, porque foi por violência do Demônio.

45. S. Paulo padeceu em seu corpo semelhantes violências do Demônio, pelo que escreveu *non quod volo bonum hoc age, sed quod nolo malum hoc facio*.

46. Estas violências são o meio mais proporcionado para aniquilar a alma e fazê-la chegar à verdadeira transformação e união; para isto não há outro caminho, é o mais fácil e seguro.

47. Quando dão-se essas violências, convém deixar que obre Satanás, sem usar da própria indústria nem da própria força; fiquem-se no nada; e ainda que sucedam infusões impuras e atos obscenos com as mãos ou outros usos mais estranhos, não convém que a alma se inquiete e sim que deite fora os escrúpulos, as dúvidas e os medos, para que chegue a ser mais iluminada, mais mortificada e cândida e adquira a santa liberdade; e sobretudo, não lhe é mister confessar-se, antes procede santíssimamente não se confessando, porque assim vence o Demônio e ganha um tesouro de paz.

48. Satanás, que pratica tais violências, dá depois a entender que são delas graves faltas, para inquietar as almas e as impedir de se adiantarem no caminho interno; donde, para quebrar-lhe as forças, é melhor não confessar-se a alma, pois nem cometeu pecados veniais.

49. (Esta proposição contém uma blasfêmia contra o Santo Jó, tão horrível e obscena, que não fica bem traduzi-la em espanhol.)

50. Davi, Jeremias e muitos dos profetas santos padeciam dessas impuras operações externas.

51. Nas escrituras sagradas há muitos exemplos das violências, atos externos pecaminosos, como de Sansão, que, por violência, matou-se, com os filisteus, tendo-se casado com uma estrangeira e pecado com a Dalila, rameira, o que, por outro lado, eram cousas proibidas; e seriam pecados os atos de Judite, que mentiu aos assírios, de Eliseu, que amaldiçoou os meninos, de Elias, que, no tempo do rei Achab, procedeu como se sabe com os dois capitães; se tudo isto foi violência feita a Deus imediatamente ou por intermédio do Demônio, como sucede noutras almas, é cousa duvidosa.

52. Quando essas violências, ainda que impuras não ofuscam o entendimento pode então a alma unir-se a Deus e de fato sempre mais se lhe une.

53. Para conhecer quando a obra é feita com violência, a regra que sigo é somente observar os protestos que façam as almas de não terem concedido no ato e ver que são almas que aproveitam na via unitiva; se não governo-me principalmente por uma atual e superior luz ou pelos conhecimentos humanos ou teológicos que me levam a perceber com certeza e inteira segurança, que vem de Deus, porque vem juntamente com a segurança que ele me dá, não existir nem sombra de dúvida nesses casos, da mesma sorte que às vezes sucede que, revelando Deus alguma cousa, ao mesmo tempo assegura à alma que faz uma revelação, e a alma não pode ter dúvida em contrário.

54. Os espirituais, da via ordinária, acharam-se na hora da morte burlados e confusos, tendo de purgar todas as paixões no outro mundo.

55. Pela via interna se chega, ainda que com muito trabalho, a purgar e fazer morrer todas as paixões, de tal maneira que não se sente mais nada, nem se experimenta nenhuma inquietação, e, como se fora um corpo morto, a alma não se deixa distrair.

56. As duas leis e as duas vontades, uma da alma, outra do amor-próprio, duram enquanto dura o amor-próprio: donde, quanto este se purgou e ficou morto como se faz, pela via interna, não perseveram jamais as duas leis, nem as duas vontades, não se efetua mais desunião alguma, nem se sente mais cousa alguma, nem mesmo um pecado venial.



57. Pela contemplação adquirida se chega ao estado de não se cometer mais pecados, nem mortais, nem veniais.

58. Chega-se a tal estado não se fazendo mais reflexões sobre as próprias, porque os afetos nascem da reflexão.

59. O caminho interno está separado da confissão, dos confessores, dos casos de consciência, da teologia e da filosofia.

60. Às almas propectas, que começam a morrer para as reflexões ou que chegam a ficar mortas, impossibilitam Deus, algumas vezes, a confissão e a suprir com graça tão perseverante quanto a que receberiam do Sacramento, por isto não fazem bem essas almas, em tal caso, chegando-se ao Sacramento da Penitência, porque não podem fazê-lo.

61. Havendo chegado a alma à morte mística, não pode já querer outra cousa além daquilo que Deus quer, porque não tem mais vontade e Deus a desobrigou.

62. Pela via interna se chega estar imóvel continuamente, em uma paz imperturbável.

63. Chega-se por si mesmo, pela via interna, à morte dos sentidos e o sinal de se estar no nada, isto é, morto por morte mística, se manifesta quando os sentidos não representam mais as causas sensíveis, que ficam como se não houvesse tal cousa, porque não se lhes aplica o entendimento.

64. O teólogo tem menos disposição do que o simples para ser contemplativo:

1º porque não tem a fé bastante pura;

2º porque não é bastante humilde;

3º porque não cuida tanto de sua salvação;

4º porque tem a cabeça cheia de fantasias, espécies e especulações, por isto não pode entrar na verdadeira luz.

65. Aos superiores deve-se obedecer no exterior e a latitude do voto de obediência dos religiosos chega somente ao exterior; no interior é outra cousa, nele entra somente Deus.

66. É digna de riso uma nova doutrina na igreja de Deus, de que a alma, na ordem interior, se deve governar pelo bispo e se este não for capaz, corre a alma perigo; digo nova, porque nem as sagradas Escrituras, nem os cânones, nem as bulas, nem os autores o disseram ja-

mais, nem o podiam dizer, pois *Ecclesia non judicat de occultis* e a alma tem direito de eleger aquele que preferir.

67. Dizer que se deve manifestar o interior no tribunal externo dos superiores, sendo pecado não fazê-lo, é um manifesto engano, porque *Ecclesia non judicat de occultis*; e causa-se prejuízo às almas com esses enganos e essas ficções.

68. No mundo não há faculdade nem jurisdição para lavrar cartas de laureados relativas ao interior da alma, e, portanto, é necessário ficar-se advertido de que isso é um artifício de Satanás.

---

Todas as quais proposições condenam e censuram, como heréticas, suspeitas, escandalosas, blasfemas, ofensivas dos ouvidos piedosos, relaxantes e destruidoras da disciplina cristã e respectivamente sediciosas.

Condena à mesma censura quaisquer cousas que tenham sabido sobre elas, por palavras, escritos ou impressos.

Ainda mais, proíbe a qualquer pessoa falar, escrever, disputar, crer, defender, ensinar ou reduzir a prática de qualquer maneira, o que nela se contém.

Aos que fizeram o contrário priva *ipso facto*, perpetuamente, de todas as qualidades, graus, honras, benefícios e ofícios e os constitui inábeis para quaisquer deles; fulmina contra estes a excomunhão *ipso facto incurrenda*, da qual ninguém senão o Romano Pontífice (exceto em artigo de morte) poderá absolver. Além do dito, proíbe e condena Sua Santidade todos os livros, todas as obras impressas em qualquer lugar e língua, da autoria do mesmo Miguel de Molina, e determina que ninguém, de qualquer grau, condição ou estado, ainda que seja digno de especial nota, se atreva sob qualquer pretexto, e em qualquer idioma, já com as mesmas palavras, já com palavras iguais ou equivalentes, com o próprio nome ou outro, fingido ou estranho, a imprimir-las ou fazer que se imprimam. Item, veda ler os manuscritos e tê-los em seu poder e manda que os entreguem logo, sem dilação, aos ordinários dos lugares ou aos inquisidores contra a herética perversidade, debaixo das mesmas penas

acima postas e que os ordinários e os inquisidores as queimem e façam queimar logo, no momento.

Foi publicado e afixado este decreto de santa, romana e universal Inquisição nas portas do templo do príncipe dos apóstolos, no campo de Flores e em outros lugares do costume da cidade, por mim Francisco Perino Curloaden, padre e da Santa Inquisição no dia 3 de setembro de 1687. Descrevi fielmente João Filipe Bettendorff.

.....

## *Capítulo XXII*

CHEGA O PADRE MANUEL NUNES DO BRASIL COM  
ALGUNS TREZE SUJEITOS QUE LÁ ESTAVAM E  
COM OUTROS NOVOS, AO MARANHÃO, LEVA  
O PADRE SUPERIOR DA MISSÃO ALGUNS  
CONSIGO AO PARÁ, E DISPÕE QUE SE MUDE A  
ALDEIA DE MAREÚ PARA O TAPICURU

**A**OS vinte de outubro do mesmo ano 1688, dia das onze mil virgens, depois dos padres terem vindo do Reino e tomado um pouco de descanso, chegou do Brasil, em um barco comprado, o padre Manuel Nunes com treze sujeitos, parte dos que tinham sido expulsados pelo motim passado, parte dos que de novo mandou o padre Antônio Vieira, feito por então visitador da província do Brasil. Os sujeitos que tinham sido expulsados e vinham de Pernambuco eram os seguintes: os padres Antônio Gonçalves e Diogo da Costa, os irmãos Manuel Rodrigues, Manuel da Silva e João Geraldo Ribeiro; os que vinham da Bahia com o padre Manuel Nunes eram o padre João Ângelo, romano, os irmãos Tomás Carneiro, Tomás do Couto, José da Fonseca, que depois se despediu, Cláudio Gomes, Miguel Pereira, e José Carvalho e o padre Francisco Soares, que também foram despedidos da Companhia.

Alegrou-se todo o Colégio do Maranhão com tão grande socorro para a missão, e foram agasalhados todos com muita caridade; ficou no Brasil o padre Pero Poderoso com outros vários, dos quais alguns faleceram, outros ainda lá estão acabando seus estudos. Lá faleceram o Padre Pero Poderoso, o Padre Gonçalo de Veras, o irmão Antônio Ribeiro, coadjutor temporal, todos belos sujeitos e que tinham trabalhado muito na missão.

A ocasião de suas mortes foi a do grande zelo com que iam acudir aos índios da Serra, resolvendo morar com eles para acudir às suas almas; mas Deus, contentando-se de sua boa vontade, os levou todos para si, querendo morresse só na empresa o padre Poderoso, na viagem por mar, e os outros pelo Ceará. Foram grandes missionários todos, e sobre todos os padres que eram dos mais velhos da missão, e não houve quase residência em que eles não assistissem com muito zelo e louvor. Trouxe o padre Manuel Nunes consigo a Francisco, filho da Ilha, já feito marceneiro na Bahia, onde ajudou a fazer as belas obras da famosa sacristia do Colégio, que o padre Alexandre Gusmão fez de casca de tartaruga admiravelmente bem, e trouxe também umas plantas de canela das quais só uma escapou, plantada no quintal, junto àquela da Índia que Sua Majestade me tinha dado e mandado embarcar para o Maranhão, dando-lhe água para a regar pelo mar.

Repartiu o padre superior Iodoco Peres esses novos sujeitos, levando uns consigo ao Pará e deixando os outros no Maranhão. O padre Antão Gonçalves ficou para estudar teologia com os que tinham vindo do Reino, tendo por mestre o padre José Ferreira, o qual, não satisfeito de ler teologia eclesiástica aos nossos, também leu moral em uma sala ou cubículo grande do corredor novo que mandei logo aparelhar para este fim; o padre Manuel Nunes aparelhou para suas conclusões *ad grandum*, que ao cabo defendeu muito bem.

Tomás do Couto se aplicou para mestre de latim, que ensinou com muita satisfação, concluindo tudo com uma tragédia pública em que levou o aplauso de todos; o irmão Silva ficou no Colégio e se aplicou às obras da igreja nova; o irmão Manuel Rodrigues, semeando roça para governá-la em companhia do padre João Ribeiro, onde depois fez a igreja nova com seu retábulo, pondo entalhador a Francisco com Miguel; o irmão Geraldo Ribeiro se mandou a Mareú por companheiro do

padre Sebastião Pires, com ordem de mudar os currais do Meari para aquela banda, como fez com grande diligência e muito trabalho seu, porém, não menos proveito do Colégio, que hoje dele se sustenta. Os mais padres levou-os o padre superior consigo para o Pará, deixando encomendado pusessem e aparelhassem tudo para os estudos, e mudassem a aldeia dos guajajaras do Mareú para a banda do Tapicuru, para dar cumprimento a uma ordem de Sua Majestade, que Deus guarde, sobre esta mudança.

Partiu o padre superior Iodoco Peres com seu companheiro, o irmão Antônio Ribeiro, que era o que o acompanhava nas suas viagens, e com os mais que levava, vindos do Brasil. Vendi o barco, dando a metade do preço ao Colégio do Pará, e feito isso, tratei de acabar o corredor novo, mandando pô-lo ao nível do outro, levantar as paredes e assoalho todo com os cubículos e rebocá-lo, deputando o maior deles para a teologia e um dos outros de baixo, para banda da rua, para a classe do latim. Mande também consertar e cobrir a ermida de São Marcos e fazer-lhe um retabulozinho, pondo-lhe um belo painel de Nossa Senhora e uma imagem de vulto de São Marcos, feita e pintada de novo com suas portas fechadas, além disso mandei cobrir a ermidinha de S. Francisco, na ilha, pondo-lhe sua varanda para banda do mar, para os padres poderem lá estar nos dias do santo, acomodando outra casa para o mesmo efeito; finalmente fiz pôr em via a olaria e salinas e fazer corrente tudo o mais para o bem do Colégio, à custa da indústria e trabalho do irmão Manuel da Silva, a quem muito se deve pelo que obrou em obras da ilha e todas suas anexas, como se vê até o presente.

Posto tudo isso em caminho, com a roça de Anindiba, que estava cometida à diligência e indústria do padre João Ribeiro e do irmão Manuel Rodrigues, que, depois de tirado de lá o padre Carrea, ficou só, com grande satisfação, tratei de mudar a aldeia de Mareú, dos índios guajajaras, para o Tapicuru, em um sítio chamado Nazaré, que alguns moradores daquela banda tinham gabado muito ao padre superior, como muito acomodado para uma bela aldeia, pois tinha boa vista e viração por estar em um alto da banda do Muni, e ao longo de si, conforme diziam, belos rios para pescaria e terras ricas para mandioca e muito algodão. Bem sabia eu pelas informações dos homens portugueses e índios que anos havia lá tinham morado, que não prestava para nada o

dito sítio e que não tinham mais que aquela bela vista, mas nem terras tinha para[...] senão por um ano, por estar cercado tudo de uns alagadiços, nem tinha águas boas e abundantes, assim para beber, como para botarem os índios de molho suas mandiocas para fazerem farinha da água, e que os índios guajajaras repugnavam de se descerem para lá por medo dos tapuias de curso, que continuamente andavam pelos arredores daqueles rios Tapicuru e Muni. Contudo, obedecendo às cegas, persuadi o quanto pude, com o padre Sebastião Pires, aos índios a mudança, e desceram-se com eles alguns, ficando os outros na aldeia de Mareú com o seu principal Pero, e fugindo os mais para Caiarama, paragem de seus matos, onde davam belissimamente os mantimentos todos, nem lhes faltavam carne, nem peixe, nem jabutis, nem boas águas, com boas frutas, que é o que os índios todos buscam para sustento da vida humana.

Custou aquela mudança perto de uns duzentos mil réis ao Colégio, que se gastaram parte em ferramentas necessárias para roçarem os novamente descidos, parte em farinhas, com que foi necessário sustentá-los por um ano inteiro, enquanto não podiam ir valer-se de suas roças, que passavam de cem mil covas, além de um grande algodoal que eu lhes tinha feito fazer. Assistiram-lhes o padre Sebastião Pires e o padre Diogo da Costa, para animá-los naqueles primeiros princípios.

O padre Diogo da Costa bem viu logo que se cansavam de balde, mas nunca se desenganou o padre Sebastião Pires. Houve logo grandes queixas dos índios sobre os mantimentos e águas, atribuindo o padre Sebastião Pires tudo à sua pouca vontade de quererem estar fora de seu rio de Pinaré, farto em peixe, carne e mantimentos; e como esta mudança se tinha feito por seu parecer em boa parte, e mais pelo parecer do padre superior da missão Iodoco Peres, contra o meu, não pela consciência senão puramente por obediência, quiseram continuá-la, sem embargo de verem que sem alavanca de ferro não se podia abrir uma sepultura, quiseram se fizesse igreja de taipa e aldeia, sem ter água que prestasse, porquanto se cansassem os pedreiros da casa a fazerem uma fonte que pudesse servir. Adoeceu lá o padre Diogo da Costa, e após ele o padre Sebastião Pires gravemente de uns flatos que o obrigaram a vir ao Colégio, onde por muito que tratassem dele assim o caritativo irmão Manuel Lopes, muito experimentado em medicina, como um médico do Reino, grande amigo seu e meu, não o puderam dar são, como pretendi-

am, porque, tendo-se-lhe mitigado as grandes dores que padecia, levantou-se um dia de quinta, estando eu com o padre mestre José Ferreira na ilha, foi-se à horta e passeou pelos corredores, porém repetiu-lhe o mal de repente com tanta veemência que, mandados chamar logo, lhe demos os Sacramentos da Igreja, e com eles faleceu santamente aos dez de novembro do ano 1688, pela meia-noite pouco mais ou menos. Era o padre Sebastião Pires religioso de muita edificação, amado e estimado de todos não só pelo talento que tinha de pregar, fazendo-o no Colégio do Maranhão, mas por suas raras virtudes e bom coração para com todos. A ele se deve o muro de taipa de pilão com que cercou a cerca todas, em tempo da expulsão dos padres do Maranhão, sendo vice-reitor até à minha chegada, e não há dúvida que merecia muito ser superior da missão e muito mais se Deus o não chamara para si para lhe dar o prêmio dos seus apostólicos trabalhos naquela idade, que lhe prometia ainda muitos anos de vida. Enterrou-se na igreja velha de Nossa Senhora da Luz, com grande concurso e sentimento de todos os que o tinham conhecido, e sobretudo dos nossos que com ele tinham perdido um tão belo e grande sujeito em tudo. Iam, entretanto, aproveitando os novos teólogos debaixo de um tão grande mestre, como era o padre José Ferreira, de sorte que não cediam em nada aos de Coimbra e Évora, donde vinham estudar curso, e defendiam as conclusões públicas com admiração dos que concorriam para os ouvir, e mais dos que vinham argumentar, pois nunca tinham ouvido em o Estado do Maranhão discípulos tão destros e acertados quanto a responder e saltar todas as dificuldades que se lhes opunham. E porque merecem que viva a sua lembrança na memória dos vindouros, quero nomeá-los aqui todos o padre Inácio Ferreira que, logo depois de acabar, leu filosofia e teologia, o padre Francisco Poderoso, belo engenho, mas que não teve prudência para se conservar em a Companhia, o padre João da Silva, natural do Maranhão, bom pregador, o padre Manuel da Costa, coimbreense, experto pregador, muito gabado, o padre João de Avelar, religioso e pregador insigne, o padre Antão Gonçalves, pregador zeloso, o irmão e agora padre João Valadão, que por falta de idade não estava ordenado, belo sujeito, bom pregador; o padre Manuel Rabelo que tinha estudado grande parte no Reino, adotou já clérigo sacerdote em Cotovia de Lisboa e é sujeito de muita virtu-



de; discípulos do moral nossos não havia senão Domingos Macedo, dos de fora vários, entre os quais o nosso vigário da vara, José Gonçalves.

Não se contentou o padre mestre José Ferreira de ler a seus discípulos a teologia especulativa e moral, porém quis além disso ensiná-los a praxe da teologia mística, levando de comer aos presos em corpo, com seu caldeirão e pratos de iguarias armados de flores, pelas ruas públicas, cada mês, quando menos uma vez, vencendo nisso os padres do Reino que só pela quaresma da semana santa dão este grande exemplo de caridade em as cidades onde assistem; não falo nos catecismos e pregações que já ele e seus discípulos faziam não somente em nossa igreja, mas ainda nas de fora, pela cidade, com grande crédito de nossa companhia.

.....

*Capítulo XXIII*

ADOECE E MORRE DOM GREGÓRIO DOS ANJOS,  
SENHOR BISPO DO ESTADO DO MARANHÃO,  
EM 12 DE MARÇO DE 1689, ASSISTINDO-LHE  
O PADRE JOSÉ FERREIRA ATÉ EXPIRAR,  
E RETIRANDO-ME EU PARA LHE FAZER  
O SERMÃO FÚNEBRE DE CORPO PRESENTE

**E**STANDO o padre superior Iodoco Peres no Pará, houve pleito entre o visitador, padre Manuel de Almeida e a Câmara, que chegou a tal extremo que o quis prender. São histórias largas que, como não foram à minha conta, as passo em silêncio; só faço aqui de passagem menção para se saber o fundamento do perdão que se pediu ao senhor bispo para a Câmara do Pará, estando ele para morrer, assistindo-lhe com os clérigos e o padre Mestre José Ferreira, lente de teologia.

Pediu-lhe o padre José Ferreira que levantasse enquanto pudesse uma excomunhão em que os camaristas do Pará tinham incorrido, e era devoluta a Sua Santidade se ele não acudisse. Fê-lo, perdoando a todos; com muita vontade, e perguntou se dele queríamos mais alguma cousa, porque nos faria com grande vontade e gosto estando em sua mão, e respondendo-lhe os padres que bastava, começou a desfalecer e entrar pouco depois em agonia de morte. Vendo eu o aperto em que es-

tava, mandei despregar – uns painéis da sala em que estavam retratados ao vivo S. Lourenço Justiniano, seu santo fundador e S. Gregório Taurmaturgo, seu padroeiro, e mais o venerável padre Apolinas, bispo, seu irmão, o qual foi martirizado em Etiópia pela fé de Cristo, e lhes mandei pôr à vista, com que se alegrou muito, e se foi entrando mais às andas da morte, fazendo-lhe o padre mestre José Ferreira os colóquios e atos de fé, esperança, caridade, e arrependimento, lembrando-lhe o Santíssimo nome de Jesus e Maria, até dar a alma a Deus Nosso Senhor, com muita paz e quietação aos 12 de março do ano de 1689, festa de S. Gregório, papa. Foi enterrado no dia seguinte, com todo o aparato e solenidade na Sé da cidade de S. Luís do Maranhão, bem pelo meio, onde começa o corpo da igreja, junto do degrau de pedra mármore que cobre sua sepultura, que ele trouxe para isso, quando veio de Portugal. No dia seguinte, entre às 9 e 10 horas da manhã, disse-lhe missa cantada de corpo presente, assistindo as religiões, Senado e nobreza, com muita gente do povo que concorria, e fiz-lhe eu, como muito seu amigo, a oração fúnebre, por não se achar quem pela brevidade do tempo que havia entre o seu falecimento e enterro quisesse tomá-la à sua conta.

Teve esse Senhor não pequenas nem poucas dificuldades com os que governavam, e não faltaram contra ele queixas à Corte, pelas quais Sua Majestade lhe mandava seus avisos; porém era prelado de mui bom proceder e de boa consciência e se tinha diferenças com os que governavam não era senão porque tratava de guardar sua jurisdição, e de introduzir o respeito que se deve à dignidade episcopal, tão pouco conhecida pelas terras do Maranhão, onde ele era o primeiro bispo, e depois não houve outro até o ano de 1697 quando o reverendíssimo e ilustríssimo D. Frei Timóteo do Sacramento lhe sucedeu no bispado. Estando o padre Antônio Pereira, reitor do Colégio do Pará, e o padre Pero Luís Gonsalvi ausente no Maranhão, teve alguma diferença com os padres sobre a provisão para as confissões, querendo lhe pedisse cada um deles a sua parte, mas pouco depois veio em tudo o que os padres lhe pediram e ficou deles muito amigo, vindo-se confessar com o mesmo padre reitor em tempo das Endoenças. Houve alguns que tinham para si dera alguma asa de palavra ao levantamento do povo do Maranhão, mas o tempo mostrou que tudo foi uma presunção fundada em fundamentos mui fracos, e não houve nada além de cousa de pouca substância e

momento, e assim depois sempre se correu belissimamente conosco, nem tivemos de que nos poder queixar dele em cousa nenhuma.

Fizeram os do Pará queixas dele a Sua Majestade, dizendo formara uma aldeia de índios forros para banda de Carnapió, que chamara de S. Gregório, para se servir dela nas ocasiões de suas viagens; estranhou-lhe por carta Sua Majestade, e queria se lha tirasse para se reporem os índios dela em suas aldeias; porém nem o padre Iodoco Peres, por então superior da missão, nem eu, que depois lhe sucedi, nem outro nenhum, tratamos disso por ser cousa de pouca substância, e os índios mesmo se retirarem pouco a pouco, ficando mui poucos até o dia presente em a dita aldeia, ainda que cada ano sempre se faz lá a festa de S. Gregório Taumaturgo, em sua igreja, com toda a solenidade, à custa dos moradores brancos vizinhos dela.

.....

## *Capítulo XXIV*

VAI O PADRE ALUÍSIO CONRADO PHEIL  
COM OS PORTUGUESES EM BUSCA DOS OSSOS  
DOS PADRES MORTOS EM ÓDIO DA FÉ EM O  
CABO DO NORTE PELOS TAPUIAS EM 1688

**A**OS 11 de maio de ano de 1689 tratou o padre Aluísio Conrado Pheil de ir em companhia de alguns homens portugueses, em busca dos ossos dos dois padres mortos e queimados na ilha de Camunixari pelos oivanecas, apesar de se terem os moradores de lá retirado para o mato, para não serem participantes de um tão horrendo crime.

E como quer que lhe era humanamente impossível acertar o lugar se não houvesse quem tivesse notícia dele e lho mostrasse, porque, ainda depois de queimados os corpos, tinham os matadores enterrado os ossos, não para lhes dar sepultura, mas para tirarem toda a memória deles para sempre, quis a Providência Divina que os portugueses prendessem sobre o mar um índio, por nome, Itapari, inimigo e depravado bárbaro, porém sabedor do que se buscava, por se ter achado presente, e ter sido cúmplice de toda a sacrílega maldade que com os padres se tinha usado.

Este índio Itapari, de repente, como movido do Céu que quis descobrir os ossos de seus dois servos, prometeu e deu palavra ao padre

Aluísio Conrado Pheil, que mostraria fielmente o lugar onde os matadores tinham escondido e enterrado os ossos dos padres, depois de mortos, enforcados e queimados os seus corpos.

Com esta promessa foram à ilha de Camunixari, o sem embargo de terem já passado uns meses depois da sacrílega matança e enterro dos ossos, e terem chovido muitas águas sobre os lugares que se pretendia achar, contudo como na casa em que se queimaram os corpos tinha ficado o pedaço de um esteio que se não queimara, mostrou, daí a uns nove passos do porto, o lugar do enterro dos ossos do padre grande Antônio Pereira. Abriam-no com muita veneração e acharam o casco da cabeça, alguns dentes, as canelas dos braços e das pernas, e outros pedacinhos, com duas cruces de caravaca, uma inteira e outra meia quebrada; e daí a seis passos, para a banda direita acharam também enterrados os ossos do padre Gomes, os quais estavam mais espalhados, faltando uma canela, que um tinha levado para fazer dela uma gaita.

Todo o referido testificaram quatro brancos, que estiveram presentes a tudo, e em cuja vista o padre Aluísio recolheu os ossos e depois de fechados debaixo de chave, os entregou ao padre superior Iodoco Peres, no Pará, aonde chegou meio morto de doença, que lhe deu no cabo do Norte na sua missão. Aos doze do mesmo mês de maio do ano 1689, levantou o padre Aluísio uma capelinha de palmas sobre a sepultura do padre Antônio Pereira, e disse uma missa votiva à honra de nosso Santo Patriarca Inácio; acabada ela, fez levantar ali uma cruz de altura de trinta e quatro palmos fora do chão, e outra sobre o lugar da sepultura do padre Bernardo Gomes de altura de vinte palmos. Somente concorreram para essa santa função, além dos portugueses, três índios principais com suas enxadas, ficando liberalmente remunerado o índio Itapari, sem cuja ajuda não era possível descobrir cousa alguma com o acerto que se requeria.

Tudo em cima referido, tirei de um apontamento do padre Aluísio, o qual conclui assim: *Hoec omnia substantialia a me dicta est hic scripta vera esse juro. Sic me Deus adjuvet et hoec tanta Christi Evangelia remaneant*, que em nosso português quer dizer assim: Todas estas cousas aqui por mim relatadas e escritas juro serem verdadeiras, assim me ajude Deus e estes seus Santos Evangelhos permaneçam.

.....

## *Capítulo XXV*

MANDA O PADRE SUPERIOR DA MISSÃO IODOCO PERES  
AO PADRE JOÃO ÂNGELO COM O PADRE JOSÉ BARREIROS  
À NOVA MISSÃO DOS IRURIZES

*P*

ÔEM o padre Antônio da Fonseca entre os tupinambaranas, e o padre João Carlos em Curupatiba. Tinha o padre João Ângelo vindo do Brasil em outubro do ano de 1688, mandado pelo padre Antônio Vieira, visitador da província para esta missão do Maranhão, e não tendo feito em a cidade de S. Luís mais que quinze dias de demora, partiu com seis religiosos para o Pará, onde chegou pela festa de S. Francisco Xavier; e como vinha com intenção de ser o primeiro missionário do rio da Madeira, onde o padre superior destinava de fazer nova missão na aldeia dos irurizes, mandou-o para lá pelas festas do Natal, dando-lhe por companheiro o padre José Barreiros.

Foram-se com grande ânimo e gastaram três meses de viagem sem perigo, tirado o ponto onde se acharam uma noite três vezes sobre três caldeirões, nos quais a muita correnteza das águas os lançou com incrível fúria para o meio, e três vezes os tornou a lançar para o mato, valendo-se dos arvoredos para não ficarem sepultados sob as águas. Chegados à boca do rio dos irurizes, dois dias distante da aldeia, topa-

ram com o principal Mamorini que vinha em uma canoa grande remada por quantidade de mulheres, trazendo um só índio criado seu consigo; este, como depois souberam, ia fugindo de se encontrar com os padres, pelas más práticas que os brancos que assistiam na aldeia lhe tinham feito, dizendo-lhe que os padres iam tirar-lhe as suas mulheres, filhos e filhas, e que os haviam de açoitar e maltratar.

E porquanto que o padre João Ângelo lhe persuadissem que tornasse atrás, nunca quis fazê-lo, dizendo-lhe ia fazer farinhas em uma roça sua; com que os padres se foram da aldeia sem ele, e como quer que os ditos brancos à vista deles falaram diversamente aos índios do que lhe tinham falado dantes em sua ausência, e o padre João Ângelo mandou dizer ao principal Mamorini que se não viesse logo para a aldeia se voltaria para o Pará, veio finalmente e sem dificuldade se desenganou de todos os aleives que contra os padres se tinham levantado; e assim mandou aviso a todas as aldeias pertencentes aos irurizes para que viessem visitá-los. Vieram eles com seus costumados presentes, aos quais o padre João Ângelo correspondeu conforme a pobreza que consigo levava; depois disso deu-lhes parte a todos como lhes vinha mostrar o caminho verdadeiro do Céu pela insinuação da fé católica, e pelo santo batismo que lhes vinha dar para fazê-los filhos de Deus, e livrá-los do Inferno e escravidão do Diabo; avisando-os e exortando fizessem suas igrejas para o cultivo divino, com umas casas em que se pudessem recolher os padres quando os fossem ver em suas aldeias; com isso foram-se todos mui satisfeitos, e os padres deram logo ordem a fazer-se igreja e residência em a aldeia de Ururi, onde se achavam alguns brancos tratando de cacau que há muito e bom por todo aquele rio, e se estima por melhor do Estado todo, pela grandeza e doçura que tem maior do que em outras partes fora do rio da Madeira.

Assistiram lá os padres perto de um ano, ensinando a todos os mistérios da nossa santa fé, acudindo aos adultos com o batismo na hora da morte, e batizando os meninos em tempo que achavam mais conveniente, tudo com grande fruto e satisfação dos índios, cujas aldeias procuravam. Já falei em um capítulo atrás do rio Madeira e das terras, águas, ares, peixe e caça do mato, e mais alguns usos e ritos dos irurizes, agora acrescentarei o modo como se repartem e governam, e para não



errar seguirei o que o padre João Ângelo me deixou em um apontamento que lhe pedi sobre esta matéria.

Governam-se as aldeias os irurizes com principais eletivos de tal sorte, que o mais capaz entre eles é o que sucede pela morte de seu principal; e em as aldeias só os que são parentes podem ter casa à parte, porque os vassallos moram em roças dos que os governam, com que as aldeias contém somente principais, os quais elegem sobre si um cabo, que é como cabeça de todos. Havia no tempo que lhes assistiu o padre João Ângelo com o padre José Barreiros, cinco aldeias grandes desta mesma nação; a primeira de irurizes, a segunda de paraparixanas, a terceira de aripuanas, a quarta de onicores, e a quinta do tororizes, além de algumas aldeotas de pouca consideração, porém estas cinco continham mais de vinte aldeias, porquanto cada roça daqueles principais era uma boa aldeia de vassallos.

Os padres missionários para melhor governo de todas elas, assim em o temporal como em o espiritual, que lhes competia pelas leis de Sua Majestade, mandam chamar um dia os principais todos para lhes dar melhor informações dos intentos de sua vinda para suas terras.

Obedeceram logo todos e para que de um se conheça o modo com que chegam, referirei somente o do Paraparixana, que era o mais vizinho e veio pelo modo seguinte.

Chegou uma tarde ao porto da aldeia com grande número de canoas, e sem se desembarcar alma viva mandou um mensageiro dar parte ao principal Mamorini como era chegado principal Paraparixana, e assim, estando todos dentro de suas canoas, sem se bulir em cousa alguma, pela manhã tornou a mandar segundo recado, pedindo licença de sair para terra. Estes recados todos trazia logo o principal missionário aos padres pedindo-lhes seu consentimento; com ele finalmente começaram a vir para a aldeia com grande número de índios carregados de mil curiosidades, de assentos, de bordões, tapiocas e beijus e estes eram mimos que o principal Paraparixana mandava adiante de si a todos os moradores daquela aldeia. Atrás destes ia uma tropa de mancebos pintados a mil maravilhas, os quais andavam dois em dois, com grande modestia e compostura, e, levando seus arcos e flechas pela mão, se encaminharam para casa do Paricá; após deles começaram a vir os moradores da aldeia do Paraparixana, os quais traziam nas mãos umas varas ra-

chadas e abertas pela ponta, em sinal que tinham vassalos, e eram fidalgos entre os seus e por isso também cada qual deles levava uns pajens adiante de si com arco e flechas pelas mãos; finalmente ao cabo de todos estes fidalgos vinha o Paraparixana, vestido de seda verde, com um terçado arvorado em a mão, e assim como levava diante de si grande número de pajens, também o seguia em ordem uma grande multidão de vassalos.

Passou toda esta procissão pela porta da residência dos padres e não obstante estarem lá eles e o principal Mamorini que lhes estava explicando os passos daquela entrada e os nomes dos principais, contudo nenhum deles se atreveu a falar nem a olhar para eles, e assim foram à casa do Paricá, onde se lhes armaram as redes e os jacazes, e assentados aqui todos pediu o principal Mamorini licença aos padres de os ir visitar, assim como ele foi foram também em sua companhia os mais principais da aldeia, e, assentados uns defronte dos outros, mandou logo o principal Paraparixana dizer ao padre João Ângelo que ele era chegado, e que ele desejava sumamente que viesse. Ele logo veio com todo o seu acompanhamento à porta da casa da residência, porém ele só entrou dentro fez-lhe a visita e daí tornou outra vez para a casa do Paricá, onde de todas as casas da aldeia lhe foi um presente para o jantar, e jantaram alegremente todos, porém sem vinhaça alguma, e aí estiveram quatro ou cinco dias, sem nunca entrarem em casas daquela aldeia, não obstante que tinham aí seus parentes mais chegados por estarem casados uns com os outros; finalmente quando se quiseram ir para a canoa, então foram correndo todos juntos, por todas as casas donde as mulheres lhes davam seus mimos para a viagem.

Foram quatro as aldeias que o padre João Ângelo desceu para mais perto do rio da Madeira, e só os irurizes não se quiseram descer, mas não foi dificultoso reduzi-los a que se deixassem instruir na fé. Têm eles para si que derivam de uma deusa que veio do Céu a aquelas suas terras parir cinco filhos, os quais edificaram as cinco aldeias, e como quer que a dita deusa comesse inadvertidamente peixe diante de seus filhos, foi-se logo envergonhada para o Céu e nunca mais apareceu na Terra.

Não há dúvida que crêem haver demônios que os molestem, quando lhes não pagam todos os anos seus tributos de vinhos e beijos, e para isso lhes fazem umas festas anuais.

Os principais enterram-se dentro de uns grandes paus furados a modo de grandes pipas, e ali também enterram viva a sua manceba mais querida e o seu mais mimoso rapaz.

Tudo isto lhes tirou logo o padre José Ângelo e o padre José Barreiros, e já se iam fazendo cajazes de batismo quando o padre João Ângelo adoeceu gravemente, e foi obrigado a vir curar-se ao Pará com o padre José Barreiros, que também ficou muito maltratado de sua saúde. Já estavam mudadas as sobreditas quatro aldeias quando se vieram os padres, e se foram aperfeiçoando com belas casas de sobrado, com suas lojas por baixo, de que todos os brancos que lá iam ficavam admirados. Até aqui o princípio da missão dos irurizes da qual se falará depois em seu lugar.

Por aquele tempo formava o padre Antônio da Fonseca com grande zelo a aldeia dos tupinambaranas, acrescentando-a com gente nova, fazendo igreja e casas bonitas, acudindo juntamente aos andirazes com a doutrina e os sacramentos.

E o padre João Carlos, com fervor não menor, governando a aldeia de Guarupatiba com suas anexas, Tapajós, Goçari, Urubuquara, Jaguaguara, ia fazendo igreja e casas novas, provendo a residência de ornamentos de chamalote de várias cores, e tudo o mais necessário para se levar o Senhor aos moribundos com toda a decência devida.

.....

## *Capítulo XXVI*

CHEGA O PADRE JOÃO MARIA, E PARTE O  
PADRE SUPERIOR IODOCO PERES  
PARA O MARANHÃO, E REPÕE  
OS GUAJAJARAS NO MAREÚ  
DO PINARÉ

**V**OLTOU do sertão o padre João Maria com a tropa de André Pí-  
nheiro, trazendo em sua companhia o padre Samuel Fernandes, alemão,  
missionário dos Cambebas, que como já se disse atrás, se vinha curar no  
Pará; e como trazia muitos escravos e vários minerais de ouro e prata,  
nunca tropa veio mais aceita que esta, por se persuadirem os moradores  
que tendo-se achado tão ricos minerais, fácil seria a fundição deles, para  
ficarem enriquecidos todos.

Deu o governador Artur de Sá parte de tudo a Sua Majestade,  
mandando-lhe juntamente amostras dos minerais, e informando-o da  
chegada desse padre Samuel Fernandes Fritz, missionário das missões  
de Quito.

Tendo o padre superior dispostas as cousas das residências da  
banda do Pará, deu outra chegada ao Maranhão, passando pela residên-  
cia do Caeté, onde assistia o padre superior Iodoco Peres; tinha-me dito  
que visse eu se podia descer o restante dos guajajaras, postos em Capiti-

ba, onde o padre João Maria já tinha ido descer alguns. Ficava eu nisso sem embargo de minha muita idade, e já tinha mandado emparelhar a canoa grande com os remeiros e tudo o mais necessário para a dita viagem, quando pela mesma noite antecedente, estando eu já bem emparelhado, me inspirou Deus Nosso Senhor tão fortemente o coração que não fosse, que com admiração do Colégio desisti totalmente do meu intento, e me determinou de ir a Nazaré, onde assistia o padre Diogo da Costa, em lugar do defunto padre Sebastião Pires, para levar de lá os índios todos outra vez ao Mareú, sobre o rio de Pinaré. As razões que me moviam para isso era ver que nenhum guajajara estava em Nazaré por vontade e gosto seu, que o principal Pero e muitos deles se não queriam descer, e outros se mudaram para Caiaramá, outros também fugiam para Capitiba, com que não convinha por nenhum modo ir descer os parentes daqueles que, descontentes da mudança, iam fugindo para seus sertões.

Estando eu nesta resolução de acudir com o remédio antes que todos se acolhessem para o mato, chegou o padre Iodoco Peres ao Maranhão, e dando-lhe eu, como reitor do Colégio, conta de tudo o que se passava, oferecendo-me a penitência merecida, se indo ele em pessoa achasse o contrário do que eu lhe dizia, logo, como varão zeloso, se foi em a mesma canoa, levando consigo a canoa grande de Santo Inácio, e como achou ser de real verdade tudo como eu lhe tinha referido, desenganado finalmente das queixas dos mesmos índios e índias, com uma resolução digna de sua muita prudência, embarcou toda a aldeia em peso, e tornou a levar ele mesmo em pessoa a todos para o Mareú, onde ainda ficava o principal Pero, tendo-se já acolhido os outros para o sítio de Caiaramá, muito abundante de tudo, mas menos sadio.

Mandou-lhes pouco depois o padre Baltasar Ribeiro com o irmão Geraldo Ribeiro para os governar, assim quanto ao temporal como ao espiritual, estando o padre Antônio Coelho entretanto em sua aldeia de S. José, com o cuidado, que de sua muita virtude todos devem presumir.

Não é crível quanta moléstia e dano deu ao Colégio essa mudança da aldeia do Mareú para Nazaré de Tapicuru, mas tudo se deve ter por bem empregado, pois com ela mostraram os padres sua muita obediência às leis de Sua Majestade, que queriam se fizesse quanto pu-

desse ser, e como assim se fez não há mais que fazer, salvo se quisesse Sua Majestade e seus ministros que a dita aldeia se perca de tudo, acolhendo-se para o seu sertão, como já se acolheram muitas vezes muitos índios dela, sem embargo do bom trato que lhes davam e dão sempre os padres, só pelo aborrecimento que têm de trabalhar para os brancos, e se terem descido com condição de lhes não servirem, e finalmente por serem índios pusilânimes e preguiçosos, que fugiram para o cabo do mundo para não irem ao Tapicuru, onde o gentio do curso, como caicaízes, uruatizes e outros, andam continuamente matando os escravos dos brancos e os brancos mesmos, sem se lhes poder acabar de dar remédio depois de tantos anos, tudo isso sem falhar sobre o muito que custou aos padres repô-los em seu ser antigo, por que, como os índios tinham desamparado suas roças, com aquela mudança, em Mareú e em Nazaré lhes não renderam nada as que lá tinham plantado por entrar em por elas os tapuias e lhas comerem e destruírem, de sorte que nem maniva acharam para plantar outra de novo, e lhes foi necessário que eu os ajudasse para as ir mendigando pelas roças dos brancos e levar em canoa do Colégio, ficando os pobres um ano inteiro vivendo como bichos do mato, sem ter outra farinha, que a que lhes davam pelo amor de Deus os seus parentes que tinham ficado no Mareú, quando eles se mudaram para Nazaré.

Perdoe Deus a quem aconselhou Sua Majestade uma tão pernicioso mudança, com perda de tantas almas que por ocasião dela se perderam, fugindo para os seus sertões sem nunca mais aparecerem; eles darão contas a Deus da condenação daquelas almas, que, vindo buscar sua salvação, a perderam, pelo zelo indiscreto de alguns mal informados, para que daqui por diante desistam por uma vez da pretensão da descida desses índios guajajaras. Saibam que desceu os primeiros o padre Manuel Nunes, com licença, para serem filhos de Deus e dos padres da Companhia de Jesus, e que os segundos e mais se desciram sempre com condição expressa posta por eles ao padre João Maria e a mim, ao padre Antônio da Silva, que não desciam senão para serem filhos de Deus e dos padres, e não servirem nunca aos brancos, e com essa condição se vieram e se conservaram, sem quererem vir por nenhum modo em outra cousa, e fugiram para suas terras quando lhes veio suspeita de qualquer outra disposição. Isto declaro aqui para que o saibam os vin-

douros e não[...] o contrato feito com eles pelos padres que os desceram, e por mim que os recebi, sendo reitor do Colégio do Maranhão, e os mandei buscar fugidos em muita parte para Caiaramá pelo padre Antônio Ribeiro que lhes mandei só para este fim, e o Padre os tornou a trazer com muito trabalho seu.

Acabada a mudança dos índios guajajaras para o Mareú sobre o rio Pinaré e terra sua, não achando o padre superior que mandar quanto ao Colégio nem quanto à aldeia de S. José, onde assistia o padre Antônio Coelho, com um irmão estudante vindo do Caeté, aí assistindo o padre Francisco Ribeiro, com grande satisfação, tendo sucedido ao padre Antônio Vaz, o qual tinha levantado essa residência com sua igreja e casas que hoje lá se acham, acrescentadas de alguns ornamentos da igreja que fez vir o padre Francisco Ribeiro, houve este ano as quarenta horas, as práticas, a Quaresma e o Sepulcro, e tudo o mais com o concurso e devoção que se costuma, sem faltarem confissões e comunhões, assim de brancos como de índios do Colégio do Maranhão; não se faz menção das doutrinas e batismos em as aldeias, porque é cousa escusada falar do que todos sabem, e é cousa quotidiana por todas as missões e que de si mesmo se dá a entender.

# LIVRO VIII

PÕE-SE A MISSÃO EM ESTADO MAIOR  
E SUA ÚLTIMA CONSISTÊNCIA





.....

## *Capítulo I*

CHEGA A GENTE DE UM NAVIO QUE, PERSEGUIDO  
DOS PIRATAS, DEU À COSTA, E POUCO DEPOIS  
A NAU DE JOÃO FRANCO COM P. P. E  
GOVERNO NOVO PARA A NOSSA MISSÃO

**E**M o ano 1692 tinham saído do porto da cidade de Lisboa duas naus para irem juntas ao Maranhão, por maior segurança contra os mouros piratas, que em aquele tempo infestavam os mares, e sobretudo a costa do Brasil; mas uma destas, que trazia novo provincial de Nossa Senhora do Carmo, o muito reverendo padre frei Antônio da Piedade e o ouvidor-geral Manuel Nunes Colares para ao Maranhão, indo adiante logo que chegou à costa abaixo do Ceará, deu em uma fragata de piratas que sem demora deram sobre ela com toda a fúria, cuidando a levariam a mãos lavadas; mas acharam-se enganados, porque os portugueses defenderam-se como quem eram, com muito valor, primeiro com suas armas de fogo, e depois a peito descoberto com os alfanjes às mãos, de sorte que de uma parte e de outra houve grande efusão de sangue, ficando feridos muitos, e entre eles o ouvidor-geral em a face, de uma pedrinha disparada de uma peça da nau inimiga.

E como os piratas viam que não podiam prevalecer e havia muitas mortes dos seus, puseram-se de longe, dando lugar à nau portuguesa para continuar sua viagem, imaginando-se que eles, depois de terem reparadas suas forças, a renderiam com mais facilidade, sobre a madrugada.

Podia neste ínterim, com o favor da escuridão da noite, ter-se posto em segurança, se sempre navegara, e se fizera mais para o mar, a nau portuguesa, mas como foi tardando, logo ao apontar do dia seguinte viu outra vez os piratas sobre si, com que, em temeridade e não querendo esperar outro assalto, fez-se a terra, e estando ainda em bastante distância afastada dela, encalhou à vista dos piratas, que bem desejavam mas não lhe podiam chegar.

Saiu pouco a pouco toda a gente em o batel, levando cada qual de seu o que tinha e todo o demais que podia carregar, ficando todo o cabedal maior ao desamparo; até que com a enchente, desfeita a embarcação, se espalhou parte pelas praias, parte se foi ao fundo, e parte, levada pelas ondas do mar em paragens desertas se acabou de perder tudo para seus donos, porém, não para os gentios terebembazes, que, como são gentio brabo, que continuamente corre pela costa e praias, só se pode aproveitar do que era de seu gosto.

Os naufragantes foram logo caminhando pela praia, com um pouco de biscoito para não morrerem de fome pelo caminho, e foi tanto o medo e tão pouca a sua caridade ou (para melhor dizer) tanta a sua fraqueza, que por não se atreverem de carregar às costas um dos seus mortalmente ferido, o deixaram morrer ao desamparo.

Chegados que foram ao rio das Preguiças, puseram-se da outra banda como puderam, em uma canoa destroncada que a Providência Divina lhe ofereceu aí, e depois disso, ajudados dos soldados da casa-forte do Ceará, chegaram ao Maranhão onde foram agasalhados todos com muita caridade.

Lá contaram o sucesso de sua viagem e os muitos perigos e grandes misérias que tinham padecido, e deram novas como atrás deles vinha outra nau de João Franco, que tinha partido com eles do porto de Lisboa, e se afastado por adiantar-se a sua algum tanto mais do necessário.

Vinham na nau de João Franco o secretário do Estado, com alguns padres missionários da Companhia de Jesus para a missão do

Maranhão, além de outra gente de bem e fazendas de encomenda para vários, com que todos receosos de algum perigo dos piratas que podiam incorrer, a encomendavam a Deus Nosso Senhor, para que a livrasse e fizesse chegar a salvamento ao porto do Maranhão: livrou-os Deus, mas com o sucesso seguinte.

Logo que chegou em Jericoaquara, paragem conhecida abaixo do Ceará, deram sobre ela os piratas como de repente; escolheu João Franco o secretário, homem nosso prudente e generoso, para governar as armas, e fê-lo ele com tanta destreza e valor que o inimigo ficou de perda ao primeiro assalto que foi mui renhido; e como se tinha retirado, de sorte que se lhe podia dar uma descarga pela popa de nosso navio, contra a proa do seu, disparou-se uma peça carregada de uma bala grande e muitas pequenas pelo convés dos piratas. Fez-se um estrago muito grande entre eles com muitas mortes e efusão de sangue, tão terrível, que, desesperados de poderem vencer, desistiram de sua presunção, e deixaram navegar livremente a nossa nau a seu salvo, com que no prazo de quatro dias se puseram dentro do porto do Maranhão, onde foi muito festejada, assim pela vitória que alcançaram dos piratas, como por trazer novo governo do Estado, com algum socorro do Reino, que serviu de algum remédio das perdas que o naufrágio da primeira nau tinha trazido.

O novo governo que vinha era a provisão de governador do Estado para o Capitão-Mor do Pará Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que eu, estando em a Corte, tinha apontado a Sua Majestade.

Os padres da Companhia que vinham, eram Manuel Galvão, superior desta missão, João Justo Lucas, Manuel de Amaral e Manuel Rabelo, e o irmão estudante Domingos da Cruz, noviço.

Causou esta vinda de tão belos sujeitos tanta alegria aos ânimos de todos do Colégio do Maranhão, quanta se pode considerar em circunstâncias de falta de sujeitos àquele tempo.

Pela mesma ocasião chegaram-me patentes de Roma para superior maior, e juntamente cartas de nosso muito reverendo padre-geral Tirso Gonçalves, em que me ordenava tomasse logo, sem detença, alguma posse do cargo. Seria isso por haver o padre Iodoco Peres passado seus anos com a morte do padre Antônio Pereira, que tinha sido nomeado por seu sucessor em o superiorado.

Eu, sem embargo de saber muito bem o grande peso do superiorado que já tinha levado anos, sujeitei os ombros a levá-lo outra vez, confiado da Divina Providência que me encarregava dele.

Pedi-me o padre Manuel Galvão que agasalhasse por uns dias o secretário com seus dois criados, que vinham em sua companhia, e fi-lo eu com muita vontade, sustentando-o com seus criados mais de uma vez, até achar onde se acomodasse a seu gosto.

Não posso deixar de referir aqui o estratagema de que usou o padre João Justo na ocasião do perigo que teve sua nau com a do pirata, e foi que vendo ele que a nau inimiga ia aparecendo, logo mandou pôr uns biquinhos de velas acesas à portinhola de cada peça, para que soubessem os adversários com que nau se tinham, e valeu tanto este engano militar, que o padre teria aprendido quando andou anos em as naus contra o turco que os piratas tiveram tanto medo que não se atreveram ao que se teriam atrevido se tal estratagema se lhes não tivesse feito. Quinze dias depois da chegada da nau de João Franco, mandei por ela mesma os padres João Justo e Manuel de Amaral e o irmão Domingos da Cruz para o Colégio do Grão-Pará, para o qual vinha nomeado por patentes do Reino o padre João Carlos, que tinha sido missionário de Gurupatiba sobre o rio das Amazonas, depois de ter governado com muita satisfação a missão da Capitania do Cametá, estando lá por sobre-intendente dela Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, com quem se tinha dado sempre admiravelmente bem. Soube o padre Iodoco Peres do reitorado do padre João Carlos, com que lhe mandou começasse o corredor novo da banda da fortaleza da cidade do Pará e pouco depois se veio para o Maranhão, com o padre Aluísio Conrado Pfeil. Tinha mandado para o Colégio, em tempo de seu governo, dois sujeitos a saber: o padre Francisco Soares e o irmão José Carvalho, com destino ao Brasil, em um barco mandado de Tomás Beckman, para nele lhe ir D. Helena, sua mulher com seus filhos e filhas e já lhes tinha eu feito matalutagem para sua viagem com concerto feito com o mestre do barco. Mas como entretanto apareceu uma nau de piratas, que se estava concertando em a ilha de Macame, não longe da baía de S. José, os fui detendo para não arriscá-los e expor a missão a perigo de grandes danos, como haviam de incorrer sem dúvida se tivessem ido, porquanto outros barcos foram dar consigo às Índias de Castela, para não darem com os piratas que os esta-

vam esperando para a banda do Ceará. O capitão-mor do Pará, João Duarte Franco, ignorando que essa nau era de piratas, mandou-lhe o capitão Mateus Álvares e Eugênio Ribeiro, que tinha vindo de Pernambuco, por práctico do Padre Manuel Nunes os ângulos soldados para conhecerem se era nau de paz, e sendo, a trazer em para a ponta de João Dias para lá se consertar e acudir-lhe com todo o necessário, conforme as ordens reais de Sua Majestade acerca das suas necessitadas. O capitão dos piratas logo que viu vir os portugueses para si botou bandeira francesa branca, dando-se por amigo até os colher no convés onde depois das primeiras saudações os convidou cortesmente para dentro do camarote, como quem lhes queria fazer um brinde, como atualmente fez, porém, tudo à traição, porque, logo depois dele, se descobriu por inimigo, dizendo que os franceses tinham guerra com Portugal e assim haviam de ficar presos seus até lhe pagarem para seus livramentos muita quantidade de farinha, gado, aguardente e outras cousas destes gêneros, para poderem continuar sua viagem. E não satisfeito disso, deu tratos a um português para obrigá-lo a confessar quanta gente havia de presídio na cidade e pelos arredores, ao que ele respondeu que havia muita gente sem descobrir cousa alguma que pudesse prejudicar. Os portugueses, vendo-se presas debaixo da capa de paz, vieram em concerto com o capitão da nau, chamado de Lavaerdière, que iria o capitão Mateus Álvares à cidade para trazer os gêneros em quantidade que pediam; veio-se pois para a cidade e declarando o que passava, mandou o capitão-mor João Duarte Franco logo aviar canoa bastante para levar o resgate dos presos para os piratas e mandou juntamente outros soldados com o capitão Urbano Rodrigues, mulato valente e esperto, para ver se podia livrar os prisioneiros e tomar a nau desses traidores.

As farinhas, gado e aguardentes foram em uma canoa grande que levava um morador mal contente da terra o qual se deixou estar com os franceses. Estes, como viram que lhes vinha o que tinham pedido, largaram a Eugênio Ribeiro, o qual com toda a pressa se foi para a terra e valeu-lhe a presteza com que se foi, porque se tardara um nada lá ficaria com uns pobres índios, que levaram à viva força consigo e a razão disto era porque como uns cinco dos mais valentes da nau dos piratas se tinham embarcado em seu batel muito bem ornados todos, para irem dar, como tinham dito, na roça dos padres da Companhia a pren-

der-me a mim, encontraram uma canoa portuguesa que foi sobre eles, mandada do capitão Urbano Rodrigues com cinco ou seis soldados bem resolutos, os quais vendo que o cabo daqueles piratas ia pegando a espingarda para atirar, preveniram-se e ele trespassou logo um soldado com uma bala de que caiu morto e como os mais se pusessem em defesa saltaram sobre os mais e mataram a todos, tirado um chamado Davi Losne, que Eugênio Ribeiro dizia ter sido dispenseiro da nau e o ter tratado com muita caridade enquanto esteve preso entre eles, dando-lhe seu bocadinho e até a sua própria cama para dormir.

Veio este Davi Losne, herege, para o Maranhão, donde se mandou para o Pará ao governador e porquanto assim eu como o padre Iodoco Peres e o padre Gaspar Misseh fizéssemos para convertê-lo, nunca se quis render, ainda depois de convencido e assim foi mandado obstinado em sua seita a Sua Majestade para o Reino para lá dispor dele, conforme lhe parecesse melhor.

Ficou tão sentido desta ação o capitão de Lavaerdière, que escreveu uma carta à Câmara e outra a mim, em que se queixava de nossa pouca cristandade, pedindo nos lhe tornássemos a mandar o seu preso e quando não levaria consigo os índios que tinha e viria depois tomar vingança do agravo que se lhe tinha feito. Ambas as cartas li e traduzi para os camaristas saberem o que continham e como não fizeram nenhum caso de suas ameaças, pôs-se, todo raivoso e esperou as duas naus de que se faz menção em os capítulos atrás e por indústria se propuseram, sendo aqui o seu próprio lugar.

.....

## Capítulo II

COMEÇO COMO SUPERIOR A VISITA DO COLÉGIO  
E RESIDÊNCIA DO MARANHÃO,  
E, ACABADA ELA, PARTO PARA O GRÃO-PARÁ

**C**OMO quer que eu fui feito superior da Missão em tempo de meu reitorado do Colégio do Maranhão e não tinha vindo de Roma sucessor, nomeei por vice-reitor o padre Diogo da Costa, coadjutor espiritual, formado, e que seria hoje professo de quatro votos se uma dor quase contínua de cabeça, não lhe estorvara os estudos que tinha principiado com bom sucesso em universidade de Évora, para onde tinha ido com o padre Manuel Borba, a estudar o curso de filosofia.

Continuou o padre mestre José Ferreira a ler teologia escolástica e moral, com satisfação e aplauso costumados, tendo mais um belo discípulo, o padre Manuel Rabelo, vindo do Reino com o padre Manuel Galvão, que tomou as conclusões *ad agradum*.

Continuou-se também a classe do latim com o irmão Tomás do Couto a ensinar com muito agrado de todos. Pôs-se por padre espiritual o padre Iodoco Peres, que tinha vindo com o padre Aluísio Conrado Pfeil ao Maranhão, sem ter sabido senão pelo caminho que eu lhe tinha sucedido em o cargo de superior da missão.



Confirmou-se em a residência de S. José o padre Antônio Coelho, dando-se-lhe por companheiro o irmão José Carvalho; mandou-se para S. Gonçalo de Tapicuru o padre Antônio Gonçalves com o irmão Valadão; para o Mareú, o padre Baltasar Ribeiro com o irmão Geraldo Ribeiro. Passou a pregador do Colégio o padre João de Avelar, que os mais iam ajudando, e para[...] ordinário na roça, ficou o irmão Manuel Rodrigues, sucedendo ao padre Diogo da Costa e ao padre João Ribeiro.

Não é crível quanto sentiram os vizinhos de nossa roça a mudança do padre Diogo da Costa para o Colégio, porque sabia fazer ornamentos de papel para a igrejinha de Nossa Senhora da Luz, que lá temos, que pareciam ornamentos das mais ricas e engraçadas telas do Reino, e como também sabia cantar e tocar admiravelmente bem a viola, ensinou os rapazes a cantarem e tocarem, suspendia os ouvintes quando se cantavam as Ladainhas e Salve Rainha à honra da Virgem Senhora Nossa da Luz, cuja imagem se venera naquela roça, que era a que os primeiros padres puseram em nossa igreja do Maranhão, onde eu a tinha mudado muitos anos havia, quando nos veio a nova, também de vulto, que hoje temos em Maranhão. Pareceu-me por aqui esta lembrança para que saibam os vindouros quanto devem estimar aquela santa imagem para a qual a Senhora Rainha Dona Luísa tinha mandado um ornamento de tela, em a primeira vinda do padre Antônio Vieira, e que dura até o tempo presente.

Trazia o padre Aluísio Conrado o sucesso da morte dos dois padres, no norte, mortos pelos tapuias daquela missão, com ordem de nosso muito reverendo padre-geral que se fizesse autenticar tudo pelo juízo eclesiástico, pelo que fez-se petição ao vigário da vara, José Gonçalves, para que mandasse vir diante de si os índios sabedores do caso, para se lhe perguntar assim pela morte como pelos matadores e causa dela.

Resultou das perguntas, serem os matadores o que o padre Aluísio nomeava, e terem sido mortos os padres em ódio da fé, e por quererem tirar ou proibir as bebedices, amancebamentos e ritos gentílicos. Sobre isto tudo foi dada a sentença jurídica pelo dito vigário da vara, em como os padres tinham sido mortos daqueles bárbaros, meramente em ódio de nossa santa fé e da doutrina que lhes pregavam, contrárias a seus ritos gentílicos.

Em estes termos ficou aquela diligência e de tudo avisei para Roma, ficando os ossos em a igreja de Santo Alexandre do Pará, à banda a epístola do altar-mor, guardados em seus caixõeszinhos, para a todo o tempo se acharem, quando necessário para alguma diligência maior.

Não se cobrou o cálix nem o mais, só se soube que do cálix usavam os índios para beber por ele e que se vestiam as índias dos vestidos sacerdotais para suas maiores galas.

Não quero dizer que esses dois padres são mártires verdadeiros, mas o que só digo é, como consta com tanta certeza e tão autenticamente, pelos ditos dos mesmos matadores e outros de sua nação que se acharam presentes, que foram mortos *in odium fidei*, e tomara eu uma morte como aquela, parecendo-me que com ela seria mártir de Cristo da Santa Madre Igreja Católica, a cujo juízo em tudo me remeto, e me julgará quando Deus Nosso Senhor for servido.

Mereciam estes dois padres sem aquele sucesso de tanta glória de Deus e da missão, uns belos elogios; mas basta-me dizer que ambos eram grandes religiosos e missionários, e que o padre Antônio Pereira era todo desaparegado do mundo e dos seus, e varão de muita virtude e sobretudo de mui grande caridade para com todos por amor de Deus Nosso Senhor, único desejo de seu coração, e que o padre Bernardo Gomes, desde noviço, sempre se houve com muito exemplo para com todos seus irmãos, que por sua modéstia e observância faziam grande caso dele.

Tinha sido ordenado de sacerdote pouco antes de se mandar para aquela missão em companhia do padre Antônio Pereira, porém, não tinha ainda dito sua missa nova, esperando para dizê-la em dia de S. Bernardo, seu santo padroeiro, aos 20 de agosto, e como ele foi morto pelo mais provável em setembro tem-se por quase certo que já a teria dito antes daquele tempo.

Notável foi a fúria com que aquelas feras bravas acometeram aqueles dois mansos cordeirinhos, porque não satisfeitos de lhes terem tirado a vida, quebrando-lhes as cabeças com seus paus de matar, penduraram os corpos mortos dos tirantes da casa lá os despedaçaram e depois queimaram até reduzi-lo em pó e cinza, tirados uns poucos de ossos que a Providência Divina quis ficassem para memória e lembrança sua.

Parece que o inimigo infernal, raivoso contra o padre Antônio Pereira, que pouco antes tinha mandado queimar os ossos dos que os tapajós oravam como seus monganharipes e ídolos, não achando já em que vingar-se dele, instigou esta ocasião os bárbaros do Cabo do Norte para que lhe tirassem a vida e queimassem, visto ter ele feito queimar os ossos dos que tanto lhes serviam para divertir os cristãos, como deles requeria o santo batismo que tinham recebido.

.....

### *Capítulo III*

CONTINUA O PADRE SUPERIOR DA MISSÃO SUA VISITA  
PARA A BANDA DO PARÁ, DISPOSTAS AS COUSAS DA MISSÃO  
PARA BANDA DO MARANHÃO

**P**ARTI para banda do Pará com o irmão Antônio Rodrigues, o qual já tinha sido companheiro do meu antecessor Iodoco Peres, e acudiu com muita diligência às cousas de sua obrigação, assim para com os nossos, como para os índios, cuja língua sabia muito bem. Fomos com feliz viagem até à Capitania do Caeté, a qual é de Manuel de Melo donatário; estava em a residência de S. João Batista o padre Francisco Ribeiro, mandado para lá, depois de acabados cinco para seis anos de reitor do Colégio do Grão-Pará, em tempo do governo da missão do padre Iodoco Peres.

Tinha casas e igreja nova em a aldeia feita pelo padre Antônio Vaz, seu antecessor, em quadra, conforme manda a visita do padre Antônio Vieira. Estava a igreja limpa com seus ornamentos de seda e outros mui bons; estavam os índios contentes e bem ensinados e governados pelo padre, conforme as leis de Sua Majestade, que também compreendiam as aldeias dos donatários, ainda que depois se praticou o contrário. Assim o digo, porque estando eu ainda em a Corte fui visitar o Sr. Manuel de Melo, o qual se botou de joelhos diante de mim, pedin-

do-me lhe dissesse como se havia seu capitão-mor Amaro Cardoso com os índios, que como capitão-mor governava por aquele tempo; e como soube que os índios se queixavam dele por até fazer puxar as raparigas, em lugar de bois, para fazer andar uma engenhoca de aguardente que tinha, logo o mandou tirar, pondo em seu lugar João Farto, marinheiro de profissão, mas de sua casa, por ter casado com uma mulher que lha governava e que lhe alcançou este posto de capitão-mor. E dizia-me o Sr. Manuel de Melo que ele bem sabia que o governo dos índios de sua capitania ficava em mãos dos padres, mas que se não dava disso; porém, como quer que o novo capitão-mor João Farto ralhava em o navio, antes de se embarcarem os padres, que chegando ele à Capitania do Caeté governaria tudo, sabendo eu disso o contei a Roque Monteiro, ministro principal de Sua Majestade, o qual, saindo de sua liteira para me despachar uns papéis em casa de um livreiro que morava junto à porta de frente da Sé, disse-me que nem me molestasse porque se João Farto chegado à Capitania do Caeté bolisse na mínima cousa do que dizia, veria eu logo como pelos ares o fariam para o Reino em a primeira embarcação. Donde consta que as Capitánias dos donatários não ficavam excetuadas do governo temporal dos padres missionários, e se depois houve interpretação outra, foi contra o primeiro intento das leis. Nem pode ser menos, porque como as capitánias de el-Rei são poucas e muitas as dos donatários, ficando estas fora do governo temporal dos missionários, pouco ou em nada tinha remediado Sua Majestade a opressão dos índios, pois os capitães-mores dos donatários ficariam com todo o poder de oprimi-los como dantes faziam; ainda mais, porque se de antes o faziam era em algum modo, mas depois de saberem sua isenção era sem medo nenhum, podendo Sua Majestade e seus ministros reparar muito sobre este ponto, porque importa à sua salvação que não convém dar tanta largueza a homens que não buscam senão seu proveito, e empregam os índios à sua vontade sendo que eles não consentiram nunca senão em serem governados conforme as leis de Sua Majestade, além do que muitos deles foram descidos pelos padres da Companhia de Jesus, ou vieram por sua própria vontade e estão onde querem, pois estas terras são dos índios, naturais delas, e ninguém lhas pode tirar sem grande injustiça, nem obrigá-los a trabalhos senão conforme as leis de Sua Majestade, por não se terem obrigado nem eles nem seus antepassados a

mais. E pode-se pôr em questão se ainda a isto estão obrigados, porque ou nunca se lhes propuseram bem nem explicaram como devem as obrigações dessas leis, ou porque como são índios de pouco entendimento, não compreendem bem esses pontos, ou se consentem em alguns é por não entenderem o que fazem, obrigando-se ao que não fariam se tivessem tido boa notícia e conhecimento deles, e é terrível causa obrigar esses pobres a tão pesados trabalhos, como são os seus, antes de admiti-los a serem filhos de Deus pelas aldeias onde assistem os missionários.

Para evitar os escrúpulos que isto causa, melhor fora deixarem-se os índios servir sem nenhuma obrigação, salvo em ocasiões precisas e julgadas de todos por tais.

Parti do Caeté e me fui direto ao Maimaiacu, onde assistia o padre missionário dos tupinambazes, Antônio da Cunha, com seu companheiro, o irmão estudante Domingos da Cruz, por não haver cômodo de assistir na aldeia por falta de casa e sustento necessário, por andarem os índios pela maior parte sempre divertidos, uns ao cacau, outros ao cravo, outros em viagens, outros em vários serviços dos brancos e república, pelos sertões. Visitei a igreja com o mais que havia e achando tudo bem governado, passei para Belém, cidade do Grão-Pará.

Era reitor do colégio o padre João Carlos, professo da Companhia, e andava com as obras do corredor novo para banda da fortaleza, já levantada, com taipa de pilão quase até o sobrado, que a não ser aquilo não lhe havia eu de permitir fazê-lo daquela banda do oeste, pela muita calma que havia de haver nos cubículos, por lhe dar o sol de flecha toda a tarde, mas havia de mandar fazer uma bela igreja e em lugar da que é, e não é de préstimo, mandar levantar um famoso corredor com os cubículos todos virados de modo a serem cômodos e frescos; mas como o corredor principal estava já em tal altura que não sofria mudança, deixei ir a obra por diante por ser muito bela, ainda que menos cômoda.

Ajuntaram-se os padres das aldeias pela festa de nosso padre Santo Patriarca, em que preguei, e como era tempo de visita mandei publicar, conforme as ordens de Roma, a do padre Antônio Vieira, já lá aprovada desde a primeira restauração da missão, porque improvou o nosso muito reverendo padre-geral Tirso Gonçalves um compêndio de

visita que o padre Iodoco Peres tinha feito e repartido entre os missionários para se guardar. Verdade é que a visita do Padre Antônio Vieira foi achada dos primeiros padres mais anciãos da missão como demasiadamente dificultosa de se guardar em certos pontos pela mudança dos tempos e modo de governo, e os tinham apontado a mim, sendo eu superior da missão, pela primeira vez, no ano 1669 até 1674, e à instância deles os tinha atendido de sorte a ficar mais possibilitada a observação dela, e por isso se ia depois guardando com aquela modificação, sem nenhuma queixa dos padres missionários; mas como outros meus sucessores a publicaram *ad litteram*, ir-se-á guardando quanto puder ser assim, como estava ao princípio.

Achei em tempo desta minha visita que os padres missionários não concordavam sobre os pontos das perguntas e respostas das doutrinas que cada dia se mandava fazer aos índios das aldeias, e que uns ensinavam uma parte, outros outra, acrescentando ou mudando o mais que lhes parecia, e assim para reduzir todos à uniformidade, prescrevi e mandei publicar a doutrina que se usava em toda a missão, desde os seus princípios acrescentando-lhe somente umas perguntas mais necessárias sobre os atos da fé, esperança e caridade, da confissão e comunhão, e como ainda agora alguns não têm, quis pô-la aqui, para que em todo o tempo se possa recorrer a ela, para uniformidade de doutrina em toda a missão.

.....

*Capítulo IV*

DOUTRINA QUE SE FAZIA AOS ÍNDIOS,  
DE QUE HÁ CATECISMO IMPRESSO, É ESCUSADA AQUI

.....  
.....



.....

## *Capítulo V*

CONVALESCIDO O PADRE SUPERIOR DO DESMANCHO DE  
UM PÉ, DESPACHA UMA TROPA AO SERTÃO PARA RESGATES

**T**INHAM-SE ajuntado, no Colégio do Pará, os padres missionários mais chegados à cidade, que são os que estão abaixo do Gurupá, conforme o seu costume, pela festa de Nosso Santo padre Inácio, quando descendo eu pela escada do corredor de riba encontrei um índio que com grande ímpeto ia subindo, e obrigou-me com essa sua inconsiderada impetuosidade a largar a mão do encosto da escada, com o que desmanchei um pé, e sem embargo de me causar uma dor mui sensível, como achava que ainda podia andar, dissimulei quanto pude e fui ter com os padres que estavam almoçando no refeitório para partirem logo depressa. Lá me despedi deles; e como resfriando-se o pé, ia crescendo a dor e de sorte que não me podia ter sobre ele, declarei-lhes o que se passava e eles compadecidos me levaram para meu cubículo, onde trataram de me curar com muita caridade, mandando chamar o cirurgião da cidade, que então era Agostinho, moço solteiro, mas prático das cousas. Este apalpou-me o pé e puxando por ele, achou estar já em seu lugar, por lhe ter feito esta mesma caridade o padre Antônio da Silva, missionário dos ingaíbas; com que emplastrou-me somente e me foi curando,

até que, indo ultimamente para nossa roça de Mamaiacu, onde estava o padre Antônio da Cunha, tratei-me com afogoeamentos e suadouros, com que fiquei são, de modo que me achei capaz de voltar para a cidade, onde pouco a pouco fui convalescendo de tudo.

Antes disso, tinha despachado uma tropa para o sertão em que ia por cabo o Capitão João de Seixas, filho legítimo do Capitão-Mor Francisco de Seixas, que pelos anos 1662, 1663, 1664, tinha sido capitão-mor da Capitania do Grão-Pará, e ia por missionário o padre Manuel Borba, missionário da missão de Gurupatiba, ficando o suprindo suas vezes o padre José Barreiros, vindo dos Irurizes, e ficando em sua companhia o capitão Eugênio Ribeiro, ainda por então retirado, por não lhe ter vindo até então o tal perdão de seu desterro que tinha mandado pedir ao Reino, e, por entretanto, estava com licença do padre superior Iodoco Peres, em Gurupatiba, para onde o padre Manuel Borba, seu cunhado, o tinha trazido.

Ordenei o padre Manuel Borba, missionário daquela tropa, que administrasse este seu cargo de missionário com exemplo e satisfação que se esperava de um filho verdadeiro da Companhia de Jesus, que por nenhum modo fizesse escravo para ninguém, senão conforme as reais leis de Sua Majestade, que são por causa da guerra justa ou estarem postos à corda para se comerem, quando eles mesmos antes quisessem servir por escravos aos portugueses que serem mortos no terreiro de seus adversários, para os fazerem pastos de seus ventres; e no mais tivesse grande cuidado de não faltar aos remeiros e cativos com a doutrina e sacramentos todos os tempos que se lhes não havia de faltar com eles.

Com estas e mais advertências, foi-se em companhia da tropa, na qual se houve com toda a satisfação, levando por companheiro o padre Francisco Soares. Chegado à aldeia dos Tapajós, soube que às escondidas se desciam alguns escravos, feitos contra as leis; esperá-los e, dando-os por mal feitos, os examinou de novo, para bem da tropa e aí não mostrou pouco valor de ânimo, porque o dono deles tinha muita má vontade, se tivesse encontrado com ele, como publicou depois por sua própria boca.

Dos Tapajós foi-se a tropa para os Irurizes, onde estava o padre João Ângelo, que não queria se fizessem escravos em seu distrito sem ele ser sabedor e assim se cumpriu; mas como as águas daquele rio

são muito frias, adoeceu o padre Manuel Borba de uns flatos, que o obrigaram a descer para o Pará a curar-se deles.

Sentiu muito a tropa a sua ausência, e mandou o cabo dela pedir-me com grande instância a sua volta quando estivesse convalescido; convalesceu e veio à Câmara em corpo fazer-me o mesmo requerimento, o qual, com beneplácito dele mesmo, lhe despachei, conforme me pediam com tanta instância.

Aviou-o o padre reitor João Carlos Orlandini mui bem, e partiu ele rijo e valente até a aldeia de Uaricuru, entre os ingaíbas, onde o padre Antônio da Silva o teve regalado para confortá-lo de mais a mais em sua saúde; porém, como as doenças dos sertões ficam comumente mui arraigadas e repetem quando menos se cuida, repetiram-lhe seus flatos antigos; mas parecendo-lhe aplacarem logo, continuou sem embargo deles sua viagem até à sua residência de Gurupatiba, onde estava o padre José Barreiros e seu cunhado Eugênio Ribeiro, e se achava juntamete José Portal, seu amigo e tesoureiro da tropa, os quais todos o receberam e trataram com todo o cuidado e caridade.

Aqui, achado o padre que o mal se agravava cada vez mais, tratou de se sangrar e como ninguém fosse e desse parecer, sangrou-se ele mesmo em o pé, por ser destro naquela arte, que sua curiosidade e caridade lhe tinham feito aprender durante a missão, porém o que ele cuidou lhe havia dar alívio e vida, lhe deu maior opressão e lhe causou a morte: subiu-lhe o mal à cabeça com a sangria mal dada, e lhe causou logo sintomas mortais.

Passados eles, sentindo que morria, recebeu todos os sacramentos em seu perfeito juízo, e com ele deu sua alma a Deus, ficando seu rosto ainda mais gentil e airoso depois de morto que quando vivo, como testemunharam todos que lhe assistiram. Foi muito sentida a sua morte e enterrou-se em a igreja de Nossa Senhora da Conceição, à qual eu a tinha dedicado anos antes sendo lá missionário; fez-se-lhe ofício de corpo presente pelo padre José Barreiros e mais brancos, que lá assistiram com o concurso de toda a aldeia, mui pesarosa da perda de seu bom padre missionário, mui querido de todos.

Era o padre Manuel Borba português, da vila de Tapuitapera ou Santo Antônio de Alcântara, filho legítimo do sargento-mor Manuel Duarte, senhor de engenho, irmão da missão por carta de irmandade,

pelo muito que lhe devem todos os missionários, pelas grandes caridades com que lhes faz suas passagens do Maranhão para o Pará e do Pará para o Maranhão, carregando-se os fatos de uma banda para outra, agasalhando e regalando-os em sua casa e pelos caminhos até o porto.

Tinha acabado sua teologia em Évora e sido examinado *ad gradum*, substituto em Santo Antão de Lisboa, e mandado pregar pelos padres prepósitos de S. Roque, em a igreja de Nossa Senhora do Loreto, em tempo da Quaresma, servido em a missão de Mortigura e depois em Gurupatiba e sertões.

Era moço de 33 anos, pouco mais ou menos, muito bem procedido e sobretudo mui obediente, e dele se pode dizer que morreu por obedecer, indo em missão tão arriscada e doentia, como era a da tropa para o sertão. Não falo em sua mortificação e zelo das almas, que a pé descalço ia buscar pelos caminhos, nem em sua paciência com que sofria os aleives, como era o que lhe levantaram em Mortigura, que matara uma índia, a qual foi mandada vir à cidade e passeou por ela à vista do mundo todo. Basta dizer que era bom religioso e de muita expectação, se aquele mal dos flatos o não matara, como pouco depois matou também o mesmo cabo João de Seixas, o qual vindo curar-se pelo rio das Amazonas abaixo, faleceu em caminho, mas não com a dita do padre Manuel Borba, porque o cabo faleceu indo em busca dos sacramentos, e o padre Manuel Borba, com eles todos já recebidos, em seu perfeito juízo, com muita devoção, e para que não fizesse falta o seu falecimento à tropa que se tinha mandado, e que com a morte do missionário e cabo se acabou em breve desordem, mandou-se que, achando-se ainda alguns resgates, se levassem com seus senhores aos missionários, em cujo distrito se tivessem feito, para eles conhecerem de sua escravidão, e daí parece que aquela tropa de mui pouco proveito foi, por assim o dispor Deus Nosso Senhor, pelas razões que ele só conhece e julgou serem para maior bem de todos.

.....

## *Capítulo VI*

VAI O PADRE JOÃO FILIPE, SUPERIOR DA MISSÃO,  
VISITAR AS MISSÕES PERTENCENTES AO  
COLÉGIO DO GRÃO-PARÁ

**E**M os princípios do mês de outubro, tempo mais apto e sadio para ir pelo grande rio das Amazonas, comecei a minha visita, e deixando atrás as residências mais chegadas à cidade do Pará como são, a de S. João Batista em Mortigura, de Nossa Senhora do Socorro em Parijó, de S. Pedro e S. Paulo em Ingaíbas, Capitania do Cametá, naveguei em direitura de Uaricuru dos Ingaíbas, onde achei o padre Antônio da Silva com seu companheiro, acudindo incansavelmente fora de sua aldeia aos Mamaianases, Mapuases e Bocas, divididos por aquelas ilhas em várias paragens delas.

Fui visitado do principal e mais índios, aos quais pratiquei e consolei mais largamente por ser conhecido e ter sido, uns anos dantes, o seu missionário; e porque achava que por serem bravos os mares que dividiam a aldeia da residência das mais aldeias, assim não era possível virem os índios à missa e doutrina todos os domingos e festas, ordenei se levantasse uma igreja da outra banda do rio em que com mais facilidade e menos perigo se pudessem ajuntar de tempo em tempo para esse fim os que por aí tinham suas lavouras.

Estava o padre Antônio da Silva levantando uma bela e grande igreja em Uaricuru, trabalhando nela um carapina branco para se fazer como convinha, e porque pela largura que tinha não ficava com proporcionada compridão, mandei-lhe que acrescentasse aquela parte que tinha sido destinada para copiar; com que ficou em boa proporção, e um dos melhores templos que tem toda a missão; e para que ficasse mais a mão aos missionários que moravam em suas casas antigas, delineeí o lugar a modo de casa nova de residência, com seus corredores e copiares que havia de ter, para ficar obra em tudo perfeita.

Tem aquela residência ornamentos mui bons, com seu altar e imagens, e tudo mais pertencente ao culto divino, que acrescentou depois muito, com sua curiosidade e habilidade, o irmão Manuel da Silva, assistindo uns anos com o padre missionário.

Era cousa para dar graças a Deus ver a multidão de meninos que se tinham batizado pelo decurso do ano, mas também cousa lastimosa de ouvir que, além dos índios que tinham falecido pelas aldeias de visita com os sacramentos, tinham falecido já 120, que bem contra sua vontade tinham sido mandados dos ministros reais para trabalharem em a fortaleza do Comaú, que se estava fazendo no Cabo do Norte, bem inutilmente, porque, como distava pouco do rio, a derribaram em breve as suas águas e alagaram tudo.

Mandei vir os índios e índias da aldeia em o dia seguinte, e por despedida lhes inculquei fortemente o cuidado que haviam de ter de sua salvação, a fim de irem para o Céu e não caírem em o Inferno, e para este intento lhes mostrei umas imagens que representavam ao vivo a grandeza e variedade das penas que padecem do fogo e dos demônios as almas dos condenados; com que ficaram muito espantados e movidos; e despedindo-me, assim dos índios como dos padres missionários, parti para o Gurupá, residência de S. João Batista e a aldeia de Xingu, onde cheguei depois de uns seis dias de viagem com meu companheiro, o irmão Manuel dos Santos. Não tomei o Gurupá por estar ausente o Capitão-Mor Manuel Guedes, só saudei de passagem o tenente, sobrinho dele, o qual se houve com toda a cortesia, mandando para o rio seu mimo, por serem horas de jantar. Em Xingu achei o padre João Maria Gorsony, com seu companheiro, o padre Antônio Vaz, já de volta de sua tropa, mas muito mal contente pelo que sucedera em tempo de sua

ausência, com a sua aldeia. Tinha o padre João Maria com seu incansável zelo feito uma aldeia muito estendida e populosa, em um alto sobre o rio de Xingu e ajuntado ali muitos índios e índias de várias nações, que com o padre Antônio Vaz, seu companheiro, ia doutrinando em uma igreja nova, muito capaz, alevantada para este fim.

E como tinha sido avisado de ir a tropa em que mandava o padre Iodoco Peres, meu antecessor, a encomendara ao licenciado, muito reverendo senhor Miguel de Aragão, algum dia noviço nosso e depois vigário-geral em o Estado, onde se achava por seus negócios; veio entretanto Manuel Guedes, capitão-mor do Gurupá, e sem mais autoridade que a sua, de capitão-mor daquela fortaleza, tomou boa parte dos índios da aldeia de Xingu, já feita e acabada pelo padre João Maria, e a mudou para uma aldeota mais abaixo, chamada Maturu, da qual com este acrescentamento e os de outras aldeias dos padres, além de uns poucos tirados do sertão que depois fugiram muitos, fez uma grande bastante, pondo-lhe um homem branco para a governar, contra as leis de Sua Majestade; com que teve o padre João Maria algum desgosto com ele. Mas tudo se remediou logo depois, com a mudança dele para outra parte, ficando o padre Antônio Vaz, seu companheiro em seu lugar. Estavam pelo sertão umas vinte aldeias de língua geral de nação curabares que o padre João Maria tinha mandado praticar para se descerem, e tinha ele já ajuntado o necessário para esse fim; porém, impediu tudo um Manuel Pais, que por aí andava, fazendo cravo entre eles, com as más práticas que fazia, e assim enquanto viveu não houve esperanças de podê-los descer; mas uns anos depois permitiu Deus que, em castigo de suas culpas, lhe tirassem a vida, com que ofereceram-se ao mesmo padre João Maria para se descerem para os Tapajós, onde era missionário àquele tempo, o que se não efetuou por essas razões.

Tinha também o mesmo padre João Maria mandado seis embaixadores aos jurunas, nação pouco distante do Xingu, para se descerem, conforme tinham já dado esperanças: porém, foram traidores e mataram os enviados, os quais tinham ido a suas terras com confiança de amigos, por terem então parentes seus em a aldeia de Xingu. Ficou pois esta aldeia algum tempo desmantelada até a pôr em seu estado[...]o padre Antônio Vaz, tirando eu o padre João Maria por *bono pacis* dentre eles e o capitão-mor Manuel Guedes Aranha, que tinha desmantelado a

aldeia em sua ausência. Parti do Xingu aos quinze de outubro e atravessando pelo igarapé dos coanizes, me pus em o rio das Amazonas, e de lá, dentro de dois dias e meio, em a aldeia de Gurupatiba, onde assistia o padre José Barreiros com o capitão Eugênio Ribeiro, em tempo da ausência do padre Manuel Borba, que ainda então vivia, andando com a tropa do sertão. Achei aquela aldeia bem povoada e muito contente, a sua igreja muito bem ornada de ornamentos novos de chamalote de várias cores, que o padre João Carlos lhe tinha procurado, sendo missionário dela. Pratiquei os índios e fiz-lhes doutrina, e visitada a residência como se costuma, passei para a aldeia dos Tapajós onde Sua Majestade mandara fazer fortaleza, como que se fez sobre o outeiro que eu, sendo lá missionário, em 1661, tinha mandado roçar, por ordem do padre visitador Antônio Vieira, para ali levantar igreja e residência. Era aquela aldeia por aquele tempo populosíssima, mas achei-a tão desmantelada que nem igreja nem ranchos tinha, tirando uns cinco ou seis por ali espalhados e despovoados. Estava ausente o capitão Manuel da Mota, a quem pertencia o cuidado da fortaleza, e levava ocupados os índios por diversas partes, e assim mandei logo levantar uma capelinha de pindobas, em a qual disse missa; doutrinei a gente e batizei os inocentes que estavam para se batizar, deixando o recado para o capitão Manuel da Mota mandasse fazer igreja para ele e os índios assistirem ao culto divino, pois eram cristãos e era cousa indecente dizer-se missa em uma aldeia tão afamada debaixo de uma choupana de pindobas. Dos Tapajós subi navegando pelo rio das Amazonas para cima e dentro de uns dez dias de navegação me pus em o rio dos Urubus, onde assistia o reverendo padre frei Teodósio, religioso de Nossa Senhora das Mercês, a mandado de seus prelados, à instância de junta das missões, e com licença do padre superior Iodoco Peres, que então governava a missão.



.....

## Capítulo VII

VISITO A RESIDÊNCIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO  
SOBRE O RIO URUBU, ONDE COM LICENÇA  
DO PADRE IODOCO PERES, ASSISTIA  
FREI TEODÓSIO, MERCENÁRIO, E DELA VOLTO  
PARA O PARÁ, VISITANDO CAMETÁ E MORTIGURA

COMO os padres da Companhia de Jesus eram poucos com a expulsão dos do Maranhão, e insistia a junta das missões por missionário para o rio Urubu, deputou-se para lá o reverendo padre frei Teodósio de Freitas, religioso de Nossa Senhora das Mercês, a quem o padre superior Iodoco Peres tinha dado licença de administrar os sacramentos até se dispor outra coisa em contrário. A este religioso achei em a aldeia de Urubu visitando *ex officio* a missão. Fui recebido dele e agasalhado em sua casa com muito mimo os seis para sete dias que lá me detive, parte para descansar da viagem feita, parte para ver as igrejas de visita, que tinha feito, e mandar ver as nações que havia pela terra dentro, pertencentes àquele rio.

Estava a principal aldeia em que assistia o missionário situada com casa e igreja sobre uma ribanceira alta, de terra preta, por cujo pé corre o belo rio dos Urubus, que desce por meandros do sertão, muito acima ainda dos Abuquenos, onde o capitão-mor, André Pinheiro, e o

padre João Maria descobriram a primeira mina de ouro e prata, como dito fica, e vai dar consigo no grande rio das Amazonas, por uma passagem tão estreita que pelas secas, estando as suas águas espalhadas por outras partes, não se pode passar senão em canoas mui limitadas, e é necessário dar volta de um dia e mais para ir buscar saída mais funda.

Não é rio muito abundante em peixe senão uma jornada abaixo da aldeia, onde há tanta cópia deles que em certo tempo do ano se ajuntam lá os índios, assim das aldeias distantes como vizinhas, para pescá-los e os levam assados de um modo que chamam *mocaem*, para suas casas, para muitos dias.

Não é o rio muito povoado de aldeias pela ribeira, porém pela terra dentro são tantas que, tendo eu mandado meu companheiro, o irmão Manuel dos Santos, com um branco e alguns índios a descobrimento, contou em dois dias algumas dezessete povoações, para a banda que chamam Anibá, onde também hoje assistem os reverendos padres missionários das Mercês. Tinha o reverendo padre frei Teodósio disposto ao redor de si umas cinco ou seis aldeias de gente nova, todas com suas igrejinhas, as quais de tempo em tempo ia visitar, e posto em sua casa via de sua varanda quase todas, por estarem mui chegadas à aldeia principal, algumas delas além do rio, em campinas e terras baixas pouco férteis. Dizia o padre frei Teodósio missa em sua igreja e depois dela a doutrina, que fazem os nossos missionários, ainda que não inteira como eles; à tarde cantava as ladainhas da Senhora, às quais assistiam os índios e índias, algumas delas nuas, por não terem uma vara de pano para se cobrir; fui eu com ele um dia visitar as igrejinhas defronte, e achando que os índios tinham feito pelas paredes algumas figuras de barro pouco decentes, as desfiz todas com o meu bordão.

Não tinham ornato nenhum por serem isso ainda princípios e não terem esses bárbaros muita afeição para as cousas de Deus, sendo todo o seu empenho comer, beber, dançar ou fazer poracês, como chamam, e viver à vontade, como brutos. Perguntou-me o padre missionário como se haveria com aquela gente no tocante aos sacramentos; respondi-lhe que batizasse os inocentes dos índios já antigos e seguros, e aos adultos fosse ensinando e fazendo catecúmenos, para depois os batizar em necessidade última, ou quando já fossem seguros de não torna-

rem às suas terras, e que então os batizasse para viverem como os mais cristãos.

Houve poucos meses antes um terrível terremoto por aquelas bandas, e tal que me contou o padre Teodósio que, andando ele por àquele tempo pelo rio das Amazonas, de repente se amotinaram as águas, engrossando e perturbando-se de tal maneira, que, estando ele tomando terra em uma pequena ilha, apenas o pôde fazer sem grande risco de vida; diziam uns índios do rio Urubu que o rio trasbordara de tal sorte que subvertera uma aldeia, mas isto achei ser falso; verdade é que houve uma grande inundação, porém nenhuma aldeia subverteu, das que diziam, porque as achei em seu legar e andei depois por todas elas por meu pé.

Há por aquelas partes grandes feiticeiros a que chamam pajés; estes diziam, conforme me referia o reverendo padre frei Teodósio, que os índios se haviam de converter em brancos e os brancos em índios, mas parando tudo em nada, ficaram desenganados, e faltou mui pouco naquela vez que, pelas más práticas desses malévolos feiticeiros, tirassem os mais a vida a seu padre missionário.

Prendeu-se pelos índios um daqueles pajés, ainda rapaz, e se mandou ao Pará para se vender por escravo; porém, como se valeu de mim, alegando sua liberdade, pô-lo eu como forro, com o capitão-mor André Pinheiro, para tirá-lo do perigo de o matarem ou tornarem a vender. Tinha também o padre João Maria trazido um rapaz, filho do principal dos abukenos ao Pará para aprender a língua; a este também levei comigo, já usado em língua geral, e o entreguei vestido de novo ao reverendo padre Teodósio, para ele o tornar a entregar a seu pai quando fosse à sua aldeia, que por distante de seis jornadas e gentia toda, não quis ir ver, contentando-me de o encomendar ao rapaz, herdeiro e sucessor futuro do principal, que aconselhasse a seu pai se descesse com sua gente para paragem onde pudessem ser doutrinados para se salvar, o que ele prometeu fazer, mas como não há que fiar-se nos índios sem fé, sem lei e sem rei, não ouvi que se mudasse até o presente tempo.

Achei nas aldeias daquele rio uma cousa que estimei muito, e foi que percebendo os habitantes a chegada de alguma canoa grande, que comumente é de brancos, ou muitas pequenas, como usam os índios, dão logo sinal em uma caixa, com um certo número de pancadas, pelas

quais se entende logo na aldeia vizinha a qualidade e quantidade das canoas que vêm e dando esta outras tantas pancadas e assim as mais por diante, fazem que todas estejam de aviso e as não apanhem desapercibidas, e isto faz-se com tanta brevidade que, dentro de uma hora se poderia avisar um reino todo, por grande que fosse. Prouvera Deus que desta traça usassem em algumas partes da Europa, onde as aldeias estão entre si pouco distantes, porque por ela se livrariam de muitos assaltos dos inimigos, que as acometem e roubam quando menos cuidam.

São os ares deste rio não tão doentios como outros; as águas do mesmo modo; as terras de uma banda do rio das Amazonas para riba mais montuosas, e para baixo mais baixas e planas em algumas partes. O sustento ordinário, enquanto lá estive em companhia do padre missionário frei Teodósio, era peixe de moqué, ou tartaruga, das quais ele e os índios vão fazer provimento para a banda do rio das Amazonas, de onde as trazem e guardam em currais para o sustento do ano.

Tinha esse padre uns vinte escravos, pouco mais ou menos que tinha levado consigo para riba com licença dos seus prelados. Visitei-os um dia com o irmão Manuel dos Santos e fizeram grande queixa da terra daquelas bandas, por lhe não dar os mantimentos como queriam e necessitavam, desejando muito que seu senhor se tirasse de lá e voltasse para as aldeias debaixo; mas ele sem embargo de andar muito achacoso, aturava tudo, dizendo que por falta de vista e saúde, já não servia para estar em convento e acudir ao coro com os mais, e que tinha feito uns três mil cruzados de gastos em sua vinda com vários resgates que repartira entre os índios, os quais lhe tinham assegurado que havia muito cravo em suas terras, sendo que se achava mui pouco, e não chegava para pagar as dívidas que tinha feito a fim de se aviar para o rio Urubu. Dava-lhe pena de não poder lograr o fruto de seu trabalho, por haver de ficar essa sua missão aos missionários da Companhia, aos quais pertencia por direito, mas consolei-o, dizendo-lhe não lhe desse isso moléstia, porque tinha feito sabor a Sua Majestade que os missionários da Companhia não podiam sós com tantas missões e assim sem dúvida havia de ficar esta dos missionários de Nossa Senhora das Mercês. E assim repartindo Sua Majestade as missões todas pelas religiões que havia no Estado do Maranhão, coube a eles a missão do rio Urubu e arriba, em que assistem até o presente.

Nas cabeceiras deste rio achou o Capitão-Mor André Pinheiro, sendo cabo da tropa em que o padre João Maria foi por missionário, o primeiro mineral de ouro e prata e que até agora não souberam fundir, conforme me dizem, e para que por falta desta ciência não se perca um grande tesouro quero eu pôr aqui o modo certo desta fundição, conforme tenho alcançado e é o seguinte.

Tome-se o mineral assim inteiro, e meta-se entre carvões ou brasas acesas em riba e por baixo, e deixe-se até que ardendo arrebente dando estralos; então pisa-se em almofariz de ferro ou cobre ou bronze limpo, com uma mão limpa do mesmo modo; depois disso lava-se umas quatro vezes com água clara e pura, e feito aquilo tome-se pedra-ume moída e desfeita em vinho branco, gesso e plastro, quero dizer barro com que se fabricam as casas, tudo junto em partes pouco mais ou menos iguais, feitas em massa que se põem nos cadinhos sobre o fogo, assoprando rijo até derreter o mineral pelo espaço de uma meia hora; se, ao cabo, se não achar nada no fundo do cadinho é que não rendeu nada, porque se render pouco ou muito tudo se acha; nota que essa massa se deve fazer com vinho branco e se o mineral tiver muito enxofre é que é de riba, e se deixa lançar o que está mais abaixo e ao fundo, é cousa já experimentada.

.....

## *Capítulo VII*

### DÁ-SE CONTA DO ESTADO DA MISSÃO DO RIO DA MADEIRA E DOS TUPINAMBARANAS

**T**INHA eu, como padre superior da missão, obrigação de visitar a missão do rio da Madeira, em os Irurizes, mas como o padre João Ângelo, mandado para lá pela segunda vez, tinha tornado a adoecer, e sido mudado para a missão da Capitania do Cametá, achei-me desobrigado de ir aos Irurizes, ainda mui distantes contudo para que não fique em esquecimento cousa alguma do que aquele obediente o zeloso missionário lá obrou, aqui se a apontará, como de passagem.

Ido o padre João Ângelo, pela segunda vez, à sua querida missão dos Irurizes, foi aceito ali como um anjo vindo do Céu e como já os tinha domesticado e ensinado pela primeira vez que lhes assistia, achou-os já mui aptos para receberem com melhor disposição e maior firmeza a nossa santa fé; portanto, os foi inclinando cada dia mais a deixar seus ritos gentílicos, até os induzir a fazer casas de sobrado com suas lojas debaixo, como fizeram com admiração dos portugueses que as viam mas para que se veja quão dificultoso é tirá-los de seus usos antigos, quero referir um só caso, do qual se fará juízo certo de todos os mais.

Costumavam os irurizes enterrar seus defuntos dentro de suas casas em caixões ou árvores ocas ou cousa que isto representasse; avisou-os o padre João Ângelo que pois eram cristãos haviam de enterrá-los em igreja, ou ao menos em cemitério bento para esse fim.

Morreu um índio e querendo os parentes, sem embargo deste aviso, enterrá-lo dentro de suas casas, como dantes costumavam, e como sabiam que lhes haviam de ir a mão, acharam uma traça para enganá-lo, e foi trazer para a igreja não sei o que envolto em umas cascas de árvore que pareciam servir de caixão. Não soube o padre por estar ausente, porém como depois soube do engano com que tinham enterrado o defunto em sua casa, e só uma não sei que figura dentro de umas cascas em sagrado, mandou logo sob pena de grave castigo desenterrar o corpo morto e levá-lo para igreja onde tinham enterrado as cascas; obedeceram e daí em diante não se atreveram a outro engano semelhante, e seriam hoje grandes cristãos se o padre não tornasse a adoecer por serem as terras mui doentias, e tivesse vindo para baixo.

Conhecendo, pois, os padres que aquele rio não era apto para residência, resolveram-se a pô-la junto à boca dele, em um belo sítio, onde pelas boas práticas do padre João Maria se formou uma grande aldeia chamada dos Abacaxis; mas porque ao tempo de minha visita em nenhuma parte destas havia missionário, passei-as todas, e me fui aos Tupinambaranas, indo de volta para o Pará, por me ficar mais cômodo visitar primeiro as aldeias de cima sitas para o norte, navegando pelo rio arriba e depois para banda do sul, pelo rio das Amazonas para baixo.

Depois de umas quatro jornadas para cinco dos Urubuzes, cheguei aos Tupinambaranas, residência de Santo Inácio, na qual assistia já há anos o padre Antônio da Fonseca, sem outro companheiro que um homem branco por nome Sebastião Vieira, mui versado em língua geral e de grande préstimo, o qual morava à parte com seus escravozinhos, tratando de sua vida como outros que andam por esses sertões, ainda que não com tão boa consciência como ele.

Tinha o padre Antônio da Fonseca, com ajuda deste seu companheiro, feito uma igreja nova e casas novas, em que morava, e estas mui airosas e cômodas; tinha mais acrescentado a aldeia com gente descida de novo do sertão, e mandado fabricar todo de muro no sítio mais alto de um outeiro, que olhava para um belo e espaçoso lago, pelo qual,

rio para baixo, se vai aos Curiatos, e rio para riba aos Andirazes e Maraguazes e, atravessando por um igarapé, ao rio das Amazonas.

Tem ares e águas bastantemente boas, terras fortes para mandiocas, tem matas abundantes em caça, fontes e rios fecundos em peixe, nem faltam tartarugas a umas jornadas de lá, porque são tantas que o padre tinha àquele ano umas mil por sua parte, em um curral. Assistia em aquela aldeia e dela visitar as aldeias dos andirazes para riba e as dos curiats para baixo, com muito zelo e trabalho, ensinando e formando-as até fazer nascer em ânimos daqueles bárbaros a fé de Cristo, que ele primeiro de todos lhes manifestou. Não é crível o bem que de lá fazia com suas doutrinas e administração do santo batismo aos inocentes e adultos.

Visitei a igreja e depois a residência e ao cabo a aldeia toda, que achei mui bem governada, ficando de tudo mui bem satisfeito e bem edificado, e em especial a grande pobreza do padre missionário, em que vivia tão contente como se nada lhe faltava, e achava ainda com que fazer-me matalutagem para o caminho, assim para mim como para meus romeiros, com os quais fazia o número de vinte e duas pessoas em todo, que cada dia e meio me gastavam um alqueire de farinha.

Acabada a visita da residência dos tupinambaranas, fui-me aos Condurizes, da banda de além pois pertenciam à visita do padre Antônio da Fonseca. Muito me agradou a entrada para aquele rio, e o rio mesmo não só por grande e claro, mas por muito alegre, por suas belas praias de areia e lindos outeiros, que de uma e outra banda o acompanham. Queria ir vê-lo até às cabeceiras, mas como achei ausente o principal, ido com a tropa do cabo João de Seixas, e a aldeia desamparada toda, sem igreja, por andarem os índios continuamente divertidos, fiquei obrigado a dizer missa na praia a alguns brancos, que lá achei, os quais me fizeram presente de uns pássaros de muita variedade, de belíssimas cores, chamados araras, que se acham naquela terra dos condurizes, mais engraçados que em outras terras, e por isso os levei comigo, mui contente, para o Grão-Pará, donde mandei sete deles ao ilustríssimo senhor núncio Nicolaini, o qual os tinha pedido com muito encarecimento, estando eu com ele em Lisboa, e me escreveu de Paris que os não recebera por terem feito todos naufrágio pelo mar, porém ficava muito agradecido, esperando que outros que viessem não teriam a mesma desgraça.



Continuei minha viagem pelo belo rio das Trombetas, e percorrendo as aldeias principais pelo rio das Amazonas abaixo e pelas ilhas dos Ingaíbas, dei comigo em Parijó, aldeia principal da Capitania do Cameté. Assistia nela por missionário o padre João Justo Lucas, ainda novato em missão, mas antigo em zelo das almas com que na Europa tinha assistido em armadas contra o turco, e por então assistia em aldeias dos índios, mais bárbaros que os mesmos turcos.

Tinha sua igreja mui bem composta, nem faltava com a doutrina e sacramentos a seus fregueses, e era tanta a vontade de induzi-los à devoção de Cristo Senhor Nosso, que pelas Endoenças, andando os índios, uns levando cruces aos ombros, outros açoitando-se na procissão pelos terreiros da aldeia por onde estavam dispostos os passos, ele andava à cabeça de todos, com uma corda grossa ao pescoço e arrastando uma pesadíssima cruz, tendo-se já dantes disciplinado muitas vezes com os mais. Não soube eu a tempo esses seus atos santos mas ignorados favores a esta missão, porque se tivera notícia deles lhos havia de proibir, não porque sejam maus, mas porque nós por estes tempos não havemos de fazer penitências públicas sem licença.

Acabei finalmente a minha visita na residência de São João Batista em Mortigura, onde o padre João Maria, o mais antigo missionário de toda a missão em aquele tempo, estava com sua igreja e casas bastantes, feitas pelo padre Aluísio Conrado, seu antecessor. Em sua residência achei tudo digno de muito louvor, bastava estar ali o padre João Maria, ao qual se deve o ter-se feito essa aldeia pela forma em que hoje se vê, tirado que o padre Miguel Antunes renovou e acrescentou a residência quanto à forma e disposição mui acomodada e gabada de todos, e o mesmo fez à igreja, ornando-a de suas pinturas e imagens, como se dirá em seu lugar.

Com isso recolhi-me para o Colégio de Santo Alexandre do Pará, onde o padre João Carlos andava lidando com o corredor novo e mais com os nossos doentes, aos quais servia de médico, de cirurgião, de rapaz e enfermeiro, com tanta liberalidade que os provia não só do necessário em vinho, galinhas, peixe fresco, doce o tudo o mais, mas ainda do que conhecia lhes poder ser de regalo.

Um desses doentes era o irmão Miguel Pereira, o qual tendo adoecido na missão de Gurupatiba, sobre o rio das Amazonas, entisicou

de tal maneira que dentro de poucos meses veio a morrer, aos vinte e um de dezembro do ano de 1690, e foi enterrado à parte direita, junto ao arco da capela-mor da igreja de S. Francisco Xavier, fazendo-lhes os muito reverendos padres das Mercês, com assistência de alguns sujeitos das mais religiões, o officio de corpo presente.

Era natural do Brasil, admitido na companhia por estudante, bom religioso e aceito de todos, tinha belas mãos para qualquer obra curiosa e tinha feito pelo Natal, pouco antes de seu falecimento, um Belenzinho para sua devoção dele. Suposto era ainda moço, dele se podia dizer em verdade *consummatis in brevi, complexit tempore multa*, porque além de ser muito douto, obediente, paciente, humilde e casto, era em tudo mui fervoroso, e assim como viveu uma vida angelical morreu como um anjo; nunca, depois de morto, se lhe puderam fechar os beijos e os olhos, e assim estando com os olhos postos no Céu e a boca cheia de riso, com parencças mais de vivo que de morto, bem mostrava a todos para onde se encaminhara sua santa alma, e quão preciosa tinha sido a sua morte no divino acatamento.

Houve sepulcro mui esplêndido pelas Endoenças e preguei todas as tardes dos domingos com assaz concurso, sobre o negócio de nossa salvação; nem faltaram confissões, porque àquele tempo descarrega ordinariamente o maior peso delas sobre o Colégio, se bem não tanto como sobre o do Maranhão. Estava ainda o padre Samuel Fritz no Pará pedindo-me com instâncias repetidas, que eu bem o tornasse a mandar para sua missão dos Cambebas pertencente a Castela, ou lhe desse licença de embarcar-se para o Reino, para de lá ir à Espanha, e, à primeira ocasião, à Cartagená, e finalmente à sua missão, alegando-me a perda de almas pela dilação de sua ausência; respondi-lhe eu que se não molestasse nem se quisesse apressar, porque, como estava avisado Sua Majestade, não convinha bulir em nada antes que ele ordenasse o que se havia de guardar, e que então voltaria sem dúvida à sua real fazenda pelo caminho que tinha feito, bem aviado de tudo, e além disso bem acompanhado para poder voltar sem perigo à sua desejada missão, e assim fez-se como se verá em seu lugar.

.....

## *Capítulo VIII*

TORNO PARA O MARANHÃO A DAR FERVOR À  
IGREJA NOVA DE NOSSA SENHORA DA LUZ,  
QUE TINHA MANDADO PRINCIPIAR O PADRE  
VICE-REITOR DIOGO DA COSTA

**M**UITOS anos havia que me acompanhavam grandes desejos de fabricar um belo templo novo à Virgem Senhora Nossa da Luz, padroeira do Colégio e de toda a missão do Maranhão, para esse fim, sendo superior da primeira vez, mandei ajuntar pedras, cal, madeiras em grande quantidade, ajudando-me para isso incansavelmente o padre Francisco Veloso, sendo reitor do dito Colégio, e continuando eu mesmo depois com fervor sucedendo-lhe no cargo de reitor, depois de ter acabado o de superior da missão. Não faltou a Senhora de procurar quem concorresse para os gastos que haviam de ser muitos, porque fez ela que João Pereira Barbosa e sua mulher Ana Gonzales, ambos irmãos da missão por carta de irmandade, promettessem três mil cruzados para ajuda do custo. Com estes comprei umas casas de Sebastião Muniz, por duzentos e tantos mil réis, que mandei logo derrubar para aparelho dos chãos; mas como sempre tinha ficado frustrado de meus bons intentos por não ter todo o governo em mão, para pôr em obra o que já estava

aprovado de Roma e pelo padre visitador Barnabé Soares, vendo-me pela segunda vez feito reitor do Maranhão, superior de toda a missão, por patentes expressas de nosso muito reverendo padre-geral, logo entendi que a Virgem Senhora Nossa era servida que lhe levantasse o seu santo templo, tantos anos desejado; pelo que ordenei, estando ainda de visita no Pará ao padre Diogo da Costa, vice-reitor do Colégio do Maranhão, constituído por mim, por ser homem prudente, cuidadoso e grande amante da Virgem Senhora da Luz, a quem, desde menino, tinha servido de ajudante dos sacristãos, por sua muita devoção e habilidade para obras e ornato delas, que logo fizesse trabalhar com fervor nas pedras de cantaria a Francisco Pereira, pedreiro insigne de seu ofício, juntar mais pedra de alvenaria com cal e tudo o mais necessário para a fábrica, e trazer as rumas de pedra que estavam já juntas da porta do Colégio para cima, junto ao lugar da fábrica que se pretendia fazer, para que, estando todo o aviamento ao pé da obra, não faltasse o necessário para levanta-lá com toda a brevidade.

Deputei também os índios guajajaras da aldeia de Mareú, que Sua Majestade tinha concedido ao Colégio à minha instância estando na Corte, por procurador da missão, para que arrevesados de dois em dois meses, servissem quatorze para quinze, por seu justo estipendo, na dita obra da igreja. Não tardou o padre vice-reitor Diogo da Costa um momento a pôr em execução tudo, ajudando a todos os moradores com os seus carros e bois para pôr logo toda a pedra em cima; feito isto alguns dias antes da festa do nascimento da dita Nossa Senhora da Luz, mandou o irmão Manuel da Silva, subintendente das obras, que com a assistência do capitão engenheiro Pedro Carneiro de Azevedo e do capitão Domingos de Almeida, tomasse com o mestre pedreiro Francisco Pereira e Lucas Nunes a esquadria do sítio e fincasse paus, conforme o debuxo que eu lhe tinha deixado, feito por minha própria mão. Acabado isso, com toda a pressa e diligência, começou-se a abrir os alicerces de oito palmos de largura e doze de altura, no fim do qual lançou o Sr. governador e capitão-general do Estado Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, na presença da seus ministros, nobreza e povo da cidade, do padre vice-reitor todos os mais padres do Colégio, a primeira pedra,

com vinte cruzados de prata, com grandes festas e tiros dos estudantes, para aplaudirem tão bons princípios.

Bentos os alicerces, puseram os obreiros mão à obra e dentro de pouco tempo subiram à flor da terra e uns palmos a mais, e depois tirados dois palmos, crescendo para cima, em seis de largura, de sorte que chegando ao Maranhão, já achei a parte do frontispício com suas três portas levantadas na altura de vinte e um palmos, porém para a banda da capela-mor nada mais que os alicerces, e nem estes para a capela e sacristia. Folguei muito de ver a obra colocada em tão boa altura, e me pesou achar que as pedras dos portais eram menos largas do que a arquitetura requeria; e como o tempo ainda era de chuvas, esperamos que passasse a festa de Nosso Santo Patriarca para irmos continuando, lavrando os pedreiros por entre as pedras de cantaria para os frisos, tribunas e arcos. Passada a festa de Santo Inácio, pegou-se na obra com todo o fervor, e valeu muito, não só a assistência minha, mas singularmente a do Sr. governador, que quase não deixou de vir todos os dias para animar os obreiros com sua presença, e quando faltava era para ajudar a fortaleza real de Santo Antônio, que por ordem de Sua Majestade mandava levantar sobre o mar, na ponta chamada de João Dias, pelo petipé e debuxo dado pelo capitão engenheiro Pedro Carneiro de Azevedo.

Não nos foi de nenhum proveito fazer aquela obra real ao mesmo tempo que se fazia a nossa igreja nova, porque, como tinha alicerces de dezesseis palmos para baixo, e ia crescendo a obra também com dezesseis palmos de largura, feita e caldeada de cal e areia, e levava uma imensidade de pedras, e como essas iam faltando pelas partes mais remotas, valeram-se de nossa ilha de São Francisco e não só daquelas que estavam pelas praias, ou tinham mão às ribanceiras para que não viessem para baixo, mas também de muitas pela terra dentro, com licença nossa, por serem necessárias à fortaleza que Sua Majestade mandara fazer.

Bem víamos todos os padres que parte das pedras que se levavam para banda do mar faziam grande dano à ilha, e parte das que se levavam mais pela terra adentro eram as que tínhamos mandado arrancar com alavancas de ferro, e davam detrimento às obras da igreja nova, mas tudo isso dávamos por bem empregado na fortaleza do Rei, para a qual também contribuimos com a terra da mesma ilha, que serviu de enchimento dela.

Isto quis referir aqui, para que saibam os vindouros o muito que custou ao Colégio do Maranhão aquela obra real, mas também conheçam a causa que houve, a meu ver, para fechar-se a entrada aos navios, por se formarem coroas de área, que assim da ilha como de outras partes ocorreu por se tirarem as pedras das ribanceiras que há pelas vizinhanças da entrada para dentro; não digo isto de balde, porque tendo as águas feito um polme pela muita terra que levavam sempre, presumi que haviam de prejudicar algum dia a passagem dos navios.

.....

## *Capítulo IX*

VISITO O COLÉGIO E AS RESIDÊNCIAS DO  
MARANHÃO E REFERE-SE O ESTADO DELAS

**E**NQUANTO o governador andou da banda do Grão-Pará, fui eu visitando o Colégio de Nossa Senhora da Luz do Maranhão com suas fazendas e residências, continuando-se entretanto as obras da igreja nova com todo o fervor. Quanto ao Colégio, achei que tudo procedia bem, e se tinha trabalhado muito naquele ano, assim pela quaresma, com as contínuas confissões, praticadas à tarde, sepulcro, como antes dela com as 40 horas, feitas com toda a solenidade, concurso e devoção. Andavam as cousas pertencentes ao culto divino suficientes e limpas, nas mãos do irmão Marcos Vieira, antigo e diligente sacristão de Nossa Senhora da Luz, que depois de ter voltado do Reino, onde me tinha acompanhado nos negócios da missão, applicou-se de novo a este officio, porquanto só para servir à Senhora tinha renunciado à licença, que o nosso muito reverendo padre-geral lhe tinha concedido para se ficar em Portugal.

Do Colégio passei para o rio do Pinaré e visitei a residência de Nossa Senhora da Conceição, onde de presente habitam os guajajaras, sobre o lago de Mareú; achei os índios já muito contentes por lhes

não faltarem mantimentos, nem carne, nem peixe, nem cágados, que chamam jabutis, por estar aquele sítio só mais sadio e alegre que os outros do Pinaré, mas muito farto de tudo, até de frutas que por aí não faltam.

Tinham sua igreja limpa e estavam muito bem doutrinados por seu missionário, o padre João Ribeiro, que os governava com sua prudência com muita quietação, e edificava com sua vida muito religiosa e modesta, mandando de dois em dois meses, os que se pedia para as obras da igreja, para as quais folgavam de ir todos, por verem logo o bom pagamento de seu trabalho, e o bom trato que tinham no Colégio, como filhos dele.

Do Mareú, por faltar ainda padre para se pôr em Tapicuru, fui ver a residência de São José e nossa roça de Anindiba. Estava em São José o padre Antônio Coelho com a sua aldeia muito despovoada por andarem os índios divertidos, uns em canoas do governador, idos para o Pará, outros em canoas dos dizimeiros, e outros nas dos que têm o corte da carne à sua conta, e conseqüentemente sua igreja ameaçando ruína e a casa do padre de pindoba muito pouco acomodada, porém limpa e tal que um amante da santa pobreza, como ele desejava.

Estava o padre para mandar fazer uma igreja nova e já com algumas madeiras cortadas para ela; mas como os índios pretendiam mudar-se mais para o mar e fazer sua aldeia em Guarapiranga, mandei-lhe que esperasse um pouco para saber a vontade do governador. Foi tal a espera, que até hoje dura, por parecer aos ministros reais que lhes fogem os índios para mais longe, querendo-os eles ter à mão mais perto e por se imaginarem também que os padres os não querem em suas terras, como se estando os índios onde queriam não haviam de roçar sempre as terras do Colégio. Pretendem os pobres mudar-se por serem já muito cansadas as terras onde estão e não lhes renderem o mantimento necessário, tendo sido já roçadas muitíssimas vezes e feitas uns formigueiros, inúteis para lavouras.

Deus lhes dê remédio o lhes conceda depois desta vida o descanso que nesta não puderam alcançar.

Por este mesmo tempo visitei a nossa roça de Anindiba, meia hora distante da aldeia, a qual estava governando o irmão Manuel Rodri-



gues, depois de ter vindo de Pernambuco, onde tinha sido expulsado com os mais por ocasião do motim do ano de 1684.

É este irmão grande fazendeiro, filho de um honrado lavrador da ilha de S. Miguel, e o trouxe eu em o ano de 1669 para a missão, em a qual serviu sempre com grande louvor, sendo de muito préstimo para tudo; tinha sua fazenda mui bem governada, porque em isso ninguém lhe punha pé adiante, e como é juntamente grande religioso tinha levantado, com licença, uma bela igreja nova, junto à velha, muito infestada das formigadas, e feito um retábulo de cedro que podia aparecer em as melhores igrejas da cidade, dando ele a traça e sendo os entalhadores Francisco, filho de Alonso, feitor de ilha, e Mandu, com Miguel, carapiñas da fazenda.

Tinha eu posto Francisco com Diogo de Sousa, entalhador, casado em a cidade de S. Luís, depois de ter sido noviço da Companhia, e lhe tinha posto em a mão a pena, para aprender a debuxar, tendo visto nele grande habilidade para obras de entalhador; porque do Brasil vinha quase mestre marceneiro, por ter sido um dos que o padre provincial Alexandre Gusmão tinha empregado para as belas obras de casco de tartaruga, que fez em a incomparável sacristia do Colégio da Bahia, e para sair destro de tudo o tinha depois posto com Manuel Mansos, entalhador do Reino, que estava fazendo os retábulos do altar-mor da igreja nova de Nossa Senhora da Luz.

Entretanto, indo-se acabando a teologia que o padre mestre José Ferreira lia aos nossos do Maranhão, foram-se fazendo os exames *ad gradum*, suprimindo ele o lugar do quinto examinador, por estarem os mais padres espalhados pelas missões mui distantes, nem poderem ser chamados sem grandíssimos incômodos e perda das almas para serem examinadores com os que havia: responderam os discípulos com a satisfação que se esperava deles, por serem todos ensinados por um tão grande mestre, e foram os sufrágios para Roma, como é costume.

Estava o padre mestre José Ferreira muito achacoso de achacques, que a terra do Estado do Maranhão dá, sem outro remédio que a mudança; pediu-me pois que, visto o estado em que se achava e ter já acabado sua tarefa, o deixasse ir para o Reino para se curar e achando-lhe eu muita razão lhe concedi a licença que me pedia, apontando-lhe eu muita razão lhe concebi a licença eu me pedia, que também

necessitava de ir curar-se no Reino de um braço, que trazia muito mal tratado. Por esta ocasião, como a partida havia de ser do Pará, onde estava o navio, aviou-os o padre vice-reitor do Maranhão com canoa bastante e matalotagem para passarem para lá, indo em sua companhia por ordem minha os padres Inácio Ferreira, Manuel Galvão, Miguel Antunes, Francisco Ribeiro, para convalescerem no Pará, já que não achava melhoras no Maranhão, e os padres Manuel da Costa, Pero Pedrosa todos examinados *ad gradum*, exceto o padre Francisco Ribeiro o coadjutor espiritual antigo, e o irmão Manuel dos Santos, estudante do curso, para acabá-lo em Coimbra, quando assim parecesse aos que isto tocava. Chegaram a salvamento ao Pará e partindo o padre mestre José Ferreira com o irmão Manuel dos Santos pelo mês de setembro, chegou com próspera navegação à ilha Terceira, onde ficou por uns tempos, continuando o irmão sua viagem para o Reino.

Folgou o padre reitor do Pará muito com este novo socorro de missionários, repartindo-os logo pelas missões muito falhas de sujeitos; a repartição, porém, fez-se pelo modo seguinte:

O padre Francisco Ribeiro ficou em o Colégio, como achacoso, por padre espiritual; o padre Inácio Ferreira foi para Mortigura com o padre Miguel Antunes; o padre Manuel da Costa foi para Gurupatiba, mudando-se o padre José Barreiros para Urubuquara, para lá fundar; uma nova residência à parte e que ficasse a aldeia de Jagoaquara de visita; o padre Manuel Galvão foi aos bocas render o padre Francisco Soares, e o padre Pero Pedrosa foi mandado para o Maracanã; os que ficaram pelo Maranhão foram repartidos também do mesmo modo entre as aldeias, ficando o padre João da Silva e João de Avelar para pregarem e acudirerem aos mais em o Colégio.

O padre Antão Gonçalves foi mandado para S. Gonçalo sobre o rio Tapicuru, com o irmão teólogo João Valadão, para de lá acudirerem aos índios da aldeia, que tinham sido mudados para lá de Taiapuarati, para ajuda dos brancos, que com o lucro de uns poucos de escravos foram começar a nova vila de Icatu, em o sítio que se achou mais acomodado para esse efeito, correndo com esta mudança o sargento-mor Manuel de Barros, pelos fins do governo de Artur de Sá, donde lhe procedeu uma grande doença da qual faleceu, parecendo sua morte mais procedida de paixão que de outra cousa. Acabou-se esta vila de Icatu

estando já governando Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, dando-se-lhe por capitão-mor Agostinho Correia, filho de Agostinho Correia, um dos principais conquistadores, o qual tinha sido deixado por governador do Estado com licença de Sua Majestade, quando o governador André Vidal de Negreiros se mudou para Pernambuco; ao padre Baltasar Ribeiro mandou-se para S. José e não muito depois para a aldeia do Mareú, com o irmão Geraldo Ribeiro, tornando o padre João Ribeiro para a roça de Anindiba, onde já tinha assistido com muita satisfação.

Ninguém estranhe tantas mudanças dos sujeitos de uma parte para outra, porque são tais estas nossas missões que, ou pela razão dos índios ou dos ares ou dos achaques e doenças, ou também dos gênios dos mesmos sujeitos, sempre as houve e as haverá, pelo que a mim me parece, enquanto estivermos com elas.

Poucos são os missionários que se acham de tal maneira que possam continuar por muito tempo em o mesmo lugar, e não seja necessário mudá-los para outras residências ou para os colégios, por assim o pedir a grande falta de sujeitos ou outras justas razões.

.....

## *Capítulo X*

VAI O PADRE ANTÃO GONÇALVES,  
POR ORDEM MINHA, PRATICAR OS GUANAZES,  
ÍNDIOS DO SERTÃO DO RIO TAPICURU,  
A FIM DE OS DESCER PARA O RIO

**A**PENAS chegou o padre Antão Gonçalves com seu companheiro João Valadão ao Tapicuru, não contente de acudir com a doutrina e sacramentos às aldeias que lhe estavam cometidas sobre o rio Tapicuru e Muni, tratou de largar o freio a seu grande zelo e ir estendendo-se pelos sertões e descer a gentildade que nele se tinha descoberto.

As nações que havia mais chegadas àquele rio de Tapicuru eram os caicaízes, os uruatizes, os guaxinazes e os guanazes. As duas primeiras eram mais ferozes e bárbaras, se bem os uruatizes estavam muito acabados de seus inimigos e as duas derradeiras mais brandas e aptas para serem domesticadas, e tinham suas aldeias com suas lavouras estáveis, vivendo as mais como gente de curso. Estava com os guanazes um mameluco chamado Mosqueiro, escravo fugido de Domingos Angra, homem nobre e abonado da cidade de S. Luís e sobrinho do padre João Madeira, da província de Portugal, o qual com sua valentia, sem mais armas que sua espingarda e faca, tinha ganho tanto sobre os ânimos deles que, matando o filho do principal dos guanazes, sentiu

esse tanto sua morte que, para o acompanhar na outra vida, mandou a seus vassallos que lhe dessem garrote, como logo fizeram, obedecendo a seu mandado, sem haver quem se atrevesse a dizer uma só palavra ao mameluco Mosqueiro, o matador. Este, como era todo o conselho dos guanazes e muito mais temido e venerado deles, depois da injusta e cruel morte do filho do principal, chegava às vezes com alguns dessa nação ao Tapicuru a falar com o padre Antão Gonçalves; parecendo-lhe isso ocasião boa para descer, por meio dele, aquele gentio deu-me logo parte do que se passava; e como eu estava por aquele tempo na cidade do Maranhão, mandei-me viesse o mameluco falar nesta matéria, e como achei as cousas bem dispostas, dei-lhe boas esperanças de sua liberdade, se tivessem o efeito desejado. Com isso tornei a mandá-lo para Tapicuru, escrevendo ao padre Antão Gonçalves que visse se podia dar uma chegada ao sertão dos guanazes, para praticá-los em meu nome, fazendo-lhes todas as boas passagens que se costumam fazer para induzi-los a descer sobre o rio do Tapicuru, para estarem com os pais, que assim chamam eles aos padres e serem filhos de Deus e vassallos da Coroa de Portugal, por cujas leis se haviam de governar.

O padre Antão Gonçalves, como muito obediente e zeloso, logo se partiu com este aviso para banda dos guanazes, levando consigo o alferes Miguel Ribeiro, homem de zelo, prudência e valor, marido da Dona Branca da Costa, irmã de Dona Catarina e de Dona Isabel da Costa, ambas senhoras de engenhos, este no Maranhão, sobre o rio Tapicuru, e aquele no Pará, sobre o rio Moju.

Chegou o padre Antão Gonçalves, depois de umas jornadas de viagem ao porto dos ditos guanazes, e como sabia a língua geral os praticou, de sorte, que pondo Deus força às palavras de seu missionário, os persuadiu de tal maneira que ficaram movidos a se descerem, porém como habitavam em ricas e fecundíssimas terras e tinham muitos mantimentos com todo o mais necessário para a vida humana, não acabavam de se arrancar, até que o padre Antão Gonçalves, indo praticá-los pela segunda vez, acabou de os abalar para virem, não já todos juntos, mas os que eram necessários para roçarem e plantarem suas milharadas e mandiocas. Feito isso, vieram depois todos, com seu Mosqueiro, que os capitaneava e foram situados sobre o rio de Tapicuru, entre o engenho do capitão-mor João de Sousa Salema, marido de Dona Isabel da Costa, e a alde-

ia de S. Gonçalo, onde os padres tinham sua residência. Aqui fizeram suas choupanas, por entretanto, com ramos de palmeiras, contra as inclemências do tempo; porém, a sua principaleza maior, que chamavam Moacara e consultam em suas empresas como um oráculo, quis agasalhar-se na mesma aldeia de S. Gonçalo, junto à igreja e aos padres missionários, com que se fizeram logo tão familiares que até os meninos e meninas acudiam, com os mais, ao sacrifício da missa e às doutrinas; comiam de tudo, tirada a carne de vaca, que estranhavam ao princípio, porém depois admitiam, por falta do melhor sustento e gosto para eles, como carne de porco-do-mato, veado, pacas e jabutis, que os índios cada dia iam buscar, caçando pelos matos e campinas; e faltando-lhe estas cousas sustentavam-se de quaisquer frutas selvagens que pelos matos se lhes ofereciam, sendo então os palmitos sua iguaria de melhor gosto e estimação. Neste sítio sobreredito os fui visitar uma vez, mas como estava ausente a sua principaleza, por se mudar para outro lugar mais para rio acima, onde tinham seus roçados, lá lhes fui dar a segunda visita, acompanhado do padre Antão Gonçalves, o irmão teólogo João Valadão, o capitão-mor e alguns homens brancos, vestindo todos, para mais autoridade naquela ocasião, vestes do que nunca ou quase nunca costumavam usar.

Logo que cheguei ao porto, um tiro de espingarda longe da Moacara, veio ela encontrar-me, com umas criadas e criados seus, até a ribanceira. Estava toda a sua corte sem roupa nenhuma sobre si, e só ela tinha amarrada uma esteirinha larga de palmo e meio, tecida de folhas de palmeiras, amarrada por de trás sobre os lombos. Saudei-a com umas palavras de sua língua que me tinham ensinado, do que gostou muito, e passando-me uma velha horrenda mão pelo rosto, disse sorrindo-se: *ho hi hi*, como quem diz: o que está bonito. Dissimulei a cortesia bacana e fui seguindo a Moacara até a sua casa, a qual era feita em forma de uma abóbada, com folhas de palmeiras, fechada toda por cima e aberta com quatro portas arqueadas pelas quatro partes do mundo, larga de uns quinze palmos, e comprida de vinte pouco menos; bem no meio desta sua choupana tinha posto uma esteira pequena, na qual se sentou com duas rapariguinhas inocentes, sobrinhas suas, convidando-me para que me sentasse ao longo dela; escusei-me eu com os achaques de minha idade, e o padre Antão Gonçalves para tirar toda a ocasião de desconfiança e pela estimação que dela se fazia, admitiu a honra que tinha oferecido e

sentou-se na esteira um tanto afastado dela. Feita esta primeira cerimônia, mandou ela vir o âmago ou palmito de uma palmeira, bem grosso e comprido, e convidou-me com os padres e o capitão-mor a que comêssemos; aceitei com todos os mais a oferta, e como era muito limpa e branca e além disso doce como um torrão de açúcar, comemos dele em sua presença, com o que ficou muito satisfeita.

Aqui comecei a louvá-la de ter saído de suas terras para as terras dos cristãos com seus vassalos, para serem todos instruídos na fé de Cristo, e feitos filhos de Deus pelo batismo, livrando-se por esta via do fogo eterno do Inferno, e encaminhando-se para nossa verdadeira pátria do Céu, para qual Deus, criador de todas as cousas, nos criara a todos e mandara remir, pela morte e paixão sagrada de Jesus Cristo, seu filho unigênito feito homem para nos salvar.

Animeei-a também para que continuasse no caminho bem começado e não voltasse atrás, fizesse sua aldeia junto aos padres para terem cuidado dela, a fazerem lograr o fruto da saída de seu sertão, com seus vassalos todos.

Com isso, como os índios andavam espalhados todos para buscar de comer, uns pelos matos, outros pelas campinas, despedi-me dela, convidando-a para a cidade, onde a havia de apresentar.

Não há filha espiritual que com mais compunção e devoção receba os ensinamentos de seu confessor de que ela recebeu os meus avisos, dando-se por convidada para a cidade, porque, pouco tempo depois, veio muito bem acompanhada e foi recebida no pátio do Colégio com palavras corteses, presentes e mimos, assim meus, como dos mais religiosos, pois vinha pagar a visita que eu lhe tinha feito.

Partiu com todo o seu acompanhamento, muito contente do Colégio, mas não tanto da cidade, porque, como esperava que todos lhe haviam de fazer o agasalho que lhe tinham feito os padres, ficou em muitas partes frustrada de suas esperanças e assim se voltou para o Tapicuru com menos satisfação, apregoando entre os seus o bom trato com que tinham sido recebida dos padres e imprecando o pouco agasalho que lhe tinham feito os mais brancos; e não há que espantar-se que ela fizesse esse reparo, sendo uma selvagem, pois os sabem fazer os mesmos brutos que, sendo faltos de razão, contudo conhecem o bem que se lhes faz e lhes fica na lembrança.

.....

## *Capítulo XI*

DA REDUÇÃO DOS CAICAÍZES E DA CAUSA  
QUE DERAM PARA SE LHES FAZER GUERRA,  
COM QUE FUGIRAM ELES, E MAIS OS  
GUANAZES E GUAXINAZES  
TODOS PARA OS MATOS

**H**AVIA outra nação muito bárbara, chamada caicaízes, que com boas práticas se tinham tirado do mato e situado para a banda do rio Muni, para daí por diante serem amigos constantes dos portugueses e filhos de Deus; porém, como era gente muito brava e acostumada a uma vida mais selvagem, logo mostrou o que era.

Este gentio é de curso, por andar continuamente pelas suas terras, sem estar de assento em uma paragem, servindo-lhe de agasalho o lugar onde acha mais com que fartar a barriga.

Logo ao romper do dia, saem os homens à caça, e trazendo alguma presa a aparelham, assim eles como as mulheres, comendo-as todos juntos, ainda que meio assada; depois disso dormem e acabando de dormir começam a cantar e a bailar, grandes e pequenos, até alta noite a não poderem mais, que então[...] a descansar, servindo-lhe de cama o chão, e este modo de cantar e bailar guardavam quando vinham à cidade de S. Luís do Maranhão, atordoando com seus cantos desentoados os religiosos do Colégio e toda a vizinhança, e muito mais ainda quando tinham



bebido uma gotinha de aguardente, da qual são tão amigos todos os índios, que não lhe perdoam onde que a acham, e andam atrás dela, até o cabo do mundo, tendo todos isto de mal nesta matéria de beber, que não guardam regra mas bebem quanto podem, até perderem o juízo: alguns deles se abrasam interiormente de tal sorte que, postos fora de si acabam assim a vida, sem serem capazes de algum sacramento.

Ora, como os caicaízes moravam sobre o rio Muni e os guanzazes estavam misturados com alguns guaxinazes e estes corriam pelos rios e campinas não somente de Tapicuru mas ainda do rio Meari, onde estão os currais e a maior parte dos engenhos de açúcar e algumas engenhocas de aguardente, aconteceu haver grandes queixas dos portugueses que habitavam essas paragens, e que os mesmos índios das aldeias, já antigas, se queixavam que se lhes furtavam os mantimentos de suas roças; mas como sabiam a necessidade da gente novamente descida que ainda não tinham roças de onde pudessem sustentar-se tinham paciência: porém como se soubesse que a cada passo faziam hostilidades, acometendo uns, matando outros, como tinham morto dois rapazes curraleiros nossos e ferido outro do outro morador, sem nenhuma razão mais que sua fereza e crueldade, mandou o governador Antônio de Albuquerque, que já tinha voltado do Pará ao Maranhão, a pessoas fidedignas que corresse esses rios e campinas, seguindo o rasto dos malfeitores, para se conhecer de certo donde procedia tanto mal aos moradores, e para maior certeza ordenou que se soubessem quais eram as ameaças, que iam espalhando contra os portugueses.

Fizeram-se todas as diligências; achou-se, assim pelos rastros como pelos ditos, que eram os caicaízes os que molestavam de tal maneira os inovadores daqueles dois rios que os do Meari se achavam obrigados a mudar seus currais do gado vacum, e todos de uma ou outra parte haviam de mudar de moradas se o governador não ordenasse que ninguém se abalasse, e como dos ditos e ameaças que tinham espalhado, constava que esses bárbaros se pretendiam fazer senhores de ambos aqueles rios, expulsando os brancos deles, matando uns e molestando outros, consultou o governador os que Sua Majestade lhe nomeia para julgarem das guerras e justiça delas; e como todos julgaram que se havia de acudir dando guerra aos caicaízes, causas de tantas desordens, sem se quererem emendar, antes que padecessem os moradores maiores danos e se

perdesse a maior parte da Capitania do Maranhão, determinou o governador dar a guerra, mandando fazer todos os aparelhos para ela. Enquanto sobre a mesma se dispunha, andavam-se vigiando os moradores dos rios Meari, Tapicuru e Muni, para que os caicaízes os não acometessem descuidados; e até os padres missionários deram ordem que se cercasse sua aldeia de pau-a-pique, para segurá-la de algum assalto repentino.

Estavam os índios com os seus arcos e flechas à mão, dias e noites, fazendo suas sentinelas, por assim lhes ter sido mandado às instâncias do padre Antão Gonçalves e do irmão teólogo Valadão, os quais davam alento a todos, tendo sempre prevenidas bastantes canoas no rio, para nelas pôr em salvo a gente miúda e fraca, quando necessário fosse fugir de alguma violência, o que mais trabalho dava aos da aldeia. Durante aquele tempo não se atreveram a sair para suas roças, em busca de seu sustento, pois receavam que alguns caicaízes, emboscados, dessem sobre eles e lhes tirassem a vida; e não era maravilha que os índios sobressaltados estivessem com aqueles medos, quando os mesmos portugueses, que se prezavam tanto de generosos e valentes, andavam tão atemorizados que se não atreviam a afastar-se de suas casas.

Houve vários juízos sobre esta guerra, parecendo a alguns que se havia de avisar os caicaízes primeiro do que deles se dizia, para que se emendassem, e que se lhes perdoava por serem novos e não saberem os estilos da terra, para por esse meio seduzi-los à razão e conservá-los, pois estavam já aldeando-se, com roçarias feitas para ficarem e que dando-se-lhes guerra seria pôr as cousas em muito pior estado, porque então haviam de ser muito mais molestos e danosos ao Maranhão; e esse era o mesmo parecer dos padres missionários.

Contudo, como já os valentões desses bárbaros andavam dizendo até aos escravos dos portugueses que haviam de dar sobre eles e acabá-los, para ficarem com suas terras desamparadas, foi o governador em pessoa, com bastantes soldados e índios, para dar a guerra, acompanhando-o eu até o porto, e a flor da nobreza com os ministros reais até o rio Tapicuru, com ordem de, dando os deputados para isso aos caicaízes, que tinham ficado em sua aldeia sobre o rio Muni, dessem os outros nos que tinham ido para as campinas da banda de Tapicuru, sendo essa ocasião belíssima, por estarem divididos e totalmente despercebidos de tudo.

Estando tudo assim belamente ordenado e já o governador com toda a sua gente no Tapicuru, para dar sobre os Caicaizes, descuidados, advertiu-se que os guanazes, amigos e inocentes no caso, estavam postos pelo caminho por onde forçosamente se havia de passar, de modo que, atravessando a soldadesca por meio destes, daria lugar aos guanazes para suspeitas e fugida a seu salvo.

Consultou o governador a dúvida com os ministros e homens prudentes que o acompanhavam e não faltaram alguns que foram de parecer que, visto não poder dar sobre os caicaízes culpados sem dar primeiro sobre os guanazes sem culpa, desse embora também nestes, pois era perdoável padecerem os inocentes quando sem isto se não podia dar nos culpados e destruidores do bem comum da república; porém como o governador era fidalgo temente a Deus e de consciência delicada, não quis por nenhum modo que, pelo respeito aos culpados e nocivos, recebessem dano os inocentes, e assim, partindo uns para dar nos que tinham ficado na aldeia e lugares circunvizinhos, foi com os mais em pessoa rodeando os guanazes, com que os caicaízes, caindo no que era, e servindo-se do tempo que este rodeio lhes dava, fugiram a toda a pressa. Serviu-lhes para isso não pouco o aviso e notícia que de tudo lhes tinha dado um tapanhuno, escravo do capitão-mor de Tapicuru, João de Sousa Salema, o qual, andando mal encaminhando com uma índia de sua nação, lhes manifestou tudo quanto os brancos intentavam; mas o castigou Deus, porque, fugindo com os caicaízes, por guia, logo que se viram escapos do primeiro perigo e postos de outra banda do rio com alguma segurança, lhe quebraram a cabeça e o deixaram estendido no porto, como um gentio do mato, sendo cristão, crioulo do engenho, ladino e capaz de todos os sacramentos, se morrera em casa de seu senhor.

Foram-nos seguindo os portugueses pelo rasto que tinham deixado, e já parecia que estavam dando com eles, vendo-os e ouvindo-os chorar, principalmente os filhinhos que arrastavam chorosos e tão cansados, que de puro cansaço já não podiam dar bem um passo para diante; porém vindo a faltar os mantimentos aos portugueses menos sôfregos da fome e cansaço que o gentio do mato, desistiram de perseguir-los; e como isto era uma desonra ao valor português, prosseguiu em novas ordens da empresa o ajudante Roiolos, e feito capitão dos índios e brancos que levava em sua companhia, andou tanto, já por uma e ou-

tra banda, pelo rasto dos fugidos que os índios rastreadores iam descobrindo, que finalmente deu com eles e matando uns, cativando outros, afugentou todos os mais. Prenderam-se depois disso mais uns quarenta, entre homens e mulheres, grandes e pequenos, os quais o governador praticou muito bem, diante de mim, junto à fortaleza do Santo Antônio, na ponta de João Dias e mandou levar para o Pará, para se porem e aldearem como forros na ilha de Joanes, fartos de tudo o necessário para a vida humana, e livrar assim o Maranhão desses inimigos, tirando-lhes a comodidade de voltarem para suas terras. Lá viveram anos contentes naquela fartura de todo gênero de mantimentos, sem lhes faltarem os missionários, os reverendos padres de Santo Antônio, a cujo cuidado vieram a ficarem com a repartição das missões.

Com esta esfrega dada aos caicaízes ficou algum tanto, ainda que não de todo, seguro o recôncavo do Maranhão, porque como os caicaízes eram muitos e valentes, não se acovardaram com a diminuição e foram continuando suas hostilidades às claras quando dantes faziam como às escondidas, e debaixo de capa de amigos e compadres.

Andava por aquele tempo uma tropa de paulistas mandada pelo governador da Bahia para acabar o gentio que infestava os currais da banda do Ceará; escreveu o cabo desta tropa ao governador do Maranhão que lhe mandasse socorro de pólvora e balas que lhe iam faltando, porquanto estava longe donde se pudesse prover.

Convidou-o o governador viesse extirpar os caicaízes, prometendo-lhe de o premiar bem; mas ele se foi para a Bahia e só mandou um sargento-mor com dois homens, que todos pareciam uns índios, ou quando muito mamelucos. Esse ofereceu-se ao governador para destruir os caicaízes, dando-se-lhe ajuda de homens e armas necessárias, porém nada se efetuou; constituíram-se somente capitães de campo, que com uns soldados e índios corressem continuamente as paragens mais infestadas, mas nada disso valeu para segurança dos currais e moradores contra os caicaízes. Seis deles, depois de todas estas prevenções, vieram ao engenho de Tapicuru, do Capitão-Mor João de Sousa Salema, com umas cartas como escritas dos paulistas; este deu logo parte ao capitão Saraiwa, que ainda andava vigiando com os seus soldados sobre o rio, da tenção com que vinham de o matar sobre a madrugada, em sua própria casa, como de suas próprias bocas se tinha ouvido; acudiu logo o Capitão

Saraiva ao engenho e ajudado do capitão-mor e escravos da fazenda, deu neles matando uns, cativando outros, e ferindo mortalmente os que saltaram ao rio, com que ficou isto algum tanto mais sossegado. Contudo, querendo eu assegurar os nossos curraleiros e currais que são o remédio do Colégio, mandei mudá-los para banda de além e como lá concorresse muito gado, pedi a Henrique Lopes, capitão-mor de Tapuitapera, pastos, da banda das campinas do donatário, abaixo da aldeia de Meari, os quais ele logo concedeu, por carta de data de sesmaria, pelas licenças que para isso tem. Mandei logo tomar posse jurídica pelo padre Baltasar Ribeiro e mais adjuntos, que se requerem para posse real, e fez-se tudo conforme a carta de data nos concedia, incluindo até as pontas que tinham ficado depois de feitas as medições pelo rumo direito. Feito isso, encomendei ao irmão Geraldo Ribeiro, que então acompanhava o padre missionário, que mudasse o gado dos currais para esses novos pastos, o que ele executou pontualmente, com grande trabalho e moléstia sua, levando o gado, parte por terra, parte em canoa, de que tudo lhe dará Deus Nosso Senhor o prêmio merecido nos altos Céus.

.....

## *Capítulo XII*

RELATA-SE O PROGRESSO E SUCESSO DAS OBRAS  
DA IGREJA NOVA

**L**OGO que o tempo deu lugar para ir adiante nas obras da igreja nova de Nossa Senhora da Luz, foram-se levantando as paredes de ambas as bandas e juntamente as capelas colaterais, pondo-se tudo pela altura quase do frontispício; feito isto, mandei lançar os alicerces da capela-mor com os da sacristia, que tomavam a largura da igreja toda, e ordenei que, largando mão das obras da capela-mor, se levantassem as paredes da sacristia até a altura de vinte palmos, com suas janelas rasgadas pela proporção que a obra requeria, e que tudo se cobrisse para poder servir de igreja; por entretanto, que se derrubasse a antiga para empregar as pedras nas paredes da capela-mor, para assim serem dignamente aproveitados, pois tinham servido tantos anos ao santo templo da Senhora, em que se tinha feito tanto serviço a ela e a seu precioso filho.

Não era o senhor governador de parecer, ao princípio, que se demolisse a igreja velha, antes de se acabar a nova, mas depois de ver o bom sucesso, desistiu de seu parecer; fizeram-se naquela sacristia as portas todas que havia na ermida antiga, pôs-se-lhe o púlpito com as grades de comunhão, e acrescentou-se-lhe um belo coro, com suas janelas rasgadas

para a rua, conforme a compridão que deu lugar, fez-se-lhe uma capela-mor forrada de todas as partes com suas tribunas e grades, pintadas por ambas as bandas; pintou o irmão Marcos Vieira, por invenção sua, a capela toda; pôs-se-lhe o altar com o sacrário e a Senhora posta em cima, em seu lugar, depois de rebocada e branqueada toda a obra, destinou-se para sacristia um cubículo que dantes tinha servido de classe aos estudantes, com que ficou uma obra tão bela e engraçada que alegrava a todos que entravam nela dizendo alguns: para que mais igreja além desta que é tão bonita?

Acabada esta obra, mandei derrubar a igreja velha toda, pelo fim já referido, porque com a mesma pedra se foram levantando as paredes da capela-mor da nova, a qual se pôs na altura do arco maior, que com seu friso e cimalha estava em sessenta palmos, tendo de vão e largo vinte e sete e cinqüenta de alto; cousa tão rara no Estado do Maranhão, que as mulheres, levadas de sua curiosidade, iam de noite, pelo luar em suas redes, para ver o que nunca se tinha visto em suas terras.

Aconteceram dois casos no levantar das paredes dignos de se referirem: o primeiro foi cair o mestre das obras do alto para baixo, direito, em pé, sem nenhuma lesão, quando, consideradas as circunstâncias, corria o risco de quebrar as pernas ou bem algum membro do seu corpo; deu ele e todos os circunstantes as graças a Deus e à Virgem Santíssima, pela materna proteção com que o tinha preservado de um grande mal.

O segundo, foi que, levantando-se as pedras do arco maior para cima, por meio de um guindaste e de uns moitões amarrados a um mastro delgado, mandou o mestre das obras Francisco Pereira, pela Ave Maria da tarde, puxar para cima uma muito pesada, e sem embargo de reparar eu no grande peso da pedra e fraqueza do mastro que se ia dobrando, dizendo-lhe que a deixasse para o dia seguinte, ele, por ter já posto todos os aparelhos e estar a pedra já quase em cima e não faltar mais que lhe pôr as mãos, teimou de a querer fazer chegar. Neste ínterim, eis que, quando ele e três pedreiros, escravos valentes da casa, iam para estender os braços para lhe pegar, quebrou o mastro, e caindo a pedra para baixo, maltratou uma cimalha do altar colateral para a parte esquerda da rua, e deu consigo no chão, sem lesão, caindo, porém, o mestre das obras, com todos os seus obreiros, por detrás sobre a muralha, tendo mão neles as cordas, que os cobriam, sem nenhum dano.

Atribuiu-se também este sucesso a um benefício muito grande que lhes fez a Senhora, por fazer quebrar o mastro antes deles pegarem na pedra, porque, se pegassem, caíam todos quatro para baixo, sem nenhum escapar com vida, sobre as pedras que aí se iam ajuntando, para estarem à mão quando se quisesse puxar para cima.

Na igreja nova, que há de servir de sacristia da igreja grande, fizeram-se naquele ano as quarenta horas com grande solenidade, concurso e devoção, porque houve muitas confissões e comunhões, com sermão depois do jantar, um dos quais fiz eu às tardes, e das domingos da quaresma fez o padre Iodoco Peres, bela e frutuosamente, sobre umas parábolas do Evangelho, das quais a última foi do senhor da vinha, que ameaçava de aforar sua vinha a outros, se os que a tinham se não emendassem, porém, ao cabo, pediu a Deus não entregasse esta vinha do Estado a outra nação, porquanto nenhuma lhe serviria com tanto primor nas festas e veneração do Santíssimo Sacramento, como faziam os portugueses; o padre João da Silva fez às sextas-feiras com grande sucesso e muitas lágrimas dos ouvintes, por ser ele mesmo um dos primeiros que choravam. Além destas devoções, instituídas pelos já referidos, instituí, de mais, no tempo deste meu segundo superiorado, a devoção da novena de S. Francisco Xavier, à instância do senhor governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, e do padre João de Avelar, o qual contou e ponderou muito bem alguns exemplos da vida do santo, com grande concurso e devoção da nobreza e povo todo; expôs-se o Senhor com toda a decência, e sendo sacristão o irmão Marcos Vieira, não faltaram velas brancas no altar nem música dos estudantes destros, que, ajudados dos de Gregório de Andrade, que tocava ricamente o cravo, cantavam as ladainhas da Senhora de Loreto, oficiando e dando a bênção no cabo, com o Santíssimo Sacramento, o padre vice-reitor Diogo da Costa, com edificação e satisfação de todos.

No fim da novena, referiram os devotos algumas graças alcançadas do Senhor, que se deixam por agora e se referirão em seu lugar, quando parecer melhor.



.....

### *Capítulo XIII*

À INSTÂNCIA DO GOVERNADOR E CÂMARAS,  
DEPUTAM-SE DUAS TROPAS PARA O SERTÃO,  
UMA DO PARÁ E OUTRA DO MARANHÃO,  
E NOMEIO CABO PARA ELAS

**E**M o ano 1691, fizeram-se duas entradas para os resgates pelo rio das Amazonas, uma pela tropa do Grão-Pará, outra pela tropa do Maranhão, a qual partiu depois; mas porque foi despachada primeiro, dela se trata em primeiro lugar neste capítulo, o logo da segunda, no mesmo, por assim ser necessário, pelo concurso delas em algumas convenções.

Tinha el-Rei Nosso Senhor D. Pedro, o Segundo, que Deus guarde, escrito ao padre Iodoco Peres, antecessor meu, que pusesse missionários no rio Negro, e respondeu ele e eu depois, quando me encomendado o mesmo em outras cartas, que lá se poriam sem nenhuma falência os missionários, logo que se acabasse a casa-forte que Sua Majestade mandara fazer, para segurança, contra o muito gentio brabo daquele rio.

E, porquanto aquela casa-forte não se podia conservar sem índios que lhe servissem, tinha o padre João Maria Gorsony andado em outra tropa antecedente, em que ia por cabo André Pinheiro, começado

já a praticar algumas nações, com tenção de as situar para junto à fortaleza para esse fim, e como estava chegado o tempo determinado de antemão para aquela descida, escreveu-me para o Maranhão, para que lhe desse licença e aviamento para se conseguir com efeito esta sua empresa, e que, para facilitar ainda mais, lhe alcançasse, do senhor general, patentes e provisões para o principal e mais oficiais de guerra. Propus eu tudo ao governador, e, parecendo-me bem, mandou passar para maior autoridade sobre aqueles bárbaros as provisões que se lhes tinham pedido; como que, nomeado o Padre João Maria, por missionário da tropa, e Faustino Mendes, seu amigo, por cabo dela, e este juntamente confirmado pelo senhor governador, partiu a tropa do Pará para resgates de escravos, em remédio de grande necessidade em que se achava aquele povo.

Apenas tomou a tropa a fortaleza do Gurupá, quando o Capitão-Mor Manuel Guedes Aranha, amigo antigo da Companhia, pediu ao padre missionário que fizesse favor de alguns poucos de remeiros, para chegar com pressa da banda além do rio das Amazonas, em descobrimento de uns poucos de franceses de Caiena, os quais tinham aparecido e dado alguns sinais de hostilidade com os tiros de suas armas de fogo, conforme se lhe tinha referido.

Concedendo-lhe o padre missionário os índios remeiros, contanto que os pagamentos do trabalho deles não se faria à custa da tropa, foram e voltaram sem efeito nenhum, por se terem os franceses metido nos igarapés, pela terra dentro. Já dantes disso, tinham vindo uns poucos com cartas do marquês de Ferroles para o senhor governador Antônio de Albuquerque e Capitão-Mor do Pará Hilário de Sousa, pedindo-lhes deixassem ir livremente os franceses ao resgate, pelas terras do Cabo do Norte, e tratou-os o capitão-mor muito bem, enquanto foi canoa de aviso ao governador, o qual respondeu que não era em sua mão dar a licença que se lhe pedia: avisaria Sua Majestade e faria o que se lhe ordenasse.

Continuou a tropa do Pará sua viagem, e tendo tomado seu cabo Faustino Mendes sobre o rio Xingu, onde estava de morada, foi passando pelos Tapajós e Tupinambaranas, até chegar aos Abacaxizes, onde se deteve tempo considerável, resgatando os escravos que por aí achava, e mandando suas bandeiras pelos rios e terras circunvizinhas,

pelo mesmo fim. A razão de sua detenção era a falta de remeiros necessários para as canoas.

Enquanto a tropa do Pará se foi detendo nos abacaxizes, partiu também a tropa do Maranhão para a qual nomeei por missionário o padre Miguel Antunes e por cabo, informado do governador, o capitão João de Morais Lobo, que levou bastão de capitão-mor, para maior autoridade do posto que servia.

Andou esta tropa primeiro pelo rio dos Tapajós, com esperanças de um grande negócio, que tinha prometido um famoso escravista daquele sertão, por nome Pascoal Ferreira, natural do Maranhão, e com estas esperanças lá se foi detendo abaixo de umas cachoeiras, entre pragas de moscas e mosquitos, que além das doenças iam molestando a todos, até que desenganados se retiraram e entraram pelo rio das Amazonas, queixosos de não terem dado com os escravos que se lhes tinha prometido, dando também a culpa ao missionário, totalmente inocente, quando Pascoal Ferreira tinha toda a culpa, e vendo frustradas as suas esperanças, adoeceu de melancolia, de que morreu, sem querer vir abaixo buscar confessor para se pôr bem com Deus, como lhe convinha para sua salvação; e como a vida é o espelho da morte e comumente morre cada qual como viveu, havia este miserável de ir pelo caminho que levam outros seus semelhantes, por morrer com a ocasião junto à sua rede.

Ia o padre missionário Miguel Antunes fazendo belamente a sua obrigação, assim com agrado dos brancos como dos índios; só ao cabo lhe parecia que faria mais escravos se tivera missionário mais a seu gosto, com que, parte pelo muito trabalho e contínuas moléstias, parte pelo pouco costume de andar por esses climas mui doentios, veio aquele a adoecer de tal maneira que, sendo-lhe impossível acompanhar mais a tropa, recolheu-se para o Pará a tratar de sua saúde, e como não houvesse no Colégio quem pudesse suprir esta falta, dei todos os poderes necessários ao muito reverendo padre frei Teodósio da Veiga, missionário das Mercês sobre o rio Urubu, grande língua e com fama de religioso de satisfação, para averiguar as escravidões dos escravos da tropa do Maranhão.

Com esta mudança, fez o cabo João de Morais Lobo seu arraial sobre o rio Urubu, mandando de lá suas bandeiras para o rio da

Madeira e rio Negro, e mais por algumas partes dos maraguazes e outros, por onde também andaram os da tropa do Pará, com tão grande ocasião de desgosto entre os de uma e outra tropa, que pouco faltou que chegassem a pegar em armas para pelejarem mas tudo remediou o padre missionário João Maria Gorsony, com sua prudência e caridade; porém, como por falta de remeiros se detinha a sua tropa do Pará nos abacaxizes, e sem fazer negócio de consideração nos resgates dos escravos, passou para o rio Negro, para ver se lá descobria melhor fortuna, e quando não tratar do que eu lhe tinha muito particularmente encomendado, que era descer gentio sobre o rio das Amazonas e formar a aldeia de Matari para uma residência e outra sobre o rio Negro, sobre alguma paragem a acomodada, não muito distante da casa-forte, para outra residência nova, e para se pôr assim a missão em seu auge maior e dar juntamente cumprimento ao projetado.

Houve-se o padre João Maria com seu incansável zelo, neste importante negócio, de sorte que não descansou até o ter posto em execução e levado ao cabo que se tinha desejado; porque praticou o gentio daqueles sertões e desceu as aldeias para as paragens que se lhe ofereceram mais acomodadas para a saúde e sustentação, assim dos índios como dos missionários, que depois lhes haviam de assistir.

.....

## *Capítulo XIV*

RELAÇÃO DA DESCIDA DE UNS MARAGUAZES  
PELO PADRE ANTÔNIO DA CUNHA PARA MAMAIAKU

**T**INHA Sua Majestade concedido a aldeia do Goçari ao Colégio de Santo Alexandre, do Grão-Pará, e por que, antes de se a poder descer, tinha o governador Francisco de Sá e Meneses com Joana de Melo, descido de uma parte, por via de seu escravo Vicente, para Moruípe, da banda de Marapatá, e acharam os governadores melhor ter o Colégio outra aldeia do sertão que esta, que estava situada sobre o rio Amazonas, ficaram descessem outro em seu lugar, deixando de estar a de Goçari onde estava, para o bem maior da república; e porque sabiam os padres João Maria e Antônio da Cunha ser vontade minha que nos aproveitássemos a tempo da mercê que, à minha instância, el-Rei Dom Pedro tinha feito aos Colégios do Maranhão e Pará trataram de descer nesta ocasião de canoa vazia para banda do Pará uma parte da aldeia concedida, reservando o direito de descer o mais que faltava para outro tempo mais acomodado, para se fazer uma aldeia de duzentos e cinquenta ou quando menos de cento e cinquenta casais, que se chamasse aldeia d'el-Rei, conforme concedera Sua Majestade.

A este fim foi-se o padre Antônio da Cunha, por ordem do padre João Maria Gorsony, missionário da tropa, acabar de praticar os maraguzes em suas terras, tendo o padre missionário já dantes pratica-

do os seus principais na aldeia dos Abacaxizes. Soube o Padre Antônio da Cunha praticá-los pela segunda vez em seus matos, de sorte que logo sem dilação se embarcaram com ele, para a aldeia dos Abacaxizes, de lá, uns, para virem em sua companhia e serem filhos de Deus e filhos dos padres do Colégio de Santo Alexandre, na sua roça de Mamaiacu; e fez-se esta descida sem custar um só real à fazenda de Sua Majestade ou fazenda da tropa, servindo-se este zeloso e caritativo missionário de uns poucos de resgates, que um amigo do Colégio, Domingos Rodrigues Moura, mercador em grosso da cidade do Pará, lhe tinha feito por amor de Deus, quando se despedira dele, para ir com a tropa para o sertão. Em sua canoa não iam senão dois índios da roça do Colégio, dos quais um por piloto, outro por proeiro, sendo todos os mais maraguazes que se desciam, e à vista do bom exemplo do proeiro tupinambá, iam remando conforme.

Não se pode dizer facilmente com palavras quantos trabalhos e enfados padeceu aquele bom padre, para trazer estes seus filhos espirituais por uma viagem tão prolongada como é aquela desde maraguazes até o Pará, e mais, adoecendo ele gravemente, sem falar em outros da mesma canoa, mal dispostos, e muito mais ainda achando-se em sua tolda sem se poder bolir, por a encherem os que vinham, assim meninos como grandes, toda, por dentro, e por fora não ter camas em que todos pudessem comodamente estar. Contudo, como o valor de seu ânimo era muito superior às dificuldades todas, que o acompanhavam, por grandes que elas fossem, foi andando rio para baixo até a aldeia dos Tapajós, onde com as ferramentas que levava resgatou algum alqueire de farinha para sustento da gente que levava, já meio morta de fome; com este socorro continuou seu caminho até encontrar o padre Manuel da Costa, missionário de Gurupatiba, na travessa ou igarapé dos Coanizes, o qual, com uma caridade tão larga com seu bom ânimo, o socorreu com dois alqueires de farinha para a gente, e um frasco de vinho e uma caixa de marmelada para acudir à suma sua fraqueza, com que se achava, sem poder levar cousa alguma de sustento para baixo.

Com este novo socorro, assim de sustento, como também de alguns índios bons remeiros da aldeia de Gurupatiba, chegou à fortaleza do Gurupá onde o Capitão-Mor Manuel Guedes Aranha, como caritativo e amigo da Companhia socorreu com mais dois paneiros de farinha,

com que foi continuando sua viagem até quase meio caminho da aldeia de Uaricuru dos Ingaíbas, onde o padre Antônio da Silva assistia por missionário de toda aquela nação e outras circunvizinhas a ela. Estando no igarapé de Tajipuru achou-se tão debilitado, que, perdendo já as esperanças da vida, se persuadiu totalmente que morria naquela paragem, e assim, praticando os índios, que levava, que tomassem ânimo, sem embargo de verem morrer a ele na empresa, porquanto estavam já muito chegados ao porto desejado, onde achariam descanso e tudo o que lhes fosse necessário para passarem comodamente, a vida humana e serem feitos filhos de Deus pelos padres e alcançarem sua salvação, que era o que os tinha trazido de suas terras para as povoações dos brancos, encomendando também ao piloto índio de bem, da roça de Mamaiacu que, morrendo, ele o enterrasse, e levasse fielmente as suas alfaias com todos os maraguazes para o Pará, entregando-os primeiro ao padre que estava em Jaguarari para que este com o aviso do padre reitor do Colégio, João Carlos Orlandini, dispusesse deles conforme as ordens que lhe mandassem e, como estava esperando pela hora em que Deus o chamasse para si, estando se preparando para o dia com os atos fervorosos da Fé, Esperança, Caridade e arrependimento de todas as suas culpas, como convinha a um padre de tanta religião como ele era, quis aquele Divino Senhor, em cuja mão estão igualmente a morte e a vida, que se achasse com algum alentozinho para chegar até a aldeia do Uaricuru, onde o padre Antônio da Silva o socorreu para poder chegar à fazenda do Colégio em Jaguarari, onde, como já posto em casa, começou a melhorar com toda a gente que levava, meio morta de fome, por ser pouca a farinha toda com que tinham sido socorridos pelo caminho para setenta bocas, que vinham embarcadas na canoa.

Agasalhou-os o irmão que governava aquela fazenda com toda a caridade, e salvou-se o padre Antônio da Cunha, que tomou novas forças com o bom trato e com a consideração de se verem já postos como em casa sua.

Avisou-se o padre João Carlos, reitor do Colégio, o qual veio logo em pessoa dar as boas-vindas e agradecimentos ao padre Antônio da Cunha e os parabéns aos maraguazes de se terem tirado da terra do Egito, onde os havia de acabar a todos o furacão infernal, se os não tivesse trazido com o pé enxuto o seu Moisés por aqueles mares que

há entre suas terras e a terra dos cristãos, onde podiam ser filhos de Deus para no cabo entrarem na terra da promessa do Céu. Não faltaram logo malévolos que foram falar ao capitão-mor Hilário de Sousa, mas ele, sendo bem informado das ordens de Sua Majestade para os padres terem uma aldeia própria para serviço do Colégio e da licença dos governadores para a descerem em lugar de Goçari.

Com isso foram os maraguazes com seu missionário para Maimaiacu, onde os agasalhou a todos com grande amor como pai deles, e por ordem do padre reitor João Carlos lhes deu todo o necessário, enquanto não tiveram roças próprias, para as quais os proveu de ferramentas para as fazerem e para fabricarem suas casas, pagando-lhes seu trabalho quando os empregava em alguma coisa de consideração, em proveito do Colégio e assim se foram aldeando e vivendo mui contentes e mais ainda quando se viram também doutrinados e feitos filhos de Deus, tratados com o mesmo cuidado e maior ainda do que havia com os mais índios forros da fazenda, e o que mais os consolou foi que sobrevivendo depois o contagioso mal das bexigas, não morreu nenhum deles sem os sacramentos do cristão.

Antes que o padre missionário João Maria Gorsony com o padre Antônio da Cunha tratasse de mandar os maraguazes para baixo, fez petição ao cabo da tropa Faustino Mendes em que lhe declarava o poder que tínhamos de descer uma aldeia para o Colégio, e como mandara por duas vezes praticar os ditos maraguazes pelo padre seu companheiro Antônio da Cunha, para se descerem e serem filhos de Deus, e livrarem-se dos assaltos dos seus inimigos, e como eles de espontânea vontade se queriam descer para a fazenda dos padres, com condição de serem tratados como forros, pedindo ao cabo fizesse atuar essa petição, como fez, observando todos os termos jurisdição, e isto depois de saber da boca dos mesmos índios a sua resolução com as condições debaixo das quais se vinham descer. Veja-se o auto que disso se fez no sertão, na aldeia dos Abacaxizes, aos 21 de julho do ano 1692, e se guardou entre os papéis do Colégio do Pará.



.....

## *Capítulo XV*

ACUDO À ALDEIA DOS GUAJAJARAS EM MAREÚ,  
E REMEDEIO A UM DESGOSTO DO CAPITÃO-MOR  
DE TAPICURU DO MARANHÃO

**E**STANDO o padre Baltasar Ribeiro, missionário da aldeia dos guajajaras no Mareú, fugiram uns índios, alegando por sua desculpa o mau-trato que lhes dava o padre havendo-se asperamente com eles; e como um deles era pessoa principal, acudi eu logo para os compor e sossegá-los; e sabido acaso toda a razão da aspereza e mau-trato, era os repreender o padre de seus excessos em beber, de seus amancebamentos e faltas na assistência à igreja aos domingos e festas de obrigação; portanto, por parecer do padre Baltasar Ribeiro e do irmão Geraldo Ribeiro, e consentimento de todos os mais índios da aldeia, congregados na igreja de Nossa Senhora da Conceição, nomeei por principal um índio quieto e sisudo por nome Marçal, mas como este, sem embargo de ter feito grandes promessas de governar bem a aldeia, tinha depois traçado de desaparecer com os mais e agregar-se aos fugidos, por indução de um certo índio Gonçalo, os mandei prender ambos, e, para atalhar maiores ruínas, trabalharem na fortaleza de Santo Antônio em a de João Dias, e depois irem, como desterrados para sempre do Maranhão, mo-

rar na aldeia de seus parentes em S. Gonçalo junto a Icatu, com que ficou remediado tudo e ficaram quietos todos os mais, acudindo já uns, já outros, arvezadamente por seu justo salário, às obras da igreja nova de Nossa Senhora da Luz, a qual se estava levantando por aquele tempo.

Acudi também por então a outro desgosto que se tinha levantado entre o padre missionário da aldeia de S. Gonçalo em Tapicuru, o padre Antão Gonçalves, e o Capitão-Mor daquela Capitania João de Sousa Salema, por ocasião do que se segue.

Estando o padre Antão Gonçalves acudindo com grande zelo às aldeias de sua obrigação, e atalhando os amancebamentos que nelas achava, aconteceu que um cafuzo, servo do capitão-mor, foi achado andar amigado com uma índia da aldeia da residência, e que vinha de noite ter com ela às escondidas, e como o capitão-mor ficou com o padre em uma cousa e depois obrara outra, mandou-lhe ele um escritinho de queixa, em que meteu também o desmancho de seu escravo, que vinha à sua aldeia de noite ter com uma índia, sendo que até aos brancos estava proibido de chegarem às aldeias dos índios sem licença e muito mais aos cafuzos, como era o seu escravo, acrescentando no escritinho que se mais lhe metesse o pé na aldeia lhe havia de dar com um pau. Recebeu o capitão-mor o recado e achando umas palavras equívocas e menos distintas em suas expressões, interpretou-as como ditas à sua pessoa e não somente a seu cafuzo, como que tomado de uma súbita paixão fez grande queixa do padre Antão Gonçalves ao governador, e este a mim como ao superior da missão, dizendo-me tirasse o padre de Tapicuru, ou que ele faria o que entendesse.

Chamei o padre Antão Gonçalves e examinado bem o caso, achei que tudo fora uma equivocação, que causara uma má inteligência das palavras no ânimo do capitão-mor. Contudo, como já se não haviam de dar bem ambos, e podia de lá seguir algum prejuízo à missão, tirei o padre de Tapicuru, pondo em seu lugar o padre Manuel Rabelo e o padre João de Avelar, o qual por mais velho, na religião, ficou por missionário principal daquela residência, sendo por suas muitas virtudes ambos eles muito aceitos ao governador, capitão-mor, e a todos os moradores do rio Tapicuru, como também da vila de Icatu, à qual acodem todas as vezes que os pedem ou a necessidade o requer; com esta mudança ficou tudo em boa paz e amizade antiga.

Foi o caso a Roma, ao nosso muito reverendo padre-geral Tirso Gonçalves, o qual aprovou o que eu tinha obrado, encomendando-me, porém, que visto era o padre Antão Gonçalves tão zeloso do bem das almas, visse se podia compor o governador e capitão-mor com ele, para repô-lo em sua missão.

Não se podia pôr em execução esta ordem no que tocava à composição, porque achei o capitão João de Sousa já falecido, e querendo eu observá-la no que tocava à reposição do padre em sua missão, ele mesmo me pediu que não tratasse daquilo por se lhe não dar da mudança feita.

O padre João Valadão que, com o irmão teólogo, tinha sido o companheiro do padre Antão Gonçalves, ao mesmo tempo que mandou esse escritinho ao capitão-mor, lhe tinha reparado na equivocação das palavras dele quando as mostrou, mas sem embargo disso, o deixou ir assim, não se lembrando que, de uma fâisca pequena se origina muitas vezes um grande incêndio, e acontece isso facilmente aos homens de um zelo forte com que escrevem aos seculares que governam; porque estes logo tomam fogo, e julgam ser paixão contra as suas pessoas o que é o zelo da glória de Deus e das almas; e porque de ordinário não resulta disso bem nenhum, mas antes maior mal, parece-me que os nossos missionários não devem usar do espírito de Elias, mas do espírito de Cristo Senhor Nosso, visto serem de sua santa Companhia de Jesus.

.....

## *Capítulo XVI*

DISPUS ALGUMAS COUSAS TOCANTES AO COLÉGIO  
E IGREJA ANTES DE MINHA PARTIDA PARA O PARÁ

**C**OMPOSTAS assim de algumas cousas, dispus algumas outras antes de partir para o Pará e foram as seguintes:

Tendo já comprado aos reverendos padres das Mercês parte dos chãos para a igreja nova, com outra sorte de terra que tínhamos junto às terras, já dantes compradas à Maria Sardinha, comprei mais outros chãos para alargar o adro da igreja, pertencentes a um clérigo de Pernambuco, os quais quis pagar, por sua liberalidade o nosso irmão procurador Gabriel Pereira Silveira, como consta dos papéis. Alcancei também do Sr. Vicente Pires, clérigo do hábito de Cristo, em Tapuitapera, uns chãos que começam por detrás da sacristia, dados de esmola à Virgem Nossa Senhora da Luz, ficando-nos os chãos que tem o Colégio sitos para a banda das Mercês, no canto de uma rua travessa, defronte de umas casas grandes de Melchior Gonçalves Carapina, que estão juntos às casas de sobrado do capitão Eugênio Ribeiro que se havia de trocar com ele.

Deixei o debuxo da igreja nova com seu frontispício e retábulo feito por minha mão, para tudo se fazer na conformidade indicada.

Dei ordem que se acabasse a aula começada para se ler curso de filosofia, depois o da teologia aos nossos, dando licença a todos de fora de vir, conforme os poderes que disso tinha de nosso muito reveren-

do padre-geral, nomeando por mestre do curso o padre Inácio Ferreira, e dando-se-lhe por discípulos o irmão Tomás do Couto, o qual tinha ensinado uns anos a classe de latim do Maranhão, com muita satisfação dos de dentro e dos de fora, não só pelo bom exemplo de sua religiosa vida, mas também pelo bom modo com que ensinara, e exercitando seus discípulos em recitar poemas, declamar orações, representar admiravelmente comédias, com que se surpreendia toda a cidade; o irmão Tomás Carneiro, que tinha assistido por companheiro ao padre Antônio da Silva em Uaricuru dos Ingaíbas; o irmão Manuel Antunes, que tinha acompanhado ao padre Manuel Nunes, na residência do Caeté, o irmão Cláudio Gomes, que tinha servido de despenseiro no Colégio do Pará, o irmão Domingos da Cruz, que vinha de acabar o seu noviciado com grande edificação e tinha assistido ao padre Antônio da Cunha em Mamaiacu e o padre Francisco Poderoso no Maracanã; o irmão Pedro de Oliveira, que tinha acompanhado o padre Miguel Antunes em Mortigura.

Todos estes eram dos nossos, além de muitos estudantes, discípulos do irmão Tomás do Couto, habilitado para isso, e mais uns religiosos de Nossa Senhora das Mercês, e alguns clérigos do hábito de S. Pedro, aos quais todos deixo de nomear para seguir a brevidade.

Não entraram no curso alguns irmãos, porque eles mesmos não o pretendiam, e deferiu-se do irmão Sebastião Pereira, para se examinar primeiro o latim, e para que não faltasse mestre de letras, ficou nomeado o irmão teólogo João Valadão, o qual estava ensinando com muito agrado ao Pará, de onde também veio o padre Inácio Ferreira com seus discípulos futuros, que estavam daquela banda, em companhia do governador, se bem com pouca feliz viagem, porque além de se terem quase alagado os padres na Barreta, da banda da Vigia, e terem sido obrigados de arribar para consertar sua canoa na roça de Mamaiacu, tiveram depois o seu trabalho na Bahia, que os brancos chamam Cabelo de Velha e os índios Guaibiraba, onde se alagou uma canoa do governador com perda de algumas pessoas ainda gentias, e todo o seu serviço de prata e escritório, com papéis de maior importância, escapando milagrosamente seu capitão da guarda, com umas doze ou treze pessoas portuguesas, assentadas sobre um colchão, sem ser possível de lhes valerem nas mais canoas, senão depois de terem chegado ao porto e ter-se

abrandado a grande fúria das ondas, ao que dantes não davam lugar, sem manifesto perigo de vida.

Estando as cousas nestes termos, parti para o Grão-Pará, levando por meu companheiro o irmão Manuel da Silva, o qual tinha até então corrido diligentemente com obras da igreja nova, ficando em seu lugar o irmão Manuel Rodrigues, e o padre João da Silva como ministro do Colégio.

Tivemos uma viagem muito próspera até à residência de São João Batista, no Caeté, onde estava por missionário o padre Manuel Nunes, como em contenda com Deus Nosso Senhor, para se ver se era ele mais caritativo para com os doentes e necessitados, socorrendo-os com todo o necessário, ou Deus Nosso Senhor, mais liberal para com ele, dando-lhe, generosamente, para ir gastando com os pobres, e ainda para socorrer o Colégio do Pará com uma boa esmola, porque nunca houve residência tão bem provida que aquela em tempo que ele governou no temporal e espiritual, de sorte que não houve que dizer, e assim, partindo-me depois de praticados os índios, e passando pela roça do Mamaiacu, achei o padre Antônio da Cunha missionário dos tupinambazes, já desde uns doze anos, com muita satisfação, ocupado com seus maraguanzes, doutrinando uns, batizando outros e obrigando a todos com muita caridade, e como lá não houve senão tudo digno de grande louvor, passei para o Colégio de Santo Alexandre de Belém de Grão-Pará.

Lá andava o padre reitor João Carlos Orlandini acabando e aperfeiçoando o corredor novo com o da portaria, e sendo que isto só, com as obrigações de seu ofício, bastava para ocupá-lo todo, contudo não era bastante o seu grande zelo, que além disso se ocupava em pregações de dentro e de fora e mais com os doentes, de modo que a todos se estendia a sua grande caridade, e sem embargo de custar uma galinha duas varas de pano na cidade, achou-se gastar com os doentes do Colégio mil e quinhentas galinhas no tempo de seu governo, e que nunca houve quem se queixasse de lhe faltar alguma cousa, porque como era caritativo, era juntamente entendido em cousas de medicina e sabia como se deve acudir aos doentes achacosos com tudo o que lhes parecesse necessário ou útil para sua convalescença e saúde.

Tinha já naquele tempo despachado e havia muito, ao padre Samuel Fritz, missionário do Quito, assistente nos Cambebas, o qual, como dito fica, tinha vindo valer-se do padre João Maria e do capitão-mor André

Pinheiro, em sua grave doença, andando eles na tropa pelo rio Negro e tinha sido levado ao Pará com seu rapaz Tomazito, onde se curou até melhorar de tudo, e tinha esse padre, como eu disse, feito grandes instâncias diante de mim para que o mandasse para o Reino, para de lá passar a Castela e depois para sua missão, alegando-me a grande perda de almas; mas eu o tinha sempre consolado, dizendo-lhe esperasse um pouco, até resposta de Sua Majestade, a quem tinha sido dada parte de sua chegada ao Pará, e que eu não faltaria de mandar muito bem aviado da fazenda real para sua missão, que se fora ao Reino, havia Sua Majestade de culpar, a ele e mais a mim de pouco prudente, além do que o governador não o havia de deixar embarcar, ainda que quisesse; com que o sosseguei até resposta do Rei Nosso Senhor, o qual mandou repor em sua missão muito bem provido pelo cabo Antônio de Miranda, que com uma escolta de soldados o repôs nos Cambebas. Aqui, sem embargo do padre lhe encomendar não molestasse os índios daquelas bandas, contudo, na volta para baixo, cativou muitos com capa de terem os soldados que o acompanharam sido molestados deles, indo com toda a paz buscando o remédio de sua vida por seu pagamento. Examinada a razão do cativo destes pobres, em junta que se fez nas casas do Baldez, onde por então morava o governador, enquanto se consertava o palácio, foram julgados por forros, não só por mim, mas por todos que assistiam na dita junta, concedido, porém, como tais, os ditos soldados; mas como depois se soube que um deles se vendera como escravo, e se pode presumir que do mesmo modo depois se trataram outros mais, com prejuízo de sua liberdade, pôs-lhe o remédio que pôde ser e fica isto aqui apontado para que os vindouros nunca se deixem levar com sombra de caridade a cousa semelhante, visto ter mostrado a experiência ser em prejuízo das liberdades, e um certo cativo paliado com capa de liberdade.

Estava por aquela estação doente no Colégio o padre Antônio da Fonseca, missionário dos Tupinambaranas, e tinha o padre reitor com os meus poderes assim concedidos mandado o padre Manuel Galvão em seu lugar, por entretanto, tirando-o dos Bocas, onde estava, descendo uns gentios para o sítio de sua residência, pondo em seu lugar o padre Francisco Soares; mas o padre Manuel Galvão pouco durou nos Tupinambaranas sem adoecer gravemente e vir curar-se no Colégio; porém quis Deus melhorassem ambos, suposto que o padre Antônio da Fonseca ficou com uma bilida no olho, que lhe tirou quase toda a vista daquela banda.

Antes destes dois, tinham vindo mortalmente doentes os padres Aluísio Conrado Pfeil de sua missão dos Maraunizes, do Cabo Norte, e João Souto da sua; e não muito depois o padre João Ângelo de uma missão da Capitania do Cametá, muito maltratado de um olho, mas voltou para ela, sem embargo de estar ainda mal convalescido.

Neste ínterim, chegou também o padre João Maria, de sua tropa, que deixou principalmente pelas razões seguintes: a primeira, por terem conspirado os soldados contra ele para fazerem um papel de queixas contra sua pessoa, falando dele com pouco respeito, e imputando-lhe a culpa de se não terem feito muitos resgates, e ter-lhe vindo às mãos o dito papel subscrito de todos em roda e se não descobrir o autor dele, sendo que ele não tinha nisso culpa alguma, porquanto a causa de se não ter feito quantidade de escravos não era por falta de vontade e diligência sua para os fazer, mas pelos não haver e pelos fazerem roubar dantes alguns brancos às escondidas, e contra as leis de Sua Majestade, para se aproveitarem deles para si; a segunda razão era ter ele dado cumprimento às minhas ordens acerca do descobrimento de algumas aldeias que me encomendara Sua Majestade.

De tudo me deu parte o padre missionário a mim e ao senhor general, e julgando não convinha deter-se mais com gente conspirada contra si, se veio para baixo, avisando ao cabo Faustino Mendes, que o seguisse. Examinei tudo e achei que o que se dizia do padre missionário João Maria era uma pura falsidade, e que o mesmo que tinha entregue o papel era um Trajano, autor dele, e que vários o tinham subscrito bem contra sua vontade e viva força, como eles mesmos confessaram por suas próprias bocas; com que, descoberta a maldade, ficou tudo em nada, e para evitar castigos dos que estavam culpados na matéria, não se falou mais nesta matéria.

Reparando eu depois que a tropa tentava de seguir o seu missionário para baixo, conforme ele lhe tinha significado, veio a Câmara ao Colégio pedir-me quisesse acudir-lhe com alguma cousa da fazenda real para não ficar toda perdida, e permitir que se detivesse um pouco para arrecadar uns resgates mandados já se fazer. Concedi o que me requeriam, contanto que, depois de arrecadadas aquelas peças, se viesse pouco a pouco recolhendo a tropa, e caso dado que achasse alguns que fossem oferecidos por escravos, os mandasse o cabo examinar pelos missionários da Companhia mais vizinhos, levando para isso línguas com os vendedores deles, para se averiguar o cativo com o acerto que requeriam



as leis de Sua Majestade; nisto assentamos eu com os camaristas todos, porém tardou a tropa mais do devido, de onde colhi que em matéria de escravos não há que fiar facilmente em ninguém.

Não ponho aqui uma justificação autêntica que o padre João Maria mandou fazer no sertão contra os aleives que se lhe levantaram, porque escusada é a justificação onde as falsidades são manifestas de si, como foram nessa ocasião, e mais em todas que em algum tempo se o culpasse, por ser conhecida a sua muita inteireza e muita diligência com que sempre procurou de ajudar a república com a escravaria legítima que por esses sertões podia fazer; nem há ou houve quem com verdade pudesse dizer dele, em tantas tropas que acompanhou por missionários, que tivesse faltado às obrigações de seu cargo, ou agravado pessoa que fosse, por malquerença ou paixão.

Acabei a minha visita ao Colégio, e não achei que dizer contra os caritativos procedimentos do padre reitor João Carlos, somente desfiz um contrato que tinha feito com o sargento-mor João Pereira de Seixas, acerca do que se havia de pagar da herança do capitão-mor João de Herrera da Fonseca, por ser feito sem suficiente poder e disso avisei ao nosso muito reverendo padre-geral Tirso Gonçalves, o qual aprovou o que eu tinha obrado, ficando na modificação que com o devedor tinha feito, acabei que passasse nos efeitos que remeteria ao Reino à sua custa e risco, quatro mil cruzados efetivos na cidade de Lisboa.

Reparei também se não ter feito a entrada da portaria um tanto mais larga, com a escada que vai para riba, além disso não ficar no meio sobre a porta uma janela maior, e sobretudo não se ter posto os corredores ao nível do primeiro e antigo, e mais como as duas primeiras faltas não eram de substância, e na derradeira não teve o padre reitor culpa, senão José Pereira, mestre das obras, ficou isto assim até que haja quem lhe ponha o remédio, levantando-se mais imperceptivelmente que for possível o corredor que vai ao longo da igreja até chegar de uma banda à altura ou quase altura do corredor antigo da banda do mar, como eu lhe encomendara. Dando eu em culpa ao mestre das obras, porque não passara nos corredores o nível, respondeu-me que estavam, mas como o convenci logo, deu por desculpa que o irmão Antônio Rodrigues o quisera assim, botando a culpa nos ombros de outrem, que a ninguém tem senão ele, pois era mestre das obras e devia ter seguido o que tinha lhe prescrito eu, como superior que era de toda a missão naquele tempo.

.....

## *Capítulo XVII*

INSTITUO DUAS NOVAS RESIDÊNCIAS PARA DAR  
CUMPRIMENTO AO DESEJO DE SUA MAJESTADE,  
UMA NO RIO NEGRO E OUTRA NO MATARI,  
E VÃO PARA ELAS OS MISSIONÁRIOS À INSTÂNCIA  
DO CAPITÃO-MOR DO PARÁ HILÁRIO DE SOUSA,  
QUE PARTE COM A TROPA DE GUERRA  
PARA AS MESMAS BANDAS

**A**NTES que eu viesse visitar o Pará e partisse o governador para o Maranhão, fez ele uma junta dos prelados das religiões e ministros reais, sobre umas mortes dadas aos brancos pelos maraguazes e outras nações, e julgaram todos ser justa a guerra que se lhes podia dar, ponderadas as razões que para ela se alegavam; com que determinou o governador de mandar dar, por convir ao crédito da Coroa de Portugal e armas portuguesas vingar juntamente uns tão grandes atrevimentos de uns tapuias do mato, sem atentarem ao respeito que deviam aos brancos, que andavam por suas terras sem os agravarem. Folguei muito de me não ter achado naquela junta, e não me quis opor ao determinado nela por ser cousa debaldada, e poder causar grande ódio à Companhia se me mostrasse ser de contrário parecer.

Mandou, pois, o governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, por cartas escritas no Maranhão ao capitão-mor do Pará, Hilário de Sousa de Azevedo, fosse com bastantes brancos e índios dar guerra aos Maraguazes e outras nações culpadas.

Alegrou-se ele muito com essa ordem, porque havia muito tempo que lhe parecia que se havia de dar pelo que, feitos os aparelhos todos de canoas, soldados e índios, assim para remeiros como para dar a dita guerra que se intentava, pediu-me também missionário e como não tinha à mão a quem mandar a essa função, dei minhas vezes ao senhor licenciado, o muito reverendo padre Miguel de Aragão, para acudir com os sacramentos aos índios, não mais, porque me disse o mesmo cabo que ele ia senão a dar guerra, e não a fazer escravos fora daqueles que no furor da peleja ficassem presos, conforme as reais leis, e que os demais que se apanhassem, depois ficariam forros, mas se desceriam por assim importar ao serviço de Deus e do Rei, porque, ficando em suas terras ficariam inimigos jurados dos portugueses. Com isso se aviou a tropa, que constava de 100 brancos e 200 índios, que partiram do porto do Pará, com grandes aplausos, em fim do ano de 1692.

Nessa ocasião mandei à custa do capitão-mor Hilário de Sousa, por ele mesmo o ter pedido, os dois missionários para as duas missões novas, os padres Aluísio Conrado para a residência da aldeia de Matari, e João Justo Lucas, para a residência do rio Negro, 20 jornadas dos últimos fins deste Estado.

Gastou o capitão-mor liberalmente no aviamento destes dois missionários, assim pelo afeto que tinha à Companhia, como pelos serviços que desta ação pretendia tirar para seus estabelecimentos, e suposto tinha cada um dos missionários sua canoa própria com seu aviamento, contudo queria ele sustentá-los à sua mesa, até pô-los em suas missões muito encomendados aos índios delas, dos quais era muito conhecido, estimado e temido, por ter andado por várias vezes dando guerra por seus sertões.

Ao padre João Justo, que havia de assistir no rio Negro, mandei que visitasse em meu nome as aldeias de cima, que lhe ficavam no caminho; fez ele assim e por isso se adiantou, visitando e dando depois boa conta de tudo.

O padre Aluísio Conrado Pfeil, missionário da missão de Matari, alguns dias abaixo do rio Negro, foi em companhia do capitão-mor Hilário de Sousa, muito seu afeiçoado, dizendo-lhe missa e pregando-lhe as festas pelo caminho.

Desejava o cabo achar os maraguazes juntos, para assim lhes dar mais à sua vontade e com maior sucesso, mas como a fama tinha levado o grande aparelho de guerra às terras daquela e mais nações, espalharam-se, de sorte que se não acharam senão muito poucos para a peleja, ficando os do primeiro fervor de batalha escrava, e todos os mais forros, com condição de servirem cinco anos aos brancos, entre os quais se repartiram, cabendo a uns mais e a outros menos, mas de sorte que não ficou quem não tirasse o seu remédio. Disse-se que o capitão-mor gastara 16.000 cruzados nesta empresa, da qual não ficou mal, além dos serviços e do agrado de todos, porque se soube aproveitar muito bem, para não ficar com perda, mas com lucro, como era justo.

Ainda a tropa estava nas terras dos maraguazes, eis quando o padre Aluísio Conrado entrevou na sua nova missão de Matari, sem ter pessoa viva que lhe acudisse, antes tendo contra si os próprios índios, até seu rapaz, filho do principal, que se tinha criado no Colégio para língua, trazido para este fim pelo padre João Maria Gorsony, de seu sertão, porque este chegou um dia com seus camaradas com faca e outros instrumentos na mão para lhe tirar a vida, levantando-a para este efeito ao ar; mas o divertiu o medo dos brancos; com que o pobre padre teve logo de procurar remeiros para sair de lá, onde, deitado no chão, ao desamparo, não havia quem o viesse ver nem se compadecesse dele, senão uma pobre índia, que querendo socorrê-lo o não pôde fazer. Partiu-se pois para o padre João Justo Lucas, que estava no rio Negro, onde foi agasalhado o melhor que foi possível, mas como não melhorava voltou para o Colégio com o desamparo que se pôde considerar em quem vem entrevado entre mosquitos e as correntezas do rio das Amazonas até o Grão-Pará. Lá se pôs em cura, acudindo-lhe com toda a costumada caridade o padre reitor do Colégio e o médico Francisco Potfliz; porém, como se lhe não achou cura nessa miserável terra, ficou entrevado das mãos, suposto que com muita melhora.

Não tardou muito o padre João Justo de adoecer também em sua missão do rio Negro, porque, pouco depois, pelo muito trabalho e

cansaço que tinha em correr noites e dias pelo distrito de sua nova missão, para dar a todos notícias do caminho de sua salvação, ganhou um tão terrível catarro, com uma grande pontada na ilharga, que cuidava de morrer.

Contudo, tomando ânimo se foi ao reverendo padre frei Teodósio da Veiga, missionário de Nossa Senhora das Mercês no rio Urubu, o qual agasalhou e tratou com todo o cuidado e amor; e como forçosamente havia de vir-se para baixo o aviou o melhor que pôde para a viagem, com que se veio descendo sem piloto e sem remeiros que soubessem remar, e por milagre de Deus chegou ao Grão-Pará, onde, posto no Colégio, logo recebeu o sacramento, cuidando todos que morreria, porém quis Deus que, sem embargo de parecer a Francisco Potfliz que ficaria tísico, e botasse o mal pela boca por escarros tão fedorentos e grandes em quantidade, que, não cabendo pela boca só saíam também pelo nariz, com que, indo-se pouco a pouco despejando o peito, tomando umas sangrias e purgas, que lhe mandou dar o caritativo médico Francisco Potfliz, cobrou algum alento, e ficou com esperanças de sua prístina saúde; estes dois doentes já acharam mudado o governo pela vinda do superior novo da missão, o padre Bento de Oliveira, do qual se fará um livro novo, que é o que se segue, para se referir o que pelo seu tempo se tem obrado nos anos seguintes.

# LIVRO IX

RELATA-SE A REPARTIÇÃO DAS  
MISSÕES QUE SE FEZ POR ORDEM  
DE EL-REI ENTRE OS MISSIONÁRIOS  
DAS RELIGIÕES, E O QUE OBROU O  
SUPERIOR NOVO, BENTO DE  
OLIVEIRA, EM O TEMPO DE  
SEU GOVERNO



.....

## *Capítulo I*

CHEGA O PADRE SUPERIOR NOVO, BENTO DE OLIVEIRA,  
DO REINO, COM O IRMÃO ANTÃO AFONSO,  
SEU COMPANHEIRO, E OS FRADES  
DE SANTO ANTÔNIO E PIEDOSOS,  
PARA SEREM MISSIONÁRIOS, EM 1693

**C**OMO quer que pelo falecimento de muitos e grandes sujeitos capazes de governar a missão ficou muita falta, escreveu-me o nosso muito reverendo padre-geral Tírso Gonçalves que se resolvera experimentar superiores, mandados do Reino, nomeando o padre Bento de Oliveira para superior da missão do Maranhão e o padre Manuel Martins para reitor do Colégio de Nossa Senhora da Luz.

Estavam eles para servirem no ano de 1692, mas faltou embarcação; assim foram obrigados a deter-se em Lisboa até o ano de 1693; e como tinham ido cartas ao nosso muito reverendo padre-geral, sobre a falta de missionários, e outras para se representarem a Sua Majestade, já dantes inclinada à repartição das missões de seu Estado, entre todas as religiões que nele havia, e lhe parecesse mandar para ele, por não poderem os missionários da Companhia sós com todas elas, resolveu-se ultimamente repartir-se; para efeito disso, deu ordem a Roque Monteiro Pais, ministro de sua maior confiança, amigo e irmão da Com-



panhia, por carta de irmandade de Roma e a Gomes Freire de Andrade, irmão do mesmo modo, que, informado das missões e terras por onde estavam, fizesse delas a divisão entre os missionários da Companhia de Jesus e os religiosos da Piedade, que queria mandar, e os religiosos de Santo Antônio, Carmo e Mercês, que já estavam no dito seu Estado, contanto que as missões que estavam para de aquém do rio das Amazonas para a banda do sul, todas ficassem dos missionários da Companhia, e as que estavam da banda do norte de além do mesmo rio, fossem repartidas entre os mais, exceto que aos Piedosos se deixaria a fortaleza do Gurupá para lá fundarem convento, e assistirem aos portugueses que lá moravam. Esses ministros informaram, conforme se diz de Miguel da Rosa Pimentel, desembargador e ouvidor-geral que fora do Estado do Maranhão, e outros menos práticos nas notícias das terras, e com isso fizeram a repartição, com algum acerto, menos na parte que havia de tocar aos reverendos padres Piedosos, na forma seguinte:

Que os padres de Santo Antônio tivessem a missão dos aruãs, pela costa da ilha Grande de Joanes com as do norte, pelo rio das Amazonas acima, até Urubuquara, exclusivamente, e os reverendos padres Piedosos pela mesma banda do norte, as missões de Gurupatiba, Quiriri, Xingu, rios das Trombetas e dos Jamundases.

Os reverendos padres das Mercês as de Anibá e Urubu, em que já estava o reverendo padre frei Teodósio da Veiga; e os reverendos padres do Carmo as do rio Negro e de lá para cima, de sorte que todas as missões da banda do norte ficassem aos missionários daquelas religiões, e as da banda do sul de aquém do rio das Amazonas aos missionários da Companhia de Jesus, como missionários mais antigos; e como o capitão-mor da fortaleza do Gurupá, Manuel Guedes Aranha, tinha pedido a Sua Majestade missionários de Nossa Senhora do Carmo para assistirem na ajuda aos soldados do Gurupá, por eu não querer sujeitar-nos a essa tão grande pensão sem licença do muito reverendo padre-geral deputaram-se os reverendos padres Piedosos, contanto que lá tivessem seu conventinho, em que se recolhessem os missionários, e donde escrevessem às suas missões.

Tinha feito junta em palácio para esta repartição, e assistiram a ela o padre Sebastião de Magalhães, então provincial da província de Portugal, e o padre Bento de Oliveira, já nomeado por superior da mis-

são do Maranhão; mas como nenhum deles tinha notícia das terras do Estado não tiveram que dizer; só o padre Bento de Oliveira, deputado para vir por superior da missão, disse publicamente que, como não tinha bastante notícia da missão para a qual ia, supunha estaria feita a repartição de sorte que se não confundissem umas missões com outras e não estivessem os missionários da banda do norte na missão da banda do sul, que se assinara para os missionários da Companhia de Jesus, mas que reparava somente que sendo dadas todas as missões da banda do sul aos missionários da Companhia e as da banda do norte aos mais religiosos, que se davam aos reverendos padres Piedosos as da fortaleza do Gurupá, que estavam da banda do sul; a isso lhe respondeu Gomes Freire de Andrade que verdade era que se concedera a esses religiosos a assistência da fortaleza do Gurupá com umas aldeotas da mesma banda, mas que isto não era missão, porquanto as suas missões eram todas da outra banda do rio das Amazonas, pela parte do norte, com que em nada se prejudicavam as missões dos missionários da Companhia, pela banda do sul.

Não replicou mais o padre superior Bento de Oliveira, por lhe não constar bem se Xingu, que por erro ou por pouca afeição à Companhia (de não sei quem), se tinha contado entre as missões dos reverendos padres Piedosos, como situada para banda do norte, estava para a banda do Antônio, e era uma das melhores missões dos missionários da Companhia de Jesus.

Com isso se embarcou o padre superior, com um único irmão coadjutor, Antônio Afonso, que, por caridade, o veio acompanhar, sem haver um só que quisesse vir com ele, ficando também o padre Manuel Martins, deputado como reitor do Colégio do Maranhão, no Reino, por andar doente. Partiram aos 15 de março do ano de 1693, na nau de Domingos Franco, e com feliz viagem chegaram ao Maranhão, aos 7 do mês de maio, onde foram recebidos com grande gosto, assim dos de fora como dos de dentro, estando eu, a quem ele vinha suceder, de visita no Grão-Pará; e como, na mesma ocasião, vinha quantidade de padres, assim Piedosos como os de Santo Antônio, para serem missionários, não tardou o padre superior, Bento de Oliveira, de informar-se dos nossos, acerca da repartição que se tinha feito, e como soube que a aldeia de Xingu vinha nomeada entre as missões do norte, para os padres Pie-

dosos, sendo por todo direito da Companhia, por estar da banda do sul, e uma das melhores residências que tínhamos, já desde o princípio da missão, fez queixa disso ao governador, dizendo-lhe, como lá no Reino lhe tinham dito, que Xingu estava da banda de além do rio das Amazonas, e assim vinha contada no alvará do Rei, entre as aldeias da banda do norte, pois dizia que os padres Piedosos teriam por missão Gurupatiba e, rio para cima, Xingu, Quiriri e rio das Trombetas; mas como sem embargo de constar tão claramente este erro, instavam os reverendos padres Piedosos que se lhes entregasse a aldeia de Xingu, que lhes vinha nomeada no alvará real, respondeu o governador que iria ao Pará e lá se decidiria em junta o que se havia de guardar.

Não se deteve o padre superior Bento de Oliveira nos frades no Maranhão, mas, embarcados em duas embarcações, se foram todos para o Pará, onde lançaram âncora e saltaram em terra aos 29 de maio, onde eu muito contente, por me ver aliviado, entreguei o governo ao padre superior Bento de Oliveira, sendo já passado meu triênio, apesar dos que não gostariam do governo dos estrangeiros e suspiravam por governo português, que por carta tinham solicitado e poderia ser para seu desgosto maior.

Logo que os reverendos padres Piedosos tiveram vista do alvará real que consigo trazia o padre superior da missão, Bento de Oliveira, tornaram com outras novas e importunas instâncias a pedir que se lhes entregasse a aldeia de Xingu, e vindo pouco depois Manuel Guedes Aranha, capitão-mor do Gurupá, em busca deles, fazendo as mesmas instâncias, e porque o padre superior lhe respondeu pelos mesmos[...] que costuma, conforme a razão manifesta que estava de sua parte, partiu no mês de julho, depois da festa de Nossa Senhora do Carmo, que preguei com toda a satisfação de seus filhos carmelitas, levando consigo os reverendos padres Piedosos para o Gurupá, onde lhes tinha aparelhado um hospiciozinho regular, evitando entretanto que se lhes não fizesse um outro dito no Pará, de taipa de pilão, a seu modo costumado, deixando também dito que os iria pôr de posse no Xingu. Mas o padre superior Bento de Oliveira, que fez muito pouco caso destes seus ditos, mandou, para maior cautela, o irmão Manuel Juzarte com cartas suas aos padres da missão de cima, da banda do norte, que se despejassem e viessem com seus fatos para baixo, deixando aquelas residências aos re-

verendos padres Piedosos e do Santo Antônio, aos quais competia pela repartição real.

Estava então o padre Manuel da Costa na residência de Nossa Senhora da Conceição, em Gurupatiba, onde tinha feito umas casas, que foram avaliadas em mais de novecentos mil réis, e gabadas sobre todas quantas houve na missão.

Estava o padre José Barreiros na residência de S. Francisco Xavier, em Urubuquara, também com casas novas avaliadas em duzentos mil réis; porém logo que lhe chegou a ordem de se vir com todo o fato ao Pará, e quando assim não pudesse ser o levasse à aldeia de Goçari, tratou de descer, embora ainda mal convalescido de uma grave enfermidade, trouxe o sino de sua igreja, e acabou de se curar no Colégio. Mas o padre Manuel da Costa, por não ter bem entendido a ordem, chegou sem cousa nenhuma até Jaquarari, donde foi mandado logo voltar para cima, levando em sua companhia o padre Antão Gonçalves, que ia aos Bocas, em lugar do padre Manuel Galvão, que tinha vindo para se preparar para ir ao Reino, no navio que havia de partir; porque, vendo o padre superior Bento de Oliveira, que, tratando-se das cousas da missão no Estado, somente ficariam os reverendos padres Piedosos com a aldeia do Xingu e cairiam as missões da banda do Maranhão, em parte, nas mãos dos Capuchinhos barbados, aos quais os ministros reais tinham determinado de concedê-las na repartição, elegeu, por parecer de alguns padres, Manuel Galvão para acudir a isso, indo ao Reino, levando cartas suas para dar em mão do padre Sebastião de Magalhães, provincial de Portugal; e porque Manuel Guedes Aranha tinha dito que me teria de posse os padres Piedosos na aldeia de Xingu, conforme as ordens do Rei, mandou o padre Superior da missão, Bento de Oliveira, ao padre Antônio Vaz, missionário dela, que tivesse mão na posse da residência e igreja, e não permitisse por nenhum caso que a dessem aos padres Piedosos, e ele partiu para visitar a residência de Mortigura, da qual voltou muito satisfeito pelo belo estado em que o padre Miguel Antunes a tinha posto, com casas novas e muito acomodadas, com a igreja acrescentada de uma bela capela e sacristia, ornada toda com suas pinturas pelas paredes, ao redor.

Entretanto, voltou a tropa do Maranhão, do sertão, alagando-se o cabo João de Morais Lobo, na passagem do Limoeiro, com perda

de seu fato e quatorze pessoas que trazia consigo na canoa, escapando ele, por misericórdia de Deus, com a vida. Agasalhou-se a primeira noite no Colégio e no dia seguinte se mudou para as casas de Manuel Portilho, até que partiu para o Maranhão, onde, tendo dado conta de sua viagem à Câmara, foi para a sua fazenda na ilha de[...] Sousa, na qual lhe morreram todos quantos escravos tinha feito, com tanto empenho, pelos sertões. Após a esta tropa chegou também a tropa de guerra, com seu cabo o capitão-mor Hilário de Sousa, e outros brancos que o tinham acompanhado, trazendo cada qual deles uns índios que tinham apanhado na guerra, para servir deles por alguns anos, como condição. Não faltaram doenças entre os que vinham, trazendo também o cabo a sua, da qual se curou no Pará. Por esse tempo mandou o padre superior Bento de Oliveira fechar o padre Francisco Soares, para expulsá-lo, como com efeito expulsou, cumprindo o que eu já antes lhe tinha mandado fazer por outras culpas.

Tinha sido nomeado, de Roma, o padre Manuel Nunes, missionário do Caeté, para reitor do Colégio do Pará e tinha ele mandado suas escusas para se livrar deste cargo, mas como lhe não foram admitidas, veio finalmente do Caeté render ao padre João Carlos, no reitorado do colégio de Santo Alexandre, o qual já de antemão, como prevendo o que havia de ser, tinha ajudado, com uma boa esmola, em tempo de meu superiorado. Sucedeu-lhe no Caeté, por ordem do padre superior da missão, Bento de Oliveira, o padre João Carlos, dando-se-lhe por companheiro o irmão Inácio da Silva, então despenseiro, sucedendo-lhe no ofício o irmão Antônio Afonso, novamente vindo do Reino com o padre Bento de Oliveira, superior da missão.

.....

## *Capítulo II*

### DO QUE OBROU O PADRE MANUEL NUNES EM TEMPO DE SEU REITORADO

O

padre Manuel Nunes logo tomou posse do seu governo; vinha com grandes fervores, como quem não muito antes tinha feito sua profissão de quatro votos; começou-os apertar com a observância das regras; mandou serrar tabuado em Mamaiacu, por agência do padre Antônio da Cunha para acabar de assoalhar o corredor novo, ao qual o superior Bento de Oliveira tinha dado princípio; ajudou-o o padre Antônio da Cunha, tanto que dentro de poucos meses teve todo o tabuado necessário para acabar a obra.

Tentou fazer um tanque na horta para nele guardar as tartarugas, no que o ajudou muito o irmão Manuel da Silva, inteligente em obras semelhantes, mas desistiu por lhe sair pequeno para o que intentava.

Mandou tornejar grades em Mamaiacu, espaço de tantos meses, para se porem nas janelas rasgadas, que pretendia fazer nos corredores de baixo, mas não chegou a efetuar o que tinha destinado de fazer.

Pareceu-lhe seria cousa de grande proveito ter olaria em Mamaiacu, e para isso trouxe para lá um oleiro branco, mandou buscar o barro que lá se achou de duas castas muito excelentes; mas como o

padre Antônio da Cunha, que governava a roça, não era desse parecer, por lhe haver de ser de grande embaraço essa olaria, e também por não conhecer bem, com o oleiro, sobre o modo com que lá havia de estar com toda sua casa, desistiu da empresa em o dia da Ascensão de Nosso Senhor do ano 169[...] Tendo o padre Manuel do Amaral feito a sua profissão de quatro votos, o mandou ficar no Colégio, pondo em seu lugar o padre Francisco Poderoso, em Jaguarari, com o irmão Manuel Lopes, que lá assistia; mandou também vir da roça de Mamaiacu o padre Antônio da Cunha, que lá estava governando a fazenda e sendo missionário dos tupinambazes, substituindo-lhe o padre João Maria para correr com tudo no espiritual, e o irmão Manuel Juzarte para administrar o temporal da roça; não durou isto por muito tempo, porque por ordem do padre superior da missão, Bento de Oliveira, se mudou tudo, como se dirá em seu lugar.

Tinha-se em tempo de meu superiorado mandado pedir ao donatário da ilha Grande de Joanes, Antônio de Sousa Macedo uma ou duas léguas em quadro de pastos situados defronte de Mortigura, para lá pôr um curral para sustento do Colégio, em lugar daquele que nos tinha deixado o muito reverendo padre licenciado João de Sousa Ferreira, clérigo do hábito de Cristo e já tinha acrescentado o padre João Carlos, sendo reitor, em quantidade de gado; e como o padre superior Bento de Oliveira trouxera uma do mesmo donatário, de outros pastos, situados para banda do mar, suposto que com umas condições escusadas, tratou o padre Manuel Nunes de ir vê-los e achando-os bons pelo conhecimento que trazia do Brasil, nos quais tinha assistido, persuadiu ao padre superior que os fosse ver e depois disso os foi limpando e mudando o gado para eles, com tanto empenho, que cuidando achava o único remédio do Colégio para tudo, tratou de querer mudar para lá os nossos índios do Mamaiacu, dizendo que era sítio farto em tudo e de belíssimas terras porém os índios tupinambazes tendo ido[...] tudo acharam que as terras não eram para mantimentos, as águas pouco sadias, os mosquitos muitos, e assim não se quiseram mudar; continuou, contudo, em cortar um campo de tabocas, em que se quebraram as ferramentas e gastaram muitas varas de pano, em pagamento dos trabalhos dos pobres índios.

Aconselhou-se-lhe pedisse nova data dos mesmos ou outros pastos a Domingos de Sousa, procurador do donatário, fê-lo e deu-se

por carta de data e sesmaria, sem condição; mas como o padre reitor Manuel Nunes tinha contra si quase todos os padres e irmãos, por fugirem da passagem dificultosíssima da baía do Joanes, da praga dos mosquitos, e de pendências e pleitos com os reverendos padres das Mercês, que dentro dos pastos pertencentes ao Colégio tinham feito curral, mandou o padre superior Bento de Oliveira se largasse mão de tudo e se recolhesse o gado, parte para a cidade, Jaguarari, antes que nos pastos do Joanes morresse todo; houve vários juízos sobre esta repentina mudança, mas ficou feita e não se falou mais nesta matéria.

O certo é que, se no Pará se tivesse pedido data dos pastos defronte de Mortigura ao capitão-mor Domingos de Sousa, podia-se esperar que ficasse remediado o Colégio por ser paragem farta de caça, jabutis, peixe, e ter terras para muito algodão, mas fica esta diligência para outro tempo e sujeitos que a quiserem fazer.



.....

### *Capítulo III*

TIRA O CAPITÃO-MOR DO CAETÉ AMARO CARDOSO,  
MORTO JOÃO FARTO, OS ÍNDIOS AO PADRE  
JOÃO CARLOS, E MANDA O GOVERNADOR  
OS MISSIONÁRIOS PIEDOSOS PARA XINGU EM 1694

**E**STANDO o padre João Carlos, missionário da Capitania do Caeté, com o governo temporal e espiritual dos índios, conforme as leis de Sua Majestade que os davam sem exceção, e conforme os tinha tido o padre Manuel Nunes e outros antecessores seus, em tempo do governo do capitão João Farto, vindo do Reino comigo, e sabia muito bem a inteligência das novas leis, eis que Amaro Cardoso, fundado em umas cartas que o padre superior Bento de Oliveira trouxera do Reino e lhe comunicara, começou a tirar não somente o governo temporal dos índios, mas até os vinte e um casais ao padre missionário, dizendo que Sua Majestade não compreendia o Caeté e deixando-lhe primeiro somente seis e depois doze. Teve o padre missionário sobre isso suas questões com ele, mas como não admitia razão, avisou de tudo ao padre superior da missão, Bento de Oliveira, o qual lhe respondeu que se deixasse estar assim até a vinda do governador e ida sua para lá; em virtude disso não buliu mais nesta matéria e continuou a acudir em seu costu-

mado zelo com a doutrina e sacramentos aos índios; mandou-se, entretanto, um clérigo do hábito de S. Pedro, o reverendo padre Aparício, para o Caeté, o qual, por ordem do padre superior, foi na canoa em que ia mandado ao Maracanã para lá fazer a festa de S. Miguel, e de lá passou ao Caeté; voltando eu, acabada a festa com satisfação dos índios, para o Grão-Pará na canoa de Francisco de Sousa, principal da dita aldeia.

Chegou, entretanto, o governador Antônio de Albuquerque com Manuel Nunes Colares, ouvidor-geral, e o provedor-mor do Estado, Miguel Ribeiro Barros; visitou o padre João Carlos e repreendeu o capitão-mor Amaro Cardoso fortemente por ter escrito contra os padres, sem nenhum fundamento nem razão, e, para mostrar-se muito agravado nisso, negou a entrada para sua canoa, sendo que admitiu a Câmara, para lhe falar nela; porém não pôde remediar com tudo isso, por lhe ter vindo ordem do Reino que se não metesse com a Capitania do donatário Manuel de Melo; partiu logo do Caeté e aos quatro de outubro do ano de 1694 chegou ao Pará, onde foi recebido com as honras acostumadas.

Visitou o padre superior da missão Bento de Oliveira e ele lhe pagou cortesmente a visita. Passados uns poucos de dias fez o governador, aos dezoito do mesmo mês de outubro, com o ouvidor-geral, uma junta, em que se achou o padre superior, e se propôs, sobre a missão do Xingu, se havia de dar logo posse aos reverendos padres missionários Piedosos, conforme a carta do Rei, que o mandava assim e nomeava expressamente Xingu. Respondeu o padre superior que, suposto Sua Magestade mandava dar o Xingu aos reverendos missionários Piedosos, não se devia nem podia entender esta ordem com a missão do Xingu, porquanto, sem embargo de vir nomeada essa aldeia, fora por erro claro e manifesto, porque tinha sido concluído em uma junta, que se fizera no Reino sobre a repartição das missões, na qual ele se achara, que os reverendos padres teriam residências em Gurupá, mas que suas missões não seriam da banda do sul, mas somente da parte d'além do rio das Amazonas, como em Gurupatiba e outras aldeias aí declaradas, e nada da banda do sul, para assim irem as missões em direitura e se não confundirem umas com outras, donde se colhia manifestamente que tinha sido erro ou malquerença de alguém nomear-se Xingu entre as missões do norte, sendo vista para banda do sul; e para que constasse mais clara-

mente esta verdade, acrescentou que ele perguntara à junta se os reverendos padres Piedosos que haviam de ter hospício em Gurupá que é da parte do sul, haviam de ter também alguma cousa daquela banda onde pudessem estar as missões dos missionários da Companhia, e lhe fora respondido que nada, e suposto haviam de ter hospício em Gurupá não fazia isso prejuízo às missões da Companhia, pois não era aquilo mais que uma ponta, e ficando todas as missões dos reverendos padres Piedosos para banda do Norte.

Sem embargo de serem as razões do padre superior tão claras e convincentes em tudo, como a pouca ou muita afeição faz parecer o que não é, estando o governador, e conseqüentemente o ouvidor-geral, mais inclinados para banda dos reverendos padres Piedosos que dos religiosos da Companhia, votaram e assentaram que se havia de dar execução à carta do Rei sem mais reparo; nem aqui valeu ao padre superior protestar que visto se lhe tirava a melhor de suas missões, tiraria também os missionários que estavam nas mais pelo rio das Amazonas acima e assim o tinha determinado fazer; porém, não foi necessário tirá-los, porque vieram eles mesmos todos doentes, deixando as residências levantadas de novo aos reverendos padres Piedosos, com casas, sem se lhes pagar um ceiti pelos gastos e trabalhos que lhes tinham causado, e tudo isso para não encontrar a vontade dos que governavam, ainda naquilo mesmo que tão mal se tinha para eles interpretado.

Pretendeu o governador, depois, que o padre superior tornasse a mandar novos missionários para as missões deixadas, mas ele respondeu que os missionários tinham vindo doentes sem ele os tirar, e que não convinha mandar prover de novo as missões que os reverendos padres missionários Piedosos haviam de ocupar logo, e que as mais proveria quando viesse resoluto do Rei a dúvida sobre a missão do Xingu.

Neste ínterim, pouco mais ou menos, chegou o padre João Carlos, de Caeté, queixar-se ao governador que o capitão-mor lhe não queria dar os índios que Sua Majestade ordenava em sua lei; respondeu-lhe o governador que ele lhes mandaria dar com efeito se os padres quisessem que, com risco de ofender ao donatário Manuel de Melo, o fizesse. Isto disse o governador, porque temia-se por ter vindo o capitão-mor Amaro Cardoso por terra fazer-lhe entrega da aldeia, caso que viesse no que os padres lhe requeriam; com que ficou isto assim por en-

tão sem outro remédio que mandar o padre superior Bento de Oliveira ao padre João Carlos Orlandini que se viesse para o Colégio com tudo o que nos pertencia e deixasse aquela residência.

Tinha para isso mais que bastantes razões, porque além de ter o capitão-mor Amaro Cardoso feito o que fez ao missionário, também o tinha tratado muito descortesmente a Câmara da vila do Caeté, tinham sido mandados papéis falsíficos contra nós, porém, como o capitão-mor viu que o padre se queria retirar de lá, escreveu ao padre superior, rogando-o que o quisesse deixar estar.

.....

## *Capítulo IV*

RELATA-SE A VISITA QUE FEZ O PADRE SUPERIOR  
BENTO DE OLIVEIRA ÀS RESIDÊNCIAS  
POR CIMA DO PARÁ, COM AS CAUSAS  
DA REPARTIÇÃO DAS MISSÕES, EM OUTUBRO DE 1694

**P**ASSADAS as causas sobre referidas, partiu o padre superior Bento de Oliveira com o padre José Barreiros por seu companheiro, no mês de outubro do ano de 1694, a visitar as residências pertencentes ao Colégio do Pará, para banda de cima e como por aquele tempo tinham vindo umas novas que andavam os franceses pelos Tucujus, foi visitar primeiro a residência de Mortigura, onde assistia o padre Miguel Antunes, e de lá o Cametá onde o padre João Ângelo tinha sua residência na aldeia de Inhuaba, e depois à residência dos ingaíbas, onde era missionário o padre Antônio da Silva, e achando todas bem ordenadas e com igrejas novas e índios bem doutrinados e socorridos com os sacramentos, foi navegando para o Gurupá.

Lá recebeu o capitão-mor Manuel Guedes Aranha e os reverendos padres piedosos com toda a honra e cortesia, entregou-lhe eles as cartas do governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho sobre o disposto acerca da missão de Xingu e houve-se com eles com

toda a amizade. De lá partiu para Xingu e achando o padre Antônio Vaz com igreja e casas feitas de novo, mandou-o despejar para os reverendos padres missionários virem tomar posse daquela residência, enquanto do Reino não viesse resolução acerca daquele caso, que se havia de tratar com Sua Majestade. Despejou o padre Antônio Vaz com grande sentimento dos índios, e veio Manuel Guedes Aranha, capitão-mor do Gurupá com os reverendos padres Piedosos, pondo-os de posse da missão do Xingu, que com tanta ânsia e empenho tinham desejado e procurado. Começaram logo a tratar de querer lá levantar uma residência de pedra e cal como em sítio acomodado e mais sadio, para nela se recolherem, vindos das mais suas missões, das quais foram pouco a pouco tomando posse, como também as mais religiões das suas, de sorte que estando os reverendos padres de Santo Antônio no Joanes, Aruãs, Urubuquara, os Piedosos em Gurupatiba, e Jamundases, os de Nossa Senhora das Mercês em Anibá e rio Urubu, onde estava frei Teodósio, e os de Nossa Senhora do Carmo no rio Negro, ficou toda aquela parte do norte provida de missionários, conforme a repartição feita por Sua Majestade, dizendo-se que estando eu na Corte, dos anos de 1684 até 1688, tratando dos negócios da missão com Sua Majestade e seus ministros, fora causa desta mudança e repartição, mas foi aleive que se me levantou, porque, perguntado sobre as missões do Estado do Maranhão, respondi à Sua Majestade por escrito que os missionários da Companhia de Jesus, por falta de sujeitos bastantes para tão dilatado Estado, não podiam sós acudir a todas as partes, e portanto me parecia que fôssemos ajudados pelas outras religiões no modo seguinte:

Que os religiosos de Nossa Senhora do Carmo tivessem sua missão pelos Teremembezes e Serras, os de Santo Antônio, os Aruãs até o rio Vicente Pinson e mais os Tucujus, e que as mais missões todas ficassem como estavam de princípio com os missionários da Companhia, de onde se vê claramente que eu não fui causa desta repartição que se fez, pois nos reservava todas as missões que nós tínhamos até agora.

Tinha Sua Majestade encomendado que se pusessem missões no Cabo do Antônio para ter aqueles índios na lealdade de vassallos da Coroa de Portugal, e mandou o padre Iodoco Peres, sendo superior da missão, ao padre Antônio Pereira com o padre Bernardo Go-

mes, para a ilha de Camunixari, onde foram mortos e queimados dos bárbaros, em ódio da fé de Cristo, e o Padre Aluísio Conrado Pfeil em Tabarapixi, entre os maraunizes, onde adoeceu mortalmente, tendo já antes ido em companhia do padre Pero Luís, superior da missão, a visitar aquele lugar; como por essas razões faltassem lá missionários, escreveu-me Sua Majestade e mais Roque Monteiro, encomendando-me restaurassem aquelas missões e mais porque faltavam sujeitos portugueses que pudessem ir a essa restauração, e tinham sido acusados os estrangeiros diante de Sua Majestade como suspeitos, respondi que com muita vontade acudiria a essas missões, mas que o não fazia puramente por falta de sujeitos; tornou-me a escrever o Rei Nosso Senhor que já estava inteirado da lealdade dos estrangeiros, mas como até estes andavam maltratados das doenças, não foi possível acudir a tudo, e esta devia de ser uma das ocasiões ou causas da mudança e repartição das missões para a banda do sul.

A segunda devia de ser a que estando Manuel Guedes Aranha provido de Sua Majestade no posto de capitão-mor da fortaleza do Gurupá, e vendo-se lá sem sacerdote que nas domingos e festas lhe dissesse missa e administrasse os sacramentos a ele e mais seus soldados que lá tinha, por não haver clérigo que lá quisesse estar pela muita falta que padeciam, veio falar como amigo da Companhia e mais meu, pedindo-me quisesse fazer residência na fortaleza de Gurupá para lhe assistir a ele e aos soldados, e mais aos índios da aldeia de S. Pedro e outras, que pretendia mudar para lá perto.

Respondi-lhe eu que os padres missionários da Companhia tinham sua residência em Xingu, e de lá vinham visitar o Gurupá e suas aldeias, nem eu podia obrigá-los a serem cura dos brancos, sendo suas missões instituídas para os índios, que para o mais não faltariam religiosos de outra religião, que lá poderiam levantar seus conventinhos, do mesmo modo como tinham antes os reverendos padres do Carmo em anos atrasados; com esta resposta escreveu a Sua Majestade, pedindo os religiosos do Carmo, dos quais sempre foi muito devoto, mas mandou-lhe Sua Majestade os padres Piedosos, contanto que ele lhes fizesse hospício, e os sustentasse como até agora fez, no modo que pôde com muita honra e louvor. E se tudo o referido basta para dizer que eu fui causa destas mudanças e repartições, não tenho que contradizer; mas

como não basta conforme me parece, melhor será atribuir tudo à Divina Providência, que vendo perecer tantas almas por falta de missionários que lhes pudessem acudir, por não haver bastantes na Companhia inspirou ao Rei Nosso Senhor e seus ministros os buscassem de todas as religiões e os repartissem por suas missões, para acudirem as que a cada religião coubessem pela repartição.



.....

*Capítulo V*

COMO POR ESTRATAGEMA INSIGNE SE MATARAM  
QUANTIDADE DE ÍNDIOS CAICAÍZES, E OUTROS  
PELO RIO TAPICURU, EM O MARANHÃO,  
E SE ABSOLVERAM UNS SOLDADOS  
EXCOMUNGADOS PELO ECLESIAÍSTICO

**E**NQUANTO se tratava da repartição das missões no Pará, ficando os missionários da Companhia com todas as do Maranhão, como quer que frei Elias, religioso de Nossa Senhora do Carmo, vindo ordenar-se ao Reino, se tinha oferecido a Sua Majestade para assistir aos índios de Ibiapaba, ficou missionário; no entretanto, como os caicaízes sempre andavam dando grande dano e moléstia ao Maranhão, tratou-se de ver se por alguma via se os poderia apanhar; a traça, o modo foi este:

Mandou o governador que lá assistia naquele tempo um dos paulistas que tinham vindo falar-lhe da parte de seu cabo, que andava com sua tropa pelos sertões da banda dos currais, abaixo do Ceará para que fosse praticar os caicaízes de sua parte, para que viessem tratar de reconciliar com ele e aldear-se sobre o rio Tapicuru e Muni, como antes estavam. Foi o paulista ter com eles e praticou-os da tal forma, que ficaram totalmente persuadidos que o governador os chamava para reconci-

liar com eles, e aldeá-los junto aos brancos, já feitos seus amigos. Com esta persuasão, deixando suas terras, vieram-se eles com suas mulheres e filhos, andando por seu pé todos até o rio Tapicuru, onde se embarcaram em quantidade de canoas que acharam lá já aparelhadas para esse intento, e caminhando sós uns duzentos por terra, foi o paulista levando os mais pelo rio e entretendo-os com suas práticas enganosas pelo caminho, dizendo-lhes que logo chegariam onde estava o governador esperando por eles, e para mais lhes persuadir que largassem as armas, arcs e flechas, que levavam nas mãos, e as pusessem debaixo das toldas, assim como ele largava e punha sua espingarda, visto não haver que temer, fizeram-no assim todos, cuidando era verdade o que ele, homem de sua cor, lhes dizia, e assim desarmados começaram a praticar alegremente entre si. Porém, como os ia levando para a emboscada dos brancos, junto à aldeia de S. Gonçalves, onde estava o padre João do Avelar por missionário, como viram muita gente e quantidade de canoas, começaram a entrar em suspeitas e receosos de algum mal que se lhes preparava, e perguntando que queria dizer essa multidão de gente e canoas ajuntadas no porto, lhes respondeu o paulista, que eram as que esperavam por eles para fazerem as pazes, e assim não se sobressaltassem, pois não havia nada a temer. Nesta boa fé foram chegando e o mesmo foi terem chegado que saltarem logo neles os portugueses, matando-os uns à espingarda, outros à espada, sem resistência nenhuma, por terem largado suas armas; o único remédio que acharam para se salvarem da morte foi lançarem-se no rio, onde se afogaram umas quatrocentas pessoas, escapando não mais que duzentas e ficando todos os mais feitos cativos, do que o pobre padre missionário, que não sabia do engano, ficou sentidíssimo, assim pelo engano, como por se perderem tantas almas e morrerem quantidade de crianças, rapazinhos e rapariguinhas, afogados sem batismo, debaixo das águas.

Toda esta cruel tragédia se obrou por disposição de Pero Paulo, senhor de engenho, que só tinha ordem do governador de levá-los ao Maranhão para se mandarem ao Pará, como forros, para a ilha do Joanes, onde já estavam outros parentes seus.

Acudiu o padre João de Avelar com o sacramento do batismo a alguns que estavam morrendo; fugiram os que vinham por terra e os mais foram levados por cativos todos para a cidade, onde se deu a jóia a

el-Rei, e os mais foram repartidos; mas como o cativo foi feito pelo modo já referido, não os julgou o governador com seus adjuntos por legítimos escravos todos, declarando por forros os que o eram.

Tudo isso não serviu senão para exacerbar mais os ânimos daqueles bárbaros e outros como eles contra os brancos, tirando-lhes toda a confiança que neles e nos seus poderiam ter; com que andavam continuamente pelos rios Meari, Tapicuru e Muni, assaltando os escravos e os mesmos brancos, quando os achavam descuidados, ficando os moradores sem se atreverem a sair para suas lavouras e canaviais, por medo de alguma morte desastrada: e é certo que já daqueles rios se teriam despejado todos se o governador não mandara, sob graves penas, que se não bulissem donde estavam; chegou a tanto, que até o padre missionário, para mais segurança de sua vida, se mudou da aldeia de S. Gonçalo do Tapicuru para a de S. Gonçalo, junto à vila de Icatu, fazendo lá sua residência e ficando-lhe a outra de visita.

O sargento-mor Domingos de Matos, que também se achava no rio Tapicuru por aquela ocasião, mas ausente do lugar da matança, onde haviam de ter ficado todos, se ele lá estivera, sabendo do sucesso, mui pesaroso de terem escapado alguns, foi em seguimento dos fugidos com sua tropa; tinha ele ordem do governador de ir trazer os Guanazes como forros para o Maranhão, para também de lá se mudarem para o Pará, mas em vez de executar o que mandava a ordem que levava, fez o que se segue.

Chegado aos Guanazes, achou a Moacara e sabendo dela que seus filhos tinham ido à caça, disse-lhe os mandasse chamar, porque, como eles estavam de paz com os brancos, queria levá-los para dar nos caicaízes, inimigos de uns e outros.

Mandou a Moacara logo chamar seus filhos e eles vieram sem tardança; então mandou ele um para a Caiçara, onde estava a força da tropa, e o detiveram, conforme as ordens que tinham, estando os outros ocupados a torrar as farinhas dos paneiros que haviam de levar para ir dar a guerra, e estando divertidos naquilo, sem presumirem engano nenhum, saltaram os brancos neles e os mataram, e não escapou a pobre Moacara à sua muita crueldade.

Com isso se voltou o sargento-mor para o Maranhão, como mui contente, levando os mais cativos dando pela razão do que obrara

que, tendo os guanazes pedido para ajudarem os brancos contra os caicaízes, soubera que no mato se queriam levantar contra eles e matá-los. Examinou-se o caso pelo governador e os adjuntos, e achou-se ter sido falso tudo quanto se tinha levantado aos guanazes.

O padre superior Bento de Oliveira pediu que mandassem os papéis para o Reino, mas o governador não o fez, contentando-se de avisar, porém, como lá veio o caso improvado então os mandou, e ficou tirado o sargento-mor de seu posto, vindo outro para lhe suceder, ficando ele, entretanto, preso até que o livrou o governador, para casar com D. Maria de Aragão, viúva do capitão João de Ornelas, senhor de engenho no Meari, que os tapuias mataram em seu canavial ou fazenda; e nisto parou a descida dos caicaízes e dos guanazes, dos quais ainda alguns vieram para a ilha do Joanes do Pará, onde morreram das bexigas, porém batizados pelo zeloso padre missionário de Santo Antônio, o reverendo frei Boaventura, o qual não deixou morrer a ninguém de sua obrigação sem Sacramentos, do que Deus lhe tem dado o pago na hora de sua morte, falecendo no Pará em agosto deste ano 1697.

Outro caso sucedeu no Maranhão por aquele tempo, pouco mais ou menos, e foi que, indo preso um João Batista, cidadão, por ordem do governador que lhe queria fazer sentar praça de soldado, como passou por junto à igreja nova de Nossa Senhora da Luz, fugiu para ela e se valeu da imunidade. Examinaram os padres da Companhia o caso, e mostrou o padre Iodoco Peres, homem de letras, assim humanas como divinas, tanto quanto qualquer outro no Estado todo, como valia a imunidade, e ficaram excomungados os soldados todos que à força o queriam tirar, e assim o julgou o vigário da vara daquele tempo, Francisco de Barros, em virtude de um papel e arrazoado que lhe fez o dito padre Iodoco Peres, da Companhia de Jesus, e obrigou a absolverem-se publicamente os soldados todos.

Estava o governador naquele tempo no Pará, onde também estava eu, e mais o vice-provincial do Carmo o reverendo padre frei Antônio da Piedade, por então governador do bispado. Consultou o Sr. governador o caso comigo em palácio, indo eu visitá-lo, e disse-me que, por parecer do reverendo padre vice-provincial do Carmo, tinha os letrados do Maranhão por uns ignorantes, que sabia muito das grandes letras dos padres do Colégio do Maranhão. Contentei-me de dizer-lhe o

que pensavam os doutores sem querer decidir nada. O certo é que, indo o governador do bispado ao Maranhão e sabendo do que se passara, achou-se convencido e julgou que a igreja nova concedia imunidade; verdade seja que, remetido o caso ao Reino, veio improvado dos ministros reais, mas isso não prova que era mal julgado, porque a sentença mais comum que segue Castro Palão, de nossa Companhia, o padre Arendana, e o muito reverendo padre Baxo, diz que até por uma dívida, ainda que seja dívida a el-Rei, serve a imunidade da igreja, nem embarga ter sido aquela igreja ainda imperfeita, porque até a estas vale a imunidade e com muito mais razão por estar dentro dos quarenta passos da outra igreja velha de Nossa Senhora da Luz do mesmo Colégio.

Refiro este caso para os religiosos clérigos que, como mais chegados a Deus pela profissão, acudam por suas igrejas e imunidades delas, visto que os seculares os menostratam nestes tempos tão depravados, como é notório a todos.

.....

## *Capítulo VI*

DO MAIS QUE SE OBROU DA BANDA DO PARÁ,  
ESTANDO O PADRE SUPERIOR DA MISSÃO,  
BENTO DE OLIVEIRA, EM SUA VISITA  
DO RIO DAS AMAZONAS

**T**

ENDO o padre superior da missão visitado o Xingu, continuou sua navegação pelos Tapajós até os Tupinambaranas, onde estava o padre Antônio da Fonseca com igreja e casas novas e mais aldeia acrescentada. Mas deixando por um pouco a visita, falemos no que entretanto se obrou da banda do Pará.

Achando o padre reitor do Colégio de Santo Alexandre, Manuel Nunes, que estavam os padres mui apertados sem ter lugar e quintal bastante para seu uso, tratou de ver se podia alargar mais a horta e fechar dentro nos chãos que o capitão-mor Vital de Maciel concedera aos padres, estando eu reitor do Colégio no ano 1662 para 63, como consta da escritura feita, escrita e subassinada por sua própria mão, só achava que o governador e camaristas lhe poderiam ser de algum obstáculo. Eu estava para ir visitá-los todos, como amigos antigos e pedir-lhes que não quisessem opor-se em cousa que era em tanto bem do Colégio, sem nenhum dano seu; fi-lo assim e fizeram-me todos o favor de vir no que lhes pedia, só o governador achei algum tanto contrário, dizen-

do-me que tendo lá os padres sua horta, plantariam árvores grandes que tirariam a vista ao palácio, contudo que ele viria no que se lhe pedia, se os camaristas consentissem, visto prometer o padre reitor de dar outro caminho bom para ir ao armazém de el-Rei. Nisto ficamos e foi tanta a benevolência dos senhores da Câmara, que eram Lucas da Silva Serrão, Luís Pero Mendes, o capitão Manuel Soeiro e outros, que ficaram comigo em que viriam em corpo ver com seus olhos o que se lhes podia, e até onde, para saberem bem o que se havia de dar. Vieram pois um dia às horas de jantar e, mandando chamar o padre reitor Manuel Nunes e a mim, acharam-se no canto do armazém, junto ao Colégio e viram todos com seus olhos e mediram o que se lhes pedia como cousa pertencente já ao Colégio por direito, e é certo que quaisquer outros religiosos não haviam de pedir licença para cercar-se, como se viu no Maranhão, onde os reverendos padres do Carmo cercaram-se, pondo dentro de sua cerca uma rua, com o grande distrito que se sabe, sem haver senhor nenhum que se atrevesse de abrir a boca, por serem frades, que se haviam de defender muito bem, e não padres da Companhia, que querendo levar às vezes as cousas com cortesia ficam com perda delas.

Vista, pois, a medição que se tinha feito até uma moita de tu-cuas, entre a ponte e a cerca do Colégio, retiraram-se os da Câmara para suas casas, até que, depois de resolver tudo no palácio com o governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, discípulo meu, que foi com seu irmão Francisco, que por este respeito depois o avalei diante de Sua Majestade para ser governador do Estado, estando na Corte sobre os negócios da missão, como constou por cartas que lhe escreveu Roque Monteiro e ele mesmo me tem lido, chamou-me o padre reitor Manuel Nunes e disse-me que tinha ordem do padre superior da missão Bento de Oliveira, que lhe deixara antes de ir visitar, para que eu fosse assistir na roça de Mamaiacu junto aos Tupinambás, para acompanhar ao irmão Manuel Juzarte, que lá estava governando essa fazenda.

Tinha a Senhora Rainha encomendado ao padre superior Bento de Oliveira me desse descanso de velhice, e por sua liberalidade me tinha mandado dar uma esmola de vinho preciosíssimo com uns presuntos e chouriços, dos quais eu não quis nada, deixando o vinho para as missas e o mais para se repartir entre os padres de particular, sem guardar nada para mim do que me tocava, e sem embargo ter eu

dito ao padre superior que não podia descansar e ter assento, à Senhora Rainha que lhe agradecia a Sua Majestade o cuidado e viera à missão não para descansar, mas para trabalhar, persuadiu-me o padre superior me mandava para a roça para descansar. Fui, pois, com o aviso do padre reitor logo para roça de Mamaiacu, não para viver nela descansado, mas para trabalhar nela e na aldeia dos tupinambás, aliviando deste cuidado o padre Antônio da Cunha, para depois vir para governar a fazenda, desde os quatro de dezembro do ano 1693, até o mês de agosto do ano 1694. Tive no princípio por companheiro que governava a fazenda o irmão Manuel Juzarte, estando o padre Antônio da Cunha, entretanto, ministro do Colégio, que só sabia governá-lo para maior proveito, tendo assistido nele já uns doze para quatorze anos além de ser lá necessária sua assistência para consolação de seus filhos espirituais, os maraguazes, que tinha trazido do sertão com perigo de sua própria vida. Acudia eu todos os domingos e festas à aldeia, distante umas quatro léguas por mar, sem reparar-nos só calma e chuvas e mais marés de noites pouco seguras, em uma canoa de pescar que remavam uns três ou dois rapazes, e uma vez umas índias, mandadas por falta de homens, na aldeia com um índio piloto e alguns rapazes; acudia também na roça ao espiritual, ficando o padre Antônio da Cunha assaz acompanhado no governo temporal da fazenda; batizaram-se muitas crianças, assim na roça como na aldeia, nem se faltou com os Sacramentos a ninguém.

Aconteceu um caso digno de se relatar e foi que, tendo-se uma índia da nação dos maraguazes da banda do norte, onde tinha sido morto o padre Antônio Pereira e seu companheiro Bernardo Gomes, fartada da terra, por um desgosto que tivera com seu marido por ser preguiçoso e não lhe buscar com que passar a vida, chegou a estar em perigo de morrer, soube-o eu e como era índia pagã, de língua travada, busquei logo língua para tratar de instruí-la e batizá-la, o que me custou muito trabalho, andando nisso ocupado uns poucos de dias. Estando nisso, contou-me a doente já bem doutrinada e arrependida e aparelhada com todos os atos necessários para o batismo, que lhe apareciam uns índios de sua nação e lhe ofereciam em cuias suas papas e mingaus, convidando-a para o mato, dizendo-lhe que dali em breves dias havia de ir estar com eles; mostrei-lhe eu com isto eram enganos do Diabo, inimigo das almas, aos quais não havia de dar nenhum crédito, crendo somente



o que eu lhe ensinava por ser palavra de Deus unicamente, necessária para se salvar, e que tornando a vir-lhe semelhantes aparições de índios, chamasse pelo santo nome de Jesus e Maria, mandando-os embora, como embusteiros e demônios; assim o fez com feliz sucesso, porque se bem que a molestaram ainda antes do batismo, contudo nunca mais lhe apareceram depois dele, como ela mesma, perguntada, me assegurou morrendo com sinais de sua predestinação.

Nisto juntaram-se os cameristas com o provedor-mor Guilherme Rodrigues Bravo, pouco afeiçoado à Companhia, no palácio sobre o despacho da petição do padre reitor Manuel Nunes, acerca dos chãos para horta; opôs-se o provedor, inimigo dos padres e João Ferreira, filho de Antônio Ferreira, e sem embargo de ter o governador dito a mim estaria pelo que diriam os cameristas os quais eram favoráveis, tirado este a quem eu não tinha falado, por não saber que era camerista, sendo que, de outra parte, me tinha obrigações bastantes, decidiu-se o governador pela parte negativa, e ficou o padre reitor Manuel Nunes impedido de fazer obra, por desfavorecer o governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho com os outros pouco afeiçoados à Companhia. Senti muito isso e tal não esperava do governador, o qual me tinha também grandes obrigações pelo muito que o avaliei ante Sua Majestade para ser governador do Estado do Maranhão, e por continuar no governo e mais por ter sido meu discípulo, e ele me ter dito estaria pelo juízo dos cameristas, que me tinham dado palavra de favorecer minha petição. Mas daqui se verá quão pouco se deve homem fiar nos homens que hoje dizem uma cousa e amanhã fazem outra. No entretanto, chegou o padre superior Bento de Oliveira de sua visita, a falar com o governador e lhe disse que se não viesse no que lhe tinha representado acerca de Xingu, já tendo visto toda a missão para cima, mandaria descer o padre Antônio da Fonseca dos Tupinambaranas, como mandou, com efeito, por se não querer ele acomodar no que era razão; instou o governador que se tornasse a ajustarem as missões para cima, mas nunca o quis fazer o padre superior, dizendo que não tendo os da Companhia a do Xingu não mandaria para cima missionário nenhum.

Tinha estado por pouco de tempo nos Bocas o padre Antônio Gonçalves, e após dele o padre Manuel Galvão, o qual, adoecendo gravemente, se veio curar ao Colégio, depois de convescido, foi mandado

para o Reino com cartas para o padre Sebastião de Magalhães, como dito ficou, e valeu-lhe ter seguido naquela sua viagem o conselho do padre superior da missão, que lhe disse que tomasse as ilhas e de lá se embarcasse em outra nau de estrangeiros, o que fez, escapando com isso à escravidão dos mouros, em cuja mão deu a embarcação em que se tinha partido do Grão-Pará.

Chegou a Lisboa pelo mês de dezembro do ano de 1693, tendo partido do Pará no mês de julho do mesmo ano; foi recebido na casa professa de São Roque pelo padre Sebastião de Magalhães, provincial daquele tempo, que o considerava já cativo dos mouros pela detenção do navio; de Lisboa se partiu logo para Évora, onde teve o Natal, e de lá para o Colégio de Elvas, onde foi mestre e pregador da casa quase um ano; daqui foi-se para Coimbra, onde praticou em capela velha aos 27 de outubro do ano de 1694, e se lhe ofereceram o padre Gaspar Ribeiro, de[...] da teologia e outros que adiante se nomearam.

.....

## *Capítulo VII*

PARTE O PADRE SUPERIOR BENTO DE OLIVEIRA  
PARA VISITAR, DA BANDA DO MARANHÃO

**T**ENDO o padre superior da missão Bento de Oliveira acabado sua missão ou visita da banda do Pará, onde depôs o padre Francisco Soares, partiu para visitar da banda do Maranhão, havendo de segui-lo cedo o Sr. governador, e como a roça de Mamaiacu está logo no caminho umas três marés de lá chegou a ela de passagem com seu companheiro José Barreiros, que também ia ver sua mãe, desejosa de o ver. Lá estava eu, acompanhando o padre Antônio da Cunha por então e acudindo à missão dos Tupinambazes, conforme suas ordens deixadas ao padre reitor Manuel Nunes, que tinha mandado dizer-me no dia antes da sua partida que me não metesse em cousa nenhuma mais que confessar o padre Antônio da Cunha, que lá governava a fazenda; e sabendo eu que só os desobediantes ou inúteis para tudo se botavam em um canto, como ele mesmo me tinha dito algum dia, entrei em dúvida se assim o fazia comigo ou bem o fazia para me dar o descanso, conforme o que a Senhora Rainha lhe tinha encomendado, quando se despedira dela na Corte. Interpretando a disposição do padre superior pela melhor parte, parecendo-me que o padre Antônio da Cunha assaz tinha que fazer com

a administração da roça, determinei-me a aliviar e ajudá-lo, acudindo sempre à missão dos Tupinambazes como dantes, enquanto lá assisti, ajudando-o também na Quaresma a desobrigar a gente, fazer a procissão dos Passos e pregar na língua dos índios a Paixão do Senhor, sem me escusar nem pedir mudança, sem embargo de ser aquele sítio muito mau para mim e me darem por aquela banda repetidas dores de olhos e pontadas tão veementes, que depois de passarem me deixavam moído por muitos dias, sem nunca ter mezinha ou cousa que me pudesse dar algum alívio, senão a santa paciência de sofrer por Cristo Senhor Nosso, que tanto tinha padecido por meu amor.

Levou o padre superior consigo àquela vez o irmão Sebastião Pereira estudante, o irmão coadjutor Manuel Juzarte, aquele para acabar de estudar latim, este para ajudar os mais irmãos do Colégio do Maranhão.

Chegou à aldeia do Maracaná, onde estavam os padres Antônio da Fonseca e João Justo, sem terem os 25 casais de índios, que Sua Majestade manda dar por sua lei aos missionários das missões distantes até 30 léguas das cidades para seu sustento e sem haver nisso mudança nenhuma com sua chegada; partiu para o Caeté, onde o capitão-mor Amaro Cardoso também os negava ao padre João Carlos, que lá assistia com o irmão Inácio da Silva, dando-lhe não mais que oito índios para seu serviço, sem também lá poder-se efetuar melhoria.

Do Caeté passou com feliz viagem a S. Luís do Maranhão, ficando, porém, com Amaro Cardoso, como ficado com o principal Francisco de Sousa, no Maracaná, que aos missionários se dariam sempre os remeiros necessários para suas viagens. Em Maranhão achou tudo quieto, estando no Colégio o padre vice-reitor Diogo da Costa com os cursistas, cujo mestre era o padre Inácio Ferreira; era a roça de Anindiba, o padre João Ribeiro; era a aldeia de S. José o padre Antônio Coelho, em o Tapicuru o padre João de Vilar, e no Mareú o padre Manuel Rabelo, donde se tirou o padre Baltasar Ribeiro, que despediu da Companhia, e mandou para casa de seus pais.

Estava-se naquele tempo trabalhando com grande fervor na igreja nova de Nossa Senhora da Luz, e parecendo-lhe ficariam as paredes muito altas, mandou não subissem tanto quanto dizia meu debuxo,

que eu lá tinha deixado, e ordenou também que de ambas as bandas houvesse só três tribunas mais largas, em lugar das de cinco ou oito palmos que para maior firmeza das paredes, menos ventania e maior graça de obra, se tinham ordenado fazer; mandou finalmente que em lugar do nicho, que se punha no mais alto do frontispício para uma imagem de Nossa Senhora da Luz, pois era igreja sua, se metesse o Santíssimo Nome de Jesus, ficando tudo o mais como estava debuxado. Agradou-lhe o retábulo do altar-mor feito pelo mestre entalhador Manuel Marcos, conforme eu lhe tinha debuxado.

Reparou mais na altura das paredes feitas pelas prescrições do Vitrúvio, mestre dos arquitetos, que nisto tinha seguido, por não haver de ter abóbada mais estreita, à imitação de Nossa Senhora do Loreto em Lisboa, a qual entre os muitos e belos quadros de riba tem os mistérios da santíssima vida da Virgem que admiravelmente a aformoseiam.

Reparou finalmente não haver escada para o púlpito, porém isto foi descuido do mestre pedreiro, o qual estava avisado de fazer escada por dentro da parede, desde a porta colateral até o dito púlpito, e nisso tinha ficado comigo, que também queria que para poder passar para outro púlpito correspondente para banda da rua, se fizesse uma passagem pelo meio da parede, larga de dois palmos e meio com sua abóbada para segurança; mas vindo nisto o mestre não o quiseram os padres, e assim ficaram essas tribunas da banda da rua sem se poder chegar a elas, salvo se algum dia se fizer uma bela varanda que sirva de passagem de um corredor para outro, por aquela mesma parte.

Não é crível quantos obstáculos e impedimentos teve esta obra da Virgem Senhora Nossa, mas venceram-se todos com o favor dela e de seu bento Filho, e os houve até entre os obreiros, dos quais morreram muitos de bexigas, e foram mortos pelos tapuias, uns nove guajajaras por uma só vez, nas campinas de Bento Maciel, indo de volta para sua aldeia.

Enquanto o padre superior assistia no Maranhão, empregando-se além de sua visita nas pregações, mandou o padre João de Avelar buscar uns índios do sertão, que se tinham fugido do rio Tapicuru; voltaram alguns, mas, como são inconstantes, tornaram a fugir, ficando o Maranhão cercado de tapuias inimigos por todas as bandas, com grande prejuízo e dano das lavouras e currais de gado vacuum para o sustento da

cidade, e mais com grande perigo dos moradores do rio Tapicuru, principalmente do capitão-mor Pero Paulo e do alferes Miguel Ribeiro, aos quais juraram pela pele que os haviam de matar se os apanhassem, por lhes constar que estes dois nunca lhes tiveram nem têm boa vontade; ao filho de Baltasar de Seixas que, Deus tem, não dão moléstia nenhuma, sendo que mora com toda sua família sempre no seu engenho sobre o rio do Moni, onde a cada passo o visitam como amigos, pelo bom trato que seu pai e ele sempre lhe deram. E daqui se colhe que se os tapuias se tratassem com amor e caridade pelos portugueses todos, não se haviam de levantar tantas vezes contra eles, porque, ainda que sejam bárbaros e brutos, não deixariam de reconhecer o bem que se lhes faz visto os próprios animais e todos os brutos serem agradecidos pelos benefícios e bom trato que se lhes dá, como consta de inumeráveis histórias e vemos cada dia com os nossos olhos. Não nego nem posso negar que com esta gente selvagem se há de tratar com toda a cautela, principalmente enquanto se não domesticar e abrandar, pelo ensino da verdadeira fé e virtudes cristãs, quanto o permite sua bruteza natural.

Sem embargo de todos estes impedimentos, fez o padre João de Avelar, missionário de S. Miguel de Tapicuru, uma bela igreja de taipa de pilão, na aldeia de sua residência, e outra na de S. Gonçalo, também linda, mas só de taipa de mão; para a fábrica da primeira foi ajudado dos moradores portugueses daquele rio, que lá vinham ouvir missa e venerar a santa imagem de S. Francisco Xavier, ao qual faziam sua festa e novena, não sem forma de algumas mercês, que se podia ter feito anunciar como milagrosas, entre as quais a seguinte: Tinha adoecido uma escrava de um morador por nome João Vieira, o qual, vendo-a reduzida às portas da morte, e tendo-a já por morta, a levou a pôr aos pés do Santo com voto, que se lhe desse vida e saúde, lhe daria cousa prodigiosa, tornou logo em si a escrava e ficou sã e valente, sem rasto de sua doença. Outros sucessos maravilhosos se contam, mas contento-me referir este por agora, que o tempo ensinará o caso que deles se deve fazer.

.....

## *Capítulo VIII*

DO QUE OBROU O PADRE SUPERIOR BENTO DE OLIVEIRA,  
ESTANDO NO MARANHÃO E NO PARÁ,  
E MAIS NA VOLTA PARA ELE

**E**STANDO o padre superior Bento de Oliveira no Maranhão, representou o padre João Ângelo, missionário das aldeias da Capitania do Cametá, o muito que padecia dos olhos, com perigo de perder a vista, e mais os desgostos que lhe dava o capitão-mor Antônio de Carvalho, pedindo, se pudesse ser, mudasse o padre reitor Manuel Nunes para outra parte. Viu o padre reitor a muita razão que tinha o padre João Ângelo de pôr outro em seu lugar; para isso nomeou primeiro o padre João Justo, dando-lhe o padre Aluísio Conrado por companheiro, para convalescer em Cametá. Mas o padre João Justo deu logo alguma ocasião de desconfiança ao padre Aluísio, com que o padre reitor me chamou a mim, que tinha vindo ao Colégio, para praticar na vigília de nosso Santo Patriarca, e perguntou-me se queria ir ao Cametá para aliviar ao padre João Ângelo e levar por companheiro o padre Aluísio Conrado; respondi-lhe que eu estava para obedecer a tudo que me mandasse, com muita vontade, e que como reitor dispusesse como lhe parecesse, com que me mandou logo com o padre Aluí-

sio, meio entrevado de sua doença, por companheiro, em companhia do mesmo padre João Ângelo, que ia fazer-me entrega da residência de Inhuaba, onde chegamos aos quatro de agosto do ano 1694, tendo passado primeiro pela aldeia de Parijô de baixo, e visto o que lá havia, assim na igreja como na casa. Feita, pois, a entrega da residência assaz bem provida com casas e igreja nova, e bela por suas pinturas engraçadas, que tinha feito o padre João Ângelo, por sua curiosidade e devoção, partiu ele para Mortigura, para estar convalescendo, em companhia do Padre Miguel Antunes; alegraram-se muito os índios e mais ainda os brancos, como o capitão-mor, com a minha assistência, por serem todos amigos e conhecidos meus, pelos muitos anos que tinha no Estado, e logo ficou tudo em bela paz.

Todos os dias santos e domingos do ano, ia eu dizer missa e acudir com os sacramentos à aldeia do Parijô, ficando o padre Aluísio Conrado em Inhuaba para o mesmo efeito; lá tinha o bom padre bons ares, boas águas, boa carne e peixe, boa vista, belos passeios, belas campinas, saborosas frutas para poder convalescer; porém nem com tudo isso melhorava, mas antes parecia ia achando-se cada dia pior, e tanto assim que tendo eu ido a Parijô, para lá celebrar as festas do Natal, e querendo o padre Aluísio, por sua devoção, dizer a missa do Galo, diante de um belo Belém, que tinha feito, chegou ao altar estando a gente toda junta para assistir ao sacrifício divino, mas deu-lhe tão grande fraqueza que nem então nem as festas seguintes foi capaz de celebrar. Avisou-me logo, para que viesse depressa para mandá-lo ao Colégio, pois não estava capaz de esperar mais tempo, por sua grande enfermidade; acudi ao aviso e aviando-o o melhor que pude, o mandei para a cidade, fui pesaroso de perder tão bom companheiro; mas supriu logo esta falta o filho de Diogo Pereira, Manuel Pereira, moço bem criado e sujeito, o qual assistiu em minha companhia, ensinando-o eu casos e mais a Lógica e a Física, até o fim das cousas, e isto com tanto mais vontade que via que tinha bom engenho, boa compreensão e boa memória a tudo.

Entretanto, vieram do Maranhão uns índios caicaízes mandados pelo Sr. general Antônio de Albuquerque, para estarem na ilha dos Joanes, com os mais que tinham vindo dantes, e viviam mui contentes, por estarem em paragem farta de tudo, e debaixo do cuidado e doutrina



do reverendo padre missionário frei Boaventura, capucho de Santo Antônio.

Acabou o padre reitor Manuel Nunes de soalhar o corredor novo e tratou de querer fazer residência em Marajó; fechou também o padre Pero Poderoso, por não querer fazer uma penitência, pretendendo ser despedido da Companhia depois de sacerdote, com filosofia e teologia acabada. Chegou entretanto o padre superior da missão do Maranhão, e vendo os desgostos que havíamos de ter com os reverendos padres Mercenários que se tinham metido de posse de um dos nossos melhores pastos, e que o gado ia morrendo, em vez de se multiplicar, isto além das dificuldades da passagem, mandou ao padre reitor Manuel Nunes largasse essa empresa e mandasse retirar o gado todo, parte para a cidade, parte para Jaguarari; despediu também o padre Francisco Pedroso, com licença do nosso muito reverendo padre-geral, o qual, estando despedido, se valeu de Jacó Hegres, mercador solteiro e honrado do Pará; este o amparou, como se fosse seu irmão, até pô-lo com chapéu de sol mui bizarro nessa praça, valendo-se ele também de seu belo engenho e letras para as pregações que ia fazendo pelas igrejas da cidade, até que partindo os navios, se embarcou em companhia de Jacó Egres, que lhe fazia os gastos todos, e chegou a salvamento à cidade de Lisboa, onde se houve com tanta ingratidão com o seu benfeitor, que, depois de posto em a Corte, nunca mais o veio ver. Guarde-se ele, porque costuma Deus castigar muito os que procuram sem bastante razão sair da religião.

Deus lhe perdoe, que lhe estou temendo a pancada, porque antes de ser despedido faltou um dia a renovar os votos com os mais, sentiu um nosso, estando com o Senhor em as mãos, que lhe dizia ao coração estas palavras: “Oh! Pedrosa, salvar-te-ás se morreres na Companhia”; disse-lhe eu pouco depois, mas dando-se pouco disso, deixou a Companhia, desagradecido do benefício que Deus lhe tinha feito com o chamar para ela e do bem que lhe tinha feito ela em criá-lo na virtude e letras.

É uma lastima ver a facilidade com que alguns sujeitos, ainda que do Reino, variam e deixam a sua devoção; muitos houve estrangeiros nesta missão, desde os seus primeiros princípios, mas pela graça de

Deus nunca se achou nenhum que saísse da Companhia, nem ainda da missão.

Lembra-me que, sendo noviço do ano 1647, na cidade de Tournay da província galo-bélgica, dava-nos o mestre dos noviços a ler um livro dos que tinham deixado o noviciado e era cousa para pasmar de ver como até estes, ainda que não religiosos, castigara o Céu com castigos de mortes desastradas, por terem deixado a sua vocação, e se assim trata os noviços, que só estão em caso da provação, que tanto devem de esperar aqueles que saem da religião depois de feitos os votos, e por graves causas que deram à sua expulsão? Perdoai-lhes, que não sabem o que fazem.

.....

## *Capítulo IX*

### VISITA DO PADRE SUPERIOR ÀS RESIDÊNCIAS DO PARÁ E MORRE O PADRE FRANCISCO RIBEIRO

**E**M OS fins do ano 1694 começou o padre superior Bento de Oliveira sua visita, e chegou aos quatro de novembro pela manhãzinha à residência de Inhuaba com o padre José Barreiros; achou-me mal convalescido de uma terrível pontada que às vezes me dava e durando alguns dias e me deixava quebrado todo; acudiram os índios com os seus costumados presentes e praticou-os o padre superior; visitou a igreja e casa e tomadas as contas partiu no dia seguinte para a aldeia de baixo, chamada Parijó, e não achando que reparar despediu-se de mim, que o tinha acompanhado até lá, e partiu com boa maré para os Bocas, onde pôs o padre Manuel Nunes, e dos Bocas aos Ingaíbas, onde deixou continuar o padre Antônio da Silva, por saber repartir e governar aquelas nações com satisfação de todos; não foi mais para riba, porque estavam retirados os padres missionários, enquanto o governador não nos queria restituir a missão de Xingu, onde se tinham posto de posse os reverendos padres Piedosos.

Tinha o padre superior ouvido os repetidos requerimentos do padre Manuel Nunes para o aliviar do cargo de reitor e mais aos súditos,

por lhe parecer não convinham a seu gênio esses súditos, por apertar com eles com algum demasiado rigor, e o substituiu pelo padre João da Silva.

Estando ausente, em sua visita, veio a achar-se mais mal do que o costumado, o padre Francisco Ribeiro, meio entrevado sobre uma cama já havia anos, o qual por lhe parecer bom tomar uma purga para sua convalescença, perturbou de sorte os humores com ela que aos dezesseis de novembro veio a falecer no Colégio de Santo Alexandre, da cidade de Belém do Grão-Pará, e foi enterrado na igreja de S. Francisco Xavier, com o concurso costumado de religiosos e seculares.

Era o padre Francisco Ribeiro natural da cidade de Lisboa, irmão de João Ribeiro, o cego, varão de tanto espírito que os anos lhe foram os que queria aperfeiçoar na virtude, e casado com uma senhora, um anjo na vida, a qual, morto o marido, faleceu uns poucos de dias depois, para gozar de Deus com ele, a quem tantos anos servira com tanta caridade.

Foi o padre Francisco Ribeiro da província do Brasil e mestre das Humanidades em tempo que por lá esteve o padre Antão Gonçalves, como comissário, e por ele se despediu da Companhia, por lhe repugnar ir a uma aldeia a que o mandava que fosse; esteve depois de despedido por capelão de um ricoço, Peixoto, como filho de casa, até que o padre Antônio Pereira, mandado para lá a estudar, o ganhou para a missão do Maranhão, com que foram a Lisboa e de lá vieram ao Maranhão, sendo eu reitor do Colégio; esteve com as ocupações de noviço por algum tempo, mas como depois faltou mestre de latim aplicou-se às classes que já tinha ensinado no Brasil e comportou-se de tal sorte naquele seu ofício que foi uma admiração até fazer seus votos, e, feitos estes, continuou com o mesmo espírito até se mandar para o Pará, onde depois foi posto por vice-reitor do Colégio, governou uns anos com toda a satisfação por dentro e por fora, salvo que o de dentro o tinham por algum tanto rigoroso. Foi ele que mandou fazer as cortinas de sara-fina e outras cousas para a igreja, e nos seus últimos votos deixou à missão uns tapanhunos que tinha no Brasil em casa do Peixoto, seu amicíssimo, para trabalhar em tabaco para sustento de seu irmão.

Tinha já do ventre de sua mãe um impedimento nas coxas que o fazia coxear um pouco, mas sem prejuízo do que se lhe ordenava;

porém cresceu-lhe tanto aquele mesmo impedimento, que depois lhe impossibilitou o poder andar e lhe tirou a vontade de comer iguarias mal guisadas.

Estando depois mandado por missionário da residência do Caeté com todo o agrado, queixou-se a mim, pela visita, do grande aperto de seu mal e pediu ir ao Pará. Permitti-lhe que fosse em ocasião primeira, com o governador que estava para vir, substituindo-lhe o padre Manuel Nunes; foi ao Pará e de lá ao Maranhão, onde lhe acudiu Duarte Rodrigues, seu amigo, e Gregorio de Andrade, com a caridade pouco vista entre seculares; de lá quis vir outra vez ao Pará e isto mesmo lhe concedi em tempo de meu governo; lá esteve assentado sobre sua cama, meio entrevado como dantes, acudindo-lhe Jorge Rodrigues com sua mulher e sogra Isabel de Moraes, com todo o cuidado, e porque não podia andar mandou-se-lhe fazer um carrinho com que o puxassem os rapazes pelos corredores. Assim foi passando com muito exemplo de paciência religiosa, sendo padre espiritual do Colégio, até enfermar gravemente e morrer.

Foi homem coadjutor espiritual, mui contente de sua sorte, mui prudente, paciente, humilde, caritativo, e mui devoto da paixão de Cristo e da Virgem Senhora Nossa, estimado e amado de todos, de tal sorte que até os governadores o iam visitar no cubículo, e os nossos se não tiravam dele por seu belo modo com que agasalhava e sabia tratar a todos e com todos; parece que lhe quis Deus Nosso Senhor dar o seu purgatório nesta vida, para lhe dar o prêmio de sua paciência e mais virtudes depois de sua morte.

Estava o padre superior ausente quando faleceu mas quis o Céu se achasse no Colégio para autorizar o seu enterro, que se fez com toda a solenidade e assistência que para um religioso de bem se pode desejar.

Não posso deixar de reparar aqui no dito de Cristo Senhor Nosso quando diz que um será aceito e outro deixado, *unus assumptetur e alter relinquetur*; porque por aquele tempo em que levou (como se espera) a alma do padre Francisco Ribeiro para a ditosa companhia dos Céus, despediu-se o padre Francisco Pedrosa da companhia da Terra. Andava este sujeito, muito há, buscando ocasião de sair e como, acabada sua teologia, o não escolhera por mestre do curso que estava para se co-

meçar no Maranhão, e lhe pospusera o padre Inácio Ferreira, por mais modesto e exemplar e quando menos igual no saber, tomou daí fogo e me escreveu uma carta pouco religiosa, e se foi precipitando até o padre superior Bento de Oliveira o despedir da Companhia, com licença de nosso muito reverendo geral.

.....

## *Capítulo X*

CHEGA NAVIO DO REINO AO MARANHÃO,  
ESTANDO O PADRE SUPERIOR ALLI,  
E TRAZ MUITOS MISSIONÁRIOS COM O  
PADRE MANUEL GALVÃO, EM 1695

**E**STAVA a terra em miserabilíssimo estado, e em tanto que já uma arroba de ferro se vendia a quarenta mil réis e um alqueire de sal a quatro mil réis, sem ainda se poder achar; e assim das mais cousas que quis Deus houvesse em castigo de nossos pecados, ou em princípio de castigo deles, porque depois foi tudo de mal em pior, quando o padre superior Bento de Oliveira instituiu no Pará, no ano 1695, as quarenta horas no Colégio de Santo Alexandre, para aplacar a justa indignação do Céu contra nós. Foi juiz o capitão Pedro da Silva, já juiz de Nossa senhora do Socorro; fez-se tudo com grande sossego, pregando o padre superior Bento de Oliveira, e o padre vice-reitor João da Silva, e o padre Miguel Antunes, missionário de Mortigura. Fizeram-se mais as tardes, que dantes já tinham sido feitas muitas vezes, deixando-se de fazer as quarenta horas, por falta de juiz que concorresse para elas.

Houve grande concurso com muitas confissões e comunhões, e parecia-se já o Pará com o Maranhão, onde na igreja de Nossa Senho-

ra da Luz já desde o ano de 1670, sendo o padre Francisco Veloso reitor do Colégio, se fazem as quarenta horas cada ano, com toda a grandeza e devoção, como testemunharam os que algum dia assistiam ali. Parece que Deus Nosso Senhor quis recompensar ainda nesta vida o bom zelo do padre superior da missão, consolando-o com a vinda do que mais esperava, porque neste mesmo ano de 1695 chegou ao Maranhão navio do Reino com quatorze sujeitos escolhidos da Companhia de Jesus, um provincial de Nossa Senhora do Carmo, e comissário de Santo Antônio e cada um deles com alguns religiosos seus. Os pertencentes à Companhia eram o padre José Ferreira, que vinha por superior daquela gloriosa missão pela viagem do mar, e reitor do Colégio do Maranhão onde já tinha lido teologia escolástica aos nossos e moral a todos, com grande aplauso e crédito, por deixar discípulos capazes de lerem logo depois curso de teologia, como viu com seus olhos com o padre Inácio Ferreira, que, de discípulo feito mestre, lhe sucedeu no ler.

O padre Manuel Galvão, que o padre superior tinha mandado para o Reino sobre os negócios da missão de Xingu, os padres Silvestre de Matos, Duarte Galvão, Manuel dos Santos, os irmãos Lourenço Homem, José Vidigal, Manuel Brandão, Antônio de Brito, Jacinto Carvalho, Antônio Batista, João Marocot, coristas, o irmão coadjutor Domingos Francisco, o irmão José de Moura, pintor ou debuxador, chegaram então.

Tinham-se embarcado em Lisboa aos 11 de fevereiro do ano de 1695, no navio *Esperança e Nossa Senhora da Piedade*, saindo no outro dia de sábado[...] e no outro sábado viram as ilhas, no outro passaram cabo Verde, e no seguinte acharam-se livres de uma tormenta, no quinto sábado passaram a Linha, em que se detiveram um só dia, no sexto finalmente viram, em dia de S. José, a primeira terra do Maranhão, onde lançaram ferro aos 21 de março, segunda-feira, à tarde, e foram logo daí ao Colégio de Nossa Senhora da Luz e lá estiveram até o primeiro de maio, em que passaram ao Pará.

Tinha o padre vice-reitor Diogo da Costa governado o Colégio do Maranhão uns poucos de anos e acudindo a tudo com muito cuidado, principalmente à igreja nova, que se ia pondo em sua perfeição, e folgou muito, com todos os mais padres, ver a quantidade de tão belos sujeitos que lhe vinham do Reino.



Entregou logo o governo ao padre José Ferreira, o qual por seus achaques, com licença minha, superior daquele tempo, tinha ido ao Reino, donde o nosso muito reverendo padre-geral o mandou ir para reitor e para trazer os sobreditos sujeitos, os quais todos chegaram com saúde exceto o padre Manuel Galvão, que esteve muito doente no Maranhão, e vinha com a resolução da Corte sobre a missão de Xingu, que era o negócio que o padre superior Bento de Oliveira lhe tinha encomendado. Trouxeram várias novas, que eram que o Reino estava em paz, que a Sereníssima Senhora Rainha dera à luz felizmente uma Princesa e estava grávida outra vez, já de uns cinco meses, que a nau de João Francisco dera em terra de mouros, que no ano antecedente se perdera uma embarcação em Cabo Verde, em a qual cada um dos Colégios tivera 200\$000 de perda, e que pela que tiveram na que fora às terras dos mouros tinham ficado muito faltos; mas a que trouxe o padre Manuel Galvão sobre a residência da missão de Xingu foi a que mais se esperava; e como quer que o padre superior estava no Pará nem se podiam comodamente sustentar tantos sujeitos no Maranhão, onde já estavam outros, estudando curso e havia grande falta de farinha, em comum parecer acharam ser mais conveniente mandar uns do curso novo, que se havia de começar, para o Pará, ficando no Maranhão não mais que o padre Silvestre de Matos e o padre Manuel dos Santos, para entrarem em teologia no ano seguinte com os que iam acabando seu curso de filosofia; e assim se fez, vindo embarcados no navio para o Pará, onde tomaram porto a 13 de maio todos os cursistas, com os dois que vinham para tomar a roupeta lá mesmo no Colégio de Santo Alexandre, da cidade de Belém, a saber: Bartolomeu Rodrigues para estudante, Domingos Gonçalves para coadjutor temporal; estes dois vieram no ano seguinte com o padre Frutuoso Correia; e já que neste capítulo se fez menção do navio do Reino, quero também fazer menção de outro, que veio com alguns negros de Angola, não muito tempo depois. Cuidou o povo do Maranhão que por aquela vez ficava remediado e por isso se escolheram os melhores, que compraram os mais abonados, ficando os piores para se levar para o Pará, porém acharam depois que foram sua perdição por trazerem as bexigas que empestaram o Estado todo, como se verá dos capítulos seguintes.

.....

## *Capítulo XI*

PARTE O PADRE SUPERIOR BENTO DE OLIVEIRA  
PARA O PARÁ E, DISPOSTAS LÁ BREVEMENTE  
AS COUSAS, TORNA PARA DISPÔ-LAS EM CAETÉ

CUIDANDO o padre superior da missão de achar ainda todos os padres juntos no Colégio do Maranhão, onde o padre Manuel Galvão estava muito doente, como quer que vá em canoa, visitando de passagem, chegou um dia mais tarde, porque, estando o navio já navegando, viram-se os fogos que se mandaram fazer em Tapuitapera, em sinal da chegada da canoa: por esta razão não fez detença mais de uns 15 dias em o Maranhão, deu boas-vindas aos padres vindos de novo do Reino, que lá tinham ficado no Colégio, aplicou o padre Inácio Ferreira, que tinha sido mestre do curso, para lente de teologia, para o ano seguinte aos que acabarem de estudar filosofia, porém à teologia moral o padre José Ferreira, que tinha vindo para esse fim.

Fez ministro do Colégio ao padre Manuel Rabelo, indo suceder-lhe na aldeia de Mareú o padre Antônio Gonçalves, o padre João de Avelar mandou continuar no Tapicuru e rio de Muni; o padre Antônio Coelho em S. José, o padre Jacó Ribeiro na nossa roça de Anindiba, mandando outra vez para lá o padre Iodoco Peres, homem de grandes

letras e virtude, mas de mui fraca e pouca vista; e como quer que tenha no Colégio como reitor o padre José Ferreira, o qual em seu governo era observadíssimo não foi necessário deixar-lhe encomendada a observância que já lá estava em seu ponto, nem a continuação das obras da igreja nova, sendo ele tão grande servo e amante da Virgem Senhora da Luz.

Posto, pois, tudo em via, voltou-se logo para o Grão-Pará, trazendo em sua companhia os padres Manuel Galvão, e José Barreiros, Diogo da Costa, e o irmão Sebastião Pereira, este para estudar curso com os mais, seguindo poucos meses depois o irmão João Valadão, famoso mestre do latim, depois de acabada sua teologia com muito louvor, indo-lhe suceder o padre Manuel da Costa, depois de ler, com muito agrado e satisfação, humanidades no Colégio do Grão-Pará, onde o padre superior da missão chegou pelos fins de julho, restaurou os estudos que no princípio da missão tinha começado, primeiro, o padre João de Souto-Maior e continuei eu, anos depois, sendo superior na missão a primeira vez, e tendo entre outros discípulos o Sr. Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, com seu irmão Francisco, ambos de menor idade, em tempo do governo de seu pai, o Sr. Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho.

Passando o padre superior pela residência de S. João Batista do Caeté, como achou o capitão-mor Amaro Cardoso tão posto fora da boa razão com os moradores contra o padre, acerca dos índios, ficou em querer tirá-lo de lá e de fato chegado ao Pará, e, ouvidos os aleives que nos tinham levantado no Reino, diante do donatário, como se os missionários do Caeté lhe tirassem seus lucros, mandou-lhe por escrito que, na primeira ocasião, se viesse para o Colégio do Pará, com todo o seu fato e o mais pertencente à missão, pois não faltavam missões em que se pudesse empregar com mais proveito das almas, que lá em a aldeia do Caeté, entre gente tão pouco afeiçoada que não tinha reparado em escrever falsidades e calúnias, ao donatário da vila, contra os missionários da Companhia, os quais lhe tinham assistido com tanta caridade, já desde que tinham estado no Gurupi, e depois de feita a mudança para o Caeté. O padre João Carlos recebeu a ordem do padre superior Bento de Oliveira, de se vir e desamparar aquela missão; porém, como o capitão-mor e moradores viram que com esta retirada ficavam desampara-

dos, por não haver religioso nem clérigo que lhes quisesse assistir pelo pouco que tiravam daquela assistência, com gente pela maior parte po-bríssima, fizeram requerimentos ao padre [...] da missão, pedindo-lhe encarecidamente lhes deixasse o padre João Carlos; mas respondeu-lhe ele que nem este nem outro lhe havia de dar. Trataram então de buscar quem lhes assistisse, porém como se foram acomodando mais à razão o capitão-mor e moradores todos e pouco depois sobrevieram as bexigas, não quis o padre [...] ir com tudo ao cabo, enquanto durava aquele con-tagioso mal.

.....

## *Capítulo XII*

ENTRAM OS MISSIONÁRIOS DA COMPANHIA  
NA MISSÃO DE XINGU; MANDAM-SE PADRES PARA  
AS MAIS MISSÕES E VAI O PADRE VICE-REITOR  
VISITAR AS ALDEIAS

**L**OGO que o padre superior da missão chegou ao Pará com o padre Manuel Galvão, vindo de negociar na Corte a restituição da missão de Xingu aos padres da Companhia de Jesus, foi-se ter com o Sr. governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho e tratar com ele aquele ponto, sobre o qual lhe escrevia Sua Majestade, que esperava que teria feito a repartição das missões com satisfação de todo os missionários, e que nunca nem em pensamento lhe viera querer tirar-lhes o Xingu.

O que suposto, lhe disse o padre superior da missão que lembrado estaria como ficaram com ele, que ou lhe havia de restituir a missão de Xingu ou ele não havia de prover mais as missões do rio das Amazonas com missionários da Companhia; viu-se o governador apertado, porque por uma parte via a pouca razão com que tiraram e a obrigação que lhe corria de tirá-la aos reverendos padres missionários Piedosos, e por outra se achava com desejo que com estes ficasse, e assim pediu ao padre superior que, visto os reverendos padres Piedosos esta-

rem já de posse do Xingu, lhes quisesse deixar aquela missão, pois não faltavam outras para riba, mas ele teve mão e instou que se lhe restituísse essa missão ou houvesse por bem que não proveria as mais missões para riba, com que vendo o governador que não havia outro remédio, veio no que se lhe pedia e Sua Majestade mandava.

Avisados, pois, os reverendos Piedosos, retiraram-se da missão de Xingu, ficando somente com a aldeia de Maturu, que Manuel Guedes formara das outras aldeias no que o padre superior não quis fazer reparo; tratou, porém, de instaurar as missões, pondo-lhe os missionários seguintes, uns logo e outros um pouco depois.

Ao padre João Carlos, deixou em Caeté com o irmão Inácio da Silva; ao padre Diogo da Costa, mandou ao Maracanã presidir a residência de S. Miguel, onde dantes tinham estado sucessivamente os padres Gaspar Misseh, Antônio da Fonseca, João Maria, João Justo e Manuel de Amaral; ao padre Antônio da Cunha deixou na roça de Mamaiacu, pondo-lhe por companheiro o padre Manuel de Amaral; ao padre Miguel Antunes, confirmou no seu posto de Mortigura; a mim, no meu, da Capitania do Cametá, na residência de S. Pedro e S. Paulo, em Ingaíba, mandando-me o padre João Justo por companheiro; ao padre Manuel Nunes, que estava nos Bocas deixou, até depois lhe mandar o padre Manuel Galvão, o qual antes de se ir ao Reino tinha cuidado deles e pediu-lhe guardasse essa sua missão; ao padre Antônio da Fonseca mandou logo tomar posse da residência do Xingu, até lhe ir em breve sucessor, porque os reverendos Piedosos já a tinham largado; ao padre João Maria mandou aos Tapajós; ao padre Antônio da Fonseca, à sua antiga missão dos Tupinambaranas; o padre Manuel Nunes estava para ir aos Maraguases, mas adoeceu e depois, indo-se ainda malsão, morreu em caminho entre os ingaibas, onde assistia o padre Antônio da Silva; estava também destinado o padre João Carlos para os Abacaxizes, mas como sobrevieram as bexigas, ficou continuando em Caeté, e como os missionários das mais religiões foram pouco a pouco provendo as que lhe tinham caído em repartição, ficou todo o rio das Amazonas, por ambas as bandas, socorrido para bem das almas de seus sertões.

Foi-se chegando, entretanto, o tempo da visita, e como o padre superior Bento de Oliveira, se achou indisposto para fazê-la para

cima, mandou em seu lugar o padre vice-reitor João da Silva, com o irmão Sebastião Pereira, cursista, por companheiro.

Partiu, pois, o padre vice-reitor do Pará aos 29 de setembro do ano de 1697, e aos 25 do mesmo mês chegou à residência de S. Pedro e S. Paulo, em Inhuaba, da Capitania do Cameté. Deteve-se lá comigo dois dias por eu mesmo lhe pedir, visitou tudo, como é costume e, praticados os índios por si mesmo, pois lhes sabia a língua, partiram depois para Parijó, aldeia principal, onde se vai dizer missa aos domingos e festas principais. Visitou-nos o capitão-mor com os índios, que lhe disseram que me tinham pedido que lhes assistisse sempre lá um padre, sem se retirar para Inhuaba, mas que eu me reportara à resolução do padre superior da missão, e respondeu-lhe ele que faria aviso de seu requerimento, como fez; e respondi-lhe eu que mandara o padre João Justo para Inhuaba, para consolação minha, e assim que nos deixasse estar juntos, por entretanto, e assim se fez, porque tinha eu dado palavra que, havendo aperto das bexigas, das quais se falava, lhes havia de assistir o padre João Justo, e fazer-lhes novenas a Nossa Senhora do Socorro, padroeira de sua igreja e juntamente a S. Francisco Xavier.

Havia naquele tempo uma dúvida entre mim e o padre João Justo, porque lhe parecia que se não havia de levar os índios em rede para a igreja, para receber o Viático, mas havia-se levar o Senhor por suas casas, e respondi-lhe eu que era o uso na missão, desde seu princípio, fazer vir os doentes em rede, por serem as casas dos índios muito indecentes, os caminhos para elas muitas vezes muito longe, sujos e perigosos.

Propôs-se a dúvida ao padre vice reitor e depois ao padre superior da missão, e responderam que se seguisse o costume antigo, e assim se fez até Deus Nosso Senhor dispor as cousas de sorte que houvesse modo de levar o Senhor com a decência devida, sem outras dificuldades, que estorvassem de se o poder fazer; só o padre João Justo, como escrupuloso, não quis vir no que vieram todos os mais padres, por lhes parecerem melhor consideradas as circunstâncias todas, das aldeias de índios que se fundaram no Brasil, a fim de se mandar vir os doentes em redes para a igreja a receber o Viático, quando forem capazes dele.

Dizia o padre João Justo que o padre vice-reitor João da Silva dissera se vestissem os que por falta de vestidos não podiam vir à doutrina, e eu, sem embargo de se lhe não dizer tal cousa e custar a vara de pano a cruzado, e nem ainda assim se poder comodamente a descobrir, o fiz com desejo de obedecer, porém ficaram admirados todos de tal ordem, em tempos de tanta carestia, quando vale uma vara de pano o dobro que dantes, e nem com os três cruzados se a pode descobrir.



.....

## *Capítulo XIII*

ABRE O PADRE SUPERIOR BENTO DE OLIVEIRA  
CURSO DE FILOSOFIA NO PARÁ, E  
POR CARIDADE SE DETERMINA  
A LÊ-LO ELE MESMO

**C**OMO quer que o padre Manuel Galvão, estando no Reino, foi praticar no Colégio da Universidade de Coimbra, para aticar os ânimos de alguns que aí estão estudando, ou fazendo seu ano de recolhimento para a missão do Maranhão, alguns recoletos se lhe ofereceram para vir com ele ao Maranhão e lá acabar o que lhes faltava, que era filosofia e teologia, que são os sobre-referidos no capítulo 10 deste livro. Estes com mais alguns vieram naquela ocasião ao Maranhão, onde estava o padre Inácio Ferreira acabando de ler filosofia; e saíam fazendo as disposições para teologia escolástica, e como não havia comodidade de abrir lá novo curso de filosofia foram mandados para o Pará, trazendo consigo o irmão teólogo João Valadão para ser mestre no Pará, sucedendo-lhe, por ordens do padre superior, naquela função, o padre Manuel da Costa, como já fica em cima referido.

Como, pois, chegaram estes irmãos estudantes ao Colégio de Santo Alexandre no Grão-Pará, para entrarem no curso daquele ano de

1695, conAntônioitou o padre Bento de Oliveira quem havia de ser o mestre, e vendo que uns se escusavam por muita e outros por pouca idade, resolveu-se ele a fazer esta caridade à missão, sem embargo do muito trabalho que lhe dava seu ofício de superior, estando nisto alguns prelados das mais religiões, que assim o praticavam.

Com isso foram deputedos para estudar curso o irmão Sebastião Pereira, que estudou no Maranhão latim; os irmãos Lourenço Homem, Antônio Batista, João Marocot, Antônio de Brito, Jacinto de Carvalho, José Vidigal, Manuel Brandão; ajuntaram-se ao número destes uns religiosos de Nossa Senhora das Mercês, frei João Pacheco, frei Manuel Correia, frei Manuel da Ascensão, clérigos Manuel Martins, Manuel Palheta, Antônio Álvares, seculares José de Sousa, moço vindo do Reino, sobrinho do capitão-mor do Pará, Hilário de Sousa, Clemente Martins; deputou-se por palestra e aula a sala que há sobre a portaria do Colégio, assaz acomodada para essa função, tendo sido dantes deputada para receber as visitas, e tendo o padre João Ângelo lido primeiro um belo tratado dos primeiros termos.

Deu-se princípio ao curso, que foi o primeiro que se leu no Colégio do Pará, pela entrada de novembro do ano de 1695; continuou-se com muito fervor com suas disputas quotidianas. Foi um pasmo de ver como o padre superior da missão e depois reitor do Colégio podia com tanto, sendo cousa certa e indubitável que aquele Colégio, tem à sua conta acudir a tantas missões e curar os doentes e achacosos que delas lhe vêm todos cair às costas; e como, sem ter uma hora de seu de dia, estudando depois do exame até às 12 horas, para escrever as apostilas, sendo cada dia 5 horas, assistindo sempre pessoalmente a todas as disputas, não só não dava consigo no chão pelo muito peso, mas andava acudindo a tudo, com alegria e presteza, como se estivesse desocupado e não tivesse que fazer cousa alguma, e além disso pregando, confessando por dentro e por fora, visitando os presos e doentes e ajudando-os no que podia, sem deixar de responder às dúvidas e casos que se lhe perguntavam, recebendo e dando visitas, como se fora que não tinha outra cousa a seu cuidado.

.....

## *Capítulo XIV*

COMEÇAM AS BEXIGAS EM S. LUÍS DO MARANHÃO,  
PASSAM PARA O CAETÉ E JOANES,  
E FINALMENTE DÃO NO PARÁ, ACUDINDO  
OS PADRES COM SUA CARIDADE E NOVENAS,  
FEITAS A S. FRANCISCO XAVIER, EM AGOSTO DE 1695

**C**OMO no navio dos tapanhunos, do qual se começou a falar em um capítulo que fica atrás, tinha vindo uma pessoa malsã de bexigas, e por isso estava proibido de chegar-se a ancorar no porto da cidade, e por que o capitão e mestre da nau negavam haver já nele bexigas, e faziam seus protestos à Câmara pelas perdas e danos, foi deixado entrar, estando os moradores com os olhos nos tapanhunos; porém o que parecia ser para seu remédio, foi para sua grande ruína, porque com eles, os tapanhunos, entraram as câmaras e febres, que mataram muita gente, não ficando de fora os que tinham alguma mistura de sangue de índios e negros, e nem por isso parou o mal, porque se antes de partir o padre superior da missão e o governador do Maranhão ia morrendo tanta gente dessas moléstias, entrando as bexigas, depois deles partidos, morreu gente sem comparação muito mais.

Começou o mal pelas bexigas brancas de várias castas, e logo seguiram as pretas, que chamam pele de lixa, e as bexigas sarampadas e outras desta casta, as quais fizeram tanto estrago nos índios, assim foros como os escravos, e mais nos tapanhunos, que é uma dor de coração somente referi-lo, e caíram e foram morrendo tantos, que às vezes não havia quem acudisse aos vivos e enterrasse aos mortos.

Reluziu nesta ocasião a grande caridade em nossos padres do Colégio, e sobre todos o padre reitor José Ferreira, que sem embargo que tinha assaz que lidar com os seus, acudia com lenhas, águas, peixe e farinha a várias casas e com sacramentos da confissão por si e pelos seus todos, a toda a cidade, não só de dia, mais ainda de noite, a qualquer hora que o chamavam, e para aplacar a ira do Céu instituiu uma novena em honra de S. Francisco Xavier, a qual o povo acudia com grande devoção por ser com o Senhor exposto, missa cantada e pregação ao cabo de tudo; porém, como quer que, quando Deus não quer, os santos não rogam, sem embargo ter sido esse glorioso e milagrosíssimo santo apóstolo das Índias eleito por patrono, não parou o mal de todo, suposto que abrandou algum tanto, sendo já insuportável, por se lhe ajuntar a grande fome pela falta do comércio de farinha, em razão das grandes secas que tinha havido aquele ano. Para maior ajuda, acrescentou-se nesta parte a fome e guerra, que os tapuias faziam aos rios do Meari e Tapicuru, e com isso ficaram os currais de gado perdidos, sendo estes um dos principais remédios do Maranhão.

Perdeu o Colégio umas oitenta pessoas, com que ficou quase despovodo, mas Deus Nosso Senhor, como bom pai, teve cuidado de sustentar seus filhos e servos, que com tanta e tão exemplar caridade acudiram à necessidade de seus próximos, necessitados.

Não fez este contagioso mal menos estragos pelas aldeias nossas e engenhos, onde também se esmerou a caridade dos missionários da Companhia de Jesus, ainda então únicos que administravam os Sacramentos aos que cada dia iam caindo e morrendo.

Não deu o mal logo na vila de Tapuitapera, porém depois de acabar quase no Maranhão, passou para lá e causou as mesmas mortandades.

Deu também na Capitania do Caeté, onde o capitão-mor e moradores, que dantes tinham perseguido ao padre João Carlos, não

acharam outro remédio de seus corpos e almas senão ele, cuja muita caridade e experiência de curar lhes valeu, para não morreram tantos como nas mais partes.

O navio dos tapanhunos, que meteu essa praga no Maranhão, também a meteu no Grão-Pará, pois, trazendo um homem que tinha tido bexigas, foi esse para a aldeia de Joanes, o qual, levando ainda o mal no corpo, abrasou tudo, de tal sorte que morreram quase todos os índios, que mal se achava quem acudisse ao pesqueiro e remasse a canoa das tainhas, o único remédio da cidade do Pará.

Estendeu-se da aldeia pelos arredores, pegou nos caicaízes, e outros, que morreriam sem sacramento, se não fora a muita caridade do muito reverendo padre missionário frei Boaventura, o qual assistiu a todos, assim na aldeia como no pesqueiro e nos arredores, não lhe sofrendo seu grande zelo apostólico que morresse alguém sem o remédio de sua salvação.

Da ilha de Joanes trouxeram os reverendos padres de Santo Antônio, para seu convento, duas pessoas que tinham tido bexigas, e bastou isso para começarem elas a arder, não só no convento, mas ainda pela cidade. Antes disso, tinha ido uma canoa, do Colégio de Santo Alexandre do Grão-Pará, levar o padre Manuel da Costa para mestre de latim ao Maranhão, e na volta tinha dado bexigas em um remeiro; a este mandou o padre reitor ao Marajó, onde abrasou os que lá estavam, de sorte que não ficou quase nenhum deles, e, voltando à canoa para o Colégio, caiu o mal, em meio do caminho, sobre todos os remeiros, ficando só o piloto, o qual, levantando a vela, chegou ao porto; mandou-os o padre superior da missão logo para a roça de Mamaiacu, com ordem por escrito ao padre Antônio da Cunha que os apartasse para onde não pudessem fazer dano aos outros.

Como não deram a carta a tempo, tinha já ido para suas casas, não houve lugar para o remédio, e assim começou a arder toda roça em bexigas, morrendo muitos tupinambás, assim lá como na aldeia, que se acabou quase de remate, morrendo. Daquela vez a melhor parte dos Maraguases, acudindo, porém, o padre Antônio da Cunha, com zelo tão apostólico a todos, que suposto eram muitos os caídos e que iam morrendo, pois havia dias em que caíam vinte a quarenta, não houve nenhum que morresse sem Sacramento.

Era também feita a cidade do Pará um hospital de bexigosos, sem se excetuar os conventos dos religiosos, aos quais abrasava o mal como aos demais; e, sem embargo disso, mandou o padre superior fazer uma novena a S. Francisco Xavier, com o Senhor exposto, com pregação dele mesmo, no fim, com grande concurso de toda a cidade, que naquele tempo tão apertada se chegava mais para Deus, e para que não faltassem confissões, ia o padre Aluísio todo o dia com o padre vice-reitor, João da Silva, pela cidade, perguntando pelas ruas se havia alguém que necessitasse de confissão, isto por muitas vezes, por não se achar quem fosse chamar confessor ao Colégio.

E não somente iam os padres de dia após tão grande obra de misericórdia, mas ia o padre superior da missão e reitor, em qualquer hora da noite, acudir aos necessitados, sendo que em casa não faltava em que exercitem a sua muita caridade.

Houveram-se naquela ocasião os irmãos cursistas como verdadeiros missionários e imitadores de S. Francisco Xavier e filhos de Santo Inácio. Assinalaram-se, entre os mais irmãos, João Marocot e o irmão Manuel Brandão, porque este sem ter aprendido a sangrar, por falta de quem sangrasse os que necessitavam de sangrias, sangrava e o mesmo fazia o irmão Marocot, o qual também amortalhava já defuntos, pegando neles sem horror de bexigas de pele de lixa, sem embargo de lhe ficar a pele dos defuntos entre as mãos, e pelarem-se-lhe as suas próprias, por terem maneado os mortos daquele pestilencial mal.

Durou a força deste contágio uns quatro meses, pouco mais ou menos, começando lá pelos fins de agosto, ou princípios de setembro de 1695.

O estrago que fez na cidade fez nas roças, aldeias e engenhos de açúcar, sendo poucas que não abrasasse; não deu nos índios de Mortigura, porque o padre missionário Miguel Antunes se retirou com todos eles para o mato, e não saiu senão para ganharem o jubileu que tinha sido mandado de Roma naquela ocasião, e se foi ganhando pela cidade e aldeias das missões.

A roça de nosso irmão Francisco Rodrigues também escapou, porque se meteu com toda a gente no mato; escapou também o engenho de S. Francisco de Borja, porque Dona Catarina, nossa irmã, senhora dele, o encomendou a seu Santo, prometendo de lhe fazer sua festa,

como depois fez, assistindo a ela o padre superior da missão, Bento de Oliveira, então reitor mestre do curso, com todos seus discípulos, que cantaram a missa, sendo eu pregador.

No Colégio nos morreram alguns dezoito, e, em Jaguarari, uns seis ou sete, e em tudo passante de duzentas pessoas, e suposto que os outros conventos não teriam tão grande perda, contudo não a deviam de ter algumas muito menores.

Neste tempo das bexigas no Pará morreu afogado em seu sangue, e sem confissão, José de Sousa, um dos que no ano 1662 me prenderam no Gurupá, e foram apontados depois por levantarem as mãos contra o ouvidor-geral do Estado, Diogo de Sousa de Meneses; e também faleceu Guilherme Rodrigues Bravo, provedor-mor do mesmo Estado, o qual foi enterrado em nossa igreja, tendo-o muito pouco merecido, pois ele foi quem mais se opôs, quando se tratou na junta, e nos não havia de conceder os chãos que pedia o padre reitor Manuel Nunes, para alargar a nossa cerca; não quis o padre superior senão mostrar como, conforme a doutrina de Cristo Senhor Nosso, fazemos bem aos que nos fizeram mal.

.....

## *Capítulo XV*

REFERE-SE COMO DERAM AS BEXIGAS  
NA CAPITANIA DO CAMETÁ E  
COMO SE HOVERAM OS PADRES MISSIONÁRIOS  
DA COMPANHIA NO TEMPO DELAS

**E**STANDO a Capitania do Pará toda ardendo em bexigas, ainda não tinha dado na Capitania do Cametá; só por irem alguns moradores para a cidade, deram as de pele de lixa e outras na vila e roça do Camaru e mais em um índio da aldeia de Parijó, da casa do principal Jibaquara, ao qual eu fui confessar, dando também, na mesma casa o batismo, em necessidade suprema a uma índia tupinambá, vinda de trabalhar por ordem do dito capitão-mor em casa de um branco, sendo ela índia gentia com outras duas parentas suas, vindas de suas terras pelo rio dos Tocantins abaixo, para assistirem com o pai de Pedro da Costa, que era seu parente muito chegado.

Foi o mal por diante na vila de Camaru, por se deixarem estar e se não espalharem pelos matos, grande remédio contra aquele mal como cousa por experiência; pegaram também em algumas casas da aldeia de Parijó, ficando a vila toda abrasada dela.



Morava pelo rio dos Tocantins acima um Manuel Marques, homem muito odiado de todos; este andava em desconfiança com Diogo Pereira de Lacerda, morador mais abonado do rio todo e tanto que este dizia se queria mudar para o Pará por Manuel Marques ser inimigo seu e arriscar-se que lhe fizesse algum fraco serviço; aconteceu pois que um filho bastardo de Diogo Pereira, chamado Domingos Pereira, viesse com seu tio João Esteves ouvir missa à aldeia de Inhuaba, onde estava comigo o Padre Aluísio Pfeil e com ele, na mesma ocasião, viesse também Manuel Marques, com sua mulher, filhos e filhas, para o mesmo fim.

Disse eu missa depois da doutrina e prática consumada, e dita ela e acabada minha recoleção, lhes fui dar as boas festas à porta da igreja, enquanto o padre Aluísio Conrado ia ao altar e estando nisso eis que os dois filhos de Manuel Marques correm para a casa do principal Henrique, onde se tinha recolhido Domingos Pereira, depois de ter ouvido a primeira missa, por se ter lá agasalhado seu tio e tia e logo depois ouviram-se umas pancadas de espadas e gritos; acudiram todos que me acompanhavam e achando que eram os filhos de Manuel Marques que tinham dado no filho de Diogo Pereira de Lacerda, os aparteí, repreendendo a eles e mais a seu pai, que se deixava estar sem dizer uma só palavra, havendo de lhes dar uma boa repreensão por fazerem o que tinham feito.

Puxou pela espada João Esteves, estranhando a Manuel Marques de permitir que seus filhos fossem tão atrevidos, com que escusou-se, dizendo que Domingos Pereira era muito desbocado e lhe tinha levantado um aleive, odiando seu pai.

Soube eu que tudo isso era falso e assim me pus a curar o ferido, cortando-lhe o cabelo com tesoura sobre as feridas e escaldando-as com azeite de peixe; sarou infalivelmente das feridas frescas, não menos que com vinho e azeite do Reino.

Como Diogo Pereira teve notícia do caso e tinha filhos grandes, a saber, Manuel Pereira, estudante, e Antônio Pereira, que o poderiam vingar, logo fiz com ele que não tomasse vingança própria, mas só fosse por via da justiça, e até isso lhe desaconselhou depois o padre João Justo, meu companheiro, com que ficou deixado tudo à justiça, que *ex officio* os castigou, menos do merecido por terem perdão da parte.

Tinha chegado neste intervalo o tempo do santo jubileu, que se publicou pela vila, onde eu fui para ajudar o vigário, ensinando o povo como se havia de confessar bem, e foi-se Manuel Marques à sua roça, que tinha da outra banda do rio, tendo-se dantes despedido de mim, dizendo-me seria daí por diante todo da Companhia e ajudaria aos missionários em tudo o que necessitassem, e como, acabado o trabalho que tinha ido fazer, se deitasse na sua rede, depois de jantar, deram-lhe seus escravos na cabeça e o mataram com muita crueldade, porque cortando-lhe, para maior sentimento, as partes vergonhosas e lhas penduraram no pescoço, e, feito isso, lhe quebraram o espinhaço e amarrando-o a modo de uma bola o botaram no meio do rio com uma pedra ao pescoço e, para disfarce desta sua tão cruel e ignominiosa matança, tomaram o seu escritório e fato, levando-o para casa, dizendo que, levantando-se na baía uma grande tempestade, se afogara e o não puderam achar.

Pedi logo a mulher a um compadre seu, João da Silva, que, em companhia de seus filhos, fosse por caridade buscar o corpo morto; fê-lo ele e achou-o por particular providência de Deus, boiando à tona d'água, sem embargo da pedra que tinha amarrada ao pescoço. Chorou-se muito o defunto e amortalhado se o levou à vila já com cheiro, por ser morto já de dias e como era homem pouco amado não houve quem assistisse ao enterro senão o vigário José de Sousa Chico.

Conhecida já a morte violenta, pela justiça, trataram a mulher e filhos de descobrir os matadores; e vendo o que era cabeça deles, que lhe não sucedera bem a sua traça, com que tinha querido encobrir o conhecido, se acolheu para o mato e indo em seguimento dele o pescador da casa o matou e logo veio dar novas à sua senhora, que já lá ficara morto o matador de seu marido; porém, soube-se, pela devassa feita sobre o devido caso, que um crioulo e uma índia de casa tinham concorrido para a matança, portanto prenderam-se primeiro na vila e remeteram-se depois para a cidade, onde ultimamente foram condenados ambos à forca e a mão primeiro cortada e pregada nela. Acudiu-lhes o padre superior Bento de Oliveira, para que ao menos se lhes não cortasse a mão, estando ambos doentes de pele de lixa e sendo um deles rapaz de menor idade e outra uma fraca e pobre mulher; mas como Brás de Barros, filho do morto, que tratava daquele castigo como parte, por ordem

de sua mãe, não quis por nenhum modo vir nisso, cortaram-se-lhe as mãos e foram enforcados. Dizem que depois da morte, correram Brás como louco pelas ruas e caíra desmaiado em uma cova que encontrara no caminho; e é certo que se levou a cabeça do matador cheia de bexigas para a Capitania do Cameté, onde o capitão-mor tinha feito levantar uma grande força sobre o rio, para a banda do Parijó, na qual se a pregou no meio da travessa de cima. Então, começou a entrar ali a força das bexigas, que varreram tudo, não perdoando até os mesmos brancos e brancas, dos quais vieram alguns a morrer, e deu tal mortandade na roça do morto Manuel Marques, que as bexigas a varreram quase toda. Eu tinha mandado ao padre João Justo para a aldeia de Parijó para lá fazer novena a Nossa Senhora do Socorro, cujo painel tinha pintado, e a S. Francisco Xavier, ficando eu em Inhuaba, aldeia de cima, onde estava a residência.

Foi o padre João Justo e houve-se na verdade como missionário apostólico, fez suas novenas com suas pregações quotidianas, e procições pelo terreiro da aldeia com grande concurso de índios e brancos, acudindo a todos e sobretudo aos do Camuru, por terem caído com bexigas, até o mesmo vigário.

Não havia dia em que por chuvas e sóis os não fosse ver, acudindo com os Sacramentos a todos os caídos que eram muitos, e isto bastantes vezes, sem ter que pôr na boca, e passando um riacho, cujas águas crescidas pelas muitas chuvas lhe davam até o joelho e coxas; lá estive padecendo o que só Deus sabe por alguns meses, não lhe morrendo na aldeia, por favor da Senhora e de S. Francisco Xavier, mais que umas sete ou oito pessoas, ficando todas as mais sãs e valentes.

Eu, que tinha ficado em Inhuaba, aldeia de cima, tendo exposto um belo painel de Nossa Senhora do Socorro e outro de S. Francisco Xavier, ambos pintados com um cipó por minha própria mão, como ouvi que os índios com medo das bexigas queriam fugir para o mato, animei-os; congregados todos na igreja, disse que se deixassem estar na aldeia, e confiados na Virgem Senhora Nossa do Socorro não fossem e tivessem mais cuidado da salvação e suas almas ficando, que de seus corpos fugindo; tratassem de ir diligentemente à missa e doutrina de confessar-se, fazendo sua novena comigo todos, pelo terreiro de sua aldeia. Obedeceram logo e ficaram todos tão contentes como se não

houvesse bexigas na terra; fizeram sua novena com grande devoção pelas ruas, levando eu as santas imagens e rezando as ladainhas com eles; e foi cousa tida de todo o mundo por milagre da Virgem Senhora Nossa do Socorro e de S. Francisco Xavier, expostos à devoção na igreja, que não houvesse um só que tivesse bexigas ou morresse delas em todo o tempo que duraram, não só na Capitania, mas ainda no Estado. Verdade seja que a alguns deram umas dores de cadeiras e de cabeça com uns vômitos que eram sinais delas, mas antes de encomendados à Senhora e a S. Francisco Xavier, mandava eu sangrar logo quatro vezes por Pero Quiraeteima, sangrador da aldeia, com que ficaram sãos e valentes, como os mais.

E foi cousa para se notar muito que ao mesmo tempo que tudo eram umas tristezas pelas outras partes, naquele lugar cantasse eu missas solenes, ajudado dos domésticos de Diogo Pereira, que eram os meus músicos, e acompanhavam canto com suas rabecas e violas, que tocavam com muita destreza, e sobre todos eles Manuel Pereira, filho morgado de Diogo Pereira, que, na ausência do padre João Justo, me acompanhava, explicando-lhe eu a lógica e física até o fim das cousas.

E foi tanta a mercê da Senhora, que até os vizinhos com João da Silva e outros ficaram favorecidos. Um deles somente, chamado Antônio Cirigado, se mudou para cima com medo e tendo estado de antes sem bexigas, logo que se mudou para a cima deram nele, na mulher e filhos e escravos todos, de que ele e alguns escravos vieram a morrer; e porque tem este sucesso algumas cousas dignas de reparo, farei delas aqui breve menção.

Era Antônio Cirigado, homem que com muita caridade acudia com sangrias e remédios aos índios da Capitania de Cameté, ganhando-lhes com isso a vontade para lhe virem fazer um roçadinho e desfazê-lo em seu tempo; aconteceu ter uma filha sua um desmancho, do que emprenhou e fugiu para a vila, onde pariu e morreu; sentiu tanto o pai a desgraça da filha, que não sabia dar-se a conselho sobre a vingança que havia tirar do culpado. Deu-se-lhe por conselho não tratasse disso, mas perdoasse e fizesse uma boa confissão; nisto andava o pobre, mas não acabava de fazê-la, sem embargo de lhe ter perguntado o padre João Justo quando acabaria de fazer; mudou-se para cima, para um sítio de um seu amigo, mas como levava uma rapariga, vinda de Cumaru, com

indícios de bexigas que não lhe pareciam cousa de consideração, caindo de pele de lixa ele mesmo, e vendo-se apertado no terceiro dia, mandou-me chamar para se confessar comigo. Fui em uma canoinha de pescar, porém como cheguei achei-o já defunto, um nada antes da minha chegada, dizendo-me sua mulher que, como vira seu marido sem confessor apertara consigo fortemente o seu crucifixo, e com ele nas mãos dera a sua alma a Deus. Senti por extremo o triste sucesso mas como vi que isto já não tinha outro remédio, pus-me a rezar-lhe um responso e como não houvesse quem o amortilhasse, nem sua própria mulher, que estava também doente de bexigas, ajudei a amortalhá-lo e o mandei-o, a enterrar na vila de Cumaru, uma boa maré de lá. Acabado isso doutrinei e confessei os escravos, dos quais uma velha não podia escapar, e de lá me fui confessar o dono da fazenda e mais sua mulher e família toda, para nenhum morrer sem confissão. Estando eu para sair da casa do defunto, ouvi que a viúva dava ordem, que os levariam o corpo morto para se enterrar levasse também a canoa a pobre velha cheia de pele de lixa para a lançarem em alguma ilha, para lá morrer sem fazer dano a ninguém com suas bexigas contagiosas, de que estava toda cheia; portanto, para evitar aquele pecado e crueldade, aconselhei a senhora dos escravos remeiros que a levassem à vila e a dessem aos parentes do defunto; fizeram assim, mas como estes, por medo de se lhes pegar aquele contagioso mal a não o quisessem, tornaram os escravos a trazê-la, porém como a canoazinha dava balanços grandes pelas ondas, deu a pobre velha consigo no rio e lá se afogou, valendo-lhe ter sido confessada.

Querendo eu voltar-me para casa, lembrei-me que os escravos que tinham levado o corpo morto a enterrar e mais a índia velha se tinham partido sem confissão, do que fiquei muito pesaroso, receando, que, voltados para sua casa, os levassem as bexigas sem remédio de sua salvação; porém acudiu Deus Nosso Senhor, porque saindo eu pelo igarapé que levava para o rio, ofereceu-me uma árvore grande e atravessada de tal sorte que de nenhum modo me dava lugar de poder passar, com que achei-me obrigado a fazer detença até ela se cortar pelo meio a machado, e enquanto os índios que levavam se iam ocupando nisso, eis que chegaram os escravos que tinham levado o defunto e mais a velha, deram conta do sucesso e mandei-os preparar para os ensinar e confessar a todos dentro da canoa, não sem singular providência de Deus, por que

chegados à casa logo caíram todos de pele de lixa, não escapando deles senão um só rapaz. Nem deixou de ser cousa digna de reparo, que, tendo eu tratado com muito bexigosos e de pele de lixa naquela ocasião, e, o que mais é, ajudando a amortalhar os defuntos delas, não pegara nos índios da aldeia em que eu estava.

Foi com esta praga pestilencial correndo para as aldeias dos bocas e ingaibas, mas não com a força e estrago, que tinha feito na cidade do Pará e Capitánias ao redor dela.

Parece que manda Deus este contagioso mal, em castigo dos levantamentos contra os missionários, porque lembra-me que duas vezes que se levantou o povo contra nós, depois de ambas elas, se seguiram as bexigas, verdade seja que, como os do Pará, se não levantaram esta última vez, parece não lhes havia de vir este mal, mas deu-se-lhes porque, como dizia o governador Gomes Freire, se senão levantaram os do Pará ao menos estiveram dispostos para isso.

.....

## *Capítulo XVI*

RELATA-SE A MORTE DO PADRE MANUEL NUNES  
E DO PADRE MANUEL GALVÃO

**T**

ENDO o padre Manuel Nunes sido aliviado do pesado cargo de reitor do Colégio de Santo Alexandre, da cidade de Belém do Grão-Pará, como era varão zeloso pela salvação das almas, pediu ao padre superior Bento de Oliveira para que lhe concedesse a nova missão dos Maraguazes, situada entre os Tupinambaranas e Abacaxizes, e já se ia aparelhando para lá, muito contente de a ter alcançado, quando, sendo de pouca saúde, caiu doente de uns flatos, que lhe embrulharam a ida por algum tempo, porém achando-se já algum tanto melhorado, foi-se até a aldeia de Uaricuru dos Ingaíbas, onde tornou a recair, por não ter ido ainda bem são, servindo-lhe o padre Antônio da Silva com toda a caridade possível; mas como nada aproveitava, tendo o padre superior da missão, Bento de Oliveira, vindo em notícia, do que se passava, mandou ao padre vice-reitor João da Silva visse se o podia trazer para o Colégio para curá-lo, o melhor modo que pudesse ser; porém como este lá chegou já o achou em tal estado que não podia vir e mais desejava de morrer entre os índios ingaíbas que no Colégio, do qual estava já tão aborrecido, que não queria nada com ele.

Trouxe o padre vice-reitor o seu fato e ele recebeu todos os Sacramentos, deu seu espírito a Deus, assistindo-lhe sempre o padre Antônio da Silva, e seu companheiro Manuel da Silva, até expirar; enterrou-se lá mesmo, na igreja, com a solenidade que permite uma aldeia de índios; disseram-se-lhe, lá, as missas e, com a nova de seu falecimento, se mandaram dizer em todas as mais partes costumadas. Foi sua morte na idade de quarenta anos, aos dezenove de novembro, era de 1695, na aldeia de Uaricuru dos Ingaíbas.

Era o padre Manuel Nunes natural de Serpa, no Algarve, já professo da Companhia; ensinou no Colégio de Nossa Senhora da Luz, aos nossos externos, latim e teórica com muita satisfação; foi expulso com os mais do Maranhão, no ano 1684; estudou teologia no Brasil, onde esteve doente muitas vezes; foi deputado por superior do padre Antônio Vieira, visitador da província, para trazer de lá os sujeitos pertencentes à missão. Ele trouxe naquela ocasião os marimbeiros e a caneleira; foi examinado, *ad gradum*, no Maranhão e respondeu com muito louvor; esteve depois pelas missões e principalmente na do Caeté, onde ficou afamado pela muita caridade com que acudia aos doentes, de lá foi eleito de Roma para reitor do Colégio de Santo Alexandre do Grão-Pará, ao qual veio governar bem contra sua vontade, e governou com toda a disciplina religiosa, teve grande zelo de adiantar a casa, assim no temporal como no espiritual, mas como viu que seu zelo se tomava por demasiado rigor, pediu ser aliviado do cargo e ir para a gloriosa nova missão dos Maraguales, com mais ânimo que forças, porque adoeceu antes de ir-se para lá, e indo já de caminho ainda mal convallescido, recaiu na aldeia de Uaricuru, entre os ingaíbas, onde faleceu muito religiosamente, com todos os Sacramentos, assistindo-lhe os padres missionários daquela residência. Era homem amante da pobreza, castidade e obediência, muito caritativo para com os doentes e pobres e muito amante de Deus e da Virgem Santíssima, em uma palavra, bom religioso, e verdadeiro filho da Companhia de Jesus; dizendo-me ele que nascera sendo seu pai já de muita idade, chamei-lhe filho de velho, e disse-lhe, adivinhando que ele não passaria de quarenta anos; fez reparo no meu dito e sendo chegado a eles ficou muito contente, dizendo-me que já tinha os quarenta, mas pouco lhe durou esse gosto, porque não muito depois o levou Deus Nosso Senhor, aos vinte e três de outubro.



No mesmo ano, 1695, veio o padre Manuel Galvão muito doente de sua missão dos Bocas para o Colégio, para curar-se de uma disenteria que lhe tinha dado, da qual, sem embargo das muitas mezinhas que se lhe aplicaram, faleceu com todos os Sacramentos, assistindo os padres e irmãos à sua morte, aos vinte e oito de novembro; foi enterrado na igreja de S. Francisco Xavier, para a banda da Epístola, abaixo das gradinhas da capela-mor. Era português de nação, natural de Ferreira; entrou no noviciado, estudou curso e teologia em Portugal, e no fim dele, pouco menos, veio para esta missão, trazendo em sua companhia vários belos sujeitos, e depois de examinado, *ad gradum*, no Maranhão, com satisfação, foi mandado para o Pará e pouco depois aos Bocas, em lugar do padre Francisco Soares, onde esteve com grande zelo, ajuntando uma bela aldeia pela vizinhança da sua residência, em tempo de meu superiorado, e de lá foi chamado por meu sucessor, o padre Bento de Oliveira, e mandado ao Reino, com cartas sobre o negócio da missão de Xingu, e tendo praticado em Évora, juntou alguns sujeitos com o padre José Ferreira, em cuja companhia voltou para a missão, e como tinha sido muito enjoado pelo mar, adoeceu gravemente no Colégio de Nossa Senhora da Luz, onde, depois de melhorado algum tanto, veio ao Pará e de lá se foi, em dezessete de junho à sua missão dos Bocas, em lugar do padre Manuel Nunes. Passou de caminho pelo Parijó do Cametá, onde me esperou um dia, até eu vir da residência de Inhuaba; deteve-se comigo uma noite, contando-me o sucesso de sua viagem e lendo-me o papel que mandara oferecer a Sua Majestade e que Sua Majestade, no tocante do que se lhe propunha acerca das leis, respondera que se guardassem como estavam e que longe estava de fazer nelas alguma mudança, e antes as faria imprimir, e reparando-lhe eu nas poucas forças com que ia para sua missão, respondeu-me que ia porque o mandavam; foi, pois, a ela, mas pouco o ajudou a sua pouca saúde, porque, dando-lhe umas câmaras, faleceu delas, como dito fica em riba.

Era o padre Galvão homem modesto e sisudo, prudente, observante de seus votos e regras, e sobretudo muito zeloso do bem das almas, e era sujeito de grandes esperanças, se Deus o não levara para si, por premiar nele ainda moço, as virtudes, que muitos velhos em idade e religião não chegam a alcançar.

Nasceu em três de abril do ano 1654, entrou para a Companhia em vinte e quatro de março do ano 1674, tendo falecido sua mãe em dia de S. Tomás de Aquino, e seu pai em vinte e seis de novembro, como ele mesmo deixou escrito por sua própria mão.

Foi um dano muito grande para esta missão morrer naquela idade, em que já era mais apto para servir nela, na pregação de nossa santa fé e salvação das almas, mas foi Deus servido levá-lo, sem embargo disso, e só ele sabe as razões que nós ignoramos, o que posso dizer nesta matéria é que o levou por se agravar de sua alma e ser assim vontade para maior honra e glória de sua Divina Majestade; foi o dia de seu ditoso falecimento, aos vinte e oito de novembro, uma terça-feira, por uma hora e três quartos depois do jantar, no ano 1695, no Colégio de Santo Alexandre do Grão-Pará, onde se enterrou, dentro da capela-mor, com toda a solenidade.



# LIVRO X

TRATA-SE DAS COUSAS DA MISSÃO  
ACONTECIDAS EM TEMPO DO  
SUPERIORADO DO PADRE JOSÉ  
FERREIRA



.....

## *Capítulo I*

É FEITO O PADRE JOSÉ FERREIRA SUPERIOR DA MISSÃO  
E PARTE PARA O GRÃO-PARÁ, ONDE DISPÕE  
ACERCA DA MISSÃO DO CAMETÁ, EM 1696

**N**

O ano 1696, aos dezenove de maio, chegou do Reino ao Maranhão a nau “Esperança em Nossa senhora da Piedade”; nela vieram os padres Frutuoso Correia e Miguel da Silva, com dois novos seculares, a saber, Bartolomeu Rodrigues e Domingos Gonçalves, ambos para entrarem no noviciado, o primeiro por estudante e o segundo por irmão coadjuntor. Trouxeram patente de Roma de nosso muito reverendo padre geral Tirso Gonçalves, para o padre José Ferreira, então reitor do Colégio de Nossa senhora da Luz em S. Luís, da Capitania do Maranhão, ser superior de toda a missão, e mais outra patente de reitor do Colégio para o padre Antônio Coelho, por então missionário da aldeia de S. José, e outra também de reitor do Colégio do Pará para o padre Bento de Oliveira, por então superior e lente do curso no mesmo colégio. Trazia estas patentes o padre Frutuoso Correia, o qual, tendo lido curso, foi mandado para cá, para cursar Teologia no Maranhão, mas porque achou que o padre superior José Ferreira tinha escolhido cursar Moral, deixando para mestre o padre Inácio Ferreira, quis ele também

cursar só Moral e o padre Miguel da Silva ficou para estudar sua Teologia. Na mesma ocasião, veio do Reino o reverendo senhor padre Manuel Homem, filho do Capitão-Mor Baltasar Fernandes, que Deus tem provido do donatário Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, para a sua igreja de S. Matias de Tapuitapera, mas como achou provido nela o reverendo senhor padre Inácio Martins, filho do sargento-mor da vila, Manuel Duarte, pelo Capitão-Mor, em virtude dos poderes que tinha do donatário, corre pleito entre ambos os pretendentes, nem se sabe quem deles ficará.

O padre José Ferreira exibiu sua patente no Maranhão, colégio principal da missão, e veio para o Grão-Pará com os dois candidatos ou noviços futuros, na mesma nau, dia de S. João Batista, e foi declarado por superior da missão no Colégio de Santo Alexandre, o padre Bento de Oliveira como reitor do mesmo colégio, em lugar do padre João da Silva, que tinha sido vice-reitor; e foi mandado por missionário da nova missão dos Abacaxizes e para os Bocas, o padre João Ângelo, que estava no Colégio e tinha lido aos cursistas, antes de entrarem no curso, um belo tratado sobre a inteligência dos termos que costumam embaraçar os principiantes da Filosofia. O padre superior da missão, José Ferreira, logo depois das cortesias costumadas dos amigos e da nobreza da cidade, tratou do governo da missão que lhe vinha encomendada.

Com a nova da sua chegada ao Cametá, onde eu estava por missionário da residência de S. Pedro e S. Paulo, tendo por companheiro o padre João Justo Lucas, piemontês de nação, a este deu logo vontade de ir falar com o novo superior, e para isso pediu-me que lhe mandasse aviar canoa e remeiros para se passar ao Pará. Assim o fiz sem dilação, e mudando o padre João Justo a vontade de ir, resolvi ir dar-lhe as boas-vindas; porém como ele tornou a querer ir, aviei-o e o deixei seguir. Foi e deu ao padre superior da missão e ao padre reitor do Colégio, tais informações, que, tendo partido com todo seu fato, tornou a Inhua-ba, aldeia da residência, muito contente, dizendo que tínhamos um superior que viera em tudo que ele lhe representara. Entregou-me cartas, dizendo que me mandavam ir, se me parecesse, para o Pará; vi as cartas e achando que não diziam senão que poderia ir, se me parecesse, li mesmo parágrafo ao padre João Justo, o qual respondeu que, sem embargo disso, me mandava ir, porque estas palavras não eram mais que palavras

de cortesia e respeito que guardavam à minha pessoa. Aconteceu isto aos 4 de julho do ano de 1696, pela madrugada, e vendo eu que o padre João Justo me falava de veras, no mesmo momento, sem detença nenhuma, lhe entreguei o governo da residência, e me conheci por súdito seu, dando-lhe logo depois as contasse o rol de tudo que havia na residência com a entrega do que tinha pertencente a ela, entre mãos, que era mais do teve nenhum missionário do Cametá, até àquele tempo; e como se seguia dia de domingo, fui com licença sua celebrar missa ao Parijó e despedir-me do capitão-mor e índios, e juntamente do vigário do Camuru e outros amigos. Dali voltei para a residência de Inhuaba, e, passando pela porta de Diogo Pereira Lacerda, amigo e procurador nosso, despedi-me dele e de toda sua casa, muito sentida de minha ida para o Pará, e oferecendo-se o juiz de Camuru, seu genro, João Esteves, para me acompanhar até à cidade e tornar a trazer a canoa. Aceitei-lhe a oferta, dizendo-lhe estivesse aparelhando para o dia seguinte, em que o viesse buscar pela madrugada, para partirmos de seu porto para o Pará. Com isso, continuei minha viagem para riba, e estando os remeiros com fome, sem eu ter o que lhes dar, vimos um belo peixe grande que vinha à tona d'água para baixo e vivo ainda, e com um pequeno espinho que lhe atravessava a garganta. Com isto tiveram o que comer no jantar; nem se contentou a bondade e liberalidade de Deus com dar-nos aquele peixe para viagem do Parijó a Inhuaba, mas ofereceu-nos um belo veado para os índios comerem pelo caminho de lá ao Pará. Ia este atravessando o rio, quando vendo-o eu sem saber o que era, perguntei aos remeiros que cousa era isto que vinha atravessando, e como responderam que era um veado, fomos a ele e o afogamos, levando-o para casa, onde, guardada uma parte para si, deram a outra para a viagem, já assada. Para este intento, tinha eu feito um bergantim grande e novo, de piquiá verdadeiro, e neste me embarquei no dia seguinte, despedindo-me do padre e da aldeia, toda muito sentida da minha ida para o Pará. Fui-me bem cedo para a casa de João Esteves, o qual se embarcou comigo, trazendo consigo uma matalotagem que sobejava para muitos dias. Despedindo-me, renovando os sentimentos, partimos com vazante, pelas 9 horas da madrugada, e sempre com feliz viagem até o igarapé de Marapatá, onde, depois de recolhidos para dentro, nos deu um trovão terrível com raio, que pela muita luz e fogo que saía, como quebrando em chamas



junto ao leme, parecia que nos queria queimar; de lá partimos ate à saída do rio Moju, pelo Igarapé-Mirim, onde demos com a canoa em que iam os padres João Ângelo e Antônio da Silva, este para os ingaibas e o outro para os Bocas, e como a maré não dava lugar a muita detença, dadas e recebidas as saudações e novas de uma e outra parte, fomos caminhando cada qual por seu rumo, uns para riba e outros para baixo.

Cheguei naquele dia, uma terça-feira, à nossa roça de Jaguarari, onde por então estava o padre José Barreiros, tendo cuidado daquela fazenda, já desde que nela houve bexigas, das quais morreram alguns e ele ficou bem doente e marcado.

Contou-me como lá se ouvia, pelas 9 horas da noite, e pelo cantar do galo da madrugada, uma voz lastimosíssima, com uns ais que parecia cortavam o coração, já há tempos, na paragem onde estavam enterrados uns mortos de bexiga, e entre eles um escravo chamado Calisto, que mandado para lá, para logo no outro dia se confessar, morreria sem confissão, por se ter lavado no rio; não sabia o padre dizer que cousas eram essas lastimosas vozes, mas eu, a quem não caiu este dito no chão, suspeitei era a alma de Calisto, que estaria no Purgatório, e assim devia ser, porque, ouvindo-se depois, em diversos tempos, pelo irmão Manuel Lopes, que sucedeu ao padre José Barreiros, finalmente por Mateus Coelho, uma madrugada de domingo, que vinha ouvir missa, e me contou como ao cantar do galo ouvira daquela banda, além do rio, vozes tão lastimosas e penetrantes que lhe tinham feito erguer os cabelos na cabeça, mandei a toda a gente, ajuntada na igreja, ouvir missa que eu ia dizer pela alma de Calisto, com que nunca mais se ouviram depois tais vozes eis, pois, confirmado na minha opinião que era a alma de Calisto, defunto sem confissão, que estava no Purgatório e necessitava daquele socorro.

Aos 11, parti de Jaguarari para a cidade, onde cheguei, depois de jantar, e fui recebido com muita caridade pelo padre superior da missão, José Ferreira, e pelo padre reitor, Bento de Oliveira, e deles soube como me não mandaram vir, mas tinham deixado minha vinda à minha eleição.

Pasmou João Esteves, a quem o padre João Justo tinha dito que vinha com o mando do Pará para a residência de Inhuaba, e desejava ele muito que eu voltasse consigo, o que o padre superior da mis-

são deixou em minha mão, mas como eu vinha maltratado do mal de fígado que me impossibilitava a viagem, como impossibilitou já dois anos havia, deixei-me estar, para tratar de minha saúde no Colégio do Pará, onde me constituíram por padre espiritual e mestre dos noviços, dando-me também minhas pregações por falta de pregador estável no Colégio.

.....

## *Capítulo II*

AJUNTAM-SE OS MISSIONÁRIOS PELA FESTA DE  
NOSSO SANTO PATRIARCA, E, PASSADA ELA,  
TORNAM ÀS SUAS MISSÕES

**E**STANDO o padre superior no Colégio com o padre reitor, e o padre Aluísio Conrado achacoso, o padre Manuel do Amaral mestre do latim e o padre Gaspar Misseh velho e mal disposto e o padre João da Silva se aparelhando para partir aos Abacaxizes, os irmãos cursistas Antônio Afonso despenseiro, irmão-geral do sacristão, e os noviços irmãos Bartolomeu Rodrigues, e Domingos Gonçalves, ajustaram-se pela festa de nosso santo Patriarca Santo Inácio os padres missionários das aldeias, João Maria, missionário dos Tapajós, Antônio Vaz, missionário de Xingu, José Barreiros, deputado para a missão dos Maraguzes, Miguel Antunes, missionário de Mortigura, Antônio da Cunha, dos Tupinambazes e roça de Mamaiacu, Diogo da Costa, de Maracanã, os irmãos Domingos Macedo e Manuel Lopes.

Fez-se o recolhimento dos três dias, como é costume, praticou o padre Manuel do Amaral, e pregou a festa de nosso Santo Patriarca o padre João da Silva, com bastante concurso e satisfação. Nesse dia se expuseram pela primeira vez no altar-mor as duas imagens de vulto,

que o padre Bento de Oliveira mandou fazer pelo entalhador Manuel João, o qual também tinha feito por ordem do mesmo o Cristo crucificado grande da capela doméstica, com o *ecce homo*, e mais as imagens da Paixão, sendo o padre João da Silva vice-reitor, em cujo tempo também se embeleceu o poço que o padre Francisco Veloso fizera nos anos atrasados, e fez-se mais o muro de taipa de pilão, suposto que feito de uma banda, e a casa de fora para parte da portaria do mar para os nossos escravos, e finalmente o refeitório que o irmão Manuel da Silva tinha feito em tempo do padre Francisco Veloso, sendo eu superior da missão.

E porque não faltam curiosos que de tudo se querem informar, até do procedimento dos missionários das aldeias, ordenou o padre superior da missão, José Ferreira, por ordem publicada no refeitório, sob pena de desobediência, que ninguém se atrevesse de informar dos índios sobre o procedimento dos padres em suas aldeias, pois isto só tocava ao padre superior da missão, nem também fosse usado referir aos outros o que se tinha ouvido dizer deles; ordem muito bem dada; oxalá que se guardasse!

Acabada a festa, tendo cada qual tratado seus negócios com o padre superior da missão e reitor, partiram para suas missões os das mais chegadas logo, os outros pouco depois. Aos oito de agosto, partiu o padre Antônio Vaz para Xingu, dando lugar ao padre Antônio da Fonseca, que lá assistia por entretanto de ir para sua missão dos Tupinambaranas; depois dele o padre João da Silva para a missão dos Abacaxizes, ajuntados em boa parte em uma aldeia grande da banda da bocaina do rio da Madeira, em sítio farto e alegre.

Seguiu o padre José Barreiros com seu meio-irmão para sua nova missão dos Maraguazes, que o padre Antônio da Fonseca inculcara aos superiores, por lhes não poder acudir, bastando-lhe os tupinambaranas, com os audirazes e coroatizes, com os quais todos corria havia dez anos, tendo sido o seu primeiro missionário de assistência, posto pelo padre Iodoco Peres, sendo superior da missão.

Não houve outra mudança no Maranhão, salvo que para lá foi João Duarte Franco por capitão-mor, Antônio de Miranda por sargento-mor do Estado, e outro por lente de moral em lugar do padre superior da missão, que dantes era Frutuoso Correia, ficando o padre Inácio Ferreira, lente de teologia escolástica; foi também feito pelo governador te-

nente da fortaleza [...] Reolos, capitão de uma companhia de infantaria d'el-Rei no Pará, em prêmio de ter trabalhado com grande satisfação na mesma fortaleza, correndo com as obras e obreiros dela, desde seu princípio até o Cabo.

.....

### *Capítulo III*

PRINCIPIA O PADRE SUPERIOR JOSÉ FERREIRA  
SUA VISITA PELOS TUPINAMBAZES;  
PARTEM OUTROS PADRES PARA OUTRAS PARTES;  
HÁ MORTES DESASTRADAS E CHEGA O  
GOVERNADOR EM O MÊS DE AGOSTO DO ANO 1696

**P**ARTIU o padre João Maria já septuagenário, para restaurar a missão dos Tapajós e fui eu na canoa da roça de Jaguarari, para fazer ganhar o jubileu à nossa gente. Lá me detive uns dias, preparando, confessando e administrando a comunhão a todos capazes de a poderem ganhar e no entretanto catequizei e batizei umas seis pessoas adultas, e acabada esta minha função, para a qual tinha sido mandado, voltei para o Colégio, levando a canoa em que o padre superior havia de ir visitar. Chegada a canoa com os índios remeiros, embarcou-se o padre superior, foi-se para Mamaiacu de onde, acabada sua visita, partiu para os Tupinambás, acompanhado do padre Antônio da Cunha, missionário deles. Pasmou de ver a desolação e desamparo daqueles miseráveis índios, assim pelo grande estrago que neles tinham feito e ainda iam fazendo as bexigas, como pelo contínuo trabalho pelo qual os achava divertidos, uns nas obras da fortaleza, outros nas viagens e outros em outras cousas, sem

gozarem do descanso que as reais leis lhes mandam dar. Consolou-os como pôde e deixados os tupinambás, chegou à aldeia de Miritiba, que achou no mesmo e ainda pior estado, porque havia uns amancebados, outros tão divertidos nos trabalhos que nem para se confessarem nem para casarem achavam lugar, porquanto sendo esta aldeia de visita, e chegando o padre missionário estavam comumente ausentes de suas casas, e era necessário tratar com o capitão da fortaleza onde andavam, sem se poder acabar com ele de os desocupar para tratarem de sua salvação, e quando se desocupam é por tão pouco tempo que se não pode efetuar a cousa como convém.

Por esta razão determinou o superior por missionário naquela aldeia, suposto que uma só por aquela parte, quando viesse o bispo, que lhe ordenasse os sujeitos que tinha com os estudos acabados para as missões.

Aos 17 do mês, pelas 8 ou 9 horas da manhã, foi morto a facadas o Sr. José Valente em casa de Domingos de Sousa, por um soldado, que logo fugiu para as Mercês, e de lá para algum esconderijo, até que teve ocasião de se embarcar para o Reino. A causa da morte foram umas palavras de pouco caso que fazia daquele sujeito; uns dizem morrera sem confissão, outros, que dera sinal e fora absolto; o certo é que, achando-o um religioso sem fala e sem sinal, o deixou, e porque me consta que alguns nossos fazem o mesmo, aconselho que, segundo a sentença de[...] nunca os deixem assim.

Tinha este moço sido vigário geral, eleito pelo Rev<sup>mo</sup> Sr. Francisco de Lima, que estava deputado por bispo do Maranhão, como foi detido no Reino o Rev<sup>mo</sup> padre frei Antônio da Piedade, provincial do Carmo do Maranhão, por governador do bispado e provisor, o qual, depois de muitas cousas, que obrou, se foi para o Reino, onde o Rei se deu por mal servido dele e foi mandado para o Brasil, onde era natural, e era este José Valente, clérigo, mas tinha largado os privilégios e hábito, valendo-se da justiça secular para se usurpar da jurisdição do governador do bispado, que o queria prender; era bom moço, licenciado no direito canônico, que tinha estudado com grande satisfação de todos na universidade de Coimbra, à custa da fazenda do seu pai. o Capitão João Valente, um dos mais abonados homens da cidade de Belém; poucos

dias antes de sua morte, tinha vindo visitar-me, dizendo-me que, em vindo o bispo, se havia de ordenar; foi enterrado na tumba dos pobres da Misericórdia na igreja matriz, aos 19; veio o pai, de seu engenho e, perguntado se queria acusar o matador João Batista, respondeu que ele não acusava ninguém, e pedindo-lhe eu depois que perdoasse, pelo amor de Deus, o fez, como bom cristão, com toda a boa vontade.

E no mês seguinte, houve outra morte desastrosa, de um mameuco, ao qual convidaram seus amigos fingidos, para sua canoa, e de lá o botaram ao mar, onde se afogou, sem ter lugar de se confessar; buscou-se o corpo morto e mandou o vigário Lameira, parente seu chegando, enterrar no adro das Mercês.

Outras mortes houve, que não refiro por não serem deste lugar; quis contudo referir estas, para dar a conhecer a maldade da terra em que vivemos.

Aos 28 de setembro, chegou ao Pará o governador, vindo do Maranhão. Entrou de noite, às caladinhas, chegando com ele João de Moraes, e como veio ouvir missa no Colégio, onde lhe falamos todos, soubemos dos homens do Brasil, que tinham vindo pedir datas de pastos para seus currais de gado, pelas campinas que há do Ceará até Tapicuru. Tinham voltado por terra pelo caminho mandado abrir para o Brasil, a cavalo, indo com eles Manuel Nunes Colares, que tinha sido ouvidor-geral e ia provido no posto de desembargador da cidade da Bahia, pelo Rei, e com ele se detivera mais no Maranhão, para assistir à restituição dos Rev<sup>mos</sup> padres, que se fizera, na vila de Santo Antônio de Alcântara, que comumente chamam Tapuitapera.

Preguei na festa de Nossa senhora do Rosário, em sua própria igreja, com muito agrado, assistindo o governador, na sacristia, acompanhando-me com os mais irmãos ao púlpito, e vindo buscar-me depois, e dar-me os parabéns.

Aos 10, preguei sobre São Francisco de Borja, na sua ermida do engenho de D. Catarina, onde se achou o padre reitor com seus cursistas todos; usavam os padres desta cortesia com ela, por ser irmã da Companhia, por carta de irmandade, mandada de Roma, e ter prometido de mandar fazer aquela festa em honra deste seu santo padroeiro, por lhe ter preservado seu engenho, com toda a gente, das bexigas. Aos 18 foi dada posse a seu sobrinho Luís Vieira, de capitão, pelo Rei, da



fortaleza nova de Nossa senhora das Mercês, que com sua assistência e bastante gasto dele, se tinha feito à vista da cidade, e foi a posse dada com um banquete esplêndido para os convidados, e com o estrondoso disparo de muitas peças, para maior grandeza da festa.

.....

## *Capítulo IV*

PREPARA-SE O PADRE SUPERIOR DA MISSÃO,  
JOSÉ FERREIRA, E LOGO DEPOIS VISITA AS  
RESIDÊNCIAS POR CIMA DO GRÃO-PARÁ

**T**ENDO o padre superior da missão acabado sua visita para a banda do Pará para baixo, não tardou de ir mandar consertar sua canoa, para nela ir continuando a mesma visita pelas residências de cima, até a última dos Abacaxizes, sobre o grande rio das Amazonas, sem embargo de estar ainda pouco acostumado à terra, para se arriscar por uns climas tão doentios como aqueles para todos. Partiu pois aos[...], de outubro, do Colégio de Santo Alexandre da cidade de Belém, Capitania do Grão-Pará; não levou por então companheiro nosso, dizendo tomaria, por entretanto, o capitão Paulo, índio de Mortigura, que tinha vindo com ele do Reino, para ter cuidado da matalotagem, que o padre reitor Bento de Oliveira lhe tinha feito, com toda a largueza religiosa, que convém fazer-se a quem vai visitar tantas e tão prolongadas missões, nas quais forçadamente deve gastar um superior com os índios e, sobretudo, com os principais, aguardentes, tabacos, anzóis, agulhas, verônicas e cousas deste gênero. A primeira residência que tomou foi a de São Pedro e São Paulo, em Inhuaba, aldeia de cima, sobre o rio dos Tocantins

e Capitania do Cameté; estava nela o Padre João Justo Lucas, sem outro companheiro que o Manuel Pereira, moço secular, que às vezes o acompanhava; achou tudo bem composto e folgou de ver a igreja com o altar em que estava Nossa Senhora do Socorro, da qual já se fez menção, com uma coroa imperial, que de novo se lhe tinha acrescentado para ornato maior; foi presenteado dos índios e, tendo-os praticado, lhes fez suas dádivas, conforme se costuma.

Lá não houve senão os batismos ordinários e mais cousas cotidianas, pelas igrejas das residências; uma só cousa lhe referiu o padre missionário, digna de se relatar.

Tinha o padre notado que um escravo de Pero, filho de Lobo Quiraeté se ausentava muitas vezes da missa dos domingos e dias-santos; avisou disso a Pero, para que mandasse seu escravo que disto se emendasse; avisou-o ele, mas o escravo, mal acostumado, não fez caso do aviso, e, no dia seguinte, em vez de ir à igreja a ouvir missa primeiro, foi pescar em um lago chegado à aldeia; tendo pegado um belo peixe, chamado tucunaré, vinha muito contente com ele pelo caminho, quando uma cobra lhe saltou ao braço e o mordeu em três partes, com que, querendo chegar à casa, para se curar das picadas, inchou logo, de tal maneira, que desmaiou e morreu no caminho, pelo mato dentro; vendo Pero, seu senhor, que tardava, nesse dia e no seguinte também, pegou em seu arco o flechas para ir ver o que era feito de seu escravo; entrou pelo mato dentro e, tendo caminhado um pouco, deu com ele deitado no chão, com o peixe tucunaré a uma ilharga, o peixe fedorento, e ele com três picadas terríveis no braço, inchado como uma pipa, falecido; trouxe-o e mandou-o enterrar, conhecendo todos que isto era castigo de Deus, com que punia o descuido desse miserável, de não ouvir missa aos domingos e festas, ficando para emenda dos mais índios da aldeia toda.

Nesta ocasião, declarou o padre João Justo ao padre superior as causas que tinha para lhe pedir de ser enviado para outra parte, para se livrar dos desgostos do capitão-mor João de Carvalho, e o padre superior lhe deu licença para ir render ao padre Antônio da Fonseca, em os Tupinambaranas, o com isto partiu-se para os Bocas e ingaíbas, onde assistia o padre João Ângelo, missionário daqueles, e o padre Antônio da Silva, destes; e não achando que emendar, passou, depois de praticados

os índios e contentados com as dádivas costumadas, para o Xingu. Lá achou o padre Antônio Vaz, já restituído à sua missão, que os reverendos padres Piedosos tinham ocupado algum tempo; ajudou-o com parte do que levava e foi-se para os Tapajós e Tupinambaranas, onde residia, já muitos anos havia, o padre Antônio da Fonseca; deu-lhe parte como o padre João Justo o viria render e com isto partiu, feita a visita, aos Maraguazes. O padre José Barreiros, que pouco antes tinha ido para lá, e ia fazendo de algum modo ali residência, para dela visitar as duas aldeias que lhe estavam pelas ilhargas, achou esses índios desejosos de serem cristãos, por terem paragem assaz farta sobre um lago, mas queixosos por ser o sítio pouco sadio; animou-os como pôde e subiu para os Abacaxizes, onde tinha chegado poucos meses antes o padre João da Silva, com uma aldeia mui populosa e abundante; soube estarem casados dois, o principal Tomé e um ajudante, com suas cunhadas, por terem calado impedimento; apartou-os e os desterrou, por um tempo, e com isso se viu para baixo, encontrando o governador na ida para riba, no igarapé do Limoeiro.

Perguntou-lhe o governador acerca do que se passava por cima. Respondeu ele que achara por lá muita desordem, que faziam alguns sertanejos, dignos de se tirarem de lá todos; e como o governador também a isso ia, em parte, deu-lhe promessa de dar remédio, e partiu para cima, vindo o padre superior para baixo, tomar a cidade do Grão-Pará.

Entretanto, tinha ido para cima o padre João Justo, como se dirá no capítulo seguinte, e deteve-se o padre superior para a banda da cidade nas ocupações de seu officio até o mês de janeiro, aos 16, e partiu outra vez para o Maranhão.

Acabadas já, de todo, as bexigas, entraram uns terríveis catarros, dos quais morreram muitos índios, e não houve quase nenhum no Colégio, a quem não desse, e a alguns com tanta força que lhes deu muito que entender; entrou também uma casta de sarampo que matou a muitos e durou meses e meses, e não somente pela cidade, mas também pelas roças e aldeias, nas quais fez grande estrago, principalmente na gente que ia descendo, de novo, dos sertões, mandando o governador alguns para fornecimento das aldeias, em lugar dos que as bexigas tinham levado em grande número.

Entre outras cousas que o padre superior tratou, antes de sua partida para o Maranhão, foi compor-se com Dona Catarina da Costa, nossa irmã, sobre uma deixa que o capitão-mor João de Herrera da Fonseca, seu primeiro marido, tinha deixado por testamento ao Colégio de Santo Alexandre, para com isso fechar as bocas às línguas murmuradoras que espalhavam que os padres apertariam com ela, obrigando-a a pagar até perdas e danos, recebendo desde a morte de seu primeiro marido; mas concertou-se tudo, conforme eu tinha ficado, com licença de nosso muito reverendo padre geral Tirso Gonçalves, em vida de seu segundo marido, o sargento-mor João Pereira de Seixas, se bem que pusesse no Reino, à sua custa e risco, quatro mil cruzados efetivos, sem mais cousa alguma.

.....

## *Capítulo V*

DO QUE SE PASSOU NO COLÉGIO DE  
SANTO ALEXANDRE, UM POUCO ANTES  
DA PARTIDA DO PADRE SUPERIOR  
JOSÉ FERREIRA E DURANTE  
SUA VISITA POR CIMA

**A**NTES de partir o padre superior da missão, pelo mês de outubro, para visitar as residências, por cima do Pará, fez o padre Bento de Oliveira, reitor e mestre do curso juntamente, umas conclusões lógicas na igreja de Santo Alexandre; armou-se uma cadeira muito bem adornada junto à porta travessa, para a banda da rua. Os defensores foram os irmãos Sebastião Pereira, um religioso de Nossa senhora das Mercês, chamado frei Manuel Correia, e José de Sousa, sobrinho do capitão-mor Hilário de Sousa, que não assistiu, por estar doente.

Houve concurso de religiosos, clérigos e seculares; entre os religiosos era o muito reverendo padre comissário-geral das Mercês e o muito reverendo padre frei Antônio, da mesma religião, uns padres de Nossa senhora do Carmo e de Santo Antônio; dos clérigos, o muito reverendo licenciado padre Antônio Lameira, vigário da vara desta cidade e outros, e dos nossos, o padre superior da missão, José Ferreira.

Argumentaram o muito reverendo padre frei Antônio Soares, o muito reverendo mestre graduado em filosofia Manuel Tavares, o padre superior da missão José Ferreira e outros; respondeu muito bem o irmão Sebastião Pereira, e os mais assaz bem, para principiantes; o padre mestre do curso houve-se, pela disputa toda, sempre sem nenhum abalo com o rosto risonho, respondendo a tudo, e saltando todas as dificuldades, com a maior graça e facilidade que tenho visto nas universidades maiores do mundo todo; e assim foram muito aplaudidas suas conclusões, pelo bom sucesso que tiveram.

Depois de partir o padre superior da missão para sua visita, se fez exame dos cursistas; os examinadores foram o padre reitor e mestre do curso e padre Gaspar Misseh, o padre Miguel Antunes e eu. Responderam todos como entendidos admiravelmente bem, de sorte que mal se podia dizer quem entre eles levava a palma nas respostas; e parece-me que nem nas universidades da Europa fazem os cursistas do primeiro ano, mais do que fizeram os do Colégio de Santo Alexandre do Grão-Pará.

O louvor se deve a Deus em primeiro lugar, e depois disso ao padre reitor e mestre Bento de Oliveira, que sobre as muitas ocupações que lhe dá seu reitorado, não se poupa dias e noites para os ensinar e fazer homens e perservarem depois de feitos; e como se costuma de dar algum divertimento nas férias no fim do ano, levou o padre reitor e mestre do curso os seus discípulos para a aldeia de Mortigura, residência do padre Miguel Antunes, mandando três ao padre Antônio da Cunha para Mamaiacu, por eles mesmos o quererem, para maior seu alívio; foram agasalhados e tratados em ambas as bandas com os regalos que neste Estado se dão, e se não tiveram os regalos de Portugal, por os não haver, não lhes faltou a boa vontade, que sobre tudo se estima, acomodando-se no mais com a pobreza religiosa, como filhos de tão bom pai.

Fiquei, nesta ausência do padre reitor, correndo com o Colégio em seu lugar, e como veio, no entretanto, canoa do Maracanã, com cartas do padre Diogo da Costa, missionário daquela residência, só se sabe que dissera Teodósio, irmão de Francisco de Sousa, principal da aldeia, que o governador deixara lá dito que o padre missionário não tinha nenhum mando sobre os índios, no temporal, como tinham os missionários nas mais aldeias, mas que lhes assistia somente para dizer missa e

administrar os Sacramentos; que, para o mais, tinham lá o branco que governava as salinas d'el-Rei. Com essa informação, fui ter com o governador e lhe dei parte de tudo, mui claramente, para saber de sua boca o que disso pensava: respondeu que a aldeia de Maracanã não se havia de reputar por aldeia como as mais d'el-Rei, porque estava deputada pelos governadores antecessores seus, para os serviços das salinas d'el-Rei e viagens dos governadores. Repliquei-lhe com a confiança que tinha de ter sido seu mestre do latim, no tempo do governo de seu pai, meu confessado, que eu sabia muito bem de quem, quando e para que fora deputada aquela aldeia, pois estava no Pará quando se fizera esta deputação, e que se bem fora deputada para as salinas e para pilotos dos que iam para o Maranhão nunca a ouvira deputada para as viagens dos governadores, e suposto que isto fosse, nem por isso parecia haver de tirar-se do número das que se governam no temporal pelos missionários, pois a lei falava e fala geralmente sem nenhuma exceção, e antes queria Sua Majestade fosse governada pelos missionários da Companhia, que por um homem peão, que governa as suas salinas; acrescentei mais a isto que se informasse S. S. bem, se aos índios e índias que trabalhavam naquelas salinas se pagavam bem seu trabalho, e se lhe guardava tudo em que se tinha ficado com o seu principal Lopo de Sousa, porque havia grandes queixas dos índios sobre esta matéria, que se não lhes pagava bem com uns paneirinhos de sal, para comerem sua farinha, por não ter ele os escravos que tinha seu pai, para lhe fazerem roça bastante a fim de acudir com ela aos que se ocupavam nas salinas, como ele mesmo lhe dissera. Livrou-se o governador, dizendo que ele deixava as cousas tocantes às salinas como as achara, e dizendo-lhe eu que lhe corria obrigação de ver se tudo andava como era justo, passar a palavra a outras cousas, não o querendo enfadar mais com as de Maracanã.

Não há que se espantar que assim se houvesse com a missão de Maracanã, sendo-nos dado o governo temporal de todas as aldeias do Rei, sem nenhuma exceção, quando, antes de partir do Maranhão, mandou por um sargento uma carta a Agostinho Correia, capitão-mor de Icatu, para ler ao missionário João de Avelar, em que dizia não se metesse, daí por diante, no governo temporal dos índios daquelas bandas do rio de Itapicuru e Muni, mas que as governasse o capitão-mor, nem se lhe dessem romeiros nem pescadores, pois tinha os guajajaras, que o



Rei deputava para o serviço das missões, dentro das trinta léguas da cidade; e já que, por ocasião, falei deste ponto, quero referir o fim dele.

Avisou o padre João de Avelar ao padre Antônio Coelho, reitor do Colégio de Nossa senhora da Luz, do Maranhão, do que se passara, e ele lhe respondeu pelo parecer de seus consultores, que pedisse um traslado daquela carta ao capitão-mor de Icatu, Agostinho Correia, e se ele o não quisesse dar, continuasse como dantes, conforme as leis de Sua Majestade, e como a mesma ordem teve o capitão-mor do Tapicuru, Pero Paulo, senhor de engenho e amigo da Companhia, disse ao padre missionário, Manuel Rabelo, que sucedeu ao padre João de Avelar, que fora mudado para S. José, em lugar do padre reitor Antônio Coelho, que lá se houvesse conforme lhe parecesse bem. E nisto parou a cousa, servindo-se o padre missionário dos índios de sua missão, sem recorrer aos guajajaras, distantes duas para três jornadas para lá, porquanto lhe é impossível ter de lá os remeiros e pescadores e sustentá-los, dando-lhes seu pagamento, pois é missionário pobríssimo, que não tem senão as esmolas dos índios e brancos, que moram ao redor de sua residência, e ser a bem deles, para a missa e Sacramentos, com a licença de seu pároco.

Mas, para tornar a continuar e deferir as cousas acontecidas pela banda do Pará, em tempo da visita do padre superior José Ferreira no formoso rio das Amazonas, que eu tinha interrompido, direi que chegou Hilário de Moraes, filho morgado de Manuel de Moraes, senhor de engenho e das melhores casas que há na praça da cidade, pedindo ao padre reitor Bento de Oliveira que, visto ter falecido seu pai, juiz perpétuo de S. Francisco Xavier, se oferecia ele para continuar aquele juizado. Foi isto aos 17 de novembro do ano de 1696. Aceitou o padre reitor a oferta e ele foi fazendo a festa do santo naquele mesmo ano, pregando eu com muita satisfação de todos que se acharam no grande concurso daquela festa, sendo dados antes os exercícios aos cursistas, os quais se fizeram com muito fervor e depois deles começaram o seu segundo ano ao primeiro de janeiro de 1696.

Vieram por aquele tempo cartas do padre João da Silva, missionário dos Abacaxizes, dando por novas como pelo caminho se alagara a canoa com alguma perda, porém ficara com saúde em sua aldeia, que constava de quinhentos índios. Por esse tempo fui eu para a roça de Jaguarari, para fazer as festas do Natal, e porque no caminho está o enge-

nho de S. Francisco de Borja, que tinha um Belenzinho muito bem feito para aquela noite, e rogaram-me quisesse lá ficar para dizer a primeira missa na igreja de N. S. de Nazaré, e como isso não frustrasse a excitação dos de dentro e de fora que se tinham lá ajuntado, deixei-me ficar, e disse a primeira missa do Natal, antes e depois da qual houve belas representações daquele divino mistério, do qual fiz doutrina e pratiquei, e depois disso fui com toda a pressa para roça de Jaguarari, para lá dizer as outras duas missas, como disse, ouvindo primeiro de ambas as bandas as confissões e dando a comunhão aos índios e brancos devotos do Santo Nascimento do senhor. Tendo chegado o padre João da Silva com seu companheiro, o irmão Antônio Rodrigues à aldeia dos abacaxizes, logo tratou de ensiná-los, batizar uns e casar outros; os meninos que se batizaram foram muitos; os mais se foram batizando, conforme o permitiam as circunstâncias. Adoeceu por aquele tempo, pouco mais ou menos, uma índia, a qual dizia que lhe aparecia o Diabo, dizendo-lhe não desse crédito ao padre, mas que lhe apareceram também dois padres, dizendo-lhe não desse crédito a esse embusteiro, que era o Diabo e por isso queria receber a água do batismo; batizou-a, pois, o padre João da Silva e a chamou Maria, com tão feliz sucesso que este Sacramento divino lhe deu juntamente a saúde da alma, como os mesmos padres me contaram e do corpo, porque ficou sã e valente.

.....

## *Capítulo VI*

VÃO O GOVERNADOR E O CAPITÃO-MOR VER  
AS FORTALEZAS E ALDEIAS DAS MISSÕES,  
PARA TIRAR DELAS OS BRANCOS E ÍNDIOS PREJUDICIAIS

**T**INHAM vindo dos missionários e outros, muitas queixas do grande mal que faziam pelos sertões do rio das Amazonas uns sertanejos que, sob capa de cravo e cacau, iam fazendo escravos contra as leis reais de Sua Majestade, e havia uns índios de certas nações mui rebeldes que até os brancos matavam, e além disso tinha o governador ordem de Sua Majestade de ir ver as fortalezas que se tinham feito por ele no Cabo do Norte e mais partes como são Macapá, Paru, Tapajós e rio Negro; pelo que resolveu-se, ouvida primeiro a junta, de ir ver as fortalezas, para fazer descer e castigar os sertanejos e as aldeias das nações que se não acomodavam com o serviço de Deus e do Rei. Armou-se a tropa, se bem que em tempo de pouco cômodo por falta de farinhas e por falta de índios, dos quais tinham morrido muitos pelas bexigas e outros andavam espalhados por várias partes, como se costuma, pois não têm os pobres nenhuma quietação.

Partiu com o Sr. governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho a maior parte dela, indo também em sua companhia o ouvi-

dor-geral, o provedor-mor, o capitão João de Moraes, o reverendo padre provincial do Carmo, o comissário de Santo Antônio. Houve grandes disparos de peças de artilharia na partida, ressoando o clarim e tambores pelos ares, e assim foram caminhando até o engenho de S. Francisco de Borja, pertencente a D. Catarina, nossa irmã, e como seu sobrinho, Luís Vieira, tinha à custa dela aviado muitas canoas, foi-se o governador despedir dela, de passagem, de onde se originou o aleive que logo lhe levantaram que ela casara com Antônio do Carvalho, capitão-mor de Cameté, irmão bastardo do governador, sendo tudo falsíssimo, como mostrou o tempo. De lá partiu para banda de Jaguarari, onde eu estava por então, para se despedir de mim que o encomendasse a Deus Nosso Senhor. Antes dele, vem para o mesmo fim o muito reverendo padre provincial do Carmo, frei Manuel da Encarnação, e o provedor-mor com o capitão João de Moraes, Francisco Potfliz e o capitão Pedro da Costa Real, e partidos estes, como ouvi tocar charamelas e sabendo eram do governador, desci pela escada grande que ia para o rio e o esperei, dando-lhe as boas-vindas e desejando-lhe boa e feliz viagem, e com isso sem muita detença nos despedimos.

Partiu de lá para o Cameté a visitar de passagem a vila de Cumaru, de onde, acompanhando-o o seu irmão Antônio de Albuquerque, capitão-mor da Capitania, passou pelos ingaibas e se deteve alguns dias com o padre Antônio da Silva, missionário deles, muito seu amigo, por lhe ter mão nos índios, e lhe não faltar com eles nem com as farinhas necessárias para as fortalezas, e mais pelo bom agasalho que fez a todos os brancos, de onde procedeu mandar-lhe Sua Majestade seus louvores e agradecimentos. Dos ingaibas foi ver a fortaleza do Macapá, no Cabo do Norte, e deixando-a provida de 20 soldados com seu Cabo Manuel Pestana, com mantimentos e munições bastantes para se defender, foi-se à fortaleza do Paru, onde depois de a visitar, fez o mesmo, ficando por Cabo Melchior de Ornelas. Daí foi visitar os reverendos padres Piedosos do Gurupatiba que tinham sucedido em nossa igreja e casa, e estavam sem saber duas palavras da língua com aqueles índios, falando-lhes por intérprete ou em português, que debalde pretendiam traduzir, sem nunca os acharem capazes de aprendê-lo, salvo na cidade, e estando, sem serem advertidos, servindo anos e anos aos brancos, com os quais se criaram de meninos e sendo de idade aprendem duas ou três

palavras, e não as sabem senão depois de terem bebido uma gota de aguardente, da qual são amicíssimos.

De lá chegou a ver a fortaleza dos Tapajós, sita em um outeiro que, sendo eu missionário daquela aldeia e de todo o rio das Amazonas, mandei roçar, por ordem do padre Antônio Vieira, superior da missão e visitador dela, no ano de 1661, pelo mês de agosto, pouco mais ou menos. Era capitão daquela fortaleza e superintendente da do Paru e rio Negro, feitas à sua custa, o capitão Manuel da Mota, filho natural de Manuel da Mota, que primeiro alcançou estes postos, com a condição de fazer aquelas fortalezas.

Lá falou o padre João Maria, missionário, com o governador, e lhe comunicou como se lhe ofereciam umas vinte aldeias de língua geral, da nação de[...] para se descerem; pediu-lhe o governador as descesse para as aldeias de baixo, mas, como estas não têm descanso, nem com elas se guardam as leis de Sua Majestade, não as quer o padre descer, salvo seja com condição que não sirvam senão quando e a quem quiserem, pois estão em terras fartas, e não pretendem de se descer para onde está o padre sobre o rio dos Tapajós, senão meramente para serem cristãos e tratarem de sua salvação.

Dos Tapajós, onde o padre João Maria fez camas e belas hortas, e está para fazer uma igreja de taipa de pilão, com a vinda do capitão seu amigo, partiu o governador com todo seu acompanhamento para os Tupinambaranas, onde se agasalhou uns dias na residência do padre Antônio da Fonseca, o qual o recebeu, conforme sua pobreza, o melhor que pôde; porém, pedindo-lhe o governador conta das aldeias, respondeu ele que isso já tinha dado a seu padre superior da missão, que poucos dias antes tinha lá ido visitar.

Dos Tupinambaranas foi aos Abacaxizes, onde estava o padre João da Silva, e aí se deteve e depois passou ao rio Negro; lá viu a casa-forte que o alferes Ambrósio Muniz tinha governado anos, e em cujo lugar sucedera Luís de Moraes; ajuntou os índios e praticou-os para que fossem fiéis aos brancos e à Coroa de Portugal, a que tinham dado vassalagem. Era necessário praticar bem aqueles por terem os de seus sertões morto, pouco havia, uns brancos e tapanhunos, que andavam tirando salsa por aquele rio; feita esta diligência passou o reverendo padre provincial do Carmo, por ser sua a missão do rio Negro, para riba até os

Cambebas, onde estava o padre Samuel Fritz, boêmio, das missões de Quito, donde tinha vindo para lá.

Estava mais lá, então, Manuel de Sousa Fundão, tirando cacau, os quais intimaram com toda cortesia ao padre Samuel, que essas missões eram da Coroa de Portugal, concedidas aos religiosos de Nossa senhora do Carmo, e assim as deixasse a eles, pois lhes tocavam em repartição, e nada houve mais sobre esta matéria. Só advirto aqui que se bem as missões dos reverendos missionários do Carmo, que estão aí, são boas, contudo as nossas daquela banda para o Sul, são muito melhores, sem comparação, como se dirá depois.

.....

## *Capítulo VII*

PARTE O CAPITÃO-MOR DO PARÁ, HILÁRIO DE SOUSA,  
EM SEGUIMENTO DO GOVERNADOR  
E MORRE, NAQUELA VIAGEM, EM GURUPÁ

**S**ENDO partido o governador para cima, se acharam uns pasquins feitos contra ele e outros, por uns mal afeiçoados. Foram às mãos de Antônio Lameira da Franca, vigário da matriz e da vara e do capitão-mor Hilário de Sousa soube deles e padre reitor Bento de Oliveira e deu por conselho que, visto terem ainda chegado só às mãos de três pessoas, se os suprimissem; mas o vigário da vara, não seguindo seu conselho, que era o mais acertado, publicou uma excomunhão e fez autos contra os delinqüentes para saber quem eram, sendo que diziam que o autor se tinha vindo acusar em confissão.

Hilário de Sousa, capitão-mor do Pará, tendo convalescido de uma grave doença que tivera, partiu aos dezesseis de dezembro, atrás do governador e o alcançou em Macapá e lhe comunicou os pasquins, o que ele, como prudente, dissimulou, havendo-se como quem se lhe não dava destes aleives. Lá se apartaram e ficando o capitão-mor Hilário de Sousa para a banda da fortaleza do Paru, deixou partir o governador para riba, mandando por aqueles sertões do Paru o Capitão Reolos para

ver se havia índios para se descer para as aldeias de baixo, como se desceram alguns.

Adoeceu o Capitão Reolos e morreu Miguel do Rego, irmão de Gabriel de Moraes, morador do Maranhão, e foi enterrado no Guarupá, com outro moço, parente do capitão-mor, o qual, vendo-se melhorado, foi ter com o governador e os mais que o acompanhavam nos Abacaxizes, onde adoeceu o padre João da Silva, que o governador levou consigo para o rio da Madeira, para ter singular cuidado dele. Pouco depois adoeceu também o capitão-mor, Hilário de Sousa, ficando em pé o governador, ouvidor-geral e Francisco Potfliz nos Abacaxizes, para onde se tinham tornado a retirar. Ria-se o governador da fraqueza dos mais, mas ele não tardou de cair também, porém indo convalescendo todos algum tanto, só o capitão-mor ficou maltratado de tal sorte, que o padre João Maria lhe deu os Sacramentos nos Tapajós, para onde se tinham já descido; porém como foi melhorando um pouco, cuidando o padre João Maria que estava já escapo do perigo, veio para o Pará, onde deu novas de sua melhoria porém logo ele piorou, e chegando ao Guarupá fez seu testamento, assistindo-lhe para isso Francisco Potfliz. Deixou por herdeira Maria de Siqueira, sua mulher, e sua ermida do S. José aos reverendos padres piedosos, para lá morarem, mandando-se-lhe fizesse convento para isso; deixou 20 peças a cada sobrinha de sua mulher e a seu sobrinho José de Sousa, para ser clérigo, um cacual e quantidades de missas para sua alma; e assim, recebidos todos os Sacramentos, faleceu com a assistência dos reverendos padres Piedosos. O governador, que era muito seu amigo, o visitou e mostrou seus sentimentos, pondo-se de luto, porque além de ser seu grande afeiçoado, tinha recebido dele um sinal de benefício, e é que devendo-lhe muitos mil cruzados, conforme se diz, lhes perdoou por testamento todos. Mandou-se o corpo morto em caixão para baixo e enterrou-se com solenidade em S. José, lugar já destinado por ele para sua sepultura, e em demonstração pública do sentimento acompanhou o corpo a soldadesca de noite e conforme o costume, que há nos falecimentos dos capitães-mores, houve toda a noite de tempo em tempo tiros de artilharia da fortaleza da cidade. Era Hilário de Sousa de boa casa, natural de Portugal, de onde veio ao Pará, onde tinha seu tio Aires de Sousa Chichorro, cavaleiro do hábito de Cristo, que tinha sido capitão-mor do Pará e lá mesmo era senhor de en-



genho muito abonado; casou com Maria de Siqueira e suposto que seu tio o ajudou muito pouco, ajudou-o Deus, dando-lhe grandes bens e dois filhos, os quais, depois de crescidos, se afogaram na paragem de Guarapiranga, vindo para a cidade com a mãe, com incrível dor e sentimento, assim dela como de seu pai, isso achando-se sem filhos com grandes bens, casas e fazendas, e alguns 400 índios, entre escravos e outros que tinham granjeado, parte comprando-os, parte ganhando-os pelos sertões em guerras, para as quais tinha sido mandado, por ser homem esperto, e não haver outro na notícia das terras e nações dos índios que mais sempre fosse respeitado e temido deles por todo o rio das Amazonas e seus sertões. Como ele tinha fundado com sua mulher Maria de Siqueira a ermida de S. José, esposo santo da Virgem Senhora Nossa, da qual era muito devoto, ornou-a com retábulo e imagens de vultos belíssimos e mais, feitos em Roma, e trazidos pelo bispo, primeiro deste Estado, D. Gregório dos Anjos, provendo-a com ornamentos e todos os mais requisitos que se podia desejar. Estava muito nomeado no Reino e amado na terra por ser homem quieto e já lhe tinha vindo o hábito de Cristo, em recompensa de seus muitos serviços, e estava esperando o posto supremo de governador e capitão-general do Estado, quando oferecendo-se ocasião de ir o Sr. General ver as fortalezas, quis acompanhá-lo ainda que mal convalescido de uma grave doença, por ver que levava consigo todos os mais ministros reais e como os maus climas do rio das Amazonas o acharam ainda com muito poucas forças, deram com ele na cova, ajudando para isso uma nova que veio ao governador, estando no Gurupá, a da presa e tomada das fortalezas de Macapá e Paru pelos franceses, da qual logo falaremos no capítulo seguinte.

Sentiu tanto Maria de Siqueira, sua mulher, o falecimento de seu marido que fez cousas de mulher doida de sentimentos, e poucos meses depois faleceu também ela, recebidos todos os sacramentos, aos 2 de setembro, deixando por herdeira a ermida de São José, com 600\$ anuais, aos reverendos padres Piedosos, com obrigação do administrador de toda sua fazenda lhes pagar cada ano e fazer-lhes o convento, além de muitas esmolas e missas pela alma de seu marido defunto.

Cuidavam alguns seculares que ela e mais seu marido defunto deixariam essa ermida aos padres da Companhia, por verem o Santíssimo Nome de Jesus pelas portas da casa, mas quis Deus a deixasse aos

reverendos padres Piedosos, que como novos na terra, careciam de hospício; não se podia dar melhor a ninguém que a eles.

Quis fazer aqui menção do capitão-mor Hilário de Sousa e de sua mulher, por terem concorrido com todo o necessário para se porem em via as duas missões de Matari e Rio Negro, e tratado ao padre Alúcio Conrado Pfeil, missionário de Matari com tanta caridade que, estando ele na tropa de guerra, nos Abacaxizes, e vindo-lhe o padre trazido doente na canoa, o tomou nos braços e o levou para casa, tratando dele como se fora um filho seu, do que Deus lhe terá já dado o pago e eu faço dele esta memória em agradecimento perpétuo do benefício recebido naquela ocasião, além de outro grande que fez ao Colégio, no tempo da vinda dos maraguazes, que o padre Antônio da Cunha trouxe para a nossa fazenda de Mamaiacu, sem falar nos 100\$, que Maria de Siqueira nos deixou por testamento.

.....

## *Capítulo VIII*

TOMAM OS FRANCESES AS FORTALEZAS DE MACAPÁ E PARU,  
E TENDO DISSO NOTÍCIA O GOVERNADOR  
ANTÔNIO DE ALBUQUERQUE NO GURUPÁ, MANDA A  
FRANCISCO DE SOUSA FUNDÃO, QUE AS RECUPERA  
COM FELIZ SUCESSO, 1697

**A**NDANDO o governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho visitando as fortalezas do rio das Amazonas para cima, tendo deixado suficiente presidio com mantimentos e munições bastantes nas de baixo, que eram Macapá e Paru, veio o Marquês de Ferroles, governador de Caiena, por parte da França, sobre a fortaleza de Macapá, com quantidade de canoas carregadas de soldadesca para reparações de guerra e mantimentos. Viu-os o Cabo Manuel Pestana de Vasconcelos e reconhecendo eram franceses, como quer que não haja guerra entre as duas Coroas, Portugal e França, desceu para o porto, perguntando de longe quem era e o que pretendia; respondeu o marquês que vinha da parte de seu Rei, com ordem de conquistar a fortaleza e pedia-lhe a entregasse em paz, pois era sua por direito, por estar em suas terras, e quando não, havia de a tomar com os soldados que trazia para este efeito. Respondeu-lhe o Cabo Manuel Pestana que se Sua senhoria pedisse outra

coisa que se lhe pudesse dar, a daria com muito gosto, mas que por nenhum caso entregaria a fortaleza senão levada à viva força por não poder mais. Com isso subiu para riba e mandou fechar as portas, e deu ordem ao artilheiro que disparasse uma peça das que lá havia contra os franceses, que vinham marchando para cima com bandeira desfraldada e tambor[...] armados todos, e preparados até de petrechos de fogo para acometer. O artilheiro, oficial pedreiro de seu ofício, que sabia melhor conduzir a sua colher para rebocar paredes que disparar peças, não ajudou logo, por não estar a peça aparelhada; com isso chegaram os franceses à porta, preparados já a botar seus fogos artificiais e fazê-la render-se à viva força, quando o Cabo Manuel Pestana, vendo-se sem ânimo dos que o acompanhavam, se entregou com a praça, com as condições que dirão as cartas do Marquês escritas ao governador. Tomada a praça, mandou Ferroles tomar e arrasar a fortaleza do Paru, o que foi feito do modo que também dirão as cartas, que escreveu ao Sr. general Antônio de Albuquerque.

Traslado da carta do Marquês de Ferroles, escrita ao governador Antônio de Albuquerque, que, à instância dele, trasladei fielmente do francês em português, tendo já trinta e sete anos da missão do Maranhão, neste ano de 1697, logo depois de me terem chegado à mão para esse fim.

“Depois de vos ter eu escrito muitas vezes, senhor, que o Rei meu amo não permitia que fizesses edificar fortaleza da banda Ocidental deste rio, como terras dependentes de sua Coroa, ordenou-me Sua Majestade de expulsar os portugueses, o que me tem obrigado a vir aqui, onde mandei avisar ao Sr. Manuel de me entregar a fortaleza, o que ele recusou fazer; portanto, cheguei eu mesmo em pessoa à porta dela para com isso obrigá-lo a não esperar o fogo de meus soldados, os quais estavam prestes a lançar os seus fogos artificiais e foi tal a sua obstinação que me custou muito detê-los.

“Envio-vos, senhor, a cópia do inventário do que tenho achado nesta fortaleza; encontrei munições de guerra para o presídio e as deixei nela, tiradas as armas dos portugueses, as quais lhes tornei a dar; nenhum francês lhes têm feito injustiça alguma, mas uns índios tomaram algumas camisas e outros fatos miúdos nas casas de fora, enquanto eu estava na contra-escarpa da fortaleza, de que mandei restituir o que me foi possível.

“Mando derrubar a fortaleza do Paru.

“Estes fatos, senhor, vos farão refletir sobre o direito da França a estas terras, e vos devem significar que nunca houve linhas de demarcação entre nós, e que aquelas que declarais terem sido feitas pelo Papa Alexandre Sexto não têm o mesmo valor na França que entre as Coroas de Portugal e Espanha, sem entrarmos mais para dentro de nossas justas pretensões.

“Convido-vos, somente pela consideração que sempre vos prestei, a não esperardes novas desavenças entre nós, e de contribuirdes de vossa parte para conservar a nossa boa união e com o mesmo sofrimento que tive em receber todos os estorvos e injúrias que têm feito os súditos de vosso governo ou do meu sobre as terras de sua dependência ou jurisdição, espero fareis dar fim a essas desordens, pelo que eu terei em todas as ocasiões lugar de vos dizer que sou com muita amizade e toda a estimação que mereceis, senhor, vosso muito humilde e obediente servidor, – Ferroles.

“Esqueci-me de vos significar que tenho ordem de impedir as guerras que mandais fazer aos índios destas terras, e de ampará-los como súditos de Sua Majestade.

“Macapá, 3 de junho de 1697.”

Segue-se o traslado da que escreveu, da fortaleza do Paru, ao governador Antônio de Albuquerque, o capitão francês Lamothe-Caignon, que também eu fiz:

“senhor, pelas cartas que o Marquês de Ferroles vos escreveu de Macapá estarei sabendo da razão que ele teve para se apoderar daquela praça, a qual o obrigou a enviar-me para esta, a fim de fazer-me dono dela, e, com sentimento, a demoli-la. Depois de ter aqui chegado, dei aviso a quem de vossa parte a guardava, para me entregar, o que tendo ele feito sem dificuldade nenhuma, tratei a ele e aos seus com toda a brandura que podiam desejar.

“Fui ver as casas dos índios e tendo respeitado o pouco mantimento que achei na praça, me coloquei fora do estado de poder o arrasar, como tinha ordem de fazer; contentei-me com queimar somente as casas dos portugueses para vos fazer conhecer, senhor, que o Sr. Mar-

quês de Ferroles tem ordem de impedir que façam qualquer morada estável na parte do rio que depende do seu governo.

“Fiz conservar as casas dos índios por considerá-los vassallos ou súditos de o Rei, meu amo, tendo o Sr. Marquês ordem de olhar para eles como tais e tomá-los debaixo de sua proteção; e é isto o que ele diz na carta que vos escreveu de Macapá. Se não lhe tivessem assegurado que tínheis voltado ao Pará, teria dado uma chegada até aqui, para esperar por vós e vos explicar as ordens que tem.

“Também fiz conservar a igreja por ter ordem de respeitar os reverendos padres missionários que achasse, que el-Rei, sempre Cristianíssimo, acha muito bem que continuem a instruir os índios desta banda até que os nossos missionários o possam fazer.

“Tenho depositado nas mãos do Sr. Melchior Ornelas da Câmara, de tudo que aqui se achou, um inventário, que também vos envia.

“Dei-lhe permissão de ir pelo rio do Paru, em busca de gente e dos efeitos que lá têm, e um passaporte para que não seja estorvado pelos franceses que ficaram naquele rio, tendo o Sr. Marquês de Ferroles julgado a propósito de conservar a fortaleza de Macapá, na qual deixou cinquenta homens para seu presidio.

“Sinto, senhor, que a falta em que me acho me impeça de me deter aqui para executar perfeitamente as ordens que tenho, e para vos mostrar muito melhor por mim mesmo que por minhas cartas a atenção do Sr. Marquês de Ferroles, e a consideração com que sou, senhor, vosso muito humilde e muito obediente servo, Lamothe-Caigron; de Paru, aos dezanove de junho de 1697.”

Estes são os traslados das cartas do governador Ferroles e do capitão dos franceses, às quais respondeu nosso governador, com muita cortesia, que pasmava que, não havendo guerra mas suma paz entre os reis do Portugal e França, viesse esta, debaixo de capa de amizade, ocupar as praças da Coroa de Portugal, e para que não lhes parecesse que os portugueses tinham menos valor e justiça que os franceses, mandou a Francisco de Sousa Fundão, com uns soldados e índios equipados de tudo para restaurar a praça. Oferecendo-se-lhe boa ocasião, partiu Francisco de Sousa Fundão, por ordem do governador, com grande ânimo de desafrontar seu Rei com perda de sua vida, sendo necessário, para a restauração da praça, e foi com tão bom sucesso que, acudindo o Céu

pela muita justiça da Coroa de Portugal, pouco depois de chegar às escondidas da banda de Macapá, prendeu um lote de soldados, que em canoas andavam para fora com o seu missionário, o padre Cláudio de Lamousse, da Companhia de Jesus, ao qual tratou mui bem, mandando os soldados presos ao governador, para o Gurupá, por cuja ordem tornou a mandar o padre missionário aos seus para a fortaleza do Macapá, guardando as canoas, e levando um soldado português um dos franceses perto da mesma fortaleza, indo a nado debaixo de águas cortar-lhe a corda e trazê-la aos seus. Poucos dias depois teve o Cabo outro encontro com os franceses, que tinham feito uma saída, na qual lhes matou o espia, e havia de matá-los a todos se não tivessem se acolhido, correndo com toda a pressa para a fortaleza.

Antes que o Cabo Francisco de Sousa Fundão tornasse a mandar o padre Cláudio de Lamousse aos seus que estavam na fortaleza, disse-lhes se rendessem e se não que cedo lá iria obrigar à força a se entregar; assim o fez, porque não se lhe dando logo o tempo aos franceses do amigável aviso, foi com os seus soldados acometer o forte e quando menos se precatarem, acharam-se junto à porta para arrancá-la com alavanca, e como esta se dobrasse, mandou, sem reparar nos muitos tiros que faziam os acometidos, aplicar escadas e escalar os muros pelos índios, os quais, dando uns espantosos urros, meteram medo aos franceses e o capitão-mor de La Forrée, vendo-se apertado, disparou dois pistolaços à queima-roupa contra o valoroso Cabo dos portugueses, dos quais um lhe queimou o cabelo por cima da cabeça e outro lhe passou debaixo do braço. Ele correu uma estocada ao capitão e o feriu gravemente pela virilha, com que ele pediu quartel e entregou a praça com tudo o que tinha, mas dizendo levaria para sua terra a honra de ter sido ferido de um capitão tão valoroso como aquele; mas o brioso Fundão não quis aceitar senão o seu espadim, que lhe ofereceu.

Tinham os franceses pedido por capitulações, antes de se entregarem, os deixassem sair com suas armas, bandeira despregada e tambor batente, mas isto se lhes negou, concedendo-se-lhes somente a vida e passagem livre para Caiena com o necessário para viagem por mar, em canoas, como tinha vindo com o Marquês de Ferroles para o Macapá.

Para isso os mandaram aos Aruãs, que foram os que os levaram, indo com eles o padre Cláudio de Lamousse, seu missionário, da

Companhia da Jesus, por não querer el-Rei de França nem clérigo nem religioso de outra religião que da Companhia, com que acudir ao espiritual dos brancos e índios.

Pedi o capitão ferido ao Cabo Francisco de Sousa Fundão que lhe deixasse suas camisas, o que fez com muita vontade, fazendo-lhe mais oferecimento cortês de suas próprias, de pano fino do Reino, se fosse servido de as aceitar. Fez-se esta restauração do Macapá, pelos 10 de julho de 1697 com grande crédito do valor e armas portuguesas, especialmente do governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que a tinha mandado fazer, e com incrível estimado valor e generoso ânimo do Cabo Francisco de Sousa Fundão, o qual, tendo-se deixado ficar umas semanas no lugar de suas vitórias e gloriosos triunfos, viu-se com grandes festas, arrastando a bandeira dos franceses pelo caminho, desde o porto da fortaleza do Paru até o palácio, onde, beijando a mão do senhor governador, lha entregou em sinal de suas vitórias, e querendo ele por algum modo começar a premiar os seus merecimentos, mandou que arvorasse geneta de capitão d'el-Rei, ao qual foram as novas da restauração juntamente com as da tomada anterior de Macapá, para lá no Reino ordenar o que se havia de fazer no seu Estado do Maranhão, se os franceses, como ameaçavam, o quizeram acometer. Quis Deus Nosso senhor que se restaurassem aquelas duas fortalezas Macapá e Paru, por sem isso ficavam perdidas todas as missões da banda do Norte, e podiam ser infeccionados de alguma heresia os pobres índios pelos hereges que se presume acham-se entre os franceses de Caiena, porque na igreja dos reverendos padres de Santo Antônio achou-se o crucifixo e um Menino Jesus feitos em pedaços, e a santíssima imagem da Virgem senhora Nossa com uma cutilada na cabeça, com grande sentimento dos portugueses, tão amigos de nossa santa fé e do culto divino, que não só honram e veneram a Deus, mas também a seus santos com incomparável devoção.



.....

## *Capítulo IX*

O QUE SE PASSOU DESDE O PRINCÍPIO DO ANO 1697  
ATÉ A PÁScoa DA RESSURREIÇÃO

**A** O PRIMEIRO de janeiro, dia de Jesus, preguei a festa de Jesus no Grão-Pará, e entraram nos exercícios os noviços; aos quatro foi o padre superior José Ferreira visitar o padre Miguel Antunes em Mortigura, na canoa do padre Antônio Vaz que ia para comprar farinhas para sustento dos índios novos de sua aldeia de Xingu. Contaram os que de lá vinham como um Baltasar Furtado, filho de Cameté, fora descer uns índios que o padre Antônio Vaz tinha mandado trazer à sua custa do sertão, situado da banda de além da aldeia de Xingu e os levava para a Capitania do Cameté. Encontrando-me eu depois com ele, perguntei-lhe com que confiança descera índios alheios, já aldeado pelo padre Antônio Vaz; respondeu-me que, indo para descer jurunas do mato, achara aqueles espalhados fora de sua aldeia, em busca de sustento, e assim os trouxera, por eles mesmos virem nesta sua descida, para não morrerem de fome, que naquele tempo das bexigas era tanta, por falta de roças, que os padres compravam farinhas à custa de suas residências para sustentar os índios; e isto tanto assim que o padre Antônio da Silva, missionário dos ingaíbas, onde é a mãe das farinhas, mandou buscar

cem alqueires, o alqueire a cruzado, para sustentar quatro aldeias dos teirós, que ia descendo para Araparipucu, e o padre Miguel Antunes também a comprava para acudir aos pobres índios de sua aldeia, em outros tempos abundante em farinha; houve este ano tanta falta dela em todas as partes, por não se terem feito roças, por motivo das doenças e bexigas, que no Maranhão valia no ano antecedente um alqueire dez varas de pano e ainda mal se achava, sustentando-se os índios de cocos bravos e palmitos, para não morrerem de fome. Era tanta no Pará que sustentavam-se as aldeias dos tupinambazes com laranjas ainda mal maduras, para não perecerem; e como também deu esta fome, pela razão da falta das farinhas na capitania do Cameté, adoeceram os índios novamente descidos e detidos da banda além do rio, sem remédio, de várias doenças, e de cento e cinqüenta só escaparam até agora vinte, o que não aconteceria se os tivessem deixado estar debaixo do cuidado do padre Antônio Vaz, seu missionário do Xingu.

Aos 16 deste mesmo mês de janeiro, partiu o padre superior José Ferreira, com o irmão Manuel da Silva, coadjutor temporal, para o Maranhão, donde, até então, não tinha vindo nova de consideração. Passou pela roça de Mamaiacu, onde achou muitos falecidos, assim lá como na aldeia, mas todos com os Sacramentos, pela muita diligência com que tinha acudido o padre Antônio da Cunha. Partindo de lá, visitou na vila da Vigia, de passagem, a milagrosa imagem da Virgem Nossa senhora de Nazaré, e de lá partiu ao Maracanã, onde o padre Diogo da Costa, se bem não tinha os 25 casais concedidos pela lei aos missionários, tinha os necessários para seu sustento e suas viagens, para as ocasiões em que lhe eram necessários, e como é muito zeloso do culto divino, tinha, para maior devoção de seus índios mandado fazer umas três imagens de vulto, uma de Nossa senhora da Ajuda, outra de S. Miguel Arcanjo, outra de S. Francisco Xavier, e juntamente renovar a pintura de Santo Antônio Português, com que encheu todos os nichos do retábulo que ele mesmo tinha traçado e mandado fazer, por sua direção, por Martinho, cunhado do principal, e outros índios carapinas do Maracanã, tendo ido os mesmos índios por sua devoção ao cacau, para pagamento de todas aquelas obras, com que ficou muito ornada sua igreja de taipa de pilão, que se fez, anos há, em tempo de Lopo de Sousa, principal estimadíssimo.

mo, do hábito de Cristo, pai de Francisco de Sousa, que agora governa a dita aldeia de Maracanã. E sendo esta a aldeia que tem a seu cuidado as salinas do Rei, houve este ano, assim pelos descuidos de quem a governava, como pelas muitas chuvas, tanta falta dele nesta mesma aldeia, que o padre Diogo da Costa se viu obrigado a pedir um prato dele para a panela ao padre reitor do Colégio do Pará, enquanto não chegavam uns alqueires que tinha mandado vir de Tapuitapera, onde havia muito sal do ano atrasado das salinas naturais, que ali há e tem para todos a quantidade de sal que se quiser mandar apanhar; e porque houve queixas contra o branco que governava as salinas do Rei, no Maracanã, o mandou vir preso o sargento-mor José Velho, que era lugar do governador e governava o Pará, em tempo de sua ausência pelos sertões.

De Maracanã, passou o padre superior para a Capitania do Cameté onde achou o padre João Carlos, o qual tinha preso o seu companheiro, o irmão coadjunto Inácio da Silva, por três rapazias de moços com que, logrando a sotaina, se tivesse fugido para a aldeia, vestido em secular, com escândalo de índios e brancos, com que foi castigado muito bem e despido logo como indigno do hábito, que tão ligeiramente tinha largado. Era esse moço do Maranhão, filho da terra, que depois casou em casa de Dona Catarina, com Maria da Fonseca, moça honrada, que quis desposá-lo pelo amor de Deus Nosso senhor; lá o vi eu, e disse-me Dona Catarina da Costa que procedia com grande satisfação, que lhe ensinava sua gente a doutrina todos os dias, e que o achara um dia chorando e dizendo estava com grande receio o castigasse Deus por ter deixado a Companhia.

Achou o padre superior o capitão-mor do Caeté e todos os moradores totalmente trocados, porque, tendo sido dantes tão contrários ao padre João Carlos, por engano do inimigo, que não trata senão perder as almas, achou-os todos tão amigos que o capitão-mor estava convertido todo e feito um devotão do padre, e os mais tão amantes dele que era o seu ai-jesus e não sem razão, porque, sendo o padre João Carlos homem de Deus, não trata dias e noites senão do bem e salvação não só dos índios e mas também dos brancos, suprimindo as vezes de seu pároco, que lhes falta, e acudindo-lhes em suas doenças e necessidades, como médico experimentado, com as mezinhas que lhe ensinou a sua muita caridade. Folgou o padre superior muito com aquela paz e união,

e muito contente e satisfeito se partiu para o Maranhão, onde chegou pelo entrudo, ajudando lá os padres do Colégio de Nossa senhora da Luz, nas 40 horas, que sempre se fazem com toda a solenidade, e suposto havia lá quantidade de pregadores, assim mestres de teologia como eram o padre Frutuoso Correia, lente de moral, como o padre mestre Inácio Ferreira, lente da especulativa, com seus discípulos teólogos espartos todos e bons pregadores, conforme me disse o governador, que os ouviu, contudo não deixou de ajudá-los.

Houve também, pelo mesmo tempo, 40 horas no Grão-Pará, na igreja de S. Francisco Xavier; preguei, no domingo do entrudo; na segunda-feira o padre Miguel Antunes, e na terça-feira, como mais autorizado e de maior concurso, o padre reitor e mestre do curso, Bento de Oliveira. Houve muitas confissões e comunhões no Maranhão e não poucas no Pará, mas não foi menor a devoção dos que assistiram na igreja ao senhor, exposto todos esses dias. Houve também sextas-feiras no Pará, na mesma igreja, as quais eu fiz, pregando o padre reitor Bento de Oliveira o sermão da Paixão e não faltaram lágrimas de penitência naquela ocasião, principalmente ao Cabo do sermão da Paixão. O sepulcro do Maranhão seria admiravelmente preparado pelas belas mãos do irmão Marcos Vieira, sacristão antigo e muito querido de Nossa senhora da Luz, mas com licença sua, parece me levaria a palma o do Pará, como levou sem nenhuma dúvida, a todos os mais da cidade, assim na multidão de velas brancas como beleza e grandeza da obra, feita toda com papel encrespado, e coberto de lata, que lhe dava um lustro incomparável no parecer de todos; não falo nos ofícios das Trevas, porque no Pará houve belas e muito gabadas vozes de gente destra no canto; também por toda a quaresma houve assistência dos muitos reverendos padres das Mercês, para cantarem, ao som do cravo, os misereres, no princípio, e, no Cabo das práticas, os seus motetes devotíssimos, acomodados à Sagrada Paixão de Nosso senhor Jesus Cristo.

Suposto houve tudo isso no Colégio de Santo Alexandre do Grão-Pará, não deixaram os poucos padres que lá havia, sem embargo de serem achacosos, de sobregar brancos e índios, mais que em nenhum ano dos atrasados por se achar indisposto o Vigário e não o quererem ajudar os clérigos de graça, e assim concorrerem quase todos para nosso Colégio.

Tinha o padre João da Silva, missionário dos Abacaxizes, praticado os araras para descê-los para sua aldeia, por estarem de sua banda; mas os levaram os padres missionários Piedosos para Gurupatiba, onde morreram em parte, e por fazer o padre superior José Ferreira disso queixa ao governador, este mandou tomar de lá o restante deles e os mandou para Guamá, aldeia de nossa jurisdição.

O padre João da Silva, missionário dos ingaibas, que no ano 1697 tinha descido 230 pessoas de língua geral para a aldeia de Arapari-pucu, que então era de Vital, praticou os teirós e desceu 200 para 300 para a mesma aldeia, no ano 98 mais 270 e no ano 99 desceu 204, além dos que mandou buscar.

.....

## *Capítulo X*

PARTE O PADRE JOÃO JUSTO DE SUA MISSÃO  
DE INHUABA, DA CAPITANIA DO CAMETÁ,  
PARA OS TUPINAMBARANAS E DÁ-SE CONTA  
DOS SUCESSOS DAQUELA SUA VIAGEM

**N**ÃO me estranhe ninguém de pôr aqui eu a mudança do padre João Justo, acontecida pelos 17 de janeiro do ano de 1697, tendo já referido a tomada e restauração da fortaleza de Macapá, e morte do capitão-mor Hilário de Sousa, acontecida muito depois, porque como estas cousas não tocaram tanto ou pouco mais de nada a missão, quis contudo, pelas razões já dadas, fazer menção delas e acabá-las por uma vez, para tornar a continuar as da missão, mais chegadas umas às outras. Digo, pois, que o padre superior da missão deputou ao padre João Justo, missionário da Capitania do Cametá, para missionário dos Tupinambaranas, em lugar do padre Antônio da Fonseca, antes de partir para o Maranhão, dando princípio à mudança um desgosto que o padre teve com o capitão-mor do Cametá sobre uma índia, mãe de uma sua filha natural, que costumava assentar-se na igreja sobre uma esteira, junto à grade da capela-mor, a qual ele mandara retirar e assentar-se com as mais índias da aldeia, para que estando assentada em lugar mais autori-

zado com sua filha, não parecesse às mulheres dos principais se acreditavam com isso os desmanchos das índias mal encaminhadas. Partiu para cima em uma canoa muito limitada e ainda com alguns índios que lhe emprestou, parte Diogo Pereira, parte Maria da Rocha, por estarem fora os seus remeiros, nem chegou ao Colégio para se aviar para a viagem; deixou encomendada a residência de Inhuaba com tudo quanto continha a Diogo Pereira de Lacerda, constituído por mim procurador antes de me vir de lá, achacoso para o Pará, e assim ficou a aldeia de Inhuaba, com a do Parijós, desamparada e para se desobrigar da Quaresma, que se ia chegando, despediu-se de mim por carta, pedindo-me perdão se em alguma cousa me agravara em tempo que estivera por meu companheiro.

Foi-se assim mal remado aos Bocas, onde o padre João Ângelo o ajudou com o que pôde; de lá chegou aos ingaíbas, onde o padre Antônio da Silva também o socorreu, por vê-lo andar tão mal acomodado. Chegou a Xingu, onde o ajudou o padre Antônio Vaz; partindo do Xingu para os Tapajós, não achou o padre João Maria, o qual se tinha ido para escolher e preparar sítio para seus cariçorazes, que se queriam descer junto a ele, como pai amante que os tinha convidado, e anos havia, para virem ao grêmio da igreja e alcançarem a salvação de suas almas.

O que visto, partiu sem se deter mais para os Tupinambaranas, onde chegou depois de uns cinco para seis dias de jornada. Recebeu-o o padre Antônio da Fonseca como um anjo vindo do Céu, e com as ordens do padre superior lhe fez entrega da residência e missão toda, dando-lhe conta de tudo para se governar como convinha nela. Não estive muitos dias na aldeia sem sentir algum abalo, o qual o padre Antônio da Fonseca lhe tirou com uma boa ajuda que lhe tinha ensinado sua muita caridade. Estando já melhorado o padre João Justo, partiu de lá o padre Antônio da Fonseca para o Pará e navegando para baixo se viu acometido de umas sezões que o molestaram pouco pelo caminho, e com elas chegou ao Colégio pela festa da Ascensão do senhor para o Céu, mas muito quebrado e fraco pelas muitas faltas que padecera em uma tão prolongada viagem. Trouxe uma carta do padre João Justo em que pedia o viesse acompanhar Manuel Pereira, filho de Diogo Pereira,

avisando-o trouxesse consigo livros de filosofia, para estudar e poder ficar como moço honrado de boa casa; mas o moço, adivinhando prudentemente o que a ele e ao padre poderia acontecer por aqueles serões, tão pouco sadios, escusou-se cortesmente e se deixou estar com seu pai.

Ficou, pois o padre João Justo só, acudindo aos índios em sua aldeia e outras, todas de visita, ensinando e batizando a todos; até os que o padre Antônio da Fonseca deixara ainda catecúmenos, porque não tinha então branco nenhum senão um moçote, filho de Mateus Coelho, que tinha ido para tratar os negócios de seu pai, e o padre José Barreiros, que tinha ido para os Maraguazes e lá assistia, tendo aldeias bastantes e todas dispostas sobre um lago com bela vista e abundância de tudo, em tal distância que com facilidade podiam acudir a doutrina e missa todos os seus fregueses.

Pouco aturaram esses missionários de cima, sem adoecer e virem para baixo. Adoeceu primeiro o padre Antônio da Silva, que esteve nos Abacaxizes, após ele o padre José Barreiros e vieram para baixo ambos curar-se no Colégio, donde partiu já convescido o padre João da Silva, para a sua missão, com o irmão Antônio Rodrigues; e o padre José Barreiros está a partir para a Capitania do Cameté, com o padre Antônio Gonçalves, o qual está para voltar em breves dias.

O padre José Barreiros, após eles, se viu com umas vertigens muito molestas ficando assim, passou ao padre João Ângelo os seus bocas, e de presente está no Colégio, curando-se delas, com alguma melhora, para ir outra vez para a sua aldeia.

O padre João Maria, missionário dos Tapajós, também se veio para baixo, mas foi para fazer uma canoa de viagem, a qual mandou fazer por seus índios de pique verdadeiro nos matos de Jaguarari mas como a botaram a perder, comprou uma por 100\$ a Maria de Siqueira, mulher do capitão-mor, que Deus tenha, antes dela falecer. Nela se voltou para sua missão, levando uma carta de excomunhão passada pelo vigário da vara Antônio Lameira da Franca, contra um sargento e outro, que o descompuseram, tirando-lhe da mão à viva força um índio de seu mando, e rasgando-lhe com a alabarda a roupeta; porém não usara dela, porque veio Manuel da Mota, capitão do Tapajós, perguntar ao padre reitor se o dito sargento era excomungado, que se o era estava pronto para



se absolver da excomunhão; mas o padre reitor o remeteu ao padre superior da missão, a quem tocam semelhantes cousas, pertencentes a ele e aos missionários de suas residências; e assim se aquietou tudo em boa paz.

Vai o bom velho padre João Maria, já passando de 71 anos de idade, e contudo trabalhando com o fervor e zelo de moço, na missão dos Tapajós, onde, dizem, quisera Sua Majestade mandar fazer o Colégio e vila; mas isso será tarde, por ser lugar assaz doentio; entretanto levantou o padre lá suas casas e hortas muito lindas, com tenção de levantar cedo uma bela igreja de taipa de pilão à Virgem senhora Nossa da Imaculada Conceição, a cuja honra dediquei essa missão desde seu princípio do ano de 1661, sendo o primeiro missionário dela.

Fizeram-se neste ano as 40 horas com grande solenidade, assim no Pará como no Maranhão, e do mesmo modo às sextas-feiras da Quaresma, com a devoção e concurso costumados. Uma cousa houve particular no Pará, e foi que aos 16 de janeiro mandou o padre reitor Bento de Oliveira expor primeiro o senhor em imagem feita e pintada por sua ordem por Manuel João, entalhador. Eu tive a honra de pregar na festa, mostrando como o senhor nos mostrava a todos o modo de sermos mártires. E porque as aldeias da Capitania do Cameté tinham ficado sem missionário, por se ter ido o padre João Justo para os Tupinambaranas perto da Quaresma, pediu o padre reitor Bento de Oliveira ao padre Manuel Coelho, do hábito de S. Pedro, quisesse suprir aquela falta para desobrigar os índios, enquanto não houvesse missionário nosso que se pudesse mandar, por estarmos ocupados em pregar; fê-lo ele com muita satisfação e tanto que os índios o tornaram a vir buscar depois, para com sua assistência poderem fazer a festa de S. Pedro e S. Paulo, oráculo da aldeia de Inhuaba ou de residência.

.....

## *Capítulo XI*

VÃO-SE CONTINUANDO OS ACONTECIMENTOS  
QUE HOUE ATÉ 14 DE ABRIL

**C**OM a ida do padre superior José Ferreira para o Maranhão, que foi aos 16 de janeiro de 1697, houve alguma mudança entre os missionários, porque o padre Antão Gonçalves, que estava no Mareú com os guajajaras do rio Pinaré, foi mudado para nossa roça de Anindiba, dando-se por companheiro o irmão Antônio Gomes; o padre João de Avelar, que já havia anos estava na missão do rio Tapicuru, acudindo com grande trabalho a aldeia de S. Gonçalo junto à vila de Icatu, para onde finalmente se tinha mudado por medo dos tapuias, foi mudado para S. José; e o padre João Ribeiro para Mareú a ter cuidado da aldeia, e juntamente de nossos currais de gado vacum, que por esta banda temos nos pastos novos, dados por nova data de sesmaria pelo capitão-mor de Tapuitapera Henrique Lopes, pelos poderes que tem o donatário para datas dentro dos termos de sua Capitania. E porque os escravos do Colégio foram achados pouco cuidadosos e fiéis, foi posto um homem branco por seu salário, que tivesse o quinto da criação que nascesse;

houve sem embargo disso grande mortandade em a criação, morrendo umas 180 crias aquele ano, em o qual se contavam 400 cabeças de gado já crescido, de onde se vai tirando de tempos em tempos o que se necessita para o Colégio se sustentar, pondo-se nos pastos da Ilha ou do S. Marcos para engordar, por entretanto, o que se não vai cortando.

Havia grandes esperanças de sal em as nossas salinas da ilha de S. Francisco, mas como sobrevieram grandes pancadas de água que botaram a perder a água do tanque grande que já se ia coalhando, não se apanhou sal, nem no Caeté, nem nas salinas de el-Rei, no Maracanã, de onde não vieram senão uns 180 alqueires pela mesma razão. Esta foi a causa de tanta carestia de sal em o Pará, onde se comprava um alqueire a 4\$; nem houve onde recorrer senão a um pouco que dos anos atrasados tinha ficado no Maranhão, e a quantidade dele que tinha havido em salinas naturais de Tapuitapera.

Mandou Antônio de Sousa, juiz da Câmara, prender um homem, o qual como chegou defronte do convento de Nossa senhora do Carmo, escapando das mãos da justiça, botou a correr e valeu-se da portaria para escapar.

Acudiram logo os frades todos e o meteram para dentro, e sem embargo de requerer o juiz o seu preso o não quiseram entregar, dizendo-lhe que valia a imunidade da igreja. Ajuntaram-se os camaristas, tomando seu conselho sobre o caso, e para se assegurarem tomaram também os pareceres dos religiosos letrados e não faltaram alguns que disseram que lhes não valia. Eu não me meto, mas digo somente que dizem Castro, Paleu, o padre Avendanha e outros ser sentença comum que vale o sagrado até aos fugitivos por dívidas que se devem ao Rei, de onde se colhe a solução para os mais casos desta matéria de presos fugidos para a igreja ou sagrado.

Ora, que falamos desse preso do Maranhão, não parece fora de propósito falar em outros, que quase pelo mesmo tempo se mandava prender por dívidas no Grão-Pará. O caso foi este.

Devia o mestre-mor João, morador da cidade de Belém, uma soma de dinheiro ao Rei, por ter tomado sobre si parte do contrato das tainhas do pescueiro da ilha Grande de Joanes, e porque tardava de pagar, tratou o provedor da Capitania de mandar prendê-lo; soube ele dis-

so e como pretendia botar a dívida às costas de João de Matos almoxarife da cidade, pai de nosso irmão Sebastião Pereira, de presente cursista do Colégio de Santo Alexandre, acolheu-se para a Santa Casa da Misericórdia. Logo que o provedor teve notícia disso, mandou seu meirinho com outro adjunto prendê-lo, dado que não estivesse na igreja ou na sacristia, mas somente em outros aposentos da Misericórdia e que ele não cuidava serem privilegiados. Veio o reverendo licenciado Antônio Lameira da Franca, vigário da matriz e juntamente da vara, tomou parecer comigo, que naquele tempo estava só no Colégio; respondi-lhe eu que havia variedade de pareceres em algumas prisões, a fim de que seguisse sua mercê os estatutos da Santa Casa e por eles se governasse, para não errar. Com esta resposta, foi ler os estatutos e achando neles expressamente que valia o privilégio ao preso, e que ninguém podia tirar de lá algum homiziado nem ainda entrar, sem licença para esse intento sob pena de excomunhão, declarou o provedor incurso com seu meirinho e outro adjunto que para lá tinha mandado, sem atender que o provedor tinha por sua parte razões bastantes para não ter incorrido. O adjunto logo se foi absolver e o provedor, suposto se queria fazer absolver, era com certas condições a saber: que fosse em segredo, reservando seu direito para o alegar no Reino.

Veio o padre reitor Bento de Oliveira para o Colégio e trabalhou muito para pacificá-los; porém, como por nenhum modo quiseram os irmãos da Misericórdia ceder um ponto, sem embargo de ele lhes dizer que viriam repreendidos do Reino, foi o provedor absolver-se, depois de ter sido posto como participante, não ficando os padres da Companhia livres de murmurações de qualquer parte que se pusessem. Portanto, melhor é lançarmo-nos de fora em semelhantes ocasiões, mostrarmos somente os doutores que tratam dessas matérias, para lá se governar cada qual como, depois deles vistos e consultados, lhe parecer; e se forçosamente for necessário depor por uma parte, sempre parece de mais crédito nosso pormo-nos de parte da Igreja, ao menos quando os autores têm o seu caso por mais provável, remetendo, porém, todos ao padre superior, o qual poderá consultar para que concordemos todos, conforme a nossa regra expressamente o ordena.

O bom será notarem os nossos que nos casos tocantes às fazendas reais a seus ministros, nunca convém que nos metamos, porque

os da parte contrária, sempre vejo virem condenados do Reino e se não castigados, ao menos bem repreendidos como depois aconteceu no caso presente, o qual tudo remetido para o Reino pelo provedor da fazenda, veio julgado e ele castigado, sendo repreendidos todos os mais.

.....

## *Capítulo XII*

RELATA-SE A MORTE E ENTERRO DO PADRE GASPAR MISSEH

**A**OS quatorze de abril do ano 1697, véspera de S. Marcos Evangelista, faleceu no Colégio de Santo Alexandre o padre Gaspar Misseh, com todos os sacramentos e com a assistência dos padres, entre as 5 para as 6 horas da manhã. Concorreram para seu enterro os reverendos padres das Mercês, Carmo e Santo Antônio, por ser muito conhecido e amado de todos eles; os reverendos padres de Santo Antônio o carregaram para a sepultura, e estando exposto à vista de todos na igreja se lhe fez officio de corpo presente pelas duas comunidades de Nossa senhora do Carmo e de Nossa senhora das Mercês, achando-se também presentes muitos clérigos e seculares, seus amigos e conhecidos. Enterrou-se pelos nossos, acabado o officio, na capela-mor, para a banda do Evangelho, pelas 11 horas do dia. A causa de sua morte foram umas dores que, sem lhe dar descanso nenhum, o atormentavam de dia e de noite com tão grande aperto, que, sendo pacientíssimo, o obrigavam a dar uns ai Jesus me valha, quase contínuos para o Céu.

Tinha andado com uma quebradura, havia já anos, e esta estava já tão crescida que parecia uma botija, e além desta tinha umas dores que o aleijavam de tal sorte pelos braços que não ficava senhor si. Sua

cama era um catre sem colchão e sem cobertores que prestassem, por ele mesmo o querer assim; o seu comer era o da comunidade ou uma tigela de leite que comia com farinha, achando-se algum peixinho dava-se-lhe e não havendo contentava-se com farinha, só; nunca almoçava e à noite passava muitas vezes com farinha só, e sendo criado muito mimosamente em casa de seus pais, conforme me contou, nunca em sua doença se queixava do comer, e como não tinha já dentes na boca achando-se pior do costumado, bebia apistos para se sustentar. Assim andava gemendo e sofrendo, sem nunca dar opressão ao Colégio, até uns quatro dias antes de sua morte, nos quais, tendo recebido os sacramentos, se o vigiou com grande cuidado. Coube a mim de assistir-lhe da meia-noite por diante, e neste tempo lhe leu o padre reitor Bento de Oliveira, à instância dele, a sagrada paixão de Cristo senhor Nosso, e lhe li eu muitas orações muito devotas e fiz com ele muitos atos de virtudes, principalmente teologias, com uns belos colóquios ao crucifixo que afetuosamente beijou, sempre em seu júzo perfeito; um pouco antes de morrer pediu-me lhe dissesse a *anima Christi* e que o erguêssemos um pouco; disse-lhe eu a oração e chegando aos versos *in hora mortis mea vox adjuvet me venire ad te*, desmaiou, com que lhe rezei logo o ofício de agonia, no Cabo do qual, entre os santíssimos nomes de Jesus, Maria e José, deu a alma a seu Criador, com a maior quietação e paz d'alma que se pode desejar. Começaram a chorar todos os padres e irmãos pelo sentimento de sua morte, que sem dúvida foi muito preciosa diante do acatamento divino, pois era de um grande servo seu, que trinta e sete anos o ia servindo só nesta missão, e porque eu o conheci desde menino, referi aqui um resumo brevíssimo de sua vida para que venha em conhecimento de todos.

Era o padre Gaspar Misseh natural da cidade de Luxemburgo, de pais muito honrados e muito ricos; criou-se em nossas escolas e em casa sua com muito temor de Deus e amor da Virgem Santíssima, de cuja amparação sempre foi *confessando e comungando* cada quinze dias, sendo nós sempre ambos da mesma classe, e, da mesma maneira, foi ele sempre dos primeiros assim na devoção como nos estudos, até acabar a retórica e fomos juntos acabar as humanidades. Apartamo-nos, indo ele estudar filosofia, parte em Colônia e parte em Mogúncia, e eu em Tréveris, também cidade da Alemanha. Acabado o curso, entrou o padre Gas-

par no noviciado em Tréveris, havendo eu de ter entrado antes dele se não fora um primo meu, que vindo de estudar teologia no Colégio Germanico de Roma, me aconselhou fosse com ele estudar direito em Cunanio, a mais afamada universidade que há nos estados de Sardenha. Nunca mais nos vimos depois, por entrar o padre Gaspar na Companhia, pela província renana da Alemanha e eu na Galo-Bélgica. Nos encontramos em Lisboa no ano de 1660, vindo cada um de nós de sua província, depois de termos ensinado a todos as humanidades e estudado teologia.

Vinha eu da minha província com o irmão teólogo Jacó Coelho, e o padre Gaspar da sua com o padre Teodoro Hens. De Lisboa partimos juntos para esta missão no ano de 1660, e chegamos ao Maranhão aos vinte de janeiro do ano de 1661, dia de São Sebastião. Do Maranhão viemos ao Pará, onde vivemos, já juntos, já separados, trinta e sete anos, conforme se referiu em seus lugares desta crônica; estivemos juntos no Tapará o escondemo-nos nas ilhas do Marapatá, expulsados no Pará, porém subimos e ficamos depois sempre na missão até ele morrer no Pará, levando-me seis meses na idade antes de sua morte. Era o padre Gaspar Misseh muito querido de dentro e de fora por seu bom modo e conversação em todas as matérias, e por sua muita virtude, era muito humilde e sendo grande humanista, principalmente excelente poeta, nunca se gabava do seu saber. Era tão pobre, que muitas vezes se contentava de farinha, só para não fazer gastos ao Colégio, e até quando estava doente nada pedia de cousa custosa e era sua cama um retrato de pobreza, que assaz se manifestou a todos depois de sua morte, quando viram o seu cubículo com tão pouco que ficaram pasmados. A sua castidade era angélica na qual nunca ofendeu gravemente a Deus, sendo que foi várias vezes gravemente tentado por mulheres, que pretendiam de lhe tirar aquela preciosa jóia, uma vez no Reino outra nos ingaíbas, segundo ele mesmo me referiu como amigo meu.

Sua obediência era tal que nunca recusou cousa que se lhe mandasse, por dificultosa que fosse, executando logo com muito gosto o que lhe era mandado; o seu amor de Deus e à Virgem senhora Nossa lhe era tão impresso no coração que sempre se lhes estava encomendado; o amor ao próximo e zelo das almas assaz foram vistos nos trinta e sete anos de missões mais dificultosas, com cuidantes riscos de sua vida,



pois três vezes estiveram os tapuias para lhe tirar a vida; a sua mortificação e paciência não necessitam de outra prova que o grande sofrimento que sempre teve, não somente nas grandes faltas que padecia pelas missões, mas nos seus contínuos achaques, muitas moléstias e doenças gravíssimas que teve por várias vezes; em uma palavra, era em tudo varão muito religioso e verdadeiro filho de Santo Inácio.

Estando para morrer, ouvi que dizia: senhor, mais graça e mais dores, oh! quem tivera agora muitas almas para levar consigo! E parece que Deus quis ouvi-lo nisso, porque, estando em casa um índio chamado Joanim, o qual tinha sido rapaz seu nos ingaíbas, gravemente enfermo, logo que expirou o padre foi o rapaz em seguimento dele, para o levar consigo para o Céu na hora de sua morte, tendo mandado tantos inocentes e adultos diante de si, no tempo de sua vida, por todas as missões, nas quais esteve com grande satisfação.

Falecido já o padre Gaspar Misseh no Pará, aos quatorze do mês de abril, das dores causadas provavelmente por sua grandíssima quebradura, quebrou o padre Manuel do Amaral, na roça do Jaguarari, por se estender um pouco em sua rede; veio-se para a cidade; acudiu-se-lhe com os remédios, com que, suposto se não achou são de todo, ao menos achou-se muito melhorado e o padre Manuel da Costa, disse, nasceu-lhe um lobinho, mas tirou-se-lhe.

Está a casa de Santo Alexandre da cidade de Belém um contínuo hospital de doentes desde o princípio da missão, porque a cada passo vêm enfermos de suas residências; só eu, seja Deus louvado, nunca adoeci, andando por todas as missões os trinta e sete anos que nelas estou; só me deu dois anos pouco menos para cá o achaque de fígado, que me molestou as mãos e uma perna, porém nunca me impediu de andar trabalhando e comendo com a comunidade.

Tinha-se-me posto uma frialdade nos joelhos que me impedia de fazer as genuflexões na missa; passei pela ermida de Nossa senhora de Nazaré, e, dizendo missa em honra sua, lhe pedi me livrasse; fiz as genuflexões belamente naquele tempo e alguns dias depois; mas tornaram-se-me a encaixar, de sorte que não há remédio de os sarar. Folgo muito com isso, pois é Deus servido o tenha já passante de muitos anos, com o achaque do fígado, que tenho há quatro anos, que me abrasa nesses dias o corpo todo.

No mês de março tirou-se o padre Manuel do Amaral da classe de latim do Colégio de Santo Alexandre do Grão-Pará, pondo-se em seu lugar o padre irmão Manuel Antunes, de presente padre de missa, ordenado pelo Ilustríssimo senhor Bispo Dom Timóteo, no ano 1698, e mandando-se o padre Manuel do Amaral para assistir com o irmão Manuel Lopes na fazenda de Jaguarari, onde começou a mudar as suas desconfianças costumadas em apreensões fantásticas, e virando na sua rede em que estava tomando um pouco de descanso, quebrou; mas como logo chegou para o Colégio a curar-se, curou-o Agostinho, cirurgião, e ficou são deste achaque, porém logo lhe sobreveio não sei que espécie de hipocondria ou doidice, a qual foi crescendo até dar com ele na cova, como se dirá depois.

Por este tempo, pouco, mais ou menos, esteve o padre João da Silva doente nos Abacaxizes, e o governador convalescido de suas maleitas que lá lhe tinham dado, o levou consigo para o rio da Madeira, para ter cuidado dele e tratar de sua melhoria, pois levava em seu seguimento a Francisco Potfliz, amigo de todos, e que tinha notícia das doenças e remédios delas.

O capitão-mor Hilário de Sousa, que depois de estar já melhorado de uma grande doença que lhe dera na banda da fortaleza do Macapá, quis ir ter com o governador, que ainda estava por cima, no sertão, mas como ainda não estava bem confirmado na saúde, recaiu e não melhorou mais. Melhorou por um pouco o padre João da Silva no seu sertão e o padre Antônio da Fonseca no Colégio do Pará, da doença que lhe dera no caminho quando veio para baixo; tendo deixado o padre João Justo, mandado em seu lugar, na aldeia dos tupinambaranas.

.....

## *Capítulo XIII*

CHEGA NAVIO DO REINO AO MARANHÃO,  
TRAZ BISPO PARA O ESTADO E NELE VEM  
O PADRE SUPERIOR AO PARÁ

**T**ENDO os padres do Colégio de Nossa senhora da Luz, com a assistência do padre superior da missão, José Ferreira, feito grande fruto na cidade de S. Luís, assim pela Quaresma como pelas antecedentes quarenta horas, por suas pregações e confissões, eis que no mesmo dia de Santo Antônio chegou à vista da cidade o navio do Reino com o senhor Bispo do Estado Dom Timóteo do Sacramento, com o reverendo padre frei José de Santo Antônio, ambos da sagrada ordem dos Paulistas; o foram receber com todo o zelo as religiões e os senhores da Câmara, fazendo-lhe a prática das boas-vindas o capitão Manuel da Silva Serrão, com o agrado que se esperava dele.

Feitas as cerimônias costumadas, agasalhou-se nas casas-grandes de Dona Maria de Almeida e Cáceres, dona viúva de Manuel Beckeman, que Deus haja na glória, e de sua irmã Dona Helena, mulher de Tomás Beckeman.

Não veio nele religioso nenhum da Companhia, porque o padre João Valadão, que se tinha ido ordenar, estando em Lisboa para partir, adoeceu de tal modo que não pôde vir nesta ocasião.

As fazendas que trouxe para terra foram muito poucas e estas algumas menos boas; as novas que deu foram que, dando-lhes uma trabusana junto à entrada, fora posto o mestre da nau *Aleixo* no mar, pelo ímpeto de um Cabo em que pegara e se afogara, sem haver quem lhe pudesse valer. Estas tristes novas foram moderadas com outras mais alegres, que eram estar o Reino em paz e estar a senhora Rainha com o Rei nosso senhor com boa saúde, com os senhores príncipes infantes e infanta, lindos todos e bonitos, e estar a sereníssima senhora Rainha prenhe outra vez já de quatro meses, além de outras novas que não são deste lugar.

Elegeu o senhor Bispo por seu vigário-geral o senhor licenciado José Gonçalves, bem contra vontade dele, por se achar pobre e com irmão à sua conta; porém prevaleceu a vontade de Sua Ilustríssima, que, sendo informado de sua muita virtude e inteireza de seu exemplar procedimento, achando que este posto assentava bem nele, não quis fiá-lo a outrem, dizendo que lá onde comesse sua pessoa comeria ele também; e porque se achou cansado do caminho e além disso convinha dispor primeiro os negócios do bispado da banda do Maranhão, deixou-se lá estar e ser muito amigo da Companhia e mais religiões todas.

Deus o conserve com a saúde e a vida, que este Estado requer para sua reformação, à qual tratou logo de aplicar-se, começando por alguns[...] que mandou prender, entre os quais o sr. licenciado Inácio Ferreira, o qual serviu o cargo de vigário da matriz, depois de se ter feito rebatizar por escrúpulo, sob condição, por lhe dizerem, com falsa informação, que um certo clérigo, vigário do Pará, que o batizara, estando para morrer, declarara que tinha batizado vários sem ter o requisito para os batismos.

Deteve-se esse não pouco no Maranhão, antes de partir para o Pará, e nela se embarcou o padre superior da missão José Ferreira, trazendo em sua companhia o padre Antão Gonçalves, e o irmão coadjutor Antônio Rodrigues. Aos vinte e nove de junho, dia de S. Pedro, chegou à vista da cidade de Belém, e entrou no dia seguinte, com suma alegria de todos, porque esperavam que com ele vinha o grande socorro de que necessitavam; mas trouxe tão pouco que não remediou quase nada; até o sal que trazia do Maranhão, veio nele diminuto. O Colégio de Santo Alexandre recebeu uns dez quintais de ferro, todos podres e inúteis

para obras, com tão pouco provimento das mais cousas que esperava, que ficou em miserável estado, por não mandarem os procuradores o que se lhes tinha pedido, tendo lá no Reino com que comprá-lo. Mas isto são descuidos já antigos e não há que esperar emenda senão quando se manda desta missão algum procurador, para da Corte acudir com diligência aos provimentos necessários à mesma.

Vieram-me cartas do padre Leopoldo Fues, confessor da senhora Rainha, que dizia que S. M. se encomendava muito a meus santos sacrifícios da missa, para que Deus lhe desse um parto feliz, e que me mandava muitas lembranças suas. Escreveu-me também o padre Jacó Coelho, da Bahia, que o padre Antônio Vieira com o padre José Soares viviam com alguma saúde, e estava o padre Vieira naquela sua muita ida-de limando as suas *Chaves dos Prophetas*.

A vinda do padre superior foi muito festejada de nós todos, que estávamos esperando por ele, e foram muito aceitos os seus dois companheiros, porque logo serviram para acudir às missões.

Aos dezessete do mês vieram os índios do Inhuaba pedir padre para suas festas de S. Pedro e S. Paulo, orago de sua igreja, e porque não havia quem pudesse ir naquelas circunstâncias, concedeu-lhe o Rev. Sr. padre Manuel Coelho, filho de Mariana Pinto, para acudir-lhes, como já dantes tinha acudido no tempo da Quaresma, para desobrigação das aldeias da Capitania do Cameté. Foi de grande bem aos índios essa sua ida, porque morria lá a gente de câmaras, sem confissão, e ele remediou aquela falta, detendo-se lá por todo um mês.

Chegou por aquele tempo o padre João Maria, dos Tapajós, e trouxe as novas da tomada da fortaleza de Macapá, do que já se tem falado em capítulos atrás, e como o governador ainda estava no Gurupá, onde morrera o capitão-mor Hilário de Sousa, e ali recebeu as novas da perda das fortalezas ambas, pediu socorro de munição e soldado, e a mandou logo o sargento-mor com quarenta soldados, dos quais em parte se valeu o governador para mandá-los a Francisco de Sousa Fundão, incumbido da restauração das fortalezas perdidas.

Dia de S. João, chegou o corpo morto do capitão-mor Hilário de Sousa, que foi enterrado em S. José, com a solenidade acima referida, e logo depois chegou o padre João da Silva, missionário dos Abacaxizes, doente, para convalescer no Pará. Aos treze de junho, veio o padre

Antônio Vaz com os braços caídos, por beber de noite um púcaro de água fria, estando encalmado, em sua residência de Xingu.

Tratou logo o padre reitor Bento de Oliveira de sua cura e vai-se já melhorando com o remédio que lhe aplicou Francisco Potfliz. Contou-me ele todo o sucesso da descida dos índios muruãs, que fizera Baltasar Furtado para o Cametá, sendo pertencentes à residência de Xingu, do que já fiz menção atrás; e como, estando pelas Ave Marias, de noite, as portas da igreja fechadas, botara um rapaz uma mão pela janela dentro, e dando com um corpo palpável, lhe dera parte do que se passava, e ele, achando-se outros presentes, lhe perguntara quem era e que era o que queria, respondera-lhe há ixé, e que pedia missas, depois das quais ditas, não aparecera mais.

No mesmo mês de junho, chegou também o padre João Ângelo, dos Bocas; vieram o padre superior e o padre José Barreiros doente de sua missão dos Maraguazes, cujas terras até os próprios índios naturais delas confessam serem muito doentias.

Convalesceu logo o padre João da Silva, e foi-se acudir à aldeia de Miribira com os Sacramentos, desobrigando uns que tinham andado divertidos em trabalhos, sem terem lugar de tratar de sua obrigação, e casando outros que andavam mal encaminhados por sua própria maldade.

.....

## *Capítulo XIV*

RELATAM-SE OS VÁRIOS SUCESSOS DOS MESES  
DE JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

**P**ELOS dez de julho, restaurou-se a fortaleza do Macapá pelo muito valor de Francisco de Sousa Fundão, como dito fica em cima, para irem as relações mais unidas do que neste capítulo, onde se faz menção do tempo delas. Vieram uns índios fugidos de Caiena para sua aldeia de Mortigura, os quais deram por nova que o Marquês de Ferroles, governador daquela praça, mandara uma fragata com soldados, peças e munições para prover Macapá; outros quiseram dizer que na volta para Caiena lhe dera a pororoca, que lhe fizera perder quatro canoas; mas tudo foi falso, e o certo é que até agora não há novas dos franceses, e ficou o nosso governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho muito acreditado pelo valor de Francisco de Sousa Fundão, que por ordem sua foi restaurar aquela fortaleza e a restaurou com tão admirável e ditoso sucesso, que basta para acreditar não só a ele mas também as armas da invencível Coroa de Portugal.

O navio que tinha vindo com a pouca carga do Reino, carregou no Maranhão e Pará açúcar, tabacos e sobretudo cravo e cacau, até não poder mais, deixando em terra carga para outros dois navios, que

podiam ter vindo, se, como dizem os que tudo querem julgar, a cobiça de alguns particulares não impedir ao bem comum.

Véspera de nosso Santo Patriarca, partiu o padre superior da missão e pregou em sua festa o padre reitor Bento de Oliveira, e fez o padre João da Silva sua profissão.

Dia de Nossa senhora das Neves, fizeram os dois noviços Bartolomeu Rodrigues, cursista, e Domingos Gonçalves seus votos de devoção na missa, que por ordem do padre reitor, lhes disse eu, por ser seu mestre.

Publicou-se a visita do padre Antônio Vieira no refeitório, por ordem do padre superior, com outra visita particular ao Colégio, e dele fui constituído par seu admonitor e juntamente admonitor do padre reitor.

Aos 10 de agosto partiu o padre Antônio da Fonseca, já melhorado de sua doença, para a missão de Xingu, no lugar do padre Antônio Vaz, que ficou ainda para convalescer, foi sozinho sem companheiro, pouco depois partiu também o padre João Maria para os Tapajós, levando por companheiro o irmão Geraldo Ribeiro, tendo partido dantes o padre João da Silva, com o irmão Antônio Rodrigues para sua missão dos Abacaxizes com ânimo de mandar de lá para baixo um tapahumo José Lopes, que lá tinha como feitor de seus negócios o capitão-mor Hilário de Sousa, que Deus tem, e mais um outro pertencente ao capitão-mor Manuel Guedes Aranha, por não serem lá de nenhum proveito.

Aos treze deste mês vieram duas canoas com soldados do Macapá, e o capitão Francisco de Sousa Fundão foi arrastando a bandeira dos franceses para o palácio, onde lhe foi mandada arvorar geneta de capitão pelo governador, e foram mandadas duas canoas de índios forros do sertão para irem habitar junto à vila de Icatu, no Maranhão, na missão do missionário dos rios Tapicuru e Muni, assim como poucos dantes tinham sido mandados outros do sertão do Maranhão para a ilha do Joanes.

Aos quinze de agosto, dia da Assunção da Virgem senhora Nossa, fez o padre Antônio Gonçalves sua profissão de quatro votos, e o padre Antônio da Silva seus últimos votos.



Mandou também o governador repor uns índios maraguazes, que se tinham levado, como às furtadelas, da missão do padre José Barreiros, para se porem em sua liberdade, nas aldeias d'el-Rei, pelo seu missionário, a quem se mandaram entregar.

Chegou também o padre João Justo aos vinte sete, dos Tupinambaranas, com umas vertigens tão terríveis, que, estando no Pará, aos oito de setembro ainda não se pôde livrar delas.

Ninguém se espante virem todos missionários de riba doentes, para baixo, porque são aqueles sertões mui doentios, principalmente para aqueles que lá vão pela primeira vez, e temos de dar muitas graças a Deus não nos morrerem lá como morreram, pouco tempo há, uns missionários dos reverendos padres Piedosos, vindos novamente do Reino de Portugal.

O padre superior da missão fez sua primeira visita sem adoeecer, porque foi como de corrida e não fez detença senão o tempo necessário para visitar as residências, navegando o mais tempo pelo rio, e assim não lhe fizeram dano os maus ares dos sertões, porque quem não se detém ali raras vezes adocece, e se adoecem os padres missionários é que forçosamente estão permanentes naquelas suas residências pouco sadias.

Aos dois de setembro, faleceu Maria de Siqueira, mulher do Capitão-Mor Hilário de Sousa, o qual estabeleceu os reverendos padres missionários em S. José, onde ela se enterrou, como dito fica.

Dias há que o padre superior da missão está em Mamaiacu, acudindo com o padre Antônio da Cunha, missionário dos Tupinambás, aos doentes de câmaras e sarampos, que lá vão dando na gente, principalmente nos Maraguazes, e já levou alguns dos melhores de todos eles.

Veio nova do Cumaru, vila da Capitania de Cameté, que aquele mal de sarampo tinha lá dado no mês passado, e havia dia em que se iam enterrando dez para doze defuntos dele e de câmaras de sangue, sem se lhes poder valer por quantas mezinhas se lhes apliquem.

Estivemos este ano e mais o passado com a peste das bexigas, sarampos e câmaras de sangue, e com a fome juntamente; ajuntou-se-lhes a guerra de Macapá, receamos continuem os franceses, cujo brio não há de poder sofrer de se verem vencidos pela restauração das fortalezas que nos tinham tomado.

Aos nove deste, vieram novas certas ao Colégio por um morador Agostinho, cirurgião desta cidade de Belém, vindo da fortaleza do Gurupá, que o padre Antônio da Silva estava muito mal em sua missão dos ingaíbas, onde houve muitos doentes a que acudir, mas que melhorara de uma purga que lhe dera, com que ficara purgando três dias por ter comido uma talhada de melancia fora de tempo, e depois se achara melhorado de tudo para poder correr suas aldeias com seu costumado zelo; acrescentou que os dois padres que tinham partido havia semanas para suas missões, a saber, Antônio da Fonseca para Xingu, e João da Silva para a dos Abacaxizes, tinham se detido forçosamente em a residência de Uaricuru dos Ingaíbas, por lhes adoecerem todos os seus remeiros, mas que o padre Antônio da Fonseca se fora com bem poucos mal convalescidos, continuando sua viagem que era para mais perto, e que o padre João da Silva partira mais tarde, por não melhorarem os seus senão com mais vagar. Soube também no mesmo dia do padre José Barreiros e logo do padre Antão Gonçalves um caso que a este acontecera em o mês passado, tendo sido mandado suprir as ausências do padre Miguel Antunes, missionário da aldeia de Mortigura.

Tinham sido mandados uns poucos de índios novos, muruãs de nação, para fornecimento daquela aldeia, e aconteceu que, adoecendo aqueles logo, uns de catarro, outros de sarampo, os fora o padre Antão Gonçalves instruindo para os poder batizar, ao menos em necessidade, em aqueles apertos tão perigosos; um mancebo, entre os mais que se instruía, mostrava grande desejo de ser batizado, e um dia, vendo-o os parentes desfalecido, foram logo fazer-lhe a cova para o enterrar, sem dar parte ao padre senão depois, porém, como sobreveio a noite, não fizeram mais que metê-lo na cova, sem o cobrir de terra, reservando esta diligência para o dia seguinte; neste, ao romper do dia, foram-se com tenção de acabar de o enterrar, mas como tinha chovido muita água a noite passada, quando chegaram à sepultura ouviram que o sepultado tiritava de frio, pela muita chuva que o resfriara e espertara, com que o tiraram da cova todo enlameado, e assentaram-no junto a ela, com tenção de enterrá-lo quando expirasse; e pela providência de Deus, tendo o padre este índio já por morto e sepultado, indo pela aldeia a visitar os mais doentes, lhe disseram fosse ver também um outro que estava morrendo; foi-se com os que lhe tinham dado o aviso e achou era o mancebo que

cuidava já estar morto e enterrado, conforme lhe tinham dito os parentes; chegou-se logo para ele e tornando-lhe brevemente a fazer os atos necessários para receber o santo batismo, e perguntando-lhe se queria ser filho de Deus, respondeu que sim, e fazendo forças da fraqueza mortal em que se achava, ergueu-se um pouco e assentado recebeu o Sacramento e logo faleceu e enterrou-se em sagrado. Fica este sucesso para ensino dos missionários, a fim de que não dêem logo crédito aos índios, principalmente aos novos, quando dizem que faleceu algum, porque tomam muitas vezes os desmaios por falecimentos, e assim desmaiados enterram vivos se não há quem lhes vá à mão.

.....

## *Capítulo XV*

### RELATAM-SE UNS CASOS ACONTECIDOS PARA BANDA DO GRÃO-PARÁ

**T**ENDO o padre superior José Ferreira ido visitar a nossa roça de Mamaiacu, achou lá os maraguazes mui maltratados de umas doenças que andavam, assim na roça como na aldeia dos tupinambás, e tiravam a vida a muitos, com que, por sua muita caridade, se deteve para ninguém morrer sem os Sacramentos da Igreja, que é o maior bem que se pode fazer a estes miseráveis índios naquelas ocasiões.

Ora, aconteceu por aquele tempo que, indo ele com o padre Antônio da Cunha visitar os tupinambás, chegou a perigar um deles mortalmente; acudiu-lhe logo o padre Antônio da Cunha, como seu missionário, perito na sua língua, e depois de o ter bem disposto com os atos necessários, o confessou até ficar bem satisfeito de sua confissão, com que o absolveu de suas culpas; acabada, pois, a confissão, disse-lhe: Filho, já estás bem confessado, resta agora que recebas o senhor e depois disso a santa Extrema-Unção; ao que respondeu o índio: Sim, padre, ao senhor receberei, mas a santa Extrema-Unção não, porque esta é que mata.

Tratou o padre Antônio da Cunha de lhe tirar da cabeça esta falsa presunção, mas como viu que se cansava debalde, mandou avisar ao padre superior José Ferreira, para que viesse ver se com sua autoridade podia induzir o índio para que recebesse a santa Unção; veio ele, mas nada foi bastante para o índio largar a presunção errada em que estava; chamaram os parentes para o mesmo fim, mas nem eles o puderam dissuadir, ficando sempre fixo no que uma vez tinha dito, a saber, que ao senhor receberia com muita vontade, mas não a santa Unção que o acabaria de matar; e assim, no mais bem disposto, faleceu, como se espera, *in domino*, por não pecar por maldade, mas por presunção tola de índios mui ignorantes e grosseiros. Nem há que espantar ter-se achado isso em um índio agreste, quando ouvi ter acontecido na cidade de Roma, cabeça do mundo, em homem bem ladino, e foi o caso que, estando para morrer um criado da casa do padre Pero Luís, como ele mesmo me contou, nunca se lhe pôde persuadir que, recebidos os mais sacramentos, também recebesse o da santa Unção, e, perguntado pela razão, respondeu que ela o fazia escorregar muito para a sepultura. Este homem convalesceu de sua doença, mas podia-se pôr em questão se perderia por isso morrendo assim, e deve-se responder que não, porque não houve desprezo do Sacramento que só faz pecar mortalmente a quem o não quer receber, e se esta resposta vale por um homem branco muito ladino como são os romanos, muito mais vale para um índio tupinambá ainda selvagem, que por sua muita ignorância se tinha metido na cabeça que a santa Unção matava aos que a recebiam.

Outro sucesso foi que, tendo ido o irmão Domingos Macedo, que de presente é padre, a mandado do padre reitor Bento de Oliveira, para as tartarugas, que de setembro por diante se apanham pelo rio Tocantins para riba, pouco mais ou menos defronte da residência de Inhuaba, ouviu uns gritos para banda da fazenda de nossa irmã Maria da Rocha, donde, entrando em suspeita que porventura teriam dado nela os tapuias ou índios selvagens do mato, com isso mandou logo dar urros a toda a sua gente que eram umas 18 para 20 pessoas, e, feito isso, chegar a canoa grande em que andava para o porto e saltar em terra consigo, para acudir aquela viúva honrada, que vive com umas oito mulheres, as quais sustenta como mãe, pelo amor de Deus, em sua casa, até lhes poder dar estado. Valeu tanto esta sabida feita em terra que, em

aparecendo o irmão com os nossos índios, parte tupinambazes, parte maraguazes, todos filhos de nações guerreiras, logo se afastaram para longe, tendo já morto uns e ferido outros escravos da fazenda, havendo provavelmente de acabar a todos se a divina providência não acudira com este tão propício auxílio a esta serva sua, livrando-a por este meio de uma morte cruel, que estes bárbaros haviam de ter dado a ela e às mulheres que a acompanhavam, e mais a toda sua gente, que chegaria ao número de umas 50 pessoas, que, por sua morte, deixou por testamento aos reverendos padres de Nossa senhora das Mercês.

Verdade seja que lá morava um homem branco ou dois, com suas famílias, que com suas espingardas e mais armas podiam ter feito alguma resistência, porém como este assalto foi dado de súbito e em lugar onde menos se podia reçar, deu tanto medo a todos que ficaram sem se poder dar a conselho. Retirados pois os bárbaros por se verem descobertos, embarcou o irmão na sua canoa grande, que ia vazia, para riba à Maria da Rocha, com todas as mulheres brancas e outras mais fracas, para banda de Inhuaba, onde as deixou agasalhadas dos índios seus compadres e conhecidos; e feito isso se foi ter com Antônio de Carvalho, capitão-mor da Capitania, o qual o agasalhou com muita caridade, até lhe ter vindo ordem do padre reitor que, sem embargo desses bárbaros que por ali andavam pelo mato, se fosse para riba, as tartarugas, como fez, diligenciando umas trezentas, com que se veio para baixo, tendo vindo outros com uma dúzia, outros com menos e outros nada, por não saírem tartarugas naquele ano, mas nem a estas trezentas trouxe aquele ano sem risco, porque ou bem os tapuias, que tinham aparecido na roça de Maria da Rocha, ou outro andavam pelos matos, buscando ocasião de lhes dar a ele e a sua gente toda.

Descobriu-se isso por um índio, Bernardo, da roça de Jaguarari, o qual, tendo-se metido pelo mato dentro com seu arco e flecha, descobriu uma espia dos bárbaros que, retirada por detrás de uma arvore, lhe atirou logo, e o havia de matar se não evitara destramente o tiro; com que foi-se o nosso Bernardo recuando pouco a pouco com seu arco e suas taquaras na mão até levar o bárbaro mais para fora do embosque das árvores, e então, fazendo-lhe testa, lhe atirou duas taquaradas que ele recebeu sem dano na rodela que levava, porém atirando-lhe tão distraidamente a última que lhe sobejava que levantando o bárbaro a

rodela deu lugar de feri-lo pelo sovaco, com que calhou, dando gritos aos seus que lhe acudissem, e ao nosso Bernardo de se retirar para nossa gente, que estava na praia com o irmão, aos quais referiu todo o sucesso. Não foi necessário mais para os valentes maraguazes, que logo quiseram ir em sua companhia, em seguimento dos mais para os acabar a todos; foram-se com suas armas pelo mato dentro, mas não acharam já ninguém senão o corpo morto do bárbaro, que o medo dos seus tinha feito desamparar até outra ocasião mais acomodada e segura. Logo que o capitão-mor soube o que sucedera mandou uns quarenta índios atrás dos bárbaros, mas não acharam senão o rasto deles, e como não tinham ordem de se aventurar até dar com eles, voltaram para suas casas, deixando os moradores do rio dos Tocantins, com grandes e contínuos medos de algum sobressalto desastrado. O que lhes importa é andarem sempre com muita cautela para não ficarem mortos por aqueles tapuias, que já mataram muitos dos brancos.

.....

## *Capítulo XVI*

POR ORDEM DO PADRE REITOR BENTO DE OLIVEIRA  
EXAMINEI O CATIVEIRO DE MUITOS ÍNDIOS,  
OS QUAIS DEI POR FORROS, DANDO ELE O  
SANTO BATISMO A MUITOS MENINOS E MENINAS  
DE MENOS DE SETE ANOS DE IDADE

**T**INHAM o capitão-mor Hilário de Sousa e Maria de Siqueira, sua mulher, deixado por sua morte quantidade de gente na sua roça com declaração que se não vendessem; o governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, com seu ouvidor-geral do Estado, Mateus Dias da Costa, para atalhar murmurações e dúvidas que podia haver sobre esta matéria, mandou pelos conventos quantidade deles, para se examinarem sobre seu cativo e liberdade.

Aos 18 de setembro deste ano, 1697, vieram por ordem do ouvidor-geral, dois dos que estavam na rocinha (como achavam os defuntos) de S. José. Chamou-me o padre reitor Bento de Oliveira, mandando-me que os examinasse; fi-lo eu, com toda a diligência, como o negócio requeria e achei que alguns deles eram conhecidamente forros e deixados por tais, e outros, pela maior parte, forros por faltar causa bastante de sua escravidão, e por isso declarei que, a meu ver, eram forros todos, tirado um só que não pude averiguar, por não haver bastante cla-



reza nem por uma nem por outra parte, do que fiz menção no rol dos por mim examinados, que remeti ao ouvidor-geral com o meu parecer; e ele, tendo-os declarado por forros, mandou-os ao governador, o qual ordenou que fossem levados para a aldeia do rio Guamá, tirados uns poucos que tinham sido trazidos de riba como remeiros, ou tinham vindo espontaneamente por outra razão, que a todos esses deixou voltar para suas aldeias, se quisessem.

Outro lote mandou também o governador ao padre reitor Bento de Oliveira, no qual havia uns dezoito entre meninos e meninas, todos para se averiguar o seu cativoiro, e entregou a ele para que eu os examinasse, conforme se costuma de examinar os que se oferecem por escravos nos sertões. Fiz-lhes eu a todos as perguntas costumadas com a toda a exação e também achei que estes eram forros, tirada uma peça de língua travada, que, por falta de intérprete, ficou assim até que, depois de crescida e versada já na língua geral, houvesse modo de poder vir em notícia de sua condição e estado. Os meninos e as meninas, como eram todos de cinco para seis anos, e outros de seis para sete, como parecia, mandou-me o padre reitor ensinar brevemente os artigos principais da nossa santa fé, com os atos necessários para receberem o santo batismo; porque, suposto que bastava menos para eles, por serem de tão pouca idade, sem embargo disso, para se fazer tudo no modo mais conveniente, não quisemos que faltasse cousa alguma que pudesse requerer o mais escrupuloso para ser valioso seu batismo, não só na essência, mas também no efeito, até nos sobre os quais havia alguma dúvida se já passavam a idade dos sete anos, e assim já teriam obrigação para mais.

Quis o padre reitor Bento de Oliveira batizá-los, ele só a todos, dando cada um de seus cursistas comigo o nome a seu afilhado ou afilhada, por não haver outros que os pudessem ter naquelas circunstâncias; a estes também mandou o governador para a aldeia do rio Guamá, a qual está à conta do padre Miguel Antunes, missionário de Mortigura, que, com seu companheiro, vai visitá-los de tempo em tempo, para enviá-los e administrar-lhes o Sacramento. Já lá devem de estar com os que trouxeram depois Manuel de Passos e outros, até duzentas almas.

Não lhes assistiu até o presente missionário nenhum, porque foram sempre poucos e estes continuamente divertidos em trabalhos, além do que o sítio em que estão é muito faminto e falta de peixe. Fa-

lou-se em mudar a aldeia mais para riba, para o rio do Capim, onde há fartura de tudo, e onde pode assentar-se uma aldeia muito bastante para lhe assistir algum missionário nosso, por ser todo esse distrito sujeito, no tocante aos índios forros d'el-Rei, a nosso mando. Enquanto se não fizer isto, devem-se armar os missionários de muita paciência quando vão visitar aquela missão, porque se não levarem com que passar, eles e seus remeiros sofrerão muito boas fomes. Boa testemunha disso é o irmão Antônio Afonso, que por caridade veio acompanhar o padre reitor Bento de Oliveira, quando no ano 1693 veio do Reino, por superior da missão, porque esse bom irmão, depois de servir no Colégio do Pará de despenseiro e acompanhar o padre José Ferreira para o sertão, foi mandado do padre superior, já por algumas vezes, a Mortigura, para companheiro do padre Miguel Antunes, com o qual já foi à aldeia do Guamá, onde viu e experimentou as faltas daquele lugar.

.....

## *Capítulo XVII*

DÁ-SE CONTA DA DIFERENÇA QUE HOUE COM  
ANTÔNIO DE CARVALHO, CAPITÃO-MOR DA  
CAPITANIA DO CAMETÁ, SOBRE OS  
VINTE E CINCO CASAIS QUE EL-REI MANDA DAR  
AOS MISSIONÁRIOS DAS ALDEIAS PARA SEU MANEIO

**P**ARA não ficarem as aldeais da Capitania do Cameté mais tempo sem missionário, foram mandados para lá os padres Antônio Gonçalves e José Barreiros, este para assistir na residência de S. Pedro e S. Paulo em Inhuaba, aquele para voltar para a cidade, depois de ter tomado algum divertimento.

Foram-se na canoa grande e nova de piquiá verdadeiro, que tinha feito fazer quando lá assisti; acharam a casa e igreja mui maltratadas pelas chuvas, por se não ter acudido a tempo a consertar o teto; foram a Parijó falar ao capitão-mor Antônio de Carvalho para que lhe tornasse a dar os seus vinte e cinco casais de índios, que por ordem do Rei tinham tido os padres antecessores seus imediatos. Disse-lhes ele que não havia de dar daí por diante tais índios, alegando por desculpa que tinham morrido muitos pelas bexigas, sarampos e outras doenças, que o governador mandara dar quarenta para correrem a costa do Cabo do Norte e finalmente que ele não tinha obrigação de dá-los, nem a lei de Sua Ma-

jestade se entendia com a Capitania do Cametá, não mais que com a do Caeté, e se quisessem ter os dez ou doze índios que se davam ao padre João Carlos, que lá assistia por missionário, se daria, e não havia de dar mais, porquanto tinha carta do Rei que eximia aquela Capitania, como eximia a do Caeté; em prova e confirmação do seu dito mostrou aos padres a carta que não era mais que um traslado da do Caeté. Ouviram os padres com muita prudência e cortesia com ele, e responderam-lhe que a resolução desta diferença não lhes tocava, mais pertencia ao superior da missão, a quem dariam parte de tudo, para ele dispor conforme lhe parecesse.

Neste ínterim, visitou o padre superior José Ferreira a classe do latim que há no Colégio e a aula do curso, e houve conclusões com muito concurso no corpo da igreja, como se costuma em todas as religiões deste Estado.

O padre reitor, mestre do curso, presidiu admiravelmente bem, argumentaram religiosos, clérigos e o padre superior, como mestre consumado nas artes, e eu, como velho de setenta anos com cinqüenta e quatro depois de me graduar em Tréveris, cidade da Alemanha, pela festa dos Santos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, no ano 1644; os defendentes nossos, assim desta como de outra vez, a saber, os irmãos Lourenço Homem e Sebastião Pereira, responderam com satisfação, e as lições foram quais costumam ser as que eu ouvi no Reino.

Acabado isso, partiu o padre superior para riba, levando em sua companhia o irmão Antônio Afonso; chegado à residência de Inhuaba, depois de ver o lastimoso estado a que ela tinha chegado, foi-se com os padres a Parijó; lá falou com o capitão-mor Antônio de Carvalho sobre os vinte e um remeiros que o Rei nos mandara dar. Respondeu-lhe, na mesma forma, que tinha respondido já dantes aos padres, e suposto que o padre superior o acometeu com bom partido, persistiu na sua resolução, dando alguma culpa ao padre João Justo; e tudo isso depois de ter o padre superior falado com o governador, e ele dito mandara a seu irmão que os desse. Nesse mesmo tempo os escrúpulos reduziram o padre Manuel do Amaral ao termo de louco, de sorte que o padre reitor o mandou fechar no cubículo. Deu-se posse aos reverendos padres Piedosos da ermida e casas de São José, conforme a deixa do testamento do capitão-mor Hilário de Sousa e sua mulher Maria de Siqueira.

Examinaram-se os cursistas, sendo os examinadores o padre reitor, eu, o padre João Justo que já tinha vindo doente de vertigens dos Tupinambaranas, e o padre Miguel Antunes, missionário de Mortigura; responderam os examinados de sorte que parecia tinham estudado nas universidades da Europa, e se bem mostraram uns, melhor habilidade que os outros, contudo não houve nenhum que não passasse a mediedade, e muitos deles com laude ou dúplice laude.

Chegado que foi o padre superior aos Bocas, missão do padre João Ângelo, que lá assiste sem companheiro, achou-o com casas belamente feitas por traça nova, e com as madeiras cortadas todas para a igreja, a qual, na volta para baixo, achou toda acabada e muito linda. Escreveu de lá ao padre reitor Bento de Oliveira, dando-lhe parte de como o capitão-mor persistia obstinadamente em não querer dar os vinte e cinco índios que o Rei mandava dar aos missionários das aldeias sitas fora de trinta léguas da cidade, e mandou juntamente uma petição para se oferecer ao governador, pedindo-lhe que, pela obrigação de seu cargo, acudisse, e, quando não, se retirariam os missionários do Cameté.

Ofereceu o padre reitor a petição, a qual não quis o governador despachar, dizendo escreveria a seu irmão Antônio de Carvalho, como fez; porém como não resultou nada do que se tinha pedido nem ainda depois de lhe eu falar por ordem do padre reitor ausente, mandou ele retirar-se ao padre José Barreiros com tudo quanto nos pertencia em ambas as aldeias.

Sentiu o capitão-mor muito esta resolução e muito mais que ele o governador, mas deu-se-lhe execução à risca e veio o padre José Barreiros, trazendo, entre outras cousas da igreja de Inhuaba, uma imagem de Nossa senhora do Socorro, que eu tinha pintado, assistindo lá por missionário, e que tinha livrado a aldeia da praga das bexigas, conforme o parecer de todos. Folguei infinito com a vista da senhora, que por ter sido pintada com tinta da terra já se ia desfazendo; mas eu logo a tornei a pintar com tinta do Reino, de maneira que sem eu ser pintor saiu muito linda e agradável aos olhos de todos.

Enquanto se passaram essas cousas, veio do Maranhão o reverendo senhor padre João Rodrigues Calhau, de parte do senhor bispo, por vigário da vara, juiz dos resíduos, e o reverendo padre frei José Paulista, companheiro de sua Ilustríssima; mandaram-se prender uns pou-

cos de clérigos, um para irem dar conta de si ao Maranhão diante do senhor bispo, outros ficando cá presos em suas casas. Voltou, entretanto, o padre José Ferreira, superior da missão, de sua visita das aldeias de riba, e logo tratou de passar para o Maranhão, sem ter podido concluir ajuste entre ele e Antônio de Carvalho, capitão-mor, acerca da missão do Cameté. Tinham pedido ele e o padre reitor a quem, como governador, tocava mandar pôr em execução as leis reais sobre esta matéria, porém respondia ele que se não podia intrometer, por lhe ser proibido entender com os capitães-mores dos donatários, e muito menos lhe tocava isso, por ter vindo do Reino uma carta do mesmo teor da que havia sobre a Capitania do Caeté. Chegou entretanto Antônio de Carvalho, capitão-mor do Cameté, aos vinte e um de janeiro deste ano 1698, cujas ditosas entradas preguei em nossa igreja; fui visitá-lo em palácio, onde só tinha agasalhado com o governador, seu irmão, e pagando-me ele a visita, como lhe tratei no negócio da missão do Cameté, respondeu que se eu lá estivera nunca havia de haver tido mudança, mas como o padre João Justo ficara em meu lugar e não se dera bem com ele, houve todas aquelas diferenças, e que ele não havia já de dar mais os vinte e cinco remeiros que estavam tirados e eram necessários para irem com os mais para acudir a fortaleza de Macapá, no Cabo do Norte e mais necessidades urgentes, que por então não faltavam, pelo medo que estávamos dos franceses.

O mesmo respondeu ao padre reitor, dizendo-lhe resolutamente que não havia de dar os vinte e cinco índios e daria disso conta ao Rei, que o castigaria, se o merecesse. Já o padre superior se tinha ido para o Maranhão sem se conchavar com o governador, que lhe tinha pedido um padre missionário para o Cameté, persistindo ele em que daria logo que lhe concedessem os vinte e cinco remeiros marcados pela lei. Tinham ficado para ir com outra canoa os padres João Justo e Antônio Vaz, aleijado de um braço, como foram depois na em que os padres João de Avelar e Manuel Rabelo tinham vindo do Maranhão.

Finalmente, como Deus Nosso senhor sempre acode nos maiores apertos, estando o padre reitor Bento de Oliveira quase sem esperanças de cobrarmos mais a missão do Cameté, eis que tendo falado Pero da Silva, homem honrado e amicíssimo nosso, ao governador sobre essa matéria, mandou dizer-lhe que lá estavam os vinte e cinco índios

e os mais que quisesse, com que logo nos vinte sete de janeiro, dia de S. João Crisóstomo, mandou para a residência de Inhuaba ao padre José Barreiros, ao qual entreguei o painel de Nossa senhora do Socorro, que eu tinha já acabado de pintar com tinta do Reino, para se repor donde se tinha tirado. Foi-se o padre Barreiros e como achou a casa e igreja da residência muito maltratada das contínuas chuvas deste ano, resolveu-se de assistir na aldeia de Parijó, perto do capitão-mor, o qual, para ficarem os índios mais unidos e melhor destinados, mandara ordem a Inhuaba, se mudassem todos para Parijó, obrigando a isso, à força, a alguns que não se queriam mudar.

Com isso mandou o padre José Barreiros tudo o que tinha em Inhuaba para Parijó, fazendo lá residência com muito agrado do capitão-mor e de todos e para que se não arruinasse a bela igreja e casa que tínhamos ali, a deu a Maria da Rocha, nossa irmã, para ela morar lá com toda sua gente; algumas cousas tive, de lá, como o belo painel de Nossa senhora do Socorro, o qual pus no altar de sua igreja de Parijó, em lugar de outro maior, mas menos belo, que lá estava, pondo-o na sacristia.

.....

## *Capítulo XVIII*

### O QUE SE PASSOU ATÉ O MÊS DE MARÇO NO PARÁ E MARANHÃO

**E**M ambas as Capitâneas se fizeram as quarenta horas, e preguei a Quaresma com grande concurso e fruto das almas. Foi o irmão mestre Manuel Antunes ordenar-se no Maranhão, onde tomou ordens com o irmão Domingos Macedo, e vieram de ir ambos outra vez para o Pará. De uma e outra banda tiveram os pobres índios muito padecer no grande trabalho em que os empregaram em fortificar ambas as cidades, e fazer uns redutos contra o inimigo, que por ocasião da fortaleza de Macapá restaurada se estava temendo. Na cidade do Maranhão fez o capitão-mor João Duarte Franco construir ao pé da ribanceira uma obra de pouca dura, mas de grande trabalho para os índios e índias das aldeias, que também tenha feito vir, para ajudarem na dita obra, mas como isto era com prejuízo do bem espiritual delas, por ser causa de andarem amancebadas com os brancos, que as levavam para cumprimento de seus danados apetites, mandou-as o padre reitor Antônio Coelho retirar-se para suas aldeias, sem embargo das pretensões do capitão-mor. Na cidade do Pará fez-se uma bela paliçada de pau cupaúba, desde o forte até o convento das Mercês, fazendo-se belos redutos, um diante do senado da Câmara, e outro junto ao convento dito, dispondo-se por



ambas as bandas suas peças cavalgadas em carretas novas, o que também se fez na fortaleza da cidade, que se foi consertando de novo, fazendo-se mais um fortzinho armado sobre madeiras, em cruzilhas com suas peças, à custa de José d'Eça, o qual premiado de um bastão de capitão das trincheiras com esperanças de ser provido d'el-Rei um posto maior, gastou aí sua fazenda, que lhe veio com o casamento de sua segunda mulher.

Mandou o governador uns índios aruãs por perniciosos na costa do norte, por serem muito amigos do inimigo, para o Maranhão e uns araras para o Guamá.

O padre João da Silva, missionário, mandou à custa de sua residência canoas para descerem uns teirozes do Cabo do Norte para Arapiripucu, com beneplácito do governador e dos reverendos padres de Santo Antônio, a cuja jurisdição estava sujeita a dita nação, porque, dando-se-lhes parte do que se pretendia fazer, responderam que não só estavam contentes, mas dariam ajuda de custo para a dita empresa, sendo necessário. Já chegaram uns cento e noventa deles, se estão esperando outros mais; todos se meteram com seus parentes em Arapiripucu por ser aldeia mais farta, e poder-lhes acudir o padre missionário dos ingáibas com mais facilidade, como fez por agora o padre Antônio Gonçalves, que está lá com o irmão[...] enquanto o padre Antônio da Silva se está curando no colégio de uma indignação do estômago.

Aos 17 de abril foi o padre reitor Bento de Oliveira, com o escrivão público das notas, e outros homens brancos, tomar posse da doação da gente que Francisco Rodrigues fez ao Colégio de S. Alexandre, e aos 27 do mesmo tomou também posse da renúncia que fez da administração que se tinha reservado para toda sua vida. Como este morador é insigne benfeitor nosso, bem será que eu me alargue em escrever quem ele é, e como chegou a fazer esta tão prodigiosa esmola.

É Francisco Rodrigues português de nação, natural de[...] Foram seus pais gente limpa e honrada, que, em breves anos faleceram, deixando-o órfão, com que, sendo moço, serviu de pajem ao Conde de[...] seguindo-o a cavalo nos exércitos no tempo da guerra contra Castela, onde se achou em várias batalhas; mas como viu que tudo isso lhe rendia muito pouco para granjear sua vida, meteu-se a aprender o ofício de carapina e calafate na ribeira das naus, e logo que soube os seus ofici-

os andou nas viagens de Lisboa para o Brasil e depois para o Maranhão, ganhando com o suor de seu rosto o que lhe era necessário para passar honradamente sua vida, chegou ao Maranhão, sendo eu superior da missão, pelo ano de 1673 ou 74, e como se sentiu chamado para a Companhia, declarou o seu intento ao padre Salvador do Vale, por então missionário de Mortigura, o qual vendo seus bons procedimentos o agasalhou primeiro consigo na sua residência, e me falou nele, mas como para maior experiência convinha deferir sua admissão, ficou assim até eu ir como reitor ao Maranhão, vir o padre Francisco Veloso para reitor do Pará, e o padre Pero Luís Gonsalvi suceder-me no superiorado. Nesse tempo, pretendeu com mais instância a Companhia, para a qual, vistas as boas informações que tinha, foi admitido; porém como Deus Nosso senhor por sua divina providência, o ia encaminhando para o bem, que havia depois de fazer, permitiu que saísse do noviciado e feito outra vez leigo servisse por caridade ao padre reitor Francisco Veloso na roça de Jaguarari, onde lhe fez moenda para moer cana e muitas viagens para o cravo, e cacau sem nunca pedir um vintém para seu gasto, mas vestindo-se e aviando-se sempre, por alguns anos, do dinheiro que tinha ganhado dantes em seu ofício.

Soube de seus bons procedimentos uma honrada viúva que tinha suas peças e limpeza de casa muito boa e bastante, e como nestas terras mal podem as mulheres governar fazendas, mandou-lhe falar em casamento consigo; ele, como conhecia que era mulher já de idade e de muito boa fama, contraiu matrimônio com ela *in facie ecclesiae*, e como ele mesmo me contou viveu uns anos com ela, com suma paz e concórdia, estimando-a, honrando-a, mas tratando-o ela como filho, deixando-o por sua morte por seu herdeiro. Morta, pois, a mulher, mandou-lhe a fazer os ofícios divinos com toda a solenidade, pagou as suas dívidas, que não eram poucas, ficando-se com o restante, que não vinha a ser cousa de muita consideração; contudo, como ele era ainda moço, tratou de conservar o que tinha, e acrescentá-lo, comprando escravos em paga de suas canoas que, como insigne mestre delas, fazia cada ano, com que veio a ser dos mais abonados do Pará, e isto sem mulher, nem filhos, nem dívidas nenhuma, cousa raríssima neste Estado, onde comumente todos estão devendo os olhos da cara. Enfadado do mundo, vivia muito sobre si, na sua fazenda, sem buscar nem admitir companhias, ainda de

seus mais vizinhos, contentando-se de governar sua família em boa paz e no santo temor de Deus, encomendando-se a Ele todos os dias, qual faria um religioso muito observante, com que veio a afeiçoar-se tanto às cousas divinas, que dizia largaria tudo, contentando-se ter um cantinho no Colégio com sua porção como os mais, para poder-se encomendar melhor a Deus e tratar de sua salvação. Prometi-lhe eu o que pedia pelo irmão Manuel Juzarte, que do tempo do reitorado do padre João Carlos Orlandini o superiorado meu último, esteve agasalhado na sua casa, enquanto andava tratando das madeiras para o corredor e portaria nova, nem desistiu de sua pretensão, até que o padre e mestre Bento de Oliveira, meu sucessor no governo da missão, o foi admitindo mais, e afinal no tempo de seu reitorado, sendo já superior o padre José Ferreira, deixou-se de tudo, para se ver livre por uma vez das moléstias que lhe dava o governador em lhe pedir canoas e farinhas da parte do Rei; com que está hoje na fazenda, governando-a em nome do padre reitor, com licença de gastar o que de boa mente lhe parecer para si e para os índios, ou de entrar no Colégio como irmão por carta de irmandade, sendo admitido no refeitório próprio, como os mais, na mesa dos irmãos. Estive eu com ele depois da Páscoa da Ressurreição do ano 1693, umas semanas, para lhe desobrigar a gente, e confesso ingenuamente que me pareceu religioso em tudo, porque pelas manhãs, ao cantar do galo, duas horas antes da manhã, se levantava, e, feita sua disciplina, gastava duas horas rezando e meditando.

Ao levantar do sol, dava ordem do que se havia de fazer; ajudava-me à missa e depois de almoçar ia visitar os doentes e os que estavam no trabalho; pelas 11 horas voltava e fazia exame de consciência comigo e logo uma hora de repouso, e à noite não faltava fazer assistir todos à doutrina e ladainhas, despedindo de casa as cozinheiras e ficando só comigo e um rapaz, durante a noite, até o outro dia, e em tudo tão fiel ao Colégio que não gastava consigo senão o precisamente necessário, deixando-me admirado e muito edificado do seu bom exemplo; e o que é para mais pasmar, foi que, sabendo disso os da cidade do Grão-Pará, acometeram-no, uns com casamentos de gente muito grave, e outros com prognósticos falsos, dizendo-lhe que era doido, e que melhor lhe era repartir sua fazenda com casas órfãs, e que se não fosse nos padres da Companhia, que, tarde ou cedo, o haviam

de botar na rua; ao que ele respondia que só atentava em largar tudo pelo amor de Deus a seus servos, que lhe serviam na salvação das almas, e que se lhe não dava de ficar pobre e ajuntar-se em Lisboa aos mais pobres da rua, para pedir esmola pelas portas, quando assim o dispusesse Deus Nosso Senhor.

.....

## *Capítulo XIX*

### CASTIGOS DE ALGUNS AMANCEBADOS SEM EMENDA

**T**

RÊS casos me contou o padre João Ângelo, missionário dos bocas, acontecidos em sua missão, os quais todos quero referir brevemente aqui, para escarmento dos amancebados.

Indo uma índia casada, da aldeia dos Bocas, para o mato com seu marido, que ia à caça, eis que, apartando-se um pouco dele, lhe apareceu o Diabo em forma de índio, mas com pés e mãos de cabra, umas pontas na cabeça e no nariz, feio e formidável; ficou a índia assombrada na presença desse fantasma e daí por diante sempre com pouca saúde, conforme o seu marido contou ao padre João Ângelo.

Passados uns dias, tornou o mesmo maligno espírito a mostrar-se em forma visível à índia, que já não o estranhou tanto, antes pouco a pouco se foi de tal maneira familiarizando com ele, que se lhe entregou por amiga, comunicando com ele, como se fora qualquer índio, e ele a ensinou a cantar as cantigas de suas danças, até que ficou mestra das mais e tão desejosa de dançar, que não havendo quem a acompanhasse ia bailando só pela aldeia até achar quem se lhe ajuntasse e bailasse com ela; assim viveu tempos a miserável índia, até morrer sem confissão.

Houve na mesma aldeia um índio, grande arpoador de peixes-boi, o qual, sendo casado com uma índia moça e bem estreada, afeiçãoou de tal sorte a uma velha que não havia remédio de desviá-lo dela; o que vendo o padre João Ângelo o desterrou para o rio Negro; mas como era arpoador incomparável e deu com os brancos da tropa, começou a arpoar tanto peixe que o queriam, tratavam e estimavam tão bem que depois voltou para a aldeia bem disposto e rico em pano, que tinha ganhado com seu trabalho. Vendo, pois, o padre João Ângelo, que nada aproveitava com o rigor, quis ver se com boas palavras o podia reduzir a bom caminho, mas tudo debalde, porque se por alguns dias largava a velha, logo tornava a andar mal encaminhado com ela, até que acudindo o Céu pela parte do padre missionário, quis que com o castigo de seus desaforos lhe arrebetasse o sangue pela boca, olhos, nariz, ouvidos e mais partes e assim morresse afogado nele, sem confissão.

O terceiro caso é que, estando um afamado principal da aldeia, chamado Mandu-u-açu amancebado até com filhas da manceba, e como me disse o padre João Ângelo até com as suas próprias filhas, as quais também entregava aos brancos por aguardente, quando passavam por sua aldeia, o desterrou o padre missionário para a fortaleza do Macapá, mas teve traça de formar uma jangada, e posto nela, passou todo o rio das Amazonas, e vir ter em sua roça com suas filhas, onde se deixou estar sem vir à igreja para não ficar descoberto. Logo que o padre João Ângelo teve disso notícia, mandou chamá-lo, e como compadre seu lhe falou com todo o amor para ver se por bem efetuaria o que debalde tentava conseguir por mal; porém o velho já inveterado na sua maldade, ficou sem emenda nenhuma nem ainda esperança dela, com que tomou Deus Nosso senhor à sua conta lhe dar o castigo merecido no modo seguinte:

Tinha ele ido em busca de barro para panelas em sua canoinha, a qual sobrecarregou de tal sorte, que suas filhas, que também iam embarcadas nela, o avisaram não a carregasse tanto, se não quisesse que se alagassem todos; mas ele, como estava o mar quieto, sem vento, nem ondas e andava junto à terra, não se deu que corresse perigo, e assim se foi andando, até que, já perto de terra, se alagou; nadaram as filhas logo para fora e olhando para seu pai não o descobriram mais, por se ter afogado; buscaram o corpo morto muito tempo sem o acharem, até que fi-

nalmente deram com ele posto fora do rio, e em parte como açoitado e posto estendido ao pé de uma árvore, que os índios chamam de seus pajés ou feiticeiros, tão descomposto e feio que fazia horror a todos que o viram; com que, atemorizados os mais, ocasião boa tiveram de tratar da emenda de suas vidas, suposto que os índios, uma vez amancebados, pouca esperança se pode ter de sua emenda, porque, como são muito brutos e naturalmente luxuriosos, não fazem neles grande abalo as causas do espírito.

.....

## *Capítulo XX*

DO QUE SE PASSOU EM MARÇO E ABRIL  
DESTE ANO 1698 COM O PADRE MANUEL DE AMARAL,  
COM OUTRAS COUSAS DEMAIS

J

Á se disse como o padre Manuel do Amaral, removido do cargo de mestre de latim, dera em maiores escrúpulos, e finalmente em manifestas louquices.

Deu-lhe na cabeça não querer comer senão obrigado à força de açoites, que por ordem do padre reitor lhe applicava o irmão Lourenço Homem, cursista; passava os dias inteiros em fazer adorações da majestade divina, e as noites em pé pelo corredor, sem querer tomar descanso; punha-se de joelhos com ambos os joelhos nus no chão sobre duas cabeças de pregos que os trespassaram e deixaram com chagas que lhe duraram até à morte; começou a comer tanto que nada lhe bastava e até os sobejos dos mais comia no almoço, de sorte que a quem não sabia de suas doidices parecia que já estava melhorando; não trazia chapéu e andava de cabeça descoberta, dizendo que estava precito; finalmente deu noutro extremo, que não foi querer ir orar, por se imaginar que não tinha já que esperar em Deus, e assim nem se encomendava a Ele, nem ouvia missa senão obrigado por medo; obstinou-se de novo a não querer levar nada para baixo, e esteve deixado muitos dias sem comer nem



beber, sustentando-se de um bocado de doce que o irmão Lourenço Homem, que tratava dele com muita caridade e sofrimento, lhe punha na boca e deixava estar até se ir desfazendo por si e assim dar-lhe algum alento. Assim esteve até se lhe dar a Extrema-Unção, e acabar a vida sem os mais Sacramentos, por não entrar em si; só o padre reitor lhe deu a absolvição, sob condição, estando para dar a alma a Deus com os padres e irmãos todos ao redor de si, rezando-lhe o ofício da agonia. Para que ninguém se imagine morreria mal, saibam todos que sempre foi um anjo na vida, e ele mesmo por se ver tão escrupuloso tinha pedido a Deus Nosso senhor, que, estando em sua graça, o deixasse cair em doidice para não poder o ofender mais. Assim o afirmou ter ouvido de sua própria boca o irmão Manuel Lopes, estando com ele em Jaguarari; enterrou-se na igreja de S. Francisco Xavier com as solenidades costumadas.

Era português de nação, natural de[...] viveu na Companhia e professou nela, pouco antes de sua doidice, com toda satisfação, assim nas letras como nas virtudes.

Estando em Coimbra, por ordem de nosso muito reverendo padre no ano 1687, o achei juntamente teólogo e mestre de matemática da universidade, suprindo as vezes do padre João dos Reis, que naquele tempo andava delineando as cidades e fortalezas do reino todo, à instância de Sua Majestade.

Esteve o padre Manuel do Amaral poucos anos na missão, e foi algum tempo missionário dos tupinambás, e depois foi mestre de latim no Colégio do Pará; nunca vi nele cousa que desedificasse, antes sempre o tive por muito casto, pobre e obediente, e, em uma palavra, por um verdadeiro filho da Companhia de Jesus.

Veio do Maranhão o padre Antônio Gomes, e por ele soubemos da morte de José de Seixas, irmão nosso de fora, por carta de irmandade, interina, do padre Diogo da Costa, missionário do Maracanã, que o senhor bispo continuava em sua visita, e que os tapuias ainda infestavam o rio e a missão de Tapicuru, onde por então assistia o padre Manuel Rabelo. Veio na mesma ocasião Inácio de Castro, filho legítimo de João de Sousa de Castro, admitido a mandado do padre superior José Ferreira, para entrar no noviciado no Colégio de Santo Alexandre do Grão-Pará, onde eu já então fazia ofício de mestre dos noviços, e ele en-

trou na véspera da Anunciação de Nossa senhora aos vinte e quatro de março, para fazer seus primeiros votos aos vinte e cinco, sem embargo de ter chegado ao Colégio aos treze, porque esteve descansando e vendo a cidade nos mais dias. É moço de muitos bons procedimentos quanto dele conheço, mas como lhe deram umas dores nas juntas dos pés e mãos, que dizem os médicos ser gota, diz o padre superior João Ferreira que, em achando-se um pouco melhor, o mandará a seu pai para o Maranhão, visto que desta sorte não pode servir na missão e pode tratar melhor de si, sendo secular, pois é de parentes abonados e tem de seu para poder passar bem a vida, no meio das dores que este mal costuma causar aos que são sujeitos a ele.

Ainda por este tempo andamos com sobressaltos se os franceses viriam sobre o Macapá, matadouro dos índios e brancos, porque, ainda que, com a muita chuva, caíram as taipas, como referiu o sargento-mor José Velho, que, como engenheiro do Rei, foi mandado para lá pelo governador, contudo se não desamparou nem desampará, porque dizem viera novas de Sua Majestade que se as tornasse a reedificar, por assim importar a seu real serviço e bem de seu Estado.

Nesse mesmo mês de março vieram uns poquizes de suas terras, os quais cuidávamos viriam para seus parentes, que estão em Mortigura, residência de S. João Batista, onde se acha o padre Miguel Antunes, mas foram agasalhados em Cameté, residência de Nossa senhora do Socorro, onde lhes assiste o padre José Barreiros.

Foi o ouvidor-geral Mateus Dias da Costa mandado com muito segredo, e adivinhou-se o que era, como foi, levantar o Juízo da Coroa sobre algumas cousas tocantes ao ilustríssimo senhor Bispo.

Foi o padre Miguel Antunes com seu companheiro, o irmão Antônio Afonso, desobrigar a aldeia do Guamá, e doutrinar os novamente mandados para lá. Veio o padre Antônio da Silva, dos ingaibas, maltratado de umas dores do estômago, e em sua companhia os padres João Ângelo, dos Bocas, e José Barreiros, do Cameté, dando conta ao padre reitor da mudança feita da aldeia do Inhuaba de cima para a do Parijó de baixo, e vieram juntamente novas de como o padre João Maria Gorsony, mudado dos Tapajós para Xingu, tinha, feito um rancho grande de casas para o ensino dos meninos e meninas. Aos 21, foi o padre João Ângelo com o padre José Barreiros a desobrigar a aldeia de Miribi-

ra, e casar alguns amancebados nela. Neste ínterim, à noite de 16 para 17, faleceu sem Sacramentos Jorge Rodrigues Leal, juiz do Santo Nome de Jesus, não parecendo que morreria da doença com que se achava; acudiu logo o padre reitor, mas como foi chamado tarde não chegou a tempo para o poder confessar. Era ele homem muito bem entendido nas causas do mundo, mas houve-se com algum descuido no negócio de sua salvação, porque, sendo avisado de seus amigos que se confessasse, fiando-se na sua prudência ou para melhor dizer imprudência, não vigiou como lhe convinha para esperar o Senhor, o qual chega quando o homem menos cuida. Para que a ausência do padre Antonio da Silva não prejudicasse a seus ingaíbas, foi mandado para lá o padre Antônio Gonçalves, com o irmão Domingos Francisco, e lá esteve acudindo aos veteranos e juntamente aos novos teirozes, que de próximo vieram do sertão.

.....

## *Capítulo XXI*

### PARTEM TRÊS MISSIONÁRIOS PARA AS MISSÕES DO RIO DAS AMAZONAS

**T**INHA chegado do Maranhão o padre Antônio Gomes, em canoa do padre superior, como dito fica acima, quando não muito depois chegou o padre João de Avelar com o padre Manuel Rabelo, de suas missões do Maranhão para as do rio Amazonas. O padre Antônio Gomes vinha do Mareú e ia para os Maraguazes; o padre João de Avelar, de S. José, ia para o Xingu acompanhar ou render ao padre João Maria, que, por muito velho, pedia quem corresse com os índios; e o padre Manuel Rabelo vinha de S. Gonçalo do Tapicuru para ir em lugar do padre João Maria Gorsoni, que dá residência de Nossa senhora da Conceição nos Tapajós, se tinha mudado, com licença do padre superior da missão, para a de S. João Batista de Xingu. Descansaram um pouco no Colégio do Pará, e depois disso partiram, bem aviados pelo padre reitor de todo o necessário, para suas missões.

Partiram nos fins do mês de abril para cima, e chegados que foram aos ingaibas, deixou-se lá estar o padre João de Avelar, operando canoa e índios, que mandou pedir ao padre João Maria, o qual logo os mandou.

Os padres Antônio Gomes e Manuel Rabelo continuaram na viagem, e, chegados que foram ao Xingu, deixou-se o primeiro lá estar, sem querer ir para diante, sem companheiro, para uma missão de gente agreste, como são os maraguazes, sem lhes saber a língua, e sem ter ainda notícia bastante da língua geral, além de ser, como dizia, sacerdote novo, sem nenhuma experiência; o padre Manuel Rabelo não parou, até que chegou à sua missão dos Tapajós, onde foi tão aceito por brancos e índios como se fora um anjo vindo do Céu.

Estando eu no Reino, procurando os negócios da missão, o admiti na Companhia com licença de nosso muito reverendo padre-geral, sendo ele já sacerdote, e no fim de sua teologia fez seu noviciado em Cotovia de Lisboa, e de lá veio ao Maranhão, onde ajudei a examiná-lo *ad gradum*; esteve um tempo na missão de Nossa senhora da Conceição do Mareú, outro tempo na missão de Tapicuru, outro por missionário no colégio do Maranhão, aceito em toda a parte por seu bom natural. Escreveu-me uma carta dos Tapajós, dando-me parte como lá chegara com saúde e estava muito contente com sua missão, acrescentando que estavam os índios já muito mudados daquele tempo do ano 1668, quando eu, por ordem do padre Antônio Vieira, que Deus tem, principiara aquela missão; não lhe deu seu grande zelo lugar a muito descanso, porque logo fez povoar a aldeia de gente nova, que mandou trazer de suas terras para serem filhos de Deus, e trata de descer os Quaxinazes pelos quais tanto se cansou o padre João Maria, sem nunca poder efetuar o que com tanto zelo procurava, sem embargo de ter já ajuntado o que lhe parecia necessário para os descer.

Deus os traga a todos para o grêmio de sua igreja. Um dos padres missionários de Nossa senhora do Carmo, vindo de sua missão do rio Negro, disse que o padre Samuel Fernandes Fritz, um dos missionários das missões de Quito, sobre o rio das Amazonas, viera acompanhado de castelhanos para levar mais gente para riba; mas que eles não quiseram ir, e como dera doença aos soldados, se voltara com eles para sua missão, ficando os cambebas em suas terras e pedindo missionário português. Não há dúvida que assim para banda do norte, rio Negro para cima, onde correm as missões dos carmelitas, como para a banda do sul, onde correm as da Companhia de Jesus, há muita gentildade com belas terras, principalmente em nossa banda, para muitas missões

de grande serviço de Deus, mas como o cabedal é pouco e não chega para tantos gastos, é força deixá-las para outro tempo, em que haja mais missionários e maiores recursos para as poder prover.

O senhor Bispo D. Timóteo do Sacramento ordenou todos os nossos teólogos que há de presente no Maranhão, capacitando-os com isso para as missões, pelas as quais se repartiram acabado o seu terceiro ano de teologia, visto o nosso muito reverendo padre-geral Tirso Gonçalves ter dispensado do quarto, pela necessidade que há de missionário.

O padre Antônio Gomes, que também se ordenou, já foi mandado para os Maraguazes, e o padre João Valadão, que tornou ordenado do Reino nos navios que este ano, 1698, vieram de Lisboa, e nos trouxeram as boas novas do feliz nascimento de um novo infante, Manuel das Pazes, entre os príncipes cristãos, e da grande vitória contra o grande senhor dos turcos, está se aviando para ir aos Andirazes; o padre Domingos Macedo para ir aos Abacaxizes, com o padre João da Silva, todos missionários do famoso rio das Amazonas, e estão os Andirazes para cima dos Tupinambaranas, em terras boas e assaz sadias, os Maraguazes umas jornadas mais adiante, em terras algum tanto doentias; os Abacaxizes para banda do rio da Madeira, em sítio mais desafogado, principalmente mudando-se a aldeia para onde o padre João da Silva, à instância dos mesmos índios, a quer mudar; o padre Domingos Macedo, se bem parte também para banda dos Abacaxizes, contudo vai situar aldeia nova que fique à vista do padre João da Silva, estando um missionário em uma, e outro na outra, para assim se doutrinar melhor o gentio, porque ficando as aldeias só de visita, nunca se lhes pode acudir, como quando tem seu pároco à parte para tratar dela só. Os padres Antônio da Silva e João Ângelo, que vieram para se curar, também estão para voltar para suas missões, este dos Bocas e outro dos ingaíbas, onde assistiu anos há, com muita satisfação, que até o Rei o mandou agradecer, como também mandou agradecer ao padre frei Teodósio, religioso de Nossa senhora das Mercês, sobre o rio Urubu, mandando que ele só possa nomear os religiosos de sua Ordem que hajam de ir para as missões dos urubus acima, que estão sujeitas à sua jurisdição, depois de nós as termos largado, em vista da repartição derradeira de Sua Majestade.

.....

## *Capítulo XXII*

INDUZ O PADRE SUPERIOR DA MISSÃO  
O SENHOR BISPO, PRESO PELO JUÍZO DA COROA,  
A LEVANTAR A EXCOMUNHÃO E O INTERDITO  
QUE TINHA POSTO

V

ISITANDO o senhor Bispo, como bom e cuidadoso pastor, o rebanho de suas ovelhas que tinham na cidade e Capitania do Maranhão, como achou algumas delas infeccionadas de vários males espirituais, com grande prejuízo de sua salvação e do bom exemplo que tinham de dar como ovelhas do rebanho de Cristo, supremo pastor, tratou de pôr-lhes remédio, começando pelos clérigos, indo depois aos leigos, desterrando uns para o Tapicuru, outros para o Grão-Pará, castigando outros na bolsa, na pena do dinheiro, que mandam dar as constituições do Bispado, e como ninguém quer a justiça à sua porta, e todos querem que se dissimule em si o que condenam nos outros, achando-se alguns castigados, a seu parecer, com mais rigor do que pedia o merecimento de suas culpas e outros sem serem (conforme diziam) ouvidos em sua defesa e outros também agravados de lhes publicarem os seus desmanchos, ainda que já notórios quase a todos, começaram a formar queixas por si sós ou ajudados dos parentes, ou do de sua parcialidade, do se-

nhor Bispo, dizendo que os condenava sem serem ouvidos primeiro e com excesso nas penas pecuniárias que lhes mandava pagar, e cousas semelhantes, entre as quais entravam ter mandado desterrar Diogo Campelo, juiz dos órfãos, e F. Lopes, escrivão da ouvidoria, por suas justas causas, as quais, suposto que assaz notórias, passo em silêncio. Logo que estas e semelhantes queixas chegaram à notícia de Antônio de Albuquerque Coelho Carvalho, governador e capitão-general do Estado, que sentiu muito haver desavenças entre as ovelhas e seu pastor, como tinha ordem de Sua Majestade, que Deus guarde, de apaziguar as diferenças, que entre seus vassallos, assim eclesiásticos como seculares, podia haver com seus prelados, em prejuízo da paz e quietação pública, tratou, com todo o segredo, de mandar o ouvidor-geral, Mateus Dias da Costa, do Pará, onde por então com ele assistia, para o Maranhão, com as ordens conducentes e requisitos para o fim que se pretendia. Partiu ele com grande segredo, uns poucos de dias depois da Páscoa, e chegado que foi ao Maranhão, antes de saltar em terra, quis fosse tão às caladinhas, que mandou prender ao barqueiro por ter deixado sair alguém antes dele.

Logo depois de aposentado nas casas que lhe eram mais cômodas, escreveu uma carta de cortesia ao senhor Bispo, pedindo-lhe por mercê soltasse logo da prisão os presos que estavam na cadeia. Respondeu-lhe ele que estavam presos por culpas que tocavam à sua jurisdição, e que não estava para os soltar. Com que, ele levantou o Juízo da Coroa, que constava de três pessoas: ele, o reverendo padre e senhor Manuel Homem, vigário da Sé, e por entretanto o ouvidor da Capitania Antônio de Sousa Soeiro, e pondo os presos na rua mandou que quem tivesse queixas contra o senhor Bispo, saísse om elas diante do Juízo da Coroa vendo essa a sua jurisdição, fez junta dos prelados de todas as religiões sobre o que havia de obrar no caso da soltura dos presos. Julgaram todos com o padre José Ferreira, da Companhia de Jesus, superior da missão, e os padres Frutuoso Correia e Inácio Ferreira, que o acompanhavam, que se havia de pedir que se repusessem e que, repostos eles, se largariam logo alguns deles, e sobretudo F. Lopes, escrivão da ouvidoria, para correr com a obrigação de seu ofício; e como esta resposta não fosse ao gosto do Juízo da Coroa e que não quis restituir à prisão os que tinha soltado dela, procedeu ao senhor Bispo declarando por excomungados o ouvidor-geral



Mateus Dias da Costa e o ouvidor da Capitania Antônio de Sousa Soeiro, e não o reverendo padre senhor vigário da Sé, Manuel Homem, que entrou por parte do estado eclesiástico, por ele não consentir nem subscrever o que seus companheiros tinham determinado. Vendo-se logo o Juízo da Coroa atalhado com essa declaração, pediu ajuda de braço secular ao capitão-mor João Duarte Franco, posto pelo governador do Estado, e tendo-lhe ele dado cerco ao senhor Bispo em suas casas, o fizeram, não tão apertado, que não ficassem abertas as portas para se poder sair, para fora, sem, porém, deixar-se entrar nem sair sustento nenhum, o que vendo o Sr. Bispo saiu ele mesmo em pessoa com uma quartinha na mão em busca de uma gota de água na fonte, para não morrer de sede, por haver proibição apertada e de se lhe não acudir, e se castigar um capitão por ter lhe falado em breves palavras pela cortesia que os cristãos devem uns aos outros, e muito mais a seus prelados maiores como eram o Sr. Bispo; o qual, não tendo alma viva, com quem tratar, se saiu para o nosso Colégio de Nossa senhora da Luz, para onde o foram acompanhando as guardas com tanto respeito, que é uma vergonha de descrevê-lo. Entrando que foi no colégio, logo o cercaram todo, de sorte que enquanto lá se deteve, jantando com os padres do que sua pobreza dava, e conversando com eles, como religiosos da Companhia de Jesus, não deixaram sair nem entrar pessoa; e saindo o senhor Bispo, depois de jantar o foram cercando e levando com tanto aperto como se fora um criminoso condenado por grandes culpas, de que ele, escandalizado, lhes disse que o deixassem passar. Chegado que foi em sua casa, logo vieram com o capitão-mor pregar-lhe as portas, de sorte que, ainda que muito quisesse sair, assim o detiveram, sem nenhum respeito, nem compaixão, antes com tanto desamor que, conforme dizem, não faltou quem dissesse que lhes destelhasse a casa e para dentro botassem cal, para que a muita calma ou o muito pó da cal o obrigasse ao que pretendiam. Nem se deu o Juízo da Coroa por satisfeito de ter posto cerco tão apertado ao senhor Bispo, mas como lhe parecia que o padre Iodoco Peres, helvécio de nação, homem que leu e é de muitas letras e virtude, se mostrava contra, escreveu uma carta, em nome de Sua Majestade, ao padre José Ferreira, superior da missão, pedindo-lhe, em nome do mesmo senhor, que Deus guarde, que o desterasse para fora da vila e termo, por inconfidente e muito contra a jurisdição real.

.....

## *Capítulo XXIII*

CARTA DO JUÍZO DA COROA AO PADRE SUPERIOR  
DA MISSAO JOSÉ FERREIRA, PARA SE DESTERRAR  
O PADRE IODOCO PERES, POR  
SE MOSTRAR INCONFIDENTE, E RESPOSTA DO MESMO  
AO DITO JUÍZO, NEGANDO TAL INCONFIDÊNCIA,  
E DIZENDO DARIA CONTA DE TUDO  
A SUA MAJESTADE, A QUEM PEDIA FIZESSE TAMBÉM  
PRESENTE A RESPOSTA QUE LHE MANDAVA

C

*ÓPLA da carta do Juízo da Coroa ao padre José Ferreira, superior da missão:*

“Reverendo padre superior da Companhia das missões neste Estado. Pareceu a este Juízo da Coroa que no Reino de Portugal e suas conquistas se erigiu, para se evitar e dar remédio às vexações, forças e violências, que pelos prelados eclesiásticos ou seus ministros não só se fizeram aos seus clérigos nos processos, mas também as que se causaram aos seculares, por se não ordenarem aquelas de suas culpas, conforme as ordens do Reino, e não poderem ser presas sem constar aos ministros de Sua Majestade, que Deus guarde, a formalidade delas e se estão em termos de se consentir nas ditas prisões e se darem à execução, sendo todo o intento dos Reis católicos de Portugal dirigido somente para que sejam punidos os culpados, mas nos termos e pelos meios con-

forme suas reais leis, estabelecidas, e aceitas pelas concordatas que houveram entre os prelados, e confirmação do pontífice com os Senhores Reis de Portugal; pareceu-lhe que, para evitarmos toda a perturbação que pôde haver contra a observação das leis de Sua Majestade, que por parte de Vossa Paternidade, como Superior, se mandasse retirar desta povoação e seu distrito o padre mestre Iodoco Peres, porque temos por notícia que é muito contra a jurisdição real não querendo assentir que deve subsistir este Juízo da Coroa, aconselhando esta sua opinião, mostrando-se nela como inconfidente à Coroa de Portugal, sendo por ora seu vassalo; e talvez mais alguns que se acostam à dita opinião, quando se deseja se faça o serviço de Deus pelos meios que Sua Majestade ordena; e do contrário, o que se não espera, por conhecermos a sua muita prudência e ser amante do serviço de Deus e da paz, serão tidos por inconfidentes à Coroa de Portugal.

“A pessoa de Vossa Paternidade guarde Deus, etc. Em Junta da Coroa, nesta cidade de S. Luís do Maranhão, aos cinco dias do mês de maio de 1698.

“Mateus Dias da Costa, o padre Manuel Homem.”

O subscripto era:

“Do serviço de Sua Majestade Antônio de Sousa Soeiro ao reverendo José Ferreira, da Companhia de Jesus, superior das missões deste Estado. Do Juízo da Coroa”

*Cópia da resposta que deu o padre superior das Missões José Ferreira à carta dos da Junta da Coroa:*

“Li esta carta em que se me propõe que mande retirar e padre Iodoco Peres. Se o serviço de Deus e de Sua Majestade, a paz e aumento da república do Estado tivera nisso o remédio, já estaria apontado, porque outras cousas ainda mais dificultosas cabem no grande coração da Companhia, que tem tanto nos olhos estes motivos, e mais também tem nos mesmos olhos o crédito de seus filhos e nenhuma cousa lhe é mais sensível que sonharem-se inconfidências de quem Sua Majestade conhece muito bem a segura e incontrastável fidelidade com que nos criamos e ensinamos àqueles que se criam em nossas escolas, e é muito

que se julgue que Sua Majestade confia os encargos de sua consciência a quem nem ainda por sonhos se pode suspeitar infidelidade, e em mim muito em particular cresce o sentimento por nascer a ocasião dele donde eu menos podia esperar.

“Ponto é este em que eu não poderei deixar de dar razão a Sua Majestade, e pode ser que de mais perto pela precisa obrigação que disso me corre; não se criam em nós tais ignorâncias que se diga que é opinião não haver em Portugal e suas conquistas Juízo da Coroa, porque afirmar isto não é opinião, é erro.

“O uso dele é certíssimo que há de ser para a paz e quietação dos vassalos, e aumento da religião cristã e para que assim seja pedimos a Nosso senhor todos os dias nas missas e orações que encaminhe as cousas de sorte que não nasçam as dissensões donde devia ter seu nascimento a paz, e para que não haja depois do que dar estreitíssima conta a Deus e ainda aos homens; e Deus e os homens me são testemunhas das diligências que fiz para que neste negócio se conseguisse o bom fim que sem respeito algum particular ou humano sobre todos desejo, pois estou prevendo que se podem seguir grandes desagradados de Deus, e de que uma e outra Majestade se hão de dar por muito mal servidos, suposto as minhas diligências têm tido neste negócio tão pouco efeito, e se ainda houver algumas que o possam ter, a nenhuma faltarei, com o ânimo que só Deus conhece, e creio que também Sua Majestade, a quem desejo e rogo que se apresente esta minha resposta.

“É muito que se imagine que Sua Majestade confia os descargos de sua consciência de quem se pode sonhar pouca fidelidade.”

Não é crível quanto padeceu o senhor Bispo naquela ocasião e quanto padecemos também nós, pelos aleives que nos levantavam, dizendo éramos nós, principalmente os padres Iodoco Peres, Frutuoso Correia, Inácio Ferreira, ambos estes lentes da Teologia, que aconselhavam ao senhor Bispo, e que do nosso Colégio tinham-se visto sair os papéis; como queixoso me disse o mesmo governador, indo eu visitá-lo em seu palácio, sendo tudo falso e um mero aleive, porque o senhor Bispo em suas causas não necessitava dos conselhos dos nossos, por ser doutor em Teologia e a tinha lido aos seus em Portugal e além disso tinham todos os nossos proibições de se meterem nos seus papéis.

Apertaram com ele quanto puderam os do Juízo da Coroa e o capitão-mor João Duarte Franco, executor de suas ordens no tocante ao braço secular, para que levantasse à excomunhão o interdito posto em toda a cidade; mas ele, resoluto de morrer antes pela jurisdição da Igreja que render-se, estava fixo, sem se lhe dar dos apertos que lhe punham; mas o padre superior da missão José Ferreira, que já tinha repetidas vezes instado-o com o ouvidor-geral, seu conhecido e amigo desde Portugal para que não chegasse ao Cabo, mas compusesse todas as diferenças amigavelmente com sua Ilustríssima, foi finalmente falar-lhe e rogá-lo muito, que visto não ter isto outro remédio quisesse levantar à excomunhão o interdito; o que veio a fazer por um escrito, que fez com que tiraram o cerco, e ficou deixado em sua liberdade, com seu vigário-geral José Gonçalves, que suposto não foi cercado com ele, não deixaria de sê-lo se se acolhesse a tempo. Causaram este cerco do senhor Bispo e o maltrato que lhe deram grande admiração e compaixão, ficando outros seus contrários não pouco contentes.

O mesmo governador estranhou o modo; e, como ouviu que o ouvidor-geral e seus adjuntos o tinham tratado com tanto aperto e rigor, disse que tal ordem não dera, e se o ouvidor-geral tinha passado os termos da ordem que ele lhe tinha dado, seria ele mesmo seu algoz.

O senhor Bispo, para se mostrar sentido do desacato com que o trataram suas próprias ovelhas, tirou o roxete, e se revestiu de seu hábito de frade, não trazendo senão o chapéu, cruz e anel de bispo; mandou retirar-se o vigário da vara, o licenciado Sr. João Rodrigues Calhan, que tinha posto no Pará, e o reverendo padre José de Santo Antônio, religioso de sua Ordem, que servia o cargo de vigário da matriz na cidade de Belém, do mesmo Pará, em lugar de Antônio Lameira da Franca, mandando que todos os presos fossem para suas casas, visto lhe terem tirado sua jurisdição, até recurso para Sua Majestade el-Rei Nosso senhor, e Sua Santidade o vigário de Cristo o as respostas deles; mandou a parte contrária, o ouvidor da Capitania, Antônio de Sousa Soeiro, dar conta a Sua Majestade, como um que foi dos adjuntos da Coroa, mas não faltará no Reino quem lhe vá à mão, dado que se desvie do que é justo passa como real verdade.

O tempo declarará por cuja parte está a justiça direita, eu não me meto decidir o que me não toca, não faço mais que referi-lo para notícia dos vindouros.

Deus Nosso senhor ponha tudo em paz e perdoe aos que são causa de se ter visto a Igreja tão abatida com seu ministro.

Dizem e afirmam por cousa certa que no tempo daquele tão inusitado conflito ocorreu se vira de dia claramente um cometa em forma de espada sobre o Maranhão, e, sendo isso assim, aparelhemos as costas a um grande castigo, que do Céu nos ameaça.

Está hoje a Capitania do Grão-Pará sem vigário da vara e juiz dos resíduos, porque foram tirados ambos, e suposto que o senhor Bispo mandou entrar o reverendo padre Antônio Lameira da Franca no exercício de seu cargo de vigário, proibiu-lhe de se meter em sentenciar cousa alguma, donde, estando Francisco Potfliz, mercador em grosso desta cidade, para contratar o santo matrimônio com uma filha de Lourenço Álvares Roxo que Deus tem, valeu-lhe não lhe sair nem achar impedimento algum para casar *in facie ecclesiae*, perante seu pároco, como atualmente casou, aos vinte e cinco de maio desse ano de mil seiscentos e noventa e oito.



. . . . .

## Cronologia\* do Padre João Filipe Bettendorff<sup>1</sup>

1625 – Nasce no vilarejo de Lintgen, a duas léguas ao norte de Luxemburgo, em 26 de agosto<sup>2</sup>.

1644 – Gradua-se em Artes na Universidade de Tréveris<sup>3</sup> e estuda Direito Civil na Itália, na “mais afamada universidade que há nos Estados de Sardenha”<sup>4</sup>.

---

\* Parte da dissertação de doutoramento na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, do padre Cássio Albério Pereira de Carvalho, com o título *O pensamento e a obra do padre João Filipe Bettendorff e a sua contribuição para a evangelização do Estado do Maranhão e Grão-Pará*.

1 *Archivum Romanum Societatis Iesu* (Roma) – Quase todos os documentos referentes ao período de formação de Bettendorff se encontram no arquivo da Companhia de Jesus de Roma, usaremos a abreviação *ARSI* para identificar este arquivo.

2 Sobre ser 1625 o ano do nascimento de Bettendorff, nem todos os documentos concordam, relacionando também a data de 1626; quanto ao dia, todos são unânimes em afirmar que é 26 de agosto. Temos certeza de que o ano de seu nascimento é 1625, em razão do pedido que faz ao Geral para participar da missão do Japão em 13 de junho de 1654, quando diz que tinha 28 anos e ia fazer 29, o que remete ao ano de 1625: “*aetatis annum ago 28 aut 29 viribus vigeo, procerum sum corpore et ad perferendos labores*” (*ARSI Gallo Belgica*, 45, 117v). Os seguintes catálogos trazem a data de 1625: *ARSI Gallo Belgica*, 8, p. 209v, n° 37; *ARSI Gallo Belgica*, 9, p. 45r, n° 9; *ARSI Gallo Belgica*, 9, p. 166r, n° 22. Apenas o catálogo do Colégio Dionantes do ano de 1658 coloca o nascimento em 1626: *ARSI Gallo Belgica*, 10, p. 39r, n° 32. Sobre o local do nascimento, Lindegen (Lintgen) aparece em dois catálogos (*ARSI Gallo Belgica*, 9, p. 45r, n° 9; *ARSI Gallo Belgica*, 10, p. 39r, n° 32), enquanto os outros dizem que Bettendorff é luxemburguês, fato que não altera a veracidade, pois Lintgen pertencia ao ducado de Luxemburgo. O próprio Bettendorff escreve que era muito capaz em suportar muitas fadigas pelo fato de ser nativo de uma pequena cidade, isto é um vilarejo: “*procerum sum corpore et ad perferendos labores (quippe ex pago oriundus) accomodantissimo*” (*ARSI Gallo Belgica*, 45, 117v). Um dos catálogos afirma que Luxemburgo encontra-se à distância de 2 léguas do local de nascimento de Bettendorff: *ARSI Gallo Belgica*, 9, p. 45r, n° 9.

3 J. F. Bettendorff, *Crônica da Missão*, 659: “com cinqüenta e quatro depois de me graduar em Tréveris, cidade da Alemanha, pela festa dos Santos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, no ano 1644”.

4 J. F. Bettendorff, *Crônica da Missão*, 641. Ainda não se tem certeza onde Bettendorff estudou direito, pois ele indica a Cidade de Cunanio, nos Estados da Sardenha. Supomos que seja Cuneo, no norte da Itália pois fazia parte deste reino. Os catálogos informam que Bettendorff estudou dois anos de Direito Civil e ele próprio, no pedido para participar da missão ao Japão, em 1654, diz que estudou Direito: “*Theologiae non studui sed Philosophiae et Iuri*” (*ARSI Gallo Belgica*, 46, 117v).



1647 – Entra na Companhia de Jesus, na Província Galo-Belga, em 5 ou 6 de novembro<sup>5</sup>: “Lembra-me que, sendo noviço do ano 1647, na cidade de Tournai da provincia Galo-Bélgica [...]”<sup>6</sup>.

1648 – Em novembro está na Casa de Provação Tornacensis, em Tournai, na França, como noviço destinado ao sacerdócio<sup>7</sup> e lá permanece até 1649.<sup>8</sup>

1649 – Aparece como estudante de filosofia no catálogo do mês de outubro do Colégio Duacense da cidade de Douai, na França, tendo feito dois anos de filosofia antes de entrar na Companhia.<sup>9</sup> Faz seu primeiro voto a 6 de novembro em Tournai.<sup>10</sup>

1651 – Ensina letras no Colégio Dinantense, em Dinant, atualmente parte da Bélgica.<sup>11</sup>

1653 – Professor de sintaxe no Colégio de Luxemburgo em outubro.<sup>12</sup>

1654 – Estando em Luxemburgo faz pedido aos superiores para participar da missão ao Japão no dia 13 de junho e declara que já tinha ensinado por mais de 3 anos nos colégios da Companhia. Reforça o pedido em 11 de julho, mostrando-se também disponível para a Índia. Recebendo resposta negativa do padre-geral, agradece sua atenção em

5 *ARSI Gallo Belgica*, 8, p. 209v, nº 37. Neste catálogo do colégio Tornacensis de 1649, aparece o ingresso em 5 de novembro de 1647. Em outro catálogo do colégio Dionantense de 1651, *ARSI Gallo Belgica*, 9, p. 45r, nº 9, aparece o ingresso em 6 de novembro de 1647. Consideramos as duas possibilidades, isto é, 5 ou 6 de novembro.

6 J.F. Bettendorff, *Crônica da Missão*, 572.

7 *ARSI Gallo Belgica*, 25, I, 66v – Catálogo da *Domus Probationis Torancensis* de novembro de 1648.

8 *ARSI Gallo Belgica*, 7, p. 555v, nº 37 – Catálogo da *Domus Probationis Torancensis* de 1649; *ARSI Gallo Belgica*, 8, p. 209v, nº 37 – Catálogo da *Domus Probationis Torancensis* de 1649.

9 *ARSI Gallo Belgica*, 25 I, 70r – Catálogo do Colégio Duacense de outubro de 1649.

10 *ARSI Gallo Belgica*, 9, p. 166r, nº 22. Este Catálogo do Colégio Namurcensis, do ano de 1655, é o único que traz a data de seu primeiro voto, em 6 de novembro de 1649, em Tournai.

11 *ARSI Gallo Belgica*, 9, p. 45r, nº 9. Catálogo do colégio Dionantense de 1651.

12 *ARSI Germ.* 132, 55v – Catálogo do Colégio de Luxemburgo de outubro de 1653.

carta de 22 de agosto, fato que confirma sua presença em Luxemburgo.<sup>13</sup> Aparece como professor de humanidades no catálogo de outubro do Colégio Namurcense, em Namur, na Bélgica.<sup>14</sup>

1655 – Professor de poesia no colégio Namurcense.<sup>15</sup>

1656 – Em outubro é aluno do primeiro ano de Teologia do Colégio Duacense.<sup>16</sup>

1657 – Aluno do segundo ano de Teologia do Colégio Duacense.<sup>17</sup>

1658 – Aluno do terceiro ano de Teologia do Colégio Duacense.<sup>18</sup>

1659 – Aluno do quarto ano de Teologia do Colégio Duacense, em cujo catálogo aparece como sacerdote.<sup>19</sup> Provavelmente neste ano Bettendorff faz um novo pedido para participar da missão à Índia, pois temos a resposta negativa do padre-geral de 3 de outubro.<sup>20</sup> É ordenado sacerdote pelo Geral, Arcebispo e Príncipe de

13 *ARSI Gallo Belgica*, 45, 117r-117v. Pedido de Bettendorff ao padre-geral da Companhia, para participar da missão ao Japão com padre Martinio; Luxemburgo, 13 de junho de 1654.

*ARSI Gallo Belgica*, 45, 119r. Novo pedido de Bettendorff ao padre-geral da Companhia para participar da missão à Índia, reforçando o pedido anterior; Luxemburgo, 11 julho de 1654.

*ARSI Gallo Belgica*, 3, II, 348r. Resposta do Geral da Companhia em 18 de julho de 1657 ao pedido de Bettendorf para participar da missão ao Japão.

*ARSI Gallo Belgica*, 45, 120r. Carta de agradecimento de Bettendorff ao padre-geral, por lhe responder sobre o pedido de ir em missão; Luxemburgo, 22 de agosto de 1654.

14 *ARSI Gallo Belgica*, 25 I, 83r – Catálogo do Colégio Namurcense de outubro de 1654.

15 *ARSI Gallo Belgica*, 9, p. 166, nº 22 – Catálogo do Colégio Namurcense de 1655.

16 *ARSI Gallo Belgica*, 25 I, 96v – Catálogo do Colégio Duacense de outubro de 1656.

17 *ARSI Gallo Belgica*, 25 I, 102v – Catálogo do Colégio Duacense de novembro de 1657.

18 *ARSI Gallo Belgica*, 25 I, 109v – Catálogo do Colégio Duacense de outubro de 1658. *Gallo Belgica*, 10, p. 39, nº 32 – Catálogo do Colégio Duacense de 1658.

19 *ARSI Gallo Belgica*, 25 I, 114v – Catálogo do Colégio Duacense de 1659.

20 *ARSI Gallo Belgica*, 3, II, 357. Resposta do Geral da Companhia em 3 de outubro de 1659 ao pedido de Bettendorff para participar da missão à Índia.

Cambrai, Gaspard Nemius (1649-1667)<sup>21</sup>, sendo destinado à missão do Maranhão. Chega a Lisboa no dia 25 de dezembro.<sup>22</sup>

1660 – Embarca no dia 24 de novembro de Lisboa para o Maranhão.<sup>23</sup>

1661 – Chega a São Luís no dia 20 de janeiro.<sup>24</sup> Primeiro missionário das Aldeias do Rio Amazonas e do Tapajós (Santarém).<sup>25</sup> É vítima, com os padres da Companhia, da perseguição desse ano, sendo preso e quase deportado para o Reino em 1662.<sup>26</sup>

1661 a 1663 – Reitor do Colégio do Pará.<sup>27</sup>

1663 a 1667 – Reitor do Colégio de Nossa Senhora da Luz, em São Luís.<sup>28</sup>

1668 a 1674 – Superior da Missão.<sup>29</sup>

1669 – Profissão do 4º voto em Belém do Pará.<sup>30</sup>

1674 a 1680 – Novamente Reitor do Colégio de Nossa Senhora da Luz.<sup>31</sup>

21 P. Pierrard, *Les Diocèses de Cambrai et de Lille*, 328.

J. F. Bettendorff, *Crônica da Missão*, 147. “Ordenou-me o illustrissimo Geral Arcebispo e Príncipe de Cambray, e querendo o céu mostrar que ia levar vida apostólica, quis que, entre muitos que comigo ordenaram-se, me dessem a ler o Santo Evangelho da missa em que todos se ordenaram; era em aquele ano de 1659 provincial o padre Humberto [...] e reitor do colégio o padre Jacó Krek”.

22 J. F. Bettendorff, *Crônica da Missão*, 150.

23 A. Franco, *Synopsis Annalium Societatis Jesu in Lusitania*, An. 1660, nº 16.

J. F. Bettendorff, *Crônica da Missão*, 151.

24 J. F. Bettendorff, *Crônica da Missão*, 153.

25 J. F. Bettendorff, *Crônica da Missão*, 158-164.

26 J. F. Bettendorff, *Crônica da Missão*, 184-191.

27 J. F. Bettendorff, *Crônica da Missão*, 185. Substituiu o padre Francisco Veloso, desde a partida de Vieira até a volta do Reino do mesmo padre Francisco Veloso.

J. F. Bettendorff, *Crônica da Missão*, 561.

28 J. F. Bettendorff, *Crônica da Missão*, 223. Substituiu o padre Gorsony em 1663.

J. F. Bettendorff, *Crônica da Missão*, 243-244.

29 *ARSI Bras.* 9, 259. Tomou posse no dia 17 de setembro de 1668, véspera do dia em que o visitador Juzarte embarcou para Lisboa.

30 Juramento do 4º voto por parte de Bettendorff em 2 de fevereiro de 1669 (*ARSI Lus.* 8, 342r-v). *Litterae Annuae a P. Ioanne Philippo Bettendorff*, São Luís: 21 Julii, Ano 1671 (*ARSI Bras.* 9, 261v).

31 *ARSI Bras.* 26, 40. J. F. Bettendorff, *Crônica da Missão*, 300. Foi o primeiro reitor de patente.

1684 – Preso e depois expulso de São Luís pelo motim com os padres da Companhia, vai para a Bahia.<sup>32</sup>

1684 a 1688 – Representante da missão do Maranhão em Lisboa, torna-se o negociador da volta dos jesuítas ao Maranhão, fato que dá origem à Lei do Regimento da Missão, de 1686.<sup>33</sup>

1688 – Embarca em 17 de maio, em Lisboa, de volta para o Maranhão.

1688 a 1690 – Reitor do Colégio Nossa Senhora da Luz e Comissário da Santa Inquisição.<sup>34</sup>

1690 a 1693 – Superior da Missão.<sup>35</sup>

1693 a 1698 – Escreve a *Crônica da Missão*.<sup>36</sup>

1698 – Falece a 5 de agosto, no Colégio do Pará.<sup>37</sup>

---

32 J. F. Bettendorff, *Crônica da Missão*, 369-382.

33 J. F. Bettendorff, *Crônica da Missão*, 391-443.

34 J. F. Bettendorff, *Crônica da Missão*, 442. Recebeu o encargo de Reitor e de Comissário da Santa Inquisição para o Estado do Maranhão no mesmo dia em que chegou a São Luís.

35 *ARSI Bras.* 27, 7r. *Catalogus Personarum Missionis Maragnonensis 1690*. Bettendorff aparece como superior da missão.

J. F. Bettendorff, *Crônica da Missão*, 473-474.

36 J. F. Bettendorff, *Crônica da Missão*, 5. Bettendorff escreve: “A primeira é que eu me não ingeri a escrevê-la por minha propria eleição, mas sujeitei-me a este trabalho visto o padre Bento de Oliveira, subprior da missão daquelle tempo, e seu successor, o padre José Ferreira mostrarem gosto nisto, por não haver já missionários antigos que tenham as noticias necessárias, e ser eu o que possa fazer, ao menos em o modo que o tempo me permite.” O Padre superior da missão, Bento de Oliveira, chegou ao Maranhão a 7 de maio de 1693. O que leva a entender que Bettendorff escreveu sua *Crônica* de 1693 até “vinte e cinco de Maio de 1698”, que são as últimas palavras de seu documento.

37 *ARSI Bras.* 27, 11r. *Catalogus Sociorum Missionis Maragnonensis 1697*. É a última vez que Bettendorff aparece no catálogo da missão do Maranhão. Por muito tempo não se tinha certeza sobre a data de sua morte e arquivistas da Companhia de Jesus, entre eles padre Afonso Kleiser, trabalharam arduamente para conseguir estabelecer a data certa. Serafim Leite é quem deu a solução, quando encontrou na Biblioteca Nacional de Lisboa o Livro dos Óbitos dos Religiosos pertencentes ao Colégio de Santo Alexandre, em Belém do Pará, com duas cópias, uma na Coleção Pomb. 4 e a outra no Fundo Geral, da BNL, 4518, começando na folha n. 21.

S. Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, t. VIII, 99.



.....

## *Índice onomástico*

### A

- ABBEVILLE, Cláudio de (padre) – 3, 4, 6, 9, 10, 11, 15
- AFONSO (dom, rei) – 235
- AFONSO [...] RUI (capitão) – 354
- AGOSTINHO (cirurgião) – 548, 733, 741
- AGOSTINHO (ou Ambrósio) – 322, 323, 324
- AGOSTINHO (padre) – 166
- ALBERGARIA, Manuel de (provedor-mor) – 324, 325
- ALBERTO (frei) – 211, 253
- ALBUQUERQUE, Antônio (sobrintendente) – 436, 437
- ALBUQUERQUE, Antônio de Carvalho e – 30
- ALBUQUERQUE, Jerônimo de – 7, 8, 9
- ALBUQUERQUE, Pedro de (governador) – 57, 73, 74, 75, 76
- ALEGRETE (marquês de) – 477
- ALEMÓ, Jorge Gomes – 22
- ALEXANDRE MAGNO – 66
- ALEXANDRE SEXTO (papa) – 712
- ALMEIDA, Antônio de (padre) – 127
- ALMEIDA, Francisco (padre) – 494
- ALMEIDA, João de (padre) – 89, 165, 189, 251, 271, 286, 291, 294, 325, 357, 393, 444
- ALMEIDA, Manuel (padre) – 517
- ALMEIDA, Tomé de (ouvidor-geral) – 331
- ALONSO (feitor) – 89, 572
- ALONSO (oleiro) – 346
- ALONSO [?] – 284
- ALVARENGA (padre) – 364
- ÁLVARES, Antônio (padre) – 661,
- ÁLVARES, Bento (padre) – 85, 102, 167, 175, 190, 251, 279, 281, 284, 286, 294, 308, 317, 332, 341, 366
- ÁLVARES, Luís (padre) – 446, 494
- ÁLVARES, Mateus (capitão) – 537
- AMADEU, Benedito (padre) – 77
- AMADEU, Bento (padre) – 57
- AMADO, Bento (padre) – 47
- AMAPIXABA [Paulo] (capitão, irmão uterino do principal Canária) – 485, 487, 490, 491, 693
- AMARAL, José de (padre) – 437
- AMARAL, José do (frei) – 95
- AMARAL, Manuel de (padre) – 535, 536, 618, 657, 686, 732, 733, 751, 763, 764
- AMARAL, Valentim do (padre) – 172, 222, 228
- AMODECOL, Benedito (padre) – 69, 71, 72, 83
- ANA – 83, 195
- ANCHIETA, José de (padre) – 43, 46
- ANDRADE, Gregório de (padre cravista) – 587, 648
- ANDRADE, João de – 455, 456
- ANDRADE, Manuel Pires Freire de – 83

ÂNGELO (frei) – 211  
 ANGRA, Domingos – 575  
 ANTÃO AFONSO (padre) – 611  
 ANTÔNIA – 126, 201, 213  
 ANTÔNIO [?] – 204  
 ANTÔNIO (índio carapina) – 287  
 ANTÔNIO (rapaz) – 485  
 ANTÔNIO (sargento-mor) – 201  
 ANTÔNIO AFONSO (padre coadjutor) – 613, 616, 686, 749, 751, 765  
 ANTÔNIO MARIA (padre factótum) – 427  
 ANTUNES, Manuel (padre) – 405, 418, 431, 432, 600, 733, 755  
 ANTUNES, Miguel (padre, missionário de Mortigura) – 564, 573, 590, 600, 615, 624, 643, 650, 657, 665, 686, 698, 716, 717, 719, 741, 748, 749, 752, 765  
 APARÍCIO (padre) – 621  
 APOLINAS (padre) – 518  
 ARACU (principaleza indígena, mulher do principal Canariá) – 485  
 ARAGÃO, Maria de (dona, viúva do capitão João de Ornelas) – 631  
 ARAGÃO, Miguel de (padre) – 554, 606  
 ARANHA, Baltasar – 201  
 ARANHA, Manuel Guedes (capitão-mor) – 32, 33, 41, 219, 249, 339, 381, 394, 471, 553, 554, 589, 593, 612, 614, 615, 624, 625, 626, 739  
 ARAÚJO, Jacinto de (capitão-mor) – 437  
 ARENDANA (padre) – 632  
 ARNAU, Antônio (sargento-mor) – 231, 232, 233, 234, 236, 239, 254, 271

ARTIEDA, André de (padre) – 18, 60  
 ASCENSÃO, Manuel (frei) – 661  
 AVELÃ, Pedro da Costa – 73  
 AVELAR, João de (padre) – 20, 493, 515, 540, 573, 587, 597, 629, 640, 641, 653, 699, 700, 725, 753, 767  
 AVENDANHA – 726  
 ÁVILA, João Soares – 49  
 AZEVEDO, Hilário de Sousa de (capitão-mor) – 24, 32, 40, 41, 76, 456, 589, 595, 605, 606, 607, 616, 661, 697, 706, 707, 709, 721, 733, 736, 739, 740, 747, 751  
 AZEVEDO, Inácio de (padre) – 102, 167, 175, 190  
 AZEVEDO, Pedro Carneiro de (engenheiro) – 567, 568

## B

BALDEZ, Manuel – 327  
 BARBOSA, Inácio (frei) – 405, 409  
 BARBOSA, João da Silva Domingos (padre) – 66, 428, 720, 733, 736, 737  
 BARBOSA, João Pereira – 189, 276, 566  
 BARBOSA, Manuel (padre) – 413  
 BARLA, Antônio Vaz – 70  
 BARRADAS, Antônio – 204, 205, 207, 212  
 BARREIROS, Antônio Moniz (capitão-mor) – 69, 70, 76, 77, 79, 86, 88  
 BARREIROS, Bartolomeu – 298  
 BARREIROS, José (padre) – 35, 40, 64, 384, 400, 402, 481, 522, 524, 526, 549, 550, 555, 573, 615, 624, 638, 646, 654, 684, 686, 687, 695, 723, 737, 740, 741, 750, 752, 754, 765

- BARRETO, Paulo (frei) – 95  
BARROS, Brás de – 669, 670  
BARROS, Francisco de – 318, 319, 631  
BARROS, Manuel de (capitão-mor) – 573  
BARROS, Miguel Ribeiro (alferes, provedor-mor) – 576, 621  
BATISTA, Ana – 309  
BATISTA, Antônio (padre) – 651, 661  
BATISTA, João (matador) – 631, 691  
BAXO (padre) – 632  
BAYON, Pedro (capitão) – 18  
BECKEMAN, Tomás – 318, 411, 455, 456, 461, 536, 734  
BECKEMANS (os) – 318, 319  
BECKMAN, Manuel – 254, 255, 272, 282, 318, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 418, 436, 460, 461, 462, 734  
BERNARDO (índio) – 745, 746  
BETENDORFF, João Filipe (padre) – 19, 25, 28, 167, 168, 181, 280, 406, 418, 510, 552  
BICUDO, Francisco (capitão) – 243, 282  
BISCAINHO, Pero Dasais (cirurgião) – 69, 126, 201  
BOAVENTURA (frei) – 631, 644, 664  
BORBA, Manuel (padre) – 352, 362, 455, 456, 465, 483, 539, 549, 550, 551, 555  
BOTELHO, João (capitão-mor) – 309, 315  
BOTIRÃO (principal) – 78, 80, 321, 323, 324, 361  
BRANDÃO, Manuel (padre) – 651, 661, 665  
BRAVO, Guilherme Rodrigues (provedor-mor) – 636, 666  
BREN, Henrique – 411, 418, 430  
BRITO, Antônio de (padre) – 651, 661  
BRITO, Francisco de (governador) – 173  
BRITO, Manuel de (frei) – 333, 334  
BUSTAMANTE, Apolônia – 48
- C**
- CABRAL, João Monteiro – 372  
CABRAL, João Montenegro (capitão) – 411  
CÁCERES, João Pereira de (capitão-mor) – 282, 318  
CÁCERES, José de – 318  
CÁCERES, Maria de Almeida e (dona) – 418, 734  
CADAVAL (duque de) – 477  
CAITABUNA (principal) – 265  
CALDEIRA, Francisco – 50  
CALHAN, João Rodrigues (padre) – 752, 776  
CALISTO (escravo) – 684  
CAMAIUÁ (pajé) – 485, 489  
CÂMARA, Amaro Cardoso (capitão-mor) – 438, 544, 620, 621, 622, 623, 639, 654  
CÂMARA, Melchior Ornelas da (cabo) – 703, 713  
CAMARU, João (principal) – 40  
CAMBRAY (geral arcebispo e príncipe de) – 782  
CAMPELO, Diogo (juiz dos órfãos) – 771  
CAMPOS, João Baltasar de (padre) – 203, 215, 221, 222, 244, 286, 316, 350, 395



- CANARIÁ [Francisco] (principal) – 485, 486, 489, 490, 491
- CAPARIPE (índio) – 485
- CAPAÚBA, Lopo de Sousa (principal, intérprete) – 103, 340, 349, 485, 699, 717
- CARAPINA, Melchior Gonçalves – 461, 599
- CARDIM, Fernão (padre) – 44
- CARDOSO [?] – 82
- CARDOSO SAMPAIO – 447
- CARDOSO, Fuão (mercador) – 464
- CARDOSO, Gaspar (padre) – 84, 95
- CARDOSO, Rafael (padre) – 85
- CARNEIRO, Luís Pedro (capitão-mor) – 490
- CARNEIRO, Manuel (padre) – 427, 440
- CARNEIRO, Tomás (padre) – 511, 600
- CARREA, Ricardo (subprior) – 89, 166, 167, 174, 188, 251, 513
- CARVALHO, Antônio (capitão-mor) – 309, 316, 326, 642, 703, 745, 750, 751, 752, 753
- CARVALHO, Antônio (cirurgião) – 271
- CARVALHO, Antônio de Albuquerque Coelho de (capitão-mor, general, governador) – 19, 21, 22, 25, 26, 28, 29, 30, 32, 34, 39, 250, 276, 291, 309, 316, 322, 324, 326, 327, 356, 373, 436, 471, 481, 482, 483, 488, 489, 490, 535, 536, 567, 574, 580, 587, 589, 606, 621, 624, 634, 636, 643, 654, 656, 682, 702, 703, 710, 711, 712, 715, 738, 747, 771
- CARVALHO, Bernardinho de (sargento-mor) – 242, 248
- CARVALHO, Cássio Albérico Pereira de (padre) – 779
- CARVALHO, Feliciano de – 28
- CARVALHO, Francisco de Albuquerque Coelho de [Sardo] (governador) – 21, 28, 30, 55, 56, 58, 76, 316, 634, 654
- CARVALHO, Jacinto (padre) – 651, 661
- CARVALHO, Jácome de (padre) – 102, 128, 176
- CARVALHO, João de (capitão-mor) – 694
- CARVALHO, José (padre) – 511, 536, 540
- CARVALHO, Manuel (cabo) – 225, 261
- CARVALHO, Pantaleão (padre) – 376, 377, 384
- CASIMIRO (principal) – 366, 383
- CASSOLI, Pero Francisco (padre) – 437
- CASTRO – 726
- CASTRO PALÃO – 632
- CASTRO, João de Sousa de (governador) – 411, 419, 427, 428, 429, 430, 440, 764
- CATARINA (dona) – 219, 466, 665, 691, 703, 718
- CAXÉU, Ricardo (padre) – 101
- CENA, João Carlos Cenis de (padre) – 364, 467
- CHICHORRO, Aires de Sousa (cavaleiro do Hábito de Cristo) – 76, 378, 707
- CHICO, José de Sousa (padre secular, vigário) – 204, 208, 456, 666, 669, 697, 707
- CHINCHÓN (conde de, visor-rei de Peru) – 59
- CIRIGADO, Antônio – 671

- CLEMENTE (filho do capitão Furtado de Mendonça) – 456
- COELHO, Antônio (padre superior) – 19, 465, 467, 528, 530, 540, 571, 639, 653, 681, 700, 755
- COELHO, Domingos (padre) – 364, 418
- COELHO, Filipe (padre procurador) – 421, 423, 426
- COELHO, Jacó (padre) – 168, 169, 172, 257, 280, 423, 731, 736
- COELHO, Manuel (padre) – 138, 293, 307, 724, 736
- COELHO, Mateus – 138, 684, 723
- COLARES, Manuel Nunes (ouvidor-geral) – 356, 447, 460, 533, 621, 691
- COLUMI-U-AÇU (pai) – Ver GOMES, Bernardo
- CORDEIRO, André – 297, 298, 346, 347
- CORPO SANTO, Manuel do (padre) – 331
- CORREIA, Agostinho (capitão-mor, governador) – 56, 104, 108, 113, 258, 318, 456, 574, 699, 700
- CORREIA, Feliciano (capitão-mor) – 75, 201, 292
- CORREIA, João (ouvidor-geral) – 185, 186, 191, 192, 193, 194, 196, 318, 319
- CORREIA, José – 456
- CORREIA, Manuel (frei) – 318, 661, 697
- CORREIA, Manuel Vaz (capitão-mor) – 366, 392
- COSTA, Antônio da – 255
- COSTA, Branca da – 97, 576
- COSTA, Catarina da – 97, 175, 189, 341, 576, 696
- COSTA, Catarina da (mãe) – 97
- COSTA, Diogo da (padre reitor) – 19, 22, 103, 205, 254, 352, 362, 374, 418, 421, 440, 511, 514, 528, 539, 540, 566, 567, 587, 639, 651, 654, 657, 686, 698, 717, 718, 764
- COSTA, Domingos da (padre) – 39, 166, 196, 202, 203, 210, 291, 418, 429
- COSTA, Francisco da (vigário-geral) – 221
- COSTA, Isabel da – 20, 97, 283, 296, 576
- COSTA, José da – 3, 7
- COSTA, Lourenço da – 278
- COSTA, Manuel da (padre) – 36, 364, 388, 418, 431, 432, 434, 437, 453, 454, 493, 515, 573, 593, 615, 654, 660, 664, 732
- COSTA, Mateus Dias da (ouvidor-geral) – 747, 765, 771, 772, 774
- COSTA, Paulo da (padre procurador-geral) – 171, 172
- COUTINHO, João Gaspar (padre) – 339
- COUTINHO, Manuel (padre) – 374, 411
- COUTO, Lopo do (padre) – 47, 72
- COUTO, Tomás do (padre) – 511, 512, 539, 600
- CRISTÓVÃO (índio) – 141, 142
- CRISTÓVÃO DOMINGOS – 279, 286
- CUNHA, Agostinho da (padre) – 418, 431, 432
- CUNHA, Antônio da (padre) – 333, 374, 467, 545, 549, 592, 593, 594,

790 João Filipe Bettendorff

595, 600, 601, 617, 618, 635, 638,  
657, 664, 686, 689, 698, 709, 717,  
740, 743, 744

CUNHA, Cristóvão da (padre) – 18, 29,  
36, 42, 58, 60, 64, 65, 66, 67

CUNHA, Manuel da – 212

CUREMIM, José – 253

CUREPARÉ, João (principal) – 378

CURLOADEN, Francisco Perino (pa-  
dre) – 510

**D**

D'EÇA, José (capitão) – 26, 381, 756

DAMIÃO (principal) – 366

DE LA RAVARDIÈRE (governador) –  
6, 9, 10, 537, 538

DE VAUX [Charles] – 6

DEIRÓ, Francisco – 411, 418, 435,  
461, 462

DELGADO, Mateus (padre) – 22, 48,  
88, 101, 103, 167, 175, 256, 297

DIAS, João (padre) – 171, 368

DIAS, Pero (padre reitor) – 427, 428, 440

DOMINGOS DA CRUZ (padre estu-  
dante) – 535, 536, 545, 600

DOMINGOS FRANCISCO (padre co-  
adjutor) – 651, 766

DOMINGOS FRANCO – 613

DOMINGUES, Tomé – 331

DORSAIS, Pedro (procurador) – 211,  
212, 215, 221, 253

DUARTE (escravo) – 421, 422, 426

DUARTE RODRIGUES – 648

DUARTE, Agostinho – 253

DUARTE, Domingos – 254, 346

DUARTE, Manuel (padre) – 364, 437,  
455, 550

DUARTE, Manuel (sargento-mor, capi-  
tão-mor) – 682

**E**

ELIAS (frei) – 628

ENCARNAÇÃO, Manuel da (frei) –  
703

ESTANCEL, Valentim (padre) – 428,  
440

ESTEVES, João (tio de Domingos Pe-  
reira) – 668, 683, 684, 684

**F**

FARTO, João (marinheiro) – 544, 620

FAVELA, Francisco da Costa (capitão)  
– 18, 59, 247, 264

FAVELA, Pedro da Costa (capitão) –  
70, 104

FERNANDES, André (padre) – 187

FERNANDES, Baltasar (sargento-mor,  
capitão-mor) – 352, 407, 409, 682

FERNANDES, Domingos (padre) – 432

FERNANDES, João (padre) – 85, 89,  
188, 251, 254, 296, 330, 343, 418,  
420

FERNANDES, Manuel (padre) – 344,  
405, 446

FERREIRA, Antônio – 244, 636

FERREIRA, Gaspar – 366

FERREIRA, Inácio (padre-mestre) –  
374, 453, 454, 493, 515, 573, 600,  
639, 649, 651, 653, 660, 681, 687,  
719, 735, 771, 775

FERREIRA, João de Sousa (vigário ge-  
ral) – 21, 318, 495, 618

FERREIRA, José (padre-mestre) – 19,  
40, 374, 492, 512, 515, 516, 517,

- 518, 539, 572, 573, 651, 652, 653, 654, 663, 676, 679, 681, 682, 684, 687, 689, 693, 697, 700, 716, 717, 720, 725, 734, 735, 743, 744, 749, 751, 753, 758, 764, 765, 771, 772, 773, 774, 776, 783
- FERREIRA, Pascoal (escravista) – 590
- FERREIRA, Sebastião (padre) – 97
- FERROLES (marquês de) – 589, 711, 712, 713, 714, 738
- FIALHO, Domingos – 198, 199, 200
- FIGUEIRA, Luís (subprior) – 7, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 55, 57, 74, 73, 86, 104, 109, 121, 122, 372, 443
- FIGUEIREDO, Domingos de Almeida – (capitão) – 295, 308, 328, 567
- FIGUEIREDO, Fuão – 355
- FILIFE – 296
- FILIFE (dom, rei) – 58, 60
- FILIFE (pescador) – 254
- FILIFE (piloto) – 485
- FILIFE COSME – 294
- FONSECA, Antônio da (padre, provedor-mor) – 39, 324, 465, 522, 526, 562, 563, 602, 633, 636, 639, 657, 687, 694, 695, 704, 721, 722, 723, 733, 739, 741
- FONSECA, João de Herrera da (capitão-mor) – 175, 189, 199, 604, 696
- FONSECA, José da (padre) – 511
- FONSECA, Maria da – 718
- FONTAYNE (piloto de nau) – 445
- FRAGOSO, Gaspar (padre) – 89
- FRANÇA, Antônio da – 267, 268
- FRANCA, Antônio Lameira da (vigário) – 83, 691, 697, 706, 723, 727, 776, 777
- FRANCA, João Duarte (capitão-mor) – 537
- FRANCISCO (filho dos soberanos) – 480
- FRANCISCO (entalhador, filho de Alonso, feitor de ilha) – 572
- FRANCISCO (feitor) – 347
- FRANCISCO (marceneiro) – 512
- FRANCO, Antônio – 175
- FRANCO, Domingos – 613
- FRANCO, João Duarte (capitão-mor) – 533, 534, 535, 537, 687, 755, 772
- FREIRE, João de Almeida (sargento-mor) – 288, 289
- FREITAS, Teodósio de (frei) – 555, 556, 557, 558, 559, 769
- FRITZ, Samuel Fernandez (padre) – 470, 471, 527, 565, 601, 705, 768
- FRUTUOSO CORREIA (padre) – 652, 681, 687, 719, 771, 775
- FUENTES, Francisco de (padre provincial) – 60
- FUES, Leopoldo (padre) – 479, 493, 494, 736
- FUNDÃO, Francisco de Sousa (capitão-mor) – 739
- FUNDÃO, Manuel de Sousa (capitão) – 35, 705, 710, 713, 714, 715, 736, 738
- FURTADO DE MENDONÇA (capitão) – 456
- FURTADO, Antônio (padre mestre) – 444, 445
- FURTADO, Baltasar – 716, 737

## G

- GAGO, Fernão Mendes (alferes) – 18, 59
- GALVÃO, Duarte (padre) – 651
- GALVÃO, Manuel (padre) – 535, 536, 539, 573, 602, 615, 636, 650, 651,

- 652, 653, 654, 656, 657, 660, 674, 676
- GAMA, Antônio Roiz – 79
- GANDOLFIN, Estêvão (padre) – 364, 387, 391, 405, 409, 410, 416, 417, 418, 431
- GARCEZ – 192
- GARCIA, João – 192
- GARRO, Paulo Martins (capitão-mor) – 29, 31, 117, 130, 145, 183, 196, 203, 205, 206, 210, 212, 221, 247, 279, 316
- GLUI, Pedro Luís (padre) – 39
- GOAMIMANI (índio) – 487
- GOMES FREIRE DE ANDRADE (governador) – 22, 455, 460, 462, 463, 464, 465, 466, 477, 612, 613, 673
- GOMES, Antônio (padre) – 40, 418, 431, 432, 725, 764, 767, 768, 769
- GOMES, Bernardo (padre) – 371, 481, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 521, 541, 625, 626, 635
- GOMES, Cláudio (padre) – 511, 600
- GOMES, Marcelino (padre) – 405, 418
- GONÇALO (índio) – 596
- GONÇALO ÁLVARES – 189, 190, 198
- GONÇALO DOMINGUES – 269
- GONÇALVES – 324
- GONÇALVES DE MEREÚ (padre) – 411
- GONÇALVES, Alberto – 327
- GONÇALVES, Antão (padre) – 280, 343, 374, 418, 421, 512, 515, 573, 575, 576, 577, 581, 597, 598, 615, 636, 647, 725, 735, 739, 741, 756
- GONÇALVES, Antônio (padre) – 281, 371, 511, 540, 653, 723, 750, 756, 766
- GONÇALVES, Domingos (coadjutor temporal) – 652, 681, 686, 739
- GONÇALVES, Francisco (padre) – 85, 89, 102, 122, 125, 146, 147, 148, 151, 207, 346
- GONÇALVES, João Xavier (padre) – 364, 388, 453, 454
- GONÇALVES, José (vigário da vara do Pará) – 484, 516, 540, 735, 776
- GONÇALVES, Melchior – Ver CARAPINA, Melchior Gonçalves
- GONÇALVES, Tirso (padre-geral) – 535, 545, 598, 604, 611, 681, 696, 769
- GONSALVI, Pero Luís (padre) – 337, 339, 348, 481, 482, 518, 757
- GONZALES, Ana (mulher de João Pereira Barbosa) – 566
- GORSONY, João Maria (padre) – 57, 92, 165, 166, 176, 177, 182, 200, 201, 215, 228, 241, 245, 252, 253, 257, 276, 282, 292, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 329, 363, 378, 467, 468, 469, 470, 527, 528, 529, 553, 554, 557, 558, 560, 562, 564, 588, 589, 591, 592, 595, 601, 603, 604, 607, 618, 657, 686, 689, 704, 707, 722, 723, 724, 736, 739, 765, 767, 768, 782
- GOUVEIA, Antônio Rodrigues de – 86, 88, 253-254
- GOUVEIA, José de – 86
- GUACAZIRI (principal) – 490
- GUARIAVIA (principal) – 488
- GUARICUPI (índio) – 488
- GUARUXIMENÁ (índio) – 485
- GUEDES, Manuel (capitão-mor) – 190, 490, 657
- GUIRIPU (principal) – 5
- GURAPATIBA, Alexandre de – 366

GUSMÃO, Alexandre de (padre reitor) – 75, 428, 440, 459, 512, 572

GUSMÃO, Luíza de (rainha) – 214, 217, 235

## H

HEGRES, Jacó (mercador) – 495, 497, 644

HELENA (mulher de Tomás Beckeman) – 536, 734

HENRIQUE (cardeal-rei) – 58

HENRIQUE (principal) – 668, 669

HENRIQUE O GRANDE (rei) – 6

HENS, Teodoro (padre) – 731

HERES, Teodoro (padre) – 172

HOMEM, Lourenço (padre) – 651, 661, 751, 763, 764

HOMEM, Manuel (padre, vigário da sé, filho do capitão-mor Baltasar Fernandes) – 682, 771, 772, 774

HORÁCIO – 302

HUMBERTO (padre) – 168, 782

## I

INÁCIO (patriarca dos jesuítas) – Ver LOIOLA, Inácio de

INAIQUEREPÉ (índio) – 485

INGAÍBA, Simão (principal) – 142, 225, 226, 261, 379, 489

INOCÊNCIO, N.S.P (papa XI) – 500, 501

ISABEL (dona) – 83

ISABEL (escrava) – 346

ITAPARI (principal) – 486, 487, 520, 521

## J

JACINTO (principal) – 333

JÁCOME (padre) – 97

JARDIM, Manuel Cordeiro – 186, 189, 190, 211, 253

JERÔNIMA (dona) – 79

JIBAQUARA (principal) – 667

JOANIM (índia) – 732

JOÃO (mestre-mor) – 726

JOÃO IV (rei) – 21, 73, 81, 87, 95, 96, 112, 121, 125, 148, 187, 188, 245, 471

JOÃO MARIA (padre) – 38, 39, 93

JOSÉ TOMÁS (padre) – 374

JULIANA – 253

JUZARTE, Manuel (padre) – 132, 481, 482, 483, 488, 614, 618, 634, 635, 639, 758

## K

KLEISER, Afonso (padre) – 783

KREK, Jacó (padre) – 168, 782

## L

LA FORRÉE – 714

LA RAVARDIÈRE (capitão de nau) – Ver DE LA RAVARDIÈRE

LACERDA, Diogo Pereira de – 643, 668, 671, 683, 722

LAET, João – 3, 11, 12, 66

LAMOTHE-CAIGRON – 712, 713

LAMOUSSE, Cláudio de (padre) – 714

LA RAVARDIÈRE (capitão) – Ver DE LA RAVARDIÈRE

LAVRA, Manuel Lopes da (procurador) – 480, 493

LEAL, Jorge Rodrigues (juiz do Santo Nome de Jesus) – 648, 766

LEANDRO (filho do principal Mandu) – 489

- LEMOS, Manuel de (padre mestre) – 444, 445
- LIMA, Francisco de (padre reverendíssimo) – 690
- LIMA, Manuel de (padre) – 255, 342, 498
- LIRA, Lourenço de (escrivão) – 71, 103
- LOBO, João de Morais (capitão) – 298, 590, 615, 691, 703
- LOIOLA, Inácio de (padre patriarca) – 483, 521
- LOPES, F. (escrivão) – 771
- LOPES, Francisco (cabo) – 361
- LOPES, Henrique (capitão-mor) – 413, 437, 584, 725
- LOPES, José – 25, 40, 739
- LOPES, Manuel (padre) – 146, 201, 206, 215, 251, 254, 462, 465, 493, 514, 618, 684, 686, 733, 764
- LOSNE, Davi – 538
- LOUSADA, Agostinho (padre, procurador da província de Portugal) – 445
- LOYO, Gregório dos Anjos (dom, bispo) – 19, 368, 371, 374, 380, 387, 394, 395, 396, 411, 423, 481, 498, 517, 708
- LUCAS, João Justo (padre) – 41, 71, 535, 536, 564, 606, 607, 639, 642, 657, 658, 659, 668, 670, 671, 682, 683, 684, 694, 695, 721, 722, 723, 724, 733, 740, 751, 752, 753
- LUDOVICO (padre) – 168
- LUÍS (rapaz) – 485
- LUÍSA (dona, rainha) – 540
- LUZ, Paulo da (padre) – 97
- LUZIA – 196
- M**
- MACEDO, Antônio de Sousa de (juiz da câmara) – 26, 618, 726
- MACEDO, Domingos (padre) – 41, 516, 686, 744, 755, 769
- MACHADO, Luís (padre) – 172, 280
- MACIEL – 368
- MACIEL, Bento – 640
- MACIEL, João (vigário) – 175, 256, 436, 437
- MACIEL, Maria (dona) – 329
- MACIEL, Vital de – 20, 139, 334, 335, 633
- MACURAGUAIA (principal) – 484, 486, 487
- MADEIRA, Carlos – 270
- MADEIRA, F. – 297
- MADEIRA, João (padre) – 447, 455, 456, 575
- MADEIRA, Lucas – 203-204
- MAGALHÃES, Luís de (governador) – 78
- MAGALHÃES, Sebastião de (padre) – 466, 476, 477, 612, 615, 637
- MAMORINI (principal) – 523, 524, 525
- MANDU (principal) – 489
- MANSOS, Manuel (entalhador do reino) – 572
- MANUEL DAVI – 90
- MANUEL JOÃO (entalhador) – 687, 724
- MANUEL JORGE (padre) – 280
- MANUEL LUÍS (padre) – 171
- MANUEL MARCOS (mestre entalhador) – 640
- MARÇAL (principal) – 596
- MARIA – 79, 83
- MARIA (índia) – 701
- MARIA SOFIA ISABEL (princesa) – 476
- MAROCOT, João (padre) – 651, 661, 665

- MARQUES, Manuel – 668, 669  
MARTINHO – 717  
MARTINHO (padre) – 781  
MARTINS, Amaro (capitão) – 20, 21  
MARTINS, Clemente – 661  
MARTINS, Domingos – 270  
MARTINS, Inácio (padre) – 682  
MARTINS, Manuel (padre) – 393, 611, 613, 661  
MATEUS (capitão) – 366  
MATOS, Domingos de (sargento-mor) – 630  
MATOS, Francisco de (padre) – 445, 464, 494  
MATOS, João (capitão, almoxarife) – 205, 727  
MATOS, João da Rocha (ouvidor, procurador-geral) – 374, 445, 494  
MATOS, Manuel de – 409  
MATOS, Silvestre de (padre) – 651, 652  
MELO, Antônio Teixeira de (capitão-mor) – 70, 72, 75, 76  
MELO, Catarina de – 278  
MELO, Joana de – 84, 469, 592  
MELO, Lázaro de – 461, 462  
MELO, Manuel de (donatário da capitania) – 543, 544, 621, 622  
MELO, Pedro de (governador) – 111, 126, 141, 142, 156, 174, 188, 189, 198, 200, 203, 219, 220, 229, 366  
MENDES, Faustino (cabo) – 589, 595, 603  
MENDES, Luís Pero (senhor da Câmara) – 634  
MENDONÇA, Cecília de (dona) – 83  
MENESCAL, Miguel – 500  
MENESES, Antônia de (dona) – 69, 71, 216  
MENESES, Artur de Sá e (governador) – 20, 463, 464, 465, 466, 489, 527, 573  
MENESES, Diogo de Sousa de (ouvidor-geral) – 205, 364, 666  
MENESES, Francisco de Sá e (governador) – 392, 393, 394, 395, 396, 406, 407, 408, 411, 437, 453, 462, 469, 592  
MENESES, Francisco de Sousa de (ouvidor-geral) – 271  
MENESES, Pedro César de (governador) – 327, 329, 332, 352, 353, 361, 363  
MIDINAPÁ (principal) – 360  
MIGTAGOIAIA, Gregório (principal) – 47, 48, 55  
MIGUEL (carapina) – 572  
MINAS (marquês das) – 428  
MIRANDA, Antônio de (cabo, sargento-mor) – 471, 472, 602, 687  
MIRANDA, Francisco – 235, 236  
MISSEH, Gaspar (padre) – 172, 174, 175, 176, 177, 182, 183, 191, 196, 200, 202, 203, 205, 210, 211, 215, 221, 241, 253, 256, 270, 276, 288, 292, 364, 380, 392, 467, 471, 538, 657, 686, 698, 729, 730, 731, 732  
MOACARA, Maria – 195, 294, 385, 400, 577, 630  
MOLINA, Miguel de – 499, 500, 501, 509  
MONIZ, Ambrósio (alferes) – 379  
MONSIEUR (capitão) – 445  
MONTEIRO, Agostinho (capitão) – 374  
MONTEIRO, Domingos “Pocu” (cabo) – 136  
MONTEIRO, João – 297, 298, 376



MONTEIRO, Pedro (padre) – 281, 317  
 MORAIS, Gabriel de (procurador) – 418, 707  
 MORAIS, Gonçalo de (padre) – 444, 445  
 MORAIS, Hilário (filho primogênito de Manuel de Moraes) – 700  
 MORAIS, Isabel (sogra de Jorge Rodrigues) – 648  
 MORAIS, Luís de (governador da casa-forte) – 704  
 MORAIS, Manuel (senhor de engenho) – 700  
 MOREIRA, Bento Rodrigues de – 59, 364  
 MOREIRA, Martinho (cavalheiro do hábito de Santiago) – 97, 98, 284  
 MORENO, Pero Dias (artilheiro) – 48  
 MORTIGURA, Domingos de (capitão) – 379  
 MOSQUEIRO (mameluco) – 575, 576  
 MOTA, Francisco da (padre) – 418  
 MOTA, Manuel da (capitão-mor) – 39, 555, 704, 723  
 MOURA, Alexandre de (capitão-mor) – 7, 47, 50, 55  
 MOURA, Domingos Rodrigues (mercador) – 593  
 MOURA, José (padre) – 651  
 MOXIMARÉ (índio) – 487  
 MUNIZ, Ambrósio (alferes, governador da casa-forte) – 88, 704  
 MUNIZ, Antônio – 76  
 MUNIZ, Manuel (padre) – 76, 78, 253  
 MUNIZ, Sebastião – 566

## N

NATÁLIA (intérprete, irmã uterina do principal Guacaziri) – 489, 490

NEGREIROS, André Vidal de (governador) – 97, 104, 109, 113, 124, 156, 574  
 NEUBÚRGIO (duque, príncipe) – 479  
 NEUZEMBÉRGIO (padre) – 362  
 NEVES, Melquior das (padre) – 490  
 NICOLAINI – 563  
 NIKEL, Gosvino (padre-geral) – 101, 148, 149  
 NÓIA, Manuel da (padre) – 371  
 NORONHA, Jácome Raimundo de (provedor-mor) – 58, 68  
 NUNES, Lucas – 567  
 NUNES, Manuel (subprior, padre reitor) – 29, 91, 102, 103, 125, 128, 130, 131, 140, 167, 176, 177, 182, 200, 201, 209, 214, 215, 218, 221, 222, 241, 244, 245, 246, 251, 254, 260, 275, 276, 281, 282, 285, 286, 290, 291, 294, 303, 309, 326, 348, 349, 350, 351, 374, 388, 395, 407, 418, 431, 511, 512, 529, 537, 600, 601, 616, 617, 618, 619, 620, 633, 634, 636, 638, 642, 644, 646, 648, 657, 666, 674, 675, 676  
 NUNES, Marçal (capitão-mor) – 200, 214, 215

## O

OLANDER, Sandecim (capião) – 69  
 OLEIRO, João – 346  
 OLIVA, João Paulo (padre-geral) – 300, 317, 336, 339, 341, 372, 376, 377, 387, 395  
 OLIVEIRA, Antônio de (padre provincial) – 75, 239, 329, 330, 371, 405, 428  
 OLIVEIRA, Bento de (padre reitor) – 19, 279, 333, 444, 480, 608, 609,

- 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 623, 624, 631, 633, 634, 636, 638, 642, 646, 649, 650, 651, 653, 654, 657, 660, 661, 666, 669, 674, 676, 681, 682, 684, 687, 693, 697, 698, 700, 706, 719, 724, 727, 730, 737, 739, 744, 747, 748, 749, 752, 753, 756, 758, 783
- OLIVEIRA, João Paulo de (padre) – 283
- OLIVEIRA, Pedro de (capitão) – 18
- OLIVEIRA, Pedro de (padre) – 493, 600
- OLIVEIRA, Vicente de (sargento-mor) – 201, 283, 284
- ORLANDINI, João Carlos (padre-reitor) – 36, 471, 522, 526, 536, 545, 550, 555, 564, 594, 595, 601, 604, 616, 618, 620, 621, 622, 623, 639, 654, 655, 657, 663, 718, 751, 758
- ORNELAS, João de (capitão) – 631
- P**
- PACHECO, Antônio (capitão-mor) – 220, 292
- PACHECO, João (frei) – 661
- PADILHA (capitão) – 72
- PAIS, Francisco (capitão-mor) – 318, 346
- PAIS, Manuel (capitão) – 415, 554
- PAIS, Manuel (filho do capitão Manuel Pais) – 415
- PAIS, Roque Monteiro – 340, 446, 447, 452, 463, 464, 465, 477, 493, 544, 611, 634
- PALEU – 726
- PALHETA, João – 247
- PALHETA, Manuel (padre) – 661
- PARAPARIXANA (principal) – 524, 525
- PARENTE, Bento Maciel (capitão-mor) – 24, 50, 51, 55, 56, 68, 70, 124
- PARENTE, Pero Maciel (capitão-mor) – 70, 71, 73, 92
- PARENTE, Vital Maciel (capitão-mor) – 124, 357, 365, 436
- PASCOAL (capitão) – 489
- PASSOS, Manuel de (padre) – 25, 748
- PAULA (índia) – 312
- PAULISTA, José (padre-frei) – 752
- PAULO LUÍS (padre) – 103, 144, 146, 166
- PAYEN, Gistênio (padre) – 476
- PAZES, Manuel das (infante) – 769
- PEDRO FRANCISCO (padre) – 132, 318, 340, 423
- PEDRO II (rei) – 19, 21, 35, 39, 41, 66, 75, 125, 129, 391, 392, 408, 429, 438, 471, 478, 588, 592
- PEDROSA, Francisco (padre) – 648
- PEDROSA, Pero (padre) – 573
- PEIXOTO, João (capelão) – 343, 647
- PEREIRA, Ambrósio – 434, 463
- PEREIRA, Antônio (padre reitor) – 93, 257, 305, 333, 343, 344, 352, 356, 364, 365, 377, 381, 382, 391, 393, 394, 399, 400, 402, 453, 462, 465, 467, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 488, 489, 518, 521, 535, 541, 542, 625, 635, 647
- PEREIRA, Antônio (estudante) – 215
- PEREIRA, Antônio – 668
- PEREIRA, Domingos (filho bastardo de Diogo Pereira de Lacerda) – 668
- PEREIRA, Francisco (marinheiro) – 434

- PEREIRA, Francisco (pedreiro, mestre de obras) – 567, 586
- PEREIRA, Gonçalo (padre) – 467
- PEREIRA, Jerônimo (padre) – 374
- PEREIRA, João (padre) – 440, 466
- PEREIRA, Manuel (filho de Diogo Pereira, estudante) – 643, 668, 671, 694, 722
- PEREIRA, Miguel (padre) – 511, 512, 564
- PEREIRA, Pascoal – 392
- PEREIRA, Sebastião (padre) – 600, 639, 654, 658, 661, 697, 698, 727, 751
- PERES, Iodoco (padre) – 35, 363, 364, 365, 367, 370, 374, 377, 380, 382, 391, 393, 394, 399, 400, 402, 405, 406, 412, 417, 419, 423, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 437, 438, 439, 452, 453, 457, 459, 464, 465, 470, 481, 488, 498, 512, 513, 514, 517, 519, 521, 522, 527, 528, 535, 536, 538, 539, 543, 546, 549, 554, 555, 556, 587, 588, 625, 631, 653, 687, 772, 773, 774, 775
- PERO (escravo) – 694
- PERO (principal) – 528
- PERO LUÍS (subprior) – 80, 93, 145, 275, 276, 277, 279, 291, 292, 294, 305, 311, 312, 324, 349, 352, 353, 357, 358, 359, 361, 363, 365, 367, 372, 374, 387, 388, 390, 391, 392, 393, 394, 444, 446, 488, 626, 744
- PERO PAULO (senhor de engenho, capitão-mor) – 629, 641, 700
- PESTANA, Luís (frei) – 298, 411, 412
- PFEIL, Aluísio Conrado (padre) – 41, 364, 365, 366, 370, 377, 382, 390, 392, 395, 412, 418, 431, 432, 437, 454, 467, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 488, 489, 490, 491, 520, 521, 536, 539, 540, 564, 603, 606, 626, 642, 643, 665, 668, 686, 709
- PIEDADE, Antônio da (frei reverendíssimo) – 533, 690
- PIMENTEL (capitão) – 444
- PIMENTEL, Miguel da Rosa (ouvidor-geral, desembargador) – 438, 464, 470, 471, 491, 612
- PINHEIRO, André (capitão-mor) – 469, 470, 472, 527, 556, 558, 560, 588, 601, 602
- PINHEIRO, Pedro (capitão-mor) – 33
- PINTO, Francisco (padre) – 43, 45, 46, 74, 75, 109
- PINTO, Francisco de Seixas (capitão-mor) – 214, 217, 218, 219, 272, 549
- PINTO, Lázaro (principal) – 47
- PINTO, Mariana – 213, 215, 736
- PIRES, Francisco (padre) – 74, 75, 78, 444
- PIRES, Manuel (padre) – 97, 102, 135, 136, 215, 221, 222, 244, 258, 268, 275, 276, 277, 307, 329
- PIRES, Sebastião (padre) – 364, 462, 465, 467, 513, 514, 515, 528
- PIRES, Vicente (clérigo do hábito de Cristo) – 599
- PIYE (principal) – 161
- PLUTARCO – 66
- PODEROSO, Adrião (padre) – 268
- PODEROSO, Francisco (padre) – 515, 600, 616, 644
- PODEROSO, Pedro (padre) – 86, 93, 97, 101, 110, 111, 141, 142, 143, 173, 174, 224, 226, 227, 245, 311, 312, 313, 314, 318, 322, 323, 359, 371, 372, 376, 377, 379, 380, 382,

- 387, 388, 391, 392, 393, 408, 414, 418, 420, 421, 426, 428, 429, 493, 512, 644
- POMERO, Pero (padre) – 494
- PORTAL, José (tesoureiro da tropa) – 550
- PORTILHO, Manuel – 616
- POTFLIZ, Francisco (médico, mercador) – 607, 608, 703, 707, 733, 737, 777
- PRADO (conde do) – 428
- PRADO (condessa do) – 362
- PROVINCIAL, Jacó (padre) – 423
- PURIFICAÇÃO, Sebastião da (frei) – 490
- Q**
- QUINTO CÚRCIO – 66, 316
- QUIRAETÉ, Lopo (pai de Pero, o escravo) – 694
- QUIRAETEIMA, Pero (sangrador da aldeia) – 671
- R**
- RABELO, Manuel (padre) – 39, 493, 515, 535, 539, 597, 639, 653, 700, 753, 764, 767, 768
- RAMIRO, Fernandes (provedor-mor) – 372
- RANGEL (clérigo) – 441
- RAPOSO (clérigo) – 361
- REAL, Pedro da Costa – 667, 703
- REGO, Inácio do (capitão-mor) – 81
- REGO, Miguel do (irmão de Gabriel de Moraes) – 707
- REIS, João dos (padre) – 35, 478, 479, 764
- REIS, Manuel dos (padre) – 443, 444
- REOLOS (capitão) – 706, 707
- RIBEIRO, Antônio (padre) – 85, 102, 110, 141, 142, 167, 189, 200, 251, 311, 312, 314, 354, 371, 418, 425, 426, 431, 512, 513, 530
- RIBEIRO, Baltasar (padre) – 356, 388, 453, 454, 493, 528, 540, 574, 584, 596, 639
- RIBEIRO, Eugênio – 409, 412, 455, 456, 461, 537, 538, 549, 550, 555, 599
- RIBEIRO, Francisco (padre) – 343, 352, 364, 367, 394, 398, 453, 467, 530, 543, 573, 646, 647, 648
- RIBEIRO, Gaspar (padre) – 637
- RIBEIRO, Geraldo (padre) – 40, 364, 512, 528, 540, 574, 584, 596, 739
- RIBEIRO, Jacó (padre) – 653
- RIBEIRO, João (padre) – 343, 374, 411, 540, 571, 574, 639, 647, 725
- RIBEIRO, João Geraldo (padre) – 511, 512
- RIBEIRO, Manuel (capitão-mor) – 494
- RIBEIRO, Miguel (alferes) – 641
- RIBEIRO, Tomé (padre) – 88, 102, 176, 177, 183, 191, 201, 206, 211, 212, 215
- RIFFAULT [Jacques] (capitão do mar) – 5
- ROCHA, Maria da – 722, 744, 745, 754
- ROCHA, Pedro da (capitão-mor) – 437
- RODRIGO (dom) – 453, 454
- RODRIGUES, Ambrósio (capitão) – 329
- RODRIGUES, Antônio (padre) – 25, 41, 64, 543, 604, 701, 723, 735, 739
- RODRIGUES, Bartolomeu (estudante) – 652, 681, 686, 739

- RODRIGUES, Francisco (padre) – 665, 756
- RODRIGUES, Jorge – 648
- RODRIGUES, Manuel (padre) – 19, 48, 66, 92, 93, 172, 303, 330, 345, 369, 374, 418, 511, 513, 540, 571, 572, 601
- RODRIGUES, Melânio – 410
- RODRIGUES, Miguel (oleiro) – 346
- RODRIGUES, Urbano (capitão) – 537, 538
- ROILOLOS (ajudante, capitão) – 582
- ROMANO, João Ângelo (padre) – 64, 400, 402, 511, 522, 523, 524, 525, 526, 549, 561, 562, 603, 624, 642, 643, 661, 682, 684, 694, 722, 723, 737, 752, 760, 761, 765, 769
- ROMANO, Pedro Luís Gonçalves (padre) – 203, 215, 221, 222, 241, 276, 362, 395, 396, 397, 398
- ROQUE (principal) – 195
- ROXO, Lourenço Álvares – 777
- S**
- SÁ, Francisco de (cônego) – 445
- SACRAMENTO, Timóteo do (dom, frei, bispo do estado) – 518, 733, 734, 769
- SAIÃO, Pedro (capitão) – 59
- SALEMA, João de Sousa (capitão-mor) – 20, 115, 116, 393, 576, 582, 583, 597, 598
- SALVADOR (frei) – 309
- SAMPAIO, Jorge de (escrivão) – 190, 272, 408, 415, 416, 461, 462
- SANTO ANTÔNIO, José de (frei, padre) – 734, 776
- SANTOS, Manuel dos (padre) – 553, 557, 559, 573, 651, 652
- SANTOS, Mateus dos (cabo da fortaleza) – 489, 491
- SANTOS, Simão dos – 138, 172, 173, 174, 213, 215, 257
- SARAIVA – 210, 583, 584
- SARAIVA (padre mestre) – 444, 445
- SARAIVA, João (capitão) – 210
- SARDINHA, João – 297
- SARDINHA, Manuel – 297
- SARDINHA, Maria – 297, 298, 347, 599
- SARDO – Ver CARVALHO, Francisco de Albuquerque Coelho de
- SEANS, Pero Francisco de (padre) – 280, 281
- SEBASTIÃO (índio) – 191, 198-199
- SEBASTIÃO (padre) – 326
- SEHIDINHO FEM (padre) – 479
- SEIXAS, Baltasar de – 641
- SEIXAS, João Pereira de (capitão) – 549, 551, 563, 604, 696
- SEIXAS, José de (padre) – 330, 372, 377, 388, 418, 764
- SERNIVE, João (capitão) – 397
- SERRÃO, Bernardo Palmela – 283, 284, 296
- SERRÃO, Lucas da Silva (senhor da câmara) – 634
- SERRÃO, Manuel da Silva (capitão) – 734
- SILVA, Antônio da (padre) – 36, 93, 251, 326, 332, 350, 366, 367, 371, 377, 380, 382, 383, 384, 385, 391, 402, 467, 529, 548, 550, 552, 553, 594, 600, 624, 646, 657, 674, 675, 684, 694, 703, 716, 722, 723, 739, 741, 756, 765, 766, 769
- SILVA, Inácio Coelho da (governador) – 20, 363, 365, 392

- SILVA, Inácio da Fonseca da (padre vigário) – 409, 616, 639, 657, 718
- SILVA, João da – 669
- SILVA, João da (padre, vice-reitor) – 25, 40, 41, 64, 356, 377, 379, 453, 454, 493, 515, 573, 587, 601, 647, 650, 658, 659, 665, 671, 682, 686, 687, 695, 700, 701, 704, 707, 739, 741, 756, 769
- SILVA, Manuel da (padre) – 19, 35, 111, 172, 189, 221, 254, 256, 286, 287, 298, 322, 341, 343, 344, 345, 346, 347, 388, 418, 421, 511, 512, 513, 553, 567, 601, 617, 675, 687, 717
- SILVA, Manuel da (sargento-mor) – 366
- SILVA, Miguel da (padre) – 681, 682
- SILVA, Pedro da (capitão) – 650, 753
- SILVA, Pedro da (padre) – 251, 253, 276, 333, 350
- SILVEIRA, Gabriel Pereira da (sargento-mor, procurador) – 189, 411, 418, 465, 599
- SILVEIRA, João da (frei) – 235, 292
- SILVEIRA, Manuel da (padre) – 172
- SILVEIRA, Pedro da – 236, 237
- SIMÃO (noviço) – 371
- SIMÃO LUÍS (padre) – 88, 131, 281
- SIQUEIRA, Maria de (dona) – 24, 32, 456, 707, 708, 709, 723, 740, 751,
- SIQUEIRA, Pedro – 233
- SIQUEIRA, Rui Vaz de (governador) – 19, 70, 92, 143, 202, 214, 217, 220, 224, 229, 231, 232, 235, 241, 249, 258, 260, 262, 265, 272, 275, 276, 277, 284, 322, 327, 329
- SOARES, Antônio (padre) – 88, 103, 167, 188, 251, 254, 255, 256, 341, 405, 697, 698,
- SOARES, Barnabé (padre) – 402, 405, 406, 407, 410, 417, 418, 420, 422, 425, 430, 440, 567
- SOARES, Bento (capitão-mor) – 423, 430
- SOARES, Francisco (padre) – 418, 511, 536, 549, 573, 602, 616, 638, 676
- SOARES, José (padre) – 167, 188, 251, 257, 341, 736
- SOARES, Paulo (capitão-mor) – 49, 73
- SOEIRO, Antônio de Sousa (ouvidor) – 771, 772, 774, 776
- SOEIRO, Manuel (capitão, senhor da Câmara) – 283, 284, 634
- SON, André – 70, 71
- SOUSA, Amaro de – 101, 167, 256
- SOUSA, Bernardo Nogueira de (juiz) – 284
- SOUSA, Diogo de (entalhador) – 572
- SOUSA, Domingos de (capitão) – 619, 690
- SOUSA, Félix de (padre) – 397
- SOUSA, Francisco de (principal) – 103, 621, 639, 698
- SOUSA, Gaspar de (governador) – 47, 48
- SOUSA, Manuel de (padre) – 88, 97, 103, 133, 135, 136, 137, 138, 139
- SOUSA, Mateus de (vigário-geral) – 81
- SOUTO, João de (capitão) – 242, 250, 603
- SOUTO-MAIOR, João de (padre) – 81, 82, 84, 85, 89, 90, 104, 105, 107, 108, 112, 113, 114, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 159, 164, 654
- SOUTO-MAIOR, Manuel Davi (cavaleiro do Hábito de Cristo) – 116, 119, 120, 190, 203, 205, 206, 207, 210, 221

## T

- TABARAXI, José – 244  
 TAVARES, Manuel (padre, mestre em filosofia) – 364, 698  
 TÁVORA (padre) – 171  
 TEIXEIRA, Nicolau (padre) – 57, 74, 75, 443, 444  
 TEIXEIRA, Pedro (capitão-mor) – 18, 58, 59, 67, 81  
 TEIXEIRA, Sebastião – 128, 181, 184, 215, 251, 276, 385  
 TELES, Francisco (padre) – 85  
 TEODÓSIO (príncipe) – 121  
 TOMÁS – 293  
 TOMÁS (frei) – 325  
 TÓMAS, Domingos Antunes (vigário-geral) – 334, 340  
 TOMÁSIA – 366  
 TOMAZITO – 602  
 TOMÉ (principal) – 103, 695  
 TORRES, Domingos – 215  
 TUMACANA – 489  
 TURU, Antônio Mendes – 329  
 TUXIAPÓ (sargento-mor) – 196

## U

- UAÇU (pai) – Ver PEREIRA, Antônio  
 URURI, Agostinho – 355

## V

- VAL DOS REIS (conde de) – 493  
 VALADÃO, João (padre, teólogo) – 493, 515, 540, 573, 575, 577, 581, 598, 600, 654, 660, 734, 769  
 VALADARES, Francisco (sargento-mor) – 326

- VALDEZ, Manuel – 370  
 VALE, João Velho do (capitão-mor) – 70, 71, 73, 78, 134, 214, 296, 346  
 VALE, Salvador do (padre) – 85, 88, 89, 97, 103, 105, 107, 113, 116, 128, 144, 145, 146, 182, 186, 201, 202, 206, 210, 215, 228, 235, 239, 241, 251, 252, 253, 265, 275, 276, 286, 295, 316, 317, 326, 757  
 VALENTE, João – 380  
 VALENTE, José (padre) – 690  
 VASCALHÃO, João – 186, 406  
 VASCONCELOS, Manuel Pestana de (cabo) – 703, 710, 711  
 VASCONCELOS, Maria de Ataíde de (dona) – 279  
 VASCONCELOS, Simão de (padre) – 149, 171  
 VAZ, Antônio (padre, missionário do Xingu) – 405, 530, 543, 553, 554, 615, 625, 686, 687, 695, 716, 717, 722, 737, 739, 753  
 VAZ, João – 325  
 VEIGA, Francisco da (padre) – 97, 102, 177, 178, 181, 182, 201, 206, 210, 213, 215, 256  
 VEIGA, Manuel Pita da (capitão-mor) – 329  
 VEIGA, Teodósio da (padre, frei, irmão de Francisco de Sousa) – 41, 470, 590, 608, 612, 625, 698  
 VELHO, Francisco – 296  
 VELHO, João – Ver VALE, João Velho do  
 VELHO, José (sargento-mor) – 718, 765  
 VELOSO, Francisco (padre) – 84, 85, 86, 89, 102, 124, 126, 128, 129, 131, 139, 167, 175, 176, 182, 184, 200, 201, 202, 206, 209, 212,

- 213, 215, 251, 252, 253, 254, 275,  
279, 281, 283, 285, 286, 300, 302,  
318, 320, 323, 327, 300, 339, 341,  
344, 350, 365, 380, 387, 566, 651,  
687, 757, 782
- VENTOSO, Inácio (frei, conselheiro-mor, vice-provincial de Nossa Senhora do Carmo) – 411
- VERAS, Gonçalo de (padre) – 141,  
142, 222, 224, 227, 254, 257, 321,  
326, 340, 350, 377, 380, 387, 393,  
406, 408, 411, 418, 431, 512
- VERÍSSIMO (dom, cardeal) – 498
- VICENTE (escravo) – 592
- VIDIGAL, José (padre) – 651, 661
- VIEIRA, Antônio (subprior) – 39, 66,  
87, 88, 89, 90, 95, 96, 97, 98, 101,  
102, 104, 109, 110, 111, 113, 116,  
125, 126, 128, 133, 134, 135, 138,  
140, 142, 144, 145, 156, 159, 160,  
161, 163, 164, 166, 167, 168, 174,  
175, 176, 177, 178, 181, 182, 184,  
185, 186, 187, 188, 190, 198, 199,  
200, 201, 209, 212, 217, 221, 222,  
225, 229, 232, 251, 254, 255, 257,  
265, 268, 269, 275, 276, 281, 282,  
309, 341, 387, 399, 428, 498, 511,  
522, 540, 543, 545, 546, 555, 675,  
704, 736, 739, 768
- VIEIRA, João – 641
- VIEIRA, Luís (capitão) – 26, 691, 703
- VIEIRA, Marcos (padre) – 89, 201, 215,  
221, 243, 282, 294, 295, 316, 343,  
418, 420, 429 440, 443, 444, 445, 446,  
464, 492, 493, 570, 586, 587, 719
- VIEIRA, Sebastião – 562
- VILA MAIOR (conde de) – 477
- VILAR, João de (padre) – 253, 639
- VIOLANTE – 83
- VITRÚVIO (mestre de arquitetos) –  
640
- X**
- XAVIER (padre) – 465
- XAVIER, Bento (padre) – 405
- XAVIER, Francisco – 184
- Z**
- ZUZARTE, Manuel (padre) – 280, 283,  
285, 291





*Crônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão,*  
de Padre João Filipe Bettendorff, foi composto em Garamond, corpo 12/14,  
e impresso em papel vergê areia 85g/m<sup>2</sup>, nas oficinas da  
SEEP (Secretaria Especial de Editoração e Publicações), do Senado Federal,  
em Brasília. Acabou-se de imprimir em junho de 2010, de acordo  
com o programa editorial e projeto gráfico do  
Conselho Editorial do Senado Federal.

